



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
**PROFESSOR MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**CULTURA E SOCIEDADE**

**BRUNA PEGNA HERCOG**

**RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS:  
INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E COMUNICAÇÃO EM  
SALVADOR (BAHIA, BRASIL) E CALI (VALLE DEL CAUCA,  
COLÔMBIA)**

Salvador  
2022

**BRUNA PEGNA HERCOG**

**RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS:  
INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E COMUNICAÇÃO EM  
SALVADOR (BAHIA, BRASIL) E CALI (VALLE DEL CAUCA,  
COLÔMBIA)**

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Marchiori Nussbaumer

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Bonfim

Salvador

2022

Hercog, Bruna Pegna.

Rumo às epistemologias das quebradas: iniciativas juvenis em arte e comunicação em Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle del Cauca, Colômbia) / Bruna Pegna Hercog. - 2022.  
324 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Marchiori Nussbaumer.

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Bonfim.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2022.

1. Arte e sociedade. 2. Comunicação e as artes. 3. Artes e juventude - Salvador (BA). 4. Artes e Juventude - Cali (Colômbia). 5. Movimentos da juventude - Salvador (BA). 6. Movimentos da juventude - Cali (Colômbia). 7. Juventude - Aspectos sociais - Salvador (BA). 8. Juventude - Aspectos sociais - Cali (Colômbia). 9. Jovens - Participação política - Salvador (BA). 10. Jovens - Participação política - Cali (Colômbia). I. Nussbaumer, Gisele Marchiori. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 305.2350986152

CDU - 304.2-053.6(813.8) (862.23)



PARECER DA BANCA EXAMINADORA

DOUTORANDO: BRUNA PEGNA HERCOG

TÍTULO DA TESE: "RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS: INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E COMUNICAÇÃO EM SALVADOR (BAHIA, BRASIL) E CALI (VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA)".

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Cultura e Sociedade LINHA DE PESQUISA: Cultura e identidade

DATA DA DEFESA: 06/04/2022

HORA: 14h30

LOCAL: Ambiente Virtual

BANCA EXAMINADORA:

ASSINATURAS:

1. ORIENTADOR(A): Prof.(a) Dr.(a) Gisele Marchiori Nussbaumer

2. CO-ORIENTADOR(A): Prof.(a) Dr.(a) Carlos Alberto Bonfim

3. EXAMINADOR(A) EXTERNO(A): Prof.(a) Dr.(a) Adriana Facina

4. EXAMINADOR(A) EXTERNO(A): Prof.(a) Dr.(a) Ana Lúcia Silva Souza

5. EXAMINADOR(A) INTERNO(A): Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos

RESULTADO:

A BANCA EXAMINADORA, APÓS O EXAME DA TESE E ARGÜIÇÃO DO (A) CANDIDATO (A), DECIDIU PELA:

- aprovação da Tese com distinção, por sua excepcional qualidade e extrema originalidade.
- aprovação da Tese.
- reprovação da Tese.
- reformulação da Tese , indicando o prazo de sessenta dias para apresentar a nova versão.

CONSIDERAÇÕES:

A banca considera a tese aprovada e ressalta sua originalidade, a importância de um estudo realizado com juventudes periféricas de dois países como é o caso, com opções metodológicas pertinentes e criativas. Destaca ainda o impacto social da tese em termos de modos de mobilização de coletivos de arte e comunicação.

Por fim, indica a publicação do trabalho

AUTENTICAÇÃO DO(A) PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

AUTENTICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)

06/04/2022

*Gisele M. Nussbaumer*

*Bruna Pegna Herco*

PREENCHER SOMENTE EM CASO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO DE TESE:

O(a) Mestrando(a) apresentou a reformulação e o Projeto de Tese foi APROVADO pela Banca.

O(a) Mestrando(a) apresentou a reformulação e o Projeto de Tese foi REPROVADO pela Banca.

AUTENTICAÇÃO DO(A) PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

AUTENTICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)



**Ata da Reunião da Apresentação Oral da Tese número \_\_\_\_\_ de BRUNA PEGNA HERCOG**  
**Intitulada: RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS: INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E**  
**COMUNICAÇÃO EM SALVADOR (BAHIA, BRASIL) E CALI (VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA)**

Aos 06 (seis) dias do mês de abril de dois mil e vinte e dois, por meio de webconferência, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da Tese, número \_\_\_\_\_, intitulada: “RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS: INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E COMUNICAÇÃO EM SALVADOR (BAHIA, BRASIL) E CALI (VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA)”. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: **Prof.(a) Dr.(a) Gisele Marchiori Nussbaumer** – Orientador(a), **Dr.(a) Carlos Alberto Bonfim** – Co-Orientador(a) e pelos examinadores externo(a): **Prof.(a) Dr.(a) Adriana Facina**, **Prof.(a) Dr.(a) Ana Lúcia Silva Souza** e interno(a) do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: **Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos**. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que o/a doutorando/a fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou o/a avaliador (a) externo/a **Prof.(a) Dr.(a) Adriana Facina**, seguida pelo(a) **Prof.(a) Dr.(a) Ana Lúcia Silva Souza**. Após o/a examinador(a) externo(a), fez suas arguições os/as **Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos**, avaliador(a) interna/o. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que o/a doutorando/a fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a tese de **BRUNA PEGNA HERCOG** como aprovada com distinção. Nada mais havendo a tratar, eu, **Prof.(a) Dr.(a) Gisele Marchiori Nussbaumer** – Orientador(a) lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pelo/a doutorando/a. Salvador, 06 de abril de 2022.

**Prof.(a) Dr.(a) Gisele Marchiori Nussbaumer**

**Prof.(a) Dr.(a) Carlos Alberto Bonfim**

**Prof.(a) Dr.(a) Adriana Facina**

**Prof.(a) Dr.(a) Ana Lúcia Silva Souza**

**Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos**

**Doutorando(a) BRUNA PEGNA HERCOG**

Às juventudes das quebradas por construírem esperança

À Nena (*in memoriam*) por seguir nos inspirando a criar mundos mais justos

## AGRADECIMENTOS

Agradeço por estar viva e poder continuar a esperar apesar de tantos pesares. Muito desse sentimento de esperança que me move e não me deixa adoecer é fruto da caminhada tecida aqui em diálogo com jovens que se dedicam diariamente a construir outros mundos possíveis. Apesar das balas, das dores, dos medos. Agradeço imensamente por elas e eles terem me permitido dialogar com seus sentires-saberes-fazerem. Esta tese só existe porque houve troca, afeto, parceria, risadas, boas e impulsionadoras risadas. Muito obrigada a cada uma, a cada um que está aqui. Sem vocês, não teria sido possível! Em especial – porque não conseguiria citar todas/os – agradeço a Natureza França, Miguel Anacona Rodríguez, Angel González Nupan, Gabriela Díaz, Sofia Giraldo, Johan Andrés Rodríguez García, Tatiane Anjos, Marina Lima, Vaguiner Braz, Raiane Vasconcelos, Gabriel Dias, Sandro Sussuarana, Marcos Paulo Silva, Mirian Souza e Valdeck Almeida. Muito obrigada Alana Barbosa e Verena Vieira por permitirem que suas trajetórias estudantis se cruzassem com a minha e juntas pudéssemos trocar tanto.

Agradeço imensamente a parceria incansável, afetuosa e respeitosa de Carlos Bonfim. Muito mais do que orientador, Carlos se tornou meu “coligado”, meu “*parche*”. Uma coligação forte, porque é sustentada por um desejo comum que nos move: acreditar e construir outras relações possíveis, outras universidades possíveis. Muito obrigada, querido, pelo tanto o que construímos e o quanto seguiremos a construir no lindo projeto que é a Rede ao Redor. Só tenho a agradecer e saudar Gisele Nussbaumer, Gica, que se lançou nesta teia em movimento com tanto comprometimento, escuta e disposição. Muitíssimo obrigada por ter aceito esse convite! Agradeço pelas trocas fundamentais tecidas com as/os professoras/es Adriana Facina, Ana Lúcia Silva Souza, Leandro de Paula: que bom ter educadoras/es tão comprometida/os e afetuosa/os por perto.

Muito obrigada também ao professor José Roberto Severino e ao Grupo de Pesquisa Memória e Identidade. À universidade ICESI, em Cali. Gratidão enorme à amiga designer Valentina Garcia que aceitou o desafio de se embolar pelas fitas desta teia e criar uma arte linda para ela. Ô sorte! Como já diria a cantora Sued Nunes: “*Povoada. Quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos. Sou uma, mas não sou só. Não sou só mermo!*”. Tem tanta gente aqui comigo. Tanta gente.

Obrigada minha mãe, Giulia Pegna, rainha, inspiração. Você é minha força! Obrigada meu companheiro, Ari Xavier, por trazer tanto amor aos meus dias, pela escuta sempre atenta, pelas trocas diárias, por ser um sonhador incansável como eu, por encher nossos dias de sabores. Obrigada irmão, Alex Hercog. Que bom estarmos no mesmo lado da luta. Você

me fortalece. Obrigada a meus tios Bárbara e Luiz, tios Júlio e Paulo, meu nonno Piero, Luiz, meu pai, Ferdy, Lourdes e Juliana, minha sogra Estelita, meu sogro Ary, cunhadas e cunhados: a todos os familiares que são esteio e conforto. Obrigada às amizades-irmandades que me fazem ser quem sou: Sabrina Pestana, Carol Garcia, Islândia Costa, Laila Bouças, Bóris Guzman, Romina Hamui, Fabiana Marques, Fernanda Sanjuan, Tássia Novaes...

Mulheres Marés, gratidão pela generosidade nas trocas: Elza Cândida de Barros, Josilda Moura, Maria Augusta Dantas, Maria do Amparo Santana, Maria de Lourdes Silva Agradecida pelo apoio, parceria e amizade: Luciana Pinto, Laurenio Sombra, Geise Oliveira, Marialina Antolini, Érica Máximo Machado, Alessandra Flores, Denise Borges, Chicco Assis, Nilton Lopes, Nádia Conceição, Sarah Roberta Carneiro, Sofia Carvajal, Natália Galeano, Isabel Herrera, Hugo Alejandro Salazar e minha sobrinha caleña Violeta. A todas/os colegas da turma do doutorado: que bom estar ao lado de vocês!

Agradeço também pelas trocas que foram fundamentais para os rumos da pesquisa: Francia Marquez, Aurora Vergara, Vicenta Moreno, Maurício Jaramillo, Jamira Muniz, Rafael Díaz Díaz, César Bedoya, Efrain Botero. Às equipes das organizações Corporación Nuestra Gente, CECUCOL, Fundación Paz y Bien, CIPÓ-Comunicação Interativa, Acervo da Laje, Casa Cultural El Chontaduro, Associação Vida Brasil e Terres des Hommes Suisse.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento à pesquisa.

Sou muito grata por poder tecer essa trama coletiva, amorosa e potente!



HERCOG, B. P. **Rumo às epistemologias das quebradas: Iniciativas juvenis em arte e comunicação em Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle Del Cauca, Colômbia)**. 324 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## RESUMO

Esta teia-tese é um trabalho feito em trama, em diálogo. A encruzilhada foi adotada como operador conceitual para observar como as juventudes atuam politicamente produzindo arte e comunicação nas periferias – estes outros centros - de Salvador (Bahia, Brasil) e de Cali (Valle Del Cauca, Colômbia). Um mapeamento inicial identificou 173 coletivos (127 em Salvador e 46 em Cali), sendo 28 acompanhados no processo desta pesquisa. Formamos, ainda, um grupo co-pesquisador. A partir de interações dialógicas (conversas, oficinas de escrita, intercâmbios virtuais etc.) a hipótese da pesquisa foi se consolidando, assim como a pergunta que passou a guiar a teia: com suas táticas e produções artísticas os coletivos das “quebradas” de Salvador e de Cali não estariam produzindo conhecimentos capazes de incidir nos processos de emancipação dos seus territórios? Não estaríamos, portanto, rumo às epistemologias das quebradas? Para fazer esta discussão encontrei respaldo nas interações com os coletivos e, complementarmente, nas “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 1989; 2017), no “Movimento Negro Educador” (GOMES, 2017), na “Pedagogia das Encruzilhadas” (RUFINO, 2018; 2019) e nos “Letramentos de Reexistência” (SOUZA, 2011). O desafio foi observar as epistemes que tensionam uma pretensa “epistemologia única”. Conectei experiências juvenis com o objetivo de identificar recorrências entre suas práticas e produções e, a partir delas, observar convergências, não equivalências, pois não se trata de um estudo comparativo. As convergências versam sobre a base ética-estética que sustenta o que chamo de ofensivas culturais emancipadoras, configurando possíveis epistemologias das quebradas. As “juventudes em movimento” caminham tendo a arte e a comunicação como alicerces pedagógicos, a ancestralidade como bússola, o território como âncora e a aposta pelo comunitário como catalizadora da atuação. Por meio do uso político da palavra elaboram dribles epistêmicos: táticas coletivas que se propõem a ressignificar os imaginários estigmatizados, produções de conhecimento que se dão na tensão, na negociação constante, e que encontram esteio nas cosmovisões afrodiáspóricas. A construção do sentido de comunidade possibilita que promovam um processo contínuo de autoformação e formação de pares, que, por sua vez, se relaciona a um movimento em defesa do território e das vidas que ali habitam. Com suas atuações e produções artísticas e comunicacionais, mais do que resistir, os coletivos acompanhados colocam em xeque cânones diversos, refazendo perguntas e questionando o que se convencionou chamar de conhecimento válido.

Palavras-chave: juventudes; periferias; ofensivas culturais; emancipação; epistemologias

HERCOG, B. P. **Towards the epistemology of the “quebradas”: juvenile initiatives in art and communication in Salvador (Bahia, Brazil) and Cali (Valle Del Cauca, Colombia)**. 324 p. Doctoral dissertation – Graduation Program in Culture and Society, Universidade Federal da Bahia (Federal University of Bahia), Salvador, 2022.

## ABSTRACT

This “teia-tese” is a work made with layers and dialogue. The crossroads was adopted as a conceptual provider to observe how youths act politically, producing art and communication in the working-class suburbs of Salvador (Bahia, Brazil) and Cali (Valle Del Cauca, Colombia). After an initial mapping 173 collectives (127 in Salvador and 46 in Cali) were identified, 28 of which were followed in this research. Together, we organized a participatory research group. From dialogues (talks, writing workshops, virtual exchanges, etc.) the research hypothesis was consolidated, as well as the question that began to guide this “Web-Dissertation”: Using their artistic productions as tactics and protest, are the group of young people from the suburbs of Salvador and Cali producing knowledge capable of contribute to the emancipation processes of their territories? Would this process lead in the direction of an epistemology of the suburbs? To open this discussion, I found support in the interactions with the young groups and, additionally, in “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 1989; 2017), in “Movimento Negro Educador” (GOMES, 2017), in “Pedagogia das Encruzilhadas” (RUFINO, 2018; 2019) and in “Letramentos de Reexistência” (SOUZA, 2011). The challenge was to observe the epistemes that stress a so-called “single epistemology”. I connected the youth experiences with the aim of identifying recurrences between their practices and productions and, from these, to observe convergences (not the equivalences, since this is not a comparative study). The identified convergences are related, therefore, to the ethical-aesthetic basis that supports what I call emancipating cultural push, configuring the possible epistemology of the suburbs. I noted that these “youths in movement” organize themselves having art and communication as pedagogical foundation, their ancestry as compass, their territory as anchor and the bet in the communal element as a catalyst for action. Through the political use of words, these youth elaborate epistemic bypasses: collective tactics that aim to give a new meaning to the stigmatized imaginary. This knowledge production that occurs under tension, in a constant negotiation with the establishment, finds support in the Afro-diasporic cosmovision. The construction of a community sense allows the initiatives to promote a continuous process of self-formation and peer-formation that, in turn, is related to a movement to defend the territory and the life that inhabit it. With their actions and artistic and communication productions, more than resisting, they are challenging different canons, remaking questions and pressuring what is conventionally called legitimate knowledge.

Key-words: youths; working-class suburbs; cultural offensives; emancipation; epistemologies

HERCOG, B. P. **Hacia a las epistemologías de las “quebradas”:** Iniciativas juveniles en arte y comunicación en Salvador (Bahía, Brasil) y Cali (Valle Del Cauca, Colombia). 324 p. Tesis (Doctoral) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

## RESUMEN

Esta “teia-tese” es un trabajo realizado en trama, en diálogo. La encrucijada fue adoptada como operador conceptual para observar cómo las y los jóvenes actúan políticamente produciendo arte y comunicación en las periferias - estos otros centros- de Salvador (Bahía, Brasil) y Cali (Valle del Cauca, Colombia). Un mapeo inicial identificó 173 colectivos (127 en Salvador y 46 en Cali), 28 de los cuales fueron acompañados en el proceso de esta investigación. A través de interacciones dialógicas (conversaciones, talleres de escritura, intercambios virtuales, etc.) se consolidó la hipótesis de investigación y la pregunta que empezó a guiar la “teia-tese”: con sus tácticas y producción artística, ¿no estarían los colectivos de las “quebradas” de Salvador y Cali produciendo conocimiento capaz de incidir en los procesos de emancipación de sus territorios? ¿No nos dirigimos, pues, hacia las epistemologías de las quebradas? Para hacer esta discusión encontré apoyo en las interacciones con los colectivos y, complementariamente, en las “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 1989; 2017), lo “Movimento Negro Educador” (GOMES, 2017), la “Pedagogia das Encruzilhadas” (RUFINO, 2018; 2019) y los “Letramentos de Reexistência” (SOUZA, 2011). El reto era observar las epistemes que tensionan una pretendida “epistemología única”. Conecté las experiencias juveniles para identificar las recurrencias entre sus prácticas y producciones y, a partir de ellas, observar las convergencias, no las equivalencias, porque no se trata de un estudio comparativo. Las convergencias tienen que ver con la base ético-estética que sustenta lo que yo llamo ofensivas culturales emancipadoras, configurando posibles epistemologías de las quebradas. Los “jóvenes en movimiento” caminan con el arte y la comunicación como bases pedagógicas, el ancestral como brújula, el territorio como ancla y el compromiso con la comunidad como catalizador de la acción. A través del uso político de la palabra, elaboran *gambetas* epistémicas: tácticas colectivas que proponen resignificar imaginarios estigmatizados, producciones de conocimiento que se dan en tensión, en constante negociación, y que encuentran su soporte en las cosmovisiones afrodiaspóricas. La construcción de un sentido de comunidad les permite promover un proceso continuo de autoformación y formación entre pares, que, a su vez, se relaciona con un movimiento de defensa del territorio y de las vidas que lo habitan. Con sus actuaciones y producciones artísticas y comunicativas, más que resistir, los colectivos acompañados desafían diversos cánones, reformulando preguntas y cuestionando lo que convencionalmente se llama conocimiento legítimo.

Palabras clave: juventudes; periferias; ofensivas culturales; emancipación; epistemologías

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1	Registros da vivência da teia.....	21
Figura 2	Objetos de memória sendo colocados na vivência da teia.....	37
Figura 3	Oficina de Escrita Poética do Projeto Minha História Conto Eu.....	40
Figura 4	Vivência da teia na Corporación Nuestra Gente, Medellín/CO.....	40
Figura 5	Vivência da teia na Corporación Nuestra Gente, Medellín/CO.....	41
Figura 6	Detalhe da teia durante oficina realizada com jovens em Cali/CO..	46
Figura 7	Registro da banca de qualificação da autora.....	48
Tabela 1	Coletivos de arte e comunicação em Salvador.....	50
Tabela 2	Coletivos de arte e comunicação em Cali.....	54
Figura 8	Infográfico do percurso metodológico.....	58
Figura 9	Oficina de Escrita com jovens do Distrito de Aguablanca.....	68
Figura 10	Livro artesanal produzido durante oficina.....	68
Figura 11	Teia criada durante oficinas virtuais de escrita.....	71
Figura 12	Roda de Conversa no JACA com membro do coletivo Radio Zapatista/MX.....	168
Figura 13	Card de divulgação do FESDA.....	187
Figura 14	Marina Lima na exposição Mocambos Marginais, Goethe Institut, Salvador.....	197
Figura 15	Oficina de escrita com jovens do Distrito de Aguablanca.....	203
Figura 16	Mocambos Marginais: à direita, fotografia integrante da exposição. À esquerda, foto de parte da equipe do projeto.....	215
Figura 17	Registros do <i>Primer Campamento Cultural de La Paz</i> .....	218
Figura 18	Oficina de <i>Trapos</i> no <i>Primer Campamento Cultural de La Paz</i> .....	220
Figura 19	Ação <i>El Cagadero</i> .....	220
Figura 20	Gravação ao vivo com Rádio A Ritmo de Ladera.....	221

Figura 21	Card de divulgação do <i>BiciPaseo</i> no <i>Foro Nacional de la Bici</i> .....	227
Figura 22	Infográfico dos cruzos que tecem as epistemologias das quebradas....	235
Figura 23	Fotos da exposição <i>Mocambos Marginais</i> , Coletivo Cutucar.....	245
Figura 24	Construção da Horta Comunitária na Biblioteca Zeferina Beiru.....	274
Figura 25	Construção do palco e da pintura da fachada da Biblioteca.....	274
Figura 26	Oficina de Música Criativa (esquerda) e Sarau do JACA (direita).....	275
Figura 27	Sede da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru.....	279
Figura 28	Rapper baiana, Áurea Semiseria.....	287
Figura 29	Making-off da exposição <i>Mocambos Marginais</i> , Coletivo Cutucar.....	289
Figura 30	Registros do <i>Estallido Social</i> em Cali, Colômbia (abr/mai 2021).....	291
Figura 31	Monumento A La Resistencia, erguido em Puerto Rellena, Oriente de Cali.....	293
Figura 32	Registros de ato realizado por mulheres negras no Oriente de Cali.....	295

## LISTA DE SIGLAS

BA	Bahia
BI	Bacharelado Interdisciplinar
BCS	Base Comunitária de Segurança
BM	Banco Mundial
BZB	Biblioteca Zeferina Beiru
CACEP	Cumbre Agraria, Campesina, Étnica y Popular
CAF	Coletivo Água da Fonte
CAMMPI	Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil
CEAF	Centro de Estudos Afrodiaspóricos
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA
CEN	Coletivo de Entidades Negras
CENPAH	Centro Pastoral Afro Padre Heitor
CEPAL	Observatório de Igualdade de Gênero da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviços
CGU	Procuradoria Geral da República, Controladoria Geral da União
CNMH	Centro Nacional de Memória Histórica
CNPV	Censo Nacional de Población y Vivienda
COCULTURA	Instituto Colombiano de Cultura
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
COOPERIFA	Cooperativa Cultural da Periferia
CP	Comando da Paz
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estatística
DF	Distrito Federal
DJ	Disc Jockey
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDUFBA	Editores da Universidade Federal da Bahia

ELN	Exército de Libertação Nacional
FARC-EP	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FESDA	Festival Nacional de Cine y Video Comunitario del Distrito de Aguablanca
FLISU	Festa Literária do Subúrbio
FGM	Fundação Gregório de Matos
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
FUNDAC	Fundação da Criança e do Adolescente
FUNDP	Fundación Um Distrito em Paz
GCAM	Grupo de Capoeira Angola Mourão
GEROT	Grêmio Estudantil Revolucionário do Odorico Tavares
GMH	Grupo de Memória Histórica
GRUCON	Grupo de Consciência Negra da Bahia
HRW	Human Rights Watch
IHAC	Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICFES	Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior
IF	Instituto Federal
IFBA	Instituto Federal da Bahia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INDEPAZ	Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
JACA	Juventude Ativista de Cajazeiras
JNPP	Juventude Negra e Participação Política
LGBTQAI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>queer</i> , Intersexo, Assexuais e +
MEJODA	Asociación de Medios Alternativos de Jóvenes del Distrito de Aguablanca
MC	Mestre de Cerimônias

MIC	Microfone
MINC	Ministério da Cultura
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NARP	Negra, Afrocolombiana, Raizal e Palenquera
NEABS	Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros
NES	Nordeste Eu Sou
NETSAL	Núcleo de Estudos Interdisciplinares Ibero-americanos
OAB	Organização dos Advogados do Brasil
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	Organização Mundial do Comércio
PC	Pontos de Cultura
PCC	Primeiro Comando da Capital
PCV	Programa Cultura Viva
PNCV	Política Nacional Cultura Viva
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
POSCULTURA	Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
PL	Partido Liberal
PLJ-C13	Plataforma Local de Juventud Comuna 13
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROEXT-UFBA	Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia
PT	Partido dos Trabalhadores
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
QUIAL	Centro Cultural Quilombo Aldeia Tubarão
QZ	Quilombo Zeferina
REPROTAI	Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe
REUNI	Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RJ	Rio de Janeiro
RG	Registo Geral
RMS	Região Metropolitana de Salvador
SECULT-BA	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia



SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SDE	Secretaria de Desenvolvimento Econômico
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SJDHDS	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social
SLAM BR	Campeonato Brasileiro de Slam
SP	São Paulo
SUDIC	Superintendência de Desenvolvimento Industrial
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNEGRO	União de Negras e Negros pela Igualdade
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNODC	Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes
USP	Universidade de São Paulo
TCA	Teatro Castro Alves
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDH	Terre des Hommes Suisse
TIO	Subsecretaria de Territorios de Inclusión y Oportunidades
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>1. CONVITE</b> .....	20
1.1. MAPA DA TEIA.....	28
<b>2. TEIA-TESE</b> .....	35
2.1. ENREDAMENTOS DE MEMÓRIAS .....	36
2.2. PONTOS DE PARTIDA.....	42
2.3. O PERCURSO .....	48
2.4. DESCOLAR, DECOLAR, DESLOCAR.....	59
2.5. A TEIA COMEÇA A SER CONSTRUÍDA.....	60
2.6. PARA ONDE APONTAM OS NÓS, PARA ONDE NOS LEVAM O “NÓS” .....	63
2.7. OFICINAS, CURSOS E INTERCÂMBIOS .....	66
<b>3. BRASIL E COLÔMBIA, SALVADOR E CALI: CONTEXTOS, CENÁRIOS E ENTRECRUZAMENTOS</b> .....	73
3.1. “NA LITERATURA A ANISTIA. A POESIA É A ALFORRIA. PARA ESSA SOCIEDADE ESCRAVAGISTA” .....	74
3.2. INVISIBILIDADE E SUAS DISTINTAS CAMADAS .....	78
3.3. DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL E NA COLÔMBIA .....	82
3.4. DESTERRITORIALIZAÇÃO DE POVOS NEGROS E INDÍGENAS: CIDADES SEGREGADAS .....	85
3.5. A MIRADA DO ESTADO: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS JUVENTUDES. QUE ESTADO? QUE JUVENTUDE? .....	93
3.6. MAS DE QUE CULTURA ESTAMOS FALANDO? .....	104
3.7. CULTURA E SUSTENTABILIDADE .....	111
3.8. ENTRE A PAZ, A GUERRA INVISÍVEL E O SUSPEITO QUE TODO MUNDO VÊ .....	118
3.9. TERRORISMO DE ESTADO NA COLÔMBIA E “GUERRA ÀS DROGAS” NO BRASIL: <i>FRONTERAS INVISIBLES</i> E JUVENTUDES VIOLENTADAS .....	126
<b>4. INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE E COMUNICAÇÃO: UMA CARTOGRAFIA EM MOVIMENTO</b> .....	134
4.1. SALVADOR: POESIA, ARTE, COMUNICAÇÃO PARA ENFRENTAR O RACISMO.....	138
4.2. CALI: OCUPAÇÃO DA CIDADE, PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E DEFESA DA <i>MADRE TIERRA</i> .....	148
4.3. ARTE: “POSSIBILIDADE DE ACREDITAR E EXPRESSAR RESISTÊNCIAS” .....	155

4.4. COMUNICAÇÃO: AMPLIFICAR INCONFORMIDADES E MOSTRAR POTÊNCIAS .....	183
4.5. OFENSIVAS CULTURAIS EMANCIPADORAS: PONTOS DE CONEXÃO .	203
4.5.1. Perfil das/dos ativistas, coletivos e territórios de atuação .....	203
4.5.2. Motivações para se articular coletivamente.....	206
4.5.3. Convergências metodológicas.....	213
4.5.3.1. Leitura afetiva do território e escuta ativa de pares .....	213
4.5.3.2. Criação de espaços educativos .....	221
4.5.3.3. Construção de alianças táticas .....	228
5. “TUDO O QUE NÓIS TEM É NÓIS” .....	234
5.1. ARTE E COMUNICAÇÃO COMO ALICERCE PEDAGÓGICO .....	235
5.2. ANCESTRALIDADE COMO BÚSSOLA.....	256
5.3. DEFESA DO TERRITÓRIO COMO ÂNCORA .....	264
5.4. APOSTA PELO COMUNITÁRIO .....	283
6. RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS? .....	297
REFERÊNCIAS .....	307
APÊNDICE A – Guia dos diálogos do pré-campo .....	317
APÊNDICE B – Padlet Rede ao Redor.....	317
APÊNDICE C – Partido gráfico da teia-tese.....	318
APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	320

## 1. CONVITE

Quando começo uma oficina, encontro ou conversa sobre a pesquisa, a primeira coisa que faço é lançar um convite. É preciso que esse convite seja aceito para que a teia comece a ser tecida. Este trabalho só pôde ser tecido porque muitas/os aceitaram o convite para estar comigo nessa caminhada de doutoramento, nessa teia-tese. Por sinal, esta é uma categoria que vai nos acompanhar durante todo o percurso e será melhor explorada mais à frente. Apenas adianto que ela tem o desejo de demarcar o modo de fazer pesquisa e produzir conhecimentos que estamos pleiteando aqui: horizontal, dialogado, enredado, tecido nas encruzilhadas.

Pois bem, está feito o convite para que você entre nesta teia-tese. Venha, sinta-se à vontade. Escolha a cor de sua fita. As cores contam muito sobre nossas pegadas. O convite é para que enxerguemos este texto como uma teia, que vai sendo tecida à medida que escolhemos nossas fitas coloridas, entramos e caminhamos por ela, com nossos corpos, trajetórias, vivências, memórias. Aqui, enredadas, enredados, nunca estamos sós. As vozes e sensibilidades com quem caminhamos estão presentes nos nós que se formam com os caminhos trilhados, representados pelas fitas coloridas. Nunca estamos estáticos. A teia é movente. E não tem fim. É um exercício metodológico para, como sugere Luiz Rufino,

praticar Exu e suas encruzilhadas que miram a transformação radical, impulsionando-nos para horizontes pluriépistêmicos e para a prática de ações comprometidas com o combate às injustiças cognitivas/sociais (LOPES, A.C; FACINA, A.; SILVA, D. *apud* RUFINO, L. 2019, p. 115).

Com a fita em mãos, passamos a traçar uma rota a partir de elementos, textos, cheiros, sons, fotografias espalhadas pelo chão da nossa trajetória. É o momento de nos conectarmos com nossas memórias e criarmos um caminho. Todas/os ao mesmo tempo. Juntas/os nessa teia. Entrecruzando cores, fitas, nós, memórias, conceitos, vivências, tempos e repertórios. Rotas tecidas, passamos a olhar. Em silêncio. Apenas olhamos para o chão tecido, repleto de palavras, vazios, imagens, objetos, fitas entrelaçadas, histórias. E, então, passamos a escrever e a partilhar nosso caminho.

**Figura 1** – Registros da vivência da teia



Fonte: autoria própria

É esse o convite que faço aqui, nessa teia-tese, neste texto que materializa minhas andanças ativistas, feministas, antirracistas, acadêmicas, poéticas. Aqui, neste chão, caminharemos por resultados de uma pesquisa em movimento. Um estudo que não começa em abril de 2017, quando iniciei o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Poscultura/UFBA) e nem termina com a entrega da tese. Esta pesquisa é parte de um caminho que venho tecendo há pelo menos 20 anos e que segue, com muitos porvires.

Dito isso, peço licença para me apresentar. Tenho em mãos a fita azul, que me conecta à força das águas. Sou nascida e criada em Salvador. Bisneta, neta e filha de mulheres que – cada qual ao seu modo – subverteram os lugares pré-estabelecidos para as mulheres de suas épocas. Delas, herdei o espírito inquieto, a capacidade de sonhar e a coragem para me indignar com as injustiças sociais e agir para enfrentá-las.

Minha infância e adolescência foram repartidas entre a Pituba e São Caetano, bairros considerados de classe média e periférico, respectivamente. Minha trajetória de ensino transitou entre escolas públicas e privadas. Foi na última escola onde cursei o 2º e 3º anos do Ensino Médio, uma instituição privada, que comecei a me engajar em lutas sociais, por meio de movimentos estudantis. Aos 17 anos, atuava voluntariamente em Organizações Não Governamentais (ONGs). Aos 18, ingressei na faculdade de Jornalismo na Faculdade Social da Bahia (FSBA) e, aos 20, na UFBA. Nesse mesmo período ingressei na ONG Cipó-Comunicação Interativa, onde pude vivenciar os múltiplos territórios de

identidade que se configuram em um mesmo bairro e partilhar o cotidiano com suas moradores e moradores.

Tive a grata oportunidade de me descobrir jovem, mulher, pesquisadora, jornalista no diálogo com crianças, jovens, adultos, anciãs, anciãos de Fazenda Coutos, Plataforma, Nordeste de Amaralina, Sussuarana, Cajazeiras, Uruguai e tantos outros centros de uma Salvador tão múltipla. Com elas e eles aprendi desde cedo que buscar por justiça social em um país como o Brasil – constituído por estruturas racistas e patriarcais – pressupõe, obrigatoriamente, se comprometer com lutas antirracistas e feministas.

Neste processo de (des)construção constante desenvolvi atividades com jovens quilombolas e indígenas, extrapolei as fronteiras físicas e cruzei identidades com jovens cubanos (Pinar Del Rio, Cuba), zapotecos (Oaxaca, México), tupinambá e pataxó hã-hã-hãe (Itamaraju, Bahia). Vivências que me convidaram a sair da zona de conforto, me revelaram um cenário em que o ser jovem e o ser vítima de atos violentos pareciam caminhar sempre lado a lado. Mas caminhavam juntos, também, as vozes e as ações de insubordinação das/os moradoras/es desses territórios.

Foi assim que me graduei jornalista, desenvolvendo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma pesquisa-ação com crianças e educadores/as do Centro Educacional Marquês de Abrantes na comunidade quilombola da Cordoaria, em Vila de Abrantes, na Região Metropolitana de Salvador (RMS)<sup>1</sup>. Como profissional, transitei por diferentes espaços e funções em diversas ONGs, quase nunca me encaixando nas “caixinhas” de profissões já existentes. Atuei em escolas das redes Municipal e Estadual de ensino e junto a adolescentes e jovens de coletivos culturais de Salvador e do interior da Bahia, ministrando oficinas de comunicação em diferentes linguagens e experimentando na prática o quanto as interseções entre os campos da educação e da comunicação são potentes gatilhos para que outras sensibilidades políticas sejam construídas e outras histórias sejam contadas. Fui coordenadora de comunicação da Associação Vida Brasil, onde atuei como educadora e pude me aproximar mais fortemente das lutas das pessoas com deficiência e aprender com eles/elas a olhar para a cidade – e para mim mesma - de uma forma bem diferente.

---

<sup>1</sup>Intitulado “Identidade, Memória e Comunicação: um registro da comunidade de Cordoaria através dos olhares de crianças e adolescentes do Centro Educacional Marquês De Abrantes”, o trabalho me deu o título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA) em 2007. Na epígrafe, Paulo Freire falava que não há educação sem amor. Escolha que diz muito sobre mim. A pesquisa está disponível em: <https://www.facom.ufba.br/portal2017/upload/tcc/MEM%C3%93RIA-OK-IMPRIMIR-OK.pdf>. Acesso em 10 mar 2020.

Comecei a trabalhar com consultorias em 2010 e desde então já tive a oportunidade de participar de uma série de iniciativas, todas sempre voltadas para o uso crítico, político, propositivo dos processos de comunicação, cultura e educação. Foram vários os espaços e intensas as experiências vivenciadas, mas destaco os três anos que estive em Itinga, bairro de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador implementando a política de comunicação do “Programa Conjunto da ONU Segurança com Cidadania: prevenindo a violência e fortalecendo a cidadania, com foco em crianças, adolescentes e jovens de comunidades vulneráveis brasileiras”<sup>2</sup>, liderado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Com o PNUD, pude coordenar os Cursos de Segurança Cidadã voltados para agentes de segurança pública em todo o país, onde tive a oportunidade de ministrar a disciplina “Comunicação e Mobilização Social na perspectiva da Convivência e Segurança Cidadã”.

Destaco as oportunidades que tive de atuar como mobilizadora cultural em projetos como o Minha História Conto Eu, Mulheres Marés, Boca de Brasa, entre outros, nos quais pude produzir em conjunto – sempre a melhor opção — livros que retratam memórias, dores, desejos de jovens e senhoras negras que vivem em territórios violentados<sup>3</sup> de Salvador. Desses entrelaçamentos, nasceram o livro-ponte “Assoalho de Lembranças” (2017) e “ArvoreSer” (2018), ambos artesanais e construídos durante oficinas de Escrita Poética no bairro de Alagados e Vista Alegre de Coutos – respectivamente - na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, em parceria com a artista e amiga Alessandra Flores.

Após os trânsitos por diferentes espaços e formas de construção de saberes, decidi voltar à universidade para me dedicar à pesquisa acadêmica. O retorno à universidade se deu em 2016, quando fiz o mestrado no Poscultura e desenvolvi a pesquisa: “De ‘Menino’ a ‘Elemento’ - onde trajetórias se cruzam: um estudo sobre juventudes e violências com adolescentes jovens e policiais militares em Itinga, Lauro de Freitas (BA)”<sup>4</sup>.

Foi um processo desafiador que me exigiu enquanto mulher e pesquisadora engajada um trajeto de constante de idas e vindas. Na dinâmica da pesquisa, estive diante de soldados da Polícia Militar e de adolescentes e jovens moradores de bairros periféricos, em espaços e momentos diferentes. Escutei as suas trajetórias de vida, suas memórias de infância, de escolarização, de carreira. Pude analisar os cruzamentos dos seus diálogos, repletos de dores

---

<sup>2</sup> <http://www.segurancacomcidadania.org/>

<sup>3</sup> Por “território violentado”, entendo as localidades historicamente submetidas a uma série de violências (estruturais, simbólicas e físicas). A noção será melhor desenvolvida ao longo da tese.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27469>. Acesso em 28 set. 2018.

cotidianas que revelam o racismo estrutural, tal como discutido por Silvio Almeida (2018), que ergue e sustenta as instituições e aprisiona as subjetividades.

Desse processo emergiram muitas frestas e me agarrei a elas para construir o projeto que me levou ao doutorado. Ele surge com o título “Parecer ‘normal’ para não parecer ‘suspeito’: um estudo sobre trajetórias e narrativas de jovens moradores de bairros periféricos de Salvador, Brasil, e Medellín, Colômbia” e com o desejo inicial de ser realizado junto a jovens de Medellín. No cruzar das fitas que foi se dando à medida que outras/os entraram nessa teia-tese, muitas mudanças aconteceram: a cidade passou a ser Cali, capital do Valle Del Cauca, na Colômbia, e o foco maior nas ações propositivas, de rupturas que estão sendo realizadas pelos coletivos jovens nas duas cidades.

Nesse processo de escolha da cidade colombiana para realizar o estudo, resalto a importância da articulação com a Terre des Hommes Suisse (TdH)<sup>5</sup>, organização suíça que atua financiando projetos na América Latina e em África voltados para a garantia dos direitos das crianças, adolescentes e jovens. Desde 2016, presto consultoria para a TdH pela Coordenação Brasil e, em 2018, de forma articulada com a pesquisa de doutorado, foi possível ampliar as latitudes dessa parceria e contar com o apoio da Coordenação Colômbia, que foi fundamental para abrir os caminhos e preparar a articulação com os coletivos colombianos.

Ressalto que a definição por Cali se baseou na percepção de que, assim como Salvador, trata-se de uma cidade marcada por intensas desigualdades sociais e pelo racismo estrutural que empurra a população afrodescendente – a maioria em Cali, assim como em Salvador – para as margens das cidades e da garantia dos direitos. E é justamente destes outros centros que eclodem inúmeras iniciativas de organização comunitária, muitas delas lideradas por jovens. Cali, assim como Salvador, tem um movimento de produção cultural nas periferias muito forte e a dimensão étnico racial é bastante presente nas ações, por conta da própria configuração da cidade, como veremos mais adiante.

Em ambas as cidades, as negras e os negros são maioria nas periferias, presídios, filas dos hospitais e minorias nos postos de comando, no Congresso, nas universidades etc. Os/as jovens negros/as são as maiores vítimas das distintas dimensões de violências que atravessam as construções das sociabilidades, mas também são os/as que lideram os processos comunitários contestatórios. Pelas periferias de Salvador e Cali multiplicam-se o número de coletivos, organizações, grupos que atuam por meio da arte e da comunicação para

---

<sup>5</sup> <https://www.terredeshommesuisse.ch/>



reivindicar transformações sociais e subverter as estruturas que os subalternizam. Outro fator relevante que contribuiu para a decisão de aterrissar em Cali foi a existência de um número reduzido de pesquisas acadêmicas sobre os temas abordados na tese. Ao contrário de Medellín, que reúne uma série de importantes estudos feitos sobre juventudes, violências, segurança cidadã e ativismos juvenis.

Assim, ainda com a fita azul entre os dedos, apresento a pesquisa “Rumo às Epistemologias das Quebradas: Ativismos juvenis em Salvador (Bahia, Brasil) e em Cali (Valle del Cauca, Colômbia)”. Por ora, pouse a minha fita azul no chão e convido aqueles e aquelas que estiveram presentes na construção desta teia-tese de forma contundente, atenta e continuada a escolherem suas fitas e a entrarem na teia:

Aqui, Carlos Bonfim. Entro na trama portando a fita vermelha (ou encarnada, se quisermos multiplicar um pouco mais os sentidos) e falo de meu entusiasmo por estar. Não (apenas) como orientador, mas como interlocutor, como parceiro, como entusiasta do que se gesta aqui nesta pesquisa e em todos os espaços sobre os quais ela se pronuncia. Cria do Capão Redondo, periferia de São Paulo, trago comigo as memórias das histórias tecidas “da ponte pra cá”, na contundente e hoje clássica formulação dos Racionais. E nestas memórias estão amigos que ficaram pelo caminho, tragados pela máquina que cava as covas onde caem corpos há muito descartados - (negro) drama que é também cotidiano em diversas outras latitudes deste país, deste continente que parece que padece desmemórias. Passo muito brevemente apenas para reiterar a potência que vislumbramos nisto que nasceu pesquisa de doutorado e seguirá sendo aposta por ampliar as interlocuções, as parcerias, as intervenções propositivas. Assim, nesta tese ouvi-leremos também as falas de muitxs dessxs tantxs jovens que nas periferias (estes nossos outros centros) terminam sendo outro exemplo contundente daquilo que Raul Zibecchi (2018) chamou de “*desbordes desde abajo*”. Há muitas outras histórias sendo vividas-contadas e esta pesquisa busca trazer algumas delas.

Talvez a gente já tenha se encontrado pelas veredas da vida, trocado um olhar, um sorriso, um abraço, um desenho, uma palavra. Mas, permita que eu compartilhe com você, algumas informações sobre mim que não cabem no meu lattes. Sou Alana Barbosa. Ansiosa para intervir no mundo, após oito meses de gestação decidi que estava pronta. Pronta para sair da primeira casa que me hospedou e para começar a fazer balbúrdia no mundo. Nasci em Salvador, Bahia, e desde então sou moradora do bairro Cosme de Farias. Crescendo com o bairro, eu observava o mundo pelas frestas das casas que visitei, das escolas em que estudei, igrejas que frequentei e programas que assisti. Aqui, vi (e vejo) muitas crianças terem outras crianças, muitas meninas-mães que também se tornam pais. Mas para onde será que vai a menina-mãe, quando a mãe da(o) menina(o) nasce? Sendo estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, na Universidade Federal da Bahia, até o ano de 2019, participei de projetos de ensino, pesquisa e extensão, os quais me ajudaram a entender o que eu deveria fazer neste breve intervalo entre a vida e a morte. Entre eles estão o Latitudes Latinas e A Rede ao redor, ambos coordenados pelo professor Carlos Bonfim. E foi através dele que conheci Bruna Hercog e recebi o convite para participar desta pesquisa-viva. Aqui estou, com a fita preta na mão. Preta em homenagem à população negra. Mas, preta também pelo luto com “tanta desgraça vazando dos poros desta terra”, como afirma Conceição Evaristo (2015).

Me chamo Verena Vieira e trago nas mãos a fita branca. Faço parte de um coletivo de juventude anticapitalista, estou no espaço universitário enquanto estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, na UFBA, em transição para o curso de Pedagogia. E foi justamente dentro desse contexto – o acadêmico – que pude entrar em contato com esta pesquisa e com o Rede ao Redor, processos que nos convidam a conhecer as culturas e as narrativas dos sujeitos a partir de outras lentes e perspectivas. Ou melhor, a partir de suas próprias lentes, vozes e perspectivas. Mais do que isso,

entendo que um chamado para a mediação é feito para que possamos transitar entre as diversidades e cruzar saberes para que, desse modo, possamos produzir impactos potentes em nosso entorno e agir valorizando as alteridades, mas também as singularidades que nos permeiam.

Sou Gisele Nussbaumer, entro na teia-tese com ela já em andamento e agradeço o convite-confiança. Entro em meio a um processo de disputas de poder, mas também de reconhecimento de pares e identificação de afinidades. Esse processo me aproxima de Bruna, de Bonfim e desta pesquisa. Depois de 20 anos radicada em Salvador, sigo aprendiz neste lugar, reconhecendo a potência de suas pessoas, suas memórias, histórias, seus coletivos e ativismos. Minha fita é azul, cor que me remete aos atravessamentos que dão sentido à vida e as mudanças que podem transformar o mundo - ou “adiar seu fim”.

As fitas seguem se entrecruzando e abrem espaço para que os coletivos entrem na teia. Estes grupos aceitaram participar desta construção abrindo as casas (presenciais, virtuais, simbólicas) para que pudéssemos conhecer mais de perto suas produções, táticas, criações, movimentações e sensibilidades. E mais do que isso: fortalecer e/ou criar juntas e juntos potentes relações de afeto. Tecemos o diálogo com muitos coletivos, mas seria impossível estabelecermos uma relação de maior profundidade com todos. Por isso, convido para que se apresentem os coletivos A La Hora 30<sup>6</sup>, A Ritmo de Ladera<sup>7</sup>, Reprotai<sup>8</sup>, Cutucar<sup>9</sup> e Associação Cultural Quilombo Aldeia Tubarão (QUIAL Tubarão)<sup>10</sup> que ao longo desses cinco anos de doutoramento estiveram presentes na construção do percurso, pensando, planejando, executando e avaliando ações de intervenções comunitárias que fizeram parte dos caminhos metodológicos que construímos coletivamente.

A La Hora 30 é um coletivo jovem, que desde o seu nascimento tem estado em um processo de crescimento e de (re)aprender a olhar *el pedazo* (o território). Trabalhamos em três linhas: o fomento e a exaltação da *cultura bici* no oriente da cidade de Cali, a defesa e a promoção das zonas verdes em nosso Distrito de Aguablanca e o sentido de pertencimento por nossos bairros.

A Radio A Ritmo de Ladera, fundada em 2010, é uma proposta de rádio web comunitária formada por jovens residentes na Comuna 1. A rádio se entende como um meio de comunicação alternativo que propõe o reconhecimento e a construção do conhecimento comunitário. Apoiamos a difusão de atividades e ações realizadas pelos atores locais, organizações sociais e institucionais da Comuna 1 e da cidade de Santiago de Cali. Geramos espaços de encontro comunitário onde são propostas ações e reflexões que permitam a construção de uma comunidade mais participativa e inclusiva.

A REPROTAI- Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe é uma rede de adolescentes e jovens da Península de Itapagipe fundada em agosto de 2004 por adolescentes e jovens da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia, Associação Livre dos Moradores de Mangueira e Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON). Atualmente fazem parte da Rede mais de 100 crianças, adolescentes e jovens. Isso por conta das articulações com a Rede CAMMPI, Espaço Cultural Alagados, CESE e Visão Mundial e a além dos grupos culturais da Península Itapagipe. A missão da

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/alahora30/>

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/ritmodeladera/>

<sup>8</sup> <https://www.instagram.com/reprotai/>

<sup>9</sup> <https://www.instagram.com/coletivocutucar/>

<sup>10</sup> <https://www.instagram.com/quialtubarao/>

Reprotai é criar mecanismos de incidências políticas e de luta dos direitos das crianças, adolescentes e jovens na perspectiva do fortalecimento e construção da sua autoestima e na afirmação da sua identidade cultural, construindo assim, uma cultura de Paz.

O Quilombo Aldeia Tubarão (QUIAL) é um espaço de arte educação e atividades culturais, formativas e sociais, biblioteca e brinquedoteca, centro de referência em culturas populares afro-brasileiras e indígenas. Além de ser um projeto de divulgação e promoção de artistas e personalidades discriminadas por desigualdades históricas de raça, gênero, classe e território, o Favela Revela é um espaço de protesto, rebatendo a mídia tradicional, como jornais e televisão que evidenciam a periferia como lugar de violência e crime e escrevem nossa história de forma cruel. Em 2021, com a consolidação do QUIAL, que ganhou uma sede e formalização jurídica, o Favela Revela passa a ser incorporado ao QUIAL. Como ambas as iniciativas são gestadas pelas mesmas pessoas, trazer o Favela Revela para o QUIAL foi uma forma encontrada para fortalecer a plataforma e ampliar as possibilidades de captação de recursos para que ela possa continuar existindo.

O Coletivo Cutucar é composto por jovens artistas moradores de comunidades populares de Salvador e São Paulo. Os participantes do coletivo se integraram por afinidades e por uma ideia em comum: olhar a comunidade pelo processo colaborativo é ampliar os limites transformadores da linguagem e da experiência artística e comunitária.

Assim, enredada, fui tecendo essa teia-tese que não é linear, nem traz as descrições metodológicas, teóricas e a análise de resultados de forma separada: todos os elementos estão emaranhados e interconectados. Para facilitar a compreensão de quem lê, a tese foi dividida em: “Teia-Tese”; “Brasil, Colômbia. Salvador e Cali: contextos, cenários e entrecruzamentos”; “Iniciativas juvenis em arte e comunicação: uma cartografia em movimento”, “Tudo o que nós tem é nós” e “Rumo às epistemologias das quebradas?”.

No primeiro momento a/o leitor/a será apresentado/a ao percurso da pesquisa em Cali e em Salvador, aos coletivos com os quais dialogamos, aos atravessamentos que marcaram o estudo e os percursos metodológicos. Em seguida, a teia segue por aspectos considerados estratégicos para compreender em que contexto se dão as práticas culturais lideradas por jovens em Salvador/Brasil e em Cali/Colômbia. Como cada país entende as juventudes e como esse entendimento se concretiza na implementação (ou não) de políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos desta população? Em que medida os marcos legais e as políticas públicas desses países oferecem (ou não) mecanismos favoráveis à garantia de direitos, à participação, à mobilização social e à representação política de populações negras e indígenas e, em especial, das juventudes? São algumas das perguntas que orientarão esse percurso.

Feito esse movimento, passamos a olhar com mais profundidade para as recorrências nos ativismos juvenis nas periferias - estes nossos outros centros - de Salvador e de Cali para compreender de que forma essas práticas incidem nos projetos de construção de país. Estas recorrências são vistas quando as várias fitas se encontram, embolam-se em

nós (substantivo) para formar um nós (pronome). Esse “nós” será mostrado em “Iniciativas juvenis em arte e comunicação: uma cartografia em movimento” que traz os dados da cartografia<sup>11</sup> “Rede ao Redor: iniciativas em arte e comunicação nas periferias de Salvador” e do levantamento de coletivos culturais feito em Cali, em colaboração com os grupos parceiros da pesquisa. Aqui já passamos a narrar e ler as ofensivas culturais emancipadoras nas quebradas de soteropolitanas e *caleñas*<sup>12</sup> a partir das narrativas e textos tecidos pelas e pelos jovens dos coletivos.

Na sequência, em “Tudo o que nós tem é nós”, o convite é para que aprofundemos o olhar sobre as práticas e produções dos coletivos a partir de quatro “cruzos” (RUFINO, 2018): arte e comunicação como alicerces pedagógicos; ancestralidade como bússola; defesa do território como âncora e aposta pelo comunitário. Tomo emprestada a noção de “cruzo” de Luiz Rufino que fundamenta sua “pedagogia das encruzilhadas” para apresentar as bases do que acredito estar se configurando como epistemologias das quebradas nestes nossos outros centros. Voltarei a falar disso mais adiante.

Por fim, em “Rumo às epistemologias das quebradas?”, sintetizo o caminho percorrido ao longo de toda a teia-tese mantendo viva a hipótese de que com suas táticas, práticas e pedagogias contestatórias, os coletivos em arte e comunicação que atuam nas periferias de Salvador e Cali estão produzindo conhecimentos capazes de incidir nos processos de emancipação destes territórios. Caminhemos juntas e juntos, portanto, tendo essa provocação como guia.

## 1.1. MAPA DA TEIA

Para seguirmos enredando-nos nesta teia-tese gostaria de fazer algumas partilhas que vão ajudar na compreensão das decisões tomadas e caminhos priorizados. A primeira delas tem a ver com o entendimento de juventudes. Reconheço que o recorte etário definido pelos Estados é operativo e fundamental para a construção das políticas públicas. No entanto, é mais coerente com os objetivos propostos por este estudo, considerar as juventudes – sempre no plural - pelo prisma da relação estabelecida pelas e pelos jovens com seus territórios e não apenas pelo recorte etário. Como será visto mais adiante, a pluralização do termo “juventude” demarca a necessidade de compreender esta categoria social como uma construção cultural em sua diversidade, não um grupo homogêneo,

---

<sup>11</sup> Cartografia e mapeamento serão usados como sinônimos.

<sup>12</sup> Termo utilizado para caracterizar quem nasce em Cali: *caleños* e *caleñas*.

caracterizado pela faixa etária, mas também por outras variáveis relativas às condições de vida e ao pertencimento racial, assim como à participação comunitária (SOUZA, 2011).

Portanto, não serão excluídas/os do diálogo interlocutoras/es que tenham mais de 29 anos (delimitação prevista no Estatuto da Juventude do Brasil) ou mais de 26 (como rege a legislação colombiana), pois o que interessa observar é como se dá a atuação dos coletivos – formados por pessoas de diferentes idades - que se organizam comunitariamente não apenas para reivindicar os direitos das juventudes, mas para defender seus territórios.

A noção de juventudes adotada comporta, portanto, uma dimensão comunitária, territorial. E o uso do território – aqui entendido na perspectiva de Milton Santos - se dá pela dinâmica dos lugares: “o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 2005, p. 255). O lugar é o palpável, recebe os impactos do mundo e é onde reside a possibilidade real e efetiva de comunicação, troca de informação, criação de solidariedades e construção política (SANTOS, 2005).

Para me referir às periferias, estes lugares colocados às margens dos projetos de urbanização e desenvolvimento das grandes cidades, utilizarei dois termos: território violentado e quebradas. Por território violentado, entendo as localidades historicamente submetidas a uma série de violências (estruturais, simbólicas e físicas) que perpassam o cotidiano e a construção das trajetórias de seus moradores. Utilizo esse termo para identificar os territórios periféricos com o objetivo de fazer uma contraposição à expressão “bairros violentos”, comumente utilizada, na qual reforça-se uma ideia de que o lugar e, logo, as pessoas que ali vivem é que são “por essência” violentas ou propensas a ser. Já “quebrada” é uma expressão muito utilizada por moradoras/es – em especial pelas gerações mais jovens – das periferias brasileiras em cidades como São Paulo e Salvador, por exemplo, para identificar os seus territórios com orgulho e pertencimento.

Adotarei quebrada como categoria para valorizar o “paradigma da potência”<sup>13</sup> reivindicado por nossas/os interlocutoras/es com suas práticas, bem como pelo uso orgulhoso do termo, que estenderei para nominar os bairros de Cali. Para me referir às iniciativas lideradas pelas juventudes, utilizarei indistintamente os termos “coletivo” e “grupo”, apenas

---

<sup>13</sup> Adoto a perspectiva de Jailson de Souza e Silva, professor da Universidade Federal Fluminense e fundador do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Para ele, o “paradigma da potência” pressupõe o reconhecimento do poder inventivo dos grupos marcados pela desigualdade social e estigmatizados pela violência. É uma convocação para que superemos do “paradigma da ausência” que rotula, estigmatiza e silencia as periferias para um paradigma que reconheça as respostas práticas e legítimas construídas por estes grupos como formas contra hegemônicas de vida em sociedade. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-a-pedagogia-da-convivencia/> Acesso em 27 jan. 2022.

para facilitar a leitura, pois cada coletividade tem sua maneira de se identificar, sempre conectada com o perfil de seus integrantes e de suas ações.

Para me referir à produção cultural promovida pelos coletivos nestes territórios vou utilizar muitas vezes expressões como “cultura da periferia”, “arte periférica”, “literatura periférica”, “poesia marginal” e outras similares. A intenção, com isso, não é representar as periferias de forma homogeneizada, uma vez que, assim como no estudo de Érica Peçanha Do Nascimento (2011, p. 205), considero que “a cultura da periferia e as identidades dela resultantes são percebidas aqui não como essências, mas como políticas de representação, inclusive atravessadas por outras identidades e culturas”. Trata-se, no entanto, de um recurso linguístico que visa destacar a produção artística e comunicacional singular destes territórios que “contribui para transformar os artistas e ativistas em sujeitos políticos que engaja seus produtos e atuações na luta por direitos sociais amplos e na afirmação de suas peculiaridades estéticas”. (DO NASCIMENTO, 2011, p. 203)

Outra explicação fundamental: este estudo não é comparativo. Os processos históricos, políticos, econômicos e culturais do Brasil e da Colômbia são distintos e complexos. Seria imprudente afirmar que será feita uma comparação criteriosa e consistente entre estas sociedades. Este não é o objetivo. Colocar em diálogo jovens de Cali e de Salvador parte da intenção de observar as recorrências e perceber de que forma elas incidem nos projetos de (re)construção de país. Interessa mostrar as conexões, as intersecções e as múltiplas possibilidades que apontam os entrecruzamentos das experiências juvenis de insubordinação em ambas as cidades, cada qual no seu pedaço da América Latina e ambas herdeiras de um colonialismo perverso que exige insubordinações e práticas emancipatórias constantes.

Por não se tratar de um estudo comparativo, sempre que necessário irei demarcar as especificidades de cada contexto para que com esta compreensão sejam observadas as práticas culturais tecidas pelas juventudes nos territórios violentados de Cali e de Salvador. Por conta justamente dessas singularidades históricas é inviável, por exemplo, traçar paralelos entre os processos de desterritorialização e as dinâmicas de violência e criminalidade entre Brasil e Colômbia. Não há um correlato simétrico no Brasil para o fenômeno do *desplazamiento forzado*, fruto do contexto de Guerra Civil vivenciado na Colômbia há mais de 50 anos e que vitimiza majoritariamente as populações indígenas e afrocolombianas.

Em decorrência da violência generalizada, das violações de direitos humanos, dos conflitos agrários, estas populações são obrigadas a sair dos seus lares e se deslocar dentro

do próprio território nacional, sendo lançadas à própria sorte nos grandes centros urbanos. Cali é uma das cidades colombianas que recebe grande parte da população *desplazada*, como veremos mais adiante. Já o Brasil vivencia outros processos territoriais que também incidem nas dinâmicas de criminalidade, de formas distintas. Olhar para esses processos não sob a ótica da comparação, mas sob o movimento do entrecruzamento de contextos, vai permitir compreender quais problemáticas estão enfrentando as juventudes quando se organizam comunitariamente para buscar formas outras de atuar politicamente em seus territórios.

Voltando ao *desplazamiento forzado*, justamente por não haver um fenômeno similar no Brasil, optei por não traduzir o termo. Esse mesmo recurso será usado para outras palavras em espanhol que carregam consigo significados relevantes para se compreender os processos em questão e uma tradução literal não seria capaz de exprimi-los. Ao longo do texto, na primeira aparição de cada termo, farei uma nota explicativa para facilitar a compreensão de quem me lê. Com relação às demais traduções do espanhol para o português, todas foram feitas por mim.

Outro tema que renderia um estudo exclusivo é o tratamento que se dá no Brasil e na Colômbia às questões étnico-raciais. Falarei adiante brevemente sobre essas diferenças, apenas para contextualizar em que parâmetros se assentam as percepções e narrativas partilhadas pelas/os jovens. De antemão, vale frisar que devido ao significado bastante distinto para o termo “mestiço” no Brasil e “*mestizo*” na Colômbia, optei por não traduzir a palavra para não incorrer em interpretações equivocadas, já que não há equivalência de entendimento. Os termos demarcam as diferenças dos processos históricos de inclusão por parte do Estado das populações negras e indígenas nas sociedades. Outra decisão tomada apenas para facilitar a leitura é utilizar a categoria “afrocolombiana” para me referir às populações afrodescendentes da Colômbia, o que não significa que desconheço os conceitos “*raizal*”, “*comunidad negra*” e “*palenquera*” que demarcam a relevância e as especificidades destas populações<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup>A população afrodescendente na Colômbia é compreendida pelo governo colombiano como: “*comunidad negra*”, “*población afrocolombiana*”, “*población raizal*” e “*población palenquera*”. Estas distinções representam uma conquista dos movimentos sociais afrocolombianos, uma vez que favorecem políticas públicas específicas para atender as distintas demandas dessas populações. Considera-se “comunidades negras” os grupos de famílias de descendência afro-colombiana que têm sua própria cultura, compartilham uma história e têm suas próprias tradições e costumes. “Populações afrocolombianas” são os grupos presentes em todo o território nacional (urbano-rural), de raízes históricas, étnicas e culturais africanas e descendentes nascidos na Colômbia, com sua diversidade racial, lingüística e folclórica. *Raizales* refere-se às comunidades anglo-africanas que habitam os arquipélagos de San Andrés, Providencia e Santa Catalina e possuem um idioma próprio resultante da mistura do inglês, crioulo e castelhano. A comunidade *palenquera* é formada pelos descendentes dos escravizados que, através de atos de resistência e liberdade, se refugiaram nos territórios da costa norte da Colômbia desde o século XV, conhecidos como *palenques*. Existem quatro Palenques reconhecidos: San Basilio de Palenque (Mahates - Bolívar), San José de Uré (Córdoba), Jacobo Pérez Escobar

Sinalizo ainda que apesar de reconhecer a potência da luta dos movimentos sociais indígenas em toda a América Latina e, em especial no Brasil e na Colômbia, não conseguiria neste estudo abordá-la com profundidade. Defini, portanto, um recorte nas populações afro-latinas. A escolha por Cali reflete a decisão de aprofundar o diálogo com jovens que vivem e atuam em territórios majoritariamente afrocolombianos, como é o caso do Distrito de Aguablanca.

Ainda sobre as especificidades dos contextos, vale ressaltar o período no qual as atividades de campo da pesquisa foram realizadas. Iniciei em 2017, portanto, cerca de um ano depois da assinatura do Acordo de Paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (FARC-EP). Firmado em 24 de agosto de 2016, o Acordo marcou o início do período conhecido como “pós-conflito” que, longe de ter solucionado o problema da violência no país, provocou mudanças nas dinâmicas de criminalidade, o que em alguma medida favoreceu o fortalecimento da organização popular e, especificamente, das juventudes populares. Essa “trégua” beneficiou as esquerdas políticas na Colômbia, historicamente impedidas de chegar ao poder, que começaram a disputar com mais força a arena institucional.

Já no Brasil, o período é marcado por um enfraquecimento das esquerdas políticas, que se mantiveram no poder por 13 anos – nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2026), do Partido dos Trabalhadores (PT). Com o golpe que culminou no processo de impeachment da presidenta Dilma, em agosto de 2016, quem assumiu a presidência foi o vice Michel Temer. Em 2018, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal (PL) foi eleito e segue colocando em curso um governo marcado por uma série de retrocessos de direitos e pela intensificação de uma grave crise social, política e econômica.

É um período também com aumento de casos de violação da liberdade de expressão e do direito de acesso à informação, bem como de perseguição a jornalistas, ativistas culturais e militantes políticos. Este cenário afeta substancialmente os coletivos culturais com os quais dialogamos aqui. Os anos finais do processo de doutoramento (2020 a 2022) foram marcados pela pandemia mundial de Covid-19, que, como veremos adiante impactou a todas e todos,

---

(Magdalena) e La Libertad (Sucre). O termo *palenquera* deriva de *palenque* que pode ser associado aos quilombos brasileiros. Disponível em: <https://www.unidadvictimas.gov.co/es/comunidades-negras-afrocolombianas-raizales-y-palenqueras/277> Acesso em 04 set 2021. Para saber mais sobre o tema, recomendo a leitura do livro *Movimiento Social Afrocolombiano, Negro, Raizal y Palenquero: El largo camino hacia la construcción de espacios comunes y alianzas estratégicas para la incidencia política en Colombia* (CASSIANI, A. J. S.; OSPINA, J. A. C.; RODRÍGUEZ, J. A.; WABGOU, M, 2012).



em especial às populações empobrecidas. Vale frisar, ainda, que o ano no qual conclui a tese, 2022, estava marcado pela iminência das eleições presidenciais no Brasil e na Colômbia.

Para caminharmos por essa teia-tese algumas chaves analíticas precisam ser comunicadas e serão aprofundadas à medida que a tese se tece. Adotarei, como propõe Luiz Rufino (2018; 2019) a noção de **encruzilhada** como operador conceitual, chave teórica que oferece a possibilidade de “esculhambar a linearidade e pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas interseccionais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber” (RUFINO, 2019, p. 120). É partindo desse operador que vou observar e analisar as formas de atuar, sambar, recitar, pedalar, gingar, fazer arte e política nas periferias de Salvador e de Cali.

Enxergo as iniciativas culturais engendradas pelas juventudes das quebradas para além da resistência e muito mais sob a ótica do que estamos chamando de **ofensivas culturais emancipadoras**. Utilizo o plural para ressaltar que se trata de uma categoria pensada por Carlos Bonfim e que vem acompanhando as atuações e os escritos que desenvolvemos no grupo Rede ao Redor<sup>15</sup>. Outra noção que coloco em diálogo com a de ofensivas culturais emancipadoras é a de **táticas**, aqui entendida na perspectiva de Michel De Certeau (2014) como aquelas produzidas pelas pessoas comuns fora do campo de visão do inimigo, são respostas ágeis às necessidades que surgem e articuladas sobre as invenções do cotidiano. Ambas as noções (ofensivas culturais emancipadoras e táticas), como utilizadas nesta tese, colocam o acento na dimensão da ação, da proposição, da construção de conhecimentos feita pelas juventudes.

É em consonância com esse ponto de vista que me valho da noção de **epistemologias das quebradas** que será abordada muito mais como uma provocação do que como um conceito que se pretende acabado. Apenas a título de introdução, vale reforçar que neste estudo o entendimento de epistemologia não tem o sentido convencional do termo – teoria ou filosofia do conhecimento. Está muito mais associado ao que Boaventura de Souza Santos (2009) denominou como “epistemologias experienciais” ao “ocupar” o conceito de epistemologia para formular as Epistemologias do Sul que se propõe a “identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes”. (SANTOS, 2009, posição 230-238) Propõe-se, fundamentalmente, observar os saberes produzidos nas lutas por emancipação política e social.

---

<sup>15</sup> Ver BONFIM, C.; FRANÇA, N; HERCOG, B.; VIEIRA, V. Rumo a uma epistemologia das quebradas: ativismos juvenis para além da resistência. Revista PragMatizes (2022).

Neste sentido, distancio-me do que – no paradigma moderno - se convencionou compreender como epistemologia: uma teoria do conhecimento sustentada por uma matriz ocidental hegemônica que legitima os saberes científicos como os únicos saberes válidos, verdadeiros e me acerco das perspectivas teóricas que se dedicam a olhar para os conhecimentos que foram invisibilizados historicamente. São também exemplos destas perspectivas a noção de “Movimento Negro Educador” formulada por Nilma Lino Gomes (2017); a “Pedagogia das Encruzilhadas”, cunhada por Luiz Rufino (2018; 2019) e os “Letramentos de Reexistência” formulados por Ana Lúcia Silva Souza (2011). Sigo ao lado delas e deles, portanto, bem como de outras perspectivas teóricas que dão esteio a esta teia-tese, para lançar a provocação sobre estarmos rumo às epistemologias das quebradas.

A provocação que esta noção traz é justamente a de olharmos para as epistemes que tensionam os cânones que sustentam essa “epistemologia hegemônica”. O chamado é para que mudemos as lentes com as quais enxergamos as produções de conhecimento que se dão nas quebradas para evidenciar que mais do que resistir, essas iniciativas juvenis em arte e em comunicação vêm desenvolvendo práticas diversas para enfrentar problemas sociais estruturais. Avistemos, pois, as recorrências e os múltiplos centros que se formam nas encruzilhadas. O convite que faço para você que me lê é para que escolha sua fita e entre nesta teia conosco para que respondamos (ou não) juntas e juntos essas provocações que nos movem...

## 2. TEIA-TESE

*“Eu tentei compreender  
A costura da vida  
Me enrolei pois  
A linha era muito comprida  
Mas como é que eu vou fazer  
Para desenrolar  
Para desenrolar”*

Sergio Pererê<sup>16</sup>

Por que uma teia-tese? Porque há o desejo de que o texto revele a metodologia utilizada: um trabalho feito em trama, em rede, no qual as fontes de interlocução aparecem com a mesma relevância, sem hierarquias. Poemas, crônicas, desenhos ou letras de rap aparecerão entre uma estatística ou um conceito. Assim como atravessarão o texto as produções gestadas pelos/as jovens com quais dialogo em conversas informais, trocas de mensagens no WhatsApp, oficinas de escrita etc. O que se propõe é um entrecruzamento de conhecimentos gestados em distintos espaços de poder. Por isso, trata-se de uma teia-tese com diversos saberes e interlocutoras/es espalhados num mesmo chão, terra firme onde se produz vida, mesmo diante da iminência constante da morte.

A tese entendida enquanto teia pressupõe, essencialmente, movimento. É um movimento que só existe à medida que se caminha. Em coletivo. É impossível construir uma teia sozinha/o. É o entrecruzamento de subjetividades, memórias, histórias, pessoas, lugares que vai configurando um sentido do comum, um corpo-teia. Não é um movimento linear. Não é um movimento sem tensão, sem conflito. É um corpo-vivo. E é exatamente por isso que esta teia-tese foi tecida com muitas idas e vindas, nós, desvios, atalhos, mudanças de rumos.

Para que nos acerquemos mais da noção de teia-tese descrevo essa proposta metodológica que irá nos acompanhar ao longo de todo esse percurso e que é fruto de vivências, experimentações e trocas que venho estabelecendo ao longo da minha caminhada.

---

<sup>16</sup> Costura da Vida, Sérgio Pererê. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NG\\_ErFvTn04](https://www.youtube.com/watch?v=NG_ErFvTn04). Acesso em 25 abr 2021. Obrigada Kassandra Muniz por ter me levado a esta canção por meio do teu texto “Linguagem como mandiga: população negra e periférica reinventando epistemologias.” (SOUZA. A. L. [org.], 2021)

## 2.1.ENREDAMENTOS DE MEMÓRIAS

“Meu marido me pergunta toda sexta-feira que diabos eu vou fazer fora de casa. Eu olho para ele, com um risinho frouxo e respondo: poesia!”. Quando lembro dessa fala ouço a gargalhada gostosa de Dona Amparo ao contar como escapava das perguntas do marido acostumado a vê-la sempre à beira do fogão. Foram muitas sextas-feiras ao lado dela e de outras nove senhoras que moram na região de Alagados, na Península de Itapagipe, em Salvador, para fazer poesia, fazer livro, dialogar sobre temas profundos e necessários: racismo, machismo, violência doméstica, genocídio da juventude negra, memórias, medos e sonhos. Foram muitas sextas-feiras aprendendo com elas a enredar histórias, entrecruzar saberes, gerações, escrevivências. A panela de Amparo, Augusta, Josilda, Elza, Ana Rosa, às sextas-feiras, não estava no fogão, mas sim no chão, no assoalho de lembranças – como batizou Dona Elza Cândida Barros a teia de memórias que construímos e que deu nome ao livro que fizemos juntas. Nesse assoalho, junto à panela, estavam bonecas, vasilhas de amaciantes, flores, roupinhas de bebê, embalagem de produtos para cabelos crespos, o livro Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus, um espelho, entre muitas outras riquezas. Foram muitos elementos possíveis encontrados por elas para contar as suas histórias, para fazer poesia com seus cotidianos. Como nos disse Maria Augusta Dantas, a Dona Augusta: “minha poesia está na luta”. Dessas riquezas espalhadas pelo chão, vieram as palavras, os cantos, os choros, os abraços. Deles vieram as histórias. Do enlace entre palavras e histórias, nasceram as poesias. As poesias viraram livro. Foi a primeira vez que deixei a teia me guiar até a construção de um livro, um livro – que como pediu Dona Ana Rosa dos Santos - teve 200 mil metros de ponte: o Assoalho de Lembranças<sup>17</sup>.

A experiência que relato acima, esse aprendizado vivido com as senhoras do Grupo Biogênese, núcleo do Grupo de Consciência Negra (Grucon)<sup>18</sup> foi determinante para todas as decisões que tomei dali por diante. Todas as escolhas metodológicas, teóricas, afetivas passarão sempre por esse assoalho de lembranças. Entrelaçar trajetórias para que seja possível olhar para as encruzilhadas que se formam no cruzar dos caminhos - ali representados por fitas coloridas de cetim que enredam objetos - e escutar o que os nós formados dizem sobre nós, sobre o que somos – ou desejamos ser - em sociedade.

Este é o principal objetivo deste recurso metodológico que venho construindo desde 2012, em distintos contextos e com diferentes públicos. Ele se estruturou com a construção do livro Assoalho de Lembranças e foi fortalecido no processo de feitura do livro ArvoreSer - construído com adolescentes e jovens no projeto Boca de Brasa – e nas oficinas realizadas com os coletivos que constroem comigo esta teia-tese. Aqui, como já dito, a teia

---

<sup>17</sup> O livro e-book do Assoalho de Lembranças foi lançado em 2021 e está disponível aqui: [https://linktr.ee/A\\_Minha\\_Historia\\_Conto\\_Eu](https://linktr.ee/A_Minha_Historia_Conto_Eu)

<sup>18</sup> Este aprendizado só foi possível porque fui convidada por Alessandra Flores, idealizadora do Projeto Minha História Conto Eu, a realizar com ela a terceira edição do projeto.

passa a ser vista também como encruzilhada, na perspectiva de Rufino (2018). Neste sentido, o que me interessa enquanto mediadora, pesquisadora, facilitadora do processo é olhar com o grupo para os caminhos tecidos, escutar e escrever a encruza, sem buscar certeza alguma, pois “a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos.” (RUFINO, 2018, p. 78)

A dinâmica da teia é disparadora e mantenedora de processos de reflexão, diálogo e escrita coletiva. Ela pode acontecer em diferentes momentos do percurso a partir dos objetivos pedagógicos que se deseja alcançar em cada etapa. Sua matéria prima são as histórias das pessoas que aceitam o convite de construí-la e caminhar por ela. A teia só começa a existir quando são colocados no chão elementos que representem a história, os sentimentos, as memórias, os cotidianos, as formas de estar no mundo das pessoas que ali estão.

**Figura 2** – Objetos de memória sendo colocados na vivência da teia



Fonte: autoria própria

A teia se estrutura em três principais convites: “o trajeto do eu”; “os nós” e “o trajeto de nós”. Cada um deles tem uma intencionalidade distinta e pode ganhar diferentes matizes a depender do público participante. Essa é uma característica central da teia: ela é

movimento e quem a movimenta são as pessoas com suas memórias, histórias, vivências e leituras. No entanto, há uma condução. Há uma intenção pedagógica. E é preciso ter em vista que toda produção de conhecimento – por mais coletiva e horizontalizada que seja – é disputa: de lugares sociais, de classe, de raça, de gênero, de geração etc.

Portanto, enquanto pesquisadora e mediadora de processos coletivos, preciso evidenciar desde o início como se dá essa interferência e quais são as dimensões de análise que vou priorizar. Para haver horizontalidade é preciso honestidade, sempre. Como bem lembra Orlando Fals Borda (2012, p. 305-306): “nas lutas populares há espaço para os intelectuais sem que eles precisem se camuflar, se mimetizar com os grupos pesquisados. É preciso ter honestidade para desenvolver este tipo de investigação”. E é preciso estar vigilante sempre. No meu caso, enquanto mulher branca, essa autovigilância também passa pela atenção constante aos padrões da branquitude e impactos que eles causam nas nossas sociedades.

Neste ponto, me recorro de uma conversa que tive com Alana Barbosa, estudante que acompanhou os três primeiros anos da pesquisa. Sempre parcimoniosa com o uso das palavras, não as economizava quando queria me fazer perguntas. E a primeira que fez foi: “por que você, branca, quer estudar as questões dos jovens negros das periferias?”. Tentei responder olhando-a nos olhos, mas logo após me lançar com segurança a pergunta, seus olhos rapidamente já pousavam na folha de papel que descansava sem uso em cima da mesa.

Disse a ela que desde muito nova entendi que minha trajetória seria guiada pelo desejo de dias melhores, por menos desigualdade, menos dor. Fui traçando meu caminho indo em busca de tudo aquilo que me tirava da zona de conforto e me ajudava a furar a bolha para ver ‘para além de’. E, no Brasil, principalmente em Salvador, não é possível trabalhar com projetos sociais e culturais sem “entrar de cabeça” nas questões étnico-raciais. São estruturais e estruturantes. E, para mim, enquanto mulher branca que consegui ter consciência do meu lugar de privilégio, era impossível estacionar nesse reconhecimento.

A conversa findou ali, mas o que ela anunciava estava só começando. Durante os 45 dias que estivemos juntas na Colômbia e depois os tantos outros dias que estivemos em Salvador, entre diálogos com os coletivos, oficinas e encontros de orientação, aquela conversa nos lembrava a todo o momento nossos lugares de fala, para recorrer a um conceito tão bem explorado por Djamila Ribeiro (2017, p. 24) que, entre outros aspectos, destaca que “quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal da ciência é branco”.

Este primeiro diálogo com Alana - e tantos outros que tive com as/os jovens dos coletivos, em sua grande maioria negros e negras, como Alana - sobre lugares de fala e questões étnico-raciais me conecta com o que defende Denise Carreira no ensaio “O Lugar dos Sujeitos Brancos na Luta Antirracista”:

**Os corpos brancos na luta antirracista importam – como sujeitos e parceiros políticos dessa construção protagonizada historicamente por aquelas e aqueles que sofrem as consequências do racismo – mas nunca como expropriadores dessa luta**, nunca para desqualificar, invisibilizar e negar o protagonismo desses sujeitos, reafirmando as armadilhas e lugares de poder da branquitude acrítica. Por outro lado, como outra armadilha da branquitude, não se pode cair no lugar confortável, passivo e acomodado, protegido dos conflitos, de que somente os sujeitos negros e indígenas têm o que dizer sobre como enfrentar o racismo (CARREIRA, D., 2018, p.135) [*grifos meus*]

O diálogo travado com Alana demarcava, assim, possibilidades e impossibilidades. E, principalmente, me fazia lembrar qual era o desafio da decisão tomada: fazer esta pesquisa de doutorado COM jovens moradores de periferias – em sua maioria negros e negras - e não SOBRE eles.

Dito isso, voltemos aos três convites da teia. Pois bem, após pactuar com o grupo os objetivos da atividade e adotando uma postura de auto-observação, faço o primeiro convite: “o trajeto do eu”. O foco é no sujeito. De onde venho e o que está acontecendo por lá? O que escolho para colocar no chão, no assoalho? Quais recortes de mim decido mostrar? É nesse momento que os e as participantes colocam no chão seus objetos de memória. Eu também estou lá, colocando meus objetos de memória e elementos – como fotografias, livros, palavras, perguntas – que podem disparar algumas das dimensões de análise que considero relevantes para a pesquisa.

Objetos colocados, cada um, cada uma escolhe uma cor de fita para traçar com ela o seu percurso por tudo o que está exposto naquele chão. É um momento de silêncio, de concentração, de imersão. É a hora em que se constrói o “trajeto do eu”. Cada passagem de fita tem um sentido, tem um porquê. Nesse momento estou dentro da teia com o grupo, me permitindo ser tocada por tudo o que ali está e traçar o meu trajeto que sempre é diferente, uma vez que os estímulos mudam com cada grupo.

**Figura 3** - Oficina de Escrita Poética do Projeto Minha História Conto Eu



Fonte: autoria própria

E esse é o primeiro convite da teia. Olhar para si e encontrar a sua poesia enquanto utiliza a fita colorida para tecer o seu caminho, por entre os objetos pessoais dispostos no chão – agora coletivos. Os objetos de memória funcionam como disparadores que conectam o sujeito às suas escrevivências, seus modos de fazer, as cenas, as dores, as oportunidades dos seus cotidianos. Quando esses objetos são partilhados, as memórias e os modos de fazer que eclodem com elas são entrelaçados e geram identificação em quem escuta, em quem aceita estar na teia, cruzando as suas vivências com outras pessoas.

A escrita individual dá corporeidade ao que o sujeito contou ao caminhar com sua fita encontrando palavras, objetos, perguntas, lembranças. Quando a teia se estende para o convite da produção textual coletiva, ela estimula a criação de uma forma para os textos tecidos conjuntamente. O livro (ou qualquer outro texto) feito a partir desses disparadores não traz apenas os autores, as autoras, é a materialização do encontro das vivências desses sujeitos, das bandeiras de luta que se cruzam, das táticas de encarar o cotidiano que se apresentam.

**Figura 4** – Vivência da teia na Cooperación Nuestra Gente, Medellín/CO



Fonte: autoria própria



A embalagem de amaciante colocada no chão não fala apenas da Maria que a trouxe de casa. Fala de muitas outras Marias. Os textos tecidos a partir da panela vazia, do pente de pentear cabelos crespos, do patuá, do terço, da palavra “rua” jogada no chão em um pedaço de papel, da carteira de trabalho, são textos capazes de capturar os modos de fazer e narrar engrenagens que sustentam, impedem, sufocam esses modos de fazer das populações subalternizadas, marcadas por opressões que se entrecruzam.

Nesse sentido, os “nós” é um convite para que se observe a teia construída. É o momento de falar sobre o caminho, os objetos, as suas forças e histórias. Dessas memórias pujantes nascem os textos – ainda no seu formato oral. Aos poucos, o grupo, de forma coletiva passa a tecer suas histórias. O próximo passo é transformá-las em uma produção narrativa coletiva, cujo formato deve necessariamente dialogar com os sentidos construídos na teia. É assim que as narrativas-livro-texto vão sendo tecidas no “trajeto de nós”. Não ter acesso à cultura letrada não é um impedimento para produção de livros, escritos, poemas, canções. Essa é uma chave importante dessa metodologia: a força está na presença, nas resistências linguísticas, nas possibilidades de existências e re-existências (SOUZA, 2011).

**Figura 5** – Vivência da teia na Cooperación Nuestra Gente, Medellín/CO



Fonte: autoria própria

Por isso, o primeiro passo é o contato consigo mesmo, é o olhar para dentro. Vivida, majoritariamente, com mulheres e homens negros/as, esta metodologia contribui para provocar esse olhar para dentro. São os relatos sobre os cabelos – antes alisados e agora naturais – que levam à discussão sobre o racismo estrutural. É de dentro para fora. Foi permeada por esse processo de se olhar e olhar o mundo, que Ilana Sodré nos disse em

roda, com a fita colorida entre os dedos: “Nessa guerra, meu cabelo crespo é minha armadura”<sup>19</sup>.

A potência da construção em teia é horizontalizar a relação entre os sujeitos, mesmo os/as participantes sabendo que há uma mediação e uma intencionalidade pedagógica na condução cujo objetivo é aproximar e sistematizar os fazeres cotidianos, abrir caminhos para diálogos horizontalizados sobre temas estruturantes da luta social e de processos emancipatórios, bem como estimular o processo de elaboração teórico-prática por meio da valorização da oralidade, da memória e da escrita coletiva. A vivência da teia é, em suma, um exercício de desaprisionamento do olhar tanto para quem a media, quanto para os sujeitos que confiam na mediação e aceitam tecê-la.

Trazida para a produção acadêmica, para a construção de uma tese de doutorado, a vivência da teia demarca como a pesquisa será elaborada: em trama, em diálogo. Nesta teia-tese, portanto, vamos nos enredar com o que estamos chamando de ofensivas culturais emancipadoras produzidas a partir da atuação das juventudes das quebradas de Cali e de Salvador. O intuito é dialogar com os conhecimentos que são produzidos nestes territórios por meio de ações plurais: produção audiovisual, saraus, *slams*, publicação de livros etc. O convite é, portanto, para uma abordagem propositiva que possa contribuir para a disseminação do tanto que vem sendo gestado por estes coletivos. Todos os procedimentos metodológicos adotados aqui, incluindo a própria escrita da tese, estão permeados pela vivência da teia, este caminho pedagógico que venho utilizando há alguns anos para trançar saberes e elaborar narrativas coletivas.

## **2.2. PONTOS DE PARTIDA**

A teia é movente e não tem fim. Mas, tem início. Há pontos de partida. O que move esta teia-tese é o desejo de fazer uma reflexão aprofundada sobre a contundência e a consistência das construções de conhecimento produzidas pelos coletivos culturais nas quebradas: territórios de muita potência, porém vistos quase sempre de forma estigmatizada<sup>20</sup>, marcada pelo paradigma da ausência. Por isso, a intenção de compreender com jovens que atuam em grupos de arte e comunicação em Salvador e em Cali quais são

---

<sup>19</sup> O texto foi publicado no livro *ArvoreSer* (2018), de autoria de Amanda de Oliveira, Gabriela Pires Queiroz Sodré, Joice Almeida, Ilana Sodré, Nadjane de Sousa Reis, Tainara Silva de Jesus, Alessandra Flores, Bruna Hercog. Com organização de Bruna Hercog.

<sup>20</sup> A perspectiva de estigma que adoto aqui é a de Erving Goffman (1988), para quem a estigmatização é um processo estabelecido pela sociedade, ou seja, se dá nas relações e confere a determinados sujeitos o estigma, uma característica que o reduz à condição de uma pessoa estragada e diminuída.

os saberes que trazem as suas narrativas insurgentes e as suas contribuições para o entendimento dos processos sociais, políticos e culturais de modo a, com elas/eles, construir elaborações teóricas e intervenções propositivas em meio a tantas opressões e silenciamentos que configuram seus cotidianos.

O estudo pretende ainda contribuir para a difusão de outros imaginários sobre as/os jovens moradoras/es de bairros periféricos; estimular a construção e a difusão de narrativas contra hegemônicas; partilhar insumos para fortalecer a atuação dos grupos de arte e comunicação das periferias e fomentar conexões que potencializem uma ação em rede que possa fortalecer a incidência em políticas públicas.

Para seguir nas tramas que estes pontos de partida conduzem, recorro a uma fundamentação teórica que encontra ressonância em uma série de autoras e autores. Um deles é Borda (2012) com a noção de Investigação Ação Participativa (IAP) que, em linhas gerais, pode ser definida como um tipo de metodologia teórico-prática capaz de partilhar experiências e conhecimentos que podem ajudar às populações subalternizadas a fortalecer lutas e reivindicações de classe que são urgentes. Para Borda (2012), a ciência não deve ser vista como um “fetiche”, uma entidade com vida própria, mas sim como um produto da sociedade que responde a necessidades coletivas concretas.

Em sintonia com ele, Nilma Lino Gomes (2017, p. 58), diz que “o ato de conhecer está vinculado ao saber, ao sabor, saborear, à sapiência e ao sábio. O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas, é aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo”. E esse mergulho precisa ser um lançar-se profundo ao encontro, num processo intermitente e sistemático de ação-reflexão-ação no qual “o investigador deve descartar a arrogância letrada e aprender a escutar discursos concebidos em outras sintaxes culturais, bem como compreender os participantes da pesquisa como sujeitos ativos, pensantes e atuantes” (BORDA, 2012, p. 311).

Em consonância com Borda, com Gomes, com as e os jovens com quem teço essa teia-tese, temos Paulo Freire e sua imensa contribuição para os processos educacionais emancipatórios no Brasil e na América Latina. Com ele, entre outras tantas noções, aposto no entendimento da “ação comunicativa dialógica” (FREIRE, 1996) que pressupõe a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar e, portanto, o diálogo sempre como ação, nunca como um ato passivo. Freire ajuda ainda a pensar os processos de ensino e aprendizagem sob uma ótica crítica, na qual às populações oprimidas deve ser garantido o direito de contar suas próprias histórias. Por isso, reitero que esta é uma pesquisa com e não sobre jovens.

É nessa perspectiva que se fundamenta a opção metodológica por estabelecer diálogos e não entrevistas. O diálogo permite uma (co)construção dos rumos, do enfoque, do que é e o que não é relevante. Possibilita chegar mais perto das práticas e táticas cotidianas das/dos jovens. Como diz Michel De Certeau (2014, p. 49):

A arte de conversar: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras de “situações de palavra”, de produções verbais onde **o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém.** A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis [*grifos meus*].

Por isso, esse processo só pode acontecer com implicação. Ela é inevitável. E o que proponho aqui é justamente compreender a análise das implicações como potência. Para fazer esse acercamento aos textos tecidos nos cotidianos há uma noção que me é muito cara: *escrevivência*. Cunhada por Conceição Evaristo, é um convite para pensar como a escrita e o viver se (con)fundem e como as práticas de rasura e libertação das opressões são fincadas na memória, ou melhor, nos “becos da memória”, que narram as “verdades” e as “mentiras” das favelas para produzir outras narrativas, provocar outros testemunhos (EVARISTO, 2017).

Essas memórias são produzidas nos diálogos do cotidiano, na realização das tarefas domésticas, no preparo dos alimentos, dentro do transporte coletivo. É uma escrita que nos desafia a aprender a “colher palavras” - ensina Evaristo: “não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia”<sup>21</sup>. Como nos diz Marina Lima, integrante do Coletivo Cutucar e uma das interlocutoras da pesquisa: “a *escrevivência* é sobretudo uma escrita coletiva e compartilhada pelas mulheres negras”<sup>22</sup>.

Neste estudo interessa justamente observar esses movimentos de contar, narrar, colher palavras para acessar a memória inscrita nos âmbitos das performances da oralidade, das práticas rituais e também da escrita. É nas práticas e ações de insubordinação ancoradas

---

<sup>21</sup> Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 20 mar 2020.

<sup>22</sup> Fala de Marina Lima durante a defesa do seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “As narrativas das jovens escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador”, realizada de forma virtual no dia 24 de agosto de 2021.

no e pelo corpo das/os jovens com quem dialoguei que vou debruçar o olhar. Elas configuram táticas capazes de construir narrativas desde/sobre/para as periferias que tensionam os lugares e significados atribuídos à noção centro/periferia, onde a periferia é valorada como menor, menos importante.

Para compreender como se dão esses comportamentos táticos (DE CERTEAU, 2014), esse modo comunitário de produzir saberes, recorro à noção de quilombismo, formulada por Abdias do Nascimento (1980; 2009). Segundo o autor, o quilombismo surge da necessidade urgente do povo negro de defender sua sobrevivência e assegurar sua existência. Não se trata de um conceito datado, que fica restrito ao período escravocrata no qual os quilombos (no Brasil) e os *palenques* (na Colômbia) cumpriram um papel crucial na libertação das populações negras. Pelo contrário, “o modelo quilombista é uma ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV” (NASCIMENTO, 2009, posição 106-111). O quilombismo é uma práxis afro-brasileira (NASCIMENTO, 2009) – e aqui ousou estendê-la à realidade colombiana ao compreendê-la como práxis afrodiáspórica - que ancora as distintas táticas de resistência e de insubordinação.

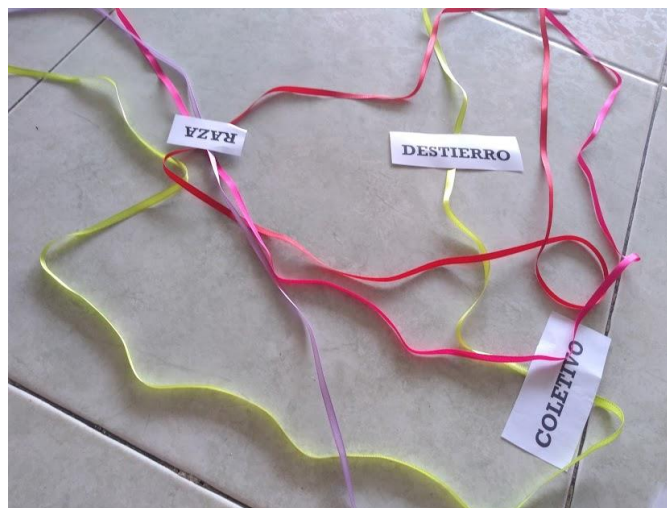
Vou observar estas táticas - essas ofensivas culturais emancipadoras – sob a perspectiva de encruzilhada apresentada por Rufino (2019). O autor recorre à “Exu como princípio cosmológico vinculado a uma problemática epistemológica que exige giros, transgressões e rebeldias frente aos processos de racismo/colonialismo epistemológico.” (RUFINO, 2019, p. 116) Neste sentido, produzir conhecimento a partir da encruzilhada é ter a possibilidade de “múltiplos caminhos, enquanto possibilidades e não certezas, pois a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos.” (RUFINO, 2019, p. 120)

Considero oportuno lançar mão da encruzilhada como operador conceitual justamente porque interessa observar, como já dito, a contundência das produções de conhecimentos feitas por juventudes que são recorrentemente vistas e representadas pela falta, pela carência, pelo estigma, pela incapacidade intelectual. Interessa compreender e sistematizar estas formas de se insubordinar e comunicar que desafiam as epistemes eurocentradas e nos convidam a limpar as retinas monorracionais para focar nas fronteiras, intersecções, encruzilhadas e suas tantas possibilidades de conhecimentos.

Como diz Rufino (2019, p. 120-121): “para nós que vivemos em mundo que edificou seus regimes de verdade a partir da interdição e da descredibilização da diversidade, nos resta lançar nossos dilemas na encruza, rasurá-los e reinscrevê-los de

forma cruzada”. A imagem da encruzilhada, por sua vez, também dialoga de forma acertada com a noção de teia-tese, como ajuda a visualizar a imagem a seguir.

**Figura 6** – Detalhe da teia durante oficina realizada com jovens em Cali/CO



Fonte: autoria própria

Importante ressaltar, ainda, que para desenvolver este estudo, foi fundamental dialogar com diversas iniciativas e estudos que trazem temáticas e abordagens metodológicas similares, como a Universidade das Quebradas<sup>23</sup>, o projeto Encontro de Saberes<sup>24</sup>, a Escuela Sociopolítica entre Mujeres<sup>25</sup>, a UNIperiferias<sup>26</sup>, entre outras. Tão importante quanto foi ter tido acesso a produções acadêmicas feitas por interlocutoras/es da tese que nos brindam com reflexões aprofundadas sobre as práticas desenvolvidas pelos coletivos que integram, a exemplo dos trabalhos de Natureza França, Marina Lima, Johan Andrés Rodríguez García e Mauricio Jaramillo<sup>27</sup>.

Mesmo que muitas vezes estas experiências não saibam uma da existência da outra ou não dialoguem entre si, acabam participando de uma construção muito mais ampla que busca por mudanças substanciais nos papéis desempenhados por espaços de formação

<sup>23</sup> Disponível em: <https://universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>. Acesso em 18 nov 2021.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://encontrodesaberes.tumblr.com/>. Acesso em 18 nov 2021.

<sup>25</sup> Disponível em: [https://www.casaculturalchontaduro.com/?lineas\\_de\\_accion=lineas-de-accion](https://www.casaculturalchontaduro.com/?lineas_de_accion=lineas-de-accion) Acesso em 18 nov 2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://uniperiferias.org/home> Acesso em 18 nov 2021.

<sup>27</sup> “Hacia una comunicación empoderadora: significados y expresiones de la participación comunitaria en la propuesta comunicativa de la Asociación Casa Cultural ‘El Chontaduro’” (2014), de Mauricio Balanta Jaramillo; Radio comunitaria A Ritmo de Ladera; una propuesta comunicativa de participación por jóvenes en la comuna 1 de Cali- Colombia” (2015), de Johan Andrés Rodríguez García; “A Corda Samba de Roda: corpo, memória e poder na comunidade de Tubarão” (no prelo), de Natureza França; “As narrativas das jovens escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador” (no prelo), de Marina Lima, do Coletivo Cutucar.

como escolas e universidades. São experiências que se configuram como contra narrativas que vão muito além dos diagnósticos.

Foi em trama, em diálogo com todas/os estes/as tecedores/as de saberes que surgiram as perguntas centrais deste estudo. Elas se espalham pelo chão-teia: Quais são as respostas que as juventudes que caminham comunitariamente estão dando para as violências às quais estão submetidas? Como ressignificam os territórios – a começar pelo próprio corpo – para que se tornem ferramentas de luta, rasura e ruptura? Que formas outras de letramentos, ação cultural, ação política, espaço/equipamentos culturais, centros/periferias constroem os/as jovens organizados/as em coletivos? Quais aprendizagens nos trazem essas práticas culturais contestatórias assentadas nos chãos do cotidiano?

Não é pretensão trazer respostas definitivas a estas e tantas outras questões que surgem ao longo do processo. O desejo é que os diálogos gerados a partir destas indagações-moventes estejam sistematizados de forma que possam contribuir para fortalecer a atuação dos coletivos culturais, bem como para somar a outros estudos que vêm convidando a universidade a olhar para as periferias sob o paradigma da potência.

E, sobretudo, para que a pesquisa – feita dentro de uma universidade pública - possa contribuir para fortalecer a ação política, seja a política cotidiana de moradores dos centros marginalizados, seja a política institucional que deve ser atravessada pelos saberes e fazeres dessas e desses profundos conhecedores das dinâmicas de exclusões das cidades, para que assim seja possível pensar ações concretas de garantia de direitos às populações subalternizadas que contemplem os distintos modos de construir e difundir conhecimentos. Neste sentido, vale frisar que o desafio desta teia-tese é, acima de tudo, cumprir o pacto de confiança firmado com todos/as interlocutores/as que aceitaram partilhar seus saberes-sentires de peito aberto.

Em um contexto de intermitente e assustadora retirada de direitos e ameaça à democracia nos países latino-americanos como um todo, incluindo o Brasil e a Colômbia, essas contribuições se tornam ainda mais urgentes e necessárias. Evidentemente, mais difíceis. Mas, como nos lembra Evaristo (2016): “Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer”.

## 2.3. O PERCURSO

**Figura 7** - Registro da banca de qualificação da autora



Fonte: autoria própria

Estão espalhadas pelo chão dessa teia-tese – que a fotografia acima ajuda a materializar - as análises dos diálogos que tecemos, as referências teóricas que dão firmeza aos caminhos; as trocas feitas durante as orientações; os sentimentos despertados a cada *slam*<sup>28</sup>, sarau, oficina, manifestação de rua que participei; os ditos e os não ditos. Compõem o corpo da análise as atividades promovidas no âmbito da pesquisa (cursos, oficinas de escrita, *lives*, produção conjunta de artigos, encontros com as/os jovens); a participação enquanto observadora em ações realizadas – presencial e virtualmente – pelos coletivos e a observação sistemática das páginas de Instagram, Facebook e Youtube das iniciativas.

Cada troca tecida influenciou diretamente nos rumos tomados pela pesquisa e contribuiu para ampliar os parâmetros críticos utilizados para dialogar com os coletivos e com suas produções. Mapeei um amplo número de grupos para mostrar a diversidade de atuação, perfis, produtos, agendas de luta das iniciativas de arte e comunicação desenvolvidas nas periferias das duas cidades e estreitei a relação com alguns deles para fortalecer a possibilidade de intervenções concretas de incidência social e política e poder fazer análises mais aprofundadas de suas atuações e percepções. Optei por não fazer um estudo em profundidade com um número reduzido de coletivos, principalmente porque interessa mostrar a profusão das iniciativas e as recorrências entre elas.

---

<sup>28</sup> Os *slams* são campeonatos de poesia falada. As regras variam. Em geral, costuma haver um júri que avalia os/as poetas. Ao final, há uma premiação. Os *slams* organizados pelos grupos com os quais dialogamos reúnem diversos poetas das periferias que lançam seus versos-manifestos.



Para uma melhor compreensão do percurso metodológico, organizei o trajeto em quatro etapas, que descreverei adiante de forma mais detalhada. Porém, ressalto que o processo não foi linear, as etapas se entrecruzaram e se complementaram ao longo do caminho.

- 1) **Pré-campo:** mapeamento amplo das iniciativas; contato com atores estratégicos: lideranças comunitárias, representantes de organizações não governamentais, pesquisadores universitários, entre outras/os.
- 2) **Definição do “corpo da teia-tese”:** decisão sobre a cidade colombiana; composição do núcleo de co-pesquisadoras/es e definição de coletivos a serem analisados.
- 3) **Campo/Interação dialógica com os coletivos:** diálogos com as/os jovens; realização de ações de intervenção (*lives*, oficinas, cursos etc.); participação/observação das atividades promovidas pelos coletivos e acompanhamento das publicações e produções divulgadas nas redes sociais dos coletivos; processo continuado de diálogo com o grupo co-pesquisador.
- 4) **Produção da teia-tese/Devolução sistemática:** análise e escrita da teia-tese, em diálogo com o grupo co-pesquisador.

O “corpo da teia-tese” foi composto por três agrupamentos principais. O “grupo ampliado” contempla 173 coletivos (127 em Salvador e 46 em Cali). O “grupo reduzido” é formado por 28 coletivos (15 em Salvador e 13 em Cali) e o “grupo co-pesquisador” conta com representantes de 4 coletivos (4 em Salvador e 2 em Cali): Colectivo A La Hora 30 (Miguel Anacona Rodríguez, Ángel González Nupan, Gabriela Díaz e Sofía Giraldo); Rádio A Ritmo de Ladera (Johan Andrés Rodríguez García); Reprotai (Tatiane Anjos); QUIAL Tubarão (Natureza França) e Coletivo Cutucar (Vaguiner Braz, Marina Lima e Raiane Vasconcelos).

Também integram esse grupo duas estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (IHAC/UFBA): Alana Barbosa e Verena Vieira e o professor Carlos Bonfim e a professora Gisele Nussbaumer. O “grupo reduzido” apresento brevemente no quadro abaixo, pois ao longo da teia-tese, as/os jovens terão a oportunidade de falar por si próprias/os sobre suas iniciativas.

**Tabela 1** – Coletivos de arte e comunicação em Salvador

Nome	Descrição
<b>Casa La Frida</b>	Criada em 2015 pela jovem soteropolitana Lívia Suarez, a Casa La Frida é definida por suas integrantes como um “um empreendedorismo social orgânico e empoderador, criado por mulheres negras e feito por mulheres negras”. Definem-se como um movimento. Realizam uma série de atividades: eventos, oficinas, palestras, cursos, restauro de bicicletas, bate papos com mulheres negras e não negras, eventos de bicicleta, implementação de bicicletários em universidades e escolas públicas, saraus, produção de documentários etc. Tem como foco “incentivar o uso da bike como modal de transporte sustentável e econômico e a independência financeira de mulheres negras”. As integrantes são todas jovens mulheres negras e o público principal de suas ações é de meninas e mulheres negras. Entre as agendas de atuação, destacam-se pautas como a equidade de raça, enfrentamento ao genocídio da juventude negra, feminismo negro, empreendedorismo, entre outras. Com relação às linguagens artísticas e comunicacionais que prevalecem na atuação da Casa La Frida, destacam-se a poesia, literatura, grafite e o audiovisual. Entre os projetos desenvolvidos, destacam-se o “Preta, vem de Bike!” e “Pretinha, vem de Bike!”, a “Movimenta La Frida”, o “Sarau La Frida” e o “Preta empreende”. Possuem sede própria, localizada no bairro do Santo Antônio Além do Carmo (região do Centro Histórico de Salvador) e fruto de um fundo obtido junto à Frida Kahlo Foundation, instituição que fornece investimento a ações feministas e de impacto social.
<b>Coletivo Cutucar</b>	O Coletivo Cutucar foi criado em março de 2013 por jovens artistas moradores de comunidades do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Vaguiner Braz, Marina Lima e Raiane Vasconcelos. As principais atividades que realizam são coberturas audiovisuais, exposições fotográficas, oficinas, palestras, cursos, produção de conteúdo para redes sociais e produção audiovisual. Entre as agendas de atuação destacam-se pautas como Direito à Comunicação, Acessibilidade e Direito à Cidade, equidade de gênero e raça, feminismos e o enfrentamento ao genocídio da juventude negra. Utilizam diversas linguagens: poesia, fotografia, grafite, audiovisual etc. Com relação ao perfil do grupo: autodeclararam-se negras e negros, têm mais de 30 anos, possuem formação universitária e trabalham com arte e comunicação. O público principal de suas ações são crianças, adolescentes, jovens, adultos, mulheres, População LGBTQIA+ e comunidades tradicionais. Atuam prioritariamente na região do Subúrbio Ferroviário. Não têm sede fixa. Entre os principais projetos, destacam-se a Exposição Fotográfica Mocambos Marginais, Cinemão e Cine Comum.
<b>Coletivo ZeferinaS</b>	O Coletivo ZeferinaS foi criado em 2016. É composto por oito integrantes: Amanda Denis, Ayala Santana, Jaqueline Ferreira, Jênifer Oliveira, Juh França, Mariana Oxente Gente, Rool Cerqueira e Vanessa Coelho – todas mulheres negras cis e trans com idades entre 18 e 29 anos. O coletivo concentra a atuação em Cajazeiras, bairro onde moram as artistas. Promovem saraus, publicam livros, fazem intervenções poéticas em transportes coletivos de Salvador, participam de eventos institucionais, escolas, fóruns, seminários, órgãos públicos, universidades públicas e privadas etc. Feminismos negros, enfrentamento ao genocídio da juventude negra, Direito à Cidade são algumas de suas agendas de ativismo. Poesia, capoeira, música e audiovisual são as principais linguagens utilizadas em suas atividades. O coletivo não tem sede própria. Atuam em vários bairros da cidade e dentro dos ônibus.
<b>Coletivo Incomode</b>	O Coletivo Incomode é “um grupamento de artistas, ativistas e mobilizadores sociais que lutam contra o hipeerencarceramento e extermínio da juventude negra, feminicídio, lgbtfobia e intolerância religiosa”. Foi criado em 2018, no âmbito das ações do projeto Juventude Negra e Participação Política (JNPP), realizado pela ONG CIPÓ-Comunicação Criativa. Promovem batalhas de hip hop, slams, cursos, oficinas, atos de rua e eventos diversos. A poesia, a música e o hip hop são as principais linguagens

	<p>utilizadas pelo grupo. O enfrentamento ao genocídio da juventude negra é a principal pauta do coletivo. Não possuem sede e atuam em vários bairros de Salvador e da Região Metropolitana, porém concentram as ações no Subúrbio Ferroviário de Salvador, região onde moram boa parte dos integrantes do coletivo. São cerca de 100 pessoas que integram o grupo, a maioria é negra e feminina e as idades variam de 17 a 80 anos.</p>
<p><b>QUIAL - Associação Cultural Quilombo Aldeia Tubarão/Favela Revela</b></p>	<p>O QUIAL - Associação Cultural Quilombo Aldeia Tubarão começou a ser gestado em 2015, então com o nome Quilombo A Corda, mas foi em 2019 que começou a realizar os primeiros encontros enquanto QUIAL. Atua em Tubarão, Paripe, bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Promove projetos de turismo comunitário, oficinas artísticas gratuitas para a comunidade, projetos de estímulo à leitura, sambas de roda, rodas de capoeira, festas populares e produções audiovisuais. Suas ações são voltadas para toda a comunidade, com destaque para crianças, adolescentes, jovens e mulheres. O QUIAL sedia projetos como a Plataforma Multimídia Favela Revela, onde dez jovens de periferias de Salvador e Rio de Janeiro pesquisam, criam, produzem e promovem conteúdo de valorização das ações e potenciais das periferias em todo o Brasil. Suas ações são destinadas a um público amplo, sem distinção de faixa etária, identificação étnico racial ou de gênero. Com relação ao perfil do grupo, a maioria é negra e feminina, com idades entre 18 e 29. Também há no grupo pessoas com mais de 30 anos. No ano de 2021, o Favela Revela passou a fazer parte do QUIAL – Associação Cultural Quilombo Aldeia Tubarão, cuja sede já era espaço de encontro das/os jovens do grupo que moram no Subúrbio Ferroviário. A decisão foi tomada como forma de fortalecer a captação de recursos e, assim, garantir a permanência das/os jovens na produção de conteúdos para a plataforma e na realização de ações de produção cultural. Fazem parte atualmente do QUIAL/Favela Revela: Natureza França, Davi Bahia, Adailton Paz e Pólen Acácio.</p>
<p><b>Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA)</b></p>	<p>O JACA atua no bairro de Cajazeiras, em Salvador desde 2004. O coletivo desenvolve uma série de atividades educativas e artísticas, promove saraus mensais de poesia e já contribuiu para formar muitos/as jovens poetas na região. Definem-se como “uma organização da comunidade, pela comunidade e com a comunidade”. Destacam-se ainda pelo trabalho com metarreciclagem, que prevê o reaproveitamento e elaboração de tecnologia a partir de resíduo tecnológico. Oferecem oficinas, cursos e outras atividades gratuitas para a comunidade. Promovem batalhas de <i>hip hop</i>, rodas de capoeira, produzem livros, participam de debates, entre outras ações. O enfrentamento ao genocídio da juventude negra é uma das agendas de luta do coletivo, assim como a defesa do direito à cidade, à cultura e à comunicação e a promoção da equidade de raça e gênero. As ações do JACA são destinadas a um público amplo, sem distinção de faixa etária, identificação étnico racial ou de gênero. Utilizam diversas linguagens artísticas: grafite, poesia, fotografia, música, capoeira, teatro, dança, artes visuais, audiovisual. Sobre o perfil dos integrantes, a maioria é negra e masculina. Há jovens com idades entre 18 e 29 anos e adultos com mais de 30. A sede do JACA é um grande galpão localizado em Cajazeiras. Integram o coletivo: Marcos Paulo Silva, Cairo Costa, Marivaldo Gomes Gonçalves e Tiago Jesus.</p>
<p><b>Levante Popular da Juventude em Salvador</b></p>	<p>O Levante Popular da Juventude se define como “um movimento de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade”. Nasce em 2005. É um movimento nacional, com células estaduais e municipais de ação. Organizam-se em quatro principais frentes: Estudantil, Territorial, Campesina e Secundarista. Entre as atividades que realizam, estão oficinas, eventos, intervenções artísticas, manifestação de rua, acampamentos de juventudes, entre outras. As agendas de luta são amplas: direito à cidade, à comunicação, à educação, à saúde, à moradia, à participação política etc. Defendem a equidade de gênero e raça e o enfrentamento ao genocídio da juventude negra. Adolescentes e jovens do campo e da cidade são o público principal do movimento, bem como o perfil de suas/seus integrantes. Não possuem sede fixa em Salvador.</p>

<p><b>NORDESTeuSOU</b></p>	<p>O NORDESTeuSOU é um portal comunitário de notícias criado em 06 de agosto de 2011 por Jefferson Borges, morador do Nordeste de Amaralina, em Salvador. A missão do portal é “desfazer o mito de que a comunidade do Nordeste de Amaralina é dominada pelo crime, divulgando ações de esporte, lazer e entretenimento dentro da comunidade bem como notícias externas que direta ou indiretamente possam beneficiar a população da mesma”. Egresso da ONG Cipó-Comunicação Interativa, Jefferson foi ao longo dos anos agregando outras e outros jovens – a exemplo de Saulo Moura - para participar da iniciativa que começou como um jornal de bairro. Posteriormente, lançaram o portal online e foram ampliando o alcance aos poucos. Hoje, são afiliados da ONG A Voz das Comunidades, uma iniciativa de comunicação comunitária criada por René Silva, jovem comunicador do Rio de Janeiro. O Nordeste Eu Sou é formado por jovens e adultos, em sua maioria negros e negras e moradores do complexo do Nordeste de Amaralina que reúne uma série de bairros e tem uma grande densidade populacional.</p>
<p><b>Sarau da Onça</b></p>	<p>O Sarau da Onça foi fundado em 08 de maio de 2011 por um grupo de amigos do bairro de Sussuarana, em Salvador. Sandro Sussuarana e Evanilson Alves estão entre os fundadores do coletivo. As principais atividades que realizam são o Sarau e os Slams Da Onça. Também participam e promovem debates, seminários, cursos, oferecem oficinas de poesia em escolas, produzem livros, realizam festivais e feiras literárias, entre outras atividades. Os eventos são abertos a qualquer pessoa, independente de raça, religião, orientação sexual, idade ou segmentação política. O enfrentamento ao racismo, ao machismo, ao genocídio da juventude negra são as principais agendas de luta do grupo. Promover o direito à cultura, à comunicação, à educação é prioridade do Sarau da Onça. A principal linguagem é a poesia, mas trabalham com <i>hip hop</i>, grafite e produção audiovisual. Com relação ao perfil dos seus/suas integrantes, a maioria é negra, masculina e com idade igual ou superior a 30 anos. As atividades acontecem em Sussuarana, na sede do Centro Pastoral Afro (CENPAH).</p>
<p><b>Rede de Jovens Protagonistas de Itapagipe (Reprotai)</b></p>	<p>A Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe (Reprotai) é uma rede fundada em agosto de 2004 por adolescentes e jovens da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia, Associação Livre dos Moradores de Mangueira e Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON). Atualmente fazem parte da Rede mais de 100 crianças, adolescentes e jovens e 15 educadores/monitores. Há um equilíbrio de gênero entre as/os participantes e grande maioria autodeclara-se negra. A Rede atua na Península de Itapagipe, região de Salvador formada por 14 bairros. Desenvolvem uma série de atividades voltadas para crianças, adolescentes e jovens da região, bem como para suas famílias: oficinas de estamparias, música, informática, estética, bijuterias e artesanato para os adolescentes e jovens. Promovem saraus, festivais de arte, batalhas de <i>hip hop</i>, desfiles de moda, seminários, produção de livros, produção audiovisual etc. A Reprotai incentiva e articula a criação de grupos culturais formados por jovens da Península de Itapagipe e apoia o Espaço Cultural Alagados, um equipamento público localizado no bairro do Uruguai e gerido pelo governo do Estado da Bahia. Suas bandeiras de luta são amplas: acesso à moradia de qualidade, à educação e saúde públicas e de qualidade, acesso à universidade pública, enfrentamento ao genocídio da juventude negra, promoção da equidade de raça e gênero, entre outras. A Reprotai atua fortemente com incidência política, ocupando espaços estratégicos como o Conselho Estadual da Juventude.</p>
<p><b>Slam das Minas - BA</b></p>	<p>O Slam das Minas é um movimento nacional de poesia periférica feminina. Em março de 2017, Dricca Silva, Fabiana Lima, Jaqueline Nascimento e Ludmila Laísa – jovens moradoras do bairro do Cabula - criaram o núcleo Slam das Minas BA. De acordo com elas, “com a intenção de fortalecer a escrita, declamação, e participação da poesia feminina, de mulher para mulher, como forma de combate ao machismo e a todo tipo de discriminação”. O grupo é formado por mulheres negras (cis e trans) moradoras de bairros periféricos. Suas agendas de luta são amplas: direito à comunicação, educação, enfrentamento ao genocídio da juventude negra, promoção da equidade de raça e gênero, entre outras. Promovem slams, saraus, festivais, oficinas de poesia, entre outras</p>

	atividades. Administram o Slam das Minas de forma coletiva, cada uma e todas ao mesmo tempo divulgando, fazendo cenário, divulgação, apresentação etc.
<b>Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru</b>	“A Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru é uma organização comunitária, autônoma e quilombola localizada no bairro do Arenoso, em Salvador, Bahia”. É assim que a iniciativa é apresentada nas redes sociais. Segundo seus idealizadores, a Biblioteca foi inaugurada em novembro de 2015, mas já estava em processo de criação desde 2013. A atuação se dá em rede, de forma articulada com outras organizações comunitárias do entorno, como o JACA e o curso pré-vestibular Quilombo do Orobu, em Cajazeiras e com o coletivo de arte popular A Pombagem que conta com membros dos bairros de São Caetano e Fazenda Grande. O espaço funciona como biblioteca, ofertando livros para a comunidade e como equipamento cultural onde são realizados cursos, oficinas, apresentações artísticas, festivais etc. Entre as bandeiras de luta estão o enfrentamento ao genocídio da juventude negra, o direito à cultura, educação, comunicação, entre outras. Os integrantes são em sua maioria homens com mais de 25 anos e que se autodeclararam negros. Entre eles, estão Diego Santos, Lucas Barbosa e Quelmonis Souza.
<b>Rap 071</b>	O Rap071 é um site de jornalismo cultural, criado em 2016, que cobre os acontecimentos, eventos e atores da cena rap e hip hop da Bahia. Criado pelos jornalistas Pedro Enrique Monteiro e Gabriel Soares, durante o Trabalho de Conclusão de Curso, o site pretende cobrir os principais eventos, acontecimentos e atores do rap soteropolitano. Segundo seus idealizadores, o Rap 071 pretende dar visibilidade ao cenário do rap soteropolitano que não tem espaço nas grandes mídias, mas que possui público expressivo nas suas manifestações. O site traz conteúdos multimídia e interativo, abrangendo os gêneros jornalísticos entrevista, notícias e reportagens, além de atividades como a cobertura e divulgação de eventos.
<b>Coletivo Mojubá</b>	O Mojubá se apresenta nas redes sociais como “um empreendimento de jovens negras e negros comunicadoras/es do Subúrbio Ferroviário de Salvador que utiliza como princípio a economia solidária e o desenvolvimento sustentável”. Fundado em 2019, a partir de um projeto realizado pela ONG CIPÓ-Comunicação Interativa, o coletivo atua na área de comunicação, com as linguagens do audiovisual, fotografia, gestão de mídias sociais e com produção cultural. Prestam serviços remunerados nestas áreas, como forma de garantir a sustentabilidade de suas/seus integrantes e, conseqüentemente, do coletivo. Não possuem sede fixa e costumam realizar reuniões e outras atividades em espaços comunitários, a exemplo da sede da Associação dos Moradores de Plataforma (AMPLA). Atuam na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador. As/os integrantes têm entre 18 e 29 anos, a maioria é feminina e se autodeclara negra.
<b>Acervo da Laje</b>	O Acervo da Laje foi fundado em 2011 e está situado no bairro de Plataforma. É um espaço que abriga centenas de obras artísticas e históricas sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Segundo suas/seus realizadoras/es, sua “função é expor a beleza produzida pelos artistas da periferia e buscar trazer uma visibilidade positiva para o território, mostrando, in loco, as obras produzidas pelos artistas”. Uma de suas funções é promover o encontro entre as pessoas da periferia e a arte produzida no território, procurando analisar os impactos que a beleza e a produção artística podem trazer no enfrentamento às situações de violência presentes nas trajetórias de jovens e adolescente. É, também, um espaço de pesquisa, extensão e intervenção, que procura promover novos conhecimentos sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador. O espaço conta com quatro salas de exposição, além de várias bibliotecas de livros históricos, autografados, história da Bahia, história do futebol, poesia baiana, economia, educação, juventude, música, livros raros, coleções, livros, dissertações e teses sobre o Subúrbio e acervo geral. O Acervo da Laje é uma iniciativa de adultos – idealizada pelo professor e pesquisador José Eduardo Ferreira Santos e a professora Vilma Soares, sua esposa -, porém conta com jovens na coordenação e articulação das ações.

Fonte: autoria própria

**Tabela 2** – Coletivos de arte e comunicação em Cali

Nome	Descrição
<p><b>Colectivo A La Hora 30</b></p>	<p>O Colectivo A La Hora 30 é formado por Gabriela Díaz, Sofía Giraldo, Angel González Nupan e Miguel Anacona Rodríguez, jovens que vivem e atuam no Distrito de Aguablanca, em Santiago de Cali, na Colômbia. Integram a Plataforma Local de Juventud Comuna 13, composta por dez coletivos. Nasceram enquanto coletivo em 2018 e possuem três principais linhas de trabalho: promoção e exaltação do uso da bicicleta; defesa, promoção, plantio e cuidado das zonas verdes do Distrito de Aguablanca e o sentido de pertença ao bairro. Definem-se como “um coletivo jovem que tem estado em um processo de crescimento e de (re)aprender a olhar ‘<i>el pedazo</i>’ (nosso território)”. Direito à cidade, à mobilidade urbana, à moradia de qualidade, à educação, à cultura, à alimentação saudável são algumas das agendas de luta do coletivo. Entre as atividades que realizam destacam-se os <i>bicipaseos</i>, encontros de bicicleta que reúnem diversos ciclistas e ativistas, os cinemas comunitários, produção audiovisual, oficinas artísticas, criação de hortas comunitárias, participação em atos de rua, debates etc. O Coletivo A La Hora 30 não possui sede fixa. Os encontros costumam acontecer em espaços públicos do Distrito, na casa das/os jovens ou na sede de coletivos e organizações parceiras.</p>
<p><b>Con Sentido Colectivo: Hilando Vida y Tejiendo Comunidad</b></p>	<p>O Con Sentido Colectivo: Hilando Vida y Tejiendo Comunidad nasceu em 2014. Em 2020, durante o início da pandemia de Covid-19, o coletivo se desmobilizou. As/os ativistas seguiram em articulações comunitárias, porém não mais enquanto Consentido Colectivo. Enquanto estiveram atuantes, tinham as bibliotecas comunitárias Gabo e J. Raíz como sedes de suas atividades. São bibliotecas públicas localizadas no Oriente de Cali, nos bairros Mariano Ramos e República de Israel, respectivamente. Ambos pertencem à Comuna 16 que, por sua vez, integra a região conhecida como Oriente de Cali. Junto à comunidade, realizavam oficinas de escrita, artes plásticas, grafite, entre outras linguagens artísticas para crianças, adolescentes, jovens e idosas/os da comunidade. Na Biblioteca Gabo o foco eram adolescentes e população idosa e na J. Raíz crianças e adolescentes. Com relação ao perfil das/os integrantes do coletivo, todos moram no Distrito de Aguablanca. A maioria é mulher e as idades são variadas: desde adolescentes de 16 anos, jovens com menos de 30 anos a adultos com mais de 50.</p>
<p><b>Fundación Alfombra Mágica</b></p>	<p>O grupo, formado por jovens moradores do Distrito de Aguablanca nasce com “o objetivo de defender o direito de sonhar de crianças e adolescentes da Comuna 13”. As atividades foram iniciadas em 2007 e, em 2011, formalizaram-se como fundação. No início as ações eram concentradas nessa <i>comuna</i>, mas, ao longo dos anos foram se expandido a outras localidades como Poblado 1, El Vergel, Marroquín, Omar Torrijos e Mojica. As ruas foram se transformando em espaços culturais, parques, bibliotecas, estúdios fotográficos e cabines de rádio. Denominada de <i>La Calle es Nuestra</i>, a proposta pedagógica do coletivo tem como foco transformar os indicadores de violência por meio da cultura (literatura, fotografia, dança, rádio, brincadeiras). O público prioritário das ações são as crianças. Entre as agendas de luta destacam-se o direito à cidade, à cultura, à educação, à memória, ao lazer. Em 2019, o grupo começou a se desarticular. Dois integrantes continuaram a realizar as ações baseadas na pedagogia <i>La Calle es Nuestra</i> com as crianças do Distrito, porém, em 2020, com o início da pandemia de Covid-19 e o risco de contaminação, as atividades haviam sido suspensas.</p>
	<p>A Fundación Um Distrito en Paz é definida por seus realizadores como uma organização juvenil e não governamental constituída legalmente em 2016. A FUNDP “ressignifica hábitos, identifica problemas, mapeia organizações e constrói coletivamente ações que contribuem para o desenvolvimento do <i>barrismo social</i> a partir dos territórios para construir um melhor país futebolista”. O grupo é formado por adolescentes e jovens moradores do Distrito de Aguablanca. Tendo o futebol como centro de todas as suas atividades, promovem oficinas, debates, participam de atos</p>

<p><b>Fundación Um Distrito em Paz (FUNDP)</b></p>	<p>públicos, promovem torneios esportivos, criam hortas comunitárias, desenvolvem ações educativas em escolas, realizam produções audiovisuais etc. Suas agendas de luta estão ligadas ao enfrentamento à violência juvenil, à promoção do direito ao esporte, ao lazer, à cidade, à cultura, à educação ambiental, à segurança alimentar, entre outros temas. Promovem ações humanitárias, como distribuição de alimentos para a população do Distrito. Com relação ao perfil dos integrantes a maioria é masculina, com idades entre 18 e 29 anos. Entre os programas criados pelo grupo, estão: “<i>Escuela Futbolera</i>”, “<i>Fundportes</i>”, “<i>Ambiencalizate</i>”, “<i>Dpelícula</i>”, “<i>Observatorio futbolero</i>”, “<i>Fundpinceles</i>”, “<i>Guías Dporturísticos</i>”, além do projeto de empreendimento “<i>Tienda Deportiva Bolfut</i>”. Em 2021, conseguiram uma sede fixa, na Comuna 21, no Distrito de Aguablanca.</p>
<p><b>Mesa de Gráfica Urbana</b></p>	<p>A Mesa de Gráfica Urbana é uma organização de coletivos e artistas gráficos urbanos da cidade de Cali que “buscam gerir, apoiar e realizar atividades voltadas para o crescimento da arte na cidade por meio de projetos pedagógicos, eventos e atividades culturais”. A organização foi criada em 2017. O principal evento que realizam é o “<i>Borondo Festival de Gráfica Urbana de Cali</i>”, organizado por artistas caleñas/os com o objetivo de conhecer e transformar a cidade. Destacam-se também pelas <i>tomas de grafite</i> que consistem em eventos de grafite que reúnem artistas gráficos e grafiteiros de várias partes da cidade. Com relação ao perfil das/os integrantes, são cerca de 30 artistas moradores de diferentes regiões da cidade (desde as mais empobrecidas às mais favorecidas economicamente). Há um equilíbrio de gênero e as idades são variadas: desde adolescentes de 14 anos, a jovens com menos de 30 anos e adultos com mais de 40. Não possuem sede fixa, porém utilizam como ponto de encontro a La Grafiteria, um café e galeria situado numa região considerada central de Cali.</p>
<p><b>Plataforma Local de Juventud Comuna 13 (PLJ-C13)</b></p>	<p>A Plataforma Local de Juventudes de la Comuna 13 (PLJ-C13) é um espaço institucional de participação das organizações juvenis do Oriente de Cali. A Plataforma é um dos mecanismos de participação previstos no Estatuto de Ciudadanía Juvenil (Ley 1622 y 1885). A partir desse espaço, as/os jovens podem monitorar e contribuir com a elaboração de políticas de juventudes. Compõem a PLJ-C13 adolescentes e jovens de idades variadas, todas/os moradores do Distrito de Aguablanca. Na palavra delas/es: “A Plataforma Juvenil motiva os jovens para que sigam a luta e façam resistência para a própria ação de sua zona, seu ‘pedazo’, nosso território”. Ao todo, 10 coletivos integram a Plataforma e trabalham com linguagens artísticas diversas: grafite, <i>hip hop</i>, música, dança etc. Não possuem sede fixa, as atividades acontecem nas ruas, quadras, espaços comunitários, na casa das/os jovens ou nas sedes de organizações parceiras.</p>
<p><b>Rádio A Ritmo de Ladera</b></p>	<p>A Ritmo de Ladera é definida por seus integrantes como “um coletivo radial que gera espaços de encontro comunitário com organizações sociais”. Criado em 2011, na Comuna 1, região considerada periférica de Cali, o coletivo mantém no ar uma rádio web comunitária. O direito à comunicação, à cidade, à cultura, à educação e o enfrentamento à violência juvenil, ao racismo, à desinformação e ao discurso de ódio estão entre as agendas de luta do grupo. Entre as atividades que promovem estão a produção sistemática de programas de rádio sobre temas sociais, comunitários, políticos de relevância para a população periférica de Cali, a realização de oficinas de comunicação, a participação em atos públicos, debates e outros eventos. Sobre o perfil dos integrantes, a maioria é masculina, jovem e adulta. A rádio é transmitida via página de Facebook do grupo. Não possuem sede fixa, costumam contar com espaços comunitários e equipamentos públicos para fazer as gravações e entrevistas.</p>
<p><b>Tikal Producciones</b></p>	<p>A Tikal Producciones foi fundada em 2003 por Eduardo Montenegro, que segue à frente da iniciativa. É definida por suas/seus realizadoras/es como “uma organização cultural especializada em desenhar e implementar processos de comunicação alternativa que contribuem para o fortalecimento de dinâmicas comunitárias de gestão sociocultural”. Realizam projetos de valorização da memória, identidade e defesa do território e dos Direitos Humanos de forma mais ampla. Dedicam-se a criar estratégias pedagógicas e plataformas para criação e circulação de dispositivos comunicativos. São parceiros na realização do Festival Nacional Cine y Video Comunitario del Distrito de</p>

	Aguablanca (FESDA). O coletivo é formado por jovens e adultos da Comuna 3, na região conhecida como <i>Laderas</i> . Possuem várias produções audiovisuais e têm a promoção e garantia do Direito à Comunicação como uma de suas principais bandeiras de luta.
<b>FESDA</b>	A Asociación FESDA nasce a partir da consolidação do projeto Festival Nacional de Cine y Video Comunitario del Distrito de Aguablanca (FESDA). O evento reúne produtoras/es audiovisuais e comunicadoras/es comunitárias/os do Oriente de Cali. Segundo suas/seus realizadoras/es, o objetivo da iniciativa é contribuir para a divulgação e formação em cinema comunitário para a população do Distrito de Aguablanca e possibilitar a difusão de iniciativas comunitárias que têm pouco espaço nos meios massivos de comunicação. O FESDA se constituiu oficialmente como organização independente em 2018, porém já era realizado como um projeto do Colectivo MEJODA desde 2007.
<b>Colectivo MEJODA</b>	É um coletivo de meios de comunicação alternativos formado por jovens do Distrito de Aguablanca. Segundo suas/seus idealizadores/as “é uma organização que cria processos de comunicação comunitária e alternativa que visibilizam as dinâmicas juvenis na sociedade e promovem a participação dos jovens nos cenários de participação política”. Atuam na região do Oriente de Cali desde 2006 e nascem a partir da iniciativa de um grupo de jovens do Distrito de Aguablanca que precisavam de uma janela para existir suas produções audiovisuais. Possuem quatro linhas de atuação: formação, distribuição de filmes comunitários, produção audiovisual e laboratório de pós-produção. Atualmente, a liderança do grupo é compartilhada entre suas/seus integrantes que se dividem na execução dos diversos projetos do coletivo. É parceiro na realização do FESDA. O Direito à Comunicação é uma das principais bandeiras de luta do grupo.
<b>Asociación Casa Cultural El Chontaduro</b>	A Asociación Casa Cultural El Chontaduro é definida por suas/seus realizadoras/es como “um espaço para sonhar e construir um mundo diferente”. É uma organização social sem fins lucrativos que trabalha pela defesa dos direitos humanos, o cuidado ambiental, por meio da promoção e estímulo à leitura e formação artística de crianças, jovens e adultos/as. Possuem uma sede no bairro Marroquin III, no Distrito de Aguablanca. A organização tem quase 40 anos de atuação na região e é referência na luta antirracista, antipatriarcal e na valorização da cultura afrocolombiana. É uma iniciativa liderada por uma maioria adulta, porém conta com jovens na coordenação e articulação das ações. A Chontaduro possui três principais linhas de atuação: infância e juventude; gênero e investigação.
<b>Fundación Hip Hop Peña</b>	É uma ONG criada oficialmente em 2008 por iniciativa de jovens integrantes da agremiação de Rap Zona Marginal da comuna 16. Segundo seus/suas realizadores/as, a organização impulsiona a liderança e a participação de crianças e jovens em processos de desenvolvimento comunitário por meio das linguagens artísticas. Com este objetivo são realizados diversos projetos com meninos e meninas das comunas 13, 14, 15, 16 e 21, no Oriente de Cali. Promovem festivais como o “Festival Ciudad Hip Hop”, encontros de <i>break</i> , oficinas artísticas em escolas, além de apoiarem iniciativas de alcance nacional.
<b>Colectivo Nueva Era</b>	Coletivo formado por jovens moradores do Distrito de Aguablanca que atuam principalmente com <i>hip hop</i> . São uma das organizações que integram a Plataforma Local de Juventud Comuna 13 do Distrito de Aguablanca. Promovem apresentação de <i>break</i> , oficinas para crianças, adolescentes e jovens. Não possuem sede fixa e atuam de forma articulada com os demais coletivos do território.

Fonte: autoria própria

Na escolha dos grupos, foi priorizada a garantia da diversidade das linguagens utilizadas e das ações realizadas; do perfil das/os integrantes e de seus territórios de



atuação, bem como a disponibilidade de conteúdos sobre os grupos nas redes sociais digitais e, principalmente, entre aqueles com os quais dialoguei diretamente, o desejo das/os ativistas de se integrarem à teia. Para garantir coerência com os objetivos deste estudo priorizamos aquelas iniciativas que têm as juventudes à frente dos processos e atuam em territórios violentados das duas cidades.

Como as relações estabelecidas com os grupos foram distintas, são diferentes os conteúdos gerados a partir das interações. Com alguns, foi possível estabelecer conversas com profundidade, envolvê-los em ações promovidas no âmbito da pesquisa, bem como monitorar as publicações feitas em suas redes sociais digitais. Com outros, me restringi ao acompanhamento das redes, bem como de suas ações e produções nas áreas artísticas e comunicacionais.

Desta forma, os instrumentos metodológicos criados – e recriados – foram múltiplos: diálogos individuais aprofundados, cartografia “Rede ao Redor” – da qual falarei mais adiante -, oficinas de escrita poética, curso virtual de escrita e autopublicação, curso de extensão via articulação com a universidade, escrita conjunta de artigos científicos, realização de *lives*, escrita conjunta de projetos culturais para editais públicos, participação em eventos (presenciais e virtuais) promovidos pelos coletivos, acompanhamento sistemático de suas redes sociais, entre outros. A figura abaixo ajuda a visualizar esse trajeto:

Figura 8 – Infográfico do percurso metodológico



Fonte: autoria própria com design de Valentina Garcia

Sigamos, pois, a teia para compreendermos melhor cada etapa e recursos metodológicos que a conformam...

## 2.4. DESCOLAR, DECOLAR, DESLOCAR

Para iniciar o voo comecei traçando uma rota. Iniciei os primeiros passos da pesquisa planejando a viagem à Colômbia. De início, seria um voo solo. Eu, a pesquisadora inquieta, que levaria na bagagem muitas perguntas, curiosidade e vontade de enxergar e sentir “para além de”. Mas, logo no início, durante as trocas constantes e intensas com Carlos Bonfim – que segue enredado na teia com sua fita encarnada -, percebemos que o voo não poderia ser feito sozinho. Em pouco tempo, menos de cinco meses, havíamos conseguido concretizar a ida de Alana Barbosa à Colômbia<sup>29</sup>.

E foi, assim, em trio – eu, Alana Barbosa e Carlos Bonfim, que não embarcou fisicamente com a gente para a Colômbia, mas esteve sempre bem perto – que começamos a traçar a rota deste voo. Descolar. Decolar. Deslocar. Um tripé necessário para toda investigação. O primeiro passo: permitir-se descolar das certezas, das respostas prontas, dos pré-conceitos que nos (de)formam, das estruturas enrijecidas, dos cânones, das amarras. Em seguida, decolar. Ir. Apenas se deixar ir. Arregaçar os ouvidos. Liberar os sentidos. Ir ali, no Arenoso que fica a pouco mais de 10km do bairro onde moro, ou lá em La Paz, no distrito de Aguablanca, em Cali, na Colômbia, a quase 10mil km.

Para decolar não é preciso, necessariamente, embarcar em um avião. Decolar é se permitir ser atravessado pela escuta atenta, pelo olhar inquieto, pelo respeito aos distintos lugares sociais. Pesquisar é descolar para decolar e, decolando, poder deslocar. Deslocar lugares pré-estabelecidos, verdades pré-concebidas, identidades pré-moldadas. É se deixar atravessar, o que está para muito além de querer atravessar o outro para validar uma tese pré-concebida sobre ele. Neste sentido, lado a lado com Fals Borda, compreendo a importância de “revelar o *modus operandi* da pesquisa como uma estratégia política de fortalecimento dos grupos subalternizados” (BORDA, 2012, p. 309), o que me coloca exposta a muitos atravessamentos. O deslocamento, afinal, só existe quando há atravessamentos.

E foi com muitos atravessamentos que realizamos a etapa de “pré-campo” da pesquisa que envolveu uma primeira viagem a duas cidades da Colômbia: Medellín e Cali, a conversa em Salvador com jovens de coletivos que já tínhamos contato, e a atualização do mapeamento dos coletivos já iniciada em Salvador e o início deste mesmo processo em Cali.

---

<sup>29</sup> Lançamos nas nossas redes de afeto (e nas redes sociais digitais) a campanha #ColombiAlana! que contou com um vídeo onde Alana explicava o motivo da viagem e solicitava apoio para realização do seu sonho. Alana também realizou bazar com roupas e acessórios doados por várias pessoas, fez rifa, entre outras ações. Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/latitudeslatinasLL/videos/2027486977293797/>. Acesso em 13 jun. 2019.

Essa primeira etapa foi fundamental para que a teia-tese começasse a ser tecida, para que os vínculos com as/os interlocutoras/es pudessem ser construídos e/ou fortalecidos, conhecimentos fossem compartilhados e assim fosse possível tomar as decisões necessárias para definir quais aspectos seriam priorizados e aprofundados nas etapas seguintes para conformar o “corpo da teia-tese”.

## **2.5. A TEIA COMEÇA A SER CONSTRUÍDA**

Pactuamos que o voo ia começar pela Colômbia, uma vez que já tínhamos mais proximidade com as experiências culturais lideradas por jovens nas periferias de Salvador. Era preciso nos acercarmos do país vizinho, para depois irmos aparando as arestas, tomando as decisões e delimitando o campo em nossa cidade. A princípio, quando o projeto inicial foi delineado, era Medellín que estava no meu radar por inúmeros motivos. O principal deles era o fato de a cidade ser referência no enfrentamento da violência e do crime organizado por meio da implementação de políticas integradas de saúde, educação, cultura e comunicação que contribuíram para retirar a cidade do *ranking* de mais violenta do mundo, marca que a acompanhou por mais de uma década. Grande parte das políticas de segurança no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, são influenciadas pelas ações desenvolvidas em Medellín. Sem contar a grande quantidade de coletivos e iniciativas culturais lideradas por jovens que se espalham pelas suas 16 *comunas* e mais de 275 bairros que compõem a cidade. Tive a oportunidade de compreender melhor a influência das políticas de Medellín em Salvador e no Rio de Janeiro quando atuei como consultora de comunicação em projetos de Segurança e Convivência Cidadã do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que são inspirados nas políticas de Medellín.

Porém, ainda durante a etapa de articulação da viagem, quando fizemos contatos virtuais com uma série de organizações e pessoas na Colômbia consideradas estratégicas para “preparar o terreno” por lá, surgiu outra cidade, Cali, que começou a ocupar um lugar de destaque no nosso planejamento. A sugestão para irmos a Cali partiu de conversas com o coordenador local do escritório Colômbia da TdH Suisse<sup>30</sup>, César Bedoya, que teve um papel muito importante em nossas articulações na cidade.

---

<sup>30</sup>A Terre des Hommes Suisse (TdH Suisse) é uma associação não lucrativa sediada na cidade de Genebra. Está presente em 10 países, na Ásia, África e América Latina, respectivamente: Índia, Burkina Faso, Mali, Senegal, Madagascar, Colômbia, Brasil, Peru, Bolívia e Haiti. No Brasil, a atuação está voltada para as áreas rurais do estado da Bahia, na região Nordeste. Atualmente, a TdH apoia duas organizações em Cali que desenvolvem projetos ligados diretamente às juventudes: Fundación Paz y Bien e Fundación Centro Cultural Comunitário Las Colinas (Cecucol). As duas organizações trabalham com jovens em situação de extrema vulnerabilidade,

Em Salvador, a definição da rota da pesquisa levou em conta as relações já estabelecidas com uma série de grupos de arte e comunicação de Salvador. Os cerca de 20 anos integrando e/ou atuando com coletivos e organizações comunitárias contribuiu para garantir um chão mais firme, um ponto de partida assentado em experiências bem anteriores ao processo de doutoramento.

Também me muni das informações mapeadas no projeto “Rede ao Redor: uma cartografia de coletivos juvenis de arte e comunicação em Salvador, Bahia”<sup>31</sup>, que, em sua primeira etapa, em 2016, havia identificado 106 iniciativas juvenis de arte e comunicação nas periferias da cidade. Em 2021, de forma articulada com a pesquisa, o mapeamento foi atualizado via aplicação de formulário eletrônico, conversas com integrantes dos coletivos, bem como observação das redes sociais digitais de cada grupo. Vale destacar a importância para este estudo do trabalho incansável de Valdeck Almeida, escritor, poeta e mobilizador cultural baiano que já catalogou mais de 50 saraus de poesia em diversos bairros das periferias de Salvador<sup>32</sup>.

Em Cali, o levantamento de coletivos foi feito em conjunto com grupos parceiros da pesquisa, bem como com insumos do projeto “Mapeando la Comunicación Comunitária en Cali”<sup>33</sup>. Destaco a contribuição do Colectivo A La Hora 30 que se colocou à disposição para contribuir com a identificação dos coletivos locais. Para garantir coerência com os objetivos deste estudo, priorizamos aquelas que têm as juventudes à frente dos processos, não possuem necessariamente formalização jurídica e atuam em territórios violentados das zonas urbanas das duas cidades.

É importante ressaltar que o processo de identificação dos grupos se deu de forma muito generosa em ambas as cidades. Em cada diálogo que fazíamos nossos/as interlocutores/as nos muniam de muitos outros contatos. E uma teia potente foi se delineando. De CEP em CEP fomos tecendo uma consistente cartografia de iniciativas, táticas, formas de se insubordinar e comunicar lideradas pelas juventudes das quebradas.

Na Colômbia, a primeira viagem feita com o objetivo de iniciar as atividades de campo nos permitiu – a mim e a Alana - circular por Medellín, Cali, Manizales e Bogotá. Nestas cidades, visitamos as sedes de organizações não governamentais, coletivos, espaços culturais. Transitamos por distintos bairros, dialogamos com jovens, lideranças sociais,

---

muitos/as deles/as vítimas do conflito armado. Como mencionei no início, sou consultora da TdH no Brasil para temas ligados a juventudes, comunicação e participação política.

<sup>31</sup> A Rede ao Redor é um projeto vinculado ao IHAC/UFBA, sob a coordenação do professor Carlos Bonfim. Atualmente, estou como vice coordenadora do projeto.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com/>. Acesso em: 16 out 2021.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.mapeandolacomunicacion.com/> Acesso em 13 janeiro 2022.

gestores de ONGs, professores/as universitários. Estas conversas foram fundamentais para nos ajudar a olhar para as dinâmicas locais e para os fenômenos sociais juntamente com sujeitos comprometidos com a luta social. Intencionalmente, essas conversas iniciais foram com um amplo número de iniciativas para que assim pudéssemos nos acercar de narrativas diversas. Além das conversas informais e de alguns diálogos gravados, realizamos oficinas de escrita poética e de bonecas Abayomi<sup>34</sup> com crianças, adolescentes e jovens.

A partir deste primeiro contato, foi possível saber quais eram as áreas de atuação das organizações e coletivos, composição das equipes, fontes de sustentabilidade, metodologia de trabalho, bem como qual era a análise dos seus representantes sobre o contexto político atual no que se refere à violência contra a população jovem e periférica e as distintas respostas dadas por estas juventudes. A partir destes diálogos, foi definida a cidade de Cali para a realização da pesquisa. Ainda durante o “pré-campo” que comecei a cartografar os coletivos em Cali. Posteriormente, estas informações se somaram ao mapeamento realizado em Salvador do “Rede ao Redor”.

A rota em Salvador foi traçada de maneira distinta à de Cali. Ao contrário do que aconteceu em Cali, em Salvador, grande parte dos diálogos foi feita com um/a ou no máximo dois/duas representantes dos grupos. Em alguns casos, a conversa aconteceu nas dependências da UFBA, onde a/o jovem estudava, justamente para facilitar o encontro. Muitas vezes estive presente em ações realizadas por eles, mas em momentos em que estavam à frente das atividades, portanto sem a possibilidade de dedicar um tempo reservado à nossa conversa.

Em Cali, consegui com maior facilidade reunir mais integrantes de cada iniciativa. Muito provavelmente pelo fato de estar de passagem na cidade e, portanto, com a disponibilidade de datas já previamente definidas e por ser alguém de outro país, o que despertou um interesse maior nos grupos em estabelecer o diálogo. Esse é um fator que, evidentemente, causa diferenças entre os conteúdos dialogados e as elaborações tecidas durante as conversas, uma vez que ter as falas partilhadas de vários membros dos grupos permite fazer análises mais completas sobre as dinâmicas do coletivo e seus desafios do que com apenas uma ou duas pessoas que integram o grupo. No entanto, se em Cali as conversas foram mais ampliadas, faltou – por não morar na cidade - a possibilidade de estar mais

---

<sup>34</sup> As oficinas de escrita, conduzidas por mim, têm a teia poética como disparador para produção de narrativas sobre temas ligados à investigação. Já as oficinas de Abayomi, conduzidas por Alana dispararam questões étnico-raciais e de gênero. As bonecas são feitas por meio de nós com um pedaço de tecido preto e retalhos coloridos e contam a história das mulheres negras que vieram escravizadas de África para o continente latino-americano. Durante o trajeto, dentro dos navios, elas faziam bonecas com pedaços de suas roupas, para fazer suas crianças pararem de chorar.

presente nos cotidianos dos e das jovens, participando sistematicamente de suas atividades, o que foi mais possível de realinhar em Salvador.

Foi ainda nesta etapa de “pré-campo” que começou a se formar o “grupo co-pesquisador” e, a partir do fortalecimento dos vínculos com as/os jovens o grupo foi ganhando uma dinâmica de encontros para debatermos textos, planejarmos ações e refletirmos juntas e juntos sobre os rumos da pesquisa.

## 2.6. PARA ONDE APONTAM OS NÓS, PARA ONDE NOS LEVAM O “NÓS”

As conversas com os coletivos de Salvador e Cali foram fundamentais para (re)definir a rota. Ao olhar para a teia tecida nos encontros, nos diálogos, nas observações, nas intervenções, nas partilhas com os e as jovens foi possível identificar os nós que se teceram a partir do cruzamento das fitas. Olhando para estes nós – que falamos muito de “nós”, enquanto coletividade – foi possível tomar as decisões necessárias para compor o “corpo da teia-tese” e partir para o aprofundamento da interação dialógica com os coletivos – o campo propriamente dito.

Como visto, no “corpo da teia-tese”, foram formados três grupos: o “ampliado”, o “reduzido” e o “grupo co-pesquisador”. Com este último, o diálogo foi feito ao longo de todas as etapas da pesquisa, incluindo a última, que engloba a análise dos resultados e a escrita deste texto que traduz a teia-tese tecida.

Com o “corpo” composto, foi possível avançar no que chamei anteriormente da segunda etapa, a “interação dialógica com os coletivos”. Foi neste momento que pude fortalecer as partilhas com o “grupo reduzido” e, de forma ainda mais aprofundada com o “grupo co-pesquisador”, num processo conectado com a metodologia da IAP. E isso só foi possível porque houve uma intencionalidade de alinhar-se ao que Borda define como “horizontalidade sistêmica”:

Nas tarefas de pesquisa ligadas ao território, ao espaço/tempo e ao ambiente ecológico, deve-se evitar estender ao campo do social aquela distinção positivista entre sujeito e objeto que se faz nas ciências naturais, nos estudos tradicionais e desenvolvimentistas. **É contraproducente ver os investigadores e os investigados como polos antagônicos ou discordantes. É preciso vê-los no mesmo plano horizontal para criar uma relação respeitosa, produtiva e confiável.** Essas relações simétricas, que podem construir-se como sistemas abertos, se estendem às relações com a natureza que são essenciais na consideração e uso dos espaços [...]. Como consequência dessa horizontalidade sistêmica de sujeito-sujeito há que se conceber e construir entrevistas e formulários com plena

participação dos entrevistados desde o começo do planejamento do estudo. Logo, ao analisar os resultados com o rigor necessário, há de se buscar formas adequadas, compreensíveis e adequadas aos diversos níveis de alfabetização, de apresentar os resultados da pesquisa ao grande público, principalmente para as comunidades participantes (BORDA, 2012, p. 330) [*grifos meus*].

O convite que Borda nos faz é justamente para romper com a forma positivista de produção de conhecimento científico para que seja possível tecer relações simétricas entre investigadores e investigados. E o primeiro passo é justamente desmontar essa oposição. Neste estudo, que traz a perspectiva de teia-tese, não há polos opostos, todos e todas são sujeitos que ocupam distintos lugares sociais e entram na teia com suas vivências, memórias, histórias, para olhar juntos e juntas para as intersecções que despontam quando há caminho, há escuta, há diálogo, há partilha.

O chão que permite que essas trocas se deem e que elas interfiram na condução da pesquisa e, mais do que isso, na condução das táticas dos diferentes sujeitos em diálogo nessa teia não é apenas um *locus* onde vivências acontecem. Tecer memórias e diálogos a partir do chão é se conectar com o território, o lugar onde existe a possibilidade de criação de solidariedades e construção política (SANTOS, 2005), perspectiva que dialoga com o que Borda (2012) chama acima de “ambientes ecológicos”.

Neste sentido, o entendimento de teia-tese que trago aqui é sustentado por metodologias que visam possibilitar tanto o acesso a um “tipo específico de conhecimento, o conhecimento nascido na luta” (GOMES, 2017, p. 9) quanto serem disparadoras de elaborações teóricas que se dão a partir do diálogo entre diferentes ativismos, incluindo o ativismo acadêmico, posição onde me coloco.

Entre as metodologias que proponho para fortalecer essa relação sujeito-sujeito e a conexão com o território estão a imersão inicial no cotidiano dos coletivos, as primeiras conversas, as trocas pelos bairros, a partilha de comidas locais, de objetos de afeto, o permitir-me descolar para deslocar. Foi priorizada a “devolução sistemática” (BORDA, 2001, p. 330) ao longo de todas as etapas da pesquisa para que juntamente com as/os jovens do “grupo co-pesquisador” pudéssemos reformular os caminhos metodológicos, bem como as perguntas geradoras da tese. Isto foi feito por meio de encontros (presenciais e virtuais) para leitura e debate de partes escritas da tese, de roteiros dos diálogos e das oficinas, de debates teóricos e orientações coletivas, entre outras atividades. Outro recurso metodológico criado para potencializar essas trocas foi a criação de uma proposta visual para o texto da tese<sup>35</sup>. À

---

<sup>35</sup> V. Apêndice C, p. 321.



medida que o texto ia sendo produzido, ele ia ganhando uma forma virtual (além da tradução em espanhol que eu mesma fiz para que as/os jovens de Cali pudessem acessar os conteúdos). Isto facilitou o entendimento do processo e a participação ativa das/dos interlocutoras/es<sup>36</sup>.

O intuito é que a versão final da tese possa ser diagramada, para que seja entregue aos coletivos num formato mais acessível e agradável. Esta ação integra os procedimentos metodológicos que visam um processo de “devolução sistemática” (BORDA, 2012). Com este mesmo propósito, produzimos o *padlet* “Rede ao Redor: iniciativas juvenis em arte e comunicação nas/das quebradas”<sup>37</sup>, para divulgar as produções dos coletivos e fortalecer as trocas entre eles.

Outro recurso que permeia a perspectiva de teia-tese é a promoção de espaços de diálogo entre os coletivos, com uma interferência mínima de quem está na condução, para que seja possível de fato intercambiar as diferentes formas de luta e de reinvenção de si que se materializam nas práticas ativistas dos coletivos com os quais dialogamos.

Assim, como já dito acima, os instrumentos metodológicos criados para dialogar com os coletivos foram múltiplos e precisaram de revisões ao longo destes cinco anos de doutoramento, marcado por inúmeros atravessamentos, entre eles a Pandemia de Covid-19. Enquanto planejava a retomada dos diálogos presenciais com os coletivos de Cali e Salvador – etapa que previa inicialmente a realização de oficinas de escrita poética – a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia em 11 de março de 2020. Até o final da escrita da tese mais de 600 mil pessoas haviam morrido no Brasil e mais de 50 mil na Colômbia.

Em 2021, ambos os países iniciaram a vacinação de suas populações, o que contribuiu para reduzir muito o número de óbitos. A pandemia, no entanto, segue escancarando as desigualdades sociais e raciais não só no Brasil e na Colômbia, como em toda a América-Latina. E as periferias seguem – como sempre – evidenciando sua capacidade de articulação e agenciamento para enfrentar situações limites.

É fundamental relatar para quem me lê o quanto o contexto pandêmico afetou a pesquisa, em várias dimensões. O trabalho de campo precisou ser totalmente redimensionado e adaptado e foi preciso, mais do que nunca, muita sensibilidade, escuta e acolhimento para seguir tecendo o diálogo com as e os jovens das quebradas, grupo social

---

<sup>36</sup> A programação visual da teia-tese foi feita pela designer Valentina Garcia. Para conhecer o trabalho dela, acesse: [https://issuu.com/valentinagarcia/docs/novo\\_portifa90321](https://issuu.com/valentinagarcia/docs/novo_portifa90321).

<sup>37</sup> Disponível em: <https://padlet.com/redeaoredor/ve65u0c915jchcq4> Acesso em 25 mar. 2022. V. Apêndice B, p. 320.

que segue sendo um dos mais afetados não só pela pandemia, mas por toda a crise política, social, humanitária que se agudizou com ela, tanto no Brasil, quanto na Colômbia.

Foram nossas e nossos interlocutores que perderam os empregos, passaram a estudar no modo remoto, mesmo sem acesso à internet, a computador ou ao menos a um local com silêncio em suas moradas. Foram elas e eles que tiveram, em muitos casos, que abandonar ou reduzir sua participação nos coletivos culturais que criaram com muito esforço para se render ao subemprego e, assim, garantir seu sustento e o de suas famílias. Foram elas e eles que, mesmo com o distanciamento social decretado pelo Estado, tiveram que lidar com suas casas sendo invadidas por operações policiais truculentas.

E como nada – absolutamente nada – pode ser mais importante do que se manter viva, vivo, estive atenta a todo o momento ao meu papel nesta interlocução para sentir como e até que ponto eu podia demandar a participação dos coletivos na construção desta teia-tese. Desta forma, a metodologia foi sendo redesenhada com os coletivos para que fosse possível garantir que a teia seguisse firme, da forma que fosse possível diante de um contexto tão desafiador. Atravessamentos como estes reforçam, portanto, a urgência de seguirmos desenvolvendo trocas, intervenções, pesquisas, produzindo arte para contar outras histórias e ensaiar outras formas de vida em sociedade, o que exige a capacidade constante de rever abordagens, repensar ações, dialogar sobre as prioridades com os/as interlocutores/as para revisitar os caminhos.

## **2.7. OFICINAS, CURSOS E INTERCÂMBIOS**

Com a necessidade de redesenhar a metodologia da pesquisa, muitas atividades – previstas para acontecer presencialmente – precisaram ser adaptadas para o formato virtual, dentro das disponibilidades das/dos jovens. No período anterior à pandemia - em 2019 – foi possível realizar uma oficina de escrita e autopublicação no Distrito de Aguablanca, em Cali, que reuniu jovens de oito coletivos que integram a *Plataforma Local de Juventud Comuna 13 (PLJC13)*. Já a partir de 2020, todas as atividades – incluindo as que aconteceram em Salvador – precisaram ser virtuais por conta das medidas de distanciamento social necessárias para evitar a contaminação. Neste formato, realizamos oficinas, *lives* de intercâmbio com coletivos de Cali e de Salvador e um curso de extensão que contou com a participação de coletivos de Salvador, bem como com colaboração de jovens de Cali.

A oficina presencial de escrita com os coletivos da PLJC13 aconteceu no Distrito de Aguablanca em um espaço cedido por uma das jovens lideranças na Plataforma. Durante o

encontro, produzimos o livro artesanal “*Te Pierdes o te Encuentras*” com textos escritos pelos e pelas jovens. Passo a fita para uma das jovens participantes, Elizabeth Gómez, da Plataforma, para que conte como foi o processo:

[...] Gostaria de mostrar o trabalho que fizemos [...] **Foi um grande trabalho coletivo que chamamos de ‘Te pierdes o te encuentras’** [ela mostra o livro]. **Aqui tem um escrito com muitos pensamentos, de vários companheiros e companheiras. Tudo isso foi tecido nesse encontro e foi muito bonita a experiência** [...] Por exemplo, esse aqui: ‘a arte não pode mudar o mundo, mas sim formas de pensar e agir, em prol de uma mudança e transformação social’, ‘a criatividade é a luz para construir pensamentos e saberes’, ‘a resistência nos leva a alcançar nossos objetivos, por mais difícil que seja o caminho’. **Esses escritos têm um valor enorme, porque os fizemos com muitos integrantes, com diferentes expressões, escritas de diferentes juventudes que fazem parte aqui do Distrito.** Foi um trabalho muito bonito que [o coletivo] A La Hora 30 tem tentado replicar [*grifos meus*]<sup>38</sup>.

Como dito por Elizabeth, o livro concretiza um diálogo horizontalizado tecido por mim, enquanto investigadora, e pelos e pelas jovens ativistas e reúne suas narrativas sobre temas diversos abordados na teia. A teia se tece a partir das percepções do grupo. Essas percepções são materializadas em textos autorais que por sua vez se condensam e conectam em um produto coletivo.

Vale frisar que com o processo de realização das oficinas compartilho com os grupos a metodologia da teia, o que possibilita que possam replicá-la em seus contextos, fazendo as adequações que julgarem necessárias. No caso da experiência vivenciada com as/os jovens no Distrito de Aguablanca, esse processo de multiplicação aconteceu, como explica Gabriela Díaz, do Colectivo A La Hora 30. Segundo ela, após aprenderem a produzir seus próprios livros, bem como a confeccionar as bonecas Abayomis, o coletivo submeteu uma proposta de apoio financeiro em um edital promovido por uma ONG local para realizar as oficinas com crianças e jovens da comunidade e foram contemplados.

[...] seguimos com a parceria com *Otra Escuela* [uma ONG de Cali]. Com eles, estamos fazendo uma sistematização e dela surge um projeto que se chama *El Baú de Los Recuerdos*. Também estamos fazendo as oficinas de abayomis [...] o Distrito de Aguablanca é formado por pessoas negras, então essa história das bonecas africanas toca o coração das pessoas. Vamos seguir replicando essas oficinas pra que mais gente escute esses assuntos. No Baú de Recuerdos, estão os livros que estamos produzindo nas oficinas. Os livros estão lá e são muito bonitos. Levamos eles nas bicicletas (*Gabriela Díaz - Colectivo A La Hora 30, Cali*).

---

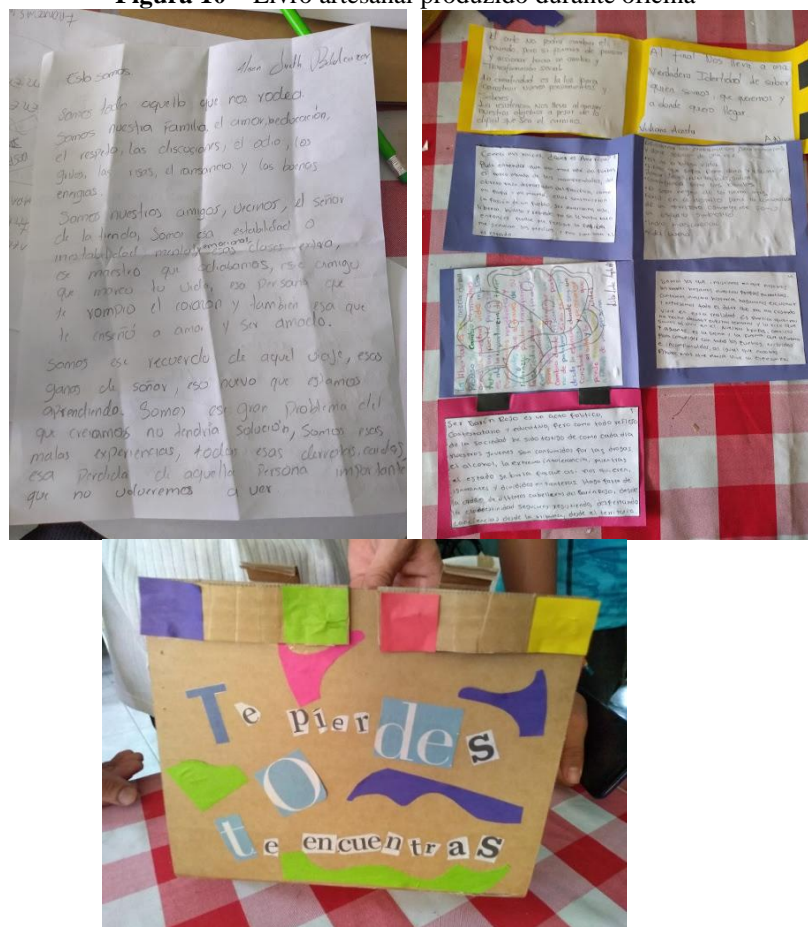
<sup>38</sup> A fala foi feita pela jovem durante sua participação na segunda edição das *lives* “Juventudes Latinas em Diálogo”, realizada virtualmente no dia 11 de dezembro de 2020, com transmissão ao vivo no canal do Youtube do Rede ao Redor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHIqLsyv8aA&t=5032s>.

**Figura 9 - Oficina de Escrita com jovens do Distrito de Aguablanca**



Fonte: autoria própria

**Figura 10 – Livro artesanal produzido durante oficina**



Fonte: autoria própria

As oficinas de escrita e autopublicação têm como foco foi aprofundar o diálogo com alguns coletivos e enfatizar dimensões de análise que apareceram de forma mais contundente nas trocas tecidas. São entendidas como um caminho para que as escrituras traçadas nos corpos destes e destas jovens que estão cotidianamente submetidos a estigmas, medos, opressões, mas também a respostas de luta, de reinvenção possam ser partilhadas em

escrevivências que narram memórias, afetos, bem como percepções de Estado, de poder, de luta social, de leitura de mundo.

Não são, de forma alguma, vistas como inauguradoras desses lugares de partilha de escrevivências, pois esses espaços são criados a todo instante pelas e pelos jovens com suas ofensivas culturais quando, por exemplo, entram em um ônibus para recitar poesia antirracista, ou fazem um “bicicletaço” para ocupar as ruas e reivindicar o direito à cidade para as juventudes periféricas.

O papel que cumprem as oficinas, bem como outros recursos metodológicos dos quais lançamos mão aqui, é de coligar, somar ao que já existe. E do ponto de vista do ativismo acadêmico fazer valer esse lugar de poder que é a universidade pública para, juntamente com esses e essas jovens, produzir e sistematizar narrativas, experiências, saberes, práticas do cotidiano.

Como bem diz Evaristo (2011), na autoria de um texto um sujeito, homem ou mulher, com uma “subjetividade” própria vai construindo sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto que nunca será despido de sua subjetividade, das experiências do seu corpo. Portanto, em sociedades estruturadas pelo patriarcado e pelo racismo – como a brasileira e a colombiana – a escrevivência de corpos negros, de corpos de mulheres negras, traz marcas vividas profundas que encontram nas palavras caminho para elaborações subjetivas e coletivas. Ao citar Grada Kilomba (2019), Evaristo reforça: “quando eu escrevo eu não sou o outro, mas a própria voz, não sou objeto, mas o sujeito, tenho autoria e autoridade sobre minha história”<sup>39</sup>.

Era objetivo da pesquisa realizar outras oficinas em Cali e em Salvador. O contexto da pandemia exigiu uma revisão da rota. Apostamos no diálogo virtual com os grupos para definir as possibilidades de continuidade das atividades. O diálogo seguiu constante dentro do que foi possível, diante de um contexto desafiador que afetou principalmente as comunidades mais pobres, que sofreram diretamente as consequências da crise sanitária, política e econômica acentuada pela pandemia. Passei a acompanhar atividades virtuais realizadas pelos grupos, como *slams*, saraus, rodas de conversa, *lives*, entre outras ações veiculadas nas páginas dos coletivos, principalmente pelo Instagram e Youtube.

Para fortalecer o intercâmbio entre os coletivos de Salvador e de Cali, realizamos duas edições em 2020 das *lives* “Rede ao Redor: Juventudes Latinas em Diálogo”<sup>40</sup>. As

---

<sup>39</sup> Trecho da Conferência de Abertura de Conceição Evaristo na Festa Literária do Subúrbio (FLISU). Acesso em 27 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihGrQ80X-7Y>.

<sup>40</sup> As *lives* estão disponíveis no canal do YouTube do Rede ao Redor. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCx23Jz1-8v-R\\_zpc5aROpQ](https://www.youtube.com/channel/UCx23Jz1-8v-R_zpc5aROpQ) Acesso em 26 jan. 2021.

*lives* foram planejadas e coordenadas em parceria com o Coletivo A La Hora 30. Foi junto com as/os jovens que chegamos à conclusão de que as *lives* poderiam ser uma forma de aprofundar os diálogos entre as juventudes. A primeira edição, no dia 11 de novembro de 2020, contou com a participação de jovens da Reprotai e do A La Hora 30 e a segunda, no dia 11 de dezembro de 2020, contou com com a participação do Coletivo Cutucar e do Coletivo Nueva Era/Plataforma Local de Juventud Comuna 13. No dia 19 de fevereiro de 2021 tivemos a terceira edição das *lives*, com a participação dos coletivos Favela Revela, de Salvador e Fundación Um Distrito en Paz (FUNDP), de Cali.

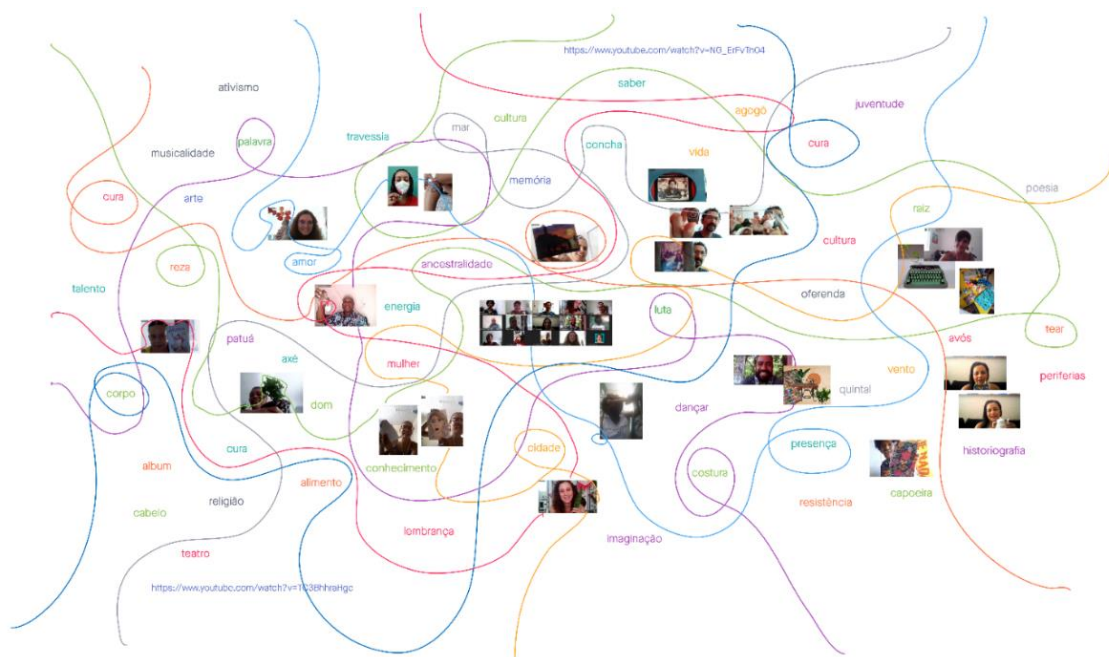
Nesse período, outra ação que esteve diretamente vinculada à pesquisa foi a promoção do curso virtual “A Periferia é o Centro: ofensivas culturais emancipadoras” oferecido como curso de extensão e componente do BI de Humanidades do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA)<sup>41</sup>. A formação foi pensada e facilitada por parceiros e parceiras que atuam em organizações, associações e coletivos de arte e comunicação nas periferias de Salvador, o que contribuiu para fortalecer o diálogo com estes grupos e traçar intervenções conjuntas.

Como um desdobramento deste curso e como parte das atividades de campo da pesquisa, entre abril e junho de 2021, promovemos – também em meio virtual - um espaço de encontro e criação coletiva batizado de “Conhecimentos de Quebrada: oficinas virtuais para fortalecer a escrita, a sistematização das experiências e a autopublicação”. A divulgação foi feita apenas para os coletivos parceiros da pesquisa, com o objetivo de aprofundar os diálogos que já havíamos iniciado e avançar na criação de textos coletivos. No entanto, jovens e adultos de outros coletivos demonstraram interesse em participar e foram acolhidos no processo. Se somaram à teia: Coletivo Trama; Resistiremos; Coletivo As Pretas Falam; Coletivo Ser de Arte e Sarau do Gueto. Entre os coletivos que já estavam inseridos na pesquisa, apenas a Reprotai participou. Nesse espaço virtual, a teia com seus objetos de memória ganhou outras formas, como mostra a figura abaixo:

---

<sup>41</sup> O curso, sob responsabilidade do professor Carlos Bonfim, foi realizado no âmbito das atividades do Semestre Letivo Suplementar, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) entre setembro e dezembro de 2020. A coordenação do curso foi compartilhada comigo, com duas estudantes monitoras: Verena Vieira e Juliana Blanco e com parceiros e parceiras vinculados/as a organizações, coletivos e projetos de fortalecimento comunitário realizados nas periferias de Salvador, entre eles/as Natureza França, José Eduardo Ferreira Santos, Carol Garcia, Márcio Bacelar, Alex Hercog, Débora Didonê, entre outros.

**Figura 11** – Teia criada durante oficinas virtuais de escrita



Fonte: autoria coletiva com design de Matheus Tanajura (Coletivo Trama)

Seja de forma presencial, seja virtualmente, ao longo de todo o processo de doutoramento foram pensados caminhos metodológicos para manter o diálogo constante com os coletivos. No que diz respeito ao grupo de co-pesquisadoras/es, é importante informar que a estudante Alana Barbosa seguiu enredada conosco até 2019. Participou das decisões iniciais, da primeira etapa do trabalho de campo em Salvador e em Cali, da construção dos instrumentos metodológicos, apoiou nas entrevistas e transcrições, elaborou textos e participou dos diálogos de orientação e debate dos referenciais teóricos da pesquisa. Em um determinado momento, ela tomou entre os dedos sua fita preta e seguiu outros caminhos.

Em 2020, Verena Vieira entrou na teia. Com sua fita em mãos passou a tecer conosco os diálogos da tese, participando dos encontros de orientação, do mapeamento dos coletivos, das *lives* de intercâmbio entre jovens de Salvador e Cali, da organização e condução do curso “A Periferia é o Centro: ofensivas culturais emancipadoras” e das oficinas “Conhecimentos de Quebrada: um espaço para fortalecer a escrita, a sistematização das experiências e a autopublicação”, entre outras ações.

A Reprotai entrou na teia me fazendo um convite para que apoiasse o grupo na sistematização de sua história e na organização “da casa” para fortalecer a sustentabilidade do grupo, abrindo outras possibilidades para além dos editais de cultura promovidos pelo poder público. Um movimento similar se deu em Cali, com o convite do coletivo A La

Hora 30. Juntas e juntos, elaboramos projetos para editais de cultura, pensamos ações coletivas, fizemos oficinas, produzimos livros artesanais, escrevemos artigos científicos, partilhamos os caminhos da pesquisa. Além deles e delas, todos/as os/as demais jovens com os quais dialogamos são co-construtores das análises tecidas aqui, mesmo que participando de ações mais pontuais, dentro do que seus “corres”<sup>42</sup> diários permitem.

Sigamos, agora, conhecendo um pouco mais sobre os contextos sociais, econômicos e políticos nos quais estão inseridas as juventudes com as quais dialogamos aqui.

---

<sup>42</sup> A expressão “fazer um corre” é uma gíria que já foi muito associada à ideia de conseguir dinheiro rápido, muitas vezes por meio de um furto ou um roubo. Com o uso, ela foi ganhando outros sentidos. É uma expressão muito utilizada por jovens das periferias para se referir aos trabalhos que precisam fazer para garantir condições mínimas de sobrevivência. O corre diário pode ser panfletar na sinaleira; fazer poesia nos ônibus; bater uma laje; dar uma palestra; fazer um frete, entre tantas outras atividades que tragam algum retorno financeiro.



### 3. BRASIL E COLÔMBIA. SALVADOR E CALI: CONTEXTOS, CENÁRIOS E ENTRECruzAMENTOS

Por que conectar Brasil e Colômbia? Por que aproximar Salvador e Cali? Como já dito anteriormente, este estudo não se trata de uma pesquisa comparada, mas de uma tentativa de entrecruzar realidades diferentes para perceber a potência dos nós que se formam nas fronteiras. A escolha por Brasil e Colômbia parte de vários fatores, entre eles o fato de que ambos os países concentram as maiores populações afrodescendentes da América Latina, têm nas juventudes negras as principais vítimas da violência e da criminalidade que afetam de distintas formas ambos os países e, em contrapartida, têm nestas mesmas juventudes uma grande potência de organização e intervenção comunitária.

Salvador e Cali são consideradas as duas cidades mais negras do continente<sup>43</sup> e apresentam indicadores que apontam o quão perverso é o racismo na construção dessas sociedades. Em contrapartida, têm nestas mesmas juventudes uma força motriz de resistência contra as opressões que colocam suas vidas em ameaça constante. Vale frisar que no Brasil e na Colômbia estão movimentos negros que se destacam na América Latina por suas atuações. Assim como o brasileiro, o movimento negro colombiano se destaca tanto pela quantidade de ativistas negros e negras engajados e engajadas no enfrentamento ao racismo, quanto pelo poder de influência que estes ativismos têm na realidade nacional (MENDES, P. V. G. *in* NORA GLUZ [et.al.], 2014). A decisão por aproximarmos as juventudes *caleñas* das soteropolitanas parte, portanto, de uma percepção de que essas juventudes das quebradas estão elaborando respostas que nos ajudam a repensar modos de organização que fortalecem a capacidade de toma de decisões das coletividades, assumindo uma relação tática com o Estado.

Ambos os países – assim como os demais vizinhos latino-americanos - compartilham um modelo colonizatório violento que ancora no ideal da mestiçagem a negação do processo de escravização de negros e indígenas<sup>44</sup>. Negação que perpetua uma história única<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> De acordo com o Censo 2005, em Cali, mais de 40% da população era afrodescendente (AVILA; LAM, 2013). Em Salvador, dados da PNAD Contínua (IBGE, 2017), apontava um total de 82,1% da população composta por negros (pretos e pardos).

<sup>44</sup> A abolição oficial da escravidão na Colômbia aconteceu em 1851. Assim como no Brasil, foi uma conquista legítima da população afrocolombiana, *raizal*, *palenquera* e de seus diversos aliados em diversos contextos, apesar de a história oficial retratar a abolição como um gesto de generosidade e filantropia dos senhores de negros e negras escravizadas, assim como o faz a história oficial do Brasil.

<sup>45</sup> Por “história única” nos referimos à hoje viralizada conferência TED da escritora nigeriana Chimamanda Adichie: Os perigos de uma história única. Link: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br) Acesso em jan. 2019.

sedimentada em um imaginário racista e um modelo de sociedade onde cabem aos não brancos os lugares sociais subalternizados.

Herdeiros de uma mesma lógica colonial, cada país tece a sua história, com suas tensões, transformações e dinâmicas territoriais, sociais, culturais, econômicas e políticas. Há, no entanto, muitas camadas que se entrecruzam e as relações étnico-raciais configuram a espinha dorsal que as sustenta. Brasil e Colômbia são sociedades afrodiáspóricas: herdaram marcas dolorosas e estruturais do passado patriarcal e escravocrata, mas também se conectam social e culturalmente por meio de suas histórias, religiosidades, manifestações artísticas, signos culturais diversos. Conectam-se, fundamentalmente, por suas táticas de insubordinação que reinventam formas de viver apesar de.

As táticas que emergem das populações subalternizadas estão imbricadas nesta espinha dorsal que sustenta as sociedades afrodiáspóricas e contribuem para a produção de outras configurações identitárias, culturais e políticas. Essas configurações conectam-se com o que Goli Guerreiro (2007, p. 112) caracteriza como “terceira diáspora”: “o deslocamento de signos – textos, sons, imagens – provocado pelo circuito de comunicação da diáspora africana”. É justamente nas encruzilhadas dos diálogos afrodiáspóricos que vamos nos lançar. Interessa observar como se dão as fissuras criativas que se forjam no âmbito da participação institucional, mas, sobretudo, focar nos ativismos “*de los abajos*” (ZIBECCHI, 2003; 2007), por onde se movimentam os coletivos culturais com os quais dialogamos.

Para abrir caminho para a chegada a esta teia-tese das/dos interlocutoras/es, destaco brevemente alguns aspectos que consideramos estratégicos para compreender em que contexto se dão as práticas culturais lideradas por jovens em Salvador e em Cali. Como cada país entende as juventudes e como esse entendimento se concretiza na implementação (ou não) de políticas públicas voltadas a garantia dos direitos desta população? Em que medida os marcos legais e as políticas públicas de ambos os países oferecem (ou não) mecanismos favoráveis à garantia de direitos, à participação, à mobilização social e à representação política de populações negras e indígenas e, em especial, das juventudes? São algumas das perguntas que orientam este recorte.

Longe de querer fazer uma análise aprofundada das políticas públicas – o que não é objetivo deste estudo – o que interessa é perceber como se configuram no Brasil e na Colômbia as arenas de disputa criadas por “*los abajos*” que se tecem muitas vezes fora da institucionalidade dos partidos políticos, sindicatos e outras estruturas tradicionais de participação política. E, principalmente, interessa refletir sobre as ofensivas culturais

lançadas pelas juventudes para enfrentar a estigmatização e o genocídio, apesar das dinâmicas de criminalidade e violência que os vitimizam.

As dimensões definidas partem de um entendimento de que abordar o tema das juventudes periféricas é tratar de um emaranhado social complexo que não se restringe a um recorte etário apenas. Partem do pressuposto de que as e os jovens com quem dialogamos não lutam em defesa das juventudes, mas sim dos seus territórios, lutam em defesa da vida de forma ampliada. Essa, inclusive, é uma reivindicação que aparece nas demandas dos coletivos: incidir diretamente em todas as frentes: saúde, educação, moradia, comunicação etc. e não apenas para falar do que geralmente é enquadrado como “problemas das juventudes”, pois entendem que todo e qualquer problema social lhes diz respeito.

Portanto, como já dito, o entendimento de juventudes aqui está conectado com a dimensão comunitária. Há uma intenção de escapar de abordagens limitadoras que definem o ser jovem apenas pelo recorte etário, marcado pela maturidade biológica e sexual que se conclui com a inserção no mercado de trabalho, a formação de uma família e a independência financeira dos adultos de referência. As condições juvenis são construções sociais. Portanto, a categoria social juventude precisa ser entendida como uma construção cultural em sua diversidade, não como um grupo homogêneo, caracterizado pela faixa etária, bem como por outras variáveis relativas às condições de vida e ao pertencimento racial, assim como à participação comunitária (SOUZA, 2011).

A dimensão da participação comunitária é a mais relevante neste estudo, uma vez que o conjunto das ações dos coletivos não se guia necessariamente por essa delimitação etária/geracional e o seu alcance transcende esses recortes. Por isso, mais do que buscar entender os “problemas das juventudes”, interessa olhar para problemas estruturais das sociedades sob a ótica de jovens que se organizam comunitariamente nas periferias das cidades latino-americanas a partir de iniciativas culturais que contribuem para a construção política e para transformação dos seus lugares.

Sabemos que em sociedades estruturalmente desiguais, o “ser jovem” se dá de forma distinta, a depender dos marcadores de classe, gênero, raça, entre outros, que configuram as sociabilidades. Limitar-se a um recorte etário, portanto, é reduzir a possibilidade de compreensão da complexidade das camadas sociais, culturais, econômicas e políticas que atravessam as múltiplas juventudes brasileiras e colombianas. Como nos alerta Johan Andrés Rodríguez García (2015, p. 28), integrante da rádio comunitária A Ritmo de Ladera, de Cali, e um dos nossos interlocutores:

A atuação dos jovens é uma atuação diversificada e múltipla. Os jovens têm diferentes cursos, ideias, caminhos e, claro, contribuições para a construção do passado, do presente e se refletem no futuro a nível social, dos seus imaginários que fazem contribuições para a cultura e organização, dos ambientes e costumes herdados de outras gerações transformados e materializados nas suas experiências.

Para Johan, o que falta é justamente a capacidade de as diversas instituições perceberem a potência dessas juventudes para provocar mudanças substanciais em seus territórios. Falando especificamente sobre a *Comuna 1*, onde mora e atua, ele diz:

Os problemas da *Comuna 1*, a nível da juventude, são percebidos no valor que é dado aos jovens, como o tempo ou a fase de trânsito da infância para a juventude, na qual ainda não clarificou a sua responsabilidade social, no sentido de não ter maturidade para participar e ainda não alcançar a idade adulta para a plena participação política na eleição dos representantes da comunidade. Desse ponto de vista, ser jovem é apresentado como uma categoria em construção sem um conhecimento claro e definido em comparação com as pessoas mais velhas, que já têm conhecimentos sobre como funcionar na sociedade (GARCÍA, 2015, p. 14).

Há um entrelaçamento da percepção de Johan com o que nos diz Ernesto Rodríguez (2016) ao defender que ao invés de focarmos nos marcos que foram convencionados como definidores de ser ou deixar de ser jovem, deveríamos jogar luz nas duas missões básicas que as e os jovens precisam cumprir em um período variável de tempo: construir identidade e construir autonomia. E é no cumprimento dessas duas missões que as políticas públicas de juventudes deveriam incidir. No entanto, o que se percebe, principalmente quando se trata de políticas destinadas às juventudes que vivem nos territórios violentados, é muito mais o reforço de uma dimensão do controle do que o estímulo à participação e emancipação.

A título de exemplo, vale destacar as *Casas de La Juventud* implementadas na cidade de Cali nos finais dos anos de 1980, quando a política de juventude começa a ser estruturada na cidade. De acordo com Juan Sebastián Arboleda Tovar (2013), as ações se restringiam a abordar temas como consumo de substâncias psicoativas, violência e gravidez na adolescência, o que reforçava uma visão estigmatizadora e voltada para o controle das juventudes que vivem nas zonas empobrecidas de Cali. A lógica que prevalecia era de enquadrar as juventudes empobrecidas em padrões sociais considerados adequados pelas classes econômicas e políticas que ocupam lugares de poder. Tovar (2013) explica ainda que a fragilidade e a descontinuidade das políticas, como foi o caso das *Casas de la Juventud*, bem como dos Conselhos Municipais de Juventudes, decorre, muitas vezes, dos interesses

políticos e eleitorais marcados por dinâmicas clientelistas e autoritárias que impedem que os processos se consolidem e tenham a confiança das juventudes.

Vale reforçar que as políticas elaboradas e implementadas estão condicionadas às representações que cada sociedade constrói a respeito das suas juventudes. E a representação social das juventudes nos países latino-americanos, em especial no Brasil e na Colômbia, é sustentada pela recorrente culpabilização de um determinado tipo de jovem: pobre, morador/a de bairros periféricos e, em sua maioria, negro/a. As diferentes instituições e agências de socialização, portanto, corroboram a estigmatização destas juventudes. Mas, só o fazem, porque a sociedade é racista, ou, mais bem dito nas palavras de Almeida:

As instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que, de algum modo, a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são próprios – o racismo que esta instituição venha a expressar é também parte desta mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos (ALMEIDA, 2018, p. 36).

A estrutura racista presente na vida cotidiana é o que permite que estas juventudes sejam compreendidas pela sociedade como um “problema social” e que, portanto, precisam ser controladas. Este controle se dá pela presença de forças de segurança e pela ausência de políticas públicas que estimulem a potência destas juventudes e possibilitem sua participação ativa nos processos.

No entanto, é justamente nesses territórios violentados que são gestadas e ressoam inúmeras iniciativas de arte e comunicação lideradas por jovens que buscam caminhos para se desatar da espiral da violência que perpassa suas vidas e define-definha seus imaginários desde o nascimento. Para elas e eles, ecoar as narrativas das quebradas é uma forma de enfrentar os discursos autorizados que são propagados pela mídia hegemônica e tantas outras instâncias socializadoras e elaborar outras (des)ordens de representação. É sobre essas iniciativas, essas atitudes de desobediência, que debruçarei o olhar.

### 3.1. “NA LITERATURA A ANISTIA. A POESIA É A ALFORRIA. PARA ESSA SOCIEDADE ESCRAVAGISTA”

É o baiano Rilton Júnior, o Poeta com P de Preto, que lança sua rima certa para iniciar essa batalha<sup>46</sup>. Nela, ele traz um ponto central da luta antirracista: a palavra é ferramenta de luta e o uso político dela determina as tramas da atuação. Disputar as narrativas, portanto, é lutar pela alforria de grupos que têm há séculos sequestrada a sua possibilidade de construção de sentidos. É reivindicar autoria e autoridade, para trazer Kilomba (2019) à teia.

A reivindicação primordial de negros e indígenas em países como o Brasil e a Colômbia passa pela luta pelo direito à existência física e simbólica. Em ambos os países, a construção de um ideal de mestiçagem – calcada no mito da democracia racial, no Brasil e na *nación mestiza*, na Colômbia - corrobora o apagamento sistemático destas populações e de suas epistemes e práticas culturais. Apesar das diferenças na estruturação e expressão do racismo, Brasil e Colômbia – assim como os demais países latino-americanos - sofrem com o processo de extermínio físico, simbólico e epistêmico das populações subalternizadas, em sua maioria negras e indígenas.

O pensamento moderno, eurocêntrico, tratou de etiquetá-los como a periferia do mundo moderno, estabelecendo uma lógica de poder que distancia os ditos civilizados, desenvolvidos, evoluídos, dos ditos excluídos, subdesenvolvidos, irracionais. Mesmo com o fim do colonialismo - um povo/império exercendo a dominação política e econômica de outro povo/colônia – a colonialidade permanece forjando imaginários, representações, identificações, condutas e práticas institucionais, coletivas e individuais.

Opera-se um processo de negação do legado intelectual e cultural de povos indígenas e africanos, entendidos como outra raça. Esse processo de racialização dos povos é sustentado pelas relações de poder que estruturam as instituições e perpetuam valores e interesses que atendem a uma elite econômica e política. Como destaca Silvia Rivera Cusicanqui (2010, p.56-57): “a retórica da igualdade e da cidadania se converte em uma caricatura que encobre privilégios políticos e culturais tácitos, noções de sentido comum que tornam tolerável a incongruência e permitem reproduzir as estruturas coloniais de opressão”.

No que se refere especificamente à integração da população negra nas sociedades brasileiras e colombianas, vale observar uma diferença estrutural apontada por Cristiano

---

<sup>46</sup> Rilton Júnior ou Poeta com P de Preto é “ator, poeta, escritor, oficinairo, agente cultural, palestrante e produtor cultural e capoeira raça” (JÚNIOR, 2019).

Rodrigues (2020): apesar de em ambos os países a negação do passado escravista servir de base para a construção de uma identidade nacional mestiça, na Colômbia, a ideologia de mestiçagem pressupunha a integração entre indígenas e europeus e excluía os negros, enquanto no Brasil o mito da democracia racial abarcava a hibridização biológica e cultural de negros e brancos, mas escamoteava a contribuição indígena. O autor complementa: “a principal diferença entre as ideologias sobre mestiçagem difundidas na Colômbia e no Brasil é que na primeira os negros foram completamente invisibilizados enquanto na segunda eles foram, ao menos discursivamente, incluídos” (RODRIGUES, 2020, posição 1363).

Esta análise traz pistas que poderão nos ajudar mais adiante - em diálogo com outras autoras e autores e com as e os jovens - a entender as supostas (des)conexões entre as percepções trazidas pelos/as nossos/as interlocutores/as em Cali e em Salvador sobre a luta antirracista e de que forma ela está presente e se manifesta nas atuações dos grupos, organizações, movimentos e coletivos aqui apresentados. Em muitos diálogos estabelecidos com as/os jovens em Cali foi possível perceber um entendimento da população negra como aquela que vive ou veio do Pacífico, principalmente das zonas rurais. Grupos, portanto, vinculados a um território geográfico demarcado com suas especificidades étnicas e culturais que precisam ser preservadas. Ao falarem das populações que moram nas zonas pobres das cidades colombianas, essa identificação étnico-racial perdia peso, não era mais o marcador principal. Em alguns diálogos, ao compreenderem as populações pobres como de maioria *mestiza*, a demarcação do pertencimento racial se diluía e o marcador classe se sobrepunha.

A completa invisibilização da população negra ao longo da construção da sociedade colombiana à qual Rodrigues (2020) se refere, entre outros fatores, pode ser um elemento que ajuda a compreender essa percepção trazida em muitas trocas que estabeleci em Cali e que serão apresentadas mais adiante. As análises de Pedro Vítor Gadelha Mendes (2014) auxiliam nesta compreensão: o movimento negro na Colômbia assimilou a narrativa étnico-cultural que marca a trajetória das organizações indígenas na reivindicação territorial, o que contribuiu para “enquadrar os debates sobre o racismo sob o prisma da etnia e não da raça/cor como acontece no Brasil. Desta maneira, conceitos como ‘comunidades negras’ passaram a significar um grupo étnico, assim como os indígenas” (MENDES, P. V. G. in NORA GLUZ [et.al.], 2014, p. 218).

A questão racial não foi apresentada como pauta principal em grande parte dos coletivos em Cali, ao menos não de forma explícita. Porém, muitas ações e produções destes grupos pautam questões que estão diretamente ligadas aos impactos da colonialidade, do

epistemicídio e do racismo estrutural, como veremos mais adiante quando falarei das práticas ativistas e as construções de conhecimento geradas por meio delas.

Em Salvador, todos os grupos com os quais dialoguei têm a luta contra o racismo, com enfoque nas populações negras, como premissa das suas práticas ativistas. É bandeira estampada em redes sociais, camisas, poesias, passeatas, cabelos, projetos, corpos, escritos. A forma como a luta antirracista se expressa nestes coletivos é fruto de uma intensa atuação do movimento social negro brasileiro que foi fundamental para recolocar o debate sobre raça no país, contribuindo para que a questão racial e da identidade negra passasse a ter uma visibilidade afirmativa e para que fosse possível expandir sua politização para lugares onde antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas (GOMES, 2017). Processo que, como dito acima, se dá de forma distinta na Colômbia.

Vale frisar que entendo movimento negro de forma ampliada, enquanto sujeito coletivo, ou mais bem dito nas palavras de Gomes:

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares nas sociedades (GOMES, 2017, p. 24).

É partindo dessa perspectiva ampliada de movimento negro que vou olhar para os coletivos de arte e comunicação que possuem a superação do racismo como objetivo de suas ações.

### **3.2. Invisibilidade e suas distintas camadas**

Há outro aspecto no processo de invisibilização de negros e indígenas que vale destacar: a falta de dados estatísticos baseados em critérios raciais contribui para o apagamento destas populações e para o reforço da condição de subcidadania. Os dados disponíveis são controversos: no censo de 2005, a população afrocolombiana representava 10,4% da população nacional (o que corresponderia a um total de 4.311.757 pessoas). Já o relatório do Ministério de Educação Nacional de 2014, informava que a população afrocolombiana se aproximava a 10,5 milhões de pessoas, equivalendo a 26% da população do país (MEN, 2004, p. 24). No Censo Nacional de Población y Vivienda, de 2018, realizado



pelo DANE, a população negra, *raizal* e *palenquera* na Colômbia correspondia a 9,34% da população total (4. 671.160 pessoas)<sup>47</sup>.

A falta de dados precisos, bem como a ausência de censos demográficos que caracterizem as populações por cor/raça, entre outros fatores, não é uma exclusividade da Colômbia, o que dificulta o acesso a informações sobre as populações negras de países da América Latina. Nem todos os censos investigam a variável cor/raça e quando o fazem a resposta do entrevistado está condicionada a diversos fatores como os econômicos e sociais, a consciência étnico-racial, entre outros (BELLO & RANGEL, 2002).

Neste sentido, vale reforçar que “longe de ser um simples mecanismo de medição, o censo não só investiga categorias como as legítimas e as reproduz.” (MENDES, P. V. G. in NORA GLUZ [et.al.], 2014, p. 200) A ausência de dados segregados por cor e raça na saúde, educação, cultura, segurança, entre outras áreas, foi um aspecto apontado por muitos de nossos/as interlocutores/as. A elaboração e divulgação de informações estatísticas não está apartada dos processos políticos. A falta destas informações acoberta as desigualdades entre os grupos raciais e dificulta que sejam implementadas políticas públicas efetivas para a garantia de direitos fundamentais às populações negras e indígenas. Johan Andrés Rodríguez García, em um dos nossos diálogos, ao exemplificar de que forma o racismo estrutural opera em Cali, destacou: “os dados sobre as populações negras em Cali não são atualizados há pelo menos dez anos. Há elementos em jogo aí...”<sup>48</sup>.

No Brasil, apesar de a subnotificação ser uma constante em todas as áreas, observa-se maior acesso a dados baseados em critérios raciais produzidos por órgãos governamentais, universidades, institutos de pesquisa e organizações da sociedade civil que estabelecem o recorte étnico racial na análise das informações. Este avanço é fruto de muita articulação e pressão política exercida pela sociedade civil. A politização do censo pelo movimento negro no Brasil, por exemplo, foi uma estratégia de luta para construir um cenário propício para visibilizar o racismo estrutural (MENDES, P. V. G. in NORA GLUZ [et.al.], 2014).

---

<sup>47</sup> No Brasil, o censo é feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Colômbia, o órgão responsável pelo censo é o Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE). Em ambos os países, a identificação de raça/cor/grupo étnico se dá por autodeclaração/autorreconhecimento. No Brasil, são cinco as opções de raça/etnia: branco; pardo; preto; amarelo e indígena. Na Colômbia, também são cinco: nenhum grupo étnico; NARP (negra, afrocolombiana, *raizal* e *palenquera*); indígena; Gitano o Rrom. No entanto, o NARP inclui três grupos étnicos: *raizales* do arquipélago de San Andrés, Providencia e Santa Catalina; *palenqueros* de San Basílio e negro, mulato, afrocolombiano, afrodescendente.

<sup>48</sup> O diálogo com Johan e outros integrantes da rádio comunitária A Ritmo de Ladera aconteceu no dia 23 de agosto, em Cali, durante um programa ao vivo da Rádio, onde fui uma das convidadas.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE (2019)<sup>49</sup>, a população negra no Brasil (o somatório de autodeclarados pretos e pardos) é de 56,10%, o que corresponde a um total de 108,9 milhões de pessoas. A existência de dados com recortes de raça/etnia auxilia na elaboração de uma série de políticas públicas, como as afirmativas, por exemplo, com destaque para as cotas raciais nas universidades. No entanto, isso não nos exime da necessidade de imprimir um olhar atento e crítico a estes dados, afinal eles integram e representam estruturas de poder que reproduzem modelos hegemônicos contra os quais os coletivos das quebradas e a pesquisa acadêmica engajada se insurgem.

### **3.3. DEMOCRACIA, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL E NA COLÔMBIA**

As décadas de 1950 e 1960 na América Latina são marcadas por ditaduras militares. No Brasil, a ditadura militar se inicia com um golpe em 1964 e termina oficialmente em 1985. Na Colômbia, o início da ditadura é em 1953, com término em 1957. O final oficial da ditadura na Colômbia, no entanto, não significou a diminuição do cerceamento à liberdade de expressão, tampouco da perseguição e assassinato de líderes sociais, dos confrontos armados e do recrutamento de crianças, adolescentes e jovens para a luta armada, por exemplo. Realidade com a qual a população colombiana precisou lidar por mais de 50 anos de Guerra Civil.

O marco do final das ditaduras em ambos os países, no entanto, vem acompanhado dos períodos conhecidos como de redemocratização. Momentos históricos em que se observa a promulgação de Constituições Federais que tanto no Brasil quanto na Colômbia passam a reconhecer direitos das populações historicamente excluídas, como as negras e indígenas. No Brasil, a Constituição Federal foi promulgada em 1988 e é conhecida como a “Constituição Cidadã”. A Constituição Política da Colômbia é de 1991 e ficou conhecida como a “Constituição dos Direitos Humanos”. Assim como a constituição colombiana assumiu as demandas dos movimentos sociais afrocolombianos e indígenas e, pela primeira vez, houve um reconhecimento da diversidade étnica e cultural como objeto de proteção do Estado (LOZANDO, S.R.C.; MIRANDA, S.A, 2018), a brasileira avançou no reconhecimento dos direitos das populações negras, indígenas, bem como nos direitos das mulheres, pessoas com

---

<sup>49</sup> Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403> Acesso em 07 mar 2021.

deficiência, entre outras populações consideradas minorias no que tange à representação política.

Em ambos os países, é a primeira vez que os grupos étnico-raciais indígenas e negros têm direitos constitucionalmente garantidos no campo da cultura e dos territórios (RODRIGUES, 2020). São conquistas que resultam da luta coletiva que se dá em diferentes instâncias, a partir de articulação de distintos atores sociais. A inclusão social e o reconhecimento constitucional das populações indígenas e negras na América Latina também estão vinculados a uma pressão exercida por marcos regulatórios internacionais sobre os Estados, a exemplo da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965)<sup>50</sup>; a Assembleia Geral dos Pactos Internacionais de Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1976) e a Conferência de Durban (2001), que ficou conhecida como a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância promovida pela ONU.

Fez parte do processo preparatório para esta Conferência, a elaboração pelo Estado brasileiro de um “Plano Nacional de Combate ao Racismo e Intolerância”, que contou com a participação de acadêmicas, acadêmicos e ativistas do movimento negro. Este evento é considerado um marco da luta antirracista, uma vez que o Estado brasileiro reconheceu oficialmente a existência do racismo no país e assinou uma carta de intenções onde se comprometia a combatê-lo<sup>51</sup>, mesmo o racismo na sua forma explícita já sendo criminalizado no Brasil desde 1989, com a promulgação da Lei 7.716.

Na Colômbia, vale destacar a Lei 70, de 1993, conhecida como Lei de Comunidades Negras, que é considerada um marco, uma vez que, entre outras garantias legais, estabelece o mecanismo de consulta prévia às comunidades negras para a validação de candidaturas para a circunscrição eleitoral, responsável pela reserva de dois assentos na Câmara de Deputados para afrocolombianos, o que tornou os dois partidos mais importantes do país – liberal e conservador –, bem como os novos partidos, mais acessíveis à participação de afrocolombianos.

---

<sup>50</sup> Adotada pela Resolução n.º 2.106-A da Assembleia das Nações Unidas, em 21 de dezembro de 1965. Aprovada pelo Decreto Legislativo n.º 23, de 21.6.1967. Ratificada pelo Brasil em 27 de março de 1968. Entrou em vigor no Brasil em 4.1.1969. Promulgada pelo Decreto n.º 65.810, de 8.12.1969. Publicada no D.O. de 10.12.1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvIntElimTodForDiscRac.html>. Acesso em 13 out 2020.

<sup>51</sup> Declaração e Programa de Ação e Durban. Disponível em: [http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao\\_durban.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf) Acesso em 12 out 2020.

Apesar do avanço no que tange à dimensão jurídica – Rodrigues (2020) ressalta que esta lei colombiana é a única na América Latina a prever um sistema de cotas para candidatos vindos das comunidades negras -, líderes comunitários, gestores de organizações sociais, ativistas culturais e pesquisadores alertam que apenas uma parte da população negra colombiana, em sua maioria aquelas que vivem nas zonas rurais, foi contemplada pelas garantias previstas na Lei 70.

No Brasil, desde 2018 é exigido aos partidos políticos que destinem 30% do fundo eleitoral para mulheres candidatas (brancas e negras), porém até 2020 não havia nenhum mecanismo legal que previsse cotas para candidaturas negras. Em agosto de 2020, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decidiu que a partir das eleições de 2020 passasse a valer uma divisão proporcional das verbas de propaganda em rádio e TV para fortalecer as candidaturas negras. A identificação étnico-racial dos candidatos e das candidatas foi feita por autodeclaração.

Diante desta determinação, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) intensificou um trabalho de articulação e formação para fortalecer as candidaturas de lideranças quilombolas na disputa de vagas nas prefeituras e câmaras de vereadores nos 24 estados brasileiros onde a CONAQ atua. Apenas os estados do Acre, Roraima e Distrito Federal não têm registro de quilombo.

Tanto o Brasil quanto a Colômbia são referências no continente latino-americano por partilharem modelos democráticos que trazem em suas constituições artigos que tratam especificamente das questões raciais e mecanismos de participação cidadã. São países que se destacam, desde a década de 1990, por empreender políticas públicas voltadas para a inclusão social e promoção de igualdade racial para a população afrodescendente, incluindo as juventudes negras e indígenas (RODRIGUES, 2020). No campo das infâncias, adolescências e juventudes, partilham legislações consideradas avançadas e que servem de referência para vários outros países no mundo, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado no Brasil, em julho de 1990.

No entanto, seguem sendo países marcados pelo racismo estrutural que introduz hierarquias e distinções, estabelece uma linha divisória entre superiores/inferiores, bons/maus e decide quem deve ter vida prolongada e quem deve ser deixado para morte (ALMEIDA, 2018). Como bem ressalta Nêgo Bispo (*apud* DE SOUZA E SILVA, 2020), as populações negras e indígenas até conseguem entrar no texto constitucional como sujeitos de direitos, mas suas identidades e culturas não entram junto.

As conquistas institucionais são resultantes de muita luta social, mas não estão garantidas. Ao contrário, estão sob ameaça constante das pressões políticas e econômicas. É o que observamos, por exemplo, no atual contexto sociopolítico vivenciado no Brasil e na Colômbia, ambos marcados pela ascensão de governos autoritários que ameaçam a democracia e retiram sistematicamente os poucos direitos sociais garantidos às populações mais pobres, em sua grande maioria negra e indígena.

Compreendendo que os avanços constitucionais são fruto da luta social, porém não garantem por si só a efetivação dos direitos, considero relevante, para este estudo, colocar luz em algumas dessas conquistas que respaldam a luta social e as táticas utilizadas pelas juventudes com as quais dialogamos em Cali e em Salvador, para garantir, principalmente, o direito à cidade, à educação, à cultura, à comunicação e à proteção contra todo e qualquer tipo de violência.

### **3.4. DESTERRITORIALIZAÇÃO DE POVOS NEGROS E INDÍGENAS: CIDADES SEGREGADAS**

Desterritorializar povos – marco da escravização de negros e indígenas que configura a sociedade colombiana e a brasileira – é uma estratégia intrínseca ao modelo colonial para roubar dignidade, fraturar culturas, dominar saberes e apagar epistemes. Trata-se de um processo que se iniciou com o período escravocrata e cujas consequências seguem pungentes nos modelos de cidade segregadas e desiguais que se espalham pela América Latina. As populações colocadas às margens dos projetos de cidade, dos modelos de urbanização, permanecem sendo tanto no Brasil, quanto na Colômbia, em sua grande maioria negras e indígenas. Continuam sendo estas populações que precisam seguir na luta pela sobrevivência diária. Garantir o direito à vida, para as juventudes com as quais dialogamos, portanto, está diretamente relacionado à garantia do direito à cidade e ao território, numa perspectiva mais ampla, como Milton Santos nos convoca a olhar.

Para compreender como se dão os processos de configuração das cidades na Colômbia é fundamental considerarmos, como já citado no Mapa da Teia, o *desplazamiento interno forzado*, fenômeno social que atinge de forma contundente as populações afrocolombianas. A violência originada pelos interesses pela terra, bem como pela agudização do conflito armado no campo, afeta principalmente a população rural, que

representa 65% das pessoas *desplazadas* no país<sup>52</sup>. No entanto, não se trata de um problema social restrito às ruralidades. As configurações das cidades colombianas, em especial daquelas localizadas nos estados de Cauca e Valle del Cauca, são impactadas diretamente pela falta de ação do Estado para garantir os direitos dessas populações que são lançadas à própria sorte nos grandes centros urbanos.

Há um extenso e consistente marco legal que rege o direito à terra no país. Contudo, há uma grande lacuna entre o que está garantido e o que é cumprido. A Constituição Política da Colômbia, em seu artigo 64, reconhece o “dever do Estado de promover o acesso progressivo à propriedade da terra dos trabalhadores agrários, de forma individual ou associativa”. A lei 387, de 1997, garante que o governo nacional adotará programas e procedimentos especiais para a expedição de escrituras de propriedade de terra e linhas especiais de crédito para a população *desplazada*. Alguns anos depois da promulgação da lei 387, o Decreto 2007 regulamentou o acesso e a propriedade da terra à população *desplazada*.

Na esteira dos marcos legais, a já citada Lei 70, de 1993, assim como prevê garantias para a participação institucional das populações afrocolombianas, garante o direito coletivo às terras habitadas pelas comunidades negras rurais da costa do Pacífico<sup>53</sup>. A legislação também reconhece o direito das comunidades negras a um processo educacional de acordo com suas necessidades e aspirações étnico culturais.

As pessoas *desplazadas* passaram a ser entendidas como sujeitos com direitos no final dos anos de 1970 (RESTREPO-ESPINOSA, 2017). No entanto, estas pessoas continuam excluídas de trabalhos e sem acesso a direitos previstos na Constituição Federal. Ao longo dos mais de 50 anos de conflito armado – e no período atual conhecido como pós-conflito, posterior à assinatura do Acordo de Paz, em 2016 – as populações *desplazadas* são obrigadas a abandonar suas terras, vítimas de diversos tipos violações de direitos: assassinatos seletivos, recrutamento forçado, estigmatização, trabalhos forçados e violência sexual.

---

<sup>52</sup> Ver [https://www.coljuristas.org/documentos/libros\\_e\\_informes/inf\\_2004\\_n1.pdf](https://www.coljuristas.org/documentos/libros_e_informes/inf_2004_n1.pdf). Acesso em: 24 maio 2021.

<sup>53</sup> No Brasil, é o artigo 68 da Constituição Federal de 1988 que versa sobre a garantia do direito à terra às populações reconhecidas como “remanescentes de quilombos”: grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Apesar de previsto constitucionalmente desde 1988, foi apenas em 2003, por meio do Decreto Nº 4.8878 que foi regulamentado o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. De acordo com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) não há um consenso acerca do número preciso de comunidades quilombolas no país, mas segundo dados da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) são 2847 comunidades certificadas. A maioria das certificações se concentram na Região Nordeste (1.7124), seguida pela Região Norte (442). Disponível em: <http://conaq.org.br/>. Acesso em 15 out 2020.

Em 2016, cerca de 5 milhões de pessoas em todo o mundo foram obrigadas a se deslocar dentro de seus próprios países em decorrência de conflitos armados, violência generalizada e violações dos direitos humanos. O número de deslocados internos no mundo atingiu a marca de 40,3 milhões de pessoas. A Colômbia, país com o maior número total de deslocados internos, contabilizou uma população de 7,4 milhões<sup>54</sup>. Dados do informe “O risco de voltar para casa”, da ONG Human Rights Watch (HRW), de 2013, destacava que a maioria da população que foi obrigada a fugir de suas terras era composta por jovens de até 25 anos<sup>55</sup>.

Entre 2016 e 2019, pós assinatura do Acordo de Paz, as maiores vítimas de homicídios seguem sendo pessoas que fazem parte de organizações camponesas, indígenas, afrodescendentes, ambientalistas e *comunales*<sup>56</sup>. Os conflitos agrários por terra e por recursos naturais representam 70,27% dos homicídios ocorridos na Colômbia neste período. Desde a posse do Presidente Iván Duque, em 07 de agosto de 2018, até 8 de setembro de 2019, 268 líderes sociais e defensores de direitos humanos haviam sido assassinados no país<sup>57</sup>.

O Valle del Cauca é o estado da Colômbia que recebe a maior quantidade de população negra *desplazada*, que em 2010 correspondia a 13.088 famílias e 61.039 pessoas. A população total de Cali é estimada em 2.227.642 pessoas. Dados do DANE (2005) indicam que 70% da população negra de Cali mora no setor de Aguablanca - onde vive e atua a maioria das/dos jovens com quem dialoguei – e nas comunas 16 e 21, que constituem a margem oriental da cidade. As comunas 14 e 15 reúnem 50% da população negra de Cali. Formado pelas *comunas* 13, 14, 15 e 21, a região oriental de Cali, conhecida como Distrito de Aguablanca abriga grande parte das pessoas que vieram *desplazadas* do pacífico colombiano, em decorrência do conflito armado e da violência do Estado.

A área urbana da cidade é dividida em *comunas* e a área rural em *corregimientos*<sup>58</sup>. Outra informação importante sobre a configuração da cidade de Cali, bem como dos demais

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>. Acesso em 21 maio 2021.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2013/09/17/risk-returning-home/violence-and-threats-against-displaced-people-reclaiming-land>. Acesso em 28 jun 2021.

<sup>56</sup> O termo é utilizado para identificar as lideranças que atuam nas chamadas *Juntas de Acción Comunal*, instâncias de participação comunitária com atuação em comunidades urbanas e rurais.

<sup>57</sup> É o que aponta o estudo “Violaciones a los Derechos Humanos en tiempos de Paz” (2019), da Cumbre Agraria, Campesina, Étnica y Popular (CACEP), Coordinación Social y Política Marcha Patriótica e Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz (INDEPAZ). Disponível em: <http://www.indepaz.org.co/wp-content/uploads/2019/09/Informe-Violaciones-a-los-Derechos-Humanos-en-tiempos-de-Paz.-Septiembre-de-2019-18-09-19.pdf>. Acesso em 10 maio 2021.

<sup>58</sup> Em 11 de agosto de 1988, por meio do Acordo 15, foi estabelecida a setorização do Município de Cali, organizando a área urbana em 20 comunas e a área rural em 15 *corregimientos*. Dez anos depois, o acordo 10 de 10 de agosto de 1998 criou a comuna 21 e em 2004 foi criada a comuna 22, por meio do Acordo 134 de 10

municípios colombianos, é que há uma classificação dos imóveis residenciais tanto das zonas urbanas, quanto das rurais, por estratos socioeconômicos. Atualmente, na Colômbia essa estratificação se dá em seis níveis: 1. Baixo-baixo (com subsídio de pagamento de 50%); 2. Baixo (com subsídio de 40%); 3. Médio-baixo (com subsídio de 15%); 4. Médio; 5. Médio-alto (contribuição de 20%); 6. Alto (contribuição de 20%). A estratificação é feita a nível nacional com base na legislação colombiana.

De acordo com informações oficiais do órgão responsável por implementar as metodologias de estratificação, o Departamento Nacional de Estatística (DANE): “esta ferramenta de direcionamento de despesas é utilizada para cobrar serviços públicos a taxas diferenciadas por estrato e para alocar subsídios e contribuições. Desta forma, aqueles com maior capacidade econômica pagam mais pelos serviços públicos e contribuem para que as famílias dos estratos mais baixos possam pagar suas tarifas”<sup>59</sup>. Em Cali, a estratificação socioeconômica entrou em vigor em junho de 1996, por meio do Decreto 1052. As regiões onde encontramos um grande número de iniciativas em arte e comunicação – Oriente de Cali e La Ladera – são aquelas classificadas pelo poder público com os estratos mais baixos e onde vive a maior parte das populações *desplazadas*.

Longe de suas terras, mulheres, homens, jovens e crianças tiveram que se reinventar, encontrar um novo lugar, como explicam a ativista colombiana, pesquisadora do CEAF e coordenadora da Casa Cultural el Chontaduro, Vicenta Moreno Hurtado, e a estudante da Escola de Trabalho Social da Universidade del Valle e pesquisadora do CEAF, Debaye Mornan:

Ainda que a academia colombiana o tenha criminalmente silenciado, o *destierro*<sup>60</sup> é uma das expressões mais brutais do racismo neste país. Não somente pelas tragédias urbanas que provoca, mas também pela reprodução de uma experiência traumática para a gente negra: o tráfico desde a África (Vergara, 2011). O *destierro* é o segundo tráfico. Sequestra corpos negros, os explora na cidade, os segrega nas *laderas*<sup>61</sup> e nos bairros marginais, os mutila, os assassina na violência homicida e os coloca nos aterros sanitários 520 anos depois, na Colômbia, um dos países da América com maior reconhecimento por sua ‘constituição política inclusiva’, as comunidades negras sofrem o *destierro* para dar ‘um passo ao progresso’ e ao domínio das multinacionais, às rotas do tráfico de drogas e ao posicionamento

---

de agosto de 2004. A Lei 1933 de 01 de agosto de 2018 decretou a categorização de Santiago de Cali como Distrito Especial, Esportivo, Cultural, Turístico, Empresarial e de Serviços.

<sup>59</sup> Disponível em: [https://www.cali.gov.co/planeacion/publicaciones/107322/estratificacion-socioeconomica-de-santiago-de-cali/#:~:text=Seg%C3%BAAn%20la%20Ley%20142%20de,Medio%20%2DAlto\)%20y%20el%20estrato](https://www.cali.gov.co/planeacion/publicaciones/107322/estratificacion-socioeconomica-de-santiago-de-cali/#:~:text=Seg%C3%BAAn%20la%20Ley%20142%20de,Medio%20%2DAlto)%20y%20el%20estrato)  
Acesso em 14 jan. 2022.

<sup>60</sup> O *destierro* é um fenômeno diretamente relacionado com o *desplazamiento forzado*. Segundo María Helena Restrepo Espinosa (2017), o *destierro* se localiza nos anos de 1980 e 1990, quanto se instaura na Colômbia uma forma de guerra civil mais global denominada de conflito armado.

<sup>61</sup> O correspondente em português para *ladera* é encosta. O termo é utilizado para identificar os bairros periféricos, principalmente as construções irregulares construídas nas áreas altas da cidade.



territorial da oligarquia. O *destierro* não pode ser compreendido sem considerar o domínio patriarcal do corpo negro na constituição da América (HURTADO, V.M; MORNAN, D, p. 102, 2015).

A cidade de Cali, em especial o Oriente, reflete bem o que Vicenta Moreno denuncia ao afirmar que o *destierro* é uma das expressões mais brutais do racismo no país e que os corpos negros seguem sendo explorados e violentados nas cidades, uma vez que as estruturas de poder econômico e político legitimam um formato de cidade desigual, racista e segregador. Cali é a capital do chamado *suroccidente* e reúne os povos do sul, como Cauca e Nariño, que são terras férteis de memória indígena e ancestral, com o mar Pacífico e Buenaventura, o maior porto comercial marítimo do país. Portanto, é um corredor estratégico da economia colombiana, mas também uma região golpeada pela pobreza, um epicentro de guerra e uma região marcada pela história de povos que constroem resistência há muitos anos (MEDIOS LIBRES CALI, 2021)<sup>62</sup>.

Em um diálogo que tivemos com jovens de Salvador e Cali durante a live “Juventudes Latinas em Diálogo: Violência de Estado e Trilhas Possíveis”, Johan Andrés Rodríguez García, da Rádio A Ritmo de Ladera, descreveu como percebe a operação do racismo na cidade:

Cali é uma cidade racista [...] mesmo tendo uma porcentagem altíssima de população negra [...] é uma cidade onde os mandatários, os projetos acadêmicos, a construção intelectual veem como uma cidade multi, pluri – ou sei lá mais o quê – cultural. **Uma cidade onde dizem que há um encontro de muitas culturas, mas é uma cidade totalmente racista [...] que tem as periferias muito bem demarcadas, que é o Oriente de Cali até a Ladera, onde vive a população negra, campesina, indígena. Com o discurso da multiculturalidade, os mandatários encobrem o racismo** [...] O multicultural só fica no artístico. Mas, a estrutura mesmo não muda (Johan Andrés Rodríguez García – Rádio A Ritmo de Ladera, Cali) [grifos meus]<sup>63</sup>.

Os elevados índices de homicídios, desnutrição e mortalidade infantil, casos de Dengue, Chicungunha e Zica, desemprego, altos índices de pessoas vítimas do conflito armado, desempregados, entre outros que marcam o Oriente de Cali, região que é conhecida informalmente como Distrito de Aguablanca, são reflexo dessas estruturas opressoras e do racismo estrutural encoberto por um discurso de multiculturalidade, como destaca Johan.

---

<sup>62</sup> V. Artigo “Digna Rebeldía e Organización Social”. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=37764>. Acesso em 14 mai. 2021.

<sup>63</sup> A live foi realizada no dia 18 de maio de 2021 pela plataforma Zoom, com exibição no canal do YouTube do Rede ao Redor. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8Ij\\_6ZSquDI&t=5s](https://www.youtube.com/watch?v=8Ij_6ZSquDI&t=5s) Acesso em 20 nov. 2021.

Espelham a implementação de políticas públicas ineficazes, descontinuadas e desarticuladas, como pondera Ofir Muñoz Vásquez (2018) ao afirmar que diante de problemas históricos e sistêmicos com os que configuram as cidades colombianas, é preciso que se implementem políticas consistentes e de longo prazo e não ações pontuais e intermitentes.

A dimensão histórica e sistêmica dos problemas sociais, econômicos e políticos - à qual se refere Vásquez e que é reforçada por Johan, da Rádio A Ritmo de Ladera, ao denunciar o racismo que estrutura as relações na cidade de Cali -, está vinculada ao colonialismo que imprime na sociedade colombiana marcas do racismo que estrutura as relações, sedimenta as instituições, condiciona as subjetividades e impacta diretamente na configuração dos espaços urbanos. Realidade que também atravessa a sociedade brasileira.

É fato que o Brasil não é vítima de um conflito com as dimensões do que é vivenciado na Colômbia e não temos um fenômeno correspondente ao *desplazamiento interno forzado*. No entanto, são as populações negras e indígenas as que mais têm seus direitos violados há séculos. O sequestro dos corpos negros, a exploração e a segregação nos bairros marginalizados também ocorrem nas cidades brasileiras, apesar de, assim como a Colômbia, contarmos com uma constituição “inclusiva” que apresenta uma série de mecanismos que - ao menos normativamente - permitem a participação cidadã.

O processo de urbanização do Brasil se dá com a subalternização das populações negras, colocadas à margem do movimento de modernização das cidades. Maria Estela Ramos (2013) ao citar Raquel Rolnik (1999) ressalta que, no final do século 19, o Brasil vivenciou um processo orquestrado pelas elites de favorecimento de imigrantes europeus para que pudessem se instalar no país, por meio de uma política de imigração massiva de caráter higienista, com foco na superação dos obstáculos trazidos pela cultura não-civilizada dos povos de origem africana.

Foi nesse contexto que em 1850, pouco tempo após o país oficialmente decretar o fim da escravidão, foi promulgada a Lei de Terras<sup>64</sup>. A legislação demarcou que a partir dali o acesso à terra só se daria mediante compra e não mais por doação. Isto dificultou o acesso dos negros recém libertos à terra e o favoreceu os imigrantes europeus que chegavam ao Brasil, estimulados pelo Estado para trabalhar como mão de obra nas cidades. Ramos (2013) recorda que, infringindo a própria legislação, terras eram ofertadas aos imigrantes europeus

---

64

Ver

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm#:~:text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais.)

e o país vivenciava um período marcado pela narrativa da modernização das cidades que veio acompanhada de um processo de embranquecimento delas.

Esse processo foi construindo cidades segregadas e ganhando outros matizes ao longo do tempo. Nas décadas de 1960 e 1980, a urbanização, a industrialização, a concentração fundiária e a mecanização do campo foram fatores determinantes para o intenso êxodo rural que marcou o período. Em busca de melhores condições de vida, milhares de pessoas migraram para as cidades em busca de oportunidades de trabalho.

Excluídas dos modelos dominantes de urbanização, as populações pobres foram sendo apartadas, segregadas, formando o que o IBGE classifica como “aglomerados subnormais”: favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros assentamentos irregulares. Em 2010, aproximadamente 12 milhões de pessoas (6% da população) viviam nestes aglomerados. Cerca de 70% eram negras (IBGE, 2010)<sup>65</sup>.

No Brasil recente, a precarização do emprego, fruto da reforma trabalhista; o fim da política de valorização do salário-mínimo; os cortes nas políticas sociais, além dos efeitos da má gestão pública da pandemia de Covid-19, agravaram a depressão econômica que já vinha desde 2014. Em 2021, o país voltou ao Mapa da Fome da ONU e viu disparar o número de pessoas com insegurança alimentar grave ou moderada: cerca de 58 milhões de brasileiros correm o risco de deixar de comer por não terem dinheiro<sup>66</sup>.

Vivendo em condições precárias de moradia, essas populações seguem mais expostas às violências, à falta de saneamento básico, saúde, alimentação, educação, emprego. Sem políticas efetivas e articuladas, assim como na Colômbia, os problemas históricos e sistêmicos seguem reforçando as desigualdades.

O Nordeste do Brasil apresenta índices comparáveis aos países mais pobres da América Latina e de África e é marcado por profundas desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais, de gênero, de geração, de lugar onde se vive e trabalha (cidade/campo). Com 2,9 milhões de habitantes, Salvador é o município mais populoso da Região Nordeste e o terceiro mais populoso do Brasil<sup>67</sup> e abriga a maior parte da população negra, em sua maioria desfavorecida socialmente e segregada por barreiras urbanísticas.

O processo de urbanização da capital baiana criou uma cidade dividida: duas regiões com características sociais muito distintas, marcadas por uma orla pontuada por bolsões de

---

<sup>65</sup> Vale ressaltar que estes, bem como outros dados utilizados aqui, são referentes à 2010, pois este havia sido o último ano – até a conclusão desta tese – que o IBGE havia publicado o Censo.

<sup>66</sup> Ver <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-24/nao-e-doenca-e-fome.html>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>67</sup> IBGE, Diretoria de Pesquisas - DPE, Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS (2020).

pobreza e uma região pobre no miolo da cidade. A zona considerada como o miolo da cidade era praticamente rural até finais dos anos de 1940. A partir de 1950 começou de forma mais contundente um processo de expansão horizontal e consequente periferização socioespacial da cidade. Processo esse que se reflete na contemporaneidade e explica, por exemplo, as disparidades de investimentos de políticas públicas em bairros considerados “nobres”, em detrimento de ações efetivas do poder público nas regiões onde moram as populações subalternizadas, em sua grande maioria formada por negras e negros.

Cada cidade tem dentro de si distintas cidades, com formas urbanas diversas e construções, reconstruções, destruições, apropriações diversas. Fatores sociais, econômicos e políticos tramam distintas maneiras de viver a cidade, de viver na cidade, de fazer a cidade. E essas formas, em sociedades marcadas por processos sociais, econômicos e políticos que reforçam as desigualdades sociais, como é o caso da brasileira e da colombiana, estão sempre em conflito, em tensão com quem governa essa cidade.

Assim, à margem do planejamento institucional e reféns de configurações de espaços urbanos marcados por padronizações técnicas espaciais impostas pelo poder político, intelectual e econômico que são utilizadas para impedir a ascensão social de determinados grupos (RAMOS, 2013), as populações excluídas, seja em Cali, seja em Salvador, passam a construir seus próprios espaços, a planejar suas quebradas, seus *pedazos*<sup>68</sup>, suas configurações culturais, embebidas de conhecimentos ancestrais. Passam, pois, a utilizar a palavra, a poesia, a arte de guerrilha para construir e narrar outras cidades possíveis. Passam, fundamentalmente, a construir memória para enfrentar as opressões.

É o que aponta José Eduardo Ferreira Santos, um dos nossos interlocutores, ao questionar as representações clássicas da periferia, da favela, a começar pela própria definição do IBGE de “conglomerados subnormais”, que reforça a segregação:

**[...] esse lugar de quem vem de fora, de técnico, define o que é periferia. É um conglomerado subnormal, ou qualquer outro termo pejorativo. Um conglomerado insalubre [...] se você for pensar as periferias de Salvador, o que é que tem de potente na sua periferia? O que é que tem de força cultural, de força de organização na tua periferia? Porque essa memória precisa ser produzida [...] a gente, muitas vezes, tem medo e tem vergonha da nossa periferia. Por isso, a gente não cria uma memória da periferia. Por isso, a gente não acha que é possível se criar uma memória da periferia (José Eduardo Ferreira Santos – Acervo da Laje, Salvador) [grifos meus]**<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> Expressão bastante utilizada pelas juventudes *caleñas* com as quais dialoguei para demarcar seus territórios. Traz uma dimensão de pertencimento e orgulho similar ao termo “quebradas”, em Salvador.

<sup>69</sup> A fala foi feita durante aula do Curso A Periferia é o Centro: Ofensivas Culturais Emancipadoras, realizada no dia 24 de outubro de 2020. O tema facilitado por José Eduardo Ferreira foi “Identidade territorial e produção de memória nas/das periferias”.

O convite que Zé Eduardo – como é conhecido – faz não é para que se ignorem as violências às quais estão submetidos esses territórios, pois elas precisam ser evidenciadas para que sejam cobradas políticas públicas eficazes. No entanto, a provocação feita por ele é para que as periferias não sejam reduzidas às suas ausências e por isso é fundamental produzir memória, escrever outras histórias sobre estes territórios. É o que o Acervo da Laje vem fazendo desde 2011 na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador:

o **museu na periferia - que é casa, museu e escola** -, ele tem uma lógica que é diferente [...] porque é **o modo que a gente encontrou de dialogar com a cidade**. E viver a cidade, para nós, muitas vezes, tem a ver com esse olhar [...] porque **a gente olha para o Subúrbio com camadas de invisibilidade que foram tiradas por nós**. A gente fez uma arqueologia do nosso território para criar passagem para outras pessoas chegarem. Que arque você tá fazendo de você? Que arque você tá fazendo do seu território? (José Eduardo Ferreira Santos – *Acervo da Laje, Salvador*) [grifos meus]

### **3.5. A MIRADA DO ESTADO: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS JUVENTUDES. QUE ESTADO? QUE JUVENTUDE?**

No Brasil, a população considerada jovem pelo Estado - de acordo com o recorte etário definido para a formulação das políticas públicas - corresponde a um quarto da população total. Isso significa que 51,3 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos vivem atualmente no país (IBGE, 2010). Na Colômbia, jovens de 14 a 26 anos representam 21,8% da população, correspondendo a uma quase 11 milhões de pessoas<sup>70</sup>. Em ambos os países, a maior parte dos e das jovens (84,8% no Brasil e 76% na Colômbia) vive nas capitais das cidades.

O censo mais recente da Colômbia aponta que 7,2% das pessoas jovens se autodeclararam como negras, mulatas, afrodescendentes ou afrocolombianas; 5% como indígenas e 85,9%, ou seja, quase nove milhões de jovens disseram não ter pertencimento étnico. Aqui abro um parêntesis para ressaltar algo que já foi dito: o censo é um instrumento fundamentalmente político, portanto, a opção “não pertencimento étnico” contribui para gerar resultados como este que camuflam a identidade étnico-racial da população colombiana. No Brasil, o percentual de jovens que se autodeclararam negros (o somatório de pretos e pardos) é de 53,6%. Com relação à identificação de gênero, 50,04 % do total de jovens é de mulheres, no Brasil e 21,1 % na Colômbia<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> DANE – Censo Nacional de Población y Vivienda - CNPV 2018. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/genero/informes/informe-panorama-sociodemografico-juventud-en-colombia.pdf> Acesso 18 set 2020.

<sup>71</sup> Vale ressaltar que as definições etárias na Colômbia e no Brasil são diferentes, portanto, os dados não são exatamente correspondentes. Os totais populacionais indicados correspondem a pessoas com idades entre 15 e 29 no Brasil, enquanto na Colômbia se referem a população entre 14 e 26 anos.

Sempre vistos como indivíduos em transição - o vir a ser adulto -, as e os jovens tardaram muito para começarem a ser compreendidos como sujeitos de direitos e foram colocados ao longo da história como objeto das políticas públicas em toda a América Latina. Durante muito tempo as políticas de juventudes apostaram na oferta de serviços de educação, saúde, emprego, sem demarcar prioridades claras para a participação juvenil como ferramenta de empoderamento e desenvolvimento social (RODRÍGUEZ, 2016).

No Brasil, apenas na década de 1990 o tema das juventudes passa a surgir como questão na agenda política do país, tendo como marcos legais desse processo de mudança de paradigma a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988 e a aprovação do ECA, em 13 de julho de 1990. É a partir do ECA que os adolescentes e jovens até 18 anos começam a ser reconhecidos – ao menos do ponto de vista legal - como sujeitos de direitos.

Mas foi só em agosto de 2013, com a aprovação da Lei Nº 12.852, que se instituiu o Estatuto da Juventude, que dispõe especificamente sobre os direitos das e dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) que institui os conselhos de juventude nas esferas nacional, estadual e municipal. Foi neste mesmo ano que a Colômbia aprovou a *Ley Estatutaria* 1622 que implementa o *Estatuto de Ciudadanía Juvenil*<sup>72</sup>, trazendo ferramentas para a formulação de políticas, planos e programas para a população jovem<sup>73</sup>.

Com relação às juventudes negras brasileiras, a Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial, conta com artigos que dispõem especificamente sobre a garantia de direitos para estas juventudes. Por sua vez, o estatuto colombiano versa sobre a garantia de representações de jovens afrocolombianos e indígenas nos Conselhos Nacional e Municipal de Juventude. Estas instâncias são, em ambos os países, mecanismos importantes de participação institucional que passam a ser instalados a partir da aprovação dos estatutos de juventude.

No Brasil, essa participação institucional também foi estimulada a partir da realização de conferências municipais, estaduais e nacionais de juventudes que funcionam como espaços de escuta e formulação de propostas. Entre os coletivos que mapeamos e com os quais estabelecemos diálogo, a Reprotai é um dos que têm a participação institucional incorporada de forma mais orgânica às dinâmicas do coletivo. Em 2021, ocupavam uma

---

<sup>72</sup> Disponível em: <http://www.colombiajoven.gov.co/atencionaljoven/Documents/estatuto-ciudadania-juvenil.pdf>. Acesso em 10 mar 2019.

<sup>73</sup>No Estatuto da Juventude da Colômbia são considerados jovens pessoas com idade entre 14 e 28 anos. Para o Ministério da Saúde colombiano, no entanto, são considerados jovens aqueles entre 14 e 26 anos e na Constituição Colombiana são aquelas/aqueles que têm entre 15 e 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Juventude entende como jovens as pessoas entre 15 e 29 anos.

cadeira no Conselho Estadual da Juventude, representados por Diorgenes Reis, um de seus integrantes. Por meio do apoio da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia, atuavam nos Conselhos Municipal e Estadual dos Direitos das Crianças e do Adolescente e no Fórum Popular de Segurança Pública.

Importante ressaltar que as conquistas legislativas que destaco aqui são decorrentes da atuação da sociedade civil organizada, dos movimentos sociais, ONGs e movimentos juvenis que impactam a opinião pública e colocam em xeque percepções estigmatizadas que insistem em rotular as juventudes como ou muito “apáticas” ou “rebelde” demais. A organização comunitária de jovens – institucionalizada ou não – é uma potente forma de pressão para que sejam implementadas políticas públicas que garantam melhorias das condições de vida das e dos jovens e favoreçam a sua participação cidadã.

Mesmo com avanços nos marcos institucionais, o caminho é longo para que as e os jovens sejam entendidos como sujeitos de direitos. E muito mais árduo se as juventudes em questão são negras, pobres, moradoras das periferias. Por isso, como já dito, é fundamental falarmos em juventudes, no plural, considerando as pessoas jovens sob uma perspectiva interseccional, muito mais complexa do que apenas a dimensão etária, uma vez que esta perspectiva abarca dimensões como gênero, raça e classe e compreende o “devir jovem” a partir das intersecções, atravessamentos, negociações e disputas. Em Cali e em Salvador são as juventudes negras as mais vitimizadas pela violência e as mais apartadas da garantia de direitos básicos: educação, moradia, alimentação, emprego, cultura, participação etc.

No que se refere ao acesso à educação formal, de acordo com o Censo Escolar 2019<sup>74</sup>, o Brasil tem 48 milhões de estudantes matriculados na educação básica. O acesso ao ensino médio é menor que ao ensino fundamental entre os mais pobres e negros. Apesar de a educação básica obrigatória ter tido um pequeno crescimento entre os anos de 2017 e 2018, os indicadores revelam que entre a população negra apenas 61,8% consegue concluir o ensino médio. Entre os brancos, a taxa de conclusão é de 76,8%. Há diferença entre negros e não negros de 25 anos ou mais também com relação à média de anos de estudo: entre os não negros é de 10,3 anos e entre os negros, 8,4<sup>75</sup>. Como os dados referem-se a um período anterior à pandemia de Covid-19, este marcado pelo fechamento das escolas como medida necessária para a contenção da disseminação do vírus, a tendência é que estudos atualizados

---

<sup>74</sup>Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 20 mai. 2021.

<sup>75</sup>Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua), 2018. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso 10 jul. 2020.

identifiquem um aumento ainda maior da evasão escolar e o impacto sobre as populações pobres, em sua maioria negras.

Em Salvador, o percentual de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam e não trabalham é de 11,26%. O percentual de mães chefes de família sem ensino fundamental e com filho menor é de 13,34%. A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 50,24%. Há um déficit de jovens frequentando o ensino fundamental e médio na faixa etária entre 15 e 20 anos. Estes índices refletem na proporção de adultos com escolaridade completa. Em 2010, entre a população com 25 anos ou mais: 4,69% eram analfabetos, 67,99% tinham o ensino fundamental completo, 52,28% possuíam o ensino médio completo e apenas 14,59%, o superior completo.

A Colômbia, por sua vez, enfrenta dois grandes desafios: altos níveis de desigualdade desde os primeiros anos da educação e um baixo nível de qualidade em todo o sistema educacional. Apesar de a Constituição Política de 1991 estabelecer a educação como um direito e um serviço público obrigatório com função social e as políticas educativas nas últimas décadas focarem no aumento da cobertura (quantidade) e na qualidade da educação para gerar um crescimento econômico que torne a Colômbia um país competitivo, são os setores mais desfavorecidos economicamente, as populações das zonas rurais e as minorias étnicas, os grupos sociais mais afetados pela falta de acesso à educação e/ou o acesso desqualificado (PÉREZ DÁVILA, 2018).

A expectativa de vida escolar dos estudantes em situação de pobreza é de apenas seis anos, enquanto os mais ricos permanecem em média doze anos na escola. Apenas 9% dos jovens dos setores populares entre 17 e 21 anos de idade estão matriculados em instituições de ensino superior, em comparação com 62% dos jovens das classes economicamente favorecidas. A origem socioeconômica, a localização geográfica, a etnia e o gênero ainda condicionam em grande medida as oportunidades educativas na Colômbia (OCDE, 2016)<sup>76</sup>. A falta de dados segregados por cor/raça não permitiu trazer informações sobre a exclusão escolar entre a população jovem afrocolombiana.

Os números, que aparentam impessoalidade, versam sobre uma realidade bastante concreta: o racismo dificulta não só o acesso à educação para a população negra, em especial para as jovens e adultas negras, mas oferecem uma experiência educacional que muitas vezes deixa marcas profundas na vida das e dos estudantes, como aponta Sueli Carneiro:

---

<sup>76</sup> Disponível em: [https://www.mineducacion.gov.co/1759/articulos-356787\\_recurso\\_1.pdf](https://www.mineducacion.gov.co/1759/articulos-356787_recurso_1.pdf). Acesso em 25 jun. 2021.



O pós-abolição não restitui essa humanidade retirada - a escola reitera isso. Não é gratuito que nossas primeiras experiências com o racismo têm a ver com a entrada na escola. Costumo relatar que o pesadelo para uma criança negra era a aula sobre a história da escravidão na minha geração. A narrativa sobre a história da escravidão produzia uma verdadeira hecatombe nas crianças negras<sup>77</sup>.

As marcas do racismo na infância apareceram na conversa que tivemos com Lívia Suarez, do Coletivo La Frida, em Salvador:

[...] **A infância é um marcador muito forte.** Eu aprendi a andar de bicicleta na infância, mas dado esse contexto social de classe média, eu me considero uma pessoa privilegiada, na questão social. **O que me formou como indivíduo foi a questão da infância, os silenciamentos, a questão de a gente não se encaixar em nada.** A gente vai rememorando uma série de coisas que a gente vai passando na infância, percebendo inúmeras violências, seja com o cabelo, com o corpo, a tonalidade de pele, o não estar dentro do padrão. **A infância é muito violenta, então eu acho que isso foi construindo um pouco a pessoa que eu sou. Todo mundo me pergunta porque eu olho pra cima, porque eu tenho um olhar elevado, com cabeça pra cima. Isso ocorre porque eu já olhei muito pra baixo, então quando eu senti a chave virar, eu só comecei a olhar para cima.** A forma como eu estava na escola e como os alunos reagiam comigo [...] eu até perdi o ano. Tudo isso ia refletindo na minha vida. **Eu tinha atitudes violentas porque as pessoas querem que a gente aja de forma violenta, por mais que seja só uma criança.** Então, uma vez que a gente sofre tanta violência, as pessoas querem que a gente seja violenta e aí você vai percebendo que não é bem isso [...] **A infância é um marcador importante. Ela foi tão perversa, que eu pensava a todo momento como eu ia mudar isso.** Acho que hoje está um pouco melhor, mas para quem vem de outra geração foi perverso. **Eu me enxerguei enquanto potência, que eu não era essa pessoa feia, sem inteligência [grifos meus]**<sup>78</sup>.

Essa experiência educacional marcada pelo racismo, trazida nesse trecho da fala de Lívia, é um dos motivos pelos quais muitas e muitos jovens abandonam a escola, ou partem em busca de outros espaços de construção de sociabilidades, subjetividades e relações que fortaleçam sua autoestima e suas identidades, como foi o caso de Lívia - que seguiu sua formação escolar e universitária – mas buscou outras frentes de fortalecimento. Ela é a idealizadora do Coletivo La Frida e contribui para que outras meninas e mulheres negras possam fortalecer suas identidades e construir caminhos de emancipação. Assim como Lívia, muitos e muitas jovens negras procuram espaços onde possam se dedicar a construir outras versões da história e a mobilizar os seus pares nos territórios onde atuam como agentes de

---

<sup>77</sup> Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/gestao-escolar-para-a-equidade-racial-dialogos-com-macae-evaristo-e-sueli-carneiro>  
Acesso em 10 mar. 2020.

<sup>78</sup> A conversa com Lívia Suarez aconteceu no dia 29 de março de 2019 e foi realizada por Alana Barbosa, como parte das atividades de formação previstas na pesquisa.

letramento, criando outras formas de dizer o já dito, a partir de suas identidades sociais contestadoras (SOUZA, 2011).

Ao longo das décadas, algumas conquistas institucionais - fruto de lutas sociais – contribuem para uma mudança de paradigma no que se refere à educação formal. Mesmo que ainda haja muita caminhada para que ocorra uma mudança efetiva e estrutural, é importante ressaltar dois marcos legais no Brasil e na Colômbia que visam transformações no âmbito da educação formal.

Na Colômbia, foi aprovada a Lei Geral da Educação (nº 115 de 1994) que dispõe sobre as normas para o desenvolvimento de estudos afrocolombianos, de caráter obrigatório com o fim de conhecer e exaltar as contribuições histórico-culturais, ancestrais e atuais das comunidades afrocolombianas na construção da nação colombiana. É esta lei que estabelece que a etnoeducação seja inserida dentro do currículo escolar. Diante de um cenário onde

a África se revela como uma entidade sem rosto definido, bastante distorcida e atormentada por imaginários atravessados pela ignorância, preconceito e qualificações racistas [...] conhecer a *cultura madre* é um passo fundamental para criação de outros imaginários descolados do modelo eurocêntrico e colonizado (DÍAZ, 2009, p.1).

No entanto, observa-se que da homologação da lei para a sua implementação, o caminho é bastante árduo. Da mesma forma acontece no Brasil com a implementação da Lei nº 10.639/2003 e posteriormente da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos escolares dos ensinos Fundamental e Médio. Para a professora municipal e doutora em educação Macaé Evaristo, apesar de ainda haver muitos desafios para que a lei seja efetivada, ela trouxe mudanças importantes no cenário brasileiro e o caminho para assegurar transversalidade e interdisciplinaridade no ensino-aprendizagem da história e cultura afro-brasileira é garantir a aplicabilidade da lei na dimensão pedagógica, a partir da gestão escolar, como explica Macaé<sup>79</sup>:

A lei é um processo, sua efetivação é processual. É a partir da lei que vamos ter no âmbito do governo federal os primeiros editais que vão possibilitar a criação dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABS) nas universidades e nos Institutos Federais (IFs). Isso foi muito importante para a criação de um repertório que pôde ser apropriado e utilizado por professores da educação básica.

---

<sup>79</sup> Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/gestao-escolar-para-a-equidade-racial-dialogos-com-macae-evaristo-e-sueli-carneiro>. Acesso em 10 jul. 2021.

No que se refere ao acesso da população negra à educação superior, vale ressaltar o impacto social das políticas de ações afirmativas<sup>80</sup> nos processos seletivos das universidades públicas brasileiras. Em 29 de agosto de 2012, durante o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff (PT), foi aprovada a Lei 12.711 que criou uma política de reserva de vagas para alunos de escola pública, pretos e pardos e indígenas em todo o sistema de educação superior e ensino médio federal. Conhecida como Lei de Cotas, ela obriga as universidades, institutos e centros federais a reservarem 50% das vagas oferecidas em seus processos seletivos a cotistas.

Tais políticas foram adotadas no país somente a partir do processo de redemocratização, que possibilitou que diferentes grupos e organizações sociais antes silenciados pelo regime autoritário, demandassem direitos abertamente. Para a aprovação da lei foi fundamental a mobilização do movimento negro, que atuou localmente no convencimento dos gestores das universidades e câmaras estaduais (CAMPOS, L.A.; DAFLON, V.T.; JÚNIOR, J.F, 2013). Vale lembrar que na III Conferência de Durban, em 2001, um dos compromissos assumidos pelo Estado brasileiro foi o de incluir nas suas políticas educacionais ações afirmativas para enfrentar a exclusão racial.

Porém, antes mesmo da assinatura da Declaração de Durban e da promulgação da lei federal, a autonomia universitária garantiu a adoção de reserva de vagas para negras e negros em estados como o Rio de Janeiro e a Bahia. Em 2000, com a aprovação da lei estadual 3.524/00, de 28 de dezembro de 2000, no Rio de Janeiro, as universidades estaduais passaram a reservar 50% das vagas para estudantes das redes municipal e estadual e para negros. Em 18 julho de 2002, foi a vez da Bahia, com a implantação do Sistema de Cotas aprovado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB)<sup>81</sup>. No âmbito federal, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira instituição a aprovar a adoção de cotas para alunos negros oriundos de escola pública, o que ocorreu em 2003, mas a proposta já havia sido apresentada internamente desde 1999 (MENDES, P. V. G. in NORA GLUZ [et.al.], 2014).

Apesar de as universidades estaduais terem sido pioneiras na implementação de políticas de ação afirmativa, as federais conseguiram avançar mais rápido devido ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

---

<sup>80</sup> Ações afirmativas são medidas especiais de políticas públicas e/ou ações privadas que pressupõem uma reparação histórica de desigualdades socioeconômicas vivenciadas por um grupo étnico. São criadas com o intuito de garantir igualdade de oportunidades, aumentando o acesso dessas populações excluídas a terras, moradias, educação, emprego etc.

<sup>81</sup> CONSU, Resolução nº 196/2002.

(REUNI)<sup>82</sup>, cuja diretriz principal era que as universidades contempladas desenvolvessem “mecanismos de inclusão social a fim de garantir igualdade de oportunidades de acesso e permanência na universidade pública a todos os cidadãos” (CAMPOS, L.A.; DAFLON, V.T.; JÚNIOR, J.F, 2013).

A efetivação das políticas de cotas – fruto de intensa e incansável articulação do movimento negro brasileiro e de setores das universidades comprometidos com a luta – cumpre um papel decisivo na construção de um projeto democrático de país. São medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade não apenas no âmbito formal, mas de maneira substantiva, assegurando diversidade e pluralidade social (PIOVESAN, 2006). Vale lembrar que apesar de institucionalizadas enquanto políticas públicas em 2012, as empreitadas para implementação de ações afirmativas já podem ser percebidas desde 1945, quando uma proposta de ação afirmativa foi apresentada durante a Convenção Nacional do Negro Brasileiro com o “Manifesto à Nação Brasileira”.

Em 1968, houve uma tentativa de criação de uma lei que obrigasse empresas privadas a contratar uma porcentagem de trabalhadores negros; porém, apesar de manifestação favorável do Ministério Público do Trabalho, a lei não chegou a ser elaborada. Já em 1980, Abdias do Nascimento, então deputado federal, formulou um projeto de lei que propunha uma ação compensatória aos negros brasileiros (MENDES, P. V. G. *in* NORA GLUZ [et.al.], 2014).

Junto aos coletivos com os quais dialoguei em Salvador, foi possível observar – apesar de este não ser o foco deste estudo - o impacto direto dessas políticas nas trajetórias individuais e comunitárias das/os jovens. À medida que acessam as universidades - seja na graduação, seja na pós-graduação – com suas pesquisas, seus corpos, seus cabelos, suas vozes contribuem para provocar fissuras necessárias numa perspectiva de ciência que ainda encontra eco em um modelo cartesiano e racionalista, onde

qualquer produção de conhecimento que tenha como pilares o senso comum, a linguagem ordinária, as revoluções do cotidiano será visto no mínimo com desconfiança, mesmo por aqueles que sofrem a opressão do paradigma dominante que preside o que se tem considerado como científico (MUNIZ, 2009, p.4).

Desta forma, a partir das políticas de cotas foi possível abrir caminho para que cada vez mais, aqueles e aquelas que eram compreendidos como “objetos de estudo” passassem a ocupar o lugar de sujeitos, autores, autoras, produtores, produtoras de ciência, como disse

---

<sup>82</sup> O REUNI foi instituído pelo Decreto n. 6.096, em 24 de abril de 2007 e seguiu em execução até dezembro de 2012.

Natureza França, durante aula que ministrou no “Curso A Periferia é o Centro: Ofensivas Culturais Emancipadoras”:

Pra gente começar a fazer esse tipo de produção na periferia, é necessário que haja o conhecimento da sua trajetória. Porque, enquanto pessoas de periferia, nós viemos de uma trajetória em que a nossa história ela é contada por outras pessoas. Nós somos objetos de pesquisa, historicamente falando. **Tem escolas e institutos que ainda nos chamam, chamam nossas experiências, chamam nossas histórias, chamam nossos corpos de objeto de pesquisa. E a ideia é que não sejamos objetos de pesquisa, porque não somos. Nós somos sujeitos da pesquisa.** E aí, quando a gente entra neste lugar de falar, de escrever, de ser, quando a gente lê a escrevivência, quando [Conceição] Evaristo fala da escrevivência, **quando eu vou pra esse lugar de me imprimir no mundo é quando eu estou contando a minha história. A história que é vivida, protagonizada por mim e que eu conto.** Se não houver esse autoconhecimento, esse olhar para si e para o seu caminho, para o seu território, o sujeito da periferia não vai produzir processos criativos sustentáveis (*Natureza França – QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus]<sup>83</sup>.

Esses processos criativos das periferias aos quais se refere Natureza França, são exemplos de fissuras que acontecem nos territórios de morada e atuação dos/as jovens, uma vez que muitos compreendem a possibilidade de ingressar em uma universidade como uma conquista coletiva, comunitária, o que pressupõe trazer uma devolutiva para suas famílias, vizinhos, população local. Portanto, o compromisso não é apenas com a construção de sua carreira individual, mas com a contribuição para a emancipação de suas localidades.

Duas iniciativas de coletivos com atuação em Salvador - Levante Popular da Juventude e o Ocupa Preto - ajudam a exemplificar um caminho possível para esse aporte que é a oferta de cursinhos populares de pré-vestibular. O Levante é um movimento de juventude de caráter nacional que possui quatro frentes de atuação: Territorial, Campesina, Estudantil e Secundarista. Em diálogo com Júlia Hiesberg - que à época era estudante de Ciências Sociais na UFBA e integrava a Frente Estudantil do Levante Popular das Juventudes em Salvador - compreendemos que uma das prioridades desta frente era garantir a permanência das/dos jovens nas universidades. Para isso, três principais táticas foram lançadas: disputar a representação na União Nacional dos Estudantes (UNE); implementar uma rede de cursinhos populares de pré-vestibular em todo o Brasil, a partir de parcerias com movimentos sociais, coletivos culturais, associações de moradores etc. e promover nos bairros onde eram oferecidos os cursinhos o projeto “Nós por Nós”, voltado para o debate sobre geração de renda e acesso à educação e cultura nas periferias, como explica a jovem:

---

<sup>83</sup> A aula intitulada “Processos Criativos na Periferia”, conduzida pelas/os integrantes do coletivo Favela Revela aconteceu virtualmente no dia 29 de outubro de 2020.

[...] as formas de **resistência precisam ser uma defensiva ativa: não podemos perder o que conquistamos, mas também não é o momento de se esconder dos nossos inimigos. Precisamos estar na defensiva, mas ativos, construindo ações.** E aí as ferramentas que temos construído nos nossos períodos são: **a disputa da União Nacional dos Estudantes** e conseguir trazer para os estudantes uma perspectiva de que é possível permanecer na universidade pública gratuita e de qualidade, que é possível resistir neste espaço que sempre nos foi negado historicamente, que não foi construído para nós, mas que estamos aqui na resistência, na luta e na perseverança por transformação. **A rede de cursinhos populares de pré-vestibular Podemos que já tem mais de 52 cursinhos aí no Brasil [...] e o que chamamos de Nós por Nós, um projeto nas periferias do Brasil, que tem o objetivo de trazer três eixos fundamentais: geração de renda, educação e cultura e fazer debates em torno disso** (Júlia Hiesberg – *Levante Popular da Juventude, Salvador*) [grifos meus]<sup>84</sup>.

Já o Ocupa Preto surge em 2016 por iniciativa de Ícaro Jorge<sup>85</sup>, morador do bairro da Capelinha de São Caetano. O coletivo tinha como principais agendas o enfretamento ao racismo e a defesa dos direitos humanos. Começou com foco maior na comunicação comunitária e depois passou a realizar o Curso Popular PréVest do Ocupa Preto: “um curso gratuito focado nas(os) estudantes negras(os), moradores de periferia, indígenas, quilombolas, pessoas trans e em condições de vulnerabilidade socioeconômica”<sup>86</sup>. O curso contava com professoras/es voluntárias/os.

A oferta de cursinhos populares é uma entre várias outras táticas das quais falaremos mais adiante adotadas pelos coletivos para fortalecer a comunidade e contribuir para que as/os jovens tenham acesso à educação superior. Contudo, vale ressaltar, como já dito, que a universidade não é o único espaço privilegiado de construção de conhecimento e tampouco os coletivos precisam da tutela acadêmica para validar as suas práticas, saberes e pedagogias. São muitos os espaços de gestação de conhecimentos e eles não devem se sobrepor, como vêm demonstrando as juventudes que se organizam comunitariamente em suas quebradas.

Na Colômbia, o processo de reserva de cotas raciais nas universidades existe, mas de forma muito mais tímida, se comparado ao que ocorreu no Brasil. A maior parte das experiências existentes no que se refere às ações afirmativas para o ingresso no ensino superior são políticas adotadas pela autonomia universitária e fruto da articulação e mobilização dos movimentos negros locais. Ao contrário do que ocorreu no Brasil - e que serviu de referência para todo o continente latino-americano - a implementação da política

---

<sup>84</sup> A conversa com Júlia Hiesberg foi realizada por Alana Barbosa, no dia 17 de abril de 2019, como parte das atividades da pesquisa.

<sup>85</sup> <https://linktr.ee/icarojorge>

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/ocupa.preto/> Acesso em 20 nov. 2021.

de reservas de cotas raciais nas universidades não se tornou uma política de Estado na Colômbia (MENDES, P. V. G. *in* NORA GLUZ [et.al.], 2014).

Alguns mecanismos na legislação colombiana asseguram este tipo de política, a exemplo do artigo 40 da Lei 70, que compromete o governo a destinar orçamento para garantir mais oportunidades de acesso à educação superior para os membros das comunidades negras, a partir de mecanismos de fomento à capacitação técnica, tecnológica e superior, com a criação de um Fundo Especial para bolsas voltadas a este público. Esta mesma lei beneficiou a mobilização e articulação do movimento negro à medida que instituiu o apoio do Estado para processos organizativos.

Por meio deste apoio, foi possível ampliar o número de entidades afrocolombianas no meio rural e urbano e “a construção de uma identidade coletiva afrocolombiana urbana” (MENDES, P. V. G. *in* NORA GLUZ [et.al.], 2014, p, 223). Outro mecanismo é o Decreto 1627, de 10 de setembro de 1996, que criou uma legislação para promover a inclusão da história e cultura das populações afrodescendentes nos currículos escolares, bem como garantias para um acesso especial de estudantes das comunidades negras aos estudos universitários.

No entanto, apesar de a Constituição prever a adoção de políticas de ações afirmativas para ampliar o acesso e permanência de afrocolombianos na universidade, não é o que acontece na prática. Sem uma legislação nacional que seja eficaz, as ações afirmativas dependem da vontade política das instituições de ensino superior e da força de articulação e pressão dos movimentos sociais, em especial do movimento negro.

A reserva de cotas nas universidades públicas passou a ser adotada desde o final da década de 90 por iniciativa dos conselhos superiores das próprias universidades sob pressão regional das organizações do movimento negro com o apoio de estudos acadêmicos sobre a população afrocolombiana no interior das mesmas universidades públicas. Como consequência dessa fragmentação do processo de adoção das políticas de cotas na Colômbia, temos um quadro diverso de organicidades e aplicações desta ação afirmativa (MENDES, P. V. G. *in* NORA GLUZ [et.al.], 2014, p. 231).

Importante frisar que o ensino superior na Colômbia não é gratuito e se dá mediante aprovação em uma prova aplicada pelo governo federal, via *Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior* (ICFES)<sup>87</sup>. A não gratuidade é um dos fatores que reforçam a exclusão das populações desfavorecidas, que permanecem, em sua maioria, nos trabalhos precarizados e na informalidade. Outro fator que dificulta o acesso das populações pobres à educação (em vários níveis), é o contexto de conflito armado. A violência obriga

---

<sup>87</sup> <https://www.icfes.gov.co/>

muitas famílias a abandonar suas casas e a se deslocar internamente em busca de uma vida mais segura, o que muitas vezes dificulta o acesso e a permanência das crianças, adolescentes e jovens nas instituições de ensino.

Resguardadas as diferenças sociais, políticas e históricas de ambos os países, ingressar e permanecer na universidade continua sendo um desafio para as e os jovens das periferias do Brasil e da Colômbia. Porém, seja por dentro destes espaços, seja em suas bordas, as fissuras seguem acontecendo e se dão de várias formas. As iniciativas culturais que identificamos neste estudo são exemplos de articulações comunitárias que focam na formação crítica das juventudes a partir de letramentos muitas vezes distintos aos que a escola e a universidade apresentam.

Neste sentido, concordo com Souza (2011, p. 158), quando ressalta que jovens que se vinculam a práticas artísticas nas periferias, como os grupos de hip-hop, por exemplo, não apenas refutam a escola e seu modelo de letramento excludente, mas se colocam como educadores, como agentes de letramentos de re-existências. Avanço lado a lado com a autora apostando que a partir de iniciativas de ação cultural e política gestadas por jovens nas quebradas, elas e eles se constroem enquanto agentes de ofensivas culturais emancipadoras fazendo da palavra falada e escrita instrumento de luta e de transformação comunitária.

### **3.6. MAS DE QUE CULTURA ESTAMOS FALANDO?**

Assim como juventude é uma construção social, cultura também o é. Como toda e qualquer construção social pressupõe disputa e oferece possibilidades de fissuras no sentido estabelecido. Tomemos a definição de cultura de Muniz Sodré (2010, p. 85): “um conjunto de instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciências, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são ‘equipamentos’ coletivos ou grupais, postos à disposição de todos”. Para Sodré, só é possível tornar social uma democracia se todos os equipamentos culturais forem afetados pelo “poder grupal das diferenças sociais implicado na experiência democrática” (SODRÉ, 2010, p. 85). No entanto, o que se observa no Brasil é que ainda prevalece uma “organização social da cultura oriunda do sistema discriminatório da sociedade escravagista do passado” (SODRÉ, 2010, p. 85), o que pode facilmente ser estendido à realidade colombiana.

Nesta organização, tem-se de um lado as elites socioeconômicas que se distinguem por meio da consolidação de um saber eurocêntrico que se transmite pela educação escolar; de um outro, a reduzida força de trabalho reproduzida por instituições de ensino profissional;



e perto desta, a extensa parcela da população excluída desses espaços de escolarização (SODRÉ, 2010). Como prevalece uma hierarquização de saberes, as produções de conhecimento que se dão fora desses espaços instituídos não são reconhecidas como conhecimento “válido”. Assim, as ações culturais das populações subalternizadas não são vistas como formas possíveis e legítimas de produção de conhecimentos.

No entanto, as intervenções políticas da sociedade civil no campo da cultura promovem fissuras nesse modelo à medida que disputam discursos e representações. E, nesta teia-tese, interessa observar especificamente as fissuras promovidas pelas ações culturais das juventudes que se articulam comunitariamente nas periferias urbanas por meio de diversas linguagens artísticas e comunicacionais. Interessa observar ainda como elas contribuem para fortalecer a construção de identidade e autonomia destas juventudes e de seus territórios. Assim como Do Nascimento (2011), compreendo estes artistas e ativistas periféricos como atores sociais que atuam no campo da cultura e se dedicam a construir os modos para se autorrepresentar e para situar suas agendas na cena pública, disputando a arena política e pautando demandas que muitas vezes não estavam na ordem do dia, como políticas específicas para a área cultural nos territórios violentados.

Neste sentido, apesar de não ser o foco deste estudo analisar as políticas culturais governamentais<sup>88</sup>, considero importante fazer uma breve contextualização de alguns aspectos desse campo no Brasil e na Colômbia, para auxiliar a leitura do cenário no qual se tecem as ações culturais das juventudes periféricas. Tomo como referência o conceito de política cultural de Teixeira Coelho (1997, p. 293): “programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas”.

Historicamente, as políticas no campo da cultura, no Brasil, foram centradas no entendimento da cultura como um adereço, centradas no patrimônio material e nas belas artes, o que denota um recorte elitista. Na Colômbia, o cenário não é muito distinto, o histórico das políticas culturais reforça uma separação entre as “culturas das elites” e a “cultura popular” (BARRAGÁN DÍAZ; MENDONZA MOLINA, 2005; BRAVO, 2008).

---

<sup>88</sup> Para saber mais sobre políticas culturais no Brasil e na Colômbia, recomendo a leitura do livro *Políticas Culturais na Ibero-América*. Antônio Albino Canelas Rubim & Rubens Bayardo (orgs). Salvador: EDUFBA, 2008. p. 119-158 e do artigo BARRAGÁN DÍAZ, A. M.; MENDONZA MOLINA, M.; *Políticas culturales y participación en Colombia*. Revista Colombiana de Sociología, n. 24, Universidad Nacional de Colombia: Bogotá, Colômbia, 2005, p. 163-183.

No Brasil, as políticas culturais são marcadas pelo que Albino Rubim (2008, p.185) caracteriza como “as três tristes tradições: ausência, autoritarismo e instabilidade”. De forma bem resumida, o que Rubim destaca é que as políticas neste campo são historicamente frágeis institucionalmente, não possuem marcos normativos, os orçamentos são restritos e há pouca participação da sociedade civil – e aqui cabe o adendo: participação ainda menor das juventudes. Já a presença do Estado, quando há, reproduz uma lógica autoritária, repressiva, acompanhada de elitismos e exclusões de várias ordens, o que, por sua vez, afeta de maneira contundente as juventudes, em especial as consideradas periféricas. Estas “três tristes tradições” impactam, portanto, diretamente na abrangência, qualidade, impacto e sustentabilidade das políticas públicas culturais brasileiras.

Estudiosos colombianos do campo da cultura, representantes de organizações sociais e jovens com os quais dialoguei em Cali e em Medellín apontam que, assim como no Brasil, a descontinuidade das ações e instabilidade política é um dos grandes desafios para que as políticas culturais se tornem, de fato, políticas de Estado. Outro elemento dificultador é a falta de monitoramento e sistematização dos programas implementados (BRAVO, 2008; BARRAGÁN DÍAZ; MENDONZA MOLINA, 2005). Somado a estes fatores, vale frisar que o contexto de conflito armado entrava ainda mais a implementação de políticas que de fato promovam a equidade no país. Para a pesquisadora colombiana Marta Elena Bravo (2008, p. 128), a consolidação da política cultural na Colômbia “sem dúvida nenhuma contribuirá para construir o projeto cultural por excelência e de grande urgência: a Paz”.

Voltando a olhar para o Brasil, é válido destacar que diante de um cenário tradicionalmente desafiador, um período da história recente foi considerado um marco para o campo da cultura: a gestão de Gilberto Gil (2003-2008) no Ministério da Cultura (MinC) durante o Governo Lula. Nesse momento foi possível implementar políticas embasadas em um entendimento ampliado de cultura, a exemplo do Programa Cultura Viva (PCV), com seus Pontos de Cultura (PC)<sup>89</sup>, que passaram a refletir uma compreensão mais inclusiva de cultura como direito à cidadania, diversidade cultural como expressão simbólica e como atividade econômica e, começaram, assim, a contemplar setores da população que antes não se beneficiavam com as políticas neste campo, a exemplo de artistas das periferias, comunidades quilombolas, indígenas, rurais etc.

---

<sup>89</sup> O Ministério da Cultura, durante as gestões Gilberto Gil/Juca Ferreira, desenvolveu uma série de políticas para o setor. Entre elas, a Política Nacional Cultura Viva (PNCV), que incluiu os Pontos de Cultura (PC). A partir desta política, as instituições que já realizavam ações culturais em suas comunidades se tornaram PC e passaram a receber apoio técnico e financeiro do Estado para fortalecer e ampliar suas ações. O Cultura Viva se destina a populações de baixa renda; estudantes da rede básica de ensino; comunidades indígenas, rurais e quilombolas; agentes culturais, artistas, professores e militantes que desenvolvem ações no combate à exclusão social e cultural (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2004).

Editais públicos e outros instrumentos de financiamento de projetos culturais que foram realizados no âmbito do PCV, bem como de outros programas do MinC neste período, foram fundamentais para fortalecer ações de enfrentamento à exclusão social e cultural e incentivar a criação e/ou o fortalecimento de iniciativas culturais nas periferias urbanas e rurais, qualificar a participação da sociedade civil na implementação e controle social das políticas, bem como para fortalecer a inserção socioprofissional de jovens subalternizados na chamada economia da cultura. Entendida aqui como o setor da economia que se dedica a pensar os impactos econômicos do setor cultural como um todo, mas também considera aspectos ligados à disseminação da diversidade cultural, de identidades e do bem-estar social (MOLLER; VALIATI, 2016). No entanto, a fragilidade institucional de políticas como estas ficou evidente com a mudança de comando do MinC e, posteriormente, com o golpe que culminou no processo de impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff.

Na Colômbia, foi a partir de 1968 – após a ditadura militar e durante a vigência da Frente Nacional (1958-1974) - que a cultura começou a ser pensada pelo Estado de forma mais estratégica. Um marco dessa mudança foi a criação do Instituto Colombiano de Cultura (COCULTURA) que “significava a partir de sua proposta institucional e de sua organização como instituto do Ministério da Educação, uma possibilidade de definir e promover políticas culturais, de agrupar instituições estatais dispersas em diferentes organismos, na sua maioria dependências do Ministério da Educação Nacional” (BRAVO, 2008, p. 125).

Já em 1974, as políticas culturais passaram a ser nomeadas de forma mais direta, a partir da elaboração do Plano de Cultura no qual já se previa a criação de um Ministério da Cultura, que só foi oficialmente fundado em 1997, com a aprovação da *Ley 397*, conhecida como *Ley General de Cultura*. O Ministério passou então a ser responsável por coordenar o Sistema Nacional de Cultural (BRAVO, 2008). Foi a partir deste momento que o Estado começou a descentralizar as políticas culturais e a garantir condições para que estados (*departamentos*) e municípios (*municipalidades*) pudessem desenvolver políticas culturais locais.

Neste contexto, passam a ser criados importantes instrumentos de participação social, a exemplo de planos locais de cultura, conselhos municipais setoriais (música, artes, dança, cinemas, meios de comunicação comunitários etc.), entre outros. No entanto, Ana María Barragán e Mónica Mendoza (2005) chamam a atenção para o fato de que a participação dos diferentes atores sociais ainda se via bastante limitada e marcada pelo controle estatal.

Vale frisar que o nível de participação social está diretamente vinculado ao grau de confiança que a população tem no Estado e nas instituições que o representam. Quando há

uma presença opressora e de reforço das desigualdades por parte das instituições governamentais – como se observa no Brasil e na Colômbia, mesmo que de formas distintas - é muito difícil que haja uma participação orgânica e engajada da sociedade na elaboração, implementação e monitoramento de políticas culturais governamentais.

Além da fragilidade institucional das políticas culturais que impedem a sua continuidade quando ocorrem mudanças de governo, outra questão que precisa ser levantada, em ambos os países, é: em que medida e de que forma essas políticas, ainda que frágeis, contemplam as juventudes com as quais dialogamos aqui? São jovens que lideram iniciativas comunitárias de arte, educação e comunicação nas periferias das cidades que muitas vezes não são formalizadas juridicamente – por várias razões, entre elas, o entendimento de que a formalização pode enfraquecer o coletivo.

A atuação, portanto, acontece por outras frentes, em geral não institucionalizadas, mas estão lá, disputando o jogo democrático. Este jogo que, como bem diz Sodré (2010, p. 84) é praticado pelo sujeito “em sua cotidianidade, nas situações miúdas do dia a dia, no vaivém relacional entre as instituições e a vicissitude existencial da cidadania”.

Há uma dimensão tática nessas atuações, inclusive, muitas vezes quando há o acesso a determinadas políticas culturais. Acessa-se recursos públicos, pois, em muitos casos, são as únicas possibilidades de financiamento das ações e de remuneração de seus realizadores, mas, costumam-se formas de difundir narrativas de fortalecimento de agendas coletivas que vão em direções opostas ao que está sendo promovido por gestões públicas que reproduzem uma organização social da cultura sustentada em um modelo segregador, racista e hierárquico.

Vejamos um exemplo: na Comuna 16, no Distrito de Aguablanca, em Cali, uma casa de esquina chama a atenção pelo grafite colorido que toma toda a fachada. Ali funciona a Biblioteca Pública Municipal Gabo, um equipamento cultural administrado pela prefeitura de Cali que integra uma rede de bibliotecas comunitárias do município. Além do acervo de livros disponíveis, o espaço oferece uma série de atividades para a comunidade: oficinas de escrita, contação de histórias, artesanato, grafitti, comunicação etc.

Tivemos – eu e Alana Barbosa – a oportunidade de conhecer a experiência, em agosto de 2018, durante a primeira ida a Cali para iniciar as atividades de campo da pesquisa. Naquele momento, quem era contratado pela Prefeitura para administrar a Biblioteca Gabo era Victor Gomez, um senhor simpático e comunicativo que nos recebeu com sorrisos, comida, abraços, alegria e muita disponibilidade para dialogar. Chegamos até lá por meio de Paola Andrea Cuenca Locume, jovem do Distrito, que desenvolve um trabalho de grafite com

crianças do bairro. Ao localizarmos o endereço que ela havia informado para o encontro, compreendemos que o Consentido Colectivo – grupo do qual ela fazia parte – se reunia e realizava suas ações na sede da Biblioteca. Victor, o gestor, fazia parte do coletivo, assim como a adolescente Izabel Jimenez, de 16 anos, – que estava presente no dia que fizemos a visita - e outras duas integrantes que só fui conhecer em 2019<sup>90</sup>, durante um segundo encontro – desta vez, sem a companhia de Alana. Apesar de Victor já ser um homem com mais de 50 anos, o grupo era formado também por adolescentes e jovens.

Logo no início da conversa, ficou evidente o posicionamento crítico que tinham sobre o chamado processo de construção da Paz na Colômbia e reforçaram que o foco de suas ações era “no acesso à leitura, o trabalho com a memória, a ancestralidade e o pertencimento territorial”, como disseram Victor e Paola. Contaram ainda que acreditavam ser preciso que a comunidade olhasse criticamente para o modelo de Estado que reproduzia opressões e disseminava a violência nos bairros populares. Apesar da assinatura do Acordo de Paz, contaram que as dinâmicas de criminalidade continuavam fortes no bairro e as principais vítimas fatais seguiam sendo os jovens, público inclusive que eles tinham dificuldade de acessar com as atividades comunitárias que realizavam, justamente por conta dessas dinâmicas. Falaram sobre a omissão dos poderes públicos diante destes e outros problemas que atingem as populações pobres de Cali e fizeram questão de reforçar que apesar de as atividades se concentrarem na Biblioteca Gabo e um dos integrantes do grupo ser o gestor do espaço, havia uma separação evidente para eles do que é público e do que é comunitário.

O Consentido Colectivo toma o espaço da Biblioteca Gabo emprestado. Eu faço parte dessa Rede de Bibliotecas Comunitárias e **sou o gestor da Biblioteca Gabo, mas antes de tudo, faço parte dessa comunidade. Me identifico mais com a comunidade do que com o Estado.** O Estado me paga um valor para que eu possa me sustentar, sobreviver, porque o que faço aqui é um trabalho, mas é muito mais comunitário do que ligado à governamentalidade. Então, **trabalhamos para mudar a realidade local. E se não for dessa maneira, não conseguimos levantar os processos que desenvolvemos aqui** (Victor Gomez, *Consentido Colectivo e gestor da Biblioteca Gabo, Cali*) [grifos meus].

Nos contaram que a Biblioteca foi fruto de processos comunitários liderados por organizações culturais da Comuna 16 e que havia sido criada em 1993 e só décadas depois

---

<sup>90</sup> Na segunda viagem a Cali, que fiz em agosto de 2019, voltei a encontrar as/os integrantes do Consentido Colectivo. De acordo com Paola Andrea Locume, em 2020, com a pandemia, o coletivo se desmobilizou. Segunda ela, o contexto de crise econômica foi um dos fatores que contribuiu para essa desmobilização, pois, as disponibilidades de tempo dos participantes estavam cada vez mais reduzidas com a necessidade de garantir renda para si e suas famílias.

foi incorporada ao programa municipal que implementou a rede de bibliotecas comunitárias no bairro.

[...] estamos trabalhando o tema da identidade e do território porque nos parece que temos que construir uma ideia de território com as pessoas. **Diante da proposta do Estado, o que nós dizemos é que temos que disputar o comunitário. O público para nós não segue sendo o de todos, pode ser o institucional, mas não é de todos** [...] então começamos a recuperar a essência do comunitário [...] **nós compramos essa briga: vocês dizem público, nós dizemos comunitário** e começamos desenvolvendo trabalho comunitário [...] não é o Estado sempre que manda. Ela [a biblioteca] nasceu de uma origem comunitária e tem que seguir sendo consolidada como uma biblioteca comunitária (*Paola Andrea Cuenca Locume - Consentido Colectivo, Cali*) [grifos meus]

Essa disputa é feita por meio da arte e da produção de memória:

**A arte é o que a gente queria deixar para as pessoas, então fomos construindo um conceito do que queríamos. Percebemos que queríamos algo político e começamos a pensar que o trabalho ideológico feito através da arte precisava se expandir pelas comunas.** Por isso visualizamos as bibliotecas como uma rede de bibliotecas comunitárias onde nós poderíamos fazer trabalhos e poder ter incidência política e aí começamos a **gerar um trabalho de recuperação da memória** [...] a biblioteca **é um centro de memória, porque nós estamos tentando reconstruir a história do bairro, a história da comunidade** (*Victor Gomez - Consentido Colectivo e gestor da Biblioteca Gabo, Cali*) [grifos meus].

A atuação do Consentido Coletivo evidencia o que está em jogo em muitas das ações culturais realizadas pelos coletivos com os quais dialoguei: a disputa da noção de cultura, de ação cultural, de equipamento cultural. Há uma distância entre o que “vem pronto” para ser consumido e o que a comunidade quer construir, criar, quais as histórias que querem contar. Esse mesmo tensionamento vamos observar mais adiante em várias outras iniciativas, como o Acervo da Laje, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, que é casa, museu e escola; nos grupos de poesia marginal como o Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA), o Sarau da Onça, o Coletivo ZeferinaS que realizam saraus, publicam livros, realizam oficinas em escolas públicas, entre outras atividades que colocam em xeque os cânones estéticos que nos forjaram, mas que não são universais. Observa-se, portanto, que a produção cultural dos sujeitos periféricos positiva identidades coletivas (DO NASCIMENTO, 2011) e representam a periferia por meio de uma produção artística marcada por experiências cotidianas, por subversões linguísticas e estéticas. Este é um ponto chave da ação tática dos coletivos que veremos adiante de forma mais detalhada.

Portanto, mesmo que não se configurem como políticas culturais, em seu sentido formal e institucional, são intervenções que provocam transformações sociais ancoradas no

fortalecimento de uma memória coletiva assentada na valorização territorial. É uma cultura com corpo, como bem definiu Natureza França:

[...] **a cultura é produto do encontro de saberes e fazeres da diversidade dos modos vida**, é possível dizer que a cultura se constrói dos movimentos relacionais entre os indivíduos [...] ressignificando os sentidos de ser no mundo [...] **temos uma corporeidade da cultura** que tem como característica essencial a diversidade e a pluralidade, exprimindo toda riqueza possível de **desvendamento do que somos, onde estamos e como vivemos** (Natureza França – *QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus]<sup>91</sup>.

### 3.7. CULTURA E SUSTENTABILIDADE

Trago o mesmo título da aula de Natureza França no Curso A Periferia é o Centro para continuar entrelaçada com os ensinamentos trazidos por ela durante o encontro onde falou sobre outra frente importante de atuação dos coletivos culturais nas periferias: buscar alternativas possíveis para a inserção no mercado de trabalho a partir da cultura, da arte, da comunicação e, principalmente, a partir do fortalecimento comunitário. Ao falar sobre a dimensão da sustentabilidade, Natureza provocou um debate sobre o empreendedorismo, definido por ela como “a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade, um negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gera mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas”. Partindo desta definição, ela provocou as/os estudantes a trazerem suas percepções sobre o tema.

**Davi Bahia: empreendedorismo é a tia que acorda de manhã cedo, vai ali pra maré**, cata marisco pra alimentar a família, aproveita e já vende também pra ganhar um trocado e gerenciar as outras coisas: comprar um gás, comprar um outro pão, as coisas que faltam. É cultura e sustentabilidade pra mim.

**Amanda Souza do Sacramento:** [...] na televisão você vê aquela coisa de empreendedorismo, aqueles dois lados: **existe essa forma positiva de se empreender, de construir saberes e, inclusive, de fazer crescer negócios na favela**. Até porque **favela é potência**. **A infeliz dificuldade faz com que pessoas transformem suas realidades com a criatividade e tudo mais**. O empreendedorismo é importante, mas você tem que ter um pé atrás porque, querendo ou não, **esse empreendedorismo, incentivado pelo Estado, tira a responsabilidade dele de prover as coisas que deveria**. Então, mesmo sendo positivo, pra milhares de coisas [...] existem outros lados. Pessoas que acabam tentando investir nesse empreendedorismo e não conseguem suporte, acabam tendo que desistir [...] **a gente tem que estar**

---

<sup>91</sup>Natureza França ministrou virtualmente no dia 08 de outubro de 2020 a aula intitulada “Cultura e Sustentabilidade” no âmbito do curso “A Periferia é o Centro: Ofensivas Culturais Emancipadoras”, que integra as atividades de campo desta pesquisa.

**sempre atento com relação a esses incentivos do Estado para fazer isso porque, muitas vezes, ele está querendo se abster.**

**Matheus Portela:** Não sou uma pessoa que gosta muito do termo “empreendedorismo”. Fico com um pé atrás na ressignificação, de certa maneira. Eu entendo e não discordo nesse sentido de outras visões do que seria empreendedorismo, mas eu mantenho um pé atrás se a gente deveria realmente comprar essa ideia, sabe? **Porque eu sinto que é só, talvez, uma nova versão pra exatamente fazer essa construção de tornar com que os problemas que a gente tem, estrutural do nosso sistema capitalista, sejam resolvidos de maneira individual.** Vendem o discurso de empreendedorismo que aquele trabalhador que é explorado, precarizado, ele pode se tornar um empreendedor e construir seu próprio negócio. E, de fato, essa pessoa pode construir um pequeno negócio e se sustentar com isso. Mas vem sempre com um discurso de como se fosse meio que fácil, é só ir lá e fazer. [...] **Pra mim, o empreendedorismo tá muito voltado a essa questão individual. De - por mais que não sejam empresários - soluções individuais. E o que a gente tem que buscar, na verdade, é uma construção coletiva, de poder popular, e de conhecimento popular. Por isso, eu mantenho o meu pé atrás com os discursos de empreendedorismo e até os discursos de ressignificação pra palavra [grifos meus].**

As falas de Natureza, Davi, Amanda e Matheus trazem elementos que ajudam a olhar para a noção de empreendedorismo sob uma perspectiva ampla, ancorada nas dinâmicas territoriais e não sob um olhar romantizado, sem a criticidade necessária para avaliar, por exemplo, quando o discurso do empreendedorismo encobre o reforço das desigualdades sociais, ausência de políticas públicas eficazes para garantir emprego e renda para as populações empobrecidas ou quando supervaloriza o indivíduo, como disse Matheus, num movimento que reforça a meritocracia e o *modus operandi* capitalista.

O empreendedorismo nas periferias não é novidade alguma, como bem lembrou Davi ao trazer para a roda a tia que vai todo dia cedo para a maré tirar o sustento da família. Não é novidade alguma para as juventudes periféricas que precisam encontrar muitos caminhos para garantir a própria sobrevivência e a de sua família. O trabalho com a arte e com a comunicação representa para muitas/os jovens um desses caminhos. Há nos coletivos com os quais conversei muitos jovens que encontram nessas atuações não apenas uma forma de se fortalecer individualmente, de empreender enquanto sujeito, mas sim, como tática para fortalecer outros e outas jovens para que possam construir um caminho profissional que valorize suas potencialidades, rompendo com uma lógica que condiciona jovens com esse perfil ao desemprego ou ao trabalho precarizado, como explica Júlia Hisberg:

Para a juventude sempre teve dois caminhos: **ou eles nos compram, ou eles nos exterminam.** Para uma parte da juventude é possível essa questão de ser comprado, que é a juventude da classe média. **Para a juventude da classe trabalhadora** é muito mais difícil porque esse caminho não está



desenhado para nós, então **é sempre o caminho da violência, sempre o caminho da negação, sempre o caminho do extermínio e do genocídio. Precisamos estar na defensiva, mas ativos e construindo ações** (Júlia Hisberg - *Levante Popular da Juventude, Salvador-BA*) [grifos meus].

Como retrata Júlia, seguir construindo ações culturais comunitárias e empreender de forma coletiva e comunitária é necessário, mas nem sempre é possível. O grande desafio das juventudes, seja em Salvador, seja em Cali, é enfrentar a instabilidade financeira que dificulta a permanência das e dos jovens nos coletivos, pois, para sobreviver muitas vezes precisam abandonar as atividades culturais ou conciliá-las com trabalhos exaustivos e com baixa remuneração.

Aqui, no entanto, vale um adendo importante: apesar de os recursos oriundos de editais de cultura no Brasil serem escassos, intermitentes, muitas vezes são esses poucos recursos que seguem fortalecendo as ações culturais e comunitárias lideradas por artistas, ativistas e gestores culturais das quebradas. Na Colômbia, assim como em grande parte da América Latina, a situação é bem distinta. O Brasil – apesar das políticas culturais marcadas pela ausência, autoritarismo e instabilidade (RUBIM, 2018) – ainda segue sendo uma referência no continente no que se refere a políticas e recursos para o setor da cultura.

Mas, voltemos ao cenário de instabilidade financeira que vivenciam as e os jovens que se dedicam a práticas culturais contestatórias em seus territórios. Se o contexto já era desafiador, tornou-se ainda mais com a pandemia da Covid-19, quando muitos coletivos em Salvador e Cali foram desmobilizados e as e os jovens passaram a reforçar seus “corres” para garantir sua sobrevivência. No Brasil e na Colômbia, assim como em toda a América Latina, estudos produzidos por órgãos governamentais e organismos internacionais apontam o desemprego juvenil como um dos principais problemas que atingem a população jovem e, conseqüentemente, os países como um todo. Afinal, o desemprego juvenil não é um problema da juventude, mas um reflexo dos modelos socioeconômicos e políticos implementados.

Estima-se que em toda a América Latina haja 9,4 milhões de jovens desempregados, 23 milhões que não estudam, nem trabalham e mais de 30 milhões que só conseguem emprego em condições de informalidade. A taxa de informalidade entre jovens latino-americanos é maior do que entre adultos: 62,4% das e dos jovens que estão trabalhando, são submetidos a empregos precários, com baixos salários e sem garantia de direitos trabalhistas (OIT, 2020)<sup>92</sup>.

---

<sup>92</sup> V. *Tendências Mundiales del Empleo Juvenil 2020*. Disponível em: [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_737662.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_737662.pdf) Acesso em 10 jun 2021.

No Brasil, dos mais de 12 milhões de desempregados, 6,7 milhões têm de 14 a 29 anos. Nessa faixa etária, estão desocupados 4,36 milhões de jovens negros e 2,32 milhões de jovens brancos. Mais de 65% dos jovens que não estudam e não concluíram o ensino superior são negros, o que corresponde a mais de 15 milhões de pessoas (IBGE, 2010)<sup>93</sup>.

Na Colômbia, a situação não é muito diferente: durante vários anos a taxa de desemprego de jovens colombianos foi o dobro da taxa de desemprego da população total do país. É elevada a taxa de emprego informal, ou seja, de jovens trabalhadoras e trabalhadores que não estão protegidas e protegidos pelas leis trabalhistas e se submetem a relações precarizadas, com baixa remuneração. A maioria é de mulheres. O país também apresenta a mais alta taxa de desemprego de jovens com ensino superior completo na América Latina e, por outro lado, o que apresenta a menor taxa de desemprego entre jovens que não têm ensino superior completo na região (ESTÉVEZ; ROBAYO, 2019)<sup>94</sup>. Com a pandemia de Covid-19, as juventudes foram as mais afetadas: a taxa média de desemprego aumentou 20% entre jovens que vivem nas zonas urbanas e 70% entre as juventudes das zonas rurais (DANE, 2021).

Estudos realizados no campo das políticas públicas para juventudes trazem algumas pistas relevantes sobre aspectos ligados à empregabilidade e acesso à educação de jovens, com recortes de classe, gênero e raça. No entanto, pouco contemplam as e os jovens que se dedicam diariamente a projetos comunitários, a criar, gerir e articular iniciativas em arte e comunicação, não sendo necessariamente remuneradas e remunerados para isso. Enquadrar essas e esses jovens na categoria comumente chamada de “Nem-nem” - Nem trabalha, nem estuda - é invisibilizar a atuação destas juventudes e imprimir uma narrativa que estigmatiza e desqualifica o trabalho que desenvolvem em seus territórios.

A ausência de informações que evidenciem essas atuações nos estudos sobre juventudes também dificulta a implementação de políticas públicas que contemplem, de fato, jovens com esses perfis. Outra questão relevante para compreender os contextos que atravessam as trajetórias das e dos nossos interlocutores e que se relaciona com o questionamento levantado acima é: em que medida a chamada economia da cultura<sup>95</sup> consegue contemplar essas e esses jovens numa perspectiva emancipatória?

---

<sup>93</sup> V. <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2020/11/4888994-negros-de-14-a-29-anos-desempregados-sao-quase-o-dobro-dos-brancos.html>

<sup>94</sup> Ver mais sobre o assunto no artigo *Desempleo juvenil en Colombia: ¿la educación importa?*. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/fype/v11n1/2248-6046-fype-11-01-101.pdf> Acesso em 25 jun. 2021.

<sup>95</sup> Economia da cultura é entendida aqui como o setor da economia que se dedica a pensar os impactos econômicos do setor cultural como um todo, mas também considera aspectos ligados à disseminação da diversidade cultural, de identidades e do bem estar social (MOLLER; VALIATI, 2016).

Para Ivan Faria (2017, p. 60), que pesquisa a inserção de jovens no mercado de trabalho para artes em Salvador “mesmo com a crescente participação do setor da cultura na economia baiana e nacional, a inserção socioprofissional de jovens é desafiada por uma série de indicadores de desigualdade social e das limitações em termos de políticas culturais e de organização do mercado de trabalho para as artes”.

Segundo Faria (2017, p.61), na composição da economia brasileira e baiana, a dimensão assumida pelas atividades artísticas e culturais é muito imprecisa: de acordo com dados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2010 (IBGE, 2015b) e do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011a), o universo de ocupações e trabalho na economia criativa baiana respondia por menos de 1% do total de ocupados do estado. Os dados apontam para um perfil etário predominantemente jovem dos trabalhadores do setor: 58,70% têm entre 15 e 34 anos de idade (ou 42,42%, dos 15 aos 29 anos); 45,01% possuem ensino médio completo e superior incompleto e 19,31% com ensino superior completo. Outros estudos<sup>96</sup> chamam a atenção para o fato de que as atividades culturais não são avaliadas e mensuradas segundo sua contribuição com os indicadores econômicos do país, mas somente pela sua contribuição ao desenvolvimento social, o que reforça essa imprecisão da contribuição das atividades artísticas e culturais na economia local.

Outro aspecto a ser considerado é que no campo das políticas de cultura – públicas, privadas e implementadas por organismos internacionais -, observa-se no Brasil e na Colômbia a recorrência de uma perspectiva de “inclusão social” que pouco valoriza a participação efetiva das e dos jovens das periferias e o estímulo para que desenvolvam e/ou fortaleçam atuações críticas com foco na emancipação dos seus territórios. Ainda predomina uma perspectiva da arte e da cultura para estas juventudes muito mais voltada para “afastá-los/as da criminalidade” do que de fato para integrá-los de forma equitativa na sociedade.

O que se nota é que: “a economia da cultura se transformou em ‘moeda corrente’ para o controle do tempo livre de populações juvenis subalternizadas” (RAPOSO; ADERALDO, 2019, p. 27). Por isso, ao mesmo tempo que é necessário reconhecer o papel da economia da cultura na construção da cidadania, é necessário refletir com criticidade sobre os seus efeitos junto aos seus públicos de destino. As políticas implementadas nesta área podem tanto contribuir para fortalecer uma agenda emancipatória quanto para reforçar uma lógica de controle social, gestão da pobreza e reforço de uma perspectiva de racialização do crime e das periferias (RAPOSO; ADERALDO, 2019).

---

<sup>96</sup> V. Gustavo Moller; Leandro Valiati, apud Cassio da Silva Calvete; Eduardo Rodrigues Sanguinet; Artur Peluso Waismann (2016).

Na contramão destas políticas – ou, às vezes, como já visto, utilizando alguns de seus instrumentos de forma tática – muitos dos coletivos com os quais dialoguei em Salvador e em Cali – demonstram que suas ações não têm a intenção de “tirar o jovem da rua”, funcionar como alternativa ao crime e ao tráfico de drogas. Não é esse discurso e prática que a maior parte dos grupos com os quais conversei assume, apesar de em alguns haver alguma aproximação com essa narrativa, principalmente entre aqueles formados por jovens e adultos que não são exclusivamente moradores das periferias.

Este é o caso do Mesa Gráfica Urbana, de Cali. Em conversa com Constanza Fillajores Samalla, por exemplo, foi dito que o coletivo foi aos poucos percebendo que exercia um papel importante na sensibilização de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade para o universo das artes urbanas: “o que fazemos é fazer oficinas para as crianças, incentivar que as crianças e os jovens entrem neste mundo [das artes urbanas] e com isso não vão roubar, não vão se meter em vícios, preferimos que eles tenham outras companhias”<sup>97</sup>.

Mas, em geral, foi mais recorrente observar entre os coletivos o foco na produção e difusão de contranarrativas que possam disputar os imaginários construídos sobre as periferias que seguem associando os territórios e seus moradores à criminalidade, à violência, à derrota, à ausência. Para isso, a primeira tática é fortalecer os seus e as suas, o que perpassa por um processo pedagógico de fortalecimento da autoestima, do conhecimento da própria história e das memórias de sua quebrada que segue em paralelo com o processo de fortalecimento econômico, para que a produção cultural e comunicativa possa ser alternativa de geração de renda para essas juventudes.

A partir desse fortalecimento, é possível produzir e difundir outras narrativas, como estão fazendo, por exemplo, as/os jovens que integram o Favela Revela: “plataforma multimídia que promove iniciativas, pessoas e territórios historicamente marginalizados”, segundo a definição do grupo que nasce em Tubarão, Paripe, Salvador. Durante uma das aulas facilitada pelo coletivo no Curso A Periferia é o Centro, Geisi Moura e Davi Bahia falaram um pouco sobre a atuação do grupo:

**Geisi Moura: [...] pra combater essas notícias mesmo que colocam na TV, que só fala que aqui na quebrada só é tráfico de drogas, facção, polícia. É ver o outro lado da história. O lado que a gente conta, não o lado que a mídia fala do que é a gente. A gente tá combatendo com isso mesmo, com essas falas. E mostrar as potências daqui. Eu sou uma delas, Pólen, Monalisa, Davi, Natureza são uma delas. E a gente tá**

---

<sup>97</sup> Trecho de diálogo realizado por mim e por Alana Barbosa com Constanza Fillajores Samalla no dia 13 de agosto de 2018, na sede da Grafiteria, um espaço localizado na zona considerada central da cidade de Cali, utilizado para os encontros do coletivo, bem como para a venda de suas produções artísticas.

combatendo com isso mesmo, com essas notícias que só falam que a gente é só violência aqui. E morte. E não é isso. **A gente reforça até a força do artista, porque muitas vezes a gente não coloca muita fé nisso. E o Favela veio pra reforçar, aumentar a autoestima e tudo mais.** Acreditar no trabalho dos jovens periféricos [*grifos meus*].

[...]

**Davi Bahia:** Eu sou um dos responsáveis pelo [quadro] "Do lado de cá" [...] é eu como pessoa falando do lado de cá, do meu território, na minha perspectiva, como eu vejo na minha vivência. E a gente convida pessoas de vários territórios. A ideia é a gente trazer do lado de cá, todos os territórios do Brasil e do mundo (a gente chega a ser mais ousado) a ter todos os territórios periféricos, indígenas, quilombolas e marginalizados que têm o mesmo contexto da gente [...] **se a gente não falar da nossa própria história, vai ter gente protagonizando. E onde a gente se desenvolve, aprende.** Porque, por exemplo, uma publicação onde Cláudio Aguiar (ou Cau Aguiar) aqui do Coletivo Água da Fonte (da Suburbana), ele traz a fala dele diante da perspectiva dele da comunidade, a visão dele, a vivência dele, de um menino que nasce na dificuldade, que consegue - através da educação, da arte e a cultura - acessar espaços que, geralmente, a favela não acessa. E a gente fica excluído de fato, a gente consegue perceber que a gente também pode quando eu vejo que aquele irmão consegue chegar em determinados lugares [...] Então me faz acreditar que eu posso conquistar, posso viver daquilo que eu sonho. Quando eu vejo ele fazer, com todas as dificuldades, com todo o preconceito, o racismo que existe, toda a estrutura que - como diz Mano Brown mesmo - no Racionais, a mãe dele fala pra ele: "filho, por você ser preto, você precisa fazer três vezes melhor". Ou é dez vezes melhor... um negócio assim. E ele fala assim: "como é que eu vou falar três/dez vezes melhor, se eu tô pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pelo racismo, pela violência?". Então acho que é uma perspectiva. **A gente faz mesmo com a intenção de aprender também (porque a gente aprende), mas também pra poder incentivar pra um menino desses aí que - de repente - poderia morrer por conta da violência, do tráfico, que é o mais comum, possa acessar um conteúdo desse, se inspire [...] e mudar a perspectiva, né?** Esse é um pouco do "Do lado de cá" [...] a gente tá aqui pra poder ser mais um veículo que essas pessoas têm pra poder promover as ideias dela, **promover o território** dela, porque acho que é uma das coisas que faltam: veículos que falem das quebradas, que falem das aldeias [...] no "Do lado de cá" não sou eu falando sobre uma aldeia, sobre o cacique. É o cacique falando, é a juventude ali, é a própria aldeia falando por si só. A gente só faz compartilhar. [*grifos meus*]

Movimentos similares de atuação vamos encontrar em vários outros coletivos a partir de distintas linguagens artísticas e comunicacionais. Para citar alguns: o portal de notícias NORDESTeuSou que retrata o cotidiano do complexo de bairros que compõem o Nordeste de Amaralina; a Revista Afirmativa, que é formada por um coletivo de jovens comunicadores negros que organiza um veículo de mídia negra, de abrangência nacional; a Rádio A Ritmo de Ladera, uma rádio web localizada na Comuna 1, na cidade de Cali, que produz comunicação com e para os moradores locais; o Colectivo MEJODA, em Cali, que a partir

da produção audiovisual promove processos comunitários no Distrito de Aguablanca, entre tantos outros que desenvolvem ações culturais que “não ‘tira o jovem da rua’, ao contrário, o coloca na rua, no centro da disputa pelo espaço público” (DE ALMEIDA, 2015, np)<sup>98</sup>.

### 3.8. ENTRE A PAZ, A GUERRA INVISÍVEL E O SUSPEITO QUE TODO MUNDO VÊ

O perigo é constante  
nas periferias do Brasil  
diariamente vejo mães  
procurando os seus filhos  
e sei que é mais um que sumiu.  
no país mais negro fora da África  
quem mata os preto  
recebe honraria e medalha  
Legitimam o extermínio em massa,  
enquanto, as esperanças do nosso futuro  
estão por aí, nas ruas, vivendo de catar lata  
Sem ideia do que significa a tal vida digna que prega a constituição  
Tá foda viver nessa situação  
Falam que nos dão oportunidade  
mas a todo momento  
nos tiram a liberdade  
nos exploram  
e ainda nos escravizam  
querem a todo custo  
tirar as nossas vidas  
apagaram nossos reis da história  
para não termos boas referências  
em nossas memórias  
sofremos em todos os momentos  
Tentando alcançar a vitória  
A pergunta que fica é:  
Quando um jovem negro morre  
Você se importa?

Com o poema Jovem Negro Vivo (SARAU DA ONÇA, 2017, p. 71), Sandro Sussuarana lança o convite para olharmos juntos/as para os cenários que perpassam as vidas das e dos jovens nas periferias do Brasil e de grande parte das cidades latino-americanas. Já se fez essa pergunta hoje: quando um jovem negro morre, você se importa?

O poema de Sandro reflete o cenário que infelizmente não se restringe ao Brasil. Amplas e complexas formas de violência configuram a América Latina: criminalidade organizada, narcotráfico, violência doméstica, sexual, entre tantas outras. São países

---

<sup>98</sup> Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8629\\_CULTURA+E+PERIFERIA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8629_CULTURA+E+PERIFERIA) Acesso em 10 mar 2021.

marcados pela estigmatização das populações pobres – que se dá de diversas formas e por meio de diferentes instituições – que contribui para o processo de criminalização da pobreza. A pobreza, por si só, não explica os fenômenos da violência e da criminalidade.

As conflitualidades violentas, principalmente entre as juventudes – as maiores vítimas de homicídios na maioria dos países latino-americanos -, não são impulsionadas pela pobreza, mas pelas injustiças sociais que derivam da concentração de renda e dos elevados contrastes sociais. São sociabilidades violentadas, em territórios violentados.

No entanto, a representação social da violência é sustentada pela recorrente culpabilização da vítima e por um processo de estigmatização das classes urbanas pobres que acaba por justificar a violência contra setores vulneráveis. Este processo ajuda a compreender, por exemplo, porque 56% da população brasileira concorda com a afirmação de que “a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco”<sup>99</sup>.

Ao longo de muitas décadas, são jovens, negros e negras, população LGBTQIA+<sup>100</sup> e mulheres os grupos que mais são vítimas da violência letal em toda a América Latina. Jovens com idades entre 15 a 29 anos contabilizam a vasta maioria de vítimas globais dos homicídios. A taxa de homicídios para vítimas do sexo masculino nesta faixa de idade na América do Sul e na América Central é mais do que quatro vezes a taxa global para esse grupo etário<sup>101</sup>.

Tanto no Brasil quanto na Colômbia a população considerada jovem concentra as maiores vítimas de homicídio<sup>102</sup>. Das quase 57 mil pessoas mortas no Brasil por homicídios em 2016, 18,4%, ou 10,7 mil, tinham menos de 19 anos. Na Colômbia, 46,4% do total de homicídios registrados em 2016 (12.662) foi de pessoas entre 15 e 29 anos, o que corresponde a 5.873 vidas perdidas<sup>103</sup>. No total da população jovem da Colômbia, as causas externas correspondem a 12,5% do total de causas de morte entre jovens. Essa porcentagem é de

---

<sup>99</sup> Informação retirada da pesquisa “Violência contra a juventude negra no Brasil”, realizado Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e pelo Senado Federal, em 2012.

<sup>100</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e +.

<sup>101</sup> Estudo Global de Homicídios do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (2013). Disponível em: [https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics\\_crime/Publicacoes/Estudo-Global-Homicidios/2014/PT\\_SumarioExecutivo\\_-\\_final.pdf](https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_crime/Publicacoes/Estudo-Global-Homicidios/2014/PT_SumarioExecutivo_-_final.pdf). Acesso em 14 jun. 2019.

<sup>102</sup> Mapa da Violência (2016) e dados preliminares do último censo de 2018 realizado pelo Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE). Disponível em: <https://www.dane.gov.co>. Acesso em 01 abr. 2019.

<sup>103</sup> Disponível em: <http://www.ideaspaz.org>. Acesso em 01 abr. 2019

71,8% entre os jovens de 15 a 24 anos. As principais causas externas são homicídio e acidente de trânsito<sup>104</sup>.

Com relação à violência contra mulheres, vale destacar que a América Latina e o Caribe são consideradas as regiões mais perigosas do mundo para as mulheres jovens e adultas<sup>105</sup>. Em 2017, ao menos 2795 mulheres com mais de 15 anos foram assassinadas em por razões de gênero em 23 países dessas regiões. El Salvador dispara no ranking com um total de 10,2 feminicídios para cada 100 mil mulheres. Em termos absolutos, a lista de feminicídios é liderada pelo Brasil (com 1.133 vítimas confirmadas em 2017)<sup>106</sup>. Para enfrentar esse cenário, em 2015, Brasil e Colômbia modificaram suas leis para sancionar a violência letal contra mulheres, tipificada como feminicídio ou homicídio agravado por razões de gênero. Ao todo, 18 países latino-americanos têm o crime tipificado em lei<sup>107</sup>.

Apesar do avanço legislativo, os indicadores continuam elevados: no Brasil, houve um crescimento de 11,3% dos homicídios femininos em 2018 quando comparado a 2017. O ápice da mortalidade se dá aos 30 anos, mas um número bastante elevado de mulheres jovens com idades entre 20 e 29 anos (28,2% do total das mortes) também estão sendo assassinadas. A maioria delas é negra (61%) e em 88,8% dos casos o autor do crime foi o companheiro ou o ex-companheiro. Nos meses de março a abril de 2020 - já no contexto de pandemia da Covid-19 que agudizou os riscos de violência doméstica – o Brasil apresentou um aumento de 22% nos casos de feminicídio em comparação ao mesmo período no ano anterior<sup>108</sup>.

Na Colômbia, o contexto não é muito diferente: de acordo com um relatório do Instituto Nacional de Medicina Legal divulgado no início de 2019, com dados de 2018, a violência contra mulheres aumentou, principalmente os casos de violência sexual. Os homicídios por razões de gênero passaram de 940 (2017) para 960 (2018), um acréscimo de 2,1%. O relatório apontou, ainda, para um aumento do número de suicídio entre mulheres<sup>109</sup>.

---

<sup>104</sup> DANE – Censo Nacional de Población y Vivienda - CNPV 2018. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/genero/informes/informe-panorama-sociodemografico-juventud-en-colombia.pdf> Acesso 18 set. 2020.

<sup>105</sup> Segundo o Relatório “Del Compromiso a la Acción: Políticas para Erradicar la Violencia contra las Mujeres América Latina y el Caribe”, produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e ONU Mulheres. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/DEL\\_COMPROMISO\\_A\\_LA\\_ACCION\\_ESP.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/DEL_COMPROMISO_A_LA_ACCION_ESP.pdf). Acesso em 14 jun. 2019.

<sup>106</sup> Dados do Observatório de Igualdade de Gênero da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Disponível em: <https://oig.cepal.org/>. Acesso em 14 jun. 2019.

<sup>107</sup> São eles: Costa Rica (2007), Guatemala (2008), Chile e El Salvador (2010), Argentina, México e Nicarágua (2012), Bolívia, Honduras, Panamá e Peru (2013), Equador, República Dominicana e Venezuela (2014), Brasil e Colômbia (2015), Paraguai (2016) e Uruguai (2017).

<sup>108</sup> V. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: [https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf) Acesso em 26 jun. 2021.

<sup>109</sup> Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2019/03/08/en-colombia-aumento-la-violencia-contra-las-mujeres-en-el-ultimo-ano/>. Acesso em 30 jun. 2019.



Sobreviver, no entanto, não significa para as meninas e mulheres estarem imunes às violências. Exploração sexual, violência doméstica, obstétrica, casamento infantil<sup>110</sup> são alguns tipos de violações às quais estão submetidas. As jovens negras e indígenas são as mais afetadas pelos impactos da violência e do racismo que estruturam as sociedades latino-americanas.

O encarceramento feminino é outra dimensão da violência contra mulheres que tem crescido exponencialmente nos últimos anos. A pesquisadora brasileira e feminista negra interseccional Juliana Borges (2019) aponta que no Brasil, entre 2006 e 2014, a população feminina nos presídios aumentou em 567,4%, ao passo que o aumento da população masculina foi de 220% no mesmo período. Em 2017, o encarceramento de mulheres jovens - com idades entre 18 e 29 anos - representava a maior parcela das custodiadas no país e do total de mulheres encarceradas, 63,55% eram negras<sup>111</sup>. O crime de tráfico de drogas é o principal responsável pela maior parte das prisões: 59,9% dos casos. Em seguida, aparece o crime de roubo (12,90%) e furto, com 7,80% dos casos.

A violência também atravessa indiretamente a vida das mulheres, em sua maioria mulheres negras. São elas – mães, companheiras, irmãs, tias – que carregam as dores de enterrar – ou visitar nas cadeias – os homens das suas redes de afeto. Lívia Natália (2015) denuncia com sua poesia essas dores tantas: “Maria não amava João. Apenas idolatrava seus pés escuros. Quando João morreu, assassinado pela PM, Maria guardou todos os seus sapatos”<sup>112</sup>.

Em Cali, mulheres negras que integram a Casa Cultural El Chontaduro, por meio do canto, da poesia, da dança perguntam: “¿A quién le duelen nuestras muertas?”. No dia 19 de agosto de 2020, durante o último dia da novena realizada para pedir que os cinco jovens assassinados na região de Llano Verde descansassem em paz, elas cantaram uma canção de autoria de Helena Hinestroza Venté, cujo refrão traduzo abaixo:

A quem dói as nossas mortes?  
Muitas vezes me pergunto por que estamos esquecidos

---

<sup>110</sup> Para saber mais sobre o tema do casamento infantil – problemática ainda pouco visibilizada no Brasil, apesar de o país ocupar a quarta posição no *ranking* mundial de casamento infantil de meninas – vale a pena acessar a pesquisa lançada em 25 de junho de 2019 pela Plan International: *Tirando o Véu – Estudo sobre casamento infantil no Brasil*. Disponível em: <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Tirando-o-veu-estudo-casamento-infantil-no-brasil-plan-international.pdf>. Acesso em 26 jun. 2019.

<sup>111</sup> Ifopen Mulheres, 2017. Disponível em: [http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/copy\\_of\\_Infopenmulheresjunho2017.pdf](http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/copy_of_Infopenmulheresjunho2017.pdf). Acesso em 08 jul. 2021.

<sup>112</sup> O poema se chama “Quadrilha” e integra o livro “Correntezas e outros estudos marinhos” (2015). Integrante do projeto “Poesia nas Ruas”, aprovado pelo Fundo de Cultura do Estado da Bahia, o poema foi veiculado em *outdoors* de Itabuna, sul da Bahia. Porém, após receber críticas de políticos e representantes da Polícia Militar, o poema foi retirado das ruas em quatro dias, ao invés de permanecer por dois meses, como estava previsto.

Temos direito à vida, mas somos violentados  
A quem dói nossos filhos  
A quem dói nossa gente  
A quem dói nossas mortes  
A quem dói

Os cinco jovens foram assassinados no dia 12 de agosto. É tradição do Pacífico colombiano que quando uma pessoa morre, se rezem nove noites para que ela descanse em pais. A “*novena novena*” é conhecida como a última noite. Foi nela que as mulheres da Casa Cultural El Chontaduro cantaram para pedir justiça a estas mortes brutais, como foi narrado na coluna “*Los cuerpos de la muerte em nombre de la vida: los 5 de Llano Verde*”<sup>113</sup>.

Atualmente, no Brasil, um adulto negro, do sexo masculino, tem até 12 vezes mais risco de ser vítima de homicídio que um não negro. Um total de 11 a cada 100 mortes violentas intencionais foram provocadas pelas polícias. Em 2018, foram 6.220 vítimas, sendo 99,3% homens, 77,9% tinha entre 15 e 29 anos e 75,4% eram negros. Os dados apontam para um crescimento de 19,6% de mortes provocadas pela polícia, em relação a 2017<sup>114</sup>. O Nordeste é a região mais vulnerável, concentrando sete das dez capitais brasileiras mais perigosas para a juventude<sup>115</sup>. Salvador está entre elas.

Em dezembro de 2021, a Rede de Observatórios de Segurança<sup>116</sup> publicou um estudo especificamente sobre violência policial no Brasil com dados ainda mais alarmantes. Segundo o boletim “*Pele Alvo: a cor da violência policial*”<sup>117</sup> (2021), a cada quatro horas uma pessoa negra é morta pela polícia em seis dos sete estados monitorados pela Rede (Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo)<sup>118</sup>. O estudo não apresentou informações sobre identificação etária ou de gênero, o único indicador utilizado foi a declaração étnico-racial. O Rio de Janeiro seguiu sendo o estado que mais produz mortes em ações e intervenções das polícias.

A Bahia ficou em terceiro lugar entre os estados com maiores números de violência policial: registrou 787 mortes, o que representa um aumento de 21% em relação a 2019. É o estado com maior percentual de negros entre os mortos pela polícia: 98%. Em Salvador,

<sup>113</sup> Disponível em: <https://www.lasillavacia.com/historias/historias-silla-llena/los-cuerpos-de-la-muerte-en-nombre-de-la-vida-los-5-de-llano-verde>. Acesso em 25 nov. 2021.

<sup>114</sup> V. Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: [https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf) Acesso em 26 jun. 2021.

<sup>115</sup> WAISELFISZ, J. J. Mapa da Violência: homicídios por arma de fogo no Brasil, 2016.

<sup>116</sup> <http://observatorioseguranca.com.br/>

<sup>117</sup> Disponível em: [http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO\\_REDE-DE-OBS\\_cor-da-violencia\\_dez21\\_final.pdf](http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO_REDE-DE-OBS_cor-da-violencia_dez21_final.pdf) Acesso em 15 dez. 2021.

<sup>118</sup> O Maranhão é um estado monitorado pela Rede de Observatórios da Segurança, porém o governo não acompanha a cor das vítimas.

Fortaleza e Recife – capitais da região Nordeste – 100% dos mortos em ações policiais são negras. Os dados foram obtidos via Lei de Acesso à Informação no ano de 2020 – o que complexifica mais o cenário, uma vez que vivíamos o período mais contundente da pandemia de Covid-19, no qual se esperava que o Estado protegesse as populações mais vulneráveis e não que contribuísse para o seu extermínio.

O Brasil enfrenta (ou não enfrenta) um verdadeiro genocídio<sup>119</sup> da população negra e, especificamente, de jovens negros. O direito à vida é um dos principais direitos violados. E sem a garantia dele, todos os outros são interrompidos, como denuncia com sua arte o *rapper* Emicida na canção Ismália<sup>120</sup>, cujos trechos foram escolhidos pela Rede de Observatórios da Segurança para abrir a publicação:

E como analgésico nós posta que  
Um dia vai tá nos conforme  
Que um diploma é uma alforria  
Minha cor não é uniforme  
Hashtags #PretoNoTopo, bravo!  
80 tiros te lembram que existe pele alva e pele-alvo  
Quem disparou usava farda  
Quem te acusou nem lá num tava  
Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada:  
Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada

[...]

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles  
Nega o deus deles, ofende, separa eles  
Se algum sonho ousa correr, cê para ele  
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano  
Infelizmente onde se sente o sol mais quente  
O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente  
Quis ser estrela e virou medalha num boçal  
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral  
Um primeiro salário  
Duas fardas policiais  
Três no banco traseiro  
Da cor dos quatro Racionais  
Cinco vida interrompida  
Moleques de ouro e bronze  
Tiros e tiros e tiros  
O menino levou 111  
Quem disparou usava farda

---

<sup>119</sup> O Brasil ratificou a Convenção Internacional para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio em 1952, por meio do Decreto nº 30.822, na qual se define genocídio como um crime contra a humanidade e que consiste em matar membros de um grupo nacional, étnico, religioso ou pertencente a determinada raça, com o fim de destruição total ou parcial desse grupo. O Genocídio é regulado pela Lei nº 2.889/56, que prevê detenção de até 33 anos. Para estudiosos do tema, bem como movimentos sociais e organizações internacionais de defesa dos Direitos Humanos, o aumento vertiginoso de homicídios de jovens negros - comprovado pelas estatísticas oficiais – caracteriza no país um processo de genocídio. No entanto, não há este entendimento por parte das autoridades competentes.

<sup>120</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg> Acesso em 15 dez. 2021.

Quem te acusou nem lá num tava  
É a desunião dos preto junto à visão sagaz  
De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais

Na Colômbia, as dinâmicas de criminalidade e violência operam de forma distinta, porém seguem sendo os jovens do sexo masculino os mais vitimados. Em 2019, o número de mortes por causas externas de jovens de 15 a 24 anos, do sexo masculino (7541), foi quase quatro vezes maior do que o número estimado de jovens mulheres assassinadas (2043)<sup>121</sup>. A violência policial é um fenômeno que atinge as juventudes colombianas. Assim como no Brasil, a Polícia na Colômbia é uma instituição que inspira medo e ameaça os direitos humanos, como aponta o estudo do Observatório de Violência Policial da Ong Temblores<sup>122</sup>.

De acordo com o informe, os grupos mais afetados pela violência policial na Colômbia são as populações jovens, negras, indígenas, LGBTQIA+ e as mulheres, considerando a violência homicida, física e sexual. No período de três anos (2017 a 2019), registrou-se um total de 289 homicídios, o que corresponde a um assassinato a cada 3,8 dias e quase dois assassinatos por semana. Mais de 50% dos assassinados cometidos aconteceu em espaços públicos. Foram registrados 39.613 casos de violência física e 102 de violência sexual cometidas pela Polícia Nacional (TEMBLORES, 2021). Para acessar as ocorrências, o Observatório de Violência Policial da Ong Temblores utilizou uma metodologia de cruzamento de dados oficiais fornecidos pelos órgãos estatais, fatos noticiados por meios de comunicação comerciais e comunitários, redes sociais e entrevistas em profundidade com vítimas e testemunhas. Vale destacar, no entanto, que o acesso a informações sobre violência policial na Colômbia ainda é bastante difícil, portanto, os dados apresentados certamente permanecem muito aquém das violações cometidas.

O estudo aponta ainda que a origem étnico-racial, o tipo de trabalho que desempenha a pessoa, o pertencimento à comunidade LGBTQIA+ e o uso de substâncias ilícitas são classificados pela Medicina Legal como fatores de vulnerabilidade que aumentam a propensão destas pessoas serem vítimas de violência homicida por parte da polícia. Cerca de 80% dos casos de homicídios registrados foram de pessoas identificadas como *mestizas*. Em segundo lugar, aparecem as pessoas afrodescendentes, depois as brancas e por último as indígenas. O informe conclui que não se trata de casos esporádicos ou exclusivamente de

---

<sup>121</sup> DANE – *Panorama sociodemográfico de la juventud en Colombia: ¿Quiénes son, qué hacen y cómo se sienten en el contexto actual?*, Septiembre, 2020. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/genero/informes/informe-panorama-sociodemografico-juventud-en-colombia.pdf> Acesso 28 jun. 2021.

<sup>122</sup> Disponível em: <https://www.temblores.org/bolillo-dios-y-patria>. Acesso em 01 jul. 2021.

mau comportamento de alguns agentes de segurança, trata-se de um projeto político de país que se sustenta no uso abusivo de força voltado para determinados setores da população. Seja no Brasil, seja na Colômbia, o que se observa é que a violência policial é um problema estrutural e sistêmico.

A falta de dados segregados por cor e raça na Colômbia, como já dito, dificulta o entendimento do pertencimento étnico das juventudes que estão morrendo no país. Apesar de as estatísticas serem imprecisas quanto ao número de negros e negras assassinados/as, os movimentos sociais afrocolombianos são incisivos ao denunciar a violência sofrida por essas populações e ressaltam que as mulheres e os/as jovens são as principais vítimas.

Lideranças sociais da Colômbia, a exemplo de Francia Márquez, reconhecida líder social negra e ganhadora do Prêmio Internacional Goldman em 2018 por sua luta contra a mineração, explicam a relação do assassinato de jovens com as dinâmicas do narcotráfico e as novas reconfigurações do conflito armado no país após a assinatura do Acordo de Paz: “os mais jovens são os que terminam em meio a gravíssimas ameaças, como o narcotráfico e o recrutamento forçado, e terminam sendo usados como *botín de guerra*”<sup>123</sup>.

Cali, de forma similar à capital baiana, apresenta baixos indicadores de desenvolvimento humano e elevados índices de homicídios de adolescentes e jovens, feminicídios, entre outros. Apesar de Cali ter reduzido sua taxa geral de homicídios entre 2013 e 2014 de 82 para 66 (por cada 100 mil habitantes), ainda continua sendo muito acima da média nacional (27)<sup>124</sup>.

Especificamente sobre a violência policial cometida contra as populações negras em Cali, Yukyan Lam e Camilo Andrés Ávila Ceballos (2013) apontam que é no Distrito de Aguablanca onde se concentram as maiores taxas de homicídios. São as *comunas* 13, 14 e 15 – que integram o Distrito - as que registraram o maior número de homicídios entre os anos de 2005 e 2010. No mesmo período, foram os homens jovens com idades entre 20 e 29 anos os mais assassinados por policiais em toda a cidade de Cali: para cada mulher vítima de homicídio, havia 13 homens assassinados. Em 2008, em 98% do total de homicídios causados por policiais, as vítimas tinham menos de 30 anos<sup>125</sup>.

Ao trazer dados estatísticos para falar sobre a violência contra jovens, mulheres, populações negras, vale sempre lembrar que eles – apesar de importantes para apontar

---

<sup>123</sup> V. <https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/jovenes-asesinados-las-ultimas-masacres-en-colombia-531496>. Acesso em 01 jul. 2021.

<sup>124</sup> Os dados são da plataforma *Cali como Vamos* e estão disponíveis em: <https://www.calicomovamos.org.co>. Acesso em 01 abr. 2019.

<sup>125</sup> Disponível em: [https://www.dejusticia.org/wp-content/uploads/2017/04/fi\\_name\\_recurso\\_334.pdf](https://www.dejusticia.org/wp-content/uploads/2017/04/fi_name_recurso_334.pdf) Acesso em 02 jul. 2021.

recorrências – são insuficientes e apresentam uma leitura incompleta, repleta de brechas e imprecisões. Além das subnotificações, que sabemos existir por conta de diversos fatores, há os interesses específicos do Estado em revelar ou ocultar determinadas estatísticas. Organizações da Sociedade Civil, pesquisadoras e pesquisadores, por sua vez, desempenham um papel fundamental na produção de conhecimentos que nos ajudam a fazer leituras mais humanizadas dos contextos. É neste sentido, portanto, que caminho neste estudo, priorizando tratar o tema por meio das narrativas, histórias e vozes daqueles e daquelas que estão construindo outros tecidos sociais

### **3.9. TERRORISMO DE ESTADO NA COLÔMBIA E “GUERRA ÀS DROGAS” NO BRASIL: *FRONTERAS INVISIBLES* E JUVENTUDES VIOLENTADAS**

Brasil e Colômbia partilham um modelo colonizatório violento, marcado pela escravização e extermínio de negros e de indígenas. Um cenário de exploração dos recursos naturais que, desde os períodos colonizatórios até os dias atuais, fortalece as elites econômicas e reproduz um ciclo intermitente de pobreza e violências para a maior parte da população. Ambos os países são estruturados pelo racismo que condiciona as vidas que importam e as descartáveis.

Como já visto, ao contrário da maioria dos países do cone sul, a Colômbia não sofreu um golpe que levou os militares ao poder, mas os impactos do modelo de democracia vigente no país são ainda piores do que os produzidos pelas ditaduras militares. Narrativas estigmatizantes que são sustentadas pelos conglomerados de comunicação – bem como outras instituições como as próprias universidades - que detém o poder político e econômico de contar e consolidar determinadas versões das histórias muitas vezes podem nos conduzir a leituras frágeis, como a de que a Guerra Civil da Colômbia se resume ao conflito entre o Estado e as guerrilhas.

Diversos pesquisadores<sup>126</sup>, bem como nossas/os interlocutoras/es ressaltam que a Colômbia é um país marcado por um regime violento apoiado sistematicamente pelos Estados Unidos. Porém, a narrativa predominante legitima um processo de estigmatização que etiqueta todo e qualquer tipo de organização comunitária, luta social e política que vai na contramão do governo como organizações terroristas e que, como tal, devem ser contidas com o uso da força de segurança nacional. Sob a justificativa de enfrentamento ao

---

<sup>126</sup> V. ZIBECHI (2007); PISMEL; CHAGAS (2014); TARAZONA; ALONSO (2015).

narcotráfico, são legitimadas e apoiadas ações de silenciamento e execução de lideranças sociais, movimentos comunitários, populações indígenas e afrocolombianas etc.

Essa opressão violenta dos braços armados do Estado sob o pretexto de conter o terrorismo foi vivenciada pelas juventudes, lideranças indígenas, camponeses e todas e todos que estiveram mobilizados por mais de dois meses em várias cidades da Colômbia durante o *Paro Nacional* que ocorreu entre junho e agosto de 2021. Cali foi uma das cidades com maior número de pessoas nas ruas por mais tempo. Os coletivos parceiros deste estudo, como A La Hora 30, A Ritmo de Ladera, Casa Cultural El Chontaduro estiveram diretamente envolvidos na organização dos atos. Uma cobertura em tempo real foi feita na página do Facebook do Festival Nacional Cine y Video Comunitario del Distrito de Aguablanca (FESDA) para romper com o cerco midiático. A partir do “Postal Sonora” foi possível acompanhar diretamente as vozes de quem estava nas ruas e ter acesso às suas versões sobre os fatos<sup>127</sup>. Johan, da Rádio A Ritmo de Ladera, partilhou um relato sobre a situação:

**Acredito que estamos avançando em reconhecer que a morte e a violência não são fatores naturais em nossos bairros, em nossas comunidades.** Têm mães que estão fazendo parte da *Primera Línea* [durante o *Paro Nacional*], que estão acompanhando os jovens. Têm mães que estão indo para as ruas sem medo do assassinato do Estado [...] **o Estado tem uma estratégia de terror para nos frear [...] mas, nós seguimos, sempre em defesa da vida** (*Johan Andrés Rodríguez García, A Ritmo de Ladera, Cali*) [grifos meus].

Apesar de os dados estatísticos oficiais serem imprecisos, quem vive o país e se articula comunitariamente para enfrentar as desigualdades que o estruturam – como é o caso das/dos nossos interlocutores – bem como de muitos estudiosos das dinâmicas sociais da Colômbia, afirma que o maior número de vítimas não decorre necessariamente dos combates entre o exército e as guerrilhas (FARC ou o Exército de Libertação Nacional – ELN), mas dos massacres promovidos pelos paramilitares, do sistema judicial que garante impunidade para os assassinos e do esquema de segurança montado a serviço dos latifundiários e políticos, para garantir o controle das terras na mão das elites colombianas (PISMEL; CHAGAS, 2014).

Estas elites são historicamente favorecidas no país, com apoio sistemático dos Estados Unidos. Em 1998 foi firmado um acordo bilateral entre a Colômbia e os Estados Unidos, conhecido como Plano Colômbia. O objetivo declarado à época pelo Governo era o de criar uma estratégia para promover o desenvolvimento social e econômico do país, por

---

<sup>127</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/FESDAcine/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/FESDAcine/?ref=page_internal) Acesso em 15 mai. 2021.

meio da eliminação do narcotráfico no território colombiano e da desestruturação dos grupos guerrilheiros, em especial as FARC.

No entanto, o Plano tratou-se de fato de “um eufemismo utilizado por Washington para estabelecer bases militares, dirigir as forças armadas nacionais, financiar a guerra e acumular riqueza em favor de uma pequena elite nacional” (PISMEL, M. L.; CHAGAS, R. S, *apud* OURIQUES, 2014, p. 13). Projetado para durar seis anos, o Plano Colômbia seguiu em vigor – mesmo tendo passado por alterações – até 2016, quando foi assinado o Acordo de paz entre o Governo e as FARC. Foi na década de 1960 que os grupos guerrilheiros se consolidaram no país e mantiveram por muitos anos a luta armada contra o Estado.

As guerrilhas colombianas surgem da radicalização de alguns movimentos de protesto, cujos modelos organizativos foram estruturados para lidar com os métodos arbitrários utilizados pelo Estado para manter a Frente Nacional (1958-1974) (SILVA, 2011)<sup>128</sup>. É neste contexto que se organizam as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), sob orientação do Partido Comunista, no marco das lutas de liberação latino-americanas durante o período da Guerra Fria.

Na década de 1980, os narcotraficantes travaram uma guerra contra o Estado com a pretensão de impor seu próprio sistema legal. As dinâmicas de violência e criminalidade na Colômbia, portanto, são marcadas pela ligação de estruturas macrocriminais com grupos criminosos locais que atuam no tráfico de armas e recrutamento de jovens; pela militarização das forças de segurança e pelo comando governamental de organismos de controle do executivo, legislativo e judiciário: *Procuraduría, Contraloría e Fiscalía*<sup>129</sup>.

De acordo com dados do Observatório de Memória e Conflito, do Centro Nacional de Memória Histórica<sup>130</sup>, de 1958 até 21 de janeiro de 2021 um total de 268.807 pessoas haviam sido mortas no marco do conflito armado na Colômbia. O número oficial de crianças e adolescentes vinculados aos grupos armados ilegais é impreciso. No entanto, não há incerteza sobre o impacto do conflito na vida dos/as adolescentes e jovens.

Jovem na década de 1980 – época que foi contabilizado o maior número de vítimas do conflito armado no país - e até hoje comprometido com as lutas sociais, Jorge Blandón, co-fundador e diretor da Corporación Cultural Nuestra Gente<sup>131</sup>, ressaltou que o processo de

---

<sup>128</sup> A Frente Nacional foi um governo de coalizão composto pelos partidos Liberal e Conservador que se manteve no poder por 16 anos (1958-1974).

<sup>129</sup> No Brasil, a correspondência seria: Procuradoria Geral da República, Controladoria Geral da União (CGU) e Ministério Público Federal, respectivamente.

<sup>130</sup> CNMH. Bases de dados. Observatorio de Memoria y Conflicto. Data de corte 31/01/2021. Disponível em: <https://micrositios.centrodememoriahistorica.gov.co/observatorio/> Acesso em 21 mar. 2022.

<sup>131</sup> Diálogo realizado na sede da Corporación Cultural Nuestra Gente, em Medellín, no dia 21 de agosto de 2018.



limpeza social vivenciado na Colômbia vitimou principalmente as gerações jovens e teve como principais agentes da violência milicianos, narcotraficantes e paramilitares.

Segundo ele, sem perspectivas, muito cedo, jovens – principalmente do sexo masculino – se aliavam às guerrilhas em busca de poder, sentido, futuro. Com o teatro de rua, o grupo de artistas que integra o Nuestra Gente conseguia cruzar espaços destinados à morte e problematizar por meio da arte os caminhos possíveis para além da criminalidade. A organização social Nuestra Gente nasce nesse contexto – há 31 anos – como um caminho para evitar mais mortes: “Era preciso fazer alguma coisa. Só a arte era capaz, naquele momento, de mobilizar diante da morte e perfurar as fronteiras invisíveis (*fronteras invisibles*)<sup>132</sup>”.

Infelizmente, mesmo com o recente Acordo de Paz, essas fronteiras invisíveis não cessaram e continuam interferindo diretamente nas sociabilidades juvenis. Ele previa o cessar fogo e o desarmamento dos grupos guerrilheiros. Apesar de representar uma importante conquista dos movimentos sociais, o Acordo não significou necessariamente a redução da violência e da criminalidade do país, mas uma mudança em suas dinâmicas.

Pesquisadores colombianos, assim como alguns dos nossos interlocutores, destacaram que o período - que ficou conhecido como “pós-conflito” - provocou mudanças nas dinâmicas do crime organizado, o que em alguma medida contribuiu para delinear um cenário mais favorável ao fortalecimento da organização popular, da mobilização social, do fortalecimento dos grupos formados pelos chamados “jovens populares”, aqueles que moram nas zonas colocadas às margens das grandes cidades.

Essa “trégua” também fortaleceu as esquerdas políticas na Colômbia, historicamente impedidas de chegar ao poder, que começaram a disputar com mais força a arena institucional. Como destaca Alexander Gamba Trimiño<sup>133</sup>: “Diminui a guerra, aumenta a força da mobilização popular. O processo de transição para a paz, pós assinatura do Acordo, muda a lógica do conflito armado na Colômbia”.

No entanto, não impediu que centenas de líderes sociais continuassem a ser assassinados, não reduziu a violência policial, não impediu a associação de jovens ao narcotráfico etc. As dinâmicas são complexas. Não é objetivo deste estudo analisar em profundidade o período do “pós-conflito” e seus impactos. No entanto, consideramos

---

<sup>132</sup> Em todos os diálogos tecidos, seja em Cali, Medellín ou Bogotá, escutei a expressão *fronteras invisibles*. Ela expressa a complexidade das dinâmicas territoriais nas cidades colombianas, marcadas pela atuação violenta das guerrilhas, do Estado e dos grupos paramilitares.

<sup>133</sup> Fala feita durante a *live* “Protestos e repressão na Colômbia” realizada pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares Ibero-americanos (NETSAL). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWKOE0SCNrg> Acesso em 10 maio 2021.

relevante apresentar alguns aspectos da história colombiana que atravessam diretamente as trajetórias individuais e coletivas das e dos jovens com os quais construímos esta teia-tese.

No Brasil, é nas décadas de 1970 e 1980 que as dinâmicas da criminalidade começam a ganhar outros matizes. O país entra na lógica do tráfico internacional de drogas, depois do *boom* da cocaína. No Rio de Janeiro, é neste período que o crime começa a se organizar para a venda de drogas via disputa territorial de guerras de facções, alcançando uma presença territorial e paramilitar fortemente armada nas favelas<sup>134</sup>. Mesmo sem guerra civil, o Brasil consegue vitimar, por armas de fogo, mais cidadãos do que muitos conflitos armados contemporâneos, como a guerra da Chechênia, a do Golfo, as várias intifadas, as guerrilhas colombianas ou a guerra de liberação de Angola e Moçambique<sup>135</sup>.

Em ambos os países, as fronteiras invisíveis determinam as dinâmicas de poder que estruturam os territórios violentados. Em Cali, em todas as nossas entrevistas e vivências com os coletivos, escutávamos falar sobre as fronteiras invisíveis. Estima-se que na cidade, pelo menos 30% dos 339 bairros estejam sobre o controle de alguma das 134 *pandillas*<sup>136137</sup>. Nos diálogos com os coletivos de Salvador podemos não escutar a expressão “fronteiras invisíveis”, mas nos deparamos a todo momento, seja nas falas de crianças, adolescentes e jovens, seja nos muros riscados com códigos como “é tudo 6”, “é tudo 2”, “é tudo 3”, que fazem referência às facções criminosas que comandam cada bairro<sup>138</sup>.

O ir e vir, a existência das juventudes subalternizadas, são condicionados por essas dinâmicas, por essa engrenagem complexa que legitima no Brasil, por exemplo, a chamada “Guerra às drogas”. A narrativa oficial difundida nas políticas públicas e reforçada pelos veículos de comunicação das mídias hegemônicas cria uma série de fronteiras invisíveis que condicionam os corpos negros às experiências de morte. Predomina uma lógica de seletividade da política proibicionista de drogas como instrumento da manutenção de um conjunto de injustiças que são fruto de um perverso regime realizado por meio de uma

---

<sup>134</sup> Informações disponíveis na entrevista de José Cícero da Silva com o coronel da reserva Ibis Pereira. Disponível em: <http://apublica.org/2017/08/para-ex-comandante-geral-da-pm-do-rio-a-vida-humana-nao-e-uma-prioridade-no-brasil/>. Acesso em: 27 ago. 2018.

<sup>135</sup> WAISELFISZ, 2016

<sup>136</sup> O termo - assim como *bandas* - é utilizado para fazer referência aos grupos criminosos que atuam na cidade. Em português, podemos fazer um paralelo com “gangue”, porém, optei por não fazer a tradução, para manter o sentido que a palavra abarca em espanhol para a compreensão das dinâmicas de criminalidade na Colômbia.

<sup>137</sup> HURTADO, V.M; MORNAN, D., *¿Y el Derecho a la Ciudad? Aproximaciones al racismo, la dominación patriarcal y las estrategias feministas de resistencia en Cali*, Colombia, 2013.

<sup>138</sup> As principais facções criminosas que atuam no estado da Bahia são: Caveira, Comando da Paz (CP), Katiara, Bonde do Maluco, Vida Loka e Primeiro Comando da Capital (PCC).

economia de violências (OLIVEIRA, N; RIBEIRO, E., 2018)<sup>139</sup>. As vítimas dessa seleção são as populações pobres e negras.

O sistema de justiça funciona como um “sistema racializado de controle social” (ALEXANDER, 2010) e para que se sustente é preciso manter em funcionamento a engrenagem pela criminalização, controle e vigilância ostensiva dos territórios periféricos (e, portanto, violentados) e pelo extermínio dos jovens envolvidos no pequeno tráfico (BORGES, 2019).

Trabalhar ou não para o tráfico ou para o crime organizado, no entanto, não afasta os jovens da violência, pois seus corpos são sempre suspeitos. A “normalidade” não lhes diz respeito. Se além de pobres, forem negros, essa suspeição pode lhes custar a vida. O racismo está na raiz do problema da violência, pois legitima uma engrenagem da morte - ou uma política de morte para recorrermos ao conceito de “necropolítica” (MBEMBE, 2016)<sup>140</sup> - à qual estão submetidas as populações afro-latino-americanas.

O conceito de necropolítica ajuda a pensar as múltiplas facetas do racismo e o devir-negro no mundo colonizado. Achille Mbembe (2016), ao recuperar Michel Foucault, fala sobre uma política de morte que reflete o exercício da soberania do Estado em ditar quem deve morrer e quem deve viver. Essa política da morte é a política da raça, e “a escravidão umas das primeiras instâncias da experimentação biopolítica” (MBEMBE, 2016, p. 130). Por isso, continua o autor, “tornar-se sujeito é sustentar o trabalho da morte” (2016, p. 125), uma vez que a lógica da soberania do Estado é a de silenciar, apagar, afastar toda e qualquer forma de expressão de humanidade dos povos colonizados. A faceta mais cruel do capitalismo pressupõe que para a engrenagem funcionar é preciso produzir indivíduos descartáveis.

A política de morte da qual nos fala o filósofo camaronês é a que milhares de jovens negros em Salvador e Cali enfrentam todos os dias. Seus corpos, desde muito cedo, são cravados pelas marcas de suspeição que condicionam como são vistos e como se veem. Sandro Sussuarana – que carrega o bairro de Salvador onde vive e atua em seu nome artístico – lembra que foi na infância que começou a sentir o racismo operando em sua vida – mesmo sem consciência do que aquilo representava.

**Eu demorei muito para entender o que era racismo e como ele agia [...]**  
o primeiro caso direto que aconteceu foi ainda na infância. Quando eu era

---

<sup>139</sup> In: “O massacre negro brasileiro na guerra às drogas”, de Nathália Oliveira e Eduardo Ribeiro. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-nathalia-oliveira-e-eduardo-ribeiro.pdf> Acesso em 20 abr. 2019.

<sup>140</sup> Para saber mais sobre o autor, além da leitura de obras como *Crítica da razão negra* (2013), *Necropolítica* (2011) e *Políticas da inimizade* (2016), recomendo o *Dossiê A leitura de Achille Mbembe no Brasil*, de Carla Rodrigues e Suely Aires, publicado pela Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-leitura-de-achille-mbembe-no-brasil/>. Acesso em 10 mar 2019.

criança meus amigos me chamavam de "picolé de betume", "olhos de bomba", olhos de fusca" e "cabelo de bombril", que são adjetivos referentes ao meu corpo. Eu não sabia que aquilo era racismo. **Quando eu fui crescendo as meninas se apaixonaram por um amigo branco. Elas me pediam para eu apresentá-las a ele e não se interessavam por mim. Eu não entendia que isso era obra do racismo.** Eu entendi a questão do racismo quando eu estudei no SENAI e fiz um curso de Manutenção de Micro e Rede de Computadores [...] era bolsista e tinham quatro pessoas negras no grupo. Todos os dias a gente era parado na portaria do curso e mostrávamos o crachá. **Quando eu comecei a deixar o cabelo crescer, percebi que ninguém sentava do meu lado no ônibus. Foi aí que eu entendi o que era racismo. Todas as coisas que eu passei contribuíram para a minha escrita. Na minha primeira abordagem policial eu tinha 9 anos. Eu estava jogando bola e os policiais vieram e pediram para todo mundo encostar na parede.** Depois disso aconteceram outras. Mas a mais marcante para mim foi quando eu estava entrando em casa e o policial me mandou sair de casa, enquanto estava com a arma apontada para mim. Eu sabia que eu estava na minha casa e a menos que ele tivesse um mandato de busca e apreensão ele não podia passar do portão. **Já aconteceram situações em eventos que a gente fazia que no final o policial elogiava nosso trabalho e depois perguntava se a gente não tinha medo de morrer. São enfrentamentos diários que fazemos para se manter vivo e ativo e enfrentar toda essa política de extermínio que existe no nosso país** (Sandro Sussuarana – *Sarau da Onça, Salvador*), [grifos meus]<sup>141</sup>.

Assim como muitos outros jovens, Sandro, ao reconhecer os mecanismos que fazem a necropolítica operar, encontrou uma forma de enfrentá-los por meio da arte, da poesia, da coletividade. “Todas as coisas que eu passei contribuíram para minha escrita”, Sandro diz e quem já o escutou recitar ou leu o seu livro “Verso(s) sob(re) mim” (2018)<sup>142</sup> consegue perceber isso facilmente. O ativismo cultural emerge, assim, como uma possibilidade para as juventudes subalternizadas de superar o medo da morte e agir em prol da vida, como veremos com mais profundidade no decorrer desta teia-tese a partir de outras histórias.

Contudo, da mesma forma que se articular comunitariamente é uma forma de resposta às opressões, se associar às dinâmicas de criminalidade também pode ser. Mesmo que muitas vezes, ao se associarem ao trabalho no tráfico de drogas, ou, no caso da Colômbia, em grupos vinculados às guerrilhas, estas juventudes encurtem o seu tempo de vida. Não deixam de ser respostas às opressões vividas, no entanto, acabam por alimentar a perversidade do sistema. Sandro Sussuarana traz sua percepção:

**Com a banalização de que todo negro é criminoso a gente pensa, por exemplo, que fazer um enfrentamento ao sistema é se associar ao tráfico, porque isso foi uma coisa incutida na mente de quem mora na periferia. Mas ser contra o sistema ou o governo não é só você entrar no tráfico. Um exemplo de como ser contra o governo é você se formar**

<sup>141</sup> Conversa realizada no dia 04 de abril de 2019, na sede do CENPAH, no bairro de Sussuarana.

<sup>142</sup> O livro foi publicado em 2018 pela editora independente Galinha Pulando, do poeta Valdeck Almeida de Jesus.

**dentro de uma política educacional, onde as políticas não são feitas para os negros.** Então a gente mostra essa **outra forma de enfrentamento que pode ser pela escrita, escrevendo poesia, escrevendo contos, escrevendo crônicas, escrevendo livros, se formando numa escola de dança [...]** Isso é **enfrentamento ao sistema.** O sistema quer que nós ocupemos esses espaços apenas de uma única forma. [...]. **Chegar aos 18 anos para nós é soltar foguete e transgredir completamente o sistema racista num contexto de que a cada 23 minutos um jovem negro é morto** (Sandro Sussuarana, *Sarau da Onça - Salvador*) (*grifos meus*).

Apesar de não desconsiderar que as respostas das juventudes são múltiplas, neste estudo, o foco incide sobre estes exemplos de respostas, ou melhor, de ofensivas, como estas trazidas por Sandro. São processos coletivos enraizados na indignação que transformam o medo em esperança (CASTELLS, 2017) e reforçam que onde há exercício de poder há disputa, há contrapoder, aqui entendido na perspectiva de Castells (2017, p. 20) como “a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses”. Essa negociação é constitutiva das dinâmicas sociais. Sempre existiram e vão ganhando outras roupagens ao longo da história. São inúmeras formas de resistir, de “ser em ginga” e enfrentar a necropolítica, desde o período escravocrata:

A vida de um escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte em vida (...). Dado que a vida do escravo é como uma “coisa” possuída por outra pessoa, sua existência é a figura perfeita de uma sombra personificada (...). **Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo [...] tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la.** Rompendo com sua condição de expatriado e com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de **demonstrar as capacidades polimorfas das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente era possuído por outro** (MBEMBE, 2016, p. 132) [*grifos meus*].

Na contemporaneidade, é nos quilombos urbanos que se espalham pelas periferias das cidades que os/as jovens constroem processos coletivos para romper as “prisões mascaradas” (ROSA, 2013) estruturadas para roubar-lhes a autoestima e a capacidade de intervenção e, assim, disputar as narrativas hegemônicas e tecer redes de resistência e transformação social.

Com a breve contextualização sobre as realidades juvenis e as cidades onde a pesquisa foi realizada, tive a intenção de trazer elementos para auxiliar a compreensão das configurações de poder que estruturam as sociedades brasileira e colombiana e atravessam as juventudes das quebradas em Salvador e em Cali. Entender essas dinâmicas é fundamental

para observar as ações de insubordinação - como as orquestradas pelos coletivos de arte e comunicação com os quais dialoguei – que tensionam estas forças hegemônicas. Seguiremos a teia, caminhando pelas encruzilhadas que ela nos oferece, para nos aproximar mais destes coletivos e de suas pedagogias.

#### 4. INICIATIVAS JUVENIS EM ARTE, COMUNICAÇÃO: UMA CARTOGRAFIA EM MOVIMENTO

Peço trégua ao campo armado  
Abaixem as armas  
Levantem as rosas  
Levantem as prosas  
Abaixem o fardo  
Em frente ao soldado  
Enfrente as corjas  
Inventam a roda  
Pois já foi inventada  
Inventam a máquina  
Por medo da máquina  
Armados temendo as armas  
Me arma na rosa que atiro amor  
Atiro no muro  
Murmuro o que houve  
Me ouve no muro  
Me entenda ligeiro  
Meu corpo ferido  
Por dentro inteiro  
Em frente, soldado  
Enfrente as corjas  
As cordas não prendem  
Tente entender

É com o poema *Ativista*, de Jordan Vilas Boas (SARAU DA ONÇA, 2017, p. 11), que convido você a entrar nesta “teia de nós”, ou seja, no emaranhado formado pela aproximação das atuações de diversos coletivos em Salvador e em Cali, liderados por juventudes que se organizam comunitariamente por meio de linguagens artísticas e comunicacionais para reivindicar autoria e autoridade em seus territórios. Há, neste chão, muitas cores de fita cruzadas e muitas narrativas sendo escritas.

Recordo que as informações que seguem aqui foram acessadas por meio da cartografia “Rede ao Redor: iniciativas em arte e comunicação nas periferias de Salvador”; do levantamento de coletivos culturais feito em Cali, em conjunto com grupos parceiros da pesquisa; da análise de produções dos coletivos (livros, vídeos, saraus, *lives*, oficinas, exposições fotográficas etc.); de informações organizadas a partir da minha observação e participação nas atividades dos grupos (presencial e virtualmente); do acompanhamento sistemático de suas redes sociais digitais (principalmente das páginas do Instagram, Facebook e dos canais do YouTube), do acesso a estudos e mapeamentos sobre coletivos de arte e comunicação das periferias sobre o tema.

Como já dito, as *lives* “Juventudes Latinas em Diálogo” com coletivos de Salvador e de Cali foram um dos recursos metodológicos adotados para driblar os impedimentos trazidos pelo contexto pandêmico e tiveram fundamental relevância para este estudo. A teia-tese se ampliou e as convergências foram se apresentando à medida que as e os jovens trocaram experiências, pautaram prioridades, interpelaram-se e compartilharam sensibilidades.

Pólen Acácio, integrante do Favela Revela, destacou que “poder conversar com a galera de outro país foi uma parada que abriu as perspectivas das coisas”. Gabriela Díaz, do Colectivo A La Hora 30, falou sobre a importância do intercâmbio entre os coletivos e destacou o quão significativo é ressignificar as dores e as violências a partir do aquilombamento e da potência dos talentos artísticos de cada jovem:

Agradeço por esse espaço. Me encanta muito isso que estamos fazendo: conhecendo mais histórias, mais pessoas que trabalham coletivamente em outras partes do mundo [...] cada um está fazendo algo por um mundo melhor e estamos fazendo isso a partir do coração [...] Marina [Marina Lima, do Coletivo Cutucar], por exemplo, mesmo com tanta violência que viu, que passou, se tornou uma grande poeta. Tem uma história que conta para todo o mundo, para que a gente tome como exemplo [...] Nós, todos os dias temos coisas que nos entristece, mas olhamos e agradecemos. Agradecemos o que temos, é isso que ajuda a atravessar a onda (*Gabriela Díaz - Colectivo A La Hora 30, Cali*)<sup>143</sup>.

Vaguiner Braz, do Coletivo Cutucar, de Salvador, refletiu sobre a potência do intercâmbio para fortalecer ações conjuntas entre os coletivos:

[...] Essa ciranda vai nos conectando e a gente vai vendo as produções, conhecendo outras produções [...] a gente aprende com essas trocas [...] Essas plataformas [virtuais] é onde a gente pode tá se mostrando. O coletivo está aberto a propostas. Propostas variadas. Que a gente possa desenvolver atividades não só com a produção de imagem, porque o coletivo não trabalha só com produção de imagem, a gente trabalha com educação também (*Vaguiner Braz, Coletivo Cutucar, Salvador*).

Um desdobramento desses intercâmbios virtuais foi o convite feito pelo Colectivo A La Hora 30 para que jovens dos coletivos de Salvador pudessem enviar áudios com poemas autorais que pudessem ser veiculados durante uma ação que fizeram no âmbito dos protestos realizados em 2021, no período que ficou conhecido como *Estallido Social de Colômbia*. Transcrevo o convite feito por Miguel Anacona Rodríguez via mensagem de WhatsApp que enviou para mim e pediu que encaminhasse aos coletivos de Salvador:

Estamos fazendo uma atividade cultural para sexta-feira, 11 de junho, na qual pintaremos um tecido grande junto com amigos e amigas de outros bairros diferentes aos nossos. A ideia é poder contar

---

<sup>143</sup> A fala foi feita durante a *live* Juventudes Latinas em Diálogo, realizada virtualmente no dia 11 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHIqLsyv8aA&t=5032s> Acesso em 10 mai. 2021.



com as vozes de alguns de vocês através da poesia. Como é difícil fazer uma *live* por conta dos horários e ocupações, gostaríamos de pedir que selecionem e gravem algumas poesias em áudio para que a gente possa reproduzir durante o evento. Essas poesias podem ser sobre temas importantes para vocês e conectados com a gente. Poesia para esses tempos difíceis que vivemos!

As poetisas Adrielle do Carmo (Erótica Sarau Online e Sarau das Artes Santa Cruz) e Marina Lima (Coletivo Cutucar) enviaram poemas que foram escutados pelas/os jovens de Cali durante a produção de grandes tecidos (*trapos*) com mensagens de luta levadas aos protestos. Alguns trechos dos poemas enviados foram incorporados aos tecidos. Um dos poemas enviados foi “Batalhas Reais”, de Marina Lima:

Pense num país racista  
Branquitude em cima do topo  
Os preto morrendo  
As preta morrendo  
E você na internet discutindo coisas óbvias  
Se fulano traiu fulana  
Quem é retinto, quem é afrobege  
Merece *like* ou cancelamento  
Os ancestrais você esquece

Pense num país racista  
Branquitude em cima do topo  
Os preto morrendo  
As preta morrendo  
E você na internet discutindo coisas óbvias  
Se fulano traiu fulana  
Quem é retinto, quem é afrobege  
Merece *like* ou cancelamento  
Os ancestrais você esquece

Quero falar dos meus medos  
Escrevo para não enlouquecer  
Se viva é que tenho direito  
Nasci para ganhar, não perder  
Travando batalhas reais  
Travando batalhas reais  
De um mundo tão desigual  
Ser forte é o ideal?

Quero falar dos meus medos  
Escrevo para não enlouquecer  
Se viva é que tenho direito  
Nasci para ganhar, não perder  
Travando batalhas reais  
Travando batalhas reais  
De um mundo tão desigual  
Ser forte é o ideal?

Quero contar outra história

A la Conceição, Carolina, Maria Firmina dos Reis, Djamila, Maya, Zelinda  
Travando batalhas reais  
Travando batalhas reais  
De um mundo tão desigual  
Ser forte é o ideal?  
Ser forte é o ideal?

Não precisa ser forte o tempo todo  
O corpo ainda dói  
Nossas almas pedem afago, beijos quentes, canções de ninar  
Reconheço sua face  
Parece com a minha e das nossas mães ancestrais  
Nos matam diariamente, por que nos matam diariamente?  
Mas, esquecem que somos sementes prestes a germinar

Irmã, não desiste  
Irmã, resiste  
Somos filha da luta  
Somos filha da luta  
Antes mesmo de saber quem somos

Quero falar dos meus medos  
Escrevo para não enlouquecer  
Se viva é que tenho direito  
Nasci para ganhar, não perder  
Travando batalhas reais  
Travando batalhas reais  
De um mundo tão desigual  
Ser forte é o ideal?  
Ser forte é o ideal?

Com suas rimas, Marina propõe uma reflexão sobre o posicionamento das pessoas diante de uma sociedade racista que mata e silencia negros e negras, reforça a força da ancestralidade para fortalecer a luta antirracista, apresenta referências de mulheres negras na literatura, na pesquisa acadêmica, na luta política e destaca o papel da escrita para ressignificar as dores vividas pelas pessoas negras e poder contar as suas próprias histórias. Com apoio de um brasileiro que estava na ação realizada pelo coletivo A La Hora 30, as/os jovens de Cali tiveram acesso à tradução do poema/canção de Marina, para que pudessem compreender a mensagem e debater entre elas/eles o quanto essa realidade também atinge as populações afrocolombianas. Este é apenas um exemplo de uma série de desdobramentos da pesquisa que fazem parte dos objetivos tecidos desde o início: contribuir para o fortalecimento dos diálogos entre juventudes ativistas em Cali e em Salvador.

Para registrar todas as interações, observações e trocas vivenciadas ao longo do percurso vivo desta teia-tese utilizei dois principais recursos para que pudesse, no momento da escrita, acessar essas memórias: o diário de campo, onde fui fazendo registros sistemáticos ao longo dos quatro anos de pesquisa e os áudio-registros que consistiram em uma série de

áudios curtos de WhatsApp que mandei para mim mesma com o intuito de não deixar escapar nenhuma sensação, percepção, ideia tecida durante os diálogos com as e os jovens. Foi uma forma encontrada para não deixar escapar as sutilezas dos encontros. Todas essas vivências e trocas estão aqui. Lembre-se da fita que está em suas mãos e continue caminhando conosco.

#### **4.1. SALVADOR: POESIA, ARTE, COMUNICAÇÃO PARA ENFRENTAR O RACISMO**

Em Salvador, atualizamos o mapeamento do Rede ao Redor iniciado em 2016 que à época havia identificado 106 iniciativas que desenvolviam nas periferias da cidade atividades artísticas, comunicacionais e educacionais de forma articulada com agendas de luta social como o enfrentamento ao racismo, ao genocídio da população negra; a promoção e defesa do direito à cidade, da equidade de gênero, do direito à comunicação e à cultura, entre outros. As linguagens são múltiplas - dança, música, literatura, produção audiovisual, poesia, teatro de rua, circo etc. –, assim como as atividades realizadas: promoção de espaços formativos; publicação de livros, filmes, vídeos, documentários; projetos de turismo comunitário; realização de eventos como saraus poéticos, batalhas de poesia, batalhas de *hip hop*, desfiles de moda; atuação em escolas públicas, praças, transportes coletivos, instâncias de participação institucional como Conselhos de Direitos, entre outras táticas destes coletivos que serão melhor detalhadas mais adiante.

Em 2021, com a atualização, identificamos que cerca de 25 coletivos haviam se desmobilizado e/ou reconfigurado sua atuação ao longo desses cinco anos. Os demais seguem atuantes. A nova etapa do mapeamento possibilitou a aproximação com outros 30 grupos, que não constavam na primeira edição. Vale ressaltar que a aparente desmobilização de alguns coletivos não significa que as e os jovens pararam de atuar, mas que elas e eles seguiram outros caminhos.

Foi o caso do Ocupa Preto, por exemplo, que, segundo Ícaro Jorge, se desmobilizou porque “a galera entrou na faculdade, pesquisa e trabalho, aí foi preciso dar um intervalo para cada um organizar a vida”. Ícaro hoje é Bacharel Interdisciplinar em Humanidades com ênfase em estudos jurídicos e graduando em Direito, ambos pela UFBA, está cursando o mestrado no Programa de Estudos Interdisciplinares Sobre Universidade na UFBA, é

membro colaborador da Comissão de Promoção à Igualdade Racial da OAB/BA e editor no Portal Educação e Justiça<sup>144</sup>.

Outro exemplo que auxilia a compreensão do processo dinâmico dos coletivos e de como seus/suas idealizadores/as exercem um papel importante no rumo dos grupos – e vice-versa - é o caso do Desabafo Social<sup>145</sup>. Monique Evelle, à época moradora do Nordeste de Amaralina, em Salvador, e ex-educanda dos projetos da ONG Cipó-Comunicação Interativa, tinha 16 anos quando criou o grupo Desabafo Social.

O Desabafo Social surgiu em 2011 em forma de grêmio estudantil. Em 2012 se tornou uma organização social com foco em Educação e Comunicação em Direitos Humanos. Rodamos o Brasil, criamos campanhas, ganhamos prêmios e muito mais. Em 2019 resolvemos testar um novo modelo. O Desabafo se tornou um projeto editorial com imersão em temas que impactam o comportamento e as relações humanas. Todo mês escolhíamos um tema relevante para aprofundar e criar conteúdo. Ficamos quase 10 anos decodificando e explicando diversos assuntos para o nosso público. Passando por gênero, raça, saúde mental, empreendedorismo e muitos mais. Agora chegou a hora de pensar mais 10 anos. Dessa vez vamos estimular a criação de soluções. Hoje somos um laboratório de tecnologias sociais aplicadas à geração de renda, comunicação e educação<sup>146</sup>.

Hoje, aos 27 anos, Monique, além de gerenciar o Desabafo Social, é fundadora da Inventivos, plataforma de aprendizagem para o futuro do trabalho. A jovem, reconhecida pela Forbes como “30 under 30”, LinkedIn Top Voices, está na lista dos 50 profissionais mais criativos do Brasil pela Revista Wired e é autora do livro “Empreendedorismo Feminino: Olhar estratégico sem romantismo”. Estes são apenas alguns exemplos – entre vários outros - que ajudam a compreender as dinâmicas destes coletivos.

Outro aspecto que chama a atenção é que não só a grande maioria dos grupos segue ativa e com ações cada vez mais consistentes e de impacto nos territórios aos quais se destinam, como a cada momento surgem outros coletivos que dão continuidade às “lutas subterrâneas” (ZIBECHI, 2007, p. 186) travadas nos cotidianos das periferias. E isto ocorre mesmo diante dos efeitos perversos da pandemia de Covid-19, do acirramento das desigualdades sociais, das retiradas sistemáticas de direitos e do incremento da política de morte que elimina dia após dia as juventudes pobres e negras do Brasil.

---

<sup>144</sup> [www.educacaojustica.com.br](http://www.educacaojustica.com.br)

<sup>145</sup> <https://www.instagram.com/desabafosocial/>

<sup>146</sup> Disponível em: <https://desabafosocial.com.br/quem-somos/#:~:text=Muita%20coisa%20aconteceu%20desde%20a, ganhamos%20pr%C3%AAmios%20e%20muito%20mais>. Acesso em 17 out. 2021.

Em Salvador, a maioria dos grupos mapeados se identificou como “coletivo”. Outros, como projetos, associações, movimentos sociais e/ou culturais, plataforma/portal de notícias, espaço cultural, evento cultural, associações/organizações comunitárias. Apesar das diferenças de nomenclaturas, todas as iniciativas se lançam ao mesmo desafio: estabelecer formas de atuação horizontalizadas, sem hierarquias e estruturas rígidas de divisão de poderes entre os/as integrantes. São formados por jovens, em sua maioria com idades entre 18 e 29 anos, porém em muitos há pessoas com mais de 30 anos à frente das iniciativas.

No Sarau da Onça, por exemplo, as decisões são tomadas a partir de reuniões de equipe, como explica Sandro Sussuarana:

Duas vezes por ano fazemos reuniões: uma para fazer o calendário de atividades do primeiro semestre e outra para fazer o calendário de atividades do segundo semestre [...] As coisas sempre foram decididas de forma democrática, todo mundo sempre teve o direito de opinar em tudo.

O mesmo movimento horizontalizado de tomada de decisão acontece com o Favela Revela, o Coletivo ZeferinaS, o JACA, o Coletivo Cutucar, entre vários outros coletivos mapeados. As/os jovens sinalizam que isto não significa que não haja conflito de ideias, desejos, percepções, no entanto, busca-se fugir das burocracias institucionais e encontrar caminhos que sejam confortáveis para a maioria das/os integrantes. Marcos Paulo Lima, do JACA, cita um momento em que foi difícil chegar a um consenso no grupo, por conta de visões diferentes sobre qual deveria ser o foco das ações:

Eu já tive discussões enormes com o JACA e saí de lá por causa da poesia. Quando o JACA ganhou um espaço lá em Cajazeiras 5, eu disse: - Aqui vai ter um sarau de poesia! Eu vou descer daquela escada declamando. Mas, as pessoas falaram: Não. Não vai ser assim. Aqui é uma fábrica. Com isso, discutimos e eu fui embora. Fiquei um ano fora e depois eu voltei, mas sem coragem de falar sobre poesia, porque já tinham acontecido problemas. Então, eu não queria entrar nessa dimensão da poesia. Diante disso, eu sempre declamava quando aconteciam eventos. Eu sempre era o poeta que estava. Em um momento, o sarau na Casa do Sol acabou, porque eu saí de lá. Assim, eu fazia alguns eventos e ia para colégios fazer eventos de sarau. Até que um amigo propôs: “Vamos fazer um sarau aqui dentro para ocupar o espaço?” Eu aceitei. Eu não podia propor, mas quando ele propôs, eu me juntei. Às vezes rola uma conversa sobre a possibilidade de o sarau deixar de acontecer. Nesses momentos eu afirmo que se não tiver sarau, eu saio do JACA. Não tenho motivos para ficar se retirarem o que eu acredito.

As motivações que estimulam os ativismos têm diversos pontos em comum e as principais bandeiras de luta podem ser resumidas em: enfrentamento ao racismo (em especial ao genocídio da juventude negra), à violência de gênero e às desigualdades sociais; defesa

do direito à cidade, à cultura, à educação, à comunicação, a uma vida digna, em suma, como afirma Urubu do Quilombo, do Coletivo Incomode:

**A juventude tá aguerrida porque há a necessidade de mudança real. A nossa luta se faz cada vez mais necessária. Nossos corpos realmente tombam e viram números.** Pra mídia, acaba que eles viram uma estatística. As mortes são banalizadas e normalizadas. A violência chega a nós de todos os motivos, todos os meios possíveis [*grifos meus*].

O tempo de existência dos grupos varia em média entre 5 e 10 anos. Mas encontramos, por exemplo, iniciativas como a Irmandade Abre Caminhos<sup>147</sup>, que em outubro de 2021 tinha um ano de atuação, ou seja, nasceu no contexto pandêmico. Definem-se como uma “coletiva negra de produção multimídia nascida dos encontros das águas da cidade de Salvador. Seu objetivo é colocar narrativas pretas e dissidentes na ordem do dia, rompendo silêncios e silenciamentos produzidos pelo genocídio cultural na sociedade brasileira”. A coletiva é formada por mulheres negras com idades entre 18 e 29 anos, parte do bairro Engelho Velho de Brotas, e tem o terreiro de candomblé Ilê Ase Lajuomim como sede dos encontros. Entre as atividades que realizam estão produções audiovisuais, livros e de conteúdo para redes sociais digitais.

É no contexto da pandemia que surge o Favela Revela – em abril de 2020 - e o QUIAL Centro Cultural Quilombo Aldeia Tubarão<sup>148</sup>, que começa a realizar os primeiros encontros em agosto de 2019 e se constitui oficialmente como grupo em setembro de 2021, por meio de uma assembleia virtual. Ambos nascem em Tubarão, Paripe, um dos bairros que integram o Subúrbio Ferroviário de Salvador. O QUIAL se apresenta como “espaço de arte educação e atividades culturais, formativas e sociais, biblioteca e brinquedoteca, centro de referência em culturas populares afro-brasileiras e indígenas”. Em sua sede – a casa da idealizadora do grupo, Natureza França - as crianças, adolescentes, jovens e mulheres do bairro participam de oficinas, organizam ações de assistência à comunidade, projetos de estímulo à leitura, entre outras tantas atividades. O grupo destaca-se pela promoção de ações de Turismo Comunitário que, ao mesmo tempo que valoriza a potência do território, fortalece a economia local.

O Favela Revela é uma “plataforma multimídia de produção e difusão de conteúdo sobre iniciativas, pessoas e territórios historicamente marginalizados”. Têm as redes sociais digitais (principalmente o Instagram e o YouTube) como principais arenas de disputa de narrativa, produzindo conteúdos informativos que mostram outras versões, histórias,

---

<sup>147</sup> [https://instagram.com/egbealaketu?utm\\_medium=copy\\_link](https://instagram.com/egbealaketu?utm_medium=copy_link)

<sup>148</sup> <https://www.instagram.com/quialtubarao/>

sensibilidades, produções e trajetórias de artistas das quebradas não só de Salvador, mas de cidades como o Rio de Janeiro, onde moram integrantes do coletivo. A plataforma é uma espécie de mapeamento constante dos talentos das periferias. Por lá, são divulgadas trajetórias e produções de grafiteiras/os, rappers, escritoras/es, modelos, poetas etc. Como já dito, em 2021, o Favela Revela foi incorporado ao QUIAL como um dos projetos da organização. Importante lembrar que tanto o QUIAL quanto o Favela Revela são “crias” do grupo A Corda Samba de Roda<sup>149</sup> que desenvolveu uma série de trabalhos comunitários na região de Tubarão entre 2013 e agosto de 2020, quando se desmobilizou.

Há aquelas iniciativas que estão há mais tempo na estrada, como é o caso do Grupo de Arte Popular A Pombagem<sup>150</sup>, que em 2021 completou 12 anos promovendo ações culturais nas periferias, como saraus de poesia marginal, espetáculos de teatro de rua, entre outras. O coletivo, apesar de atuar em toda a cidade, foca suas ações nos bairros de São Caetano, Fazenda Grande do Retiro, Liberdade e Castelo Branco.

Com relação ao público ao qual os coletivos destinam suas ações, a prioridade é que se contemplem as populações dos territórios onde atuam, sejam crianças, adolescentes, jovens, mulheres, idosos. Em algumas iniciativas, notam-se recortes etários, de gênero e de raça mais demarcados, tanto no que se refere ao público destinatário quanto ao perfil de suas/seus integrantes. A Casa La Frida<sup>151</sup>, por exemplo, foca sua atuação junto a meninas e mulheres negras e é composto exclusivamente por mulheres negras. Desenvolvem junto a este público um trabalho que articula várias linhas de ação: empoderamento financeiro, valorização da autoestima, cicloativismo etc. A articulação das dimensões de gênero e raça é premissa da atuação e da composição da equipe do Slam das Minas Bahia<sup>152</sup> e do Coletivo ZeferinaS<sup>153</sup> - que promovem saraus e batalhas de poesia, e da Revista Afirmativa<sup>154</sup> e do Portal Soteropreta<sup>155</sup>, dois veículos de comunicação formados por mulheres negras com foco na produção de conteúdos relevantes para a comunidade negra.

Com relação às linguagens utilizadas, aparecem com maior frequência a poesia e a comunicação (audiovisual, cinema, fotografia, rádio) e, também, a capoeira, o teatro, a dança, o *hip hop*, o samba de roda, o maracatu, o circo, a literatura e a música. A maioria utiliza mais de uma linguagem em sua atuação. A produção de memória por meio das linguagens

---

<sup>149</sup> <https://www.instagram.com/acordasambaderoda/>

<sup>150</sup> <https://www.instagram.com/apombagem/>

<sup>151</sup> <https://www.lafridabike.com/>

<sup>152</sup> <https://www.instagram.com/slamdasminasba/>

<sup>153</sup> <https://www.instagram.com/coletivozeferinas/>

<sup>154</sup> <http://revistaafirmativa.com.br>

<sup>155</sup> [www.portalsoteropreta.com.br](http://www.portalsoteropreta.com.br)

artísticas e comunicacionais é uma tática que predomina em todos os grupos. Aqui, vale reforçar o papel relevante que as plataformas digitais exercem na produção de memória, bem como na divulgação, ampliação do alcance das atividades e na articulação política dos coletivos das quebradas.

No que se refere à abrangência da atuação, a quase totalidade dos coletivos mapeados tem um ou mais bairros onde concentra suas ações. Em geral, são as localidades onde moram os/as seus/suas integrantes. Muitos grupos atuam de forma descentralizada, realizando atividades em praças, ônibus, escolas e espaços culturais em toda a cidade e na Região Metropolitana de Salvador. Grande parte dos coletivos alcança dimensão nacional e/ou internacional, seja participando de intercâmbios e eventos internacionais, seja ampliando suas atuações por meio das redes digitais.

O Coletivo de Juventude Enegrecer<sup>156</sup>, por exemplo, tem um grupo local que atua em Salvador, porém de forma articulada com o coletivo nacional. Definem-se como “uma expressão do movimento social negro que luta contra as opressões da sociedade em favor da juventude negra”. O Levante Popular da Juventude é outro exemplo de movimento com abrangência nacional e células estaduais e municipais de atuação. O Slam das Minas<sup>157</sup> tem uma capilaridade nacional<sup>158</sup>. A primeira batalha de poesia composta apenas por mulheres aconteceu em 2008, em Brasília (DF). Em 2016, surgiu a versão paulista e a cada nova edição, mais grupos de mulheres poetas foram se organizando em vários estados brasileiros. Em 2017, no bairro do Cabula, Dricca Silva, Fabiana Lima, Jaqueline Nascimento e Ludmila Laísa criaram o Slam da Minas – BA para movimentar a cena local de poesia feminina periférica. Estes são alguns entre vários outros exemplos que poderia citar para demonstrar a capilaridade da atuação dos coletivos.

Outro dado relevante da cartografia Rede ao Redor que comprova a profusão de iniciativas em arte e comunicação criadas e geridas por jovens é o fato de que em um total de 71 bairros<sup>159</sup> foi identificado pelo menos um coletivo cultural liderado pelas juventudes.

---

<sup>156</sup> <https://www.instagram.com/coletivoenegrecer/>

<sup>157</sup> <https://www.instagram.com/slamdaminasba/>

<sup>158</sup> V. entrevista “Slam das Minas: mulheres na batalha poética”. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>. Acesso em 21 out 2021.

<sup>159</sup> Alto de Coutos, Alto da Terezinha, Alto do Cabrito, Bairro da Paz, Barris, Beiru/Tancredo Neves, Boa Viagem, Boca do Rio, Bonfim, Cabula, Caixa D’Água, Cajazeiras, Calabar, Calçada, Caminho de Areia, Canabrava, Castelo Branco, Centro Histórico, Coutos, Dendezeiro, Dois de Julho, Engenho Velho da Federação, Engenho Velho de Brotas, Escada, Fazenda Coutos, Fazenda Grande do Retiro, Federação, Garcia, IAPI, Ilha Amarela, Ilha de Bom Jesus dos Passos, Ilha de Maré, Ilha dos Frades, Imbuí, Itacaranha, Itapuã, Jardim Armação, Liberdade, Luiz Anselmo de Brotas, Mares, Massaranduba, Mata Escura, Monte Serrat, Nordeste de Amaralina, Nova Brasília, Nova Constituinte, Pau da Lima, Pau Miúdo, Pero Vaz, Paripe, Periperi, Pituaçu, Plataforma, Praia Grande, Ribeira, Rio Vermelho, Rio Sena, Roma, Santa Cruz, Santo Antônio, São



Considerando que Salvador, de acordo com a Prefeitura Municipal, é composta por 170 bairros<sup>160</sup>, podemos afirmar que em 41,7 % dos bairros da cidade há ao menos um grupo em atuação. Apenas no bairro de Sussuarana foram identificadas dez iniciativas. Entre elas, estão grupos de poesia que têm saraus e *slams* como as principais atividades, a exemplo do Sarau da Onça<sup>161</sup> e do Coletivo Pé Descalço<sup>162</sup>; coletivos de dança, como o Grupo Afro Cultural Orô Dance<sup>163</sup>, e de comunicação comunitária, a exemplo do Mídia Periférica<sup>164</sup>.

O Mídia Periférica foi criado em 2010 pelo jovem Anderson Araújo<sup>165</sup>. Após participar de oficinas de comunicação promovidas por um projeto do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Anderson se juntou a um grupo de amigos para montar o site de notícias que funcionava inicialmente apenas pela internet e tinha como principal objetivo contar outras histórias sobre Sussuarana e sua população. Em 2014, lançaram uma versão impressa, mas seguiram com a plataforma digital que foi ganhando outras roupagens com a consolidação do uso de redes sociais digitais como Instagram e Facebook.

Outra região que concentra muitos coletivos culturais criados e articulados pelas juventudes das quebradas é o Subúrbio Ferroviário. Composta por 15 bairros, a população estimada é de 286.115 habitantes<sup>166</sup>. O mapeamento identificou 16 coletivos com atuação no local. Algumas iniciativas, como o Coletivo Incomode<sup>167</sup> e o Coletivo Mojubá<sup>168</sup> são formadas por jovens de vários bairros da região. Outras partem de um bairro onde moram seus

---

Caetano, São João do Cabrito, São Tomé de Paripe, Saramandaia, Simões Filho, Stella Maris, Stiep, Sussuarana, Tororó, Uruguai e Vista Alegre.

<sup>160</sup> Até setembro de 2017, apenas 32 bairros eram reconhecidos oficialmente e, em sua maioria, localidades na região da cidade considera “central”. Ou seja, boa parte das regiões consideradas periféricas não eram nem reconhecidas como bairro. Com a aprovação da Lei 9.278/2017 os critérios para criação dos bairros foram atualizados e a cidade passou a contar com 163 bairros. Em 2020, houve uma nova atualização, com a incorporação de mais sete nove bairros (Chame-Chame, Colinas de Periperi, Dois de Julho, Horto Florestal, Ilha Amarela, Mirantes de Periperi e Vista Alegre). Até outubro de 2021, portanto, Salvador contava com 170 bairros reconhecidos oficialmente pela Prefeitura. Para acesso à lista completa, ver: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/01/acm-neto-determina-criacao-de-sete-novos-bairros-em-salvador-veja-lista-completa.ghtml> Acesso em 21 out 2021.

<sup>161</sup> <https://www.instagram.com/saraudaonca/>

<sup>162</sup> <https://www.instagram.com/coletivo.pedescalco/>

<sup>163</sup> <https://www.facebook.com/OroDanceOficial>

<sup>164</sup> <https://www.instagram.com/midiaperiferica/>

<sup>165</sup> Para saber mais sobre a biografia de Anderson, recomendo a leitura da entrevista A Favela é Potência, feita pela reportagem da UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-anderson-araujo/#cover> Acesso em 21 out. 2021.

<sup>166</sup> De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Salvador, o Subúrbio Ferroviário é formado por 15 bairros: São João do Cabrito, Plataforma, Alto da Terezinha, Rio Sena, Praia Grande, Itacarânia, Periperi, Nova constituinte, Coutos, Fazenda Coutos, Paripe, Ilha de Maré, Ilha dos Frades, Ilha de Bom Jesus dos Passos e São Tomé de Paripe. Disponível em: <http://prefeiturabairro.salvador.ba.gov.br/index.php/unidades/suburbio-ilhas>. Acesso em 17 out 2021.

<sup>167</sup> <https://www.instagram.com/coletivoincomode/>

<sup>168</sup> <https://www.instagram.com/coletivomojubamc/>

integrantes, mas se espalham por todo o Subúrbio Ferroviário, bem como por outros bairros da cidade.

Caminho pelas ruas, vielas, escolas, praças, espaços culturais, mercadinhos, restaurantes de bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador há pelo menos 15 anos. Foi no Centro Cultural de Plataforma que conheci grupos de teatro, dança, poesia que lotam o espaço com muita arte de denúncia e de proposição de alternativas para as juventudes negras. Na Escola Municipal Úrsula Catarino, em Plataforma – à época como estagiária da ONG CIPÓ- Comunicação Interativa - pude aprender sobre a relação corpo, raça, território com crianças de seis, sete, oito anos de idade. Alguns quilômetros adiante, na Escola Municipal de Fazenda Coutos, com adolescentes e jovens, tive a oportunidade de circular pelas ruas estreitas que compõem a geografia do lugar e aprender com o grupo sobre o poder que a narrativa fotográfica tem de imprimir potência onde muitas vezes a ausência, a carência, a violência são as únicas imagens possíveis.

Como dizem Marina Lima e Vaguiner Braz, do Coletivo Cutucar, o Subúrbio Ferroviário “tem seu próprio tempo”:

**Marina Lima:** [...] Eu gosto de falar uma citação da Ana Vaneska, que é uma estudiosa sobre o Subúrbio, que ela fala que o Subúrbio é 'rururbano'. Quem conhece o Subúrbio sabe que tem uma questão de urbano, mas também tem o rural. O Subúrbio é rodeado de mar. Onde você vai, tem mar, tem muito verde. **O Subúrbio tem o seu próprio tempo.** É um lugar extremamente rico, eu já tinha falado isso, um lugar poético, tem seu tempo [...] você conhece o outro que tá perto de você. Então, o Subúrbio, ele é rico nesse sentido.

**Vaguiner Braz:** Uma coisa que eu gosto muito de fazer é apresentar minha localidade, apresentar o Subúrbio Ferroviário. Porque o Subúrbio Ferroviário - assim como o Nordeste de Amaralina - é um dos bairros marcados por esse estigma, por esse olhar deturpado. E o Subúrbio Ferroviário, ele é diferente de uma periferia, porque a periferia ela está geralmente cercada por prédios, por outras localidades. **O Subúrbio Ferroviário fica numa linha muito mais distante do que as pessoas traçam enquanto centro da cidade.** E a gente também tem uma outra fala que aprendemos até com o professor Carlos Bonfim, de lá da UFBA, que “existe outros centros” e **a gente tá aqui pra falar sobre esses outros centros. Existe esse centro da cidade, esse centro comercial, onde as coisas acontecem, mas existem outros centros, porque no próprio Subúrbio Ferroviário existe os centros.** O Subúrbio Ferroviário tem algumas comunidades. Oito comunidades agora, que eu me lembro, mas são mais de oito. Então **eu resido em Paripe, que é a comunidade onde o Coletivo Cutucar desenvolve a maioria de suas ações, mas a gente também rompe essas fronteiras territoriais e demográficas para desenvolver nossas atividades.** O Subúrbio Ferroviário, diferente do centro comercial de Salvador, ele não tem belezas arquitetônicas, como os prédios, como os monumentos, mas existe a beleza que é natural. O Subúrbio é muito conhecido por essas belezas naturais. Por tá afastado desse grande centro comercial, a gente consegue fazer a manutenção ainda

de alguns patrimônios naturais da própria comunidade. O Subúrbio Ferroviário é conhecido pelo trem [...] nós temos o trem como nosso cartão postal, que estamos correndo o risco de perder. Enfim, aí é uma outra discussão, é o direito à cidade e os bens que essa cidade pode nos oferecer. O Subúrbio Ferroviário é esse lugar onde se faz manutenção de muitas coisas. **O Subúrbio Ferroviário tem uma atmosfera muito rural. É tanto que a gente fala que é uma localidade que é “rururbana”, porque tem vários aspectos urbanos, urbanóides, mas aí temos as questões rurais por conta dessa manutenção das belezas naturais, das questões naturais.** Tipo, a gente tá passando na rua, passa pessoas com um cavalo [...] A forma das pessoas lidarem no cotidiano tem muito desses aspectos rurais [*grifos meus*].

Como apontam as/os jovens, a região do Subúrbio é marcada fortemente pela articulação comunitária. Concentra uma série de associações de bairro, movimentos sociais e culturais, cooperativas e coletivos culturais idealizados pelas/pelos moradoras/es locais. A CIPÓ-Comunicação Interativa, apesar de não ser sediada na região, tem uma longa atuação junto a adolescentes e jovens deste território; e muitos dos coletivos com os quais dialoguei são compostos por jovens que participaram de algum processo de formação oferecido pela ONG. É o caso do Incomode, criado em 2018, e do Mojubá, em 2019. Ambos são formados por jovens negros e negras moradores da região do Subúrbio Ferroviário e que atuam em diversas frentes e com distintas linguagens artísticas e comunicacionais.

O Mojubá se apresenta como “um empreendimento de jovens negras e negros comunicadoras/es do Subúrbio Ferroviário de Salvador”. O Incomode é “um grupamento de artistas, ativistas e mobilizadores sociais que lutam contra o hiper encarceramento e extermínio da juventude negra, feminicídio, lgbtfobia e intolerância religiosa”. O Coletivo Cutucar também é cria do Subúrbio Ferroviário, mais especificamente do bairro de Paripe. Com o grupo – que já se apresentou no início da teia - tenho uma parceria de longa data.

Criado em março de 2013, o Cutucar é composto por jovens artistas moradores de Paripe “que se uniram por afinidades e por uma ideia em comum: olhar a comunidade pelo processo colaborativo [...] usando a fotografia, a poesia e o audiovisual [...] para aproximar crianças e adultos a diversas referências poéticas e de imagens [...]”. As/os integrantes do Cutucar participaram de formações em comunicação promovidas à época pela OI Kabum! Escola de Arte e Tecnologia de Salvador<sup>169</sup>.

---

<sup>169</sup> Programa da Oi Futuro, gerido pela CIPÓ-Comunicação Interativa, a OI Kabum funcionou entre 2004 e 2016 em Salvador, como um espaço de concepção e experimentação metodológica que promovia a formação de adolescentes e jovens em condições de vulnerabilidade social nas áreas de artes, tecnologias da comunicação e ação comunitária. Disponível em: <https://cipo.org.br/oi-kabum-escola-de-arte-e-tecnologia-de-salvador/> Acesso em 22 out. 2021. Para saber mais sobre a iniciativa, sugiro a leitura da dissertação de mestrado intitulada “Construção de Identidades e a (Res)significação de trajetórias juvenis: Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia

Geograficamente próxima ao Subúrbio Ferroviário, está a região conhecida como Península de Itapagipe, que possui uma longa história de mobilização comunitária. As mulheres negras desempenham um papel central na luta pela moradia digna que até hoje segue sendo necessária no local, como explica Tatiane Anjos, uma das fundadoras da Reprotai:

**Falar de Itapagipe é falar de uma realidade que pertence aos jovens negros da periferia.** Itapagipe, pra quem não conhece, é um território que, da parte do bairro da Calçada até a Ribeira, era tudo mar. Então, a comunidade, ela se apropriou e a gente tá em cima do mar, entendeu? Então tudo isso aqui é entulho, é lixo. A comunidade lutou muito pra garantir a moradia. E, infelizmente, essa moradia ela ainda não é de qualidade e tal, **mas a gente incentiva muito o jovem a se sentir pertencente desse projeto, do território e da comunidade mesmo** (Tatiane Anjos, *Reprotai, Salvador*) [grifos meus].

Um dos coletivos parceiros desta teia-tese, a Reprotai se articula nesse território desde 2004 e consegue alcançar com seus projetos adolescentes e jovens dos 14 bairros que compõem a Península, como explica Tatiane Anjos:

[...] A Reprotai é uma Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe formada por jovens e adolescentes da periferia de Salvador. A gente fica localizado na comunidade do bairro do Uruguai, onde tem a Península de Itapagipe, que agrega os quatorze bairros da Cidade Baixa. E a gente tem essa atuação efetiva aqui na comunidade. Então a REPROTAI é formada por jovens. Esses jovens atuam em grupos culturais. A gente tem uma filiação de dez grupos culturais da Península [...] A Rede atua na Península [de Itapagipe] há dezesseis anos, nossa data de nascimento é 09 de agosto de 2004 [...] (Tatiane Anjos – REPROTAI, Salvador)<sup>170</sup>

A Rede atua em várias frentes: fomentando a criação de coletivos culturais, participando de espaços de formulação e monitoramento de políticas públicas para juventudes, como o Conselho Estadual das Juventudes, fazendo a cogestão de equipamentos culturais e promovendo eventos e espaços formativos na comunidade nos quais são tratados temas como prevenção à violência de gênero e enfrentamento ao genocídio da juventude negra.

É na Península de Itapagipe que vivem e atuam as Mulheres Marés, já trazidas a esta teia com seus poemas de luta, denúncia e afeto. Tenho a honra de poder caminhar por esse território-quilombo, em diálogo constante com suas/seus moradoras/es há mais de dez anos. Voltarei a falar sobre estes quilombos urbanos mais adiante quando passarmos a caminhar

---

de Salvador, de autoria de Bruna Santos Calasans. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30053>. Acesso em 26 jan. 2022.

<sup>170</sup> A fala foi feita durante a *live* Juventudes Latinas em Diálogo, realizada no dia 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLuqDjuHT1A&t=21s> Acesso em 22 out. 2021.

com mais profundidade pelas práticas, saberes e pedagogias das juventudes. Sigamos no caminho das fitas que nos levam às quebradas de Cali.

#### **4.2. CALI: OCUPAÇÃO DA CIDADE, PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E DEFESA DA MADRE TIERRA**

Em Cali, identificamos 46 iniciativas de arte e comunicação conduzidas por jovens das periferias urbanas da cidade. Diante das impossibilidades trazidas pelo contexto pandêmico que dificultaram a realização do mapeamento via aplicação do formulário online e após mais uma ida a Cali para aprofundar o diálogo com os grupos, tive que reinventar os caminhos e adotar outras práticas metodológicas. Em diálogo constante com as/os jovens do Colectivo A La Hora 30 e da Rádio A Ritmo de Ladera identifiquei e reuni informações sobre outros grupos que ainda não havia mapeado nas minhas idas anteriores à cidade<sup>171</sup>. Desta forma, elaborei uma tabela similar à feita na cartografia Rede ao Redor, em Salvador e, a partir dela, foi possível tecer esse mapa analítico que apresento agora, com a consciência de que são dados incompletos e que precisam ser constantemente atualizados para acompanhar a dinâmica dos territórios.

Considero importante partilhar que o planejamento inicial previa o apoio de Sofía Giraldo e Gabriela Díaz, do Colectivo A La Hora 30, para realizar conversas presenciais com integrantes dos coletivos e, assim, conseguirmos uma tabela com informações mais completas e precisas. No entanto, ambas ficaram impossibilitadas de colaborar: Sofía porque estava lidando com uma gravidez de risco que a exigiu que redobrasse os cuidados e repousasse o máximo que pudesse e Gabriela porque teve sua vida completamente virada do avesso por dinâmicas de criminalidade que colocaram em risco a vida dela e de suas duas filhas: uma criança e uma adolescente.

Outro parceiro da pesquisa que havia se colocado à disposição para contribuir com esta etapa foi Johan García, de A Ritmo de Ladera. No entanto, no período que íamos avançar neste mapeamento, ele sofreu um acidente de moto e ficou alguns meses em recuperação. Todos, neste momento em que escrevo, estão bem e pudemos, aos poucos, retomar as parcerias. Penso que essas partilhas são necessárias para estabelecer uma relação honesta

---

<sup>171</sup> No processo de identificação dos coletivos de Cali reforço a importância do apoio de Sofía Carvajal, Isabel Herrera Montaña, César Bedoya e Efrain Botero. Generosamente, elas e eles não só compartilharam contatos, como me acompanharam nas andanças pelos territórios *caleños*.

com quem me lê e, acima de tudo, para revelar todos os atravessamentos que perpassam uma pesquisa que se propõe dialogar e construir de forma conjunta com suas/seus participantes.

Para elaborar o mapeamento das iniciativas de Cali também recorri ao projeto “*Mapeando la Comunicación Comunitária en Cali*”<sup>172</sup>. Apesar de tê-lo descoberto na reta final da escrita da tese foi importante para facilitar o acesso aos dados, bem como para conectarmos com a experiência do Rede ao Redor. O mapeamento feito em Cali identificou cinco experiências de comunicação comunitária realizadas na região da Ladera: Tikal Producciones, Casa Occio, Asociación Centro Cultural La Red, Multipropaz e Estrella Estereo e nove no Oriente de Cali: Colectivo MEJODA, Asociación Casa Cultural El Chontaduro, Fundación Alfombra Mágica, Rádio Carajo, Cine Pal Barrio, Asociación Fesda, Emisora Oriente Estéreo, Comunal Estéreo e Alternativa Estéreo. Alguns coletivos já constavam no mapeamento realizado no âmbito desta tese e outros foram agregados. Mesmo já tendo dialogado com jovens de alguns coletivos que participaram da iniciativa, só fui ter conhecimento sobre ela a partir de pesquisas feitas na internet.

Os grupos mapeados em Cali atuam com produção audiovisual e cinematográfica, literatura, música, teatro, circo, cicloativismo, *hip hop*, grafite, muralismo, entre outras linguagens. A grande maioria das iniciativas se identifica como “coletivo”. Os grupos feministas que atuam com temáticas de gênero utilizam o termo “coletiva” para se autorreferenciar. Em Salvador, identificamos apenas em um grupo este posicionamento político que evidencia as desigualdades de gênero que se expressam, inclusive, na linguagem.

Outras iniciativas apresentam-se como organização cultural/comunitária/política, fundação sem fins lucrativos, associação comunitária, grupo de atuação comunitária, casa cultural, rede de coletivos, entre outros. Assim como em Salvador, independentemente da nomenclatura, todos buscam estabelecer formatos horizontalizados de atuação, com poder de decisão compartilhados e se afastam das burocracias organizacionais.

Sobre o tempo de existência, a maioria tem entre 5 e 10 anos de atuação. Porém, encontramos coletivos como o Movimiento Ser Montaña<sup>173</sup> que em outubro de 2021 completava três meses atuando na defesa da terra, na denúncia das problemáticas ambientais e na promoção de espaços de diálogo sobre os efeitos da crise climática. Foi um dos grupos que surgiu no contexto pandêmico, assim como a Red de Oriente<sup>174</sup>, coletivo de organizações sociais e culturais do Oriente de Cali que já atuam há décadas no território, porém sentiram

---

<sup>172</sup> Disponível em: <https://www.mapeandolacomunicacion.com/> Acesso em 13 jan. 2022.

<sup>173</sup> <https://www.instagram.com/movimientosermontana/>

<sup>174</sup> <https://www.instagram.com/reddeoriente/>

a necessidade de fortalecer a atuação em rede, em setembro de 2020, diante dos desafios impostos pelo contexto. Há outros grupos que têm uma trajetória mais longa dedicada ao trabalho comunitário, a exemplo da Asociación Festival Nacional Cine y Video Comunitario del Distrito de Aguablanca (FESDA)<sup>175</sup> e o Circo Capuccini<sup>176</sup>, ambos com mais de 20 anos de existência.

O interesse dos grupos é que as ações cheguem às comunidades onde vivem e/ou atuam, em especial para as crianças, adolescentes, jovens e mulheres. Pela impossibilidade de aplicar o formulário, não foi possível identificar na maioria dos grupos se havia um recorte de gênero e raça em suas ações e na composição do grupo. Sobre o perfil dos integrantes, a informação não é precisa, mas estima-se que a grande maioria tenha entre 18 e 29 anos e, assim como em Salvador, hajam participantes com 30 anos ou mais. Em algumas coletivas, como a Tamboras Insurrectas Colectiva Feminista<sup>177</sup>, a Colectiva La Sangrona<sup>178</sup> e a Asociación Lila Mujer<sup>179</sup> o recorte de gênero é evidente. No caso da Lila Mujer, há também uma intencionalidade de atuar com meninas e mulheres, e, mais especificamente, com aquelas que vivem com HIV/AIDS. A dimensão de raça, por sua vez, não foi identificada – mesmo entre aqueles coletivos com o quais aprofundi o diálogo – como uma bandeira de luta central, à exceção do coletivo Integración Pacífica<sup>180</sup>, que demarca que sua atuação se volta para a valorização da cultura afrocolombiana e da Casa Cultural Chontaduro<sup>181</sup>, organização que é referência na luta antirracista e valorização da cultura afrocolombiana no Distrito de Aguablanca.

A Chontaduro não é um coletivo gerido majoritariamente por jovens. É uma organização comunitária liderada em sua maioria por mulheres negras adultas e idosas. Porém, foi incorporada à pesquisa pela importância do papel que exerce no território de Aguablanca, em especial na luta antirracista e antipatriarcal, por atuar em parceria com os coletivos jovens da região com os quais dialoguei e por ter jovens – principalmente mulheres negras - à frente de suas ações. Tive a oportunidade de, em 2018, conhecer a sede da organização presencialmente e participar de atividades promovidas pela instituição, que começou a ser gestada em 1982 como alternativa de encontro cultural, organização e

---

<sup>175</sup> <https://www.facebook.com/FESDAcine>

<sup>176</sup> <https://www.facebook.com/Forculvida-Capuchini-Circo-Teatro-119259485345234/>

<sup>177</sup> <https://www.facebook.com/tamborasinsurrectas>

<sup>178</sup> [https://www.instagram.com/p/CAqy\\_D3AfAl/](https://www.instagram.com/p/CAqy_D3AfAl/)

<sup>179</sup> <https://www.instagram.com/asociacionlilamujer/>

<sup>180</sup> <https://www.instagram.com/integracionpacificaoficial/>

<sup>181</sup> <https://www.casaculturalchontaduro.com/>

empoderamento das comunidades da região, como conta um de seus integrantes, Maurício Balanta Jaramillo:

[...] o nome da nossa diretora é Vicenta Moreno. **A Casa Cultural de Chontaduro é uma organização comunitária gestada pela comunidade que reconheceu uma necessidade muito grande de poder se encontrar, articular forças da realidade de cada uma que é muito dura** [...] a Organização Chontaduro já tem 34 anos [...] O nome Chontaduro não é o nome de um Distrito. **Chontaduro é uma fruta. É um fruto tradicional da Costa Pacífica da Colômbia e simboliza um pouco da parte identitária das pessoas que vivem no Distrito de Aguablanca** [...] em sua maioria os habitantes do Distrito de Aguablanca são afro, são pessoas negras, **é um território negro** [...] também ressignifica um dos ofícios muito exercido pelas mulheres negras que migraram da Costa [do Pacífico] para cá: a venda de Chontaduro. **A venda da fruta de Chontaduro tem sido uma das opções que as mulheres têm tido para poder sobreviver. Esta cidade não é muito generosa em termos de oportunidade para as pessoas negras e muito menos para as mulheres negras.** Então, no princípio quando as pessoas no Distrito começaram a pensar como estabelecer formas de organização que permitiriam habitar o território [...] porque o distrito de Aguablanca não era um território em condições para ser povoado. As pessoas foram chegando e foram fazendo a vida. Então, neste território, isso é encontro. A mesma pessoa habitava as ruas e buscava a maneira de ter eletricidade, água, porque não havia nada e o Estado não tinha feito nada. **A ausência do Estado sempre era muito notória e, inclusive neste momento, já podemos notar outras condições de vida, mas continua sendo um território muito vulnerável e sobretudo pela ausência do Estado digamos para acompanhar as pessoas, mas também pela presença do Estado quando quer exercer uma violência direta aos corpos negros.** Então Chontaduro tem sido um processo que durante todos esses 34 anos, que cumprimos em novembro [de 2018], tem estado **agenciando processos formativos, processos de empoderamento comunitário, juvenil, a partir da arte, da cultura, da formação sócio política** [...] não somos uma ONG, não somos formalizados, somos **uma associação que não usa a figura de ONG, se usa mais as solidariedades, porque é um processo que se mantém ativo pelo trabalho em rede e não somente pelo espaço cultural de Chontaduro** e sim fazendo coisas com outras organizações do Distrito, com outras organizações da cidade, das *Laderas*, e com espaços acadêmicos. **São um montão de amigos, um montão de solidariedades que se juntam a nível local, a nível internacional, porque temos amigos que nos apoiam, não somente com o financeiro, e sim como impulsionar os processos de formação, desde oficinas desde como fazemos encontros, desde como fazemos conversas, como fazemos muitas coisas.** Então, é mais essa a figura que gostamos de enunciar: **somos um processo coletivo que sobrevive, ou que se mantém para estar aí, nessa dinâmica do coletivo.**

[...]

Chontaduro tem algumas linhas de ação. **Há uma linha de ação que é a de infância e juventude, que é onde se estabelece sobretudo, a formação artística e cultural** [...] temos a **linha de gênero**. Há um espaço que um grupo de mulheres tem diálogos cotidianos que permitem reflexões do que significa ser mulher, ser mulher negra no Distrito [de Aguablanca] dentro de uma cidade com um racismo muito forte como é Cali. **Com essas**



**narrativas cotidianas impulsionamos muitas linguagens.** As mulheres têm feito exercícios de escrita, já publicaram três livros de histórias de vida e têm feito um trabalho muito bonito de investigação colaborativa. Agora mesmo estão terminando um trabalho com um grupo que faz parte de outra linha de investigação em Chontaduro que é uma linha de investigação, um grupo que se chama grupo de interseccionalidades. **Resumindo são três linhas: infância e juventude, gênero e investigação** [grifos meus]<sup>182</sup>

Segundo Maurício, “Casa Cultural” remete ao desejo de se transformar em um lugar de referência para os moradores locais, como espaço de encontro, de afeto, de acolhimento. A organização prioriza processos voltados para a conexão com a ancestralidade, a memória e a escrita de outras histórias sobre si próprias e sobre seus territórios.

A escrita também é priorizada nos trabalhos comunitários de outros grupos mapeados em Cali, a exemplo da Casa Fractal<sup>183</sup> e Barullo Casa Taller<sup>184</sup>. Mas, a grande maioria tem a fotografia, a produção audiovisual e o rádio como as principais linguagens artísticas e comunicacionais utilizadas. Encontramos ainda grupos que trabalham com dança e *hip hop*, a exemplo do coletivo Nueva Era, grupo de dança e canto que integra a Plataforma Local de Juventud Comuna 13 do Distrito de Aguablanca e Los Inombrables<sup>185</sup>, grêmio juvenil de bailarinos urbanos que representam distintas *crews* da cidade de Cali fundado em 2012, com atuação principalmente na Comuna 6, no Distrito de Aguablanca.

Sobre as agendas principais que estruturam as práticas juvenis, um número significativo de coletivos tem como foco a defesa ao direito à cidade, a preservação das áreas verdes e a mobilidade urbana. “*La defensa de la Madre Tierra*” aparece declarada como bandeira principal de luta de grande parte dos coletivos e a luta indígena é uma grande inspiração para os coletivos, principalmente aqueles que atuam no Distrito de Aguablanca e na região das *laderas*, como explica Sofía Giraldo, do Colectivo A La Hora 30:

Quero ressaltar um trabalho muito importante que vem sendo realizado pela organização indígena aqui no Surocidente Colombiano. A Guarda Indígena e o processo de libertação da *madre tierra* tem sido um grande exemplo de organização para nós, do Distrito de Aguablanca e das *Laderas*. Faz cerca de três ou quatro anos que trabalhamos ao lado dessas organizações do Cauca. **Com a Guarda Indígena aprendemos muito sobre organização, pois sua luta e o legado que deixam pra gente são milenares. É muito claro, também, em vários aspectos, que essa luta tem a ver com a organização juvenil.** Para a gente tem sido chave trabalhar com eles porque eles nos compartilham em primeira mão muitos saberes. As anciãs e os anciãos nos compartilham no trabalho coletivo muitos saberes ancestrais sobre organização e sobre o tema da libertação da *madre tierra* e a luta pelo

<sup>182</sup>Eu e Alana conversamos com Maurício Jaramillo no dia 11 de agosto de 2018, no seu local de trabalho, um equipamento cultural público localizado no centro comercial de Cali.

<sup>183</sup><https://www.instagram.com/casafrectalcali/>

<sup>184</sup><https://www.facebook.com/barullocasataller/>

<sup>185</sup>[https://www.facebook.com/LosInombrablesC6/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/LosInombrablesC6/?ref=page_internal)

o que eles nos dizem sobre o *buen vivir*. Porque é algo que eles têm muito claro e muito enraizado que todas as lutas que tratamos de nos libertar e libertar a terra são com o objetivo de garantir dignidade e o *buen vivir*. Isso nos nutre muito, porque são ideias que muitas vezes não se fazem da cidade, de um lugar popular na cidade, são saberes que vão se perdendo e que normalmente se não fosse por essa tarefa árdua dos *compas* e das *compas* da Guarda Indígena e do processo de liberação da terra, da *madre tierra*, não chegaria a nós. **Ou seja, tem muitos obstáculos para que estes saberes e todas estas aprendizagens e formas de organização cheguem a nós. Nós tentamos encontrar a nossa forma de organização, mas sempre os anciãos e as anciãs nos nutrem demais** (Sofía Giraldo, *Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus]<sup>186</sup>.

Como veremos mais adiante, essa defesa do território, da natureza, da vida se dá por meio de pedagogias que se entrelaçam, como o *barrismo social*, que sustenta a atuação da Fundación Um Distrito en Paz e o uso político da bicicleta, proposto por grupos como o Colectivo A La Hora 30 – cuja atuação mais forte é no Distrito de Aguablanca –, a Colectiva BiciMia<sup>187</sup> e a organização comunitária EnBICIarte<sup>188</sup>. O *barrismo* é um fenômeno social que ganhou força nas últimas décadas na Colômbia. As *barras* são grupos que se juntam em torno da afinidade que têm por um mesmo time de futebol. Inspiram-se nos modelos das “*barras bravas*” da Argentina e dos Hooligans, da Europa. As narrativas sobre estes grupos costumam se deter nas ações de violência que acontecem dentro e fora dos estádios. No entanto, há um movimento importante entre algumas *barras* futebolísticas na Colômbia de transição para uma ação coletiva, comunitária e política (ARANA, 2019).

O enfrentamento ao machismo, ao racismo, ao patriarcado e a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres aparecem na ordem de prioridades de muitos grupos das periferias de Cali. Porém, o que alinhava os ativismos é o desejo de construir outras formas de convivência e de relação com o território, como retrata Gabriela Díaz, do Colectivo A La Hora 30:

O que está passando no Distrito de Aguablanca? [...] coisas que nos afetam e, também, coisas positivas [...] como sempre, estão destruindo arbitrariamente nossas zonas verdes. Estão construindo edifícios. As construtoras que só querem mais dinheiro. De fato, o Coletivo A La Hora 30 nasce a partir da vulnerabilização de nossos direitos e da falta de proteção das zonas verdes. Nasce com a ideia de purificar mais o ar e de ter sempre presente e ressaltar que os trabalhadores e as trabalhadoras daqui do Distrito são maioria: somos 22% da população que sai de bicicleta até as *Laderas*, aos centros [...] ressaltamos algo que muita gente não vê: a bicicleta ajuda no meio ambiente. Promovemos *bicipaseos* da melhor forma possível porque é um grande elemento [...] o positivo é que a população tá tomando consciência, usando mais a bicicleta. Muita gente pedalando,

<sup>186</sup> Fala feita durante *live* Juventudes Latinas em Diálogo, realizada no dia 11 de novembro de 2020.

<sup>187</sup> <https://www.facebook.com/BiciMia-1579674815602251>

<sup>188</sup> <https://www.instagram.com/enbicartecali/>

acompanhando os *bicipaseos*. **Na nossa comunidade se está despertando e tomando consciência. Isso é bom, porque vamos tecendo pouco a pouco, ressaltamos os líderes e as líderes por seu trabalho [...] ser coletivo e de fazer trabalho social é uma tarefa árdua, mas que nos preenche de paixão e de entusiasmo para seguir construindo uma sociedade melhor** (Gabriela Díaz, *Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus]<sup>189</sup>

Johan Andrés Rodríguez García, da rádio web A Ritmo de Ladera, formada por jovens da Comuna 1, em outra região considerada periférica de Cali, corrobora a percepção de Gabriela e reforça quais têm sido os caminhos escolhidos por ele e pelo coletivo do qual faz parte para defender o território e construir formas de enfrentamento ao sistema que oprime as populações subalternizadas de diversas formas. O trecho do diálogo que trago abaixo foi feito durante a primeira visita que fiz à rádio que, à época, em 2018, utilizava para as gravações dos programas uma sala que ficava em um equipamento público da prefeitura. Gravamos – eu e Alana Barbosa – em vídeo essa fala de Johan, que ao final de sua definição de resistência, representou em um gesto sua luta: um movimento com os braços e punhos que é característico das lutas indígenas na Colômbia. Gesto que dialoga com a fala de Sofia quando explica a importância das lutas indígenas para a construção dos ativismos juvenis na Colômbia de forma geral e em Cali, de maneira mais específica.

Para mim, resistência é poder fazer todos os dias pequenas ações cotidianas de resistência diante do sistema. **É resistir diante do sistema colonial, diante da pretensão de que temos que ser todos iguais, que só existe um modo de pensar, de sentir, de ser. E nós fazemos isso. Eu faço isso todos os dias em pequenos espaços e a partir da educação popular, comunitária, *barrial*. Faço isso, claro, também a partir da comunicação popular com a rádio A Ritmo de Ladera** (Johan Andrés Rodríguez García, *A Ritmo de Ladera*) [grifos meus]

Assim como observado nas quebradas de Salvador, percebe-se a intencionalidade dos grupos de produzir memória e visibilizar suas ações por meio das linguagens artísticas e comunicacionais, tendo as plataformas digitais como aliadas, mas não como únicas ferramentas possíveis de difusão de suas narrativas. Neste sentido, vale ressaltar o trabalho realizado há dez anos pela rádio A Ritmo de Ladera. Além de realizarem programas radiais periódicos, oferecem oficinas para estimular que outros jovens criem as suas próprias rádios. Com a fita em mãos, Johan fala sobre a atuação do grupo:

**A partir do exercício da comunicação trabalhamos há bastante tempo para amplificar as inconformidades dos jovens, mas para mostrar as propostas que estão sendo feitas.** A vida do jovem dos setores populares não importa para a sociedade. Primeiro, pela quantidade de assassinatos que acontecem em Cali. Segundo, porque não há uma projeção de vida para

---

<sup>189</sup> Fala feita durante *live* Juventudes Latinas em Diálogo, realizada no dia 11 de novembro de 2020.

essa juventude. Em A Ritmo de Ladera fazemos um exercício radial com organizações comunitárias, entidades, lideranças sociais para falar sobre isso (*Johan Andrés Rodríguez García – Rádio A Ritmo de Ladera, Cali*) [grifos meus].

Outros coletivos como Tikal Produções<sup>190</sup>, a rede de comunicação comunitária Medios Libres de Cali<sup>191</sup> e o Incinerante<sup>192</sup>, mesmo não sendo formados exclusivamente por moradoras/es das quebradas, priorizam temáticas que tratam de temas caros às populações que vivem nos territórios violentados. Dedicam-se a uma cobertura jornalística que vai na contramão do que é divulgado pelos grandes conglomerados de mídia que, assim como no Brasil, estão sob comando das elites políticas e econômicas do país.

A atuação da maioria dos grupos se dá numa dimensão local (em um ou mais bairros), porém há coletivos que alcançam outras cidades, estados e países com seus trabalhos culturais, educativos e comunitários. O Distrito de Aguablanca, Oriente de Cali, é onde está a maior parte das iniciativas mapeadas. Na região conhecida como *La Ladera* ou *Laderas*, do mesmo modo, foi identificada uma série de iniciativas em arte e comunicação lideradas pelas juventudes. Como já visto, a área urbana da cidade de Cali é dividida em *comunas*. O Oriente de Cali – segundo a prefeitura municipal - é formado pelas *comunas* 13, 14, 15 e 21 e tem uma população estimada em 450.180 habitantes, de acordo com o censo de 2018. Já La Ladera é formada pelas *comunas* 1, 13, 17, 18, 19, 20 e conta com cerca de 754.800 habitantes, também de acordo com o censo de 2018.

Para seguirmos na teia, passo a apresentar com maior detalhamento algumas das ações desenvolvidas pelos coletivos em Salvador e em Cali. Como já visto, as atividades que realizam não se limitam a apenas uma linguagem. Quase sempre, prevalece a fusão de linguagens artísticas e comunicacionais. Faço aqui uma divisão apenas para facilitar a escrita, como um recurso de apresentação das informações.

#### **4.3. ARTE: “POSSIBILIDADE DE ACREDITAR E EXPRESSAR AS RESISTÊNCIAS”**

As aspas são de Mauricio Balanta Jaramillo, da Casa Cultural El Chontaduro, mas sintetizam uma percepção partilhada pelos outros coletivos em ambas as cidades. As linguagens artísticas: dança, teatro, artes plásticas, música, artes circenses, poesia, artes

---

<sup>190</sup> <https://www.instagram.com/tikalproducciones/>

<sup>191</sup> <https://www.instagram.com/medioslibrescali/>

<sup>192</sup> <https://www.instagram.com/incinerante/>

visuais são utilizadas pelas/os jovens para narrar seus territórios e suas vivências individuais e coletivas. Sigamos as fitas para conhecer algumas das ações...

A poesia aparece com muita força nas atuações dos coletivos, principalmente em Salvador. Saraus, publicação de livros, *slams*, oficinas de escrita poética são algumas das atividades promovidas pelos grupos. Quem vai a Sussuarana num sábado à noite, muito provavelmente nem imagina que em meio a bares lotados, igrejas movimentadas, caixas de som espalhadas por cada canto disputando o maior volume há dezenas e até centenas de jovens aglomerados (quando ainda era possível aglomerar com segurança) em um espaço para fazer poesia. Lá recitam poemas autorais, lançam livros, trocam referências, arquitetam ações conjuntas, batalham com outras/os poetas criações que falam de justiça social, racismo, amor, machismo, sexo, igualdade, esperança, revolução, resistência. Falam principalmente de uma luta que é cotidiana e muitas vezes silenciosa.

Este espaço é o Sarau da Onça, realizado desde 2011 no anfiteatro do CENPAH, no bairro de Sussuarana. Entre os saraus que começaram a ganhar fôlego em 2009, o Sarau da Onça – que nasce inspirado no Sarau Bem Black, comandado pelo poeta baiano Nelson Maca – é um dos mais antigos e vem inspirando o surgimento de vários outros. Como explica o poeta, escritor e mobilizador cultural Valdeck Almeida:

[...] os saraus das quebradas em Salvador têm história longa, podemos citar os Maloqueiros (Guelwar Adun, Hamilton Borges, Kuka Matos) e Os Poetas da Praça na década de 1970. A organização Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta é uma das mais antigas trincheiras de resistência educacional e de luta contra as violências. A história dos coletivos de poesia de quebrada mais recentes passou a ter maior visibilidade a partir de setembro de 2009 com o surgimento do Sarau Bem Black, no Centro Histórico de Salvador, e em maio de 2011 com o Sarau da Onça no bairro Sussuarana, seguidos por outros coletivos que se espalharam pela cidade, como se pode verificar no blogue ‘Saraus de Poesia em Salvador’<sup>193</sup> [...] **essencialmente urbanos, os saraus podem ser considerados resultantes da luta de outros artistas da palavra como contadores de história, rodas de samba, repentistas, cordelistas** (ALMEIDA DE JESUS, 2021)<sup>194</sup> [*grifos meus*].

Sandro Ribeiro dos Santos, mais conhecido como Sandro Sussuarana, idealizador do Sarau da Onça, explica que

o Sarau da Onça surgiu como um projeto e hoje ele é um coletivo que faz ações sociais dentro de Sussuarana. No início começamos de forma experimental e depois a frequência se tornou de 15 em 15. O objetivo era só fazer encontros de poesia com música, com dança e com teatro. Depois

<sup>193</sup> [www.sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com](http://www.sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com)

<sup>194</sup> Ver artigo “Artivismo preto: saraus como práticas quilombistas”. Disponível em: [https://galinhapulando.blogspot.com/2021/03/artivismo-preto-saraus-como-pratica\\_18.html](https://galinhapulando.blogspot.com/2021/03/artivismo-preto-saraus-como-pratica_18.html). Acesso em 17 jan. 2022.

de um tempo, nós vimos necessidade de abrir e ampliar o sarau para os debates, momento que surgiu as mesas temáticas e, depois disso, nós vimos a necessidade de ampliar mais ainda o sarau. **Nesse momento viramos um coletivo porque a gente deixou de ser um projeto que fazia só o evento com mesa temática. A gente passou a ser o sarau que produzia o slam, que fazia um festival de arte todo ano, que publica livro, que quer fazer festa literária, que faz oficina em escolas e que faz recitais** (*Sandro Sussuarana – Sarau da Onça, Salvador*) [grifos meus].

A história do Sarau da Onça foi sistematizada no documentário intitulado “Sarau da Onça – A Poesia de Quebrada”<sup>195</sup>, cuja apresentação é feita pelos integrantes do coletivo:

A poesia é o divisor, antes dela a repressão, depois dela a liberdade, assim recita o poeta Evanilson Alves. "Sarau da Onça - A poesia de quebrada" documenta o sarau poético que acontece quinzenalmente em Sussuarana, periferia de Salvador. **No palco Abdias Nascimento, mulheres e homens em poesias viram onças na selva da capital baiana**<sup>196</sup> [grifos meus].

O sarau é a principal atividade realizada pelo coletivo. Sua organização pressupõe diversas etapas, negociações, parcerias, planejamento e muito trabalho. Sandro explica que pelo menos duas vezes ao ano, o grupo - que quando conversamos estava composto por quatro pessoas - se reúne para definir o calendário de atividades de cada semestre. Como a equipe hoje é menor, o trabalho se torna ainda mais intenso. Sandro diz que no início, quando sete jovens compunham o coletivo, as demandas eram melhor distribuídas:

[...] quando nós éramos sete, nós tínhamos uma equipe muito grande, que era muito boa, mas as pessoas foram galgando seus objetivos. A galera que fazia o trabalho com fotografia e design seguiu carreira e isso faz parte do processo de evolução das pessoas, e, também do nosso, porque abre espaço para outras pessoas virem e conhecer como é que funciona. Não é simples produzir um sarau. É preciso pensar em uma questão de público, iluminação, água, convidados e temáticas (*Sandro Sussuarana - Sarau da Onça, Salvador*).

O número do público varia bastante a cada sarau. As edições que comemoram os aniversários do coletivo costumam ser as mais cheias e as que conseguem garantir maior divulgação feita pelos meios de comunicação comerciais e comunitários. Uma das táticas que adotam é fazer coincidir o lançamento dos livros que organizam com a comemoração do aniversário, o que costuma fazer com que o anfiteatro do CENPAH reúna centenas de pessoas. É possível encontrar entre a plateia do sarau, adolescentes e jovens de vários bairros periféricos de Salvador. Moradoras/es de Sussuarana também marcam presença.

---

<sup>195</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vURVaxCdbQQ> Acesso em 10 dez 2021.

<sup>196</sup> Texto publicado na descrição do vídeo postado no canal do YouTube do coletivo Sarau da Onça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vURVaxCdbQQ> Acesso em 10 dez 2021

Muitas vezes quem está na plateia experimenta estar no palco do anfiteatro – não por acaso batizado pelo grupo de Anfiteatro Abdias do Nascimento. Isto porque a tática do “microfone aberto” ou, como é mais conhecido entre as/os poetas, “MIC aberto”, é regra básica no sarau, não só no de Sussuarana, como em todos os outros que se espalham pelos centros silenciados da cidade. Outro combinado que é sempre lembrado na abertura dos saraus é categórico: é preciso fazer silêncio para escutar e não é permitido vaiar as/os poetas. Mais do que regras, esses dois movimentos revelam fundamentos das pedagogias dos coletivos.

As/os parceiras/os do grupo estão sempre presentes nos saraus, a exemplo do já apresentado Valdeck Almeida, o educador e cordelista Sérgio Bahialista – o primeiro professor de canto de Sandro e participante desde a primeira edição do Sarau da Onça -, a professora Ana Lúcia Silva Souza, parceira do coletivo e autora de estudos sobre os movimentos artísticos produzidos por jovens das periferias, entre tantos outros que não seria possível citar aqui. Sandro conta que é bastante comum que em cada edição do sarau apareçam pessoas novas, que estão chegando por lá pela primeira vez. Porém, nem sempre foi fácil garantir a presença das pessoas no Sarau. Sandro lembra um pouco da história que começou quando ele tinha 23 anos:

Em 2009 eu conheci o *Sarau Bem Black*. Eu entrei na faculdade de contabilidade, na Faculdade da Cidade, localizada no Comércio. Eu estava no Pelourinho e um homem me entregou um cartaz no qual estava escrito: *Sarau Bem Black - Poesias faladas*. Eu gostei muito do cartaz e **o que mais me chamou atenção nele foi que embaixo estava escrito: microfone aberto**. Quando eu li, eu senti que aquilo era para mim. Eu escutava Racionais MC's e o grupo musical Inquérito, além dos muitos artistas que falavam da realidade de periferia. Na primeira vez que tive a oportunidade de ir no *Sarau Bem Black*, eu fui sozinho. Quando chegou o momento de abrir o microfone e fazer a inscrição para as pessoas se apresentarem, eu coloquei meu nome. Eu lembro que a primeira poesia que recitei foi uma poesia de Sérgio Vaz. **Para mim, o que mais ficou marcado foi ver que as pessoas faziam silêncio para mim, que era um desconhecido até então enquanto poeta, e me aplaudiam. Aquele é o momento que você vira atração do evento, o artista ali, e não mais o apresentador ou quem produz.** [...] levei a galera de Sussuarana, Maca me batizou com o sobrenome “Sussuarana”, virei apresentador do *Sarau Bem Black* e comecei a receber convite para recitais em alguns eventos e shows de hip hop [...] virei apresentador durante um tempo e Maca me perguntava por que eu não fazia um Sarau na Sussuarana. **O que eu dizia para ele era que ninguém gosta de poesia na Sussuarana.** Outra coisa que eu pensava era sobre a falta de espaço. A lógica do Sarau Bem Black era a mesma lógica do Sarau da COOPERIFA [em São Paulo], isto é, quarta-feira de noite, dentro de um bar. **Na Sussuarana, você conseguir um bar numa quarta à noite para um sarau era impossível. Alguns proprietários falavam não permitiam sarau, porque não havia garantia de público e eles não**

**tinham dinheiro para pagar.** Com isso, a única possibilidade que a gente tinha era fazer nos espaços da igreja no fim de semana, mas no fim de semana a outra problemática eram os partidos alto [partido alto ou samba de partido alto é um estilo de samba]. Com isso a gente pensou se faríamos e trouxemos a ideia para o *Juventude Negra pela Paz*, que eu ainda fazia parte. No seminário do padre Heitor, eu fui convidado para recitar. Neste dia, Evanilson [Alves] estava na plateia. No dia seguinte, quando eu cheguei aqui, Evanilson estava recitando. Eu fiquei muito alegre e senti que era daquilo que eu estava precisando. A gente já se conhecia, mas eu não sabia que ele era poeta, que ele escrevia e que ele já tinha um grupo de poesia e fazia um trabalho dentro do Colégio Polivalente. Após este encontro começamos a dialogar [...] nosso entrave ainda era o espaço: tinha aqui o CENPAH, que na época não tinha esse anfiteatro, as atividades aconteciam lá em cima onde acontecia o curso pré-vestibular *Santa Bakhita*. Durante a semana a gente não podia fazer, porque queríamos continuar com a mesma temática das quartas-feiras, mas na quarta-feira não podia fazer por causa das aulas do cursinho. Pensamos então em fazer no fim de semana. No domingo não fizemos porque era o dia do lazer, de se estar com a família. Aí tinha o sábado que era dia de partido alto. Ainda assim, fechamos com o sábado. Em seguida pensamos no espaço. Cogitamos as escolas públicas, mas naquela época não eram abertas no sábado para fazer o sarau. No espaço da igreja não podia acontecer porque tinha catequese e ela acontecia no sábado. Pensamos também em escola particular, mas ela não funciona no fim de semana. Pensamos então em fazer no CENPAH. Na época a direção do CENPAH já tinha sido mudada, não era mais o padre Fidel porque cada padre ficava quatro anos aqui, depois eles eram deslocados para outros lugares do Brasil e do mundo. **Estavam aqui na direção o padre Franco e o padre Arthur. O padre Franco era durão, Arthur era mais divertido. O que fizemos foi levar o padre Arthur para conhecer o Sarau Bem Black - assim teríamos um apoio de dentro - e depois conversamos com padre Franco.** Apresentamos a proposta para o padre Franco de fazer o sarau em Sussuarana de 19:00 às 22:00 e ele nos perguntou: “mas vocês acham que vai dar certo? O que respondemos para ele foi: “achamos que sim, ainda que não tenhamos garantia. Só vamos saber se fizemos.” Ele propôs para a gente fazer o sarau em quatro sábados de um mês, de forma experimental. “Se vocês conseguirem que as pessoas participem e tiverem um público significativo, depois a gente pensa em um calendário bacana para vocês conseguirem usar o espaço. Se vemos que é bom, vocês ficam, mas caso contrário vocês procuram outro espaço ou outra dinâmica de fazer uma vez por mês”, afirmou o padre. Então começamos com a divulgação, que era no “boca a boca”. **A gente ficava sentado na frente do CENPAH chamando as pessoas e convidando-as. Explicávamos o que é sarau e poesia. Falávamos também de outras atividades como o teatro. Como o sarau acontecia lá em cima e lá estava com as cadeiras escolares, a gente descia todas as cadeiras para a garagem e subíamos as cadeiras brancas para arrumar o espaço [...]** No primeiro sarau tinham 15 pessoas: 4 apresentadores e 11 parentes. Aquilo foi muito desmotivador pela expectativa que você cria. Divulgamos em muitos espaços que íamos. No segundo sábado já teve um público maior, porque nossa política desde sempre era “quando voltar traga mais um”, então tivemos 30, 35 pessoas. No sábado seguinte tivemos um público ainda maior de 50 pessoas e tivemos outros poetas também. Nos primeiros saraus somente a gente recitava. No último sábado desse período tivemos casa cheia. Nesse



momento compreendemos que era possível (*Sandro Sussuarana – Sarau da Onça, Salvador*) [*grifos meus*].

A conquista do espaço físico para a realização das atividades foi fundamental para que o Sarau da Onça se consolidasse. Mais do que um evento cultural, firmou-se como um espaço cultural e político para as juventudes das quebradas. Sandro explica que a própria escolha do nome do sarau é um ato político:

**Se veiculava nas mídias que Sussuarana era um dos bairros mais violentos da capital. Então o Sarau da Onça surgiu como uma forma de contrapor essas informações a respeito da periferia.** Enderson Araújo [jovem comunicador que criou o portal Mídia Periférica] sai do bairro de Sussuarana. **O sarau se chama *Sarau da Onça - O diferencial da favela*, porque a gente trabalha a questão da identidade desse lugar, para as pessoas começarem a ver o bairro como um espaço produtor e não o que a mídia veiculava. Por isso, é o diferencial da favela para mostrar esse lado diferente que a mídia não estava acostumada.** Sussuarana é uma onça, então quando se fala *Sarau da Onça* as pessoas já sabem que o sarau é aqui nesse lugar. Por isso o nome do livro é o *diferencial da favela* e as capas retratam sempre periferia. **Sempre lançamos os livros primeiro aqui e depois em outros espaços.**

[...]

Eu faço resistência potencializando outras pessoas para que elas continuem resistindo. Fazer resistência para mim foi publicar o primeiro livro dentro de um bairro periférico em Salvador, feito por jovens negros e para jovens negros. **Todo mundo queria que o lançamento do livro fosse no centro, porque era o lugar mais acessível para todo mundo. Mas a nossa preocupação não é que o centro seja acessível, mas que a periferia seja acessada.** Potencializar para que outros jovens façam livros para mim é resistência. **O primeiro livro do sarau a gente fez chegar em muitas escolas no Brasil inteiro. O segundo também e eu espero que o terceiro mais ainda** [*grifos meus*].

Nota-se que é prioridade que os livros sejam lançados primeiro no espaço onde acontecem as atividades, em Sussuarana, para as populações das quebradas e só depois ganhem outras paragens, alcancem outros públicos. Esta é uma tática metodológica adotada por todos os coletivos com os quais dialoguei e se relaciona diretamente com a percepção que suas e seus idealizadores têm em dialogar com seus territórios, em construir outros centros de produção e difusão de conhecimento. É, portanto, mais uma das dimensões do que vislumbro como emergentes epistemologias das quebradas.

Até o período de finalização desta tese o coletivo havia publicado quatro coletâneas, todas com recursos oriundos de editais culturais públicos e lançados pela Galinha Pulando,

editora independente que tem à frente Valdeck Almeida<sup>197</sup>. Além dos livros coletivos, vale destacar as produções individuais como o “Verso (s) sob (re) mim” (2018), de Sandro Sussuarana, “A Poesia é o alimento para quem tem fome de conhecimento” (2019), de Rilton Júnior, o Poeta com P de Preto e “Escrevivências de uma preta para o mundo” (2020), de Maiara Silva, que começou sua carreira ao lado de Evanilson Alves no Grupo Recital Ágape que atuava junto com o Sarau da Onça<sup>198</sup>. Evanilson também participou da construção do livro “Força Feminina: a poesia que liberta”, que traz 53 poemas produzidos por adolescentes que cumpriam medida socioeducativa na Case Feminina, em Salvador durante oficinas de escrita conduzidas por ele<sup>199</sup>.

No primeiro livro publicado pelo Sarau da Onça, em 2014, foram contemplados 29 escritores e 21 escritoras das periferias de Salvador, cada uma/um com um poema. No segundo, lançado em maio de 2017, um total de 50 autores e autoras tiveram seus textos selecionados por meio do concurso literário promovido pelo Sarau da Onça. A tiragem foi de cinco mil exemplares<sup>200</sup>.

No prefácio intitulado “Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar?”, Deyse Sacramento, professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA), apresenta o tom da publicação: “esta antologia está repleta de cotidiano! Os textos são feitos e alimentados por cenas do dia a dia, atravessando as demandas sociais impostas pelo racismo e sexismo, desde a revista policial truculenta, à negação de um lugar de objetificação das mulheres negras, das dificuldades de locomoção na cidade, da

---

<sup>197</sup> A primeira coletânea organizada pelo Sarau da Onça, intitulada “O Diferencial da Favela: poesias quebradas de quebrada” (2014), fez parte do “I Festival de Arte e Cultura” promovido pelo Sarau da Onça e contemplado no edital “Arte em Toda Parte”, promovido pela Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Cultura da Cidade do Salvador, por meio da Fundação Gregório de Matos (FGM). A segunda publicação, “O Diferencial da Favela: poesias e contos de quebrada” (2017), foi contemplado no Edital de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). A terceira é intitulada “Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana” (2018). Foi publicada com recursos da 1ª Chamada do edital Calendário das Artes 2017, da Funceb. O quarto livro, “O Diferencial da Favela: Dos Contos às Poesias de Quebrada” (2019), foi viabilizado por meio do edital “Arte Todo dia Ano IV”, da Prefeitura de Salvador, por meio da FGM. Os livros podem ser adquiridos diretamente com os organizadores do Sarau da Onça, por meio dos contatos: sarauaonca@gmail.com e (71) 99718-1228.

<sup>198</sup> Os dois primeiros foram publicados pela editora Galinha Pulando e o de Maiara, pela Caburé Livros Artesanais, uma editora independente com sede em Conceição do Coité (BA).

<sup>199</sup> A publicação foi fruto de uma iniciativa da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), por meio da Fundação da Criança e do Adolescente (Fundac). A edição foi feita pela Galinha Pulando e o lançamento ocorreu no foyer do Teatro Castro Alves (TCA), localizado no Campo Grande, região da cidade considerada central. O prefácio foi elaborado pelo ator e dramaturgo, Aldri Anunção. A orelha do livro foi escrita pela poeta e professora da UFBA, Lívia Natália. O desenho gráfico da capa foi criação do design Hugo Carvalho, que integra a assessoria de comunicação da Fundac.

<sup>200</sup> A antologia teve imagem de capa e contracapa da fotógrafa Lissandra Pedreira, assessora do Sarau da Onça. O texto da “orelha” foi assinado pela pedagoga Alaíde Santana.

contemplação de uma paisagem que motiva memórias saudosas e declarações de amor” (p. 10).

É possível se acercar destas poéticas cotidianas em textos que falam de amor, como “Love for sale”, de Rafael Sampaio Souza: “nem tudo que me trouxe foram flores/ você cuidava bem das minhas dores / foi quando resolveu me machucar / e eu já não sei como curar” (p. 76) e na página seguinte já estamos ao lado da poeta Negreiros Souza que denuncia o racismo que a atravessa cotidianamente: “Passei por 5 agências bancárias, tirei tudo de dentro da bolsa [...] Então, eu olho para o guarda e digo: Meu filho, eu já tirei tudo, será que seu tirar além da roupa, minha alma e minha pele eu consigo entrar?... / E, sem quase nada, sem cor, sem dignidade, realizo minha terceira tentativa / E novamente a porta insiste em travar / O problema não tava na bolsa, no corpo tá no meu DNA / Então, o que me resta é apenas questionar / é detector de metal ou de melanina?” (p. 77).

E seguimos pela obra lendo-escutando-sentido as marcas do racismo na vida das e dos jovens por meio dos poemas de Sandro Sussuarana (“Jovem Negro Vivo” e “Culpado”), de Fernando Gonzaga (“Carapinha não eletrificada: é bala!”), de Vanessa Sena de Almeida (“Homem fardado”). Acessamos ainda as escrituras de jovens mulheres negras que expõem suas dores, seus gozos, suas lutas em textos como “Baile das Negras”, de Helen Adriane: “E no rolar do tempo, dela se fez milhares / Todas retintas em cor, todas em nossos olhares [...] / Mulheres que brotam amor, mulheres que vão adiante!” (p. 66) ou no “É treta preta!”, de Mariana Ferreira: “Não sou bela, recatada e do lar / O que me identifica é lutar / Não ficar sentada [...] Sou a voz de milhões de pretas / Que enfrentam suas tretas / Sem poder desabafar” (p. 79).

Em 2019, o coletivo conseguiu ampliar ainda mais o número de autores e autoras publicados: um total de 100 poetas e poetisas das periferias de Salvador - 53 homens e 47 mulheres – tiveram a oportunidade de participar da coletânea, intitulada: “Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitanas”<sup>201</sup>. Participaram representantes dos coletivos Sarau da Onça, Slam da Soronha, Sarau do Gheto, Sarau do Jaca, Sarau do Cabrito, Coletivo Cabeça, Sarau do Gato Preto, A Tu Ar, Sarau da Laje, Coletivo ZeferinaS, Sarau Arte Livre, Slam da Quadra, Sarau Urbano, Coletivo Boca Quente, Coletivo Pé Descalço, Coletivo G13, Resistência Poética, Poeta com P de Preto, Slam das Minas, Coletivo Nosso Palco, Coletivo Pega Visão, Cine Sindicato, A Currute Poesias, CEPA Jovem, A Pombagem,

---

<sup>201</sup> Lançado no dia 07 de julho de 2018, tem o texto da orelha escrito pela jornalista, atriz e digital influencer Maíra Azevedo, a Tia Má. As apresentações foram escritas pelo professor e pedagogo Geilson dos Reis e pela representante do Coletivo de Entidades Negras (CEN), Dhay Borges. A capa foi criação do poeta, artista visual e antropólogo Marcos Paulo de Oliveira, do JACA e a contracapa do artista e tatuador Allison Chaplin.

Sarau Enelescência, entre outros. Por meio da doação de 20 exemplares, feita pela editora Galinha Pulando, pude levar o livro para a Colômbia. Além de trabalhar alguns dos poemas em oficinas de escrita que realizei em parceria com os coletivos de arte e de comunicação em Cali, pude ofertar a publicação para os grupos e, assim, ampliar ainda mais o alcance e o intercâmbio de narrativas.

Valdeck Almeida, diz, na introdução: “foi um livro escrito a duzentas mãos” que “concretiza sonhos de publicação e mostra uma visão panorâmica da poesia de diversos bairros de Salvador [...] os artistas aqui representados são uma pequena parcela da grande quantidade de escritores, dos quais pouco se conhece, por conta do racismo estrutural que torna quase impossível a publicação, a circulação e a fruição da poesia da periferia negra” (s/p). Na coletânea, partilham o espaço poetas com mais tempo de estrada e outros estreantes no universo da literatura. Os textos denunciam o genocídio da juventude negra: “O governo recruta uma polícia especializada em disseminar uma doença racista / Bala! E fogo, comem a carne preta” (p. 17), diz Alex Bruno lembrando a chacina ocorrida no bairro do Cabula, onde 12 jovens negros foram executados por soldados da Polícia Militar da Bahia.

As e os poetas reivindicam autoria e autoridade para a população negra: “Você vai presenciar mais um feito da geração tombamento [...] Vamos invadir todos os espaços e exigir o seu respeito / Se é verdade que uns preferem morrer a ver preto vencer / Então amarra a corda e se joga, / Porque nós vamos tomar todos os espaços de poder”, trecho do poema “Preto no Poder” de Andrei Williams que se apresenta como “jovem poeta negro de 21 anos que vive na cidade de Salvador” (p. 24).

Há em muitos poemas a construção de outras narrativas sobre as favelas, periferias, quebradas, muito distantes daquelas que são veiculadas nos meios de comunicação comerciais, porém não necessariamente essas percepções são iguais entre os poetas. Cada um, uma lê e narra a favela com suas lentes, vivências, possibilidades e o livro é uma oportunidade para quem o acessa de perceber as nuances que as estruturas sociais imprimem em suas subjetividades. Os sujeitos periféricos – aqui entendidos na perspectiva de Tiaraju Pablo D’Andrea (2013) - como aqueles que atuam em prol de seus territórios por meio da arte, da comunicação e da mobilização política - não são homogêneos como alguns rótulos tendem a induzir.

Vejamos como Damiana Sá, rapper e artista de rua fala sobre a quebrada, a periferia, a favela: “Eu saio da favela, mas ela não sai de mim [...] / Eu amo essa fera, minha raiz foi feita nela [...] / democracia zero, um governo egoísta, / Não é fácil aqui crescer, nessa vida de artista [...] / Independente disso tudo a favela é o sorriso / É o abraço coletivo de um

verdadeiro amigo” (p. 39). Edson Junior, poeta e escritor lança rimas que provocam a reflexão: “Quem és tu, favela? / Favela sabe quem é favela / Favela é conhecer sua descendência e não matar ela [...] / Favela negra, mas de consciência escravizada [...] / Favela ouviu, e não agiu / Favela falou, mas não denunciou / Favela morta, não ressuscita / Favela humana, é uma bala de ponto 40 que se aproxima” (p. 47-48). E seguem, narrando seus territórios e toda sua complexidade.

No quarto livro organizado pelo Sarau da Onça, lançado em maio de 2019 no marco das comemorações dos oito anos do coletivo, as vozes das e dos poetas das quebradas continuaram a se amplificar. Desta vez, 53 artistas participaram do livro com contos e poesias autorais<sup>202</sup>. Com o título provocativo “‘Amai-vos, povo bahiense’: a resistência não para!”, o prefácio escrito pela professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Luciana Sacramento Moreno Gonçalves, convida as/os leitoras/es a perceber a dimensão quilombista do Sarau da Onça por meio de uma analogia feita pela autora entre a atuação do coletivo em Sussuarana nos dias atuais e aquela encampada pelas populações escravizadas em 1798, ano da Revolta dos Búzios, conhecida como a Revolta dos Alfaiates, ocorrida na Bahia.

Luciana destaca principalmente a história dos alfaiates João de Deus e Manuel Faustino e dos soldados Lucas Dantas e Luiz Gonzaga das Virgens que acabaram enforcados e esquartejados a mando do poder português. Com domínio da escrita e da leitura, “usavam a escrita como instrumento de reivindicação, fazendo denúncias e exigindo a garantia dos direitos do povo preto e das classes populares da Bahia” (s/p). Apesar das diferenças de contexto, Luciana aponta que a necessidade de enfrentar a violência de Estado segue presente e que o enfrentamento continua sendo construído pelas juventudes negras por meio do uso político da palavra, como, segundo ela, comprovam os textos publicados na coletânea.

O Sarau da Onça é um entre vários exemplos de como as iniciativas artísticas realizadas pelos grupos das periferias promovem movimentos táticos que constroem outras narrativas e formas de incidência política. Estas operações táticas articuladas com as dinâmicas dos cotidianos e territórios das/os jovens se conectam com o que De Certeau (2014, p. 110) define como “movimentos dentro do campo de visão do inimigo”. Nesse trecho do diálogo tecido com Sandro Sussuarana, ele comenta como trata – individualmente e coletivamente – esses movimentos:

---

<sup>202</sup> A capa foi ilustrada pelo grafiteiro, ilustrador, design gráfico Zezé Olukemi, a orelha feita por Jamile Menezes, jornalista idealizadora do Portal Soteropreta.

**Eu me vejo como uma pessoa que faz tudo o que o sistema não queria que eu fizesse. Por exemplo, eu tenho uma casa, eu tenho comida, eu bebo, eu visto, eu estudei, eu consegui entrar na universidade, eu passei dos 18 anos, eu escrevi um livro e eu vivo do que eu faço.** Tudo o que o sistema diz para eu não fazer que é ter saúde mental, uma família estruturada, ter amigos, conseguir desenvolver algo que funcione e que consiga fazer com que outras pessoas pensem para além daquilo que está escrito dentro dos livros acadêmicos, adentrar espaços que nunca foram feitos para mim como protagonista e não somente como consumidor e fazer o próprio sistema me pagar. **Eu comecei fazendo críticas ao sistema e hoje o sistema me paga para eu continuar fazendo críticas em outros espaços. Isso para mim é muito bacana e o melhor é conseguir fazer com que outras pessoas também façam isso, porque uma hora eu vou cansar e vou querer me aposentar** (*Sandro Sussuarana, Sarau da Onça, Salvador*) [grifos meus].

As periferias lidam diariamente com o Estado mínimo: não há garantia de direitos fundamentais e a presença violenta do Estado é uma constante, portanto, as respostas a estas opressões precisam ser astutas, táticas. As publicações apresentadas acima, bem como as várias edições do Sarau da Onça, realizadas aos sábados à noite em Sussuarana, são tipos de operações táticas produzidas pelos coletivos, uma vez que posicionam as e os jovens como produtores de conhecimento, como educadoras e educadores, como agentes políticos.

Como veremos em produções dos outros coletivos – principalmente no Brasil - o acesso a recursos públicos não costuma calar as produções das e dos jovens que denunciam em seus textos, por exemplo, a truculência cometida pela Polícia Militar nas periferias de Salvador. O recurso, apesar de limitado e intermitente, ainda existe e muitas vezes é imprescindível para que as atividades aconteçam, porém, as ações críticas permanecem e com o foco na multiplicação, na formação de outras e outros jovens para que fortaleçam seus letramentos sociais e raciais. Essas formas de viabilizar financiamento para as ações dos coletivos compõem uma outra dimensão do que pode estar se configurando como epistemologias das quebradas: as “alianças táticas”. Ela é transversal a todas as demais dimensões, se dá de distintas formas e é fundamental para garantir a continuidade das ações, como observaremos adiante.

Agora, continuemos a caminhar pelas experiências dos coletivos. No bairro de Cajazeiras V, o Sarau JACA de Poesia, realizado desde 2004 pela Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA), assim como o Sarau da Onça, se estabeleceu como espaço de formação, de trocas e de socialização entre as juventudes das quebradas. No site do coletivo, seus integrantes explicam:

Os saraus de poesia dão vida e beleza ao povo negro, resgatando sua ancestralidade, dignidade e força, atuando como uma arma contra a discriminação racial e um conjunto de opressões estruturais identificados

na constituição da sociedade brasileira. **Além de ser uma atividade lúdica, de arte e prazer, o Sarau do JACA é também uma forma de nos educarmos juntos na construção de saberes que nos permitam diminuir o conjunto das opressões e segregações sociais impostas a população negra**<sup>203</sup> [*grifos meus*].

A periodicidade do sarau é mensal. No início, o público de artistas que se apresentavam e de pessoas que iam assistir o evento era formado majoritariamente por moradores/es de Cajazeiras V e do entorno, como Águas Claras. Aos poucos, o sarau passou a ganhar visibilidade entre as/os jovens e poetas de diversos bairros da cidade começaram a se apresentar a cada nova edição do evento. O público tornou-se maior e mais diverso. Como é de praxe, o MIC é aberto. Em janeiro de 2020, quatro pessoas integravam o núcleo fixo do JACA: Marcos Paulo de Oliveira, Cairo Costa Andrade, Marivaldo Gomes Gonçalves e Tiago Jesus, o Griot. Nas redes, eles se apresentam<sup>204</sup>:

Marcos Paulo Silva é um educador popular, poeta e artista visual, formado em antropologia e psicologia social. Atua realizando aulas de direitos humanos, arte educação e relações raciais.

Cairo Costa é morador do bairro de Cajazeiras, Salvador/Ba. Músico, poeta, educador social e economista pela UFBA, integrante do grupo JACA e do Grupo de Capoeira Angola Mourão (GCAM).

Marivaldo Gomes Gonçalves é nascido em Jequié morador de Cajazeiras, integrante do JACA, arte educador, músico, artesão, estudante de serviço social na Universidade Federal da Bahia

Tiago Jesus, o “Griot”, é integrante do JACA, MC, poeta e mobilizador social.

Tive a oportunidade de participar de algumas edições do sarau que acontece na sede do coletivo, um galpão localizado no bairro de Cajazeiras V que, como já dito, foi conquistado por meio da aprovação, em 2004, de um projeto da Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SUDIC), órgão vinculado à Prefeitura Municipal de Salvador. A sala onde o evento é realizado é toda preenchida por grafites e mensagens de luta. Marcos Paulo, que também é artista visual, é o autor de algumas das artes que criam a ambiência do espaço. A capoeira, a música, o rap estão sempre presentes nas apresentações.

Crianças, idosos, adultos ocupam a pequena sala destinada para os saraus. Espalham-se pelo chão, pelas cadeiras, esteiras, encostam-se na porta. Não há separação física que demarque uma diferença entre palco e plateia. A disposição dos equipamentos (caixa de som,

---

<sup>203</sup> Disponível em: <http://www.juventudeativista.com.br/atividades/> Acesso em 31 jan. 2022.

<sup>204</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18084520858144804/> Acesso em 01 fev. 2022.

microfones) e instrumentos (atabaque, violão, entre outros) permite que o público se acomode, formando uma roda em torno do local onde as/os artistas farão suas apresentações. Esta ambiência - aliada à forma como os organizadores mediam o sarau - contribui para favorecer um clima de acolhimento e confiança para que muitos e muitas peguem pela primeira vez o microfone e recitem uma poesia, seja autoral ou não.

**Figura 12** – Roda de Conversa no JACA com membro do coletivo Radio Zapatista/MX



Fonte: autoria própria

É neste espaço que abraça e encoraja que há abertura para que temas duros sejam tratados, para que as dores sejam partilhadas com respeito, para que outras versões sobre o processo histórico do Brasil sejam contadas, com rimas, com corpos que se movimentam inspirados no *break*, com *dreads* e tranças em performance, com vozes que recitam textos como este, de autoria de Marcos Paulo Silva:

[...]  
Foda-se sua ideologia de democracia racial!  
Não sou pardo, nem mestiço, nem mulato,  
De minhas entranhas urram Zeferinas, Dandaras, Mahims, Zumbis  
Toda uma força de vida,  
Toda uma contribuição cultural,  
Um sonho de esperança que me mantém vivo  
Meu punho é minha lança  
Símbolo de resistência  
Ahh! Pensando bem...  
Foda-se sua ideologia de democracia racial!  
Pardo e mestiço numa sociedade sem racismo  
O mestiço é a mistura das raças  
Que raça? A humana?  
O mestiço é o fetiche dos brancos  
Faz a mágica de misturar  
A raça humana com ela própria  
Se não existe racismo



Por que falar do mestiço como uma espécie diferenciada?  
Os outros, somos nós, dizia o cara pálido<sup>205</sup>.

Além dos saraus, o coletivo promove oficinas gratuitas de meta reciclagem que ao mesmo tempo que contribuem para a proteção do meio ambiente, fortalecem a geração de renda local por meio do envolvimento de cooperativas de reciclagem e a inclusão digital, uma vez que os computadores recuperados produzidos pelo JACA são vendidos a preços muito abaixo do que é cobrado em lojas comuns, possibilitando o acesso para a população desfavorecida economicamente. Outra frente de atuação são as aulas e rodas de capoeira Angola que acontecem no espaço. Há cinco anos, o grupo de capoeira Angola Mourão, liderado pelo Mestre Veó realiza as atividades na sede do JACA. Oficinas de teatro, hip hop, grafite, entre outras linguagens artísticas, são ofertadas pelo coletivo, de forma gratuita, no galpão.

Desta forma, os espaços do JACA, assim como do Sarau da Onça, foram ao longo dos anos se consolidando como equipamentos culturais do bairro. Ambos coletivos são exemplos de iniciativas lideradas por jovens que foram se formando à medida que promoviam as ações e, ao mesmo tempo, formando outras crianças, adolescentes e jovens.

O Coletivo ZeferinaS, formado por mulheres moradoras/es de Cajazeiras é um exemplo deste processo de sensibilização e formação de pares.

**O Coletivo ZeferinaS não somente faz arte, mas, sobretudo, permite que a arte se faça em nós todas as manhãs!** [...] Usamos de músicas a poesias autorais, fazemos intervenções em coletivos urbanos de Salvador, eventos institucionais, escolas, fóruns, seminários, órgãos/ universidades públicas e privadas, estamos em todo e em qualquer lugar que a poesia nos leve. Cada uma em sua singularidade é a própria poesia marginal e através dela denunciamos as mazelas, desabafamos, ecoamos vozes e principalmente é como uma válvula de escape e de sobrevivência, traçando táticas de embate e reescrevendo a história colonizadora e perversa que contaram sobre nossas raízes. **Quem nós somos? Somos um quilombo! Somos mulheres, somos negras, somos poetas!** - Amanda Denis - Ayala Santana - Jaqueline Ferreira - Jênifer Oliveira - Juh França - Mariana Oxente Gente - Rool Cerqueira - Vanessa Coelho<sup>206</sup> [*grifos meus*].

Cria do JACA, o coletivo representa uma nova geração de poetas das periferias de Salvador e no qual a presença de jovens mulheres negras se torna cada vez mais forte. A cena nasce majoritariamente masculina, salvo algumas exceções, mas começa aos poucos a ser

---

<sup>205</sup> Trecho do poema “Mixtus”, de Marcos Paulo Silva, publicado no livro “Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana” (2018, p. 107).

<sup>206</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/ColetivoZeferinaS/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/ColetivoZeferinaS/about/?ref=page_internal) Acesso em 25 jan. 2022.

ocupada pelas jovens poetas. Na cartografia do Rede ao Redor, identificamos, além do ZeferinaS, mais oito grupos de poesia liderados exclusivamente por mulheres: Sarau La Frida, Slam das Minas, Sarau do Cabrito, Soultá Crew, Erótica: Sarau Online, Sarau das Artes Santa Cruz, Slam da Case Feminina e Sarau das Rainhas Negras. Vale frisar que o mapeamento considera tanto coletivos em atividade permanente, quanto os que promovem ações pontuais ou que, por algum motivo, se desmobilizaram. Contudo, o número é ainda baixo, se considerarmos que o total de coletivos mapeados foi de 126.

Sobre o início do ZeferinaS, Mariana dos Santos Souza, a Mariana Oxente Gente, relembra:

Nós que formamos o grupo somos todas de Cajazeiras. Algumas meninas do grupo estudavam juntas. Quando eu conheci Vanessa Coelho, ela já atuava no Quilombo do Orubu [nome de curso pré-vestibular em Cajazeiras V]. Existem várias instituições em Cajazeiras que estão interessadas em formar a juventude de lá em formação política e a gente é fruto dessas instituições [...] o **JACA foi na minha escola e eles apresentaram um documentário** [“As águas de Cajazeiras”, lançado pelo JACA em maio de 2016]. **Eu não sabia de nada do bairro de Cajazeiras, não sabia que ele tinha uma história, então aquilo me instigou e me fez ir em um Sarau do JACA para saber o que era um sarau, porque eu não sabia o que era. A gente foi se aproximando e eu passei a frequentar o Sarau do JACA. Nessa época eu tinha uns 14 anos, hoje eu tenho 19 anos.** Então muitas de nós frequentávamos o Sarau do JACA, outras não. Conhecíamos também outras meninas que recitavam na escola ou em outros lugares. Em Cajazeiras havia muita batalha de rap e eu ia assistir as batalhas às vezes. Certa vez houve um evento aqui em Salvador chamado “Encrespa Geral”, promovido pela L'oreal Paris. Nós fomos nesse evento e nele estava uma artista da Globo que fazia comerciais de cabelos cacheados. Lembro que nós odiamos o evento porque os seguranças tinham sido muito agressivos com a gente e para entrar no evento foi uma problemática. A gente tinha ido nesse evento para recitar. Eles haviam convidado uma de nós, a Carol [Carol Cerqueira, a Rool Cerqueira], para recitar. Carol havia marcado uma outra menina chamada Jênicifer [Oliveira], que também é de Cajazeiras e recitava nas batalhas e na escola, às vezes. Então uma pessoa foi marcando a outra até que nós 8 soubemos. Combinamos então de nos encontrar e ensaiar, para recitar [...] **quando terminou a apresentação, nós combinamos que a gente não podia mais parar com aquilo. Foi a partir daí que a gente teve a intenção de se organizar** (Mariana Oxente Gente – *Coletivo ZeferinaS, Salvador*) [grifos meus].

Esta organização segue firme. Em janeiro de 2022, quando escrevia a tese, o ZeferinaS estava prestes a completar seis anos de atuação em Salvador. As integrantes já haviam concluído a universidade e seguiam traçando escolhas profissionais conectadas com a poesia e com a arte periférica de forma mais ampla. Um dos principais eventos culturais promovidos pelas jovens ao longo destes anos é o Sarau ZeferinaS. Não possuem sede fixa. As edições costumam acontecer em espaços do bairro, como praças, quadras, escolas e

contam com parcerias de outros coletivos, como o JACA e de comerciantes locais. Em geral, o sábado é o dia da semana escolhido para a realização do sarau. Não há uma periodicidade definida. Os saraus são espaçados ao longo dos anos. Até o fechamento deste texto haviam sido promovidas três edições.

A última edição presencial do sarau foi realizada no dia 15 de junho de 2019, na quadra esportiva do Colégio Estadual Naomar Alcântara, em Cajazeiras 5. O tema escolhido foi “AfroIfé”. No texto de divulgação, elas explicam: “amor preto como forma de resistência, amor de dar curto-circuito nas estruturas e romper com as barreiras racistas. Amor que nos conecta, não só com x outrx, mas também com nós mesmos!”<sup>207</sup>. O chamado é feito pela página do grupo no Instagram: “TRAGA SEU AMOR E SUA POESIA!!♥♥🏳️‍🌈 CONVOCA O BONDE E BROTA EM CAJACITY!”.

Além do recital de poesia, há apresentações musicais de artistas negras e periféricas, a exemplo da Banda Nzingas, “formada por um quarteto de mulheres pretas e periféricas, que travam batalhas todos os dias contra um sistema que atinge de forma direta e constante, tornando-as assim guerreiras de batalhas pessoais e conjuntas. A banda traz por meio de poesia e músicas opiniões políticas das integrantes tais como particularidades e vivências de cada uma”. Espaços de sociabilidade, lazer, diversão, formação política, os saraus também são preparatórios para os *slams*: batalhas poéticas que reúnem artistas das quebradas. Em Salvador, destacam-se o Slam da Onça, promovido pelo coletivo Sarau da Onça e o Slam das Minas, promovido pelo coletivo homônimo. As poetas do ZeferinaS marcam sempre presença nestas batalhas e já foram campeãs em algumas edições.

Nunca estive presencialmente nos saraus do coletivo ZeferinaS. Porém, tive a oportunidade de assistir algumas poetas do grupo recitando durante os *slams*, acessar produções audiovisuais publicadas em suas redes sociais, acompanhar as *lives* realizadas em 2021, durante a pandemia, bem como lê-las na coletânea “Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana”. Textos como “Resistência Diária” (p. 20), de Amanda Denis, ao mesmo tempo em que denunciam a violência contra as mulheres negras, lançam um convite para um enfrentamento que é feito de forma aquilombada:

Abusivo! O sangue explana, não todo mês, é todo dia  
A cada uma hora e meia uma fêmea fica fria  
Águas Claras, a baixa é fria

[...]

---

<sup>207</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/ByiHI0IH9X/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/ByiHI0IH9X/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 25 jan. 2022.

Feminicídio íntimo, não íntimo, por conexão  
Em defesa da minha honra, não tem mais perdão,  
Desembaçando a visão,  
Não os deixe levantar a voz, saia da prisão, erga sua mão  
Violência de gênero é institucional  
A mulher preta na base da pirâmide social  
Nós vai girar esse capital, fazer a coisa ficar preta, no aspecto geral  
A melanina e a vulva se fortalecem sem precisar de nominal  
Somos minas, somos mina de ouro,  
E eu só brilho e ofusco os machista escroto  
Lembre-se das nossas ancestrais, toda mulher preta é um quilombo:  
Maria Felipa, Tia Simoa, Dandara,  
Tenho Mahin eternizada na minha alma,  
Nunca mais subordinada  
Só adjetiva, explicativa de empoderada  
Não se contente com migalhas  
Pretas... Não se contente com migalhas

Carol Cerqueira, a Rool Cerqueira, com “Sem RG” (p. 134), lança rima certa que denuncia a violência policial contra as juventudes negras e convoca para a ação:

Os meninos não podem sair sem RG  
Os fardado não alivia para você  
Não dá tempo de tirar o RG  
A polícia em geral não quer saber  
Se for preto, favelado, 23h o fardado não alivia pra você

[...]

Nossa juventude se perde por estratégia estatal  
Eles nos dão armas, colete à prova de bala, deixam passar a droga  
Depois invadem com HK e ponto 40 jogando sua massa cefálica pra fora  
Armação!  
Eles temem que o poder chegue em nossas mãos  
Não seremos massa de manobra  
Tô logo avisando, não quero ver ninguém aqui fora da escola  
Pegue o parceiro da erva...  
E queimando, o ensine a fazer poesia  
Nosso papel é esse e nem corra  
É atirar em disparada  
Com o pente carregado de palavra  
Na direção da burguesia!

O enfrentamento proposto pela poeta é o estudo, é a escrita, é carregar o pente de palavra contra as opressões. É fortalecer “focos de resistência física e cultural” (NASCIMENTO, 2009, p. 203). É quilombismo, definido por Abdias do Nascimento (2009) como um complexo de significações, uma práxis afrodiaspórica. Esta dimensão do aquilombamento está presente nos poemas, nos corpos que recitam, nas escolhas tomadas em grupo. Em suma, está presente no modo de se movimentar em coletivo.

O “Papo de Cumadi” é outro exemplo. Trata-se de um evento com periodicidade mensal que durante a pandemia, foi adaptada para o virtual, em formato de *lives*.

O “Papo de Cumadi” é uma roda de conversa, livre e aberta que propõe **formação política e diálogo sobre questões sociais, raciais e políticas enquanto povo negro**<sup>208</sup> [*grifos meus*].

A cada edição é escolhido um tema gerador e mulheres negras de diferentes campos de atuação são convidadas para mediar a roda. As falas são entrecruzadas por apresentações poéticas. MIC aberto. Quando há parcerias, o evento acontece em outros bairros fora de Cajazeiras. Foi o que aconteceu na edição realizada no dia 30 de março de 2019 na sede do Quilombo Zeferina (QZ)<sup>209</sup>, que desde 1996 atua em Pirajá, no entorno do Parque São Bartolomeu. Segundo as integrantes, o “Papo de Cumadi” é um espaço de fortalecimento, de afeto, de cuidado pensado por e voltado para mulheres negras. Esse inclusive foi o tema de uma das edições: “Afetividade e Autocuidado”, divulgada nas redes sociais com o seguinte texto:

A revolução e a recuperação estão no ato de amar e na capacidade de cuidarmos e olharmos para nós mesmas e, consequentemente, para as parceiras de luta e vivências diárias. **Você tem parado para respirar e responder as suas próprias necessidades emocionais e físicas? Você, mulher negra, responsável por mobilizar as estruturas sociais, está pronta para lidar com a revolução que já começou?** Chama as amigas, mãe, avó, vizinha e vamos experienciar esse diálogo-cura entre mulheres pretas!♥ Obs.: Leva algo para o café colaborativo [*grifos meus*].

Outra iniciativa do Coletivo ZeferinaS realizada, em 2020, com o intuito de fortalecer as mulheres negras periféricas foi a campanha virtual “Troca Poética: Arte é Profissão! – Apoio a artistas em tempos de pandemia”. A ação foi uma resposta articulada pelas jovens ao momento de crise sanitária, econômica e política acarretada pela má gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil. Segundo elas, o objetivo da campanha foi “movimentar a rede artística e a sociedade civil em torno de uma causa tão cara: o reconhecimento e a remuneração da arte enquanto profissão, sobretudo da arte negra”. No Instagram e no Facebook, a vaquinha virtual foi lançada com meta de R\$ 6.480,00 que seriam direcionados a 40 artistas negras/os e periféricas/os de Salvador. Ao final de 44 dias, quando foi encerrada, o valor arrecadado era de R\$ 1.577,00. Com esse montante, foi possível apoiar 10 artistas. Nas redes sociais, o coletivo comunicou:

---

<sup>208</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CDzjXpDFuuj/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CDzjXpDFuuj/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 26 jan. 2022.

<sup>209</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Quilombo-Zeferina-1496581873737596> Acesso em 26 jan. 2022.

A campanha foi um sucesso! Foram 44 dias de muita construção coletiva, e embora não tenhamos atingido a meta oficial, conseguimos alcançar propósitos maiores. **Movimentamos a rede artística e a sociedade civil em torno de uma causa tão cara: o reconhecimento e a remuneração da arte enquanto profissão, sobretudo da arte negra.** E ainda, graças à sua doação e divulgação, conseguimos arrecadar o valor simbólico de R\$ 1.577,00 que irá contemplar e ajudar alguns artistas. São 10 artistas, 10 vidas reais, 10 mentes criativas, 10 profissionais que serão beneficiados por esse auxílio tão significativo. Sejam em tempos de sol, ou em tempos de caos e crise, a arte prevalece e se fortalece.

Nossos mais sinceros agradecimentos a você, que trilhou essa jornada junto com a gente, desde o início. A você, que apoiou e propagou a campanha e sua importância em cada compartilhamento nos stories e posts no feed. A você, que divulgou em outras redes sociais e encaminhou para diversas personalidades e portais de comunicação. A você, que contribuiu financeiramente ou enviou para possíveis doadores. A você, que nos mandou mensagens e e-mails em apoio e acolhimento à causa.

[...] Você foi parte essencial dessa troca. **Reconheça as artes e os artistas negros da mesma forma que você tem reconhecido e remunerado os artistas brancos. Arte é Profissão! Arte negra é Profissão!** Faça com que essa troca seja Poética! Em breve, traremos mais informações e os próximos passos da campanha! Ubuntu! [grifos meus].

No comunicado, fica evidente que o mais importante não era a quantia arrecadada, mas o movimento criado, a mobilização de sensibilidades, narrativas, solidariedades. Prevalece a intencionalidade política da ação, como bem resume essa fala de Vanessa:

**A campanha vem justamente como uma contranarrativa ao que o poder público deveria fazer.** A campanha vem como amparo a artistas que já são resilientes, que recriam, reinventam, resgatam possibilidades de criarmos caminhos com esperança, de criarmos caminhos com existências antisistêmicas, antirracistas, diaspóricas, seja em tempo de sol ou em tempo de caos, crise, a arte prevalece e se fortalece<sup>210</sup> [grifos meus].

Vale frisar que as ações das ZeferinaS trabalham uma dimensão do afeto – neste caso entre as mulheres negras - que é central no conceito de quilombismo e também no que está se configurando como epistemologias das quebradas. O afeto compreendido como catalisador da ação, seja o afeto que acolhe e conforta, seja o afeto que mobiliza pela dor, pela indignação. No entrecruzar das fitas, vou explorar mais essa dimensão.

Continuemos caminhando pela teia, cruzando as fitas pelas experiências poéticas lideradas por mulheres nas quebradas soteropolitanas. O já citado coletivo Slam das Minas - Bahia é outra iniciativa que tem jovens mulheres negras no comando.

---

<sup>210</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CCmdQEtfBzz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CCmdQEtfBzz/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 25 jan. 2022.

O Slam das Minas – BA nasce em março de 2017, no mês da mulher, com a proposta de criar um espaço de visibilidade e fortalecimento das artistas da cena local, visando superar em nível pessoal e coletivo a discriminação e o preconceito, bem como buscar alternativas que proporcionem o protagonismo das mulheres negras e periféricas no meio cultural<sup>211</sup>.

Os *slams* são campeonatos de poesia falada que contam com regras específicas definidas pelas/os organizadoras/es, um júri e premiações para as/os artistas. É um movimento vinculado à cultura hip-hop que surgiu na década de 1980, nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil por volta dos anos 2000, ainda muito concentrado no eixo Sudeste, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (BONFIM, C.; DE JESUS, V.; CERQUEIRA, R.; SANTANA, J., 2019). Aos poucos, começaram a se firmar na cena coletivos de outros estados brasileiros. Anualmente, diversos grupos de todo o país disputam o Campeonato Brasileiro de Slam (Slam Br).

A primeira edição do campeonato foi promovida em São Paulo em 2014 pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, que se apresenta nas redes como “*coletivo teatral paulistano de teatro hip hop*”<sup>212</sup>. Em 2016, foram 29 competidoras/es, de cinco estados<sup>213</sup>. Nesta edição, Fabiana Lima (Slam das Minas – BA) e Evanilson Alves (Sarau da Onça) representaram a Bahia na competição. Fabiana foi vice-campeã. No Slam BR 2017, Kuma França (Coletivo ZeferinaS) chegou à final, representando a Bahia, com o poema “Uma dor tatuada na alma”<sup>214</sup>.

O Slam das Minas também tem abrangência nacional e teve sua primeira edição realizada em 2015, no Distrito Federal. Rapidamente se espalhou pelo país e hoje conta com representantes das mais diferentes regiões (BONFIM, C.; DE JESUS, V.; CERQUEIRA, R.; SANTANA, J., 2019). Nas batalhas promovidas pelos Slam das Minas em todos os estados, o protagonismo é exclusivamente feminino. (acho que esta frase ficou redundante...) A iniciativa marca o fortalecimento da presença das mulheres na cena da literatura periférica/marginal, tema que pode ser aprofundado no documentário “Pelos Margens | vozes femininas na literatura periférica”, que integra a pesquisa de mestrado realizada pela jornalista, pesquisadora e ativista Jessica Balbino<sup>215</sup>.

Em Salvador, como apresentado por suas idealizadoras, o Slam das Minas BA nasceu em 2017, formado por Dricca Silva, Fabiana Lima, Jaqueline Nascimento e Ludmila Laísa,

---

<sup>211</sup> Disponível em: <https://flica.com.br/atracoes/slam-das-minas-bahia/> Acesso em 30 jan. 2022.

<sup>212</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/nucleobartolomeu/> Acesso em 31 jan. 2022.

<sup>213</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/slam\\_br/](https://www.instagram.com/slam_br/) Acesso em 29 jan. 2022.

<sup>214</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/watch/?v=760415100826754&\\_rdr](https://m.facebook.com/watch/?v=760415100826754&_rdr) Acesso em 30 jan. 2022.

<sup>215</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHm4cennyw>. Acesso em 30 jan. 2022.

jovens negras, periféricas e que à época eram estudantes universitárias. A primeira edição do evento foi realizada na praça do Conjunto Antônio Carlos Magalhães, no bairro do Cabula, que fica próxima ao local onde 12 jovens negros foram executados por policiais militares, em 2015. Colocar os corpos nas ruas para denunciar por meio da poesia o genocídio da juventude negra é um dos objetivos do coletivo, como explica Fabiana Lima, em entrevista feita pela Revista Rever e publicada na Revista Gambiarra<sup>216</sup>:

Minha trajetória na poesia tem cerca de quatro a cinco anos, eu já escrevia algumas poesias. Aí conheci o Sarau da Onça, um sarau de poesia periférica. Criamos o grupo Resistência Poética, que é composto por Drica Silva, Fabiana Lima, Lucas Silva, Negreiros e Rilton Julis – que também são poetas da cena – e **a gente foi construindo um tipo de poesia visceral, que peitasse essas ações de genocídio** [grifos meus].

Na mesma entrevista, as integrantes do coletivo explicam que o Slam das Minas BA nasce depois que Fabiana voltou da disputa nacional, em 2016, quando foi vice-campeã. Ela convocou as amigas poetas e, com autorização das organizadoras do Slam das Minas – SP, trouxeram o nome para o grupo da Bahia. Além das batalhas, o coletivo promove oficinas de poesia em escolas públicas, participa de eventos, a exemplo da abertura poética feita na Conferência “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo” realizada na Reitoria da UFBA por Angela Davis, referência da luta do movimento Black Panther<sup>217</sup>.

Entre as ações do Slam das Minas, vale frisar a mobilização promovida via redes sociais durante o período inicial da pandemia, em março de 2020. O grupo idealizou o “Slam Pandemia Poética” que convocou poetas mulheres cis/trans e LGBTQIA+ de toda a Bahia com o chamado: “a poesia precisa se proliferar como um antivírus”. Para participar, era preciso preencher um formulário online de inscrição e enviar quatro poesias autorais. As poetas classificadas concorreram aos prêmios de R\$500,00 para o 1º lugar, R\$ 300,00 para o 2º lugar e R\$200,00 para o 3º lugar. A vencedora ainda ganhou um curso de educação financeira. Outra iniciativa do grupo é o Projeto Mapping das Minas<sup>218</sup>, que prevê o mapeamento de artistas da palavra do Nordeste e a formação desta/es artistas em produção de conteúdo para as redes sociais.

Tanto o Slam das Minas, quanto o Coletivo ZeferinaS são exemplos de grupos que se tornaram espaços importantes para

---

<sup>216</sup> Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/slam-das-minas-bahia-poesia-negra-periferica-e-feminina/> Acesso em 30 jan. 2022.

<sup>217</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/slamdasminas.ba?fref=ts>. Acesso em 30 jan. 2022

<sup>218</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wzYQPgIsWc> Acesso em 30 jan. 2022



que mulheres cis e trans pudessem discutir sobre o machismo presente na sociedade patriarcal, homofobia, classes e raça, expondo suas feridas mais íntimas e também os seus alagoes. Mas, para além de discutir e refletir sobre esses e outros temas, a atividade tornou-se uma espécie de círculo de proteção e resistência entre mulheres (SANTOS, 2020, p.685).

Estes são alguns exemplos – poderia trazer muitos outros - de ações nas quais a poesia e a performance estão no centro das produções, das atuações políticas, da disputa de narrativas, da construção de conhecimentos. Importante ressaltar que a cena dos saraus e *slams* de poesia marginal/periférica é marcada fortemente pelo movimento *hip hop* com *rap* (música), *break* (dança), grafite, bem como outras linguagens artísticas. É ele que costura as tramas dessas produções, desses corpos dissidentes que denunciam as opressões e constroem fissuras, como explica a pesquisadora Natielly de Jesus Santos (2020):

No Brasil, o *Slam poetry* começou sua trajetória em 2008, e desde então vem ganhando espaço considerável com o surgimento de novos artistas, grupos, eventos e admiradores. Uma das principais características do *Slam* é este espaço de livre expressão e encontro de ideias, vivências, identidades e culturas. **Com o passar dos anos, essa atividade obteve influência do movimento *Hip hop*, tornando-se um espaço de denúncia à violência, desigualdade social e racismo** (SANTOS, 2018) (SANTOS, 2020, p. 685) [*grifos meus*].

Na Colômbia, apesar de, como já dito, a cena de poesia marginal não ter a mesma capilaridade e força que tem no Brasil, o movimento *hip hop* fundamenta e estrutura as diretrizes de muitos coletivos com os quais dialoguei no Distrito de Aguablanca e nas *Laderas*, em Cali. Coletivos como A La Hora 30, Plataforma Juvenil de Aguablanca, Fundación Hip Hop Peña e Los Inombrables são alguns grupos que têm o *hip hop* presente em suas atividades. O projeto “*Narrando y rapeando la vida*” é um exemplo. Realizado com crianças e adolescentes da sede Villa Blanca da Institución Educativa Humberto Jordán Mazuera, na Comuna 13, Oriente de Cali, consistiu em promover atividades para incentivar a escrita e a leitura entre as/os estudantes a partir do *rap*, da literatura e da produção radiofônica.

As crianças e os adolescentes foram estimulados a elaborar programas de rádio e a escrever letras de *rap*. Em vídeo que sistematiza a experiência<sup>219</sup>, o professor de música Julián Esteban Rodríguez Gamboa explicou que as estrofes das canções de *rap* foram surgindo a partir de uma troca entre os estudantes sobre seus contextos, suas histórias. Jennifer Quiñones Moreno, da Biblioteca Pública Centro de Emprendimiento Cultural, ressaltou que mais do que aprender a decifrar palavras, o projeto contribuiu para que as/os estudantes

---

<sup>219</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=12r4L2IAjIM> Acesso em 31 jan. 2022.

desenvolvessem uma leitura crítica sobre os seus contextos sociais, econômicos e culturais. A iniciativa foi articulada por organizações como a Emisora Comunitária Oriente Estereo e a Fundación Hip Hop Peña.

Na Plataforma Local de Juventud Comuna 13 do Distrito de Aguablanca, coletivos como Nueva Era têm no *break* a principal linguagem artística de suas ações. Luis Ferney, um dos integrantes do grupo, explica que eles acreditam na potência que a dança, que a cultura *hip hop* têm para fortalecer a autoestima e o pertencimento territorial das e dos jovens no Oriente de Cali.

Somos um grupo de baile, canto. Buscamos talentos. Porque tem muita juventude, muitos jovens que têm talento para cantar, dançar, jogar, até gritar, por assim dizer. Mas, por medo, por insegurança de si mesmo, por não confiarem em si próprios, não podem fazer o que querem. **Nueva Era está praticamente encarregado de apoiar esses jovens, de dar apoio a eles, essa força, para que posso explorar o talento que eles têm.** Fazemos isso com o apoio da Plataforma [...] gosto desse processo porque vejo que os jovens saem da mediocridade que muitas vezes estão vivendo no bairro, porque acham que não se pode fazer as coisas [...] para frente que vamos **sempre buscando talentos de hip hop, dança e fazendo com que as pessoas percebam que podemos mudar o mundo, podemos fazer de nós mesmos, pessoas melhores** (Luis Ferney – Nueva Era, Cali) [grifos meus].

Miguel Anaconda Rodríguez, do Coletivo A La Hora 30, explica a importância do *hip hop* para as juventudes que vivem no Oriente de Cali:

[...] acredito que a cultura *hip hop* aqui no bairro se expressa a partir dos quatro elementos em todos os aspectos: física, moral e espiritualmente. **Pelo hip hop é possível reivindicar os espaços da rua, como espaços de construção, de comunidade.** Então, chega ao bairro a cultura *hip hop* com toda sonoridade, sabor, poder que traz às pessoas. **O rap tem sido uma ferramenta fundamental para a construção do texto e do verbo das comunidades** e se soma aos mitos, aos contos e as lendas das pessoas do Pacífico Colombiano que é por excelência uma potência cultural. Então aqui tem a mistura do gênero urbano com o gênero *pacífiqueño* [...] Miguel Anaconda Rodríguez – Colectivo A La Hora 30, Cali [grifos meus].

De volta a Salvador, vale destacar que assim como a Plataforma Local de Juventud Comuna 13, uma rede formada por coletivos culturais que atuam no Oriente da cidade, a Reprotai é uma rede de coletivos que atuam a partir de diferentes linguagens artísticas. O *hip hop* é uma delas, como explica Tatiane Anjos, integrante da Rede:

Uma das partes mais fortes - embora a gente tenha a dança, o teatro, a música - é o *hip hop*, que é uma categoria que já é patrimônio aqui no Brasil. A juventude curte muito, então a gente faz nas praças a batalha de MCs, que são jovens batalhando uns com os outros. Essa parte do *hip hop* é muito forte dentro da Reprotai (Tatiane Anjos – REPROTAI, Salvador).

Para Ailton Lorenzo, integrante da Reprotai, o *hip hop* contribui para valorizar e amplificar a cultura dos territórios periféricos:

**Apesar do *hip hop* ser uma cultura estrangeira, essa questão do ritmo e poesia, a gente tem dentro dele o nosso fortalecimento cultural**, como as ideias do povo, como também os nossos próprios motivos de chegar e fazer. **Muitas das nossas revoltas são postas ali. Viram letras, viram cobranças, viram pensamentos, que acabam gerando nos outros essa indagação** (Ailton Lorenzo – REPROTAI, Salvador) [grifos meus].

Ainda em Salvador, vale apresentar o coletivo RAP071, mapeado na cartografia do Rede ao Redor, que surge como um site de jornalismo cultural focado na cobertura de eventos e atores da cena rap e *hip hop* da Bahia<sup>220</sup>. Foi criado pelos jornalistas Pedro Enrique Monteiro e Gabriel Soares, durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) exigido na conclusão da graduação. Em dezembro de 2018 lançaram a produção audiovisual “A História do Hip-Hop baiano”<sup>221</sup>, que em menos de cinco minutos de duração consegue traçar um percurso da cena hip hop em Salvador que começa a se fortalecer na década de 1990. O vídeo é costurado pelas entrevistas de seis artistas atuantes no cenário hip hop da cidade na década de 1990: Lázaro Erê (*rapper*), Paulo Brazil (pesquisador), Chiba (DJ), Ananias (*b-boy*), Sista Kátia (grafiteira) e Dimak (grafiteiro). Além dos depoimentos, a montagem conta com fotografias e vídeos de grupos e eventos de hip hop realizados na época.

Os artistas contam que muito antes de entenderem o que era uma *crew*, uma posse, eles já se movimentavam na cena hip hop em vários bairros das periferias de Salvador, mesmo com uma infraestrutura bem precária. Lázaro Erê conta que “a ascensão do movimento hip hop em Salvador coincidiu com a redescoberta da identidade negra”. Os grupos dialogavam e pensavam projetos com a União de Negras e Negros pela Igualdade (Unegro) e a articulação mais forte da época era a Posse Ori<sup>222</sup>. Além do documentário, o coletivo promove um mapeamento constante das *crews* de Salvador. As produções do RAP071 contribuem para produzir memória sobre a cena que segue firme em Salvador e na Bahia e é referência para os coletivos que atuam com poesia periférica/marginal.

Uma das importantes conquistas do movimento aconteceu em novembro de 2021: a inauguração da Casa do Hip-Hop Bahia<sup>223</sup>, um espaço que há quase 20 anos havia sido idealizado pela Rede Aiyê Hip-Hop. Quem vai coordenar e administrar a Casa é a entidade

---

<sup>220</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/rap071> Acesso em 6 out. 2021.

<sup>221</sup> Quem assina a direção e a edição é Pedro Enrique Monteiro. A produção é de Hillary Marcele. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mn1T1Qt8wmQ> Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>222</sup> “As posses são coletivos de *hip hop* que buscam articulações e atuação política, para além das expressões culturais do movimento”. Disponível em: <https://www.irdeb.ba.gov.br/evolucaohiphop/?p=14458> Acesso em 02 fev. 2022.

<sup>223</sup> <https://www.instagram.com/casadohiphobahia/>

CMA Hip Hop, fundada por DJ Branco, referência da cultura *hip hop* no estado. Branco é parceiro do Rede ao Redor e da pesquisa. A Casa está sediada no Centro Histórico de Salvador e o uso do imóvel foi resultado de uma concessão pública pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), unidade vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia<sup>224</sup>.

Ainda ligado ao universo da cultura *hip hop*, voltemos a Cali para falar do “Festival Borondo”, organizado anualmente pela Mesa de Gráfica Urbana, uma organização de coletivos e artistas da gráfica urbana e do grafite da cidade de Cali. Apesar de não ter tido a oportunidade de participar de uma edição do evento, pude apreciar algumas artes espalhadas pelos muros da cidade e conversar com uma das integrantes do grupo, Constanza Fillajores Samalla. Ela contou que o Festival nasceu com o intuito de fortalecer a cena da arte gráfica urbana e do grafitti e de difundir esta expressão artística para diferentes localidades de Cali. O coletivo não é formado exclusivamente por jovens e adultos que vivem em territórios violentados, muitos integrantes são de famílias favorecidas economicamente, porém com a atuação nestes territórios, o perfil das/os integrantes do coletivo vem ganhando outra configuração. Sobre a dinâmica do Festival, Constanza explica:

[...] o Festival [Borondo] tem como critério ir trabalhar na comunidade, fazer intercâmbios com artistas, a nível nacional e internacional. Há um número limitado de artistas e grafiteiros. Lançamos a convocatória na internet ou por aqui [na sede da Grafiteria]. O Festival não acontece sempre nos mesmos lugares, ele muda. No ano passado [2017] fizemos na parte central e era um corredor aqui em um bairro do centro que é terrível, super sujo. Tem um corredor larguíssimo de paredes, estava como um banheiro público, um *cagadero*. Falamos com os vizinhos. Tem uma problemática muito grande no local. Querem desalojar as pessoas para fazer mega construções. Eles compram as propriedades e tiram a população que vive na rua dali. A população que vive na rua em Cali é muito grande. Há muita gente passando necessidades. Então levamos o Festival para lá. Fizemos oficinas para as crianças, para os jovens.

A cada edição do Festival, a Mesa de Gráfica Urbana lança um edital em suas redes sociais<sup>225</sup>. As inscrições são gratuitas e podem participar artistas urbanos, muralistas e grafiteiros que residam no Valle del Cauca, mesmo que não tenham nascido no estado. Além dos artistas locais, são convidados artistas nacionais e internacionais. A última edição do evento foi realizada em novembro de 2021, com o tema “*Del Papel al Mural en Gran Formato*”. Para a intervenção, foram escolhidas cinco habitações populares no bairro *Los*

---

<sup>224</sup> Disponível em: <https://www.anf.org.br/casa-do-hip-hop-bahia-cultura-da-periferia-no-centro-historico-de-salvador/> Acesso em 02 fev. 2022.

<sup>225</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/festivalborondo/> Acesso em 03 fev. 2022.

*Robles*, na Comuna 13, no Oriente de Cali<sup>226</sup>. Em 2019, o Festival foi realizado no bairro Obrero<sup>227</sup> que completava à época cem anos de fundação.

Durante os dias de Festival, além da produção dos murais em grande formato nos locais escolhidos, são realizadas oficinas de grafite, rodas de conversa entre os artistas, apresentações musicais, entre outras atividades. Em 2020, diante do contexto da pandemia de Covid-19, foi realizada uma edição com atividades virtuais, como oficinas, concursos de artes digitais e rodas de conversa. O Borondo, a cada ano, para ser viabilizado, conta com parcerias dos setores privado e público, a exemplo da prefeitura de Cali, por meio da Subsecretaria de Territorios de Inclusión y Oportunidades (TIO), da Secretaria de Cultural.

Outra atividade realizada pela rede de coletivos de arte urbana são as chamadas *tomas de grafite*. Constanza explica:

[...] o Festival [Borondo] é uma atividade coletiva. Nós funcionamos como uma rede. É muito interessante porque às vezes saem outros tipos de atividades. Por exemplo, se [o coletivo] Alfombra Mágica quer fazer uma pintura no Poblado [bairro localizado no Oriente de Cali] então nós nos organizamos para ir no dia da ação, realizamos encontros de pintura, *tomas de grafitti*. As *tomas* são uma das coisas que mais gostamos de fazer, porque conhecemos pessoas novas. Lançamos uma convocatória para os artistas. Divulgamos quando e onde vamos fazer a *toma* e todos vão. Em outras palavras: avisamos que terá essa ocupação e todos vão juntos, artistas urbanos e grafiteiros, cada um com sua arte, com seu trabalho.

A artista compartilhou conosco que o critério de escolha dos lugares depende muito das problemáticas que estão acontecendo no momento, sejam elas ligadas às dimensões do direito à cidade, à moradia, do enfrentamento à violência policial, entre outras. Segundo Constanza,

[...] depende do que esteja acontecendo. Por exemplo, quando saiu o Código da Polícia [Nuevo Código Nacional de Policía]<sup>228</sup>, decidimos pintar a ponte na frente da polícia, como uma forma de reagir àquilo. **É muito mais pela situação do que pela simples escolha de um lugar. É uma reação ao que está nos oprimindo de alguma maneira** [*grifos meus*].

O planejamento e a execução das ações dependem de outro aspecto fundamental: a articulação tática com os coletivos que atuam nos territórios violentados. São as/os jovens

---

<sup>226</sup> Ver vídeo sobre a edição 2021 do Festival. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CXObMnEg9ER/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CXObMnEg9ER/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 03 fev. 2022.

<sup>227</sup> Ver vídeo sobre o Festival. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CEKhUsGj1Qa/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CEKhUsGj1Qa/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 03 fev 2022.

<sup>228</sup> O “Nuevo Código Nacional de Policía” (Ley 1801 de 2016) entrou em vigor em 30 de janeiro de 2017 em todo o país, com a proposta de instituir um modelo de segurança sustentado pelas diretrizes da Convivência e Segurança Cidadã. Sua implementação foi tema de debates, manifestações – a exemplo da *toma de grafitti* citada por Constanza - e produções acadêmicas. Recomendo a leitura da Revista Nueva Época (nº 48, 2017), que reúne artigos que debatem o tema sob diversos ângulos. Disponível em: [https://revistas.unilibre.edu.co/index.php/nueva\\_epoca/issue/view/276](https://revistas.unilibre.edu.co/index.php/nueva_epoca/issue/view/276) Acesso em 04 fev. 2022.

que atuam nesses coletivos que conhecem as dinâmicas dos bairros, as demandas da população local, bem como as questões ligadas à proteção dos artistas e do público participante, pois não é incomum que eventos com estas características sejam reprimidos com violência pelos agentes de polícia.

Outra experiência que tem como princípio a ocupação de espaços públicos com arte é a “Terça Cultural”, evento realizado há mais de dez anos na Península de Itapagipe, em Salvador, pela Reprotai. O foco é na articulação territorial, divulgação dos talentos e das potências da região e na sustentabilidade financeira das/dos artistas locais. Tatiane Anjos, uma das fundadoras da Rede, explica:

A Reprotai tem várias ações na comunidade. Uma delas É o Projeto da Terça Cultural, que é toda última terça de cada mês. **A gente realiza essa ação na praça, ocupando a praça da comunidade.** Todos os grupos que são filiados à Reprotai fazem apresentações, intervenções artísticas e culturais [*grifos meus*].

O evento acontece principalmente na praça do Final de Linha do Uruguai, onde fica a última parada da linha de ônibus. Por ali está a sede 14ª Base Comunitária de Segurança (BCS), equipamento vinculado à Secretaria Estadual de Segurança Pública da Bahia e o Espaço Cultural Alagados, equipamento cultural gerido pelo governo do estado. A praça é rodeada por estabelecimentos comerciais, bares e residências. É um espaço de muito movimento no bairro.

A Reprotai ocupa o local com atividades artísticas. A Terça Cultural é um dos principais eventos promovidos pelo grupo. O acesso a alguns editais públicos auxilia a realização do evento, bem como o apoio de parceiros locais como a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia. A cada edição do evento é escolhido um tema específico que dialogue com alguma data importante do mês. Por exemplo, em abril, quando se comemora o dia da Dança, o evento prioriza a linguagem da dança e convoca os grupos para se apresentarem.

É um evento que faz aquele conglomerado de artistas da Península Itapagipana e praticamente de Salvador inteira [...] Vários grupos se apresentam, se conhecem, faz aquele aglomerado e traz toda essa efervescência da cultura, principalmente na área aqui de Itapagipe (*Mano Xandão, REPROTAI, Salvador*)<sup>229</sup>

---

<sup>229</sup> Fala retirada do vídeo REPROTAI – Terça Cultural: Uma Alternativa Cidadã, postado no Youtube no dia 04 de maio de 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1\\_8DSSOwn0I](https://www.youtube.com/watch?v=1_8DSSOwn0I) Acesso em 25 mai. 2021.

Durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19, a Reprotai precisou reinventar o formato do evento: “A Terça passou da praça para a telinha”, comentou Mano Xandão. Em abril de 2021, a Terça Cultural foi realizada no formato virtual e viabilizada com recursos do prêmio Anselmo Serrat de Linguagens Artísticas, da FGM. No âmbito do projeto aprovado, a Reprotai também realizou *lives* para abordar a arte periférica durante a pandemia e os caminhos adotados pelas/os artistas para driblar os desafios impostos pelo contexto. Com o recurso foi possível comprar alguns equipamentos, como microfones, que possibilitaram que os grupos pudessem estruturar a apresentação virtual. No canal do Youtube da Rede, foi lançado o vídeo da Terça Cultural que mesclou as apresentações com depoimentos das/os jovens integrantes do coletivo.

Para marcar o mês da Dança, as apresentações foram dos grupos que integram a Reprotai: Performáticos sem Limites, Banca Evolução MC’s e o Corpo de Baile Raízes Black. Apesar de a linguagem artística ser a dança, cada grupo apresenta um trabalho bastante distinto, o que nos convida a observar a heterogeneidade da arte periférica. Enquanto o Corpo de Baile Raízes Black<sup>230</sup> ocupa o palco com jovens negras e negros dançando valsa, ao som de uma trilha sonora marcada por *hits* internacionais, a Banda de Rap Evolução MC’s<sup>231</sup> inicia sua apresentação lançando o “papo reto”:

Cês fizeram a merda  
E agora eu que tenho que limpar essa porra  
Saca só  
Se passa não fi  
Se passa não tiozão  
Os cria com responsa vem trazer revolução  
Se passa não fi  
Se passa não cuzão  
Você dormiu no ponto  
E eu trago evolução  
Covid é 19  
Na urna é 17  
Assim vocês me fode  
O golpe se repete  
Retrocesso aqui só acontece na favela<sup>232</sup>

Na sequência das apresentações, o Grupo Performáticos Sem Limites<sup>233</sup> coloca os atabaques para tocar e convoca: “grita, corpo negro!”. Num quintal repleto de plantas, as e

---

<sup>230</sup> <https://www.facebook.com/Corpo-de-Baile-Ra%C3%ADzes-Black-163548301009426>

<sup>231</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCJBTrp-rJOfWPzqTXaC7NnQ>

<sup>232</sup> Trecho do rap “Se passa não fi” de autoria da Band de Rap Evolução MC's. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GqFZnh071I> Acesso em 05 fev. 2022.

<sup>233</sup> <https://www.facebook.com/GpSemlimits>

os artistas mesclam maculelê, samba e outras expressões artísticas de matriz africana. Recitam, tocam, dançam e reivindicam com seus corpos, suas vozes, sua arte um lugar de respeito às mulheres negras:

Não vai discriminar minha cor  
Sou preta sim, luto com amor  
Sou eu, transpassei gerações  
Já fui muitas, ou apenas uma  
Sou e serei princípio, meio e fim  
Sou a base da humanidade  
Sou a morte e a vida  
Sou vielas, mas também sou atalhos e saídas  
Para uns serei amor, para outros odiada  
Poucos me verão como anjo, muitos me verão como o demônio

[...]

Essa mulher preta dona da criação  
Tu que saiu do meu ventre ou respeita ou morre  
E verás que meu legado não terminará em balas ou mortes  
Ele apenas começa  
Bom seria mesmo se tu estivesse na minha pele  
Pois por justiça o meu sangue ferve  
No meu mundo, pretas são rainhas  
Que lideram e dão as ordens  
Vida longa a todos nós  
Respeitem os pretos, respeitem as raízes, respeitem os espíritos  
E muitas vidas longas a todos nós  
Assinado: pretas, pretos, negras, negros, LGBTQIA+ e índios

São múltiplas as linguagens artísticas e as ações culturais promovidas pelos grupos nas quebradas soteropolitana e *caleñas*. Sigamos na teia para conhecer as iniciativas no âmbito da comunicação.

#### **4.4. COMUNICAÇÃO: AMPLIFICAR INCONFORMIDADES E MOSTRAR POTÊNCIAS**

O subtítulo não é frase dita por uma pessoa em especial, mas sintetiza a intencionalidade de todos os coletivos enredados aqui que utilizam as linguagens comunicativas em suas atuações. Sigamos as fitas para conhecer as experiências.

Como já dito, a produção audiovisual é forte tanto entre os coletivos de Cali quanto entre os de Salvador. Na cidade colombiana, uma experiência merece destaque: o Festival Nacional Cine y Video Comunitario del Distrito de Aguablanca (FESDA), realizado desde 2008 por coletivos que atuam no Oriente de Cali. O Festival é definido por seus idealizadores, nas redes sociais como:



**Um evento para a exibição de produções audiovisuais comunitárias de pouca difusão nos grandes meios.** O festival promove a formação, exibição e estimula os processos de criação audiovisual comunitária através da assessoria coletiva, ao mesmo tempo que possibilita redes de distribuição de peças audiovisuais. Da mesma forma, este espaço é criado para **ampliar o campo de ação de cada um dos coletivos e formar o público para a recepção dos produtos realizados por este tipo de produtores comunitários** [*grifos meus*].

Durante o FESDA são exibidos e competem entre si trabalhos audiovisuais comunitários de pouca difusão nos meios de comunicação massivos. Os idealizadores definem o Festival não apenas como um evento, mas como um processo social que fortalece quem já produz audiovisual, forma público e estimula que crianças, adolescentes, jovens e mulheres sejam apresentadas/os à linguagem audiovisual por meio de atividades formativas.

São convocadas/os para se inscrever cineastas comunitários, independentes, organizações de base, produtores locais de televisão comunitária, estudantes e pessoas que atuam em espaços de educação não formal. O critério principal é que as comunidades devem assumir papel ativo no processo criativo e técnico da produção audiovisual que vai competir. As categorias são diversas: documentário comunitário, ficção comunitária, vídeo clipe, animação e vídeo experimental comunitário, programa de televisão comunitária, entre outras. Em cada edição, é definido um tema.

Na 5ª edição, em 2012, o tema orientador foi “Tradição oral e expressões culturais afrocolombianas”. Na 6ª, em 2013, a convocatória trouxe o seguinte chamado: “O bairro como expressão do comunitário, do urbano, do popular e da comunidade cultural, a rua, os amigos, a panela (*olla*)<sup>234</sup>, o cachorro, o gato, os vizinhos, nossas lembranças individuais e coletivas, a avó, as fotos, a venda do bairro (*tienda*), o parque, a intervenção política, as delimitações, o grafite, tudo o que é próprio e o que não é, o que se passa no interior das grandes e pequenas cidades nessas comunidades organizadas as quais chamamos: Bairros”.

É a partir de provocações como essas que surgem produções como o videoclipe “*El guión es nuestro*”<sup>235</sup> (“o roteiro é nosso”), resultado da primeira oficina “Distrito Hip Hop en La Mira”, durante a 10ª edição do festival, em 2017, que convocou raperas e raperos (rappers) da cidade<sup>236</sup>. As oficinas foram facilitadas por Eduardo Montenegro (da Tikal Producciones), Lucas Perro e Diego ESK (da Pasolini en Medellín). No vídeo, à medida que as/os artistas

---

<sup>234</sup> A palavra *olla* foi utilizada para se referir à *olla comunitária*, ou cozinha comunitária.

<sup>235</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aYXf\\_MJxLE](https://www.youtube.com/watch?v=aYXf_MJxLE) Acesso em 06 fev. 2022.

<sup>236</sup> Participaram: Alejandro Delgado (Sceja Siloé); Jefren Castillo (Je Pac); Sebastian (Ararat); Luis Grajales (Nelio); Daniel Garcia (Cuaderno MC); Placer Eterno H20; El Javier H20; Alberto Vidal (Beto); Poll Andrium Landazury Cury MC; Cristain (Rome Filli).

cantam uma letra de rap repleta de crítica social e política, se movimentam pelas ruas dos bairros do Distrito de Aguablanca mostrando as dinâmicas locais: as pessoas, os grafites nos muros, as moradias etc. O título que dá nome à música é uma provocação para a urgência de as/os jovens retratarem suas realidades a partir de suas óticas, seus corpos, sua arte.

Em 2020, devido ao contexto de pandemia, a 11ª edição do evento foi no formato virtual<sup>237</sup>, com o tema “*Miradas que rompen el cerco*”<sup>238</sup> (“Olhares que Rompem o Cerco”). Foi a primeira vez que o FESDA aconteceu neste formato. Por meio de aliança firmada com a plataforma Bombozila, foi possível disponibilizar de forma online as produções audiovisuais que concorreram no Festival, assim como aquelas produzidas durante as oficinas. A Bombozila é uma iniciativa autogestionada que se dedica a catalogar e disponibilizar documentários da América Latina e Caribe<sup>239</sup>.

Com o aumento da cobertura vacinal e recrudescimento da transmissão do coronavírus, em 2021, o FESDA voltou ao formato presencial. O evento, em sua 12ª edição<sup>240</sup>, aconteceu entre 26 e 28 de novembro de 2021, no Distrito de Aguablanca, com o tema “*EJIDO: el pedazo es Colectivo!*”. O evento foi organizado pelo FESDA e Colectivo A La Hora 30<sup>241</sup>. Nas redes sociais, o evento foi apresentado pelos idealizadores<sup>242</sup>:

Chegou o festival “*EJIDO: el Pedazo es Colectivo!*”! Entre 26, 27 e 28 de novembro de 2021, a junção do 12º Festival de Cine Comunitário del Distrito de Aguablanca e o 4º Festival #Mandalavida convocam para três **jornadas de encontro, criação, escuta e resistência**. O Paro não parou: ao contrário, nos permitiu ver que somos *mucha banda* a que aposta pela coletividade e pelo viver saboroso. Vamos nos olhar e contar como resistimos a partir da festa, do cinema, da conversa, do intercambio de saberes e as hortas nesta grande panela comunitária (*olla comunitaria*) da qual todxs nos alimentamos.

Mas o que é o “*ejido*”? Quem convoca e por que? Durante os próximos dias estaremos compartilhando mais informações sobre todas as atividades, projeções, oficinas e rodas de conversa desta grande festa do Distrito de Aguablanca. Convidamos vocês para avivar este fogo que resiste aos grandes relatos dos de cima para dizer-lhes: “**este pedaço é nosso e é coletivo!**” [*grifos meus*]

---

<sup>237</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Atcnqj2wLLY> Acesso em 04 fev. 2022.

<sup>238</sup> Esta edição foi cofinanciada pela Secretaria de Cultura del Departamento del Valle del Cauca.

<sup>239</sup> Disponível em: <https://festival.bombozila.com/fesda> Acesso em 06 fev. 2022.

<sup>240</sup> Teaser do evento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GSFkm9t8EiI> Acesso em 04 fev. 2022.

<sup>241</sup> A edição teve apoio de: BIOHAUS-Stiftung, Diaspora Colombiana en Países Bajos, Corporación Otra Escuela, Fundación Hip Hop Peña, Colectivo MEJODA, Cooperativa Tierra Negra e Colectivo VER.

<sup>242</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CWYwjrgPXFf/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CWYwjrgPXFf/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 10 jan. 2022.

Figura 13 - Card de divulgação do FESDA



Fonte: <https://www.facebook.com/ALAHORA30>

O Festival contou com oficinas de audiovisual, projeção de cinema comunitário, rodas de conversa, cozinhas comunitárias (*ollas comunitarias*) e pedaladas (*bicipaseos*). A cobertura das atividades foi feita pela Rádio Comunitária A Ritmo de Ladera que realizou gravações ao vivo durante os dias do evento.

Uma das produções audiovisuais exibidas na programação do FESDA foi o documentário “*Bici-Bles: un documental de A La Hora 30*”<sup>243</sup>, que é descrito por seus idealizadores como: “um documentário falado e feito no Distrito de Aguablanca, ressaltando o ciclista urbano, os que pedalam juntos (*los que ruedan en parche*), os que cuidam do Meio Ambiente, os empreendedores”. Para anunciar a exibição durante o FESDA, o coletivo postou em suas redes sociais:

Hoje projetamos um sonho que vinha caminhando há uns anos. Em colaboração com outros parceiros, com os amigos que tecemos um mundo melhor. **Conseguimos mostrar como a periferia se move em bicicleta, como se promove a redução do dióxido de carbono, como a mulher negra pedala para levar o sustento ao seu lar. Mostrar que os jovens querem que a paixão pelo Gravity Bike [é uma modalidade de esporte que não é legalizada na Colômbia e, por isso, alguns jovens que a praticam ilegalmente são abordados pela polícia] seja legalizada, esteja nas normativas de todas as cidades da Colômbia. Mostramos também o exemplo dos coletivos que se mobilizaram pela criação da Ley 1811, conquistas que beneficiam os usuários de bicicleta, entre outros temas de interesse [grifos meus].**

<sup>243</sup> Disponível em: <https://youtu.be/IGw-E68zzyA> Acesso em 17 mar. 2022.

Ao assistir “*Bici-Bles*” é possível compreender a partir das imagens, dos depoimentos, da narrativa construída, o trabalho que o coletivo realiza – sempre de forma articulada com outras coletividades – em suas três linhas de atuação: fomento e exaltação da cultura da bicicleta no oriente de Cali, defesa e promoção das zonas verdes e sentido de pertencimento aos bairros da região. Gabriela Díaz, uma das integrantes do coletivo, explica que um dos objetivos do documentário foi disputar as narrativas sobre quem tem direito à cidade, à mobilidade urbana, bem como pautar o tema da redução de CO2 como emergência climática:

O documentário mostra como a maioria das pessoas que se deslocam no Distrito se transportam em bicicleta. O transporte público aqui é muito ruim e é lento, há também uma contaminação muito forte [do ar] e muitos acidentes. É uma situação de emergência ambiental. Na Colômbia isso é geral, já estão declarando uma luta e alerta amarelo sobre a qualidade do ar. O documentário trata disso (*Gabriela Díaz – Colectivo A La Hora 30, Cali*).

A personagem principal do vídeo se apresenta como Luceni, mulher afrocolombiana que trabalha vendendo *chontaturo*, *pastel de choclo*, empanadas, entre outros produtos típicos da culinária de Cali. A história dela costura os demais depoimentos. Com sua bicicleta, ela circula os bairros do Distrito de Aguablanca e quem assiste o documentário, sente-se caminhando com ela pelas ruas e pela história do lugar. Os depoimentos de jovens, idosos, crianças compõem a narrativa do documentário que mostra os diferentes usos da bicicleta para as/os moradores da região: é ferramenta empresarial, veículo de transporte, instrumento de ativismo político e cultural etc.

Em diálogo com Gabriela, Oto, Angel e Sofía, integrantes do coletivo, foi possível identificar que não é só o produto final ao ser veiculado tem o objetivo de fortalecer nas pessoas o sentimento de pertencimento ao bairro, mas todas as etapas do processo de elaboração desta peça audiovisual cumprem este papel.

[...] Nós, como coletividade, desde que conheço Miguel e Ángel temos trabalhado fazendo produtos audiovisuais [...] estamos fazendo um documentário que quer evidenciar o trabalhador que pedala e evidenciar a bicicleta, por si só. Isso é muito emocionante: que se mostre o que é, que nada e ninguém sejam maquiados. Para que as pessoas de fora possam ver como nós vemos o bairro, como ele é [...] chega das pessoas ficarem envergonhadas com sua própria comunidade [...] isso projeta muito para que **as pessoas da comunidade tenham outra visão sobre a própria comunidade, que deixem de ter medo e que sintam, também, amor pelo seu próprio território, porque estamos mostrando *el pedazo* que para nós é sagrado, é precioso. Porque aqui é onde vivemos, esse é nosso palácio** (*Gabriela Díaz – Colectivo A La Hora 30, Cali*) [*grifos meus*].

Outros grupos mapeados em Cali que se destacam na produção audiovisual é a Tikal Producciones e a Asociación de Medios Alternativos de Jóvenes del Distrito de Aguablanca (Colectivo MEJODA). Entre as produções deles, trago o videoclipe “*Aguante Pueblo*”, lançado em 2021. Foi dirigido por Ceja Prietto e realizado pelo Colectivo MEJODA, com apoio de outros grupos como a Tikal Producciones, a Tawa Estudios, a Antury Fotografia e o Colectivo A La Hora 30. A produção audiovisual foi um registro das manifestações realizadas na cidade de Cali no âmbito do Paro Nacional, conhecido como “Estallido Social” que aconteceu em 2021 em toda a Colômbia. Em suas redes sociais, o coletivo MEJODA apresenta a produção:

Isso é do povo para o povo. Dedicado a cada pessoa que saiu às ruas para transformá-las a partir da arte, das ideias e dos encontros (*las juntanzas*) em uma avenida de luta por uma vida digna. **Dedicado à “*primera línea*” e àqueles que deram suas vidas para defender seu povo** [*grifos meus*]<sup>244</sup>.

As imagens mostram momentos vividos pelas pessoas que estiveram nas ruas durante os protestos. Há registros das *ollas comunitárias*, das atividades culturais realizadas nos chamados “*puntos de resistencia*” - locais em diferentes pontos do Distrito de Aguablanca que foram ocupados durante todo o dia pelas/os ativistas com atividades lúdicas para crianças, performances, cozinha comunitária etc. As imagens são costuradas por um rap cuja letra denuncia a injustiça social, a violência policial, a falta de políticas públicas eficazes e convoca o povo a aguentar e a continuar a caminhar, a atuar em coletividade, a resistir e lutar, como mostra este trecho:

Por um trabalho digno, vamos seguir em frente!  
Por saúde e educação, vamos seguir em frente!  
Aguenta povo, aguenta!

[...]

A luta continua até que uma dúzia de ovos custe 1800 pesos  
Vamos seguir em frente!

Outra produção do MEJODA que trago para esta teia foi realizada em 2016, no Distrito de Aguablanca. O que inicialmente seria um documentário, ganhou uma proporção muito maior. O grupo desenvolveu um projeto que teve dois instrumentos principais: o Jeep de Recados e a Plataforma Aguablanca Pacífico Urbano. Criaram uma estrutura de som em um *jeep* que circulava pelas ruas do Distrito coletando recados das/dos suas/seus moradoras/es para parentes e amigos distantes. Como grande parte da população é oriunda

---

<sup>244</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/colectivo.mejoda> Acesso em 10 fev. 2022.

do Pacífico Colombiano, memórias saudosas dos seus lugares de origem e de seus afetos eram enviadas em áudio, vídeo ou fotografias.

O projeto contou com três etapas: na primeira, os recados foram coletados, em seguida o *jeep* seguiu por 15 municípios do Pacífico para levar as mensagens. Na terceira, as respostas – gravadas em áudio ou vídeo - foram levadas às/aos moradores do Distrito de Aguablanca. Estava previsto no projeto a criação de um site onde as pessoas pudessem postar os recados com seus próprios celulares e ver as respostas em tempo real. A plataforma foi nomeada “Aguablanca Pacífico Urbano”. Quando escrevia a tese, ela não estava disponível. Encontrei disponível apenas um *teaser* sobre o projeto<sup>245</sup>. Em reportagem sobre o projeto publicada no site Calicreativa, a plataforma foi definida como:

Uma plataforma transmídia criada pelo Coletivo MEJODA para unir os migrantes do litoral Pacífico presentes em Cali com seus familiares em zonas distantes, resgatando El Recado, um meio de comunicação tradicional por meio do qual as comunidades rurais e urbanas enviam notícias, remédios, dinheiro, anedotas, canções e bebidas tradicionais<sup>246</sup>.

Nesta mesma reportagem, cujos entrevistados foram os jovens integrantes do coletivo MEJODA, há informações sobre o histórico do projeto que apontam que o grupo conseguiu um recurso em um edital de cultura promovido pelo governo colombiano para a produção de um longa-metragem sobre o Distrito de Aguablanca, sua gente, suas danças, hábitos e tradições trazidas do Pacífico colombiano. Ao longo do processo de pesquisa que contou com uma série de entrevistas com moradores da região, os jovens descobriram a importância que ainda tinha o chamado “*Atadito*”, ou Recado, maneira como as pessoas se comunicavam no início da formação do Distrito quando não existiam redes sociais nem acesso amplo à telefonia. Foi a partir daí que veio a ideia de conseguirem um jeep para coletar e levar os recados e, assim, fortalecer o diálogo e a memória entre o Distrito de Aguablanca e as cidades do Pacífico<sup>247</sup>.

Por sua vez, a Tikal Producciones, parceira do coletivo A La Hora 30 e do FESDA, é um coletivo formado por moradoras/es da Comuna 3, em La Ladera, outra região considerada periférica da cidade de Cali. Nas redes sociais, o grupo se apresenta como

uma organização cultural especializada na concepção e implementação de processos de Comunicação Alternativa que contribuem para o fortalecimento da dinâmica comunitária de gestão sociocultural; para o desenvolvimento de projetos de memória, identidade, território e direitos

---

<sup>245</sup> Disponível em: [https://vimeo.com/152452485?embedded=true&source=vimeo\\_logo&owner=22261195](https://vimeo.com/152452485?embedded=true&source=vimeo_logo&owner=22261195) Acesso em 13 jan. 2022.

<sup>246</sup> Disponível em: <https://calicreativa.com/recados-aguablanca-pacifico-urbano/> Acesso em 13 jan. 2022.

<sup>247</sup> Informações disponíveis em: <https://www.elpais.com.co/cali/este-jeep-recorre-el-distrito-de-aguablanca-buscando-recados-para-el-pacifico.html> Acesso em: 12 jan. 2022.

humanos; assim como para a construção de estratégias pedagógicas e plataformas para a criação e circulação de dispositivos comunicativos”.

O que sustenta a atuação da Tikal é a promoção do Direito à Comunicação<sup>248</sup>: “O direito à comunicação é entendido como a possibilidade de construir diálogo, experiências, pontos de vista e propostas com a comunidade, difundindo-as através de peças audiovisuais”. No canal do YouTube do grupo é possível ter acesso a 125 vídeos produzidos por eles, a exemplo de documentários, videoclipes, entrevistas, obras de ficção, entre outras peças audiovisuais. Cito algumas das produções: “Fotogramas de Siloé”; “Tejiendo Palabras en la Ladera”, “Freestyle en Convivencia”; “Documental Carmen: Una mujer construyendo vida desde el barrio” e Documental GUALAS<sup>249</sup>. Em comum, trazem o foco na valorização das potências do território, na criação de espaço para que vozes silenciadas como as das mulheres e das juventudes negras das periferias sejam escutadas, bem como na adoção de uma estética que valoriza as identificações juvenis das quebradas.

Outra iniciativa que merece destaque é o “Mapeando la Comunicación Comunitária en Cali”, projeto iniciado no final de 2017, fruto de uma parceria entre o Departamento de Comunicação da Pontificia Universidad Javeriana de Cali e o FESDA. Além da equipe do coletivo que organiza o FESDA, participaram do projeto outros coletivos como o MEJODA, a Tikal Producciones e a Emisora Comunitaria Oriente Estéreo, que aparecem no mapeamento feito no âmbito desta pesquisa.

Por meio da iniciativa, foi criada uma plataforma digital que apresenta informações sobre coletivos, associações e organizações que atuam com comunicação comunitária nas regiões das *Laderas* e Oriente de Cali. O propósito, que é bastante similar ao que está sendo construído no Brasil por meio do Rede ao Redor, é facilitar as alianças entre os grupos e fortalecer suas atuações.

O objetivo da iniciativa "*Mapeando la Comunicación Comunitária em Cali*" é fornecer informações sobre experiências de comunicação comunitária na cidade de Cali, ativa ou inativa, recuperando suas histórias, os atores envolvidos, suas realizações e barreiras para a realização do direito à comunicação, a fim de contribuir para sua visibilidade, articulação e capacidade de incidência<sup>250</sup>.

---

<sup>248</sup> As informações foram obtidas no site do projeto “Mapeando la Comunicación Comunitária en Cali”. Disponível em: <https://www.mapeandolacomunicacion.com/tikalproducciones> Acesso em 13 jan. 2022.

<sup>249</sup> Fotogramas de Siloé: <https://www.youtube.com/watch?v=E01pm9yNFqY>; Tejiendo Palabras en Ladera: <https://www.youtube.com/watch?v=sQiMkq2u910>; Freestyle en Convivencia: <https://www.youtube.com/watch?v=CWNf83uYfmw>; Documental CARMEN, Una mujer construyendo vida desde el barrio: <https://www.youtube.com/watch?v=WPiMmLGRVCI>; Documental GUALAS: <https://www.youtube.com/watch?v=WH0DY8ZREtg>.

<sup>250</sup> Disponível em: <https://www.mapeandolacomunicacion.com/> Acesso em 24 mar. 2022.

Na plataforma, é possível acessar dados históricos e estatísticos sobre os dois territórios (*Laderas* e Oriente de Cali) e conhecer as experiências de comunicação comunitária desenvolvidas pelos coletivos. São divulgadas as histórias de cada grupo, suas realizações e desafios para implementar as ações, bem como disponibilizadas suas produções jornalísticas, radiofônicas, fotográficas e audiovisuais.

Voltemos a Salvador. Entre as inúmeras produções audiovisuais que poderia apresentar, escolho três para trazer à tona: a série documental “Memorial Zeferina” e os documentários “As águas de Cajazeiras” e “Matriarcas de Tubarão”. São exemplos de produções que recorrem à linguagem audiovisual e ao trabalho comunitário para narrar individualidades, coletividades, territórios e que têm em comum o intuito de produzir memória sobre lugares violentados e sobre pessoas que historicamente são apartadas dos espaços de produção de conhecimento.

A série audiovisual “Memorial Zeferina” é uma produção da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru<sup>251</sup>, iniciativa de jovens moradores do bairro do Arenoso, em Salvador. Em quatro episódios, com duração de 5 a 10 minutos cada, são trazidas entrevistas com personalidades que contam as histórias de formação sociocultural do território do Cabula, em Salvador<sup>252</sup>. Durante o lançamento, as/os idealizadores explicaram que o Memorial é um acervo de entrevistas que trazem referências culturais, religiosas e políticas do território do Cabula,

situado no centro geográfico de Salvador, no estado da Bahia. A área emerge do Quilombo do Cabula, fundado pelo povo africano banto, como um importante espaço de resistência negra no século 18. O quilombo foi destruído em 1807 pela força militar baiana<sup>253</sup>.

A Ialorixá Adalice Santos, mais conhecida como Dona Mocinha, é a convidada primeiro episódio da série, intitulado “Ancestralidade e Território”<sup>254</sup>. Uma das primeiras moradoras do bairro do Arenoso, ela conta como o solo de sua terra deu o nome ao bairro. Na entrevista, relembra como foi o processo de ocupação do bairro, rememora as festas de Candomblé, o samba à luz do candeeiro, o caruru e as rezas de Santo Antônio. No episódio seguinte: “Narrativas Literárias”<sup>255</sup>, a entrevistada é a escritora Ana Fátima, que se apresenta

---

<sup>251</sup> O projeto contou com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura e do Ministério do Turismo, Governo Federal. Contou ainda com a parceria da CIPÓ-Comunicação Interativa e do coletivo Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA).

<sup>252</sup> O lançamento da série foi feito por meio de uma live transmitida ao vivo no dia 04 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmN3KyJb1ZI> Acesso em 05 jun. 2021.

<sup>253</sup> Trecho da abertura dos vídeos que compõem a Série Memorial Zeferina.

<sup>254</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pVaOA5qFAY> Acesso em 07 fev. 2022.

<sup>255</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VYKSP05NVD8> Acesso em 07 fev. 2022.



como mulher negra, candomblecista e fala sobre sua relação afetiva com o bairro, lugar onde construiu sua relação com a religiosidade ancestral. Autora de quatro livros que abordam a temática racial e falam de ancestralidade<sup>256</sup>, Ana Fátima finaliza a entrevista dizendo que

a instrumentalização da escrita é para um dia eu me colocar nesse lugar também de que eu posso, eu tenho, eu consegui e levei muitos comigo. o livro nada mais é do que um instrumento para que essa mensagem sobre nosso espírito Ubuntu chegue nas casas, nos lares, nas famílias.

O terceiro episódio trouxe o tema “Memória e Identidade”<sup>257</sup> e o convidado Gilcimar Dantas, psicólogo e doutor em Psicologia Social. Membro do Jornal do Beiru, um impresso comunitário que circulou no território entre os anos de 2002 e 2012, Gilcimar contou como as suas vivências enquanto jovem negro da comunidade do Beiru e as marcas do racismo que sentiu no corpo, na perda de amigos assassinados, nas abordagens violentas da polícia, os levou a pesquisar sobre racismo e segurança pública na universidade pública.

No quarto e último episódio, intitulado “Caminhos da Resistência”<sup>258</sup>, Diego Santos, Lucas Barbosa e Quelmonis Souza contam a história da fundação da Biblioteca Zeferina Beiru (BZB), que desde 2013 ocupa o Centro Comunitário do Arenoso. Os entrevistados contam como aos poucos o espaço foi se tornando um centro cultural de referência para a comunidade, um local onde as pessoas se sentem acolhidas, onde as/os crianças, adolescentes e jovens encontram inspiração e estímulo para fortalecerem suas identidades e trilharem seus caminhos. Nas palavras de Diego Santos, coordenador do espaço: “aqui a gente é um quilombo, e como um quilombo a gente está aberto a quem quer fortalecer”.

Outra produção audiovisual que trago para a teia é do coletivo parceiro da Biblioteca Zeferina Beiru, o JACA. Lançado em 2016, o documentário “As águas de Cajazeiras”<sup>259</sup>, apresenta uma perspectiva histórica sobre o território de Cajazeiras, a partir de vozes que se mesclam de forma não hierárquica. Há uma multiplicidade de fontes que ocupam distintos lugares sociais. São olhares que contribuem para construir uma outra versão sobre a história do bairro, da região que dificilmente é a que aparece narrada nos livros didáticos ou na cobertura da imprensa massiva.

A proposta narrativa do vídeo se assemelha em diversos aspectos ao documentário *BiciBles*, produzido pelo coletivo A La Hora 30, no Distrito de Aguablanca, em Cali. Em

---

<sup>256</sup> “As tranças de minha mãe” (2018); “Makeba vai à escola” (2019); “Já fui água um dia” (2019) e “Tunde: as aves misteriosas” (2020).

<sup>257</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qhYNf5wwF5k> Acesso em 07 fev. 2022.

<sup>258</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ir6xmNQm8sg%23menu> Acesso em 07 fev. 2022.

<sup>259</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LawnpYGGqE> Acesso em 10 out. 2021.

ambos, o foco são as distintas vozes da comunidade. Na produção de Cajazeiras, a linha narrativa é costurada pela memória das águas, dos rios que compõem o território, já na produção *caleña* o foco foram as ruas, as vielas, os caminhos percorridos pelos jovens, pelas/os trabalhadoras/es, pela população do Distrito de Aguablanca.

Na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, o documentário “Matriarcas de Tubarão: Potência e resistência das mulheres de um lugar”<sup>260</sup> do mesmo modo, dedica-se a difundir a memória ancestral do território. É uma produção do QUIAL – Centro Cultural Quilombo Aldeia Tubarão. O documentário é fruto do projeto “Matriarcas de Tubarão”, realizado no ano de 2021, que contemplou 30 famílias geridas por mulheres autônomas da comunidade de Tubarão que foram afetadas com a pandemia e jovens produtores da comunidade<sup>261</sup>.

A produção audiovisual, além de trazer o registro do processo de execução do projeto, possibilitou que cinco mulheres participantes da iniciativa pudessem trazer os seus relatos e partilhar as suas histórias. As narrativas apontaram como a pandemia e a ausência e/ou insuficiência das políticas públicas impactaram a vida destas mulheres e o que fizeram para garantir a sobrevivência de suas famílias. Imagens do bairro de Tubarão intercalaram as falas. O documentário teve roteiro e direção assinados por Natureza França; produção, filmagem e edição por Pólen Acácio e assistência de produção de Natureza França. As entrevistadas foram: Vera Lúcia Alves, Cleciane do Carmo, Ana Maria Costa, Marise Lima, Patrícia Maia e Natureza França.

No mesmo ano, o QUIAL produziu ainda cinco documentários sobre iniciativas que promovem educação no Subúrbio Ferroviário e Ilha de Maré, em Salvador e, com suas práticas, exercem princípios reconhecidos na carta das Cidades Educadoras<sup>262</sup>. As produções foram viabilizadas com a aprovação do projeto “A Periferia é o Centro”<sup>263</sup> – uma reverberação do curso homônimo que oferecemos pelo IHAC/UFBA e que teve Natureza França e as/ jovens do QUIAL/Favela Revela como parceiros. Um dos documentários conta a história do próprio QUIAL, com imagens de Tubarão e entrevistas de jovens e mulheres que fazem a iniciativa acontecer. As outras experiências documentadas foram: ONG

---

<sup>260</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qan3LERrqc&t=532s> Acesso em 15 jan. 2022.

<sup>261</sup> O projeto teve o apoio financeiro da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) e o apoio institucional da Pontos Diversos.

<sup>262</sup> O conceito de Cidade Educadora está relacionado ao entendimento da cidade como território educativo. Ganhou notoriedade com o Movimento das Cidades Educadoras que teve início em 1990, na Espanha, com I Congresso Internacional de Cidades Educadoras. Nele, foi pactuada a Carta das Cidades Educadoras que segue sendo referência em mais de 450 cidades em 40 países. Disponível em: <https://www.edcities.org/> Acesso em 09 fev. 2022.

<sup>263</sup> O projeto teve o apoio financeiro da Pró-Reitoria de Extensão PROEXT-UFBA.

Mareson, Quintal Sensorial, Coletivo Água da Fonte (CAF) Coutos e Acervo da Laje. Em comum, todas têm a região de atuação, o foco na valorização da memória e do trabalho educativo para fortalecimento do pertencimento territorial e ancestral como princípios orientadores<sup>264</sup>.

Ainda no Subúrbio Ferroviário, porém em outro bairro, Paripe, o Coletivo Cutucar, desenvolve desde 2013, uma série de projetos que tem as linguagens fotográfica e audiovisual como catalizadoras de processos formativos e da construção e difusão de outros imaginários sobre as periferias, as favelas, as quebradas. A primeira ação realizada pelo coletivo foi o “Cinemão”<sup>265</sup> que consistiu na oferta de oficinas de audiovisual para crianças, adolescentes e jovens que resultou na intervenção batizada de “Cine Comum”, na qual as produções feitas durante as oficinas foram projetadas para a comunidade.

Com a aprovação de um edital interno da Kabum! Escola de Arte e Tecnologia conseguiram realizar uma outra ação: o projeto “Objeto Comum”<sup>266</sup>, uma ação de intervenção comunitária de arte urbana com pintura ao vivo, mapeamento de vídeo, projeção em movimento e esculturas com materiais reciclados. Dois vídeos foram produzidos como parte das atividades do projeto: um traz o registro do processo, com as crianças participantes partilhando suas impressões sobre as oficinas e o outro é uma produção audiovisual feita com as crianças.

Vaguiner Braz, um dos integrantes do Coletivo Cutucar, comenta as experiências:

A gente trabalha muito com a produção de narrativas fotográficas e de audiovisual. Nossa primeira atividade chamamos “Cinemão”. Nós convocamos jovens e crianças da comunidade para participar de oficinas voltadas para o audiovisual. Nessas oficinas, a gente ofereceu todo um nicho de aparato técnico que tem dentro de uma produção audiovisual. Desde uma oficina de direção de fotografia a uma oficina de maquiagem, de construção de roteiro. Os jovens e as crianças fizeram um pouco de tudo. **A nossa ideia não é fazer para a comunidade, é fazer com a comunidade. Já que nós somos comunidade e estamos nessa localidade, a ideia não é: nós entendemos sobre comunicação, nós sabemos manusear esses equipamentos e vamos trazer pra vocês e salvar. Não, a ideia é fazer aqui juntos. E eles produziram tudo junto com a narrativa deles e a gente chegava com o suporte, o arcabouço mais técnico e teórico que nós temos, mas a narrativa foi toda dessas pessoas, desses jovens e dessas crianças que participaram das atividades.** Fizemos o Cinemão e teve o resultado, que foi o Cine Comum, onde fizemos a exibição pra comunidade. Desse processo todo, os jovens e as crianças só não participaram da edição por conta de questões técnicas. A gente não tinha uma ilha de edição montada para desenvolver a edição.

---

<sup>264</sup> Os documentários estão disponíveis no canal do YouTube do QUIAL Tubarão. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCWmX1kIXE9\\_vfxS1DaGi5BA](https://www.youtube.com/channel/UCWmX1kIXE9_vfxS1DaGi5BA) Acesso em: 10 jan. 2022.

<sup>265</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UIsbUZADwB0> Acesso em 08 fev. 2022.

<sup>266</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=27gZNYhK\\_jk](https://www.youtube.com/watch?v=27gZNYhK_jk) Acesso em 08 fev. 2022.

[...]

[O Objeto Comum] também foi uma **experiência de intervenção artística, de ocupação na comunidade**. Nós captamos imagens da comunidade de Paripe, do cotidiano das pessoas dessa comunidade e depois tivemos a ideia de fazer uma reprodução de um corpo com uma cabeça de televisão e um dispositivo que as pessoas acessavam as imagens. Essa ação foi fruto de um edital. De um edital interno que acontecia na Kabum (Escola de Arte e Tecnologia), que era um projeto da CIPÓ - Comunicação Interativa e, como nós fomos dessa escola, participávamos desses editais internos. Nós concorremos ao edital interno e conseguimos desenvolver esse projeto, essa ação, junto com a comunidade [...] [nos vídeos] crianças e adolescentes falaram sobre as experiências delas junto ao Coletivo Cutucar. É bem interessante ouvir essa fala do menino: "a gente não se falava, ajudou a gente a se juntar e a se falar, a se comunicar". É emocionante [...] **a gente tá falando sobre nossa narrativa, já não é mais ninguém que está contando o nosso dia a dia, que está contando sobre nossa vivência** [grifos meus].

A partir das experiências do Cinemão e do Objeto Comum e de outras ações desenvolvidas, o coletivo foi amadurecendo suas metodologias, alianças e competências técnicas e em 2016 promoveram o projeto “Mocambos Marginais: Olhares Identitários sobre o Subúrbio de Salvador”<sup>267</sup> que ganhou uma ampla visibilidade no território do Subúrbio Ferroviário e na cidade de Salvador como um todo<sup>268</sup>. As/os jovens fizeram uma intervenção fotográfica em oito dos 22 bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Paripe, Fazenda Coutos, Periperi, Escada, Plataforma, Alto do Cabrito, Rios Sena/Terezinha e Alagados. A partir de um processo dialogado com as/os moradores foram produzidas 150 poesias fotográficas com até 10 metros de altura. As imagens foram expostas em pontos estratégicos dos bairros, definidos de forma conjunta entre o coletivo e as/os fotografadas/os.

Outra faceta do Mocambos Marginais foi a de romper as fronteiras, fazendo circular as imagens feitas pelas/os jovens moradoras/es do Subúrbio Ferroviário em regiões consideradas centrais da cidade onde, via de regra, o corpo dessas e desses jovens, assim como dos e das modelos/as fotografados/as não são bem-vindos. Lugares, onde grande parte de seus/suas moradores/as nunca se deslocaram até o Subúrbio Ferroviário, a exemplo do Corredor da Vitória, região que ostenta um dos metros quadrados mais caros da cidade e onde está localizado o Goethe Institut, que recebeu o Mocambos Marginais. A exposição

---

<sup>267</sup> O projeto foi aprovado no Edital Arte em Toda Parte III, promovido pela Fundação Gregório de Matos, ligada à Prefeitura Municipal de Salvador.

<sup>268</sup> Ver matéria produzida sobre o projeto no Programa Mosaico Baiano, da Rede Bahia (TV Globo): <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/videos/v/pablo-mostra-o-projeto-mocambos-marginais-realizado-no-suburbio-ferroviario-de-salvador/5180034/> Acesso em 13 mar. 2022.



**produzimos conteúdos que valorizam nossos territórios historicamente marginalizados.** Semanalmente colocamos em pauta no Instagram e demais mídias digitais experiências trazidas por pessoas que vivem nesses territórios e suas relações com eles. Temos o "Favela Resenha", onde fazemos resenhas de livros, filmes, músicas, entre outras linguagens. O objetivo é resgatar nossa identidade, educar a comunidade. Exploramos a fundo a obra escolhida para retirar o máximo de mensagem daquela experiência de tal período da história para, assim, fazer nosso público entrar em contato com as diversas experiências humanas possibilitando-os produzir cultura conscientemente através da soma de experiências coletivas. O Favela Revela [...] revela alguém da favela, sempre tem algum vídeo ou algum conteúdo, uma entrevista. É um quadro com o próprio nome de toda a plataforma. Temos o "Favela Pensa", um quadro muito interessante, voltado principalmente para a reflexão e o pensamento coletivo. Trabalhamos para ajudar as pessoas a considerar alguns assuntos, a ponderar seus pensamentos, a expressar suas opiniões e, principalmente, divulgar o conhecimento" [...] Temos o "TBT Musical", um quadro que visa lembrar, relembrar, músicas antigas e trazer uma reflexão com a música. É o momento de refletir sobre a situação atual que vivemos ou um tema que merece ser falado. Junto a essa proposta, pesquiso por músicas que se encaixem em determinados temas [*grifos meus*].

Pólen Acácio, filho de Natureza França e um dos jovens do grupo, fica responsável pelo quadro Favela Revela e explica como ocorre o processo:

a gente faz um vídeo entrevistando alguma pessoa da periferia, da favela e essa pessoa conta a sua história, **porque a gente quer que essas pessoas contem as suas histórias.** Então, nesse quadro, que acontece no YouTube, a gente faz entrevistas para as pessoas falarem as narrativas delas. **Falar as narrativas que elas querem contar, não o que os meios hegemônicos querem falar da gente** [*grifos meus*].

Até 11 de janeiro de 2021, o canal do YouTube contava com dois vídeos do quadro Favela Revela<sup>269</sup>. O primeiro, produzido de forma virtual e o segundo, em novembro de 2020, com a diminuição do contágio e número de mortes por Covid-19 em decorrência da vacinação, foi possível realizar a primeira gravação presencial. Publicado em 04 de novembro de 2020, o "Favela Revela com Esteban Rodrigues<sup>270</sup>" contou a história do jovem escritor de 24 anos, homem trans negro e periférico, morador de Periperi, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Esteban começou a escrever profissionalmente aos 18 anos. Em 2018, lançou pela Padê Editorial seu primeiro livro: "Sal a gosto". Em 2021, lançou "Com mãos atadas e como quem pisa em ovos", pela editora Paralelo13S. Em alguns trechos da entrevista dada ao Favela Revela, o jovem, que além de escritor, é professor, pesquisador de transmasculinidades, produtor cultural, fotógrafo e estudante de Letras na UFBA, explica a sua relação com a arte e com o território periférico.

<sup>269</sup> <https://www.youtube.com/channel/UChpOU46xxJ5g37fWR65zPvQ>

<sup>270</sup> <https://www.instagram.com/estebanrodrigues/>

Com 14, 13 anos, a escrita para mim era mecanismo de defesa, eu precisava escrever para poder expressar coisas, primeiro por estar num espaço em que era limitado, então a gente não tinha tanto para onde ir, principalmente enquanto artista. [...] Lembro que um dos meus primeiros textos escritos foi sobre chegar no alto. E a gente, do lugar que a gente tá é um dos primeiros pensamentos que a gente tem, quando a gente olha para fora, quando a gente olha para o lado, é chegar naquele outro patamar. Mesmo com tantas pessoas dizendo que não, tantas pessoas colocando a gente dentro de um estigma a gente precisa, pelo menos eu precisei, tentar reverter esse processo por meio da arte [...] a publicação do meu livro em 2018, na Casa de Cultura da América Latina foi um fator crucial para eu saber que eu poderia chegar em outros lugares [...] **pensar o território que a gente ocupa é fundamental.** Tenho 24 anos e desde sempre morei em Periperi, no Subúrbio, que para mim é um bairro que tem uma dimensão artística, cultural enorme e isso foi um fator que ponderou minha caminhada. Achei que meu livro não teria tanta repercussão como teve, porque eu falo desse território. **Eu falo de como meu corpo ocupa esse lugar. Eu falo dos becos desse lugar, eu falo das sombras que fazem nesse lugar. Então, para mim, ter Periperi como referencial de território dentro da minha arte, dentro da minha escrita é me fazer lembrar que ainda que eu atinja outro patamar, eu sai daqui. E sair daqui foi fundamental.** Em mim, a arte se instaurou desde o início, quando eu vi as rodas de capoeiras na praça, a convenção de fusca que vinham cantores locais para fazer apresentação. Essas marcas desse lugar precisam estar também no meu trabalho [...] eu vejo que lá [em mesas e eventos que realizou em universidades] para quem eu falo eles querem fazer a gente como objeto de estudo, querem ver a gente com aquele olhar de ‘meu Deus, saiu de lá de baixo e conseguiu chegar até aqui’. **E quando a gente faz isso aqui dentro é por reconhecimento, é para mostrar que enquanto corpos semelhantes a gente pode ser referência um para o outro [...] onde a gente está a gente pode fazer um bom trabalho, a gente tem um conceito, a gente tem uma carga histórica, a gente tem um conhecimento específico e que isso não tá limitado àquela parte da sociedade que tem o controle estatal.** Então, eu acho que quando a gente pensa na esfera da nossa comunidade, do nosso espaço enquanto corpo ativo é fundamental a gente lembrar para quem tá do nosso lado porque a gente é artista. Não é por *hobby*, é por profissão, por necessidade, para mim, por obrigação (*Trechos da entrevista com Esteban Rodrigues para o quadro Favela Revela*) [grifos meus].

Como parte do quadro “Favela Revela”, foi entrevistada Débora dos Santos Silva<sup>271</sup>. Nascida em 1996 em Plataforma, na periferia de Salvador, a jovem é artista visual e ingressou em 2019 em Licenciatura em Desenho e Plástica na Escola de Belas Artes da UFBA. Na entrevista concedida virtualmente à equipe da Favela Revela, Débora contou que um marco da sua carreira de artista foi em 2016, quando participou da oficina Ocupa Laje, promovida pelo Acervo da Laje. Foi naquele momento que ela começou a pensar que poderia ter a arte

---

<sup>271</sup> <https://www.instagram.com/deborartiz/>

como profissão e como lugar de pertencimento e identidade. “Nas minhas artes costumo abordar narrativas pretas através do desenho realista”, disse Débora durante a entrevista<sup>272</sup>.

Outro quadro do Favela Revela é o #Do Lado de Cá. Uma das responsáveis por esse quadro é Monalisa Dafne, moradora do morro Santo Amaro, no Rio de Janeiro, estudante de Letras. Monalisa conheceu o Favela Revela por meio de uma mostra de poesia feita via Instagram pelo coletivo e depois foi convidada por Natureza França – uma das coordenadoras do Favela Revela – para integrar a equipe. Monalisa explica que o #Do Lado de Cá também tem o objetivo de mostrar as potências das periferias, porém, a linguagem adotada é a escrita: “Eu pedia para as pessoas escreverem sobre elas e a gente postava esse texto no blog e no Instagram”. As postagens são sempre acompanhadas de uma foto da/do entrevistada/o.

Até o dia 11 de novembro havia 35 postagens do quadro “Do Lado de Cá” publicadas na página do Instagram do Favela Revela. Entre as/os convidadas/os estavam grupos como Jovens Periféricos e a banda de reggae Mukambu e artistas individuais, a exemplo de: Luiz Otávio Camilo Martins, mais conhecido como Professor Mussum, do grupo de capoeira Cordão de Ouro, de Campinas (SP); Marcelo Rosado, o Pai Magro, que é DJ, produtor e compositor musical de Fazenda Coutos, em Salvador; Gisele Batista, tecnóloga de designer de interiores e artesã de Beiru, em Salvador; Débora Moreno, escritora, palestrante, contadora de histórias, artesã e ex-catadora de material reciclável, da Comunidade do Morro do Estado, em Niterói (RJ); Laranjinha, nascido na comunidade de São Carlos, no Rio de Janeiro, é dançarino, professor de dança, coreógrafo da Favela Dança Cia de Dança e estudante de Dança. Estes são apenas alguns nomes que fazem parte do processo de pesquisa e mapeamento das potências das quebradas, realizada pelo coletivo Favela Revela.

[...] o quadro #DoLadodeCá é onde a gente traz a perspectiva do lado de cá. É a gente falando, a partir da nossa perspectiva, da nossa comunidade. Então a gente vai buscar pessoas pra falarem o que elas quiserem falar a partir do ponto de vista delas. Se elas quiserem reclamar, se elas quiserem falar de todo o problema que tem ali na comunidade, de todas as coisas boas também. Porque nosso amigo Dai [Adailton Paz, outro integrante do coletivo] fala que aqui ninguém diz, mas tem muita coisa boa. Então a ideia do #Doladodecá é essa. É ser um porta voz, ser mais um local onde a pessoa possa tá trazendo, compartilhando. A gente tá compartilhando as vozes dessas pessoas, onde elas falam o que elas quiserem falar (*Davi Bahia - Favela Revela, Salvador*).

Voltando a Cali e mudando de linguagem, seguimos enredadas/os com nossas fitas para conhecer melhor a rádio *A Ritmo de Ladera*, uma experiência de rádio web comunitária desenvolvida por cinco jovens moradores da Comuna 1, na região conhecida como *Laderas*.

---

<sup>272</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=xBziTrkiQzo>



Passo a fita a Johan Andrés Rodríguez García, um dos fundadores, para que apresente a iniciativa:

**A Ritmo de Ladera é uma proposta de rádio juvenil que trabalha para o desenvolvimento da Comuna Uno.** É composta por cinco jovens do território que desenvolvem transmissões de rádio sobre questões comunitárias e juvenis. **A organização transmite três programas de rádio virtual por semana, duas revistas com temas sociais sobre situações que acontecem na comunidade e passam despercebidas, atores comunitários que têm informações para a comunidade, assim como críticas ao investimento social que é feito e eventos que acontecem na cidade. Outro tema do trabalho é a música com conteúdo social que procura deixar uma mensagem transformadora naqueles que a escutam.**

Estes programas são de e para a Comuna Uno. Seus membros fazem parte das expressões e movimentos juvenis que a comuna experimentou, participantes em questões comunitárias ao lado de líderes, grupos, coletivos e organizações, além de serem membros ativos do comitê de planejamento local da Comuna Uno.

**Os programas de rádio são transmitidos pela Internet e cobrem tópicos como: conquistas do bairro, processos de organização do território, das instituições educativas, questões das juventudes, entrevistas com líderes comunitários e pessoas comuns que dão suas opiniões sobre estes temas.** Fazem programas com coletivos, grupos e organizações sociais onde o tema para o programa é proposto juntamente com os convidados. A música é encontrada em gêneros urbanos como o rock, reggae, salsa, merengue e qualquer expressão musical que contenha conteúdo reflexivo, ou seja, conteúdo social e cultural, sendo um componente imerso na transmissão em meio ao riso, gerando uma atmosfera agradável de comunicação com os ouvintes.

**A rádio web nasceu como entretenimento** em alguns ensaios onde música era tocada e temas de interesse eram discutidos pelas pessoas que participavam deste espaço, isto foi gravado e depois ouvido em um PC de forma artesanal, com equipamento básico. Algum tempo depois, **o grupo teve a iniciativa de transmitir diretamente à comunidade, para contar coisas que acontecem que a comunidade não conhece, ou seja, para dar um sentido mais amplo à ideia,** assim como um espaço agradável para a comunidade onde todos podem participar com a opinião daqueles que escutam ao vivo o programa (GARCÍA, 2015, p. 35-36) [*grifos meus*].

Um dos programas produzidos pelo coletivo é o “*Yo amo la Comuna 1*” que divulga atividades culturais e artísticas do território, bem como aborda temas sobre integração comunitária e garantia de direitos. O chamado do programa é: “Escuta as iniciativas culturais, aprende sobre direitos e integre-se com nossos vizinhos!”. O grupo não tem uma sede fixa, conta com parcerias estratégicas para conseguirem fazer a rádio funcionar.

Tive a oportunidade de estar com eles em três ambientes distintos, onde a “*rádio en vivo*” foi realizada. O primeiro contato foi durante o *Primer Campamento de La Paz*, evento

realizado por um conjunto de coletivos do Oriente de Cali, entre eles A La Hora 30 e FESDA. Os equipamentos – computador, mesa de som, microfones e caixas de som – foram instalados na rua, em um dos locais onde as ações estavam sendo realizadas. Crianças, adolescentes, adultos, idosos tiveram a oportunidade de participar do programa de rádio que estava sendo transmitido ao vivo pela internet. Acompanhei a gravação da entrevista que fizeram com Gisele Martins, jornalista, mestra em educação, cultura e comunicação e comunicadora do Complexo da Maré (RJ) e tive a oportunidade de falar brevemente sobre a pesquisa e os motivos que me levaram a Cali.

Foi ali, inclusive, que começou a minha relação com o coletivo que seguiu de forma continuada até o final do processo de doutoramento. O segundo contato já foi na Comuna 1. O acesso ao local é bem difícil, principalmente porque não há transporte público que chegue até a região mais alta do bairro. É preciso contar com a disponibilidade – que nem sempre é fácil – de motos ou de táxis (quando, obviamente, há dinheiro para pagar). Caso contrário, é preciso encarar a pé as inclinadas ladeiras que contornam os bairros, cuja geografia oferece uma vista indescritível da cidade.

Desafio vencido com ajuda de Johan, conseguimos – eu e Alana - chegar ao espaço da prefeitura onde naquele ano (2018) A Ritmo de Ladera tinha uma sala cedida para o funcionamento da rádio. Em um programa ao vivo, realizamos um diálogo com Johan, Juan Carlos Ortíz e Manuel Antonio Ante. Trocamos sobre os contextos sócio-políticos da Colômbia e do Brasil, falamos sobre os objetivos da pesquisa e conhecemos melhor a experiência de A Ritmo de Ladera. Para o grupo, a rádio é entendida como um meio de comunicação alternativa que propõe o reconhecimento e a construção de saberes comunitários. Apoiam a difusão das atividades e ações realizadas pelos atores locais, organizações sociais e institucionais da Comuna 1 e da cidade de Santiago de Cali. Geram espaços de encontro comunitário onde são propostas ações e reflexões que permitam a construção de uma comunidade mais participativa e inclusiva.

Nos contaram que com muita dificuldade conseguem construir quatro programas por mês e, em paralelo, constroem uma estrutura técnica onde criam as promoções e os *jingles* como tática para angariarem recursos financeiros. Na segunda ida a Cali, voltei a me encontrar com os jovens de A Ritmo de Ladera. Dessa vez em uma sala cedida pelo Zoológico Municipal de Cali, onde o coletivo realiza reuniões e gravações dos programas. Tive mais uma vez a oportunidade de dialogarmos com o grupo e aprofundarmos temas como a questão da operação do racismo na Colômbia, os desafios de quem atua com comunicação comunitária, a percepção dos jovens sobre o Estado, entre outros temas. Seguimos em

diálogo, de forma virtual, durante o período da pandemia. Outra linha de atuação do coletivo é o enfrentamento à disseminação de informações falsas que fragilizam a mobilização social. Johan comenta:

Outro tema que ficamos atentos no nosso exercício radial é o da disseminação de falsas informações. As informações são um elemento crucial nesse tempo que vivemos e sempre tentar confundir a população. [...] elementos que geram desinformação e enfraquecem a mobilização social. A partir da rádio, também trazemos convidados que nos contam que durante esses quase três anos de mandato do presidente [Iván Duque Márquez] se prometeu muita coisa e não se fez nada. Quando digo nada, é nada mesmo. O governo tem preguiça de avançar com o processo de negociação da paz, gastam dinheiro com coisas menos importantes, como fazer um programa de televisão para o presidente [...] (*Johan Andrés Rodríguez García - Rádio A Ritmo de Ladera, Cali*).

Acomodo a fita que segue entre meus dedos, depois dessa caminhada breve pelas experiências realizadas pelas juventudes das quebradas, para que olhemos a teia que vai se tecendo neste caminhar. Para que atentemos, principalmente, para os cruzos, para os pontos de convergência onde diversas fitas se entrelaçam em torno de elementos comuns.

São coletivos de países, cidades, bairros distintos, porém se estivessem caminhando juntos pelo chão repleto de objetos de memória, certamente suas linhas iriam se encontrar em um (ou vários) objeto(s) que representassem seus ativismos, as formas como respondem às opressões vividas, às violências, à falta de moradia digna, de oportunidade de emprego, de educação, de saúde de qualidade etc.

Quem sabe, as fitas iriam se entrecruzar em uma cartela de rifa colocada sob o chão, um livro, uma caneta, um diploma de participação em uma atividade realizada por uma universidade local, um álbum de fotografias. Iriam se encontrar em seus ativismos. Muitas seriam as possibilidades de representação de suas operações táticas coletivas e, logo, muitas seriam as possibilidades de cruzos. É sobre estas possibilidades que seguiremos dialogando...

**Figura 15** – Oficina de escrita com jovens do Distrito de Aguablanca



Fonte: autoria própria

## 4.5. OFENSIVAS CULTURAIS EMANCIPADORAS: PONTOS DE CONEXÃO

Com um olhar atento para os dados do mapeamento das iniciativas em ambas cidades e com o acesso a algumas das ações desenvolvidas pelos coletivos, é possível fazer algumas inferências – que serão aprofundadas a partir dos diálogos tecidos com as/os jovens - sobre os aspectos convergentes entre seus ativismos. Vou me ater à observação de três aspectos: perfil das/dos ativistas, dos coletivos e dos territórios de atuação; motivações para se articular coletivamente e convergências metodológicas.

### 4.5.1. Perfil das/dos ativistas, coletivos e territórios de atuação

No que se refere ao perfil das/dos jovens, nota-se que a maioria tem entre 18 e 30 anos. Mas foi recorrente encontrar grupos compostos também por pessoas com idades entre 14 e 17 anos ou com 30 anos em diante. Boa parte das/dos adultas/os começou a atuação comunitária ainda criança ou adolescente, seja no mesmo coletivo, seja em outros espaços, o que corrobora a decisão tomada neste estudo de compreender juventudes de forma articulada com a relação comunitária e não exclusivamente pelo recorte etário.

Em Salvador, as e os jovens se declaram majoritariamente negros e negras. Em Cali, como já sinalizado, não consegui levantar essa informação junto a todos os coletivos mapeados, porém prevalece um público que se identifica como não branco. Com aqueles com os quais aprofundei o diálogo, a maioria se identifica como *mestiza*, dado que reforça o que já foi dito nos enlaçamentos iniciais desta teia-tese sobre a completa invisibilização da população negra na Colômbia e os diferentes processos históricos dos países de integração das populações negras e indígenas em suas sociedades, bem como das dinâmicas distintas de atuação dos movimentos sociais negros em cada país.

Em ambas as cidades, nota-se ao longo dos anos, o aumento de coletivos formados exclusiva ou majoritariamente por jovens mulheres, a exemplo do Coletivo ZeferinaS, Slam das Minas e o Coletivo de Mulheres do Calafate, em Salvador e dos La Sangrona, Vulva Libre e Filomenas Colectiva Ativista, em Cali. Mesmo nos grupos sem recorte de gênero no perfil dos participantes e nas agendas de luta, observa-se uma atuação maior das mulheres seja na criação dos grupos, seja na definição das pautas e na condução das atividades. Em Salvador, esse público além de ser feminino, é majoritariamente negro.

Em Salvador e em Cali, as/os jovens dos coletivos relataram distintas formas de violência vivenciadas por elas e eles, bem como por pessoas de suas redes de afeto: violência

doméstica, sexual, policial, decorrente das dinâmicas do tráfico de drogas em seus territórios, entre outras. Em Cali, soma-se o contexto de conflito armado e de *desplazamiento forzado* que atinge as juventudes periféricas.

Destaca-se que todas e todos, sem exceção, estão fazendo “corres” para sobreviver. Conciliam o trabalho comunitário – que lhes exige grande dedicação e na grande maioria das vezes sem remuneração – com os estudos, os trabalhos remunerados, as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e com os mais velhos da família etc.

O acesso ao ensino superior é outro ponto de convergência – mas não de equiparação – entre as/os jovens em Salvador e em Cali. Como já visto, as políticas públicas de educação são distintas em cada país, o que se reflete nas trajetórias educacionais das juventudes. As cotas raciais na educação universitária pública brasileira contribuem para que ao longo das décadas, mais jovens negros e negras, das periferias ocupem as universidades públicas.

Em Salvador, muitos estão cursando ou já concluíram o ensino superior. É o caso, por exemplo de Marina Lima, umas das fundadoras do Coletivo Cutucar, que defendeu em 2021 o seu Trabalho de Conclusão de Curso que lhe deu o título de Bacharela Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Pelas bandas de Cajazeiras, encontramos vários poetas graduados e pós-graduados, a exemplo de Marcos Paulo de Oliveira (JACA), antropólogo, mestre e doutorando no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA (CEAO). Na Reprotai, no Slam das Minas, no Favela Revela a maioria das/os integrantes estão concluindo ou já concluíram a graduação e, em alguns casos, a pós-graduação.

Em Cali, encontramos alguns jovens que ao longo do processo de realização deste estudo ingressaram no ensino superior, a exemplo de Sofía Giraldo, do Colectivo A La Hora 30 e Ángel Gonzalez Nupan, da Fundación Alfombra Mágica. Outros, como Johan Andrés Rodríguez García e Mauricio Jaramillo já haviam concluído a graduação há mais tempo. Johan tornou-se licenciado em Educação Popular pela Universidad del Valle, em 2015. Há entre os jovens aqueles que não vislumbram o espaço universitário, como é o caso de Miguel Anacona Rodríguez, do coletivo A La Hora 30, que na primeira conversa que tivemos contou que havia tentado algumas vezes ingressar na universidade e que em um determinado momento percebeu que era aquele espaço que estava perdendo-o e não o contrário. A partir dali começou a direcionar sua energia para o ativismo e fortaleceu a atuação em sua comunidade. Como já dito, a não-gratuidade do ensino superior na Colômbia, bem como a incipiência de políticas de ações afirmativas dificultam o acesso aos jovens dos bairros populares.

Outra conexão que vale destacar é a de que as duas regiões concentraram o maior número de iniciativas - o Distrito de Aguablanca, em Cali, e o Subúrbio Ferroviário, em Salvador - são territórios que partilham contextos sociais, econômicos e culturais que se aproximam em vários aspectos. Ambos possuem uma extensa dimensão territorial e populacional. A grande maioria de seus/suas moradores/as é de negros e negras e tem suas vidas marcadas pelo racismo estrutural que se manifesta de diversas formas: insuficiência de políticas públicas, presença violenta do Estado por meio de suas forças de segurança e representação estigmatizada do território e de seus/suas moradores na mídia hegemônica.

Mais um dado relevante sobre o perfil dos coletivos é o tempo de existência das iniciativas. São grupos nascidos a partir dos anos 2000, período posterior ao processo de redemocratização dos países latino-americanos – portanto, um contexto mais favorável à participação comunitária. É ainda o período histórico marcado pelo surgimento da Internet que permite que movimentos sociais tenham a seu favor a possibilidade de ressignificar as dinâmicas de territorialidades e as formas de fazer político (CASTELLS, 2017).

Em que pese todas as desigualdades de acesso, é inegável a importância da Internet para os coletivos mapeados, em especial o uso das redes sociais digitais como WhatsApp, Instagram, Facebook e YouTube. As ferramentas são utilizadas pelos coletivos para acessar informações, ampliar seus repertórios, articular ações, produzir e compartilhar conteúdos, mobilizar recursos, promover intercâmbios. Este potencial descentralizador característico dos movimentos da chamada “era da Internet” ganha força quando associado ao pertencimento territorial das/os jovens e ao reconhecimento da memória ancestral que sustenta suas práticas de insubordinação.

Ao mesmo tempo em que a Internet permite o deslocamento de centros e periferias e o engendramento de outros sentidos numa potência e velocidade até então desconhecidas (GUERREIRO, 2007)<sup>273</sup>, os coletivos não se distanciam da dimensão local, dos territórios onde os/as jovens vivem e constroem suas sociabilidades em um processo constante de negociação de suas trajetórias e narrativas. Como diz Martín-Barbero:

se a revolução tecnológica das comunicações agrava o fosso das desigualdades entre setores sociais, entre culturas e países, ela também mobiliza a imaginação social das coletividades, potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19).

---

<sup>273</sup> Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/revista-observatorio-ic-n-21> Acesso em 15 jul. 2021.

Importante ter em vista, contudo, que esta mesma Internet que potencializa a participação democrática é arena onde vimos emergir a todo instante retrocessos e movimentos antidemocráticos e desagregadores. Portanto, é, para os coletivos das quebradas, zona de disputa, de tensão e de construção de outras possibilidades de ações e intencionalidades.

#### **4.5.2. Motivações para se articular coletivamente**

No que tange às motivações e aos processos de articulação dos jovens em coletivos, há diferentes percursos entre os coletivos que estão nesta teia. Há aqueles que surgiram a partir de ações promovidas por ONGs com este intuito. O Coletivo Incomode é um exemplo. Nasce no âmbito do projeto Juventude Negra e Participação Política (JNPP), iniciativa da CIPÓ-Comunicação Interativa executada com financiamento da organização internacional Terres des Hommes Schweiz que previa o fomento à criação de coletivos ativistas focados na pauta do enfrentamento ao genocídio das juventudes negras.

Em outros, a criação do coletivo se dá por iniciativa de jovens que passaram por processos formativos em arte e comunicação promovidos ou tiveram experiência profissionais em ONGs. Um dos fundadores do JACA, Marcos Paulo Silva, conta que antes de se juntar a outros jovens para criar o coletivo, organizava um sarau de poesia na ONG Casa do Sol, localizada em Cajazeiras:

Foi o local onde fiz meu primeiro estágio. Esta ONG me contratou para ser educador em uma biblioteca e para desenvolver atividades de incentivo à leitura para crianças e para adolescentes. Eu sentia que da poesia os meninos não gostavam inicialmente, mas quando eles começavam a se envolver, eles mudavam radicalmente [...] nessa época eu tinha 23 ou 24 anos (*Marcos Paulo Silva – JACA, Salvador*).

No caso de Jefferson Borges, criador do Portal de Notícias NORDESTeuSou, com atuação na região do Nordeste de Amaralina, em Salvador, a formação em educomunicação promovida pela ONG CIPÓ-Comunicação Interativa, aliada a outras experiências educacionais e profissionais foram fundamentais para que tomasse a iniciativa de criar um veículo de comunicação comunitária no seu bairro, como aponta esta entrevista publicada no Portal:

Foi aos 11 anos, quando ingressou na ONG Cipó Comunicação Interativa, que Jefferson descobriu o amor pela comunicação. Também fez parte do núcleo de comunicação da Escola Municipal Teodoro Sampaio, localizada

no bairro da Santa Cruz. Na instituição, Jefferson concluiu todo seu Ensino Fundamental e iniciou o desenvolvimento do portal Teo In Revista, site que tinha como finalidade mostrar o outro lado do bairro da Santa Cruz. Em seguida, durante o ensino médio cursado no Colégio Estadual Odorico Tavares, iniciou a sua carreira política. Na instituição, liderou por três anos o Grêmio Estudantil Revolucionário do Odorico Tavares (GEROT), período marcado por grandes conquistas para o movimento estudantil de Salvador, como por exemplo a revolta do Buzú e a luta pelas eleições diretas para gestores da rede estadual de ensino.

Com o passar do tempo, o menino cresceu e foi traçando seu caminho profissional, passando por diversas organizações, entre elas Rinha Comunicação, W4 Comunicação, Leiaute, Movimentos Filmes, OAS, Sandoz e, atualmente [a entrevista foi publicada no ano de 2019], integra a equipe de marketing da Rede Bahia, atuando no seguimento (se estiver grafado assim mesmo, insira *sic*) de Rádios da empresa. Com toda experiência adquirida no decorrer do tempo, no ano de 2011, Jefferson criou, juntamente com Gerson Assis, o portal que lá na frente iria se tornar referência e pioneiro na comunicação do Nordeste de Amaralina. De uma brincadeira, surgiu o Portal NORDESTeuSou<sup>274</sup>.

O Coletivo Cutucar tem uma origem similar: as/os integrantes eram alunos do projeto Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia onde se capacitaram nas linguagens fotográfica e audiovisual. Ao concluírem a formação, atuaram primeiro em um núcleo de produção criado pela CIPÓ que era a ONG gestora da Kabum! em Salvador – “Kabum! Novos Produtores” – que possibilitou que começassem a fazer trabalhos remunerados. Neste processo, com a parceria fortalecida, Marina Lima, Raiane Vasconcelos e Vaguiner Braz decidiram criar o Coletivo Cutucar.

Há outros grupos que se consolidam por estímulos que surgem a partir do contato com organizações tradicionais de participação política, como associações comunitárias e comunidades eclesiais de base. A Reprotai nasce como um núcleo de jovens dentro da Rede Cammpi e, posteriormente começa a atuar como grupo autônomo. Seguem atuando em parceria com a Rede que desenvolve um trabalho político e social há décadas na região da Península de Itapagipe. Entre as organizações da Rede Cammpi que a Reprotai tem maior articulação, está a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia que faz a gestão da Escola Comunitária Luiza Mahin, localizada no bairro do Uruguai. O GRUCON também integra a Rede de Cammpi e foi participando dele que Tatiane Anjos começou a desenvolver trabalhos comunitários.

A REPROTAI mudou muito a minha vida. Ter saído do interior da Bahia, porque eu venho de comunidade rural, da cidade de Rio Real, de um povoado chamado Loreto e, **quando eu cheguei aqui em Salvador, eu já fui adentrando os projetos sociais da comunidade, no caso foi o**

---

<sup>274</sup> Disponível em: <https://nordesteusou.com.br/noticias/tbtne-conheca-a-historia-do-idealizador-do-portal-nordesteusou-jefferson-borges/> Acesso em 13 fev. 2022.



**GRUCON. Então, quando eu iniciei eu tinha treze anos de idade, criança ainda. E aí eu pude compreender, de fato, quais eram os meus direitos e deveres.** Conheci muito sobre o ECA, que é uma lei aqui do Brasil. Pude ser capacitada através dessas formações sociopolíticas e isso abriu muito minha visão de mundo, meus horizontes. E, hoje, de lá pra cá - de 2004 pra cá - eu pude mudar de fato. Fiz projeto de vida, que a REPROTAI atua com projeto de vida com projeção para cinco anos. Eu lembro até hoje! [...] Depois fiz de mais cinco anos e, hoje, a gente incentiva muito os jovens da REPROTAI a adentrar a universidade, ser estudante universitário, a buscar seus direitos. Eu venho desse processo. **Hoje, eu luto por políticas públicas, atuo com direitos humanos, defendo muito a periferia em que eu atuo - a comunidade da Península de Itapagipe – e também sou estudante universitária** [...] hoje, sou o que sou graças aos projetos sociais que as organizações da sociedade civil vêm atuando, vêm fortalecendo aqui no Brasil (*Tatiane Anjos – REPROTAI, Salvador*) [grifos meus].

Em Cali, Ángel González Nupan e Miguel Anacona Rodríguez contam que se conheceram no programa *Sembradores de Paz*, da Igreja Católica onde aprenderam a trabalhar em coletivo. Quando se desligaram do programa, decidiram criar a Fundación Alfombra Mágica com o objetivo de defender o direito de sonhar de crianças e adolescentes da Comuna 13, onde viviam. A relação que tinha com a Igreja Católica também foi a porta de entrada de Sandro Sussuarana no ativismo.

Eu cheguei aqui no CENPAH porque eu já trabalhava com mobilizações e fazia capoeira. Eu era da Igreja Católica, frequentava muito a igreja e todos os padres me conheciam. A minha prima já fazia parte do espaço pela pastoral Afro até que um dia, o Padre Fidel me convidou para participar de uma formação de mobilizadores sociais, para liderança. O ano era 2002 ou 2003. Eu fui para essa formação que durou quatro anos. Quando a formação acabou, nós fundamos um grupo chamado *Juventude Negra pela Paz*, que assumiu todas as ações culturais de mobilização da comunidade. O *Juventude Negra pela Paz* passou a fazer: *O Hip Hop da Onça*, *A Caminhada da Consciência Negra* e no seminário do Padre Heitor, a gente começou a ajudar na organização (*Sandro Sussuarana – Sarau da Onça, Salvador*).

Independente das trajetórias individuais das/os jovens, em geral, são situações conflituosas que as/os fazem fortalecer a articulação coletiva. Foi o que aconteceu com o Colectivo A La Hora 30. Diante da ameaça da prefeitura municipal de destruir as áreas verdes do Distrito de Aguablanca para construção de edifícios, sem nenhum diálogo com a população local, três jovens se juntaram e começaram a articular ações para informar as/os moradoras/es do que estava sendo planejado pela administração local e pensar caminhos coletivos para enfrentar o problema. Esta foi a primeira de muitas outras ações que as/os jovens continuaram fazendo ao passo que foram se compreendendo como coletivo, definindo suas agendas e metodologias de ativismo.

A Fundación Un Distrito en Paz (FUNDP), por sua vez, começou a ser gestada por jovens que faziam parte da torcida (*barra brava*) *Barón Rojo Sur*, dentro do time América de Cali e não se identificavam com algumas atitudes de jovens integrantes da agremiação que, via de regra, se valiam de atos violentos para expressar a rivalidade entre integrantes de outras torcidas (*barras*). Para produzir outras respostas, começaram a apostar no trabalho comunitário. E nesse caminho a FUNDP nasce e se consolida, ganhando respeito e se tornando uma referência para a população do Oriente de Cali.

FUNDP é uma organização que atua identificando qual é a situação problemática que temos e sempre estamos interessados no que podemos fazer, como podemos apoiar (*Andrés, o Larguito – FUNDP, Cali*)

Os caminhos que levam à articulação comunitária são diversos. Porém, foi possível identificar nas trocas estabelecidas com as/os jovens nas duas cidades que há uma motivação que parte de um *locus* semelhante: o descontentamento, a descrença na política institucional e a indignação com as injustiças sociais. Para Castells (2017, p. 29), muitos destes processos de ação coletiva são enraizados na indignação, propelidos pelo entusiasmo e motivados pela esperança. Como apontam algumas falas:

Criamos o JACA **para estar com poesia** [...] para a juventude comunicar seus erros, seus problemas, suas dores. Para a gente **crescer junto e construir formas estratégicas para vencer** (*Marcos Paulo Silva – Juventude Ativista de Cajazeiras, Salvador*) [grifos meus]

O Levante nasce porque queríamos apresentar uma alternativa, apresentar que era possível a gente continuar em uma outra realidade que pudéssemos apresentar ao povo brasileiro que a gente poderia **tomar as rédeas da nossa vida em nossas próprias mãos** (*Júlia Hirsberg – Levante Popular da Juventude, Salvador*). [grifos meus]

**Aqui, tudo vira uma desculpa para a gente se organizar. Nos organizamos como juventudes que resistem através da bicicleta como um meio de transporte** [...] é também uma luta ecológica e de ressignificação dos trabalhadores que se movimentam de bicicleta a partir do Distrito de Aguablanca para todo o resto da cidade (*Sofía Giraldo - Colectivo A La Hora 30, Cali*). [grifos meus]

Em Salvador, a maioria dos/as jovens negro/as com os que dialogamos localiza esta indignação na necessidade de criar e/ou se associar a coletivos, grupos de arte e comunicação para enfrentar as marcas de estigmatização, decorrentes do racismo. Dizem ainda que quando o/a jovem negro/a começa a tomar consciência do racismo que marca e encarcera seu corpo, essa indignação vira vontade de “gritar”. E nos grupos que criam e/ou se associam, encontram

um espaço de acolhimento para que esse grito seja coletivo. O depoimento de Sandro Sussuarana retrata esse movimento:

Comecei a fazer teatro com o Oloruns da Arte, de Danúbia Santos<sup>275</sup>. O primeiro espetáculo que ela criou chamava: ‘Onde está o seu racismo?’, no qual ela trazia várias questões e eu comecei a me inteirar disso e sentir essa necessidade de ter essa leitura mais próxima de mim, de coisas que falassem da minha realidade. E aí fomos fazendo, continuamos a fazer mobilizações, **criamos um projeto chamado: ‘Perifa é arte: um olhar diferente’, já pensando na forma como as pessoas olhavam para a periferia [...]** O objetivo desse projeto era dar oficinas para que posteriormente as pessoas que participassem delas conseguissem tirar uma renda, porque a gente sabe que a vida de quem mora na periferia é fazer o corre direto. **Também queríamos dar formação em cidadania, porque a gente estava formando outros jovens para enfrentar o racismo e o machismo** (Sandro Sussuarana – *Sarau da Onça, Salvador*) [*grifos meus*].

Outra motivação das/os jovens para se organizar em coletivos é a busca pela inclusão econômica por meio do emprego ou do empreendedorismo na área artística e/ou comunicacional. O trabalho com arte e comunicação é um caminho possível para a construção de projetos de vida e inserção no mercado de forma digna, sem precisar se submeter a atividades de natureza precária.

Este movimento que está diretamente relacionado ao enfrentamento ao racismo que estrutura as sociedades brasileira e colombiana, uma vez que ao constituir as relações socioeconômicas, o racismo estabelece os “pontos de chegada” para as pessoas brancas e as não-brancas. Como ressalta Souza (2011, p. 42), “para os negros, a produção cultural pode ser tomada como esteio para as maneiras de ‘buscar a liberdade’, em um contexto social que decidiu desumanizá-los, torná-los ‘coisas’”.

Não aceitar o lugar “pré-estabelecido” e dedicar-se ao trabalho artístico e comunicacional é, portanto, uma forma de enfrentar o racismo estrutural, como aponta o depoimento de Livia Suarez, do Coletivo La Frida:

Aconteceu em 2015, quando eu olhei a minha carteira de trabalho e vi que só havia trabalhado em telemarketing e como vendedora. Eu sabia que eu era uma potência de criatividade, inteligência e eu me enxergava como pessoa potente. Quando me dei conta aos 24 anos que o que tinha na minha carteira de trabalho eram apenas telemarketing e vendedora, e que essa era a oferta para a gente na época, eu cansei. Se uma pessoa negra que não é formada vai procurar emprego, só é ofertado isso. Isso acontece também com quem é formado. Salvador é a cidade do desemprego, e o que acontece é que essa oferta quando as pessoas se formam, é ofertada para pessoas

---

<sup>275</sup> O grupo foi criado pela artista Danúbia Santos, moradora de Sussuarana. Mais informações disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=C1CXuo99QJs>. Acesso em 11 jul. 2019.

brancas. **Eu já estava cansada de depositar a minha inteligência em outras empresas**, assim como Maylu Isabel [à época, sua companheira]. **Nós duas já estávamos querendo empreender, então eu disse: Mai, vamos empreender, vamos pedir demissão [...]** Começamos a vender café na UFBA. Começamos a vender muito porque a gente já começou com o copinho personalizado, tudo bonitinho, tudo bem decorado, e a UFBA foi o lugar onde demos nosso pontapé inicial. A galera abraçou, a galera apoiou [...] **Quando a gente constituiu o La Frida, desde o início a gente partiu de um empreendimento e, logo, partiu de um movimento.** Eu acho que as pessoas é que foram dizendo que nós somos um coletivo, a gente sempre dizia que era um movimento. A diferença entre movimento e coletivo é que: o movimento (como a gente enxerga) pode ser feito por uma pessoa, por quatro pessoas, por dez pessoas. Estamos sempre em fase de transformação e movimentação. Quando a gente pensou em ser um movimento, a gente não sabia de fato como isso se daria, mas sabíamos que estávamos o tempo inteiro em movimento e realizando ações. Então a questão do coletivo foi se dando, as pessoas foram enxergando a gente como um coletivo feminista negro. E que bom, que continue assim (*Lívia Suarez – Coletivo La Frida, Salvador*) [grifos meus].

Na partilha de Lívia é possível perceber uma compreensão do empreendedorismo como forma de subverter a lógica neoliberal que condiciona as oportunidades de emprego para jovens negras de classes populares. O empreendedorismo ao qual se dedica na Casa La Frida é atrelado à luta social, à mobilização de outras mulheres negras, ao crescimento coletivo e não apenas individual. A percepção de Lívia encontra eco em diálogos que teci com outras/os jovens, tanto em Salvador quanto em Cali.

Contudo, é preciso ter cautela ao analisarmos as diferentes facetas do discurso do empreendedorismo, que se faz cada vez mais presente no contexto atual marcado pela perda sistemática de direitos por parte das/os trabalhadoras/es. Muitas vezes, estes discursos que valorizam o “empreender” como possibilidade de gerenciar o próprio tempo e ter autonomia ocultam a realidade das relações entre trabalho e capital.

Neste sentido, por mais que muitas/os jovens se dediquem a consolidar os coletivos como empreendimentos culturais, sociais e políticos que geram renda para suas/seus integrantes, fissurando os lugares pré-estabelecidos para as juventudes negras empobrecidas e as fronteiras entre a *zona del ser* e a *zona del no ser* (ZIBECHI, 2007), as armadilhas do sistema estarão sempre presentes. E cair nelas é um risco iminente.

No entanto, o mesmo corpo que está submetido a traumas, tensões musculares, desordem de memórias, racismo, coisificação do ser, desmantelamento cognitivo, é o corpo como esfera de saber que é capaz de transgredir a violência e opressão e inscrever formas de luta e caminhos para se reinventar (RUFINO, 2019).

Desta forma, o aquilombamento continua sendo a aposta política das/os jovens para evitar esse – e tantos outros – riscos. Observa-se, em suma, que a atuação dos coletivos é

sustentada pela articulação de várias dimensões de forma não-hierarquizada: busca por sustentabilidade financeira; produção de memória; reivindicação de direitos; construção de outras formas de viver, de se articular, de lutar contra as opressões. Mesmo que as motivações individuais e coletivas sejam heterogêneas, assim como o são os contextos contra os quais estas juventudes se insurgem, há na atuação coletiva um movimento orgânico e entrelaçado de construção de saberes que são mobilizados pelas lutas sociais.

Há uma intencionalidade dos grupos de desenvolverem formas comunitárias que se distanciam de modelos tradicionais de organização como o dos partidos políticos e os sindicatos de classe, por exemplo. A lógica de encontro das/dos jovens tem como princípio excluir as noções de mando e de obediência e encontrar outras formas de fazer política, de aprender, de ensinar, de construir outras histórias, bairros, escolas, cidades, corpos possíveis. Lançam-se ao exercício da política dentro da sociedade e não separados dela (ZIBECHI, 2007).

Independente das motivações ou das bandeiras de luta, integrar-se a um coletivo, ONG ou movimento contribui para que os/as jovens encontrem “o seu lugar no mundo”:

(...) **me esforço, durmo e acordo pensando no desafio que é ser uma mulher cada vez mais coletiva, ser uma mulher que não pensa em Júlia como indivíduo, mas uma Júlia em construção, que me antecede.** E isso é para a vida toda, ficar atenta às contradições que me atravessam, mas que enfim, é uma tarefa minha de transformar para passar a mensagem que não estamos sozinhas. (...). **Resistência para mim é conseguir ser o sujeito coletivo que eu sou, e não titubear na certeza de que existe uma alternativa de construção de realidade, de projetos, que isso não é o fim para nós.** Resistir organizado não é fácil quando o capitalismo todos os dias diz que a organização política não dá respostas, que os processos coletivos não dão respostas, que a iniciativa individual é o que dá melhores condições de vida (...). Eu faço resistência existindo, sendo o sujeito que eu sou, o sujeito coletivo que eu sou e construindo organização popular, dizendo todos os dias que meus problemas não são problemas de Júlia, mas são problemas do povo brasileiro (*Júlia Hirsberg – Levante Popular da Juventude-BA, Salvador*) [grifos meus].

Encontramos na Alfombra Mágica **uma possibilidade de trabalhar em coletivo pela nossa comuna.** Em fazer algo para salvar a vida de jovens, como nós, as principais vítimas das *pandillas* que temos aqui. **A possibilidade de ocupar a rua, transformar nosso território** (*Ángel Gonzalez Nupan e Miguel Anaconda Rodríguez – Fundación Alfombra Mágica e Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

Quem nós somos? Somos um quilombo! Somos mulheres, somos negras, somos poetas (*Apresentação do Coletivo ZeferinaS em suas redes sociais – Salvador*)

Tecer coletividades como tática diante das opressões aponta que o que está em jogo é o pertencimento a algo maior do que suas subjetividades, seus desejos individuais, embora, evidentemente, eles sejam fundamentais. Associo este reconhecimento ao processo de tomada de consciência da condição de opressão, como explica Kabengele Munanga (2009, p. 15) ao definir especificamente a negritude: “Tomada de consciência de uma comunidade da condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas”. O autor reforça, ainda, que a negritude faz parte da luta para reconstruir positivamente a identidade das populações negras, o que não se dá de forma passiva, pelo contrário, se dá com a transformação da solidariedade e da fraternidade em armas de combate (MUNANGA, 2009).

É este movimento que se faz presente na atuação destas juventudes aquilombadas. São juventudes que decidiram lidar com as opressões “caminhando comunitariamente”, para recorrer a uma expressão trazida por Miguel Anaconda Rodríguez para definir resistência. E é a partir da arte e da comunicação que se dá esse caminhar. Independente das linguagens, metodologias e pedagogias utilizadas as práticas ativistas dos coletivos em Salvador e em Cali têm como premissa o uso político da arte e da comunicação.

#### **4.5.3. Convergências metodológicas**

Compreendendo as atuações em arte e comunicação das juventudes das quebradas como processos de educação popular e olhando para as encruzilhadas que se formam ao conectarmos as atividades dos coletivos em Salvador e em Cali, é possível identificar tanto metodologias quanto intencionalidades pedagógicas convergentes. Destaco três metodologias que, a meu ver, disparam processos de aprendizagem e de construção de conhecimento nos territórios onde as/os jovens atuam. São elas: “leitura afetiva do território e escuta ativa de pares”; “criação de espaços educativos” e “construção de alianças táticas”.

##### **4.5.3.1. Leitura afetiva do território e escuta ativa de pares**

**A proposta do Mocambos Marginais era ocupar oito comunidades do Subúrbio Ferroviário com fotografias. Fazer uma ocupação fotográfica dentro dessas oito comunidades.** Uma exposição a céu aberto, onde nós tivemos todo um processo de mobilização, de contato com essas comunidades. Dentro de cada comunidade que a gente tinha o contato, tinha uma figura de referência, porque **por mais que eu seja do Subúrbio**

**Ferroviário, tem comunidades que eu não tenho tanto acesso.** Então "porque eu estou chegando aqui com a câmera fotográfica, eu vou fotografar vocês, eu vou chegar sem pedir licença". É como a gente chegar na casa do outro. Você não chega na casa do outro de supetão. Você avisa, você pede licença. **Então as figuras de referência dessas comunidades eram figuras que nos orientavam, nos ajudavam a tá entrando nessas comunidades, a ter acesso a essas pessoas e assim a gente também tá criando um vínculo. Foi esse momento que nós chamamos de "mapeamento". Nós fizemos mapeamentos nas comunidades e todos os processos de captação de imagem.**

Essa ocupação fotográfica contou com fotógrafos e duas pessoas que faziam poesia, porque a ideia não era ter só fotografias, era uma ocupação fotográfica com fotografias e poesias (poesia marginal), onde **essas poesias eram confeccionadas dentro desse processo de mapeamento**, que as pessoas que estavam responsáveis pela poesia - Marina Lima e Maiara Cerqueira - elas iam com a gente dentro desse processo de mapeamento das comunidades, observavam as comunidades e, a partir dessa observação, elas iam confeccionando o repertório poético que ia estar junto com as fotografias.

[...]

**Dentro dessa ida às comunidades, a gente fazia a leitura visual do local.** Tinha todo um processo de mapeamento muito mais sensível, um mapeamento afetivo também, emotivo. Porque a vida dessas pessoas eram vidas que se misturam com a nossa, porque toda a equipe eram pessoas do Subúrbio Ferroviário. A ideia é trabalhar com pessoas do Subúrbio Ferroviário (toda a equipe técnica que estava dentro do Mocambos Marginais), então não era um olhar estrangeiro, é o nosso cotidiano, é a nossa vida, é a nossa escrevivência (*Vaguiner Braz, Coletivo Cutucar – Salvador*).

**Figura 16 -** Mocambos Marginais: à direita, fotografia integrante da exposição. À esquerda, foto de parte da equipe do projeto



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivocutucar/>

Na descrição da metodologia desenvolvida pelo Coletivo Cutucar - tomada aqui como exemplo por evidenciar aspectos convergentes com as práticas de outros coletivos - é possível identificar um processo de mapeamento do território onde será realizada a ação. Ele envolve a articulação de pessoas de referência para criação de uma rede local e fortalecimento de vínculos afetivos com as/os moradoras/es e com os bairros; a observação atenta das dinâmicas locais para identificar como montar a exposição a céu aberto e como envolver a população em todo o processo, para que aquelas narrativas fizessem sentido não apenas para as/os jovens artistas, mas principalmente para seus pares, para suas comunidades. Destaca-se ainda o critério para a composição da equipe: todas/os eram moradoras/es do Subúrbio Ferroviário.

Não se tratou de procedimentos voltados exclusivamente para resolver as questões logísticas e executar o planejamento da ação de forma eficaz; tratou-se, ao contrário, de uma operação tática, uma metodologia baseada na escuta ativa de pares e na leitura afetiva das/os jovens artistas que estão implicadas/os na ação. Para além da realização de um diagnóstico sobre quais os melhores lugares para expor as fotos, identificação de pessoas que pudessem atuar como pontos focais, articulando as ações em cada bairro, esta escuta ativa e leitura afetiva do contexto local permite um reconhecimento do território e um (re)conhecimento de si que se dá no processo de criação artística, como foi o caso das poetisas que participaram da exposição *Mocambos Marginais* e encontraram a poesia na troca com as pessoas, no caminhar pelas ruas.

Um aspecto que merece destaque no relato do artista sobre as metodologias do *Mocambo Marginais* é que tinham ciência de que o fato de serem moradores da região, por si só, não lhes colocaria no lugar de quem já possuía todas as informações que precisava e era só partir para a ação. Sabiam que era preciso ler o território em toda a sua complexidade – inclusive no que se refere aos poderes em disputa em cada bairro com as dinâmicas das facções criminosas e as operações truculentas da polícia - e construir o projeto de forma processual com a comunidade. O fato de serem “crias” do território, no entanto, permitiu que esse mapeamento tenha se dado de forma conectada com suas próprias experiências, como diz Vaguiner: “não era um olhar estrangeiro, é o nosso cotidiano, é a nossa vida, é a nossa escrivivência”.

Desta forma, no desenvolver de todas as etapas do projeto - mapeamento dos lugares, escuta ativa de moradoras/es, identificação de pessoas de referência, saídas fotográficas, edição das imagens, montagem da exposição nas ruas dos oito bairros etc. – as/os integrantes



do Cutucar estavam dedicando-se a narrar, escrever, publicizar as histórias desse lugar, não só dessas pessoas, mas as suas próprias.

De Cali, trago como exemplo o “*Primer Campamento Cultural de La Paz*”, evento em que tive a oportunidade de estar presente, juntamente com Alana Barbosa. Nesta postagem feita pela FUNDP – um dos coletivos organizadores da ação –, em sua página do Facebook, é possível ter uma visão geral da iniciativa. Trago a apresentação completa para que seja possível perceber os critérios e as intencionalidades por detrás da programação do evento.

Chegamos ao final do primeiro acampamento itinerante em Aguablanca, dois dias cheios de emoções, “correria” e arte em apoio às comunidades que resistem na vizinhança. Como artistas e líderes, procuramos contribuir para a construção de cenários que ajudem a dignificar a vida, além do mero entretenimento, estamos convencidos de que a arte tem uma função social. Para o “PEDAZO”, para o “BARRIO” para o “TERRITÓRIO”.

O “*1º Campamento Cultural de la Paz*” que aconteceu entre 11 e 12 de agosto foi um dia que envolveu a comunidade, crianças e adolescentes em uma série de oficinas que visavam **promover a organização comunitária e ações diretas não violentas em defesa do território. Foi uma oportunidade para as pessoas expressarem o que vivem, sentem e pensam.** Com barracas, fogão de acampamento, fogão a lenha, os poemas e canções de DON SILBERIO, as organizações sociais acamparam e resistiram neste fim de semana cheio de dignidade.

Organizações sociais de Cali e do Cauca se reuniram para fazer de uma problemática, um acampamento cultural, no qual participaram com as seguintes atividades:

Oficina ABRA-PALABRA do coletivo Colibrí, pôde compilar os sentimentos das crianças em cartas e desenhos com um dia agradável de canto, leitura e escrita criativa.

Oficina de teatro com Ángel Miramonti, onde crianças e adolescentes expressaram os problemas do setor como atores e atrizes naturais através da linguagem corporal e do teatro.

Desempenho do “CAGADERO” no qual as pessoas do setor de La Paz sentaram-se em um vaso sanitário ao ar livre e manifestaram que a “CAGADA” era a construção dos edifícios porque eles perderiam o único lugar onde poderiam brincar, praticar esportes, fazer “bicos” e descansar.

A oficina “TRAPOS” realizada pela FUNDP foi a mostra gráfica que ensinou à comunidade que *barrismo* não é vandalismo ou violência, ao contrário, é arte e cultura, que podem usar seu elemento sagrado de expressão que são as faixas (*trapos*), para expressar uma forte mensagem sobre as problemáticas que acontecem no território.

Tunía Teatro e Colectivo Colibrí, apresentaram a peça “FARSA Y JUSTICIA” e “CLOWN” na qual pudemos testemunhar o grande nível de conscientização que as crianças e adolescentes da comunidade têm quando

exigiam no meio da peça "JUSTIÇA, JUSTIÇA, JUSTIÇA" quando viram as ações corruptas da pessoa que representava o senhor corregedor e seu secretário.

No final da noite, o coletivo FESDA realizou uma exibição de filmes ao ar livre, que mostrou curtas nacionais e internacionais sobre a organização da comunidade na defesa dos territórios, assim como a importância do cinema e da mídia audiovisual para tornar visíveis as lutas que estão sendo realizadas.

No dia 12 de agosto de 2018, a comunidade de Los Lagos II e La Paz testemunhou a comparsa realizada por todas as organizações sociais participantes do acampamento.

A Fundación Un Distrito En Paz, realizou uma partida entre meninos e meninas, para promover a convivência, a inclusão, a recreação saudável e o uso do tempo livre, além de ser o esporte mais praticado no campo que será invadido pelos edifícios, a partida foi um ato de resistência que expressa que O NOSSO CAMPO NÃO É VENDIDO.

Mais tarde, no Tribunal de Paz, Alfombra Magica (Tapete Mágico) realizou uma divertida oficina de fabricação de brinquedos para as crianças do setor, na qual muitos adultos também puderam lembrar nostalgicamente sua infância, antes que a tecnologia pusesse um fim às brincadeiras. Ao mesmo tempo, Al Ritmo de Ladera, com os companheiros que nos visitaram do Brasil, realizou um programa de rádio ao vivo, falando sobre como era o acampamento, e a comunidade pôde se expressar com microfones abertos. O professor Luis Enrique Amaya nos visitou do Peru para nos dar uma grande oficina de POETRY.

Unidade, solidariedade, resistência e alegria foram valores que se destacaram em todo o campo, o que podemos dizer que foi um sucesso e encheu a comunidade de esperança e força para continuar sua luta em defesa do parque, áreas verdes e escolas ameaçadas por máquinas, repressão e o arboricídio que manifesta a construção destes edifícios. O QUE É A SUA HISTÓRIA? UM DISTRITO EM PAZ<sup>276</sup>.

**Figura 17** – Registros do *Primer Campamento Cultural de La Paz*



<sup>276</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/page/1297358273625675/search/?q=primer%20campamento>  
Acesso em 16 fev. 2022.



Fonte: <https://www.facebook.com/fundpazoficial>

É possível identificar várias frentes metodológicas nesta única ação, mas vou me ater à dimensão em questão: a leitura afetiva do território e a escuta ativa de pares. Diante da possível chegada impositiva, por parte do governo municipal, de mega construções no bairro de *La Paz*, o que iria impactar a vida de suas/seus moradoras/es, uma série de coletivos e organizações sociais que atuavam no local decidiu se articular e criar um espaço de intervenção política. O acampamento – cujo nome já traz uma ideia de ocupação e coletividade – gerou um espaço comunitário acolhedor onde foi possível informar e alertar a comunidade sobre a ameaça em curso, fortalecer uma rede para enfrentar o problema de forma coletiva e – o que destaco para esta análise – compreender as dinâmicas do território e escutar suas/seus moradoras/es: crianças, adolescentes, jovens, idosos, mulheres.

**Figura 18** – Oficina de *Trapos* no *Primer Campamento Cultural de La Paz*



Fonte: autoria própria

**Figura 19** – Ação *El Cagadero*



Fonte: autoria própria

A partir de oficinas lúdicas foi possível mapear as percepções de crianças. Com a criação de um programa de rádio foi possível conhecer experiências de outros países, trocar informações e escutar lideranças locais que recordaram situações similares já vividas no território e quais as respostas haviam sido dadas à época. Uma das entrevistadas na rádio ao vivo foi Gizele Martins, comunicadora comunitária do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Na oportunidade, ela contou a situação vivida na Vila Autódromo, comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Como parte da política urbana adotada na preparação das cidades para a realização das Olimpíadas Rio 2016, cerca de 500 famílias da comunidade foram removidas<sup>277</sup>. Diante disso, os coletivos e organizações locais se articularam e promoveram

<sup>277</sup> Disponível em: [http://www.childrenwin.org/wp-content/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015\\_low.pdf](http://www.childrenwin.org/wp-content/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015_low.pdf) Acesso em 16 fev. 2022.

uma série de ações. Entre elas, está o Museu das Remoções<sup>278</sup>, citado por Gizele durante a entrevista.

**Figura 20** – Gravação ao vivo com Rádio A Ritmo de Ladera



Fonte: autoria própria

Desta forma, esse espaço comunitário e político criado pelos coletivos não só fortaleceu a comunidade para enfrentar as ameaças externas como proporcionou espaços de escuta da comunidade e de vozes aliadas. Olhando para as metodologias dos Mocambos Marginais e “*Primer Campamento Cultural de La Paz*”, tomados aqui como exemplos, é possível notar que a escuta ativa, afetiva e efetiva como metodologia proporciona um processo sistemático de (re)conhecimento de si e das suas/dos seus nestes territórios.

O ativismo permite, em alguma medida, às/aos jovens construir zonas fronteiriças nos seus próprios espaços geográficos, à medida que atuam neles com suas práticas culturais, artísticas, comunicacionais, políticas e assumem o papel de produtores, agentes. Adotam comportamentos táticos que são fluidos, moventes e não partem de um postulado de poder, operam de forma articulada com os detalhes do cotidiano (DE CERTEAU, 2014).

É neste sentido que cada coletividade de jovens, com suas agendas, perfis, motivações desenvolvem metodologias para escutar, mapear, reconhecer os territórios para traçar as suas ações. Estas táticas contribuem com o processo de diagnóstico, uma vez que as/os jovens conseguem visualizar quais são as demandas da comunidade e de que forma podem contribuir com suas ações para contemplá-las, quanto com o processo de sistematização, produção e difusão de informações que embasam as reivindicações locais e visibilizam tanto suas problemáticas quanto suas potências.

---

<sup>278</sup> O Museu das Remoções foi criado com o objetivo de preservar a memória e as histórias das famílias removidas e servir como instrumento de luta. Disponível em: <https://museudasremoco.es.com/sobre/o-museu-das-remoco.es/> Acesso em 16 fev. 2022.

Como parte do mapeamento afetivo, é prática recorrente entre os coletivos realizar uma busca ativa em seus territórios e fora deles para conhecer experiências similares às que eles desenvolvem e, desta forma, firmar parcerias, fortalecer redes. Neste processo, assim como na produção e difusão dos produtos artísticos e comunicacionais elaborados pelos coletivos como documentários, exposições fotográficas, livros de poesia, realização de festivais etc. se dá um processo de sistematização, de produção de conhecimentos sobre territórios e com atores sociais que costumam ser representados de forma estigmatizada pela mídia, pelas produções acadêmicas etc.

Desta forma, algumas produções já trazidas na teia, como os documentários “As águas de Cajazeiras”, “*Bici-bles*”, entre outros, bem como os livros produzidos nos saraus são metodologias de sistematização e difusão das produções feitas pelos sujeitos periféricos. Assim como o são as táticas de mapeamento como o “*Mapping das Minas*”, uma ação desenvolvida pelo Slam das Minas para mapear as artistas da palavra que atuam na região Nordeste, com intuito de gerar e compartilhar um importante banco de dados sobre o tema, bem como estabelecer alianças estratégicas. Na mesma linha, o RAP 071 produziu o Mapa das Batalhas<sup>279</sup>, um mapeamento das batalhas de hip-hop na Bahia disponibilizado na internet. Já o Favela Revela se propõe a ser uma plataforma multimídia que divulga jovens artistas e projetos desenvolvidos nas periferias.

Em Cali, a Plataforma Local de Juventud Comuna 13 não só mapeia como fomenta a criação de iniciativas juvenis em arte e em comunicação. O mesmo ocorre com o FESDA que identifica comunicadoras/es e produtoras/es comunitárias/os, fortalece uma rede entre elas/es e fomenta a divulgação de produções que dificilmente conseguem se inserir nos circuitos tradicionais de difusão audiovisual. Tática similar é adotada pela Reprotai, na Península Itapagipe, em Salvador, como já visto.

#### 4.5.3.2. Criação de espaços educativos

Para abordar esta metodologia, peço licença para trazer um trecho do diálogo tecido durante uma das *lives* que realizamos com jovens da FUNDP que revela a base da metodologia de *barrismo social* desenvolvida pelo coletivo.

**Misterio:** O conceito de *barrismo social* surge como lei em 2009 [Lei 1270, de 2009] [...] **o que acontece na Colômbia é a repressão às torcidas e o**

---

<sup>279</sup> Disponível em: <https://www.rapzeroseum.com.br/mapa-das-batalhas> Acesso em: 14 fev. 2022.

**que se propõe no conceito de *barrismo social* é segurança, comunidade e convivência com o futebol [...]** Nós começamos a trabalhar com esse conceito há mais ou menos seis anos. Fomos nos dando conta de como funcionava e o que fizemos foi enfocar, ou trazer a dimensão da lei do futebol nos nossos programas [...] o que nos motivou primeiramente foi uma pesquisa sobre futebol realizada por uns professores de Antropologia da Universidade ICESI, aqui em Cali [...] investigamos o futebol, como ele chegou no nosso país. **Nos demos conta das atrocidades feitas pela elite econômica, ou melhor, a elite que controla a economia neste país, ou os que chegaram a controlar.** Percebemos como as grandes empresas multinacionais roubaram as terras, fizeram massacres e distraíram a população por meio do futebol. **Esse aprendizado em antropologia com os professores nos levou a ter uma postura muito crítica com relação às dinâmicas do futebol, mas nos levou também a nos apaixonar ainda mais pelo futebol e a querer recuperar a naturalidade que este esporte tem, que é aqui no bairro com as pedrinhas, no campo de futebol (*canchas*), que é do jeito que seja [...]** começamos a fazer algo muito diferente daquilo que mostram os meios de comunicação: que as *barras* são só violência. Nós **nos dedicamos a mostrar que somos seres humanos como qualquer outros e temos aspirações, dificuldades, mas muita vontade de fazer, de agir.** E assim enfocamos o *barrismo social*, para que nossas vidas sejam vistas sob um aspecto integral.

**Hector Obando:** [...] as *barras* também foram geradoras de violência, de morte de muitos jovens e de um fanatismo pelo futebol que é irresponsável. **Então, o *barrismo social* nasce muito com essa outra mirada, essa outra forma de nos organizar como *barras* e de levar a paixão/o fanatismo que nos chega através da música, da arte, de atividades que nos façam autossustentáveis e que nos faça desenvolver nossa personalidade [...]** nós nos preocupamos em colocar a voz de las *hinchas*, las *barras*, porque somos nós que vivemos todos os dias nesse espaço de discussão de política pública. Então, começamos na raiz da investigação que meu companheiro comentava, a identificar que a **problemática da violência não era gerada pelo futebol, pelos estádios, pelas viagens** [que fazem as torcidas organizadas para assistir aos jogos], **mas ela vem de todo um contexto dos bairros, do conflito armado que existe nesse país, que é a conjuntura que nós crescemos** [a violência] **Vem muitas vezes do abandono familiar [...]** e se expressam, muitas vezes, nessas personalidades fanáticas que agem de forma equivocada. Isso motiva a gente a levar o *barrismo social* e a implementá-lo nos bairros onde acontecem as problemáticas entre as torcidas rivais, ou com jovens de *pandillas* e, também, com líderes de grupos culturais. E, a partir daí, **nos articulamos para gerar estes diálogos com as comunidades a partir dessa pergunta: o que nós podemos fazer para escapar daquilo que nos discrimina?** Então, começamos com o que sabíamos de esporte, fazendo atividades recreativas e esportivas para meninos e meninas. Aproveitávamos e dialogávamos com os pais, as mães, para que parassem de nos ver com desconfiança. **Fomos, pouco a pouco, gerando espaços educativos entre a comunidade e entre nós mesmos, das *barras* para refletir como se dá aqui o tema do futebol e passar a aprofundar e realizar ações que pudessem ser mais contundentes a partir da arte, para visibilizar todas as potencialidades juvenis que tem no Distrito de Aguablanca,** que tem em nossa *barra* [...] dialogamos com jovens de diferentes estratos [sociais] e diferentes expressões ou profissões, mas cada um tem o seu conflito. Convidamos os jovens (os *pelados*) que estão no

tema da arte visibilizando os talentos em toda a cidade de Cali e, também, mostrando as carências que temos ainda no nosso território às outras pessoas [...] **é muito importante que as pessoas conheçam o seu próprio território, assim como nós conhecemos muito nosso país através do futebol, conhecer a riqueza que temos no Distrito de Aguablanca. [...] nos demos conta de que não tínhamos que sair do bairro, mas que ficar aqui e transformar nosso território, aproveitar verdadeiramente os recursos naturais, hídricos e culturais que temos no Distrito de Aguablanca. Nos demos conta de que isso não é dissociado do futebol.** Por isso, começamos a ir nas diferentes quadras (*canchas*) dos bairros, **atravessando as *fronteras invisibles* com o tema do futebol e com nossa metodologia local de jogar futebol.** Não é o futebol oficial da FIFA. Buscamos uma outra maneira de jogar futebol que inclua as **mulheres, que inclua as crianças, o tema racial** [...] Todas essas coisas são a base da implementação do *barrismo social*. A mesma expressão que mostramos nos estádios podemos utilizar nas nossas comunidades.

**Misterio:** [...] *barrismo* e sociedade estão intrinsecamente conectados, mas deixamos que a sociedade nos rejeite e, por isso, eu como *barra*, vou rejeitar a sociedade. **O que nós temos feito é criar todo um ambiente não para que o *barra* se torne parte da sociedade, mas para que participe socialmente. Podem não respeitar nossa vida *barra*, nossa dinâmica, mas nós respeitamos os rappers, os que andam de skate, os que gostam de trabalhar em uma empresa, os que pintam. O *barrismo social* nos traz um contexto de família [...]** Nós nos dedicamos a devolver a paixão [pelo futebol] a nós mesmos e a propagá-la. [queremos] **que o esporte seja vivido com paixão, mas que essa paixão não deve desrespeitar a vida do outro, o ponto de vista do outro, a raça do outro [...]** passamos a participar como um agente social dentro de todos esses contextos onde estão a população de onde nós vivemos. [...].quando mostramos isso para os jovens e crianças que estão começando a jogar futebol agora e que desejam ser profissionais, acreditamos que podemos plantar uma semente de amor pelo futebol, mas principalmente, pelo humano, pela pessoa, por seus companheiros. *Barrismo Social* nos leva à nossa loucura, a viver isso todos os dias, a nos preparar, **buscar ferramentas que nos permitam avançar. Somos uma *pandilla* que lê muito, que nos interessa os temas espirituais que também estão ligados ao futebol, temas *lokos* que podem dizer ‘o que isso tem a ver com futebol?’**, mas nós nos demos conta que tem muita manipulação dos sistemas, dos países e tem uma estrutura que quando nós nos damos conta de como funciona, podemos agir para nos defendermos, para aproveitar e resgatar muitas coisas das que todo o povo dá a essa gente para supostamente sustentar os países. Acredito que **o futebol nos levou muito além do que pensávamos e temos conseguido conectar o espiritual com a estrutura social e com a pessoa.** Amamos isso, gostamos de vivenciar isso e nos expressamos assim. Porque nós temos títulos universitários, mas que não ganhamos por meio do *barrismo social*, por meio da Fundação, mas que não fomos nós que pagamos. Então, **assim nos expressamos, vivemos, nos estruturamos do jeito que queremos e de acordo com o que vemos e o que vivemos.** [grifos meus]

Misterio e Hector Hobando apresentam a base metodológica do trabalho realizado pelo coletivo. Trago o exemplo do *barrismo social*, que apesar de distinto das práticas



ativistas com as quais dialoguei em Salvador, tem em comum a intencionalidade de criar espaços educativos junto aos seus pares, neste caso crianças, adolescentes e jovens que vivem nos territórios violentados de Cali. Esta é uma metodologia convergente entre os coletivos das duas cidades. Há a intencionalidade de criar espaços de produção de conhecimentos-emancipatórios, aqui entendidos na perspectiva de Gomes (2017, p. 59) em diálogo com Boaventura de Souza Santos:

o conhecimento-emancipação é cheio de nuances, riscos, conceitos provisórios que podem ser mudados de acordo com a dinâmica social e a politização da sociedade. Não tem a pretensão de ser perene, embora corra esse risco, pois ainda opera dentro da razão indolente. É nele que se torna possível a proposta de diálogo entre os saberes e os sujeitos que os produzem; ou seja, **o conhecimento-emancipação é intensamente vinculado às práticas culturais, sociais e políticas** [grifos meus]

A criação, bem como as modalidades dos espaços educativos criados variam de acordo com os contextos, as linguagens e repertórios de cada coletivo. A convergência está na intencionalidade de mobilizar com suas práticas ativistas outras/os jovens a imprimir leituras críticas e engajadas sobre seus contextos sociais, raciais, econômicos, culturais e políticos.

Muitas vezes, como foi o caso dos jovens da FUNDP ter acesso a um processo formativo prévio desperta neles uma maior compreensão de suas próprias realidades e contextos, fortalecendo seus letramentos sociais, raciais e políticos, o que lhes permite desenrolar uma espécie de “atuação-ponte” com outros jovens e/ou coletividades. Os integrantes da FUNDP citam um diálogo com professores universitários, mas esse aprender-ensinar se dá de distintas formas, em diferentes espaços, com atores sociais diversos.

Desta forma, a partir da metodologia do *barrismo social*, a partida de futebol, uma viagem entre *hinchas* (torcedores) das equipes de futebol, uma ida ao estádio, oficinas para crianças realizadas em escolas se tornam espaços educativos onde temas sociais, raciais, políticos são tratados de forma conectada às práticas cotidianas, às realidades partilhadas pelas/os jovens em seus territórios. Nestes espaços, busca-se uma relação ensino-aprendizagem sem hierarquias, sem distinções. Os letramentos partilhados são diversos e se somam, sem se sobrepor.

Processo similar se dá com os *bicipaseos* promovidos pelo Colectivo A La Hora 30 em parceria com outros grupos, como a própria FUNDP. Trata-se de encontros de pessoas que se locomovem em bicicleta pela cidade de Cali. Os perfis são variados: estudantes, artistas, trabalhadores de setores da indústria, comércio, professores, pesquisadores, ciclistas

etc. Em geral, os *bicipaseos* são realizados nos bairros do Distrito de Aguablanca e participam pessoas de diferentes partes da cidade.

**Nós trabalhamos fazendo *bicipaseos*, trazendo os de fora da cidade para cá, para o nosso território. Para que as pessoas conheçam o local, visualizem, tenham confiança e entendam que o Distrito de Aguablanca é parte de Cali.** O primeiro *bicipaseo* que fizemos foi em 2019, no Dia Nacional da Bicicleta. Foi muito positivo (*Gabriela Díaz - Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

A primeira edição à qual se refere Gabriela foi a “*Bicipaseo por el pedazo: as quatro comunas do Distrito na primeira caminhada pela vida nos territórios*”, realizada no dia 08 de agosto de 2019. Depois dessa, várias outras edições aconteceram e a cada encontro, a atividade foi ganhando maior visibilidade e aderência de outras/os participantes. Segundo Gabriela Díaz “tem os *bicipaseos* anuais que são cada vez maiores e fazemos com articulações com outras pessoas, de outras cidades também”.

As convocações para os *bicipaseos* partem sempre deste princípio: “A bicicleta é uma ferramenta para mudanças sociais, culturais e ambientais; usá-la e promovê-la melhora nossa qualidade de vida”<sup>280</sup>. Durante os *bicipaseos* são debatidos temas relevantes para o território de Aguablanca, para suas juventudes e população de forma mais ampla. São compartilhadas metodologias de trabalho de cada coletivo e articuladas agendas comuns. Um exemplo foi o *BiciPaseo Inaugural del Foro Nacional de la Bici*, nos dias 07, 08 e 09 de agosto de 2019. Nas redes sociais, o Coletivo convocou a população a levar suas bicicletas em bom estado de uso para participar de três rodadas de consulta popular no âmbito do Fórum Nacional da Bicicleta:

A partir do dia 5 de agosto se realizará em nossa cidade o “Fórum Nacional da Bicicleta”, Cali, 2019. Uma oportunidade de gerar espaços de convergência e participação cidadã que permitirá educar-nos sobre mobilidade, política urbana, fortalecimento institucional e segurança nas vias, além de fomentar o uso da bicicleta, *propender por las garantías* e assegurar o que for necessário para que as pessoas possam utilizar a bicicleta nas vias públicas. Cali é a cidade do país com maior porcentagem de mobilidade urbana em bicicleta, conta com mais de vinte iniciativas *pro-Bici* e se caracteriza por ser uma capital esportiva. Por isso, convidamos toda a comunidade do Distrito de Aguablanca, a participar massivamente nas três rodadas populares no marco do Fórum Nacional da Bici. Inundemos nossa cidade de bicicletas quarta, quinta e sexta!<sup>281</sup>

---

<sup>280</sup> Texto original em espanhol: “*La Bici es una Herramienta de Cambio Social, Cultural y Ambiental; usarla y promoverla mejora nuestra calidad de Vida*”.

<sup>281</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0xxY4dAz2S/> Acesso em 18 fev. 2022.

Figura 21 – Card de divulgação do BiciPaseo no Foro Nacional de la Bici



Fonte: <https://www.facebook.com/ALAHORA30>

Os *bicipaseos*, assim como as atividades promovidas com base na metodologia do *barrismo social* são exemplos de espaços educativos, de articulação política e ocupação da cidade. Também o são os saraus de poesia realizados nas periferias de Salvador, como visto acima nas ações realizadas por grupos como JACA, o Sarau da Onça, o Coletivo ZeferinaS, o Slam das Minas, entre outros. Permito-me repetir um trecho da fala de Marcos Paulo Silva: “o sarau é uma forma de nos educarmos juntos na construção de saberes que nos permitam diminuir o conjunto das opressões e segregações sociais impostas a população negra” e trazer para a teia Adrielle do Carmo, idealizadora dos saraus Erótica Sarau Online e Sarau das Artes da Santa Cruz:

[...] os saraus em Salvador são uma verdadeira tecnologia social. Estão em praticamente todas as periferias de Salvador, se não acontece, em algum momento, vai acontecer um sarau [...] **tenho feito uma pesquisa nessa linha, dos saraus enquanto essa ferramenta de democratização de arte e cultura em Salvador e vejo que em praticamente todos os bairros periféricos existem os saraus.** Se não for um sarau que é contínuo, tem pelo menos um a cada dois anos ou um ano, mas que acontecem. **O sarau, ele não é só um sarau periférico feito para a periferia, com a periferia, pela periferia, ele não é só um sarau artístico e cultural, ele também é um sarau social. Porque levanta temas e questões que atingem os jovens, principalmente os jovens das periferias.** Nesses saraus, a gente encontra **temáticas como LGBTfobia, como a questão de gênero, como questões de raça, questões de classe.** E esses temas são levantados nos saraus através da arte e é feita uma mobilização social. **Então não é só um movimento artístico, é um movimento social efervescente aqui em Salvador** [...] Durante quatro anos, o tempo da minha graduação, eu - juntamente com colegas do Instituto de Letras e Comunicação - organizamos um sarau no bairro do Cabula. Esse sarau ficava dentro da universidade, dentro da UNEB. E é uma área em que se tinha acesso à Engomadeira e ao Cabula, que são bairros periféricos que ficam em volta da UNEB. **Através do sarau e a partir do sarau, a gente conseguiu trazer as pessoas dos bairros em volta para dentro do espaço**

**universitário e também conseguiu levar recursos da universidade pra esses territórios.** Então se a comunidade, às vezes, não se sentia parte da UNEB, olhava de fora, só conseguia entrar no feriado, às vezes pra arrancar uma manga, pra aproveitar aquele espaço ali para o esporte, o sarau conseguiu fazer essa inter-relação entre a universidade e os bairros ao redor pra discutir arte, cultura, os problemas e desafios enfrentados por essas periferias. E aí, **esse sarau, pra mim, foi uma escola de produção cultural, uma escola de mobilização social e, a partir dele, eu comecei a me articular com outras pessoas** daqui de Salvador que fazem sarau, que fazem outras modalidades de eventos culturais e, a partir daí, outras iniciativas nasceram (*Adrielle do Carmo*) [*grifos meus*].

Como visto, os espaços educativos criados a partir das práticas ativistas dos coletivos nas quebradas de Salvador e de Cali acontecem por meio de diversas táticas: realização oficinas, rodas de conversa, cursos, seminários, saraus e batalhas de poesia, passeios de bicicleta, eventos como festivais, exposições, manifestações, batalhas de hip-hop, espetáculos etc. Estabelecem relações de ensino-aprendizagem e letramentos que se distinguem daqueles experimentados nos espaços considerados “de educação formal”, como as escolas. Isto não significa dizer que haja uma negação dos letramentos escolares, o que acontece é que há no cotidiano uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que estas/es jovens realizam ancoradas/os nos referenciais de suas histórias de vida e daquelas das pessoas que tecem as quebradas com elas/eles (SOUZA, 2016). Esta reinvenção configura o que Ana Lúcia Silva Souza conceitua como “letramentos de reexistência”, que têm apoio

em três vértices que podem estar em diferentes esferas sociais: os letramentos escolares, as experiências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais do grupamento de origem e as práticas de usos de linguagem ligados ao momento vivido no aqui agora, seja em movimentos sociais, grupos de lazer, de esportes ou em outros associativismos (SOUZA, 2016, p. 70).

Como agentes de letramentos de reexistência, portanto, estas juventudes que se dedicam a criar espaços educativos a partir da arte, da comunicação e da mobilização política em seus territórios estão produzindo pedagogias emergentes, entendida na perspectiva da sociologia das emergências proposta por Boaventura de Souza Santos:

[...] o enriquecimento cognitivo da sociedade ocorre tanto por via do que designo **sociologia das ausências** (a revelação-denúncia de realidades e atores sociais silenciados, ignorados, esmagados, demonizados, trivializados) como por via da **sociologia das emergências** (a revelação-potência de novos conhecimentos, de outras dimensões da emancipação e da libertação, de novas e ancestrais identidades, formas de luta e ação política) (SANTOS, 2017, *apud* GOMES, 2017, p. 10) [*grifos nossos*]

Assim, ao mesmo tempo em que há, por parte dos coletivos, um movimento de denúncia das cidades que segregam, oprimem e excluem, há, com suas ações culturais e políticas, produção de conhecimentos outros sobre suas realidades. Esta produção só é possível porque são firmadas alianças táticas que permitem que os processos ocorram e se consolidem.

#### **4.5.3.3. Construção de alianças táticas**

A terceira metodologia convergente que trago é a construção de alianças táticas que faz parte do *modus operandi* de todos os coletivos com os quais interagi. Estas alianças, como vimos nas experiências apresentadas, se dão de distintas formas: parcerias com outros coletivos com atuações similares, com organizações dos setores empresarial, governamental e não governamental, setores das igrejas de forma mais institucionalizada ou a partir de parcerias com profissionais, professores, pesquisadoras/es, religiosos destas instituições, entre outras. São alianças que se formam a depender das circunstâncias e das intencionalidades dos coletivos. Trata-se, portanto, de operações táticas que produzem respostas ágeis às necessidades que surgem, fazem o uso astuto da oportunidade e uma hábil utilização do tempo e das ocasiões (DE CERTEAU, 2014).

Para organizar melhor a exposição, divido essas articulações em duas principais motivações: garantir a sustentabilidade financeira do coletivo e fortalecer/ampliar sua atuação e capilaridade territorial. No que tange à sustentabilidade, é fato que grande parte das ações realizadas pelos grupos em Salvador conta com financiamento público, via editais. Em Cali, também foi possível identificar algumas ações que tiveram apoio de órgãos públicos como secretarias estaduais ou municipais de cultura. Ou seja, tratam-se de iniciativas carregadas de críticas sociais e políticas financiadas com recursos oriundos muitas vezes de gestões que pactuam com as exclusões sistêmicas que configuram ambas as sociedades. O que pode aparentar contradição pode ser lido como tática. Uma vez que há um uso hábil do recurso para permitir a viabilidade da ação, sem que ela perca a força política de denúncia das ausências e visibilização das potências das juventudes e territórios violentados.

O drible se dá justamente quando o coletivo acessa o financiamento – que é um direito previsto na Constituição e não uma concessão do gestor – e ao realizar a ação convoca a população a olhar para a consequência do processo de segregação das cidades que invisibiliza as potências, as memórias, as histórias de vida das pessoas que vivem e constroem essas regiões violentadas, como fizeram os jovens do Coletivo Cutucar com o Mocambos Marginais, em Salvador, ou os coletivos que organizam o Festival Borondo e o FESDA em

Cali, com apoio de órgãos públicos municipais, mas nem por isso, sem deixar de tecer críticas ao governo que ficaram literalmente pintadas nos muros das cidades.

No entanto, os coletivos não estão imunes às armadilhas do sistema: ao se tornarem dependentes de políticas públicas pontuais e escassas, como são os editais, mesmo que o façam de forma crítica, em alguma medida podem estar colocando em xeque a autonomia do grupo e a capacidade de criar soluções criativas e duradouras para se sustentarem enquanto coletividade.

São muitas as metodologias traçadas para driblar este desafio. Na Casa La Frida, em Salvador, por exemplo, as jovens ativistas criaram formas de garantir entrada de recursos financeiros com a loja e oficina mecânica de bicicleta que, por sua vez garantem remuneração às integrantes e recursos para garantir a infraestrutura necessária para realizar as ações. O Mocambos Marginais e o Mojubá Mídia e Conexões também atuam numa perspectiva de geração de renda a partir da prestação de serviços na área de comunicação. O mesmo se dá em Cali, com a FUNDP, que, apesar de ter o foco no trabalho ligado aos esportes, mantém um núcleo de comunicação para gerar renda para o coletivo.

As/os jovens de A La Hora 30 conciliam o ativismo com a venda de alimentos e a prestação de serviços de transporte com suas bicicletas para conseguir movimentar um capital. Em Salvador, o QUIAL e a Reptotai apostam no turismo comunitário como caminho para gerar renda de forma conectada com a valorização do território. Os coletivos de poesia vendem livros, se apresentam em escolas, universidades, recitam nos ônibus e enfrentam situações adversas para tentar atuar com poesia. Mariana Oxente Gente, do Coletivo ZeferinaS partilha sua experiência:

[...] não recebemos apoios financeiros. Começamos a fazer as intervenções e às vezes, as pessoas nos davam transporte. Mas, chegou um tempo que começamos a pensar em como se articular, porque é uma demanda da juventude negra se manter. **Houve um momento que começamos a recitar nos ônibus porque é uma ação pedagógica e tem que ter muita coragem. É uma forma também fazer um "corre" para pagar um aluguel, uma conta.** A atuação nos ônibus diminuiu. A maioria das meninas estão estudando na graduação e trabalhando e recitar nos ônibus se tornou um problema pela falta de tempo e pela exposição. Pelo fato de sermos meninas jovens e negras aconteceram algumas situações de violência [...] nós ainda fazemos eventos e a depender do local e de quem nos chama, a gente estabelece um preço. **Se é na periferia a gente até faz de graça e arcamos com nosso próprio transporte. Se for em escola particular, nós cobramos.** Temos um cachê que depende muito da situação e de quem está convidando. De cada trabalho, nós reservamos 20% que vai para um caixa do Coletivo ZeferinaS e as atividades é partir daí que fazemos (Mariana Oxente Gente - Coletivo ZeferinaS, Salvador) [grifos meus].

Os exemplos são muitos, porém segue sendo o principal desafio dos grupos conseguir se manter financeiramente. Portanto, as alianças táticas com esta intenção são fundamentais. Há uma ética que fundamenta a formação delas. Porém, não é uma ética comum a todos os coletivos e nem livre de contradições. Há coletivos que se coligam com políticos aliados a pensamentos e práticas conservadoras/reacionárias; há coletivos que aceitam recursos de empresas privadas que adotam práticas que vão na contramão das bandeiras de luta que eles defendem etc. Há coletivos que demarcam com mais firmeza alguns princípios orientadores e arcam com as consequências de suas decisões, abrindo mão de recursos que poderiam viabilizar projetos. São muitas camadas. Há os dribles e os tropeços, pois, em sintonia com os resultados do estudo realizado por Do Nascimento (2011) com coletivos das quebradas de São Paulo acredito que

embora os artistas periféricos construam seus discursos e autoimagens pautados nas ideias de independência, autogestão e autossuficiência (e certos meios de comunicação de massa tendem a corroborá-las), é por meio das conexões ativas entre representantes de diferentes camadas e espaços sociais que as ações culturais aqui focalizadas se tornaram possíveis e as identidades delas resultantes adquiriram especificidades (DO NASCIMENTO, 2011, p. 2016).

Estas conexões ativas, ou o que estou chamando de alianças táticas, portanto, são fundamentais para que as ações culturais possam se concretizar. E elas não dependem exclusivamente de apoio financeiro. Para os coletivos, o fortalecimento de alianças que permitam qualificar e ampliar sua atuação é tão importante quanto a sustentabilidade financeira. Neste sentido, vale olhar para a figura dos “aliados” trazida por A La Hora 30 neste diálogo que teci com Ángel González Nupan e Miguel Anacona Rodríguez<sup>282</sup>:

**Angel:** agora neste grupo tem três pessoas: Miguel, Ángel e Gaby, mas também temos uma figura muito bonita que é **a figura dos aliados**, que são os amigos que vem de vez em quando em alguma oportunidade. Temos feito muitos passeios, feito laboratório, formando uns aos outros com a consciência do corpo e a utilização do corpo para cenas de lutas diretas não-violentas.

**Bruna:** e esses processos vocês estão fazendo junto com os outros coletivos?

**Miguel:** sim, mas não queremos nos chamar de rede, porque quando chama de rede, acaba. Isso acontece muito aqui. Chamamos então ou de aliados, ou de parceiros, ou *parches* porque estamos caminhando juntos.

**Angel:** parece que é algo psicológico, parece que quando chamamos de rede as pessoas pensam que tem muito trabalho. Mas, como aliados, nós

---

<sup>282</sup> Trecho de diálogo realizado com Ángel, Gabriela e Miguel na casa de Gabriela, no Distrito de Aguablanca, no dia 19 de agosto de 2019.

nos mantemos fazendo reunião, escrevendo, realizando as ações [*grifos meus*].

Como visto, ações como o FESDA, o Festival Borondo, os *bicipaseos*, as produções audiovisuais, entre outras, só foram possíveis, em Cali, por meio da articulação de alianças táticas. Processo similar ocorre nas quebradas de Salvador. Marcos Paulo Silva, do JACA, explica como funciona o coletivo e como as coligações são estabelecidas:

Começamos o grupo com umas dez pessoas. Houve tantas mudanças. Hoje temos um núcleo com três pessoas, mas tem pessoas que vem se aproximando e formando núcleos. Ainda que o JACA tenha núcleo, sempre têm pessoas que falam: ‘Velho, quero colar com vocês e ajudar’. **Tem uma galera que chega que é pra somar nos fins de semana, uma vez no mês.** Quando me perguntam quantas pessoas tem no JACA, eu respondo que **o JACA é um movimento, e enquanto movimento são centenas de pessoas, de vários bairros de Salvador que colam, que vão, que tem como referência o JACA, que dizem: ‘Aprendi militância com vocês, vocês são minha referência’.** Mas, quem está varrendo o chão e lavando o banheiro são três pessoas.

No Coletivo ZeferinaS, não é diferente:

[...] somos oito meninas e sempre fomos oito meninas, mas trabalhamos em rede e com parcerias. O diálogo *Papo de Cumadi*, por exemplo, aconteceu fora de Cajazeiras em parceria com as meninas do Quilombo Zeferinas de Pirajá (*Mariana Oxente Gente, Coletivo ZeferinaS, Salvador*).

Julia Hiesberg, do Levante Popular da Juventude em Salvador, explica que as três principais frentes de atuação do movimento só acontecem a partir de parcerias, de articulações com diferentes sujeitos/atores sociais: coletivos culturais, Universidade, associações de bairro, lideranças comunitárias etc.:

A rede de cursinhos populares de pré-vestibular “Podemos” que já tem mais de 52 cursinhos no Brasil, **o Levante toca em parceria com outros movimentos que são geralmente dos bairros, seja associação de moradores, seja a galera da arte e cultura dos bairros que nos ajuda a tocar, seja nossos próprios militantes que moram nesses bairros** e temos o que chamamos de *Nós por Nós*, que é um projeto nas periferias do Brasil [...] **Quando começamos a construir a semana *Nós por Nós* o JACA estava com a gente. Tem uma galera do movimento de moradia lá de Cajazeiras que constrói com a gente. A galera do colégio Edvaldo Brandão também constrói com a gente.** Ano passado a gente fez uma roda de conversa sobre diversidade sexual e de gênero, fizemos um bazar solidário, uma oficina de saúde que teve uma galera de Odonto da UFBA, que levaram materiais para as crianças escovarem os dentes, práticas de saúde com massagem [*grifos meus*].

Com estes exemplos, procurei demonstrar outra recorrência: a capacidade de criação de articulações táticas como parte das metodologias e intencionalidades pedagógicas tecidas



pelos coletivos. A figura da/o aliada/o é central. Independentemente do tipo de contribuição que cada um/uma pode dar ao coletivo, o que se destaca é a tática de estabelecer conexões horizontalizadas, que escapem da lógica extrativista, de uso dos coletivos para interesses externos às bandeiras de luta que os guiam. São alianças que têm, portanto, uma dimensão comunitária, quilombista: fraterna, livre, com solidariedade, convivência e comunhão existencial (NASCIMENTO, 2009).

Feito este breve *recorrido* pelas duas cidades - para usar um termo que escutei muito ao caminhar pelas ruas do Distrito de Aguablanca e da Comuna 1 acompanhada por Miguel Anacona, Ángel González Nupan, Johan Rodríguez e Gabriela Díaz - convido quem segue comigo nesta teia-tese para imaginar que todas essas informações aqui trazidas estão espalhadas pelo chão. Com as fitas que temos em mãos, é possível traçar rotas possíveis e enlaçar convergências, similitudes, conexões. Lanço o convite para que estejamos atentas e atentos às encruzilhadas que se formam.

## 5. “TUDO O QUE NÓIS TEM É NÓIS”

Tendo como guia o trecho do rap “Principia”<sup>283</sup>, de Emicida, o convite é para que continuemos a olhar para as recorrências, confluências e convergências que existem nas ações realizadas e que configuram o que estou vislumbrando como possíveis epistemologias das quebradas.

Identifico no entrecruzar das falas que compõem os percursos muitos pontos de conexão. Não são consensos, nem equivalências. São conexões que podem nos ajudar a direcionar o olhar para determinados aspectos e aprofundar categorias, conceitos, dados de todos os tipos. Por outro lado, as não-conexões - tudo aquilo que não se entrecruza - geram elementos potentes de análise, principalmente quando se trata de duas cidades de países distintos, marcados por dinâmicas e respostas diversas aos processos de opressão. Quais são, portanto, os outros caminhos que se abrem ao observamos esta profusão de iniciativas de forma entrelaçada? Sigamos a teia...

A atuação dos coletivos é sustentada pela articulação de várias dimensões: busca por sustentabilidade; produção de memória; reivindicação de direitos; construção de outras formas de viver, se articular, lutar contra as opressões de raça, de classe, de gênero. Há uma atuação orgânica, entrelaçada e os saberes são construídos no processo comunitário, na produção artística e comunicacional. Jovens das duas cidades percebem/vivem as opressões do Estado das diversas formas e produzem ofensivas a estas opressões de maneiras distintas: enfrentamento direto, lutas moleculares (ZIBECHI, 2007), processos formativos/mobilização/educação de pares. Todos, de alguma forma, firmam alianças táticas para fortalecer e ampliar suas atuações.

Ao estabelecer conexões entre estas práticas ativistas para me acercar das produções de conhecimento elaboradas pelas juventudes das quebradas, acredito, portanto, ser possível observar quais são as experiências compartilhadas e os outros caminhos que estão sendo construídos por estas juventudes recorrentemente representadas como ameaça às sociedades, como corpos que precisam ser domesticados.

Para organizar melhor a exposição destas conexões, delimitei quatro “cruzos” para apresentar as bases das epistemologias das quebradas que acredito estar se configurando nestes outros centros. São eles: **arte e comunicação como alicerce pedagógico;**

---

<sup>283</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28) Acesso em 17 mar. 2022.

**ancestralidade como bússola; defesa do território como âncora e aposta pelo comunitário.**

**Figura 22** – Infográfico dos cruzos que tecem as epistemologias das quebradas



Fonte: criação da autora com design de Valentina Garcia

A noção de “cruzo” auxilia nesse trajeto, uma vez que, como diz Luiz Rufino (LOPES, A.C; FACINA, A.; SILVA, D. apud RUFINO, L. 2019, p. 120-121): “o cruzo revela as encruzilhadas como complexos interculturais mobilizados por saberes cosmopolitas (ver Santos, 2008) [...] na encruzilhada tudo o que é lançado é também modificado; qualquer

‘verdade’ logo se transforma em dúvida, potencializando assim a abertura de outros caminhos”.

Importante frisar que estes “cruzos” foram encontrados à medida que seguia na teia, com os diálogos constantes e a observação atenta às produções culturais dos coletivos. Trata-se exclusivamente de um recurso de apresentação das informações, uma vez que no cotidiano dos grupos as práticas não seguem uma divisão, nem tampouco respondem a processos lineares. As ações, produções, intervenções, intencionalidades são fluidas, em constante movimento e entrecruzamento.

## 5.1. ARTE E COMUNICAÇÃO COMO ALICERCE PEDAGÓGICO

### SARAU É FORMAÇÃO

Artística, Política e Identitária.  
Nos Saraus em que tenho ido, tenho sentido em mim  
Reafirmação...  
Artística, Política e Identitária.  
A Glória de ser Preto,  
O Orgulho de ser Favela.  
Periferia sopra em mim os ventos da revolução.  
Do meu povo que transborda em uma juventude poetizada,  
Nas senhoras e senhores que nos ensinam a caminhar.  
**O Sarau é expressão de quem quer viver diferente  
E na arte transcende sua mente.**  
Saraus como os que conheci, me enchem de Esperança.  
**Somos tudo aquilo que a grande mídia não mostra.  
Somos Liberdade, Criatividade, Força, Inteligência  
Negritude em verso e prosa,  
Somos o que os Opressores não querem,  
Somos a voz consciente da nossa gente,  
Somos Luta Consistente que não pretende se calar.  
Vamos lacrar em todo lugar que chegar.**

Os versos são de Marteluz de Jesus (SARAU DA ONÇA, 2019, p. 49). Os grifos, feitos por mim, para demarcar a força da argumentação do poeta. Peço licença a ele para estender a reflexão que faz sobre os saraus para as demais ações, projetos, práticas em arte e comunicação desenvolvidas em Salvador e em Cali. Como conceituado na primeira estrofe do poema e demonstrado ao longo das experiências apresentadas nesta teia é o entrelaçamento das dimensões artística, política e identitária que sustenta a base dos processos de construção de conhecimento dos coletivos que atuam nas quebradas.

Esta base - que é ética e estética - guia os coletivos que atuam nas periferias. As linguagens podem ser variadas: teatro, música, poesia, cinema, fotografia. As ações realizadas e os produtos criados também: livros, documentários, festivais de cinema, batalhas de hip-hop, saraus poéticos. No entanto, em convergência, está a percepção da arte e da comunicação “como possibilidade de contar a própria história, de expandir as vozes violentamente silenciadas” (D’ANDREA, 2015, n.p.) ou, para retomar os versos do poema que abre esse cruzo: “somos a voz consciente da nossa gente, somos luta consciente que não pretende se calar”.

Para visualizarmos melhor como esta base se constrói nas práticas dos grupos, acerquemo-nos de outras narrativas das/os jovens que trazem reflexões sobre o papel que a arte e a comunicação desempenham em suas trajetórias individuais, mas principalmente nas tessituras que se fazem quando constroem coletividades em seus territórios.

**A princípio o objetivo era formar um grupo de jovens negras que queriam se formar politicamente e instrumentalizar as mulheres na questão da música.** Lá no JACA tem o grupo de Capoeira Angola Mourão, onde eu faço Capoeira. Lá tem os instrumentos e eu convidei as meninas para aprendermos a tocar as coisas. **Foi assim que surgiu o Coletivo ZeferinaS: vamos ser um grupo feminino e se apropriar tanto dessas questões políticas e ideológicas, quanto dos instrumentos musicais. O Coletivo ZeferinaS é um coletivo afro feminino [...]** embora tenha sido pensado a princípio por oito meninas negras - éramos praticamente crianças, adolescentes há cinco anos atrás - hoje o coletivo é infinito. É sobre construção de narrativas, desconstrução de paradigmas, estereótipos, violências. **A gente aprende recitando e a gente de certa forma tem um papel que é um pouco didático com a poesia, que alenta, que é estético, mas que é muito político, é uma denúncia e educativo também, não deixa de ser. E é sempre aprendizagem** (Mariana Oxente Gente - Coletivo ZeferinaS, Salvador) [grifos meus].

Cada uma em sua singularidade é a própria poesia marginal e através dela denunciemos as mazelas, desabafamos, **ecoamos vozes e principalmente é como uma válvula de escape e de sobrevivência**, traçando táticas de embate e reescrevendo a história colonizadora e perversa que contaram sobre nossas raízes (Texto de apresentação do Coletivo ZeferinaS no Facebook)<sup>284</sup>.

[...] querendo ou não, a arma é uma coisa que representa o poder nas periferias [...] quando a gente tem essa ideia de que escrever ou, não só escrever, escrever aqui é um exemplo, mas **outros instrumentos que agregam o mesmo poder que tem uma arma**. Por exemplo, você, Kemelly [refere-se a outra integrante do Favela Revela que é violonista], tocar um violino para as pessoas verem, aplaudirem. Isso é um instrumento de poder, porque bota você numa posição de que as pessoas vão venerar você. E você não precisa machucar ninguém pra isso, você não precisa

---

<sup>284</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/ColetivoZeferinaS/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/ColetivoZeferinaS/about/?ref=page_internal) Acesso em 25 jan. 2022.

roubar, matar para fazer isso. **Quando as pessoas da periferia têm o conhecimento, quando a gente aqui tem esse conhecimento, de que existem outros instrumentos de poder, abre um horizonte de possibilidades novas [...]** o Favela Revela traz justamente isso: que a gente tem que divulgar, tem que dar palco para as pessoas que tão fazendo coisas diferentes, a gente tem que dar palco para as pessoas que vieram de onde a gente veio e estão alcançando espaços incríveis [...] a gente tem que dar poder pra essas pessoas da favela, sabe? **Divulgar o trabalho das pessoas é dar poder** (Polén Acácio – *QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus]

[...] **a partir das ausências que a gente vai inventando a forma de sobreviver, de botar o feijão dentro da mesa, dentro do prato. Isso é arte! Isso é você inventar caminho, você inventar história todos os dias, é você criar formas de fazer as coisas existirem diariamente.** Sejam materiais ou não. Mãe Olinda falou que aprendeu com o irmão dela transformar briga em brinquedo. O irmão dela não teve na universidade enquanto estudante. Ela também não teve. Mas, você não vai encontrar esse tipo de sabedoria, essa profundidade de sabedoria que se ampara, muitas vezes, numa linguagem simples, mas que tem ali um mergulho, você não vai encontrar em todo espaço. Então essas são nossas armas, essa é a profundidade que a gente tem enquanto arma. E, ainda que a gente não tenha o objeto na mão, mas os nossos pensamentos, nossa indústria criativa, que a gente carrega no nosso corpo, ela não para em tempo nenhum [...] a gente quer se ver mais. A gente quer ver essa beleza que a gente é. Essa riqueza, essa educação, esse contar de história a partir da perspectiva particular de cada corpo. E o Favela Revela existe pra isso, como outras tantas iniciativas existem pra isso. É nós por nós. A gente não quer mais que contem nossa história. E, assim, **enquanto estamos vivas e vivos, que é essa missão diária normalmente pra quem vive na periferia, a gente precisa encontrar ferramenta, instrumento, ou possibilitar ferramentas, instrumentos e recursos pra outras pessoas para que possam escrever suas histórias** (Natureza França – *QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus].

[...] os coletivos da Plataforma [Plataforma Juvenil de Juventudes de la Comuna 13] trabalham como muitas expressões artísticas, como dança, canto, arte urbana, grafite e ocupam diferentes espaços de Cali. Ocupamos o espaço público com intervenções artísticas e culturais. **Muito do que fazemos é artístico, porque acreditamos que é parte dessa resistência que se gera, dessa conexão com a vida social, com a vida comunitária que é tecida através desses espaços [...]** nós, a partir da coletividade, fazemos muitos esforços. Todas as coletividades trabalham com diferentes temáticas, diferentes públicos [...] **tomamos a rua como o epicentro. Onde tem rua, fazemos as apresentações.** Se trata de convocar as pessoas, as organizações que possam colaborar, cogerir os recursos ou as diferentes ajudas que necessitamos para fazermos algumas montagens e apresentações. Mas, acredito que o mais importante é que as pessoas gostam muito do artístico e, principalmente, há vários grupos que se concentram na dança urbana [...] as crianças ficam motivadas, querem seguir os passos dos mais velhos (Elizabeth Gómez – *PLJC13, Cali*) [grifos meus].

Nas falas acima é possível identificar um elemento que é recorrente nas práticas dos coletivos presentes nesta teia: a motivação para se organizar, para se juntar, parte de um desejo de fortalecer com este encontro a construção de espaços de formação política, educativos, emancipatórios. A arte está presente e é fundamental, porém, como bem diz Mariana Oxente Gente, ela por si só não basta, por isso “vamos nos apropriar tanto dessas questões políticas e ideológicas, quanto dos instrumentos musicais”.

Aprender a tocar um instrumento, a recitar, a escrever, a fotografar, a produzir um festival é tática de ataque para construção de um outro lugar social para si e para os seus/as suas. Por isso, pondero se de fato a arte é “válvula de escape” como sugere trecho do texto de apresentação divulgado nas páginas do coletivo ZeferinaS. Esta mesma noção da arte como escape, como abstração das opressões aparece em outras falas das/os jovens, em trabalhos de quem pesquisa juventudes e na concepção de algumas políticas públicas voltadas para as juventudes.

No entanto, o que as conexões tecidas aqui sugerem – e inclusive o que aponta o próprio texto do coletivo ZeferinaS: “traçando táticas de embate e reescrevendo a história colonizadora” -, bem como o poema de Marteluz que mostra a dimensão formativa do sarau, as falas de Natureza França sobre o trabalho do Favela Revela ou a perspectiva de arte como ocupação do espaço público da PLJC13 - é que a arte possui uma dimensão pedagógica para as/os jovens que vai muito além de um caminho para escoar indignação, para liberar tensões, para escapar dos problemas.

Trata-se de uma dimensão que pressupõe a criação de ofensivas culturais que são compostas por metodologias e intencionalidades pedagógicas que produzem conhecimentos emancipadores, comprometidos com a realidade vivida, com o assumir-se periférico:

Assumir-se periférico é assumir politicamente pertencer à classe trabalhadora e um conjunto de outras identidades tidas como ‘excluídas’ ou ‘marginalizadas’. E **a arte produzida a partir desse referencial é reveladora dessa realidade. Ela é arte vivida.** Representa a vida, denuncia e ressignifica essa mesma vida. Por isso, nesse tipo de produção cultural **não cabe a classificação de uma “arte pela arte”, porque ela é sempre arte comprometida com a realidade a qual se vive.** Esse compromisso não é doutrinário ou ideológico, mas é conteúdo obrigatório nessas produções” (DE ALMEIDA, 2015, n.p.) [*grifos meus*].

O comprometimento com a realidade local está presente na concepção pedagógica dos saraus e *slams* organizados nas periferias de Salvador pelo JACA, Sarau da Onça, Sarau do Coletivo ZeferinaS, Slam das Minas, entre outros. Isto se reflete na escolha dos temas que dão sustento às poesias, na definição dos lugares onde as apresentações acontecem, na

escolha por metodologias que permitam que as juventudes participem ativamente destes espaços. Este comprometimento social e político com seus territórios também está presente nas atividades em arte e comunicação realizadas no Oriente de Cali e nas *Laderas*. Como visto no FESDA, por exemplo, um festival de audiovisual que fomenta e difunde a produção comunitária, permitindo a difusão de produtos comunicacionais comunitários que tecem narrativas que vão na contracorrente dos discursos legitimados pelos meios de comunicação massivos que, por sua vez, refletem os interesses das elites econômicas e políticas do país.

Além de potencializar a difusão destas contranarrativas, espaços como o FESDA, bem como as atividades de *barrismo social* promovidas pela FUNDP, ou os exercícios radiais feitos pela Rádio Comunitária A Ritmo de Ladera, geram processos de ensino-aprendizagem que permitem que outras/os jovens se apropriem das linguagens comunicacionais e artísticas numa perspectiva crítica, num modo tático de politizar as práticas cotidianas (DE CERTEAU, 2014) e, com isso, fortalecer a atuação comunitária voltada para o enfrentamento das opressões que são de várias ordens. Vejamos o que diz sobre isso Johan, de A Ritmo de Ladera:

[...] **estamos construindo estratégias na aprendizagem do que é ser comunicadores/comunicadoras populares, de nossos bairros (*barriales*)** [...] **estamos propondo algo que consideramos importantíssimo para as pessoas de nosso território que é, a partir da rádio, construir horizontes esperançosos.** Continuar pensando e assumindo esse lugar com esperança, porque é triste o que fazem os meios de comunicação hegemônicos [...] o que temos feito é construir espaços onde conversamos com as pessoas sobre o que estamos fazendo proativamente em defesa da vida. Criamos estratégias para que as pessoas se movam e se encontrem para pensar sobre o tema do meio ambiente. Conversar com pessoas do Oriente de Cali para saber como podemos nos juntar para reivindicar nossos direitos. **A outra coisa é que, no exercício de aprendizagem como comunicadores também nos envolvemos no exercício de ensinar. Temos aprendido e temos ensinado o que aprendemos. Com crianças, jovens ensinamos o que estamos aprendendo.** Como fazer entrevistas, editar, que percam o medo de se comunicar. Porque umas das coisas que temos descoberto neste caminhar de fazer rádio é que a comunicação não se concebe como um direito. E a comunicação é um direito. É um direito fundamental, de poder falar e ser escutado. E muitos meninos, meninas, juvenzinhos e juvenzinhas e adultos consideram que sua voz não tem validade, que ser escutado não é um direito (*Johan Andrés Rodríguez García – Rádio A Ritmo de Ladera, Cali*) [*grifos meus*].

Como bem evidenciou Johan, gerar processos de ensino-aprendizagem é um dos eixos do alicerce pedagógico dos coletivos. Este eixo se reflete nas formas que têm as *tomas* de grafite produzidas pelos coletivos de arte urbana nos muros das periferias de Cali, nas ações de turismo comunitário da Reprotai e do QUIAL Tubarão, na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador e em tantas outras iniciativas que estão nesta teia. Não há, portanto,



espaço para “arte pela arte”, como dizem Marcos Paulo Lima, do JACA e Júlia Hiesberg, do Levante Popular da Juventude:

**Para mim a arte é incomodar e eu acho que a arte tem que ter esse lugar [...] a poesia é isso. É a gente colocar para fora o que está dentro, preso [...] eu percebi que a poesia tirava o silêncio das pessoas [...] eu acho que a arte ocupa um lugar político [...] minha arte é mais radical, política, enfim, é anarquista, então ela tem que quebrar as estruturas mesmo. Eu acredito que arte muda as estruturas (Marcos Paulo Lima - JACA, Salvador) [grifos meus]**

Houve um momento que estávamos fazendo mais uma atividade da *Nós por Nós*, que são saraus de arte e cultura que a gente geralmente faz nas periferias, mas antes mesmo de começarmos o sarau, a polícia já estava organizada para desmobilizar o sarau, que o Levante [Popular da Juventude] já faz a muitos anos. **Eles já queriam demonstrar quem são eles e quem somos nós. Deixaram claro que nós somos inimigos da ordem social. Deixaram um mandato para a gente sair de lá e não voltar. Isso para nós foi um sinal muito forte de que o que fazemos está certo e de que a gente atingiu quem a gente queria atingir.** Acreditamos que a violência é problema coletivo e só se resolve os problemas coletivos de forma coletiva. Para nós, os movimentos sociais, as organizações populares são essas ferramentas que a juventude precisa tomar nas mãos para desenvolver a resolução dos seus próprios problemas. **Nas periferias a gente se organiza a partir dessa ferramenta Nós por Nós que compreende saraus, que compreende arte e cultura como ferramentas de transformação social que estruturam nossa sociedade, a realidade da periferia brasileira, que estrutura nossas vidas e que apresentam saídas às contradições que o capitalismo nos coloca, por exemplo, saídas ao tráfico, à vida que coloca a violência como uma regra. A cultura coloca para nós que a regra é a vida, é a organização popular, as respostas coletivas que vamos buscar juntos [...]** A arte e a cultura são a nossa forma de ler o mundo e nossa realidade é para além disso, **apresentar uma alternativa de transformação.** Para nós, a arte é uma ferramenta de transformação da realidade. **O hip hop é uma expressão da arte e da cultura na periferia. Isso tudo forma nossa leitura da realidade e a intervenção nela. Para nós, é muito mais que ativismo: é sermos seres coletivos e militantes. Nós compreendemos o ativismo como a arte da iniciativa.** A gente tem o conteúdo, faz o trabalho, mas não tem o conteúdo da política que orienta um coletivo. Militante: organiza numa organização política, tem uma estratégia política, tem um processo coletivo de pensar suas iniciativas políticas, têm um processo de coordenação das ações. E ativista é aquele que vai e faz. **Nós acreditamos que nós somos militantes: seres coletivos que pensam estrategicamente suas ações. Para nós, a militância é isso: ferramenta de organização de conteúdo das ações que nós colocamos para fora (Júlia Hiesberg – Levante Popular da Juventude/BA - Salvador) [grifos meus]**

A percepção da arte como alternativa de transformação também sustenta as práticas pedagógicas da Casa Cultural El Chontaduro, em Cali, como explica um de seus integrantes, Maurício Balanta Jaramillo:

[na Casa Chontaduro] há espaço de dança, espaço de artes plásticas, há espaço de teatro, com **o propósito de que não seja a arte somente como forma de expressar o estético, mas a arte como possibilidade de expressar as resistências** e de como contamos coisas a partir da dança, do teatro, das artes plásticas, **como narrativa de nosso território e de nossas situações**. Tratamos de criar muitas consciências desde muito pequenos e pequenas [...] **a arte nos possibilita acreditar. Dessa inquietude começamos a explorar o corpo. Sabemos que para o rico, a arte tem um outro lugar.** [...] veja como a poesia, por exemplo, tem uma tradição tão ilustrada, tão elitizada, propondo uma estética que cria uma distância muito grande com as formas com as quais por exemplo nós, negros, nos comunicamos, porque digamos, nossas formas orais não são tão tradicionais. Você pode falar de formas muito lindas com a música, mas alguns espaços não permitem. **O que há é um silenciamento das maneiras de ser, que são diferentes da maneira dos brancos. O que queremos é poder mostrar, amplificar essas outras formas de fazer arte** (Maurício Balanta Jaramillo – Casa Cultural El Chontaduro, Cali) [grifos meus].

Este desejo de mudar as estruturas, de romper com os poderes estabelecidos que comenta Marcos Paulo e Júlia, assim como de enfrentar o silenciamento das vozes e corpos negros, como aponta Maurício, dialoga com a percepção de D’Andrea (2015, np) com a qual coaduno: “para esses coletivos que produzem arte periférica não há arte pela arte. Ela torna-se ação política à medida que, nas suas práticas, não se pode produzi-la sem relacioná-la à sua inserção social, ao seu ‘jeito de estar no mundo’, à sua identidade”.

É algo similar ao que diz a jovem Viviane Acosta, no texto que produziu durante oficina de escrita que realizei com coletivos do Distrito de Aguablanca e que me remete aos princípios da pedagogia crítica freiriana:

A arte não pode mudar o mundo, mas sim formas de pensar e de agir para uma transformação social. A criatividade é a luz para construir novos pensamentos e saberes. A resistência nos leva a alcançar nossos objetivos, apesar do quão difícil seja o caminho. Ao final, **nos leva a uma verdadeira identidade, de saber quem somos, o que queremos e onde queremos chegar** (Viviane Acosta – PLJ-C13, Cali) [grifos meus].

A arte conecta-se com a definição de resistência trazida pela jovem que, por sua vez, entrelaça-se com o entendimento de reexistência e ação política de forma sintonizada com a noção já trazida aqui de “identidades sociais contestadoras” (SOUZA, 2011). São jovens que se colocam no mundo como “artistas cidadãos”, como conceitua o poeta paulista Sérgio Vaz no poema “Manifesto”<sup>285</sup>:

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista cidadão  
Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo  
mas também não compactua com a mediocridade  
que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades

---

<sup>285</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V2oi0Z8UvuE> Acesso em 10 nov. 2020.

Um artista a serviço da quebrada, da cidade, do país  
Que armado da verdade, por si só, exercita a revolução

Seja no contexto de conflito armado vivenciado pelas juventudes colombianas, seja num contexto de genocídio das juventudes negras no Brasil, a arte e a comunicação periféricas funcionam como catalizadoras dessas construções identitárias, auxiliando “no deslocamento do indivíduo da posição de estigma à posição de orgulho. Neste caso, estigma e orgulho condicionados pela posição de periférico” (D’ANDREA, 2013, p. 16). A produção artística posiciona, portanto, as/os jovens no espaço público como produtores de intelectualidades comprometidas com a elaboração de respostas de vida diante das ameaças das políticas de morte.

Este reconhecimento não vem necessariamente a partir de títulos universitários em cinema, teatro, música etc., o que não significa dizer que a formação acadêmica não seja importante e não contribua para qualificar a atuação comunitária. Mas, é um reconhecimento que parte, principalmente, das relações tecidas nos territórios que permitem que as/os jovens sejam compreendidos por seus pares, por suas comunidades como artistas, comunicadores, produtores culturais. Desta forma, a atuação destes coletivos contribui para a atribuição de um sentido positivo e político da palavra periferia (DE ALMEIDA, 2015, n.p.) e possibilita que estas juventudes teçam outros caminhos de identidade para além dos estigmas que os fabricaram como “corpos suspeitos”.

E como fazem isso? Tendo a arte e comunicação como alicerce pedagógico, disputam as narrativas que seguem reproduzindo as estruturas coloniais de opressão a partir do uso político da palavra, do corpo e da imagem e, assim, criam espaços educativos em seus territórios. Como dizem Rashid, Chico César e DJ Caique em Diário de Bordo <sup>6286</sup>: “muito melhor que pegar na peça, é pegar na caneta e cuspir rajada de ideia pesada que te atravessa”. Continuemos a ver como os coletivos disparam essas rajadas, ou dito em outras palavras, como disputam as narrativas de opressão a partir da produção de rumos possíveis para o enfrentamento de problemas sociais estruturais.

Voltemos a olhar para uma experiência já trazida aqui: o Mocambos Marginais, projeto do Coletivo Cutucar, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Passo a fita para Vaguiner Braz e Marina Lima:

**Vaguiner Braz:** O Mocambos Marginais foi uma experiência fotográfica a céu aberto, onde fizemos o mapeamento de oito comunidades daqui do

---

<sup>286</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yg8YRk9xqEM> Acesso em 10 mar. 2021.

Subúrbio Ferroviário e dentro dessas oito comunidades, nós fotografamos e depois fizemos a exposição a céu aberto falando desse cotidiano. E não foram só fotografias, foram poesias. Poesia marginal feita por pessoas do Subúrbio Ferroviário que produziram essas poesias a partir da ida nas localidades. E a ideia é essa: de construir com as pessoas e pensar essa comunidade. Pensar esse cotidiano, esse dia a dia, essa poesia que está aí, dentro desse local. **O que é que nós podemos falar desse cotidiano, o que é que nós podemos comunicar a partir do dia a dia?** Que, pra gente que tá vivenciando, às vezes é tudo muito simples, tudo muito corriqueiro. Mas, existe o que contar aí. E, **também, é promover essa nossa narrativa, porque as narrativas que são contadas sobre essas comunidades são narrativas muito violentas [...] então a ideia é problematizar essa que está aí, mas trazer outro olhar, não ficar só no problema. O que é que nós podemos apresentar de possibilidades?**

**Marina Lima:** Foi a **primeira exposição a céu aberto do Subúrbio Ferroviário de Salvador**. Foi um projeto pensado pela Raiane Vasconcelos, que é uma das integrantes do Coletivo. A gente foi em alguns bairros do Subúrbio e fotografou o dia a dia dessa comunidade, porque a gente quer mostrar isso: o outro lado do subúrbio [...] a gente quer mostrar o lado da potência, da arte. A gente conviveu com essas pessoas, foi nas casas, fotografou o cotidiano. Porque **existe poesia no cotidiano**. A gente fotografou essas pessoas e fez uma exposição a céu aberto com fotos enormes. Foi muito bonito, porque **as pessoas chegavam pra gente e falavam assim: "poxa, eu me vi. Eu me vi"** [...] ficamos muito felizes com o processo da produção das fotos, da exposição. É uma coisa que é com as pessoas, não para as pessoas [...] a gente mapeou esses bairros e fotografou [...] Essas fotos foram colocadas em casas, em locais que as pessoas passavam e viam. **Muitas pessoas se reconheciam tanto que pegavam as fotos**. Teve um caso muito legal: de uma senhora que tiraram uma foto, ela pegou a foto e levou pra casa. Porque era ela, ela se sentiu bonita. Porque ela dizia assim: "ah, não, eu sou feia". Essa foto que estou falando foi o Vaguiner [Vaguiner Braz] que fez. E aí a senhora dizia "não, eu não quero não. Eu sou feia". Vaguiner: "não, você é muito linda". E tirou a foto dessa senhora, e aí, quando a gente voltou, a foto já não estava lá, porque a senhora pegou a foto e colocou em casa. A gente ficou feliz. Muitas pessoas: "ah, pegaram a foto e levou...". **Quando está na rua, não é mais da gente. Ficamos felizes por essa senhora ter se reconhecido na foto**.

**Vaguiner:** [...] tem várias coisas que emocionam dentro desse processo do Mocambos Marginais. Essa narrativa de "Ai, não. Não quero ser fotografada" foi uma das que mais aconteceu [...] Mas, aí **a gente tinha todo um processo de sedução, de criação de vínculo também. E muitas das pessoas já conheciam a gente por conta do nosso trânsito na comunidade, do nosso trânsito de ser pessoas do Subúrbio principalmente**. E isso aconteceu muito mesmo [se refere ao fato de as pessoas terem tirado as fotos expostas na comunidade para levarem para suas casas]. Logo no começo a gente se perguntava: cadê a foto que estava ali? Depois a gente foi fazer uma investigação e percebeu: é isso, né? A gente mexe com a autoestima. No primeiro contato, a autoestima está balançada, a pessoa não quer ser fotografada. Depois, quando ela vê o resultado, ela se vê na fotografia: não estou me vendo num noticiário que eu estou sendo presa, não estou vendo uma mazela, eu estou me vendo dentro da minha realidade, da minha comunidade, como eu sou realmente.

**Produção de imagem é disputa de narrativa. Eu sempre estou pautando isso.**

**Marina Lima:** Eu fui uma das poetas, porque muitas fotos tiveram poesia. Tinham algumas que dizia assim: "De vez em quando, meu peito calçada. De vez em muito, viagem ao mar", "Criança de coração aberto é parapeito". Então a gente brincou com esse lado [áudio corta] do subúrbio. Porque o subúrbio é muito... essa questão do mar é muito forte [*grifos meus*].

**Figura 23** – Fotos da exposição Mocambos Marginais, Coletivo Cutucar



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivocutucar/>

**Vaguiner:** A fotografia termina sendo um disparador muito potente pra gente dentro das atividades do Cutucar, porque a fotografia, principalmente, ela consegue ser mais instantânea do que o vídeo. O vídeo a gente tem todo esse mecanismo mais artesanal de gravar, de entender sobre roteiro e depois levar pra ilha de edição e depois ir costurando essas imagens, essas narrativas, criando narrativa audiovisual. E a fotografia é muito melhor e muito mais rápido.

No Mocambos Marginais, bem como em iniciativas de outros coletivos, a arte e a comunicação operam para disputar narrativa, para construir outras leituras sobre os territórios e as pessoas que os constroem. O ser artista, o ser comunicador/a está diretamente ligado com o ser um sujeito periférico comprometido com o seu entorno, com as transformações sociais, políticas e culturais dos seus bairros. A fotografia e a poesia são empregadas como ferramentas de luta, de reinvenção dos territórios e de suas subjetividades.

Na fala de Vaguiner “sempre é preciso lembrar que a produção de imagem é disputa de narrativa” está uma das bases destas possíveis epistemologias das quebradas. É uma disputa de narrativa que se dá de forma tática, por meio do uso de diferentes linguagens comunicacionais e artísticas, em todas as ações e produções realizadas pelas/os jovens em suas coletividades.

No Mocambos Marginais, a fusão das linguagens fotográfica e poética foi o caminho encontrado pelo coletivo para provocar - a partir da ocupação de muros localizados em lugares estratégicos dos bairros - uma reflexão nas comunidades do Subúrbio Ferroviário de Salvador sobre identidade, ancestralidade e pertencimento territorial. Vale frisar que é um processo constante de ensino-aprendizagem, uma vez que as/os jovens ao mesmo tempo em que estão como educadores, produtores culturais, artistas, colocam-se como aprendizes a partir do momento em que se dispõem a ler, a mapear o território, a escutar ativa e afetivamente suas/seus moradoras/es e a transformar suas próprias leituras sobre si e sobre seus territórios à medida que atuam neles.

Outro exemplo desse processo contínuo de ensinar-aprender aconteceu com a produção do documentário “Mulheres de Alagados: Um canto Negro para a Liberdade”<sup>287</sup>, que conta a história do Coral Mulheres de Alagados, formado por moradoras da Península de Itapagipe. Gabriel Dias, nascido e criado nesta localidade, foi um dos jovens da Reprotai que atuou no projeto, assinando a direção de fotografia e câmera, a montagem e a finalização do documentário. Passo a fita para que ele fale sobre o processo:

Sou Gabriel Dias, tenho 24 anos, sou um dos educadores da Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe, a REPROTAI, uma rede que atua aqui na Península de Itapagipe há dezesseis anos. **Eu comecei como educando, aprendendo em roda com as pessoas mais velhas e isso me proporcionou ser um dos que estão à frente da REPROTAI hoje em dia [...] o documentário, pra mim, foi uma experiência divisora de águas. Foi realmente quando eu decidi o que eu quero, o que eu queria: levar minha vida pra esse ramo de audiovisual.** Hoje em dia, eu já tô me aperfeiçoando, já tô fazendo alguns outros esforços, porque a gente não é dono da verdade, a gente não aprende tudo. Sempre vai ter alguma coisa pra você melhorar. Sempre quando eu analiso o videoclipe, eu me emociono, eu choro, mas, também, analiso de uma forma técnica: isso aqui tá muito bom, isso aqui poderia ser melhor, poderia ter feito isso de outra forma. **Mas que, no geral, eu acho que a gente produziu, sim, um bom material. Um material que emociona, que cativa e que ele é totalmente itapagipano. Desde as atrizes, que são essas lindas mulheres do coral, até os técnicos, os produtores. Eu, Ismael, Raimundo, Karen sempre dava um pitaco. Então foi uma construção coletiva. Eu não fiz nada sozinho. Ismael também não fez nada sozinho.** A gente conversava, ele vinha aqui em casa pra gente editar, e aí a gente mandava o vídeo pra Karen, pra Raimundo: "ô, dá uma olhada. O que é que muda, o que é que não

---

<sup>287</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a4WOb\\_Kbia4](https://www.youtube.com/watch?v=a4WOb_Kbia4) Acesso em 05 ago. 2020.

muda?", "tá bom. Tira isso, bota aquilo", "sinto falta disso, sinto falta daquilo". **Então acho que foi uma construção muito coletiva e eu acredito que isso valeu muito a pena**, não só pra rede CAMPI, pro coral, pra REPROTAI - porque a gente acaba se tornando referência quando a gente faz esse tipo de atividade, de documentário, de filme - mas para Itapagipe como um todo. **A gente acaba mostrando - principalmente pro bairro do Uruguai - que aqui não é só desgraça, aqui não é só violência, aqui tem arte, aqui tem cultura, aqui tem pessoas que realmente sofrem, mas que buscam no coral, buscam em um grupo de dança, buscam em uma roda de hip hop, uma melhora de vida, um alento pro caos que - às vezes - a gente vive** (Gabriel Dias – *Reprotai, Salvador*) [grifos meus].

Em Cali, vimos como o Festival Borondo vem fazendo isso a partir da ocupação de muros da cidade com artes urbanas conectadas com as problemáticas dos bairros. Da mesma forma que o Cutucar, colocam-se no lugar de quem ensina e quem aprende. Essa dimensão pedagógica aparece em produções audiovisuais, como o documentário BiciBles, produzido pelo Colectivo A La Hora 30 que se muniu da linguagem audiovisual para sistematizar os saberes e fazeres de vários coletivos juvenis que atuam na defesa do território de Aguablanca por meio da valorização do uso da bicicleta.

Tendo a bicicleta como disparador dessas reflexões, o documentário convoca a uma reflexão sobre como o uso da bicicleta pode provocar um drible nas opressões, nas desigualdades, nas barreiras físicas e simbólicas que configuram uma cidade. Vale destacar que o convite à reflexão não se deu apenas com relação ao público receptor, ou seja, entre aqueles que assistiram o produto finalizado, mas - como contaram Gabriela Díaz, Sofía Giraldo e Miguel Anacona - esteve presente em todas as etapas de feitura do “*Bici-Bles*”, incluindo as escolhas de lugares e a articulação de parcerias para sua exibição. Em todos os momentos e com todos os atores sociais envolvidos – quem atuou na produção do documentário, as/os entrevistadas/os, aliadas/os estratégicos etc. – houve uma intencionalidade de disputar as narrativas sobre quem tem direito à cidade e apontar caminhos comunitários para proteger o meio ambiente, fortalecer economicamente as populações menos favorecidas e enfrentar as injustiças sociais.

Ailton Krenak (2020, *apud* SOUZA E SILVA, J. [org.], 2020) ensina que as narrativas são uma das coisas mais eficazes nas lutas por libertação. E é justamente – como bem disse Vaguiner Braz - disputar narrativas o que estas juventudes das quebradas estão fazendo. Em todas as práticas, o uso político da palavra, da imagem e do corpo é a operação tática adotada para realizar dribles epistêmicos, ou seja, para disputar as narrativas hegemônicas construídas sobre seus territórios e suas identidades. Muitas vezes, estes dribles acontecem porque - como bem apontou Souza (2011), ao se referir aos letramentos de

reexistência produzidos pelo movimento hip hop - as/os jovens se apropriam de uma linguagem que muitas vezes é utilizada para encerrar as juventudes em uma identidade subalternizada e a ressignificam. Esta linguagem

é transformada em um “canto de resistência que denuncia e descortina as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida” (De Certeau, 1994: 79), marcando as apresentações nas quais o corpo e a língua se juntam para sustentar as práticas de letramentos situadas e marcadas pela resistência e pela subversão. Isso se deve não apenas aos temas abordados, mas também ao estilo e a forma que as produções assumem (SOUZA, 2011, p. 118).

A disputa de narrativa é, portanto, disputa de poder, é disputa de modelos de sociedade, é disputa pelo direito à fala, não só para denunciar, mas para enunciar outros processos políticos onde todas e todos tenham vozes. Como diz Conceição Evaristo:

A primeira coisa que me vem à mente quando eu penso em Democracia e Participação é pensar no direito à fala. Se estamos falando de democracia, você supõe um processo político em que todos têm vozes, **não é só a voz do centro que faz sentido. A voz do entorno em diversos momentos faz mais sentido do que a voz do centro, porque a voz do centro é aquela voz que já está consagrada, a voz autoritária, a voz que garantiu o espaço e invade o espaço do outro, sem deixar o outro falar.** Às vezes, eu não gosto muito do termo ‘periferia’, porque dá a impressão de que a periferia é um lugar isolado que não produz as suas estratégias. Além disso, **hoje, mais do que nunca, o centro está ‘contaminado’ com a periferia e é por isso que ele quer calá-la. O discurso do centro, hoje, se encontra abalado pela periferia.** Não temos um centro imune ao que está acontecendo na periferia ou do que é dito ou feito nesse território. **Hoje, as margens se chocam. Nós estamos apresentando questões sérias, a periferia já não está no espaço da denúncia, isso já não cabe mais. Agora, cabe o espaço de resolver essas denúncias. A periferia já não está no espaço da denúncia, ela fica no espaço da ação, entende? A nossa palavra é a palavra de fazer acontecer** (EVARISTO, 2020 *apud* SOUZA E SILVA, J. [org], 2020, p. 151-152) [*grifos meus*].

Reivindicar o processo de passar do discurso para a ação foi um dos motivos por exemplo que levou as/os jovens a nomear o grupo deles de A La Hora 30, uma expressão local que

convida a passar para um modo muito mais ativo. Mais do que falar muito é fazer. A La Hora 30 convida para o fazer, para a ação. Palavras sobram, falar é fácil, é muito mais difícil fazer (*Ángel Nupan González – Colectivo A La Hora 30, Cali*).

A ideia de disputa de narrativa assenta-se, ainda, na constatação de que os coletivos mais do que buscar a consolidação de uma identidade cultural periférica – o que não deixa



de ser relevante – “estão elaborando outras formas renovadas de debates e participação política, construídos a partir da agregação de múltiplas modalidades de engajamento e lugares ao nível microssocial” (ADERALDO *in* JÚNIOR, H.F.; KOWARICL, L., 2016, p. 75).

Vejam, por exemplo, o impacto da participação feminina nos coletivos de arte e comunicação. Seja no *hip-hop*, na poesia, no audiovisual, na articulação política, as jovens mulheres – em Salvador e em Cali - estão ocupando cada vez mais os espaços e demarcando os “danos interseccionais” (CRENSHAW, 2002) que marcam seus corpos femininos, negros e empobrecidos. Para Kimberlé Crenshaw (2002), os danos interseccionais são consequência estrutural e dinâmica da interação entre gênero, raça e classe, enquanto eixos de subordinação aos quais estão submetidas as mulheres negras. A autora defende que a experiência interseccional é maior do que o racismo e o sexismo e por isso os danos causados às mulheres negras não podem ser vistos tomando em conta apenas um eixo de subordinação. O três se interseccionam e configuram o que a autora chama de “sistema de desempoderamento” que condiciona as mulheres negras a múltiplas violências e apagamentos.

As jovens negras por meio da arte e da comunicação estão denunciando essas estruturas sociais que as desempoderam e silenciam e estão reivindicando outros espaços para suas narrativas e corpos. No diálogo abaixo, a jovem poeta, estudante universitária e moradora do bairro da Santa Cruz, em Salvador, Adriele do Carmo, traz um exemplo de como ela, incomodada em notar que as meninas de um projeto que ela participava – o Belezas Crespas – “tinham um problema muito grande com o cabelo”, resolveu fazer um poema para dialogar com elas sobre temas estruturais que estavam por detrás de um aparente desconforto estético.

Crespas belezas crespas  
Cortei bem curtinho  
Para que meus fios ancestrais apareçam  
É mais que cabelo  
É cultura e identidade  
Que trago na cabeça  
Empoderamento não é somente a palavra do momento  
É o nosso ato diário de enaltecimento  
Da realza que somos e da trajetória que temos  
Sou cria da Santa Cruz, do Vale das Pedrinhas, Nordeste de Amaralina  
Gosto do meu cabelo lá em cima  
Assim como a minha autoestima  
Meus fios emaranhados  
São muito discriminados  
Deixa esse racismo de lado  
Só diz que crespo é ruim  
Quem ainda tá com pensamento colonizado

Esse poema [Belezas Crespas] foi escrito no finalzinho de 2017 e nasce a partir de um incômodo meu. A gente tava fazendo o projeto Belezas Crespas aqui no Nordeste de Amaralina [bairro da periferia de Salvador], e aí eu tava fazendo a comunicação e, nesse contexto, eu sentia que as meninas ainda tinham um problema muito grande com o cabelo. E aí eu queria chegar pra elas e dizer “gente, seu cabelo é lindo”. **E aí eu não tinha uma forma de dizer isso sem, talvez, causar um constrangimento até maior naquele espaço. Porque o constrangimento com o cabelo, essa falta de autoestima, não era algo revelado. E aí eu escrevi esse poema e, em dado momento, eu fui e recitei.** A partir daí, a gente foi conversando com as meninas sobre esse sentimento em relação ao próprio cabelo, ao próprio corpo, à própria autoestima. **Então essa escrita poética, às vezes, reverbera de uma forma muito potente. É uma forma lúdica, mas é objetiva, porque você diz o que tem que ser dito de forma rápida e de forma certa.** E às vezes sem causar um estranhamento que, às vezes, é causado num diálogo direto (*Adrielle do Carmo, durante a gravação do Podcast PapoCom#24 Comunicação das Periferias de Salvador, realizado virtualmente no dia 16 de outubro de 2020*) [grifos meus].

Há uma dimensão pedagógica na atuação da jovem que pode ser estendida a várias outras práticas similares que sustentam as metodologias utilizadas pelos coletivos. A poesia, a escrita é o caminho para tratar temas complexos, questões estruturais, como segue analisando Adrielle do Carmo:

[...] andando pelos saraus, eu conheci - de repente - uma pessoa que tinha um grupo de pesquisa da área de gênero, e aí a gente conversando - nascia - e nasce até hoje - uma ideia de trazer uma oficina de segurança digital para meninas do bairro. Dentro de um outro sarau, eu converso com uma pessoa e consigo fazer um projeto de fotografia para o bairro da Santa Cruz e outros bairros do Nordeste de Amaralina, que foi o Belezas Crespas. Um projeto que a gente conseguiu ganhar um edital e as fotos tiradas com as meninas do Nordeste de Amaralina foram capa da programação de espaços culturais aqui de Salvador. **O sarau é esse ambiente de cultura, de arte, de encontros, de fortalecimento e de inter-relação entre as temáticas que nos atingem. É um espaço onde as pessoas conseguem não só consumir e produzir cultura, mas também consumir outros conteúdos e, a partir daí, criar outras iniciativas e fortalecer essas outras iniciativas.**

[...]

**O evento do meu TCC, por exemplo, foi o Sarau das Artes Santa Cruz: um evento sociocultural que reuniu iniciativas culturais e de empreendedorismo presentes aqui no bairro.** Em um mesmo espaço, tinha uma oficina de fotografia. Inclusive, esse sarau foi feito em parceria com o NORDESTEeuSOU. O rapaz (Wesley) que participou, que foi o oficinairo que deu essa oficina de fotografia com o celular, ele é do NES. Ele fortaleceu no sarau com essa oficina. Teve uma menina trançando o cabelo, uma empreendedora na área de tranças do bairro. Outra menina, Gislene Araújo, do Preta que Trança. Ela é empreendedora do bairro, e participou do sarau trançando cabelos [...] e foram feitos contatos a partir

desse espaço. Teve os meninos do basquete, que estavam lá e, a partir daí, já fizeram a ligação com os meninos do Hip Hop e depois criaram outras iniciativas. **Então os saraus são esses espaços de troca, e não somente de produção e mostra artística. Isso também é comunicação.**

[...] **a poesia ela tem esse poder de unificar os temas e de comunicar de forma lúdica e certa. Quando eu falo desse movimento de poesia, eu não falo só da poesia escrita, mas da poesia oral, da poesia cantada, como é o caso do rap e que está aí invadindo diversos espaços em Salvador.** Em diversos momentos nos saraus, é muito possível você ver uma pessoa que começa - de repente - a recitar, e aí, no meio do texto, canta uma música, cita um trecho de Racionais, de Emicida, de Flora Matos, de Preta Rara, e aí faz esse intercâmbio entre a oralidade e a musicalidade. **E a poesia, tem muitos movimentos aqui em Salvador que - através da poesia - vai nas escolas e dá outras perspectivas aos jovens e às pessoas que têm esse interesse na escrita poética.** Por exemplo, o Evanilson Alves, do Sarau da Onça, ele conseguiu publicar um livro com as meninas que estão em situação de... que vivem - Bruna talvez possa falar mais do que eu, porque ela tem um estudo sobre isso - na Fundação Casa. E aí ele publicou um livro com os textos dessas meninas. E ele faz um trabalho incrível dentro de escolas. Então é a poesia alcançando um público que, talvez, em outros contextos, não pudesse ser alcançado. E aí essa poesia fala sobre racismo, fala sobre as dores individuais que estão entrelaçadas com as dores coletivas. **E, a partir dessa escrita poética, a gente consegue comunicar muito mais - às vezes - do que se fosse fazer um texto enorme ou se fosse fazer um vídeo de dez minutos falando sobre algum tema** (Adrielle do Carmo) [grifos meus]

Essa comunicação pela poesia que a qual se refere Adrielle encontra eco na percepção de Mariana Oxente Gente, do Coletivo ZeferinaS quando aponta os coletivos de poesia como espaços educativos e conta que

**depois que a gente começou o Coletivo ZeferinaS, que começamos a nos formar e entender o racismo de uma forma mais concreta,** porque antes a gente estava na base da experiência. Ler coisas sobre o assunto e foi muito doloroso (Mariana Oxente Gente – Coletivo ZeferinaS, Salvador). [grifos meus].

A escrita, assim como a produção teatral, audiovisual, comunicacional são possibilidades de (re)existência para estes corpos negros, indígenas, *mestizos*. Ou, nas palavras de Maurício Balanta Jaramillo, da Casa Cultural El Chontaduro:

**A escrita permitiu isso, ressignificar a vida e ressignificar também esse lugar intelectual que nos foi negado historicamente, adentrar em nossa forma de escrever** [...] como nos negaram a caneta, nós tínhamos que escrever no cabelo, tínhamos que escrever na terra, tínhamos que escrever na roupa, mas sempre foi assim: se nos negam, nós buscamos outras maneiras de nos comunicar. **O corpo é um primeiro espaço de leitura e escrita porque o corpo está dotado de sentido. O cabelo afro é um lugar de escrita.** E esse mesmo corpo é violentado, então essas marcas já contam um montão de histórias. É trazer para as pessoas **a chave: olhe-se e conte-se** [grifos meus].

É partindo desta compreensão que as atividades comunitárias são desenvolvidas na Casa Chontaduro. O trabalho com a escrita estrutura atividades e projetos realizados no âmbito das três linhas de atuação da organização: Infância e Juventude, Gênero e Investigação. Oficinas voltadas para crianças, adolescentes, jovens e mulheres adultas e idosas trabalham questões sociais, raciais e de gênero por meio da palavra falada, cantada, dançada e escrita. Maurício Balanta Jaramillo comenta o lugar que a escrita ocupa nas pedagogias desenvolvidas pela associação:

[...] o que tem significado para nós em Chontaduro é **poder escrever, é poder nos apropriar da escrita como uma possibilidade de resistência.** É fundamental para as organizações do Distrito [de Aguablanca], das *Laderas*, das periferias a **oportunidade de oferecer outras narrativas sobre quem somos, como vivemos, o que fazemos, como o fazemos.** Partindo da centralidade, desses entornos, há muitos imaginários sobre nós, que sempre mantêm os setores populares com uma forte estigmatização. Falando particularmente do Distrito de Aguablanca e de quem povoa o Distrito, a potência desse imaginário é tão forte que nos estabelece barreiras. Há toda uma segregação espacial que mantém esses corpos negros separados: "devem estar lá, porque vocês vivem dessa forma, vocês fazem essas coisas, então vocês vêm para cá nos trazer problemas e nos contaminar". **Há uma leitura muito viciada e arrogante, mas que também é própria dessas lógicas de racismo e colonialismo. Por isso, as organizações, as formas organizadas do território, a partir, sobretudo, dos seus espaços formativos têm feito uma aposta muito grande de ir contra a isso, impulsionando muitas possibilidades expressivas.**

[...]

**A partir do oral, começa-se a ativação dos atos.** Bom, essas histórias não podem se criar somente com palavras que o vento leva ou que somente fique neste espaço, mas que possam juntar-se e chegar a outras vidas e devem tocar essas vidas e possibilitar essas outras narrativas. Então, nesse sentido é que convidamos as mulheres, os jovens para que façam isso [escrevam suas histórias]. **É muito potente e é difícil medir a força, mas toda vez que abre a porta as pessoas querem seguir contando e se conectam com a necessidade, porque também há muito de silenciamento.** Em Chonta [Asociación Cultural El Chontaduro], a **escrita nos devolveu a linguagem, nos colocou em um cenário de resistência porque quando as mulheres, os jovens contam suas histórias, fazem leitura crítica delas, regressam às suas histórias, resignificam, mudam,** é uma maneira também de dizer... 'bom eu começo escrevendo isso, mas uns meses depois volto ao relato e começo a vivenciar um montão de coisas que mudaram; ou bom, isso não era bem assim, ou quero/necessito contar outra coisa', então é uma travessia pela vida mesmo. É um pouco **do que significa para nós a "leitura-escritura"** [grifos meus]

Uma atividade conduzida por Maurício retrata a intencionalidade metodológica do trabalho com a palavra para tratar memórias. No encontro chamado "Com Tinta Negra", Maurício provocou o grupo formado por jovens e mulheres a pensar a escrita como

possibilidade de representar as identidades femininas negras. Para isso, convidou as participantes a escrever suas experiências. Essa possibilidade, por si só, já é um desafio porque, explica Maurício,

são mulheres que muitas vezes não passaram por uma escola, muitas que não puderam terminar seus estudos porque as situações econômicas de suas famílias ou suas condições de *desplazadas* também criam essa ruptura. O machismo cria essa ruptura. **São muitos elementos que separam as mulheres dessa possibilidade de narrar-se, de fazer um exercício intelectual, de criação...** Essas mulheres são jovens, mas há também as mais velhas e elas ficam juntas; e aquela que não pôde estudar tem uma oralidade maravilhosa, compartilha essa oralidade e se conecta com aquela que sabe escrever com essas outras formas de narrar. Esse encontro da palavra, falar a palavra escrita, é mágico e nos leva a pensar numa forma de conciliar todas essas histórias. **As mulheres contam muito com a performance, criam poesias não somente a partir da palavra. Se incorpora uma teatralidade e se conjuga as linguagens e fazem todo o exercício de compartilhar que é maravilhoso para as mais velhas** que tem um ritmo diferente, uma concepção diferente das coisas, considerando suas trajetórias e, claro, tem o que compartilhar e são coisas muito legais [*grifos meus*].

A escrita associada à performance, ao teatro, à dança está presente nas atividades realizadas na Casa Chontaduro na linha de investigação que reúne mulheres com as mais diversas trajetórias. Nesta linha, a poesia e a literatura ocupam o papel de vetor da elaboração teórica, da sistematização e difusão de saberes comunitários.

Há um espaço que um grupo de mulheres tem diálogos cotidianos que permitem reflexões do que significa ser mulher, ser mulher negra no Distrito [de Aguablanca] dentro de uma cidade com um racismo também muito forte como é Cali. **Com essas narrativas cotidianas impulsionamos muitas linguagens.** As mulheres têm feito exercícios de escrita, já publicaram três livros de histórias de vida e têm feito um trabalho muito bonito de investigação colaborativa (*Mauricio Balanta Jaramillo – Casa Cultural El Chontaduro, Cali*) [*grifos meus*].

Como já dizia bell hooks (2019, p. 73-74), a linguagem é um lugar de luta:

[...] estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. A linguagem é também um lugar de luta. **O oprimido luta na linguagem para se recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são todas uma ação – uma resistência** [*grifos meus*].

As “rajadas” produzidas pelas juventudes das quebradas são carregadas dessa luta que é ancestral e cotidiana. Os textos a seguir produzidos durante a oficina virtual de escrita “Conhecimentos de Quebrada”, conduzida por mim, em parceria com Carlos Bonfim e Verena Vieira traduzem essa dimensão:

**Escrevemos vivência, fazemos isso com muita coragem**

Uma escrita descritiva muito linda.

A tal escrevivência que alimenta meu ser

**Escrever é exercer a liberdade de poder descrever as nossas inquietações do coração, e os pensamentos para além de si.**

**Produzir conhecimento é criar raízes, coisas, laços que possam ser fortalecidos através da produção** (Roger Ferreira – Sarau Vidas na Mira, Itacaré-BA).

**Escrever para nós, sujeitos periféricos, é, antes de tudo, uma tática de guerrilha.** Uma necessidade de se expressar, de identificar características no campo da identidade. **Mecanismo de autoconhecimento e defesa.** Fortalecimento de percepção crítica que temos do mundo (Raimundo Moura, poeta e ator, morador do Subúrbio Ferroviário de Salvador)

**A escrita para sujeitos periféricos é a periferia que leva seus conhecimentos para as comunidades** tornando-se leitor das motivações da escrita (Tatiane Anjos – REPROTAI, Salvador).

A escrita que estrutura as pedagogias desenvolvidas pelos coletivos acontece por meio de distintas metodologias e linguagens artísticas. Configura-se um entendimento de escrita ampliado. É a escrita do corpo que dança, canta, performa: este corpo que, sendo “a instituição máxima e integrante da experiência em comunidade, institui e organiza o projeto comunitário” (RUFINO, 2019, p.127). É a escrita que também se faz por meio do uso político da imagem, seja ela estática, como no caso da fotografia e do grafite, seja movente, na produção cinematográfica e audiovisual. A linguagem audiovisual, inclusive, vem contribuindo muito – principalmente a partir da década de 1990 - para difundir outros imaginários sobre as periferias e seus moradores, o que, conseqüentemente, contribui para que os próprios moradores passem a acessar os seus lugares através de outras lentes, como visto a partir dos exemplos anteriores.

A experiência cultural audiovisual, abalada pela revolução digital, aponta para a constituição de novas modalidades de *comunidade* (artística, científica, cultural) e de *uma nova esfera do público*. Ambas acham-se ligadas ao surgimento de uma *visibilidade cultural*, cenário de uma batalha política decisiva que passa hoje pelo deslocamento dos saberes, perturbando suas velhas, mas ainda prepotentes, hierarquias (Mignolo, 2001), disseminando os espaços onde se produz o conhecimento e os circuitos pelos quais transita, e permitindo aos indivíduos e às coletividades inserir suas culturas cotidianas orais, sonoras e visuais nas novas linguagens e escrituras (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 25).

Em suma, arrisco afirmar que estes coletivos elaboram por meio da arte e da comunicação dribles epistêmicos que convidam para a composição de outras intelectualidades que exigem mudanças nas lentes que estão disponíveis. Há ainda, nos

fazer dos coletivos das periferias, uma conexão com o que Zibechi (2007) aponta como uma característica dos novos movimentos sociais: a capacidade de formar seus próprios intelectuais: “[...] nos setores populares aparecem pessoas com novos conhecimentos e capacidades que facilitam a auto-organização e a autoformação. Os movimentos estão tomando em suas mãos a educação e a formação de seus dirigentes, com critérios pedagógicos próprios, muitas vezes inspirados na educação popular (ZIBECHI, 2007, p. 186).

Desta forma, a arte, assim como a comunicação, para os coletivos das quebradas não é utilitária, instrumental, ela é força motriz para a organização comunitária e para a definição das respostas dadas às opressões sofridas. A partir das linguagens artísticas e comunicacionais são produzidos saberes emancipatórios, que traduzem uma forma de conhecer o mundo, de produzir uma racionalidade marcada pelos marcadores raciais e de intervir nesta sociedade racializada por meio da criação, recriação, produção e potência (GOMES, 2017). Um movimento que é coletivo, mas que parte de processos que começam nos sujeitos ao reconhecerem suas próprias potências, identidades, raízes, memórias, histórias roubadas, apagadas, silenciadas.

Vejamos, portanto, o que Gomes (2017) compreende por saberes emancipatórios. São aqueles produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro Brasileiro e definidos em três tipos: “saberes identitários”, “saberes políticos” e “saberes estético-corpóreos”. A autora toma como referência a noção de conhecimento emancipatório de Boaventura de Souza Santos e, de forma resumida, é possível dizer que define os “saberes identitários” como aqueles que permitem recolocar o debate sobre raça no Brasil para além dos espaços da militância e da discussão política. São saberes que promovem uma outra visibilidade da questão racial e da identidade negra de forma afirmativa na literatura, nas artes, na produção acadêmica etc. Para Gomes (2017, p. 71), “o Movimento Negro tem conseguido expandir a politização da raça e da identidade negra para lugares nos quais elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas”.

Os “saberes políticos”, por sua vez, referem-se aos saberes capazes de incidir na arena institucional, fazendo com que a universidade e os órgãos governamentais passem a tematizar as desigualdades raciais. Para a autora, os saberes políticos produzidos pela comunidade negra vêm sendo capazes de recolocar o debate político sobre a raça no Brasil, o que se reflete na adoção de políticas públicas institucionalizadas a exemplo do Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/10) e a Lei de Cotas Sociorraciais nas Instituições Federais de Ensino Superior (Lei 12.711/12) e a Lei de Cotas nos Concursos Públicos Federais (Lei 12.990/14).

No que diz respeito aos “saberes estético-corpóreos”, Gomes (2017) ressalta a contribuição deles para superar a visão exótica e erótica dos corpos negros e trazer uma nova leitura sobre o corpo negro. A autora destaca a importância da atuação das juventudes, em especial as jovens negras, para pautar a estética negra como parte do direito à cidadania.

Estes saberes estético-corpóreos rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposto pelo racismo. Eles afirmam a presença da ancestralidade negra e africana inscrita nos corpos negros como motivo de orgulho, como empoderamento ancestral. Recolocam a negra e o negro no lugar da estética e da beleza (GOMES, 2017, p. 80).

A partir desta perspectiva, considero oportuno compreender as práticas artísticas dos coletivos que estão nesta teia-tese como movimentos negros educadores. Os coletivos são produtores de saberes emancipatórios à medida que se movimentam em prol da construção de um outro imaginário sobre os territórios violentados, em sua maioria formado por pessoas negras, tanto em Cali quanto em Salvador. Estou ciente que ao falar de movimentos negros educadores, Nilma Lino Gomes refere-se ao contexto brasileiro que, como já visto, possui inúmeras diferenças do contexto colombiano no que se refere, por exemplo, à organização dos movimentos sociais e a integração da população afrocolombiana na sociedade. No entanto, a utilização do conceito de forma estendida aos coletivos de Cali e em diálogo com a noção de quilombismo, permite conectar estas práticas ativistas e lê-las sob um prisma que as une: o diaspórico.

A diáspora africana promoveu migração forçada, extermínio em massa, sofrimento psíquico, uma crueldade sem precedentes que exigiu a reinvenção de formas de viver e de se organizar politicamente. Sociedades afrodiaspóricas como a brasileira e a colombiana são formadas a partir desta reinvenção. Os movimentos negros educadores da contemporaneidade são herdeiros do circuito de comunicação da diáspora africana que deslocou signos, saberes, fazeres pelos continentes (GUERREIRO, 2017).

Os coletivos juvenis da quebrada tanto em Cali quanto em Salvador fazem parte deste circuito, que Guerreiro (2017, p. 116) denomina como “terceira diáspora”, capaz de “difundir repertórios estéticos positivos, produzidos pelas comunidades negras em todos os campos de criação: intelectual, comportamental e artístico”. E é nesse circuito que as juventudes que caminham comunitariamente seguem criando e difundindo repertórios estéticos positivos, tendo a arte e a comunicação – e tudo o que suas linguagens permitem criar – como alicerce pedagógico de suas ações. No entanto, muitas vezes estas produções seguem ocultadas pelo paradigma da ausência (SOUZA E SILVA, 2018) que prevalece nas leituras feitas sobre as



periferias, favelas, quebradas e impossibilita que sejam reconhecidas as respostas construídas por estes grupos como formas contra hegemônicas de vida em sociedade.

Ou, nas palavras de Mariana Oxente Gente, do Coletivo ZeferinaS<sup>288</sup>:

Questionam e tentam invisibilizar, estigmatizando nossas produções, nossos artistas e nos excluindo do cenário cultural. Mas, aí é que está, **o questionamento não é acerca da validade das nossas artes e da nossa produção: a poesia marginal, a capoeira, o rap. O real questionamento é sobre a nossa capacidade intelectual de produzir saberes, conhecimentos, em produzir arte** [*grifos meus*].

## 5.2. ANCESTRALIDADE COMO BÚSSOLA

Nós somos os ancestrais e nós somos os futuristas [...] a gente quando fala no ancestral a gente fala também naquele que há de vir, uma coisa está totalmente ligada a outra, aquilo que é e aquilo que já foi. Aquilo que vai ser é o que está sendo e o que já foi também. Ancestralidade é realmente a nossa forma de estar na vida, tanto com representação às vezes como se fôssemos passado, às vezes como se estivéssemos no presente e às vezes fazendo uma projeção para o futuro. Essa é nossa forma ancestral de existir (*Mateus Aleluia*)<sup>289</sup>

O cantor e compositor baiano Mateus Aleluia abre este cruzo. A sabedoria que emerge dos seus versos faz-se presente – seja de forma verbalizada, seja tacitamente – nas produções artísticas e comunicacionais dos coletivos das quebradas. Esta “forma ancestral de existir”, assim como uma bússola, aponta o caminho para as juventudes que se dedicam a construir respostas efetivas às opressões estruturais. Práticas e produtos artísticos e comunicacionais já vistos ao longo desta teia-tese demarcam uma convergência fundamental entre os coletivos de Salvador e de Cali: a produção de memória é prioridade pedagógica das/os jovens. Esta memória é marcada pelas cosmovisões indígenas e afrodiáspóricas que se expressam na forma de estar na vida, na forma de agir e produzir comunitariamente, se expressam no hoje, no ontem e no amanhã.

Não é por acaso que quando as/os jovens trazem suas definições de resistência, elas estejam relacionadas justamente com esse movimento cíclico, de continuidade que Mateus Aleluia define como ancestralidade ou o que Guerreiro (2017) compreende como terceira diáspora, em alusão a este circuito de comunicação, criação e reinvenção que segue em curso nas sociedades afrodiáspóricas. Acerquemo-nos, pois, de algumas das definições das/os jovens:

---

<sup>288</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCmdQEtFBzz/> Acesso em 24 jan. 2022.

<sup>289</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8xH2oDLUUG> Acesso em 10 dez 2021.

Resistência para mim é **manter a memória**, a verdade da memória compartilhada com outras pessoas, não a deixar camuflar, mas sim **seguir construindo a memória que as elites apagaram** (*Paula Andrea Locume - Consentido Colectivo, Cali*)

Resistência para mim é estar viva, **tomar consciência do nosso passado, ou seja, aquela questão de que uma árvore sem raízes não fica de pé, praticar Capoeira Angola, tocar no chão, tocar um berimbau, invocar minha ancestralidade, ter responsabilidade com os que já foram, com os que estão e com os que virão e tentar viver, porque a gente sobrevive** [...] faço resistência praticando capoeira e dando uma meia lua de compasso nos racistas, discutindo gênero sempre, fazendo poesia, escrevendo, me cuidando no processo de reconhecimento e autoconhecimento porque a modéstia para nós não é algo espontâneo, ela é algo imposto. É perceber que não é modéstia, mas sim silenciamento e violência que as pessoas praticam e você fica achando que você não é nada e nem ninguém, por mais que as pessoas te elogiem, você não acredita [...] **Eu acredito em mim e acredito na juventude negra. Eu acredito na nossa ancestralidade, nas nossas pessoas mais velhas, na minha avó e no meu mestre de capoeira. Tantos lutaram e agora eu não posso dar para trás, eu não posso quebrar meu acordo** (*Mariana Oxente Gente – Coletivo ZeferinaS, Salvador*)

Represento resistência com o punho cerrado erguido para cima, para lembrar que antes de mim outros lutaram. Para que eu pudesse fazer o que faço hoje, outros se rebelaram e morreram. É lembrar o Sankofa: a volta ao passado, para você saber como lidar no presente e até o futuro. **Nosso corpo já é um ato de resistir. O nosso corpo é político em toda sua esfera, desde o nosso nariz grande, a nossa boca, o nosso cabelo black ou não, a nossa pele retinta, a forma como a gente se veste, esses são atos de resistência também** (*Sandro Sussuarana – Sarau da Onça, Salvador*).

Mistério, rapper e integrante da FUNDP, que atua no Distrito de Aguablanca, em Cali, canta em rap a sua percepção sobre resistência e ancestralidade:

Flores silvestres com ventos eternos  
Perguntas que vuelan  
Crianças que morrem  
A terra destrói  
Com fumaça e com chumbo  
Já ninguém imagina chegar até a velhice  
Sementes não há  
Voltei a meus ancestrais  
Fizeram sua terra  
E não a prometida  
[...]  
Quantas vezes me mataram  
Quantas vezes morri  
No entanto, sigo aqui  
No entanto, sigo aqui

A noção de resistência – ou de ofensivas culturais emancipadoras, perspectiva adotada nesta tese para ler as práticas e produções dos coletivos – é atrelada, pelas/os jovens, à memória, ao conhecimento da própria história, ao pertencimento étnico-racial e ao comprometimento com uma luta que é secular. São nestas bases que estão assentadas as ações coletivas de insubordinação que produzem as juventudes em seus territórios. São elas que configuram os repertórios éticos, estéticos e políticos dos coletivos, que contribuem para massificar informações positivas que foram apagadas, silenciadas da história e, ao fazer isso, colocam em pauta outros conhecimentos, sentidos e significados que rivalizam com os repertórios hegemônicos (GUERREIRO, 2017).

Esta base se faz presente, por exemplo, nas ações do Consentido Colectivo quando ao definir as atividades prioritárias da Biblioteca Gabo, opta por focar em processos educativos com crianças, adolescentes e jovens para que possam primeiro conhecer a história do bairro a partir das vozes daquelas e daqueles que fazem parte do lugar, vivenciam as dinâmicas locais para que a partir daí possam escrever outras narrativas sobre o Oriente de Cali, distanciando-se da reprodução de leituras estigmatizadas. Por isso, é que Paula Andrea Locume diz “resistência para mim é manter a memória, a verdade da memória compartilhada com outras pessoas”.

Processos similares são desenvolvidos na Casa Cultural El Chontaduro, como já apresentado por Mauricio Balanta Jaramillo. Por meio das três linhas de atuação da organização, objetiva-se, de forma articulada, fortalecer nas crianças, adolescentes, jovens, mulheres adultas e idosas a capacidade de conhecer a própria história, perceber como a colonialidade segue operando silenciamentos entre as populações afrodiáspóricas e construir respostas a estes silenciamentos a partir do corpo, da escrita, da produção artística e acadêmica. Vale recordar que a Casa Chontaduro tem uma linha de investigação, na qual mulheres negras que são lideranças comunitárias produzem artigos científicos em parceria com professoras/es universitários de universidades como a ICESI, em Cali.

Em Salvador, vimos como os coletivos que atuam com poesia periférica/marginal se lançam em um processo contínuo de ensino-aprendizagem, de aprofundamento dos letramentos raciais e de gênero para que possam construir contranarrativas e ocupar o espaço público como produtores de intelectualidades, como artistas, agentes culturais, referências para os seus territórios, autoras e autores de suas histórias.

Escutemos Mariana Oxente contar que ela e outras jovens negras criaram o Coletivo ZeferinaS para atuarem com poesia, música, dança tomando consciência do passado, tocando no chão, invocando a ancestralidade e tendo responsabilidade com os que já foram.

**Escolhemos o nome Coletivo ZeferinaS porque Cajazeiras, juntamente com Pirajá e Tancredo Neves, compunham antigamente o que era o Quilombo do Orobu.** Hoje ainda há um remanescente, que é o Parque São Bartolomeu. Se você encontrar com pessoas que moram em Cajazeiras há um tempo, elas vão te contar. (*Mariana Oxente Gente – Coletivo ZeferinaS, Salvador*) [grifos meus]

[...] **para mim o Coletivo ZeferinaS é um berço, a gente traz esse nome da nossa mãe Zeferina para recuperar uma história que com o Ocidente, com o passar do tempo vem sendo perdida [...] a gente se junta e formamos esse quilombo pensando a população preta, pensando as mazelas que a gente precisa retirar do nosso dia a dia.** Em especial voltado para o bairro de Cajazeiras, nossa comunidade (*Rool Cerqueira – Coletivo ZeferinaS, Salvador*<sup>290</sup>) [grifos meus]

Quanto à denominação "ZeferinaS", faz-se referência à figura inspiradora de Zeferina, mulher negra e quilombola que liderou o Quilombo do Orobu, originalmente localizado em Cajazeiras na segunda metade do séc. XIX. **As marcas de resistência desse quilombo histórico e dessa rainha se fazem presentes em cada mulher negra da periferia, na juventude negra de pé contra o genocídio e na importância da vida de nossas crianças pretas. E, enquanto descendentes de luta pela libertação do povo negro e de insurreição contra o poder vigente, nós assumimos esse legado.** A imagem da logo é como uma boneca "Abayomi", sem demarcação de olhos, boca ou nariz para que haja o reconhecimento de todas as mulheres negras, assim como a letra "S" em caligrafia maiúscula traz juntamente **a ideia de que somos e precisamos ser todos os dias a personificação de Zeferina e da ancestralidade em diáspora africana** (*Coletivo ZeferinaS*)<sup>291</sup>. [grifos meus].

Em um movimento convergente, coletivos de Cali declaram não só em suas narrativas, mas fundamentalmente nas pedagogias utilizadas para desenvolver suas ações, que há um compromisso com o legado de luta dos seus antepassados. Como já visto, na cidade colombiana a presença indígena se faz presente, assim como a afrocolombiana. Esse legado é honrado pelas juventudes que aprendem (e ressignificam) com os movimentos indígenas formas de se organizar politicamente. Vejamos o que conta Sofía Giraldo, do Colectivo A La Hora 30:

Quero ressaltar um trabalho muito importante que vem sendo realizado pela organização indígena aqui no Oriente de Cali. A Guarda Indígena e o processo de libertação da *madre tierra* tem sido um grande exemplo para nós, organizações do Distrito de Aguablanca e das *Laderas*. Faz cerca de três ou quatro anos que trabalhamos ao lado dessas organizações do Cauca [região do Pacífico Colombiano]. **Com a Guarda Indígena aprendemos muito sobre organização e que a luta e o legado que deixaram pra gente são milenares. É muito claro, também, em vários aspectos que essa luta**

---

<sup>290</sup> Trecho da fala de Rool Cerqueira durante o evento virtual Recital Literário no "Projeto Alimento da Alma – Ocupação Gastrocultural do Café-Teatro Nilda Spencer". Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm\\_kkUc](https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm_kkUc). Acesso em 12 jan. 2022.

<sup>291</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivozeferinas/> Acesso em 17 mar. 2022.

**tem a ver com a organização juvenil.** Para a gente tem sido chave trabalhar com eles porque eles nos compartilham em primeira mão muitos saberes. **As anciãs e os anciãos nos compartilham no trabalho coletivo muitos saberes ancestrais sobre organização e sobre o tema da libertação da *madre tierra* e a luta pelo o que eles nos dizem sobre *buen vivir*.** Porque é algo que eles têm muito claro e muito enraizado que todas as lutas que travamos [...] isso nos nutre muito, porque são ideias que muitas vezes não se fazem da cidade, de um lugar popular na cidade, são saberes que vão se perdendo e que normalmente se não fosse por essa tarefa árdua dos *compas* e das *compas* da Guarda Indígena e do processo de libertação da *madre tierra*, não chegaria a nós. Ou seja, **tem muitos obstáculos para que estes saberes e todas estas aprendizagens e formas de organização cheguem a nós [...] os anciãos e as anciãs nos nutrem demais** (Sofía Giraldo – *Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

Esta defesa da *madre tierra* a partir da promoção do “bem viver” (*buen vivir*) de forma conectada com a ancestralidade aparece nas táticas adotadas pelos coletivos de Salvador para driblar estes obstáculos citados por Sofía. Na região de Tubarão, em Paripe, por exemplo, a mata, a praia, a rua – e as redes digitais - se transformam em sala de aula, em espaço educativo para que a Vovó do Mangue possa partilhar saberes que contribuam para gerar na comunidade o senso de pertencimento, de identificação e reconhecimento do território como lugar sagrado.

Passo a fita. Escutemos a Vovó do Mangue, personagem vivida por Natureza França, do QUIAL Tubarão<sup>292</sup>:

Tá escutando o lamento dos preto no fundo do mar?  
Tá escutando, meu fio?  
Faz silêncio  
Ali naquela curva entre Tubarão e Paripe  
Tinham um atracadouro onde os preto parava  
Dos navio desembarcava  
Desembarcava pra trabalhar nas fazenda  
Você sabia que aqui era fazenda?  
Essa região de Paripe era tudo fazenda  
Tem muito tempo isso, véa?  
Tem menos tempo do que morava o povo da terra nesse lugar  
Por que antes dessas fazenda ser distribuída pros herdeiro dos abastados pra vim praqui veranear  
As nossas terra nesse Brasil que era pindorama foi tudo dividida  
Matou os nossos ancestral  
Os povo da terra, os tupinambá que dominava tudo isso aqui  
Escuta o lamento do fundo do mar  
Porque era ali que os preto descia  
Pra servir nessas fazenda que era daqui  
Depois de terem matado os Tupinambá  
E as mulé tupinambá fugindo mata adentro  
[...]

---

<sup>292</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kCmyvx-u2wM> Acesso em 22 dez. 2021.

A Vovó do Mangue segue, os atabaques tocam. A capoeira marca presença. O convite para que a memória apagada seja revivida segue em curso é tática, é intencionalidade pedagógica. Manter viva a memória é, da mesma forma, o que move o Acervo da Laje, museu-escola localizado na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador, as bibliotecas comunitárias Gabo, no Oriente de Cali ou a Zeferina Beiru, no Arenoso, em Salvador, entre outras iniciativas trazidas nesta teia. Todas as ações e produções tem a intencionalidade de produzir com suas escrituras outros testemunhos sobre as favelas (EVARISTO, 2017). Esta intencionalidade pedagógica sustenta-se na ancestralidade, no compromisso com a luta pela emancipação. Sobre isso, escutemos Natureza França:

[...] vou falar sobre processos criativos na periferia. Não estou falando de processos criativos do cotidiano do nosso fazer, que é natural, é orgânico, é de nossa natureza [...] mas, os processos criativos que estão, de alguma maneira, sendo veiculados, reconhecidos pelo público, promovendo ações oficiais que movimentem um público para além da comunidade [...] **pra gente começar a fazer esse tipo de produção na periferia, é necessário que haja o conhecimento da sua trajetória.** Porque, enquanto pessoas de periferia, nós viemos de uma trajetória em que a nossa história é contada por outras pessoas. Nós, historicamente falando, somos objetos de pesquisa. Tem escolas e institutos que ainda nos chamam, chamam nossas experiências, chamam nossas histórias, chamam nossos corpos de objeto de pesquisa. **E a ideia é que não sejamos objetos de pesquisa, porque não somos. Nós somos sujeitos da pesquisa.** E aí, quando a gente entra neste lugar de falar, de escrever, de ser, quando a gente lê a escritura, quando [Conceição] Evaristo fala da escritura, **quando eu vou pra esse lugar de me imprimir no mundo é quando eu conto a minha história.** A história que é vivida, protagonizada por mim e que eu conto. **Se não houver esse autoconhecimento, esse olhar para si e para o seu caminho, para o seu território, o sujeito da periferia não vai produzir processos criativos sustentáveis. Não serão sustentáveis para sua história, para sua trajetória, para o seu território, para a cultura, para o patrimônio.** Porque quando a gente não conhece quem a gente é, de onde a gente vem, a gente segue reproduzindo histórias que nos contaram. E as histórias que nos contaram, muitas vezes, nada dizem sobre nós, de fato. Se ouve muito falar sobre a favela, mas tem muita coisa que, pra gente, a gente nem fala direito [...] gente que tá aqui dentro, a gente sabe a importância de se reconhecer enquanto sujeito, entender que **a nossa história, o nosso corpo é conhecimento, o nosso território é conhecimento, as nossas experiências são conhecimentos. A gente precisa entender o nosso caminho, a nossa caminhada enquanto sujeito, enquanto comunidade, enquanto fios da ancestralidade, continuidade da ancestralidade.** A gente precisa conhecer tudo isso que nos rodeia e que está dentro de nós pra que a gente possa, de fato, realizar processos criativos na periferia que sejam sustentáveis. Que nossas histórias perdurem.

[...]

**Nossos antepassados são muito resistentes, como a gente tem lido e sabido cada vez mais, apesar de terem escondido por séculos da gente tudo isso [...]** os nossos processos criativos da periferia precisam partir das

nossas histórias, pra que a gente não siga reproduzindo o que ensinaram pra gente. Enquanto educadora, esse é um trabalho meu, é uma busca que eu faço constantemente comigo mesma. E aí, enquanto aprendiz (e feliz de ser aprendiz), eu entendo que pra outras pessoas é importante também saber disso. E eu vou compartilhando essa aprendizagem. [...] Mas pensando nos ditos populares, é importante que a gente afirme e sustente. E **quem sustenta o que a gente afirma é nosso corpo, é nossa trajetória. Não precisa ser um livro assinado [...] E é preciso que a gente desenterre, que a gente ‘cavuque’ a nossa história**, porque senão a gente vai continuar produzindo arte à mercê das orientações das outras pessoas de fora, de quem detém o poder de articular os recursos [...] essas pessoas são muito importantes, mas nós temos que dialogar de forma horizontal com elas, circular. E a gente vai fazer isso quando a gente souber os valores que a gente tem. Quando a gente souber do valor/da importância que o nosso corpo, a nossa história, a nossa trajetória tem. E essa é minha luta na quebrada, na periferia. [...] Sempre com muitas pessoas, nunca só. E é importante a gente reconhecer isso. Na favela, a gente precisa trabalhar em rede [...] sozinho a gente não vai, porque o sistema é muito bruto [...] as coisas que eu vejo dar certo nas quebradas é em rede, é em parceria, é com irmandade (*Natureza França – QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus].

Como bem diz Natureza França, é o corpo o primeiro território que carrega as experiências vividas e as ancestrais. Este corpo que Sandro Sussuarana define como político, como *locus* de resistência; ou o que Maurício Balanta Jaramillo apresenta como o primeiro espaço de escrita. Este “corpo-território” que permite que o sujeito compreenda o que está ao redor a partir de seu próprio corpo, como “uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias” (MIRANDA, 2014, p. 69-70). É o corpo portador das marcas interseccionais. Esse mesmo corpo que é estigmatizado, silenciado, amordaçado, encarcerado é o que se liberta ao conectar as memórias ancestrais com as tecnologias de arte e de comunicação na contemporaneidade, como aponta Gomes (2007) ao sistematizar os saberes estético-corpóreos produzidos pelos movimentos negros educadores e Guerreiro (2017) ao articular estes saberes com a noção de terceira diáspora que demarca a forma como estas informações, estes saberes circulam e cruzam as fronteiras transatlânticas.

O corpo transforma o *destierro* em *locus* de ação, produção, reexistência. Ele gera os “alimentos analíticos”, sobre os quais nos fala Carla Akotirene: “Eu sou a intelectual da cozinha que tempera na panela a insubmissão discursiva e produz outros alimentos analíticos”<sup>293</sup>. Esses alimentos têm ancestralidade e apontam para outras possibilidades de “pratos”, de composições, narrativas, expressões.

---

<sup>293</sup> O trecho citado foi parte de palestra de Carla Akotirene no encontro do projeto Lendo Mulheres Negras, realizado no dia 29 de março de 2019 na sede do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

Os/as jovens ativistas - à medida que se articulam comunitariamente para produzir uma arte, uma comunicação que é política e comprometida com as lutas sociais - estão contribuindo com a construção destes outros alimentos analíticos, estão tecendo tramas afrodiaspóricas com seus corpos-territórios. Rufino (2019) compreende a diáspora transatlântica como possibilidade de criar outras tramas para os fios das experiências negro-africanas que foram forçadamente desalinhados com a escravização. Na perspectiva da pedagogia das encruzilhadas, a diáspora é compreendida como “assentamento”, “chão sacralizado”, uma trama cosmopolita e solidária de sociabilidades transafricanas.

As práticas quilombistas que vemos hoje se fortalecer nos centros periféricos das cidades latino-americanas por meio da atuação dos coletivos juvenis de arte e comunicação são herdeiras destes chãos sacralizados e assentadas neles constroem seus territórios, ou “terreiros”, para lançar mão de uma noção formulada por Rufino (2019) para descrever um “campo inventivo”, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento do tempo/espço simbólico. Neste sentido, é possível afirmar que as esquinas, as encruzilhadas são terreiros, são campos criativos, disruptivos, insurgentes. As rodas de samba, de capoeira, os saraus, os *bicipaseos*, os festivais de cinema, as apresentações de poesia nos ônibus, as apresentações da Vovó do Mangue, as exposições fotográficas nos muros das cidades são terreiros: espaços rituais, ancestrais, diaspóricos. São, em suma, possibilidades de encontro, de continuar a criar outras tessituras para fios que seguem sendo forçadamente desalinhados.

É neste sentido, em sintonia com Nilma Lino Gomes (2017), que compreendo os coletivos de arte e comunicação das juventudes das periferias como movimentos negros educadores que enfrentam tensões entre um “dinamismo incrível e uma tensão conservadora” (GOMES, 2017, p. 24). Na base epistemológica destes movimentos, está a construção de autonomia por meio da reafirmação identitária e territorial, uma vez que a consciência racial e a luta cotidiana contra o racismo são em si potência de emancipação (GOMES, 2017).

Defendo que a ancestralidade é, portanto, uma das bases da produção de conhecimentos que estrutura as ofensivas culturais emancipadoras tecidas pelas juventudes periféricas. O saber ancestral diaspórico é herdado pelos movimentos sociais negros e indígenas e amalgamam as práticas destes coletivos culturais. A não-existência é transformada em presença, em ação política (GOMES, 2017). Esta ação está sempre em tensão, pois como diz Sílvia Cusicanqui:

Há sempre uma **tensão entre esquecimento e memória**, porque há esquecimento provocado, há esquecimento dirigido, por meios



pedagógicos, pela escola, pelo Estado, pela invasão da subjetividade através da televisão, da mídia, há fortes impulsos para encobrir tudo isso e enterrá-lo para sempre. Acho que é por isso que **temos que trabalhar muito proativamente neste nexo entre o passado e o futuro**<sup>294</sup>.

Este trabalho proativo para garantir nexos entre passado e futuro é feito a partir do reconhecimento da sua história, das suas raízes e da organização comunitária para que a produção de outras narrativas se dê de forma coletiva. Como trouxe Mateus Aleluia na epígrafe: “aquilo que vai ser é o que está sendo e o que já foi também”. Recordemos o que diz Nascimento (2009): as negras/os foram transformadas/os por um tecido de violências sutis ou explícitas em vítimas de um processo de colonização interna de crueldade sem paralelo. O enfrentamento, no entanto, sempre existiu e o quilombismo é uma ideia-força que sistematiza estas inúmeras e distintas – que podem ser sutis ou explícitas - formas de enfrentamento às violências. As ofensivas culturais produzidas pelos coletivos juvenis apresentadas nesta teia-tese e vistas sob a ótica quilombista são exemplos dessa tessitura que, ao se constituir, produz conhecimentos, saberes, pedagogias. Tecem, em suma, epistemes que se contrapõem ao projeto colonial que segue em curso.

Como visto no cruzo anterior, a arte e a comunicação são o alicerce pedagógico das ofensivas culturais emancipadoras produzidas pelos coletivos, funcionando como catalizadoras de construções identitárias que deslocam os indivíduos da posição de estigma – fabricada pelas miradas produzidas sobre estas juventudes - para a posição de orgulho. A ancestralidade, portanto, é o esteio, é o que garante firmeza a estas ações.

### 5.3. DEFESA DO TERRITÓRIO COMO ÂNCORA

**Eu peço sabedoria para ouvir minha favela...sabedoria para ser orgulho da minha rua, antes de ser pro mundo todo** (*Trecho de poema “A Fome de Tudo em Nós”, de Rool Cerqueira - Coletivo ZeferinaS, Salvador*).

Rool Cerqueira abre esse cruzo. Com sua fita em mãos, ela se apresenta como “artista encruzilhada, artevista que antes de mais nada é arteira, escritora fruto de Cajazeiras, jovem preta, LGBTQIA+ e de asé, graduanda em Bacharelado em Artes pela UFBA, atriz independente há mais de sete anos, performer, *slammer* [...] produtora cultural dos

---

<sup>294</sup> V. CACOPARDO, A. **Nada sería posible si la gente no deseara lo imposible**. Entrevista a Silvia Rivera Cusicanqui. Andamios vol.15 no.37 Ciudad de México mai./ago. 2018

coletivos ZeferinaS e o coletivo Nacional Poetas Vivos [...]”<sup>295</sup>. Sua descrição reúne diversas identificações e, para o que vou abordar aqui, interessa destacar que a jovem poeta demarca que é “fruto de Cajazeiras”. É a partir deste lugar que ela constrói sua trajetória, ouve sua favela e deseja ser referência positiva em seu bairro, antes de ser para o mundo todo.

Sandro Sussuarana percorre caminho similar e, inclusive, incorpora ao nome artístico o bairro onde nasceu, cresceu e atua como poeta, escritor e produtor cultural.

O meu nome é Sandro Ribeiro dos Santos, mas eu ganhei o sobrenome Sussuarana no Sarau Bem Black, em 2009 ou 2010, quando [Nelson] Maca fazia o Sarau Bem Black. Eu frequentava muito o sarau e sempre falava que eu era de Sussuarana. **Sempre tive esse orgulho de falar que eu era do bairro.** Eu levava muitas pessoas daqui, levava cinco ou seis pessoas em cada sarau [...] quando eu subia no palco para recitar, Maca falava: "Vou chamar aqui um menino que é de Sussuarana! Sandro!". Maca sempre me dizia: "Como assim você é um poeta e artista e não tem um sobrenome?" Como é o seu sobrenome?". Bom, eu não gostava de usar o Ribeiro, porque eu não achava que o Ribeiro fosse um nome artístico, então eu só usava o Sandro. No dia em que ele me colocou como apresentador do Sarau Bem Black, ele me falou: "**Olhe, a partir de hoje você é Sandro Sussuarana**". **Após isso, eu troquei o meu nome nas redes sociais. Nessa época eu tinha 20 anos** (*Sandro Sussuarana – Sarau da Onça, Salvador*) [grifos meus].

Lucas Leite, do Coletivo Incomode, quando se assume Urubu do Quilombo verbaliza uma intencionalidade de manter viva a memória da região que já foi o Quilombo do Urubu<sup>296</sup> e de reforçar a importância de atuar coletivamente contra as opressões:

**Eu me tornei Urubu do Quilombo porque eu acredito que o aquilombamento é a pauta que nos libertará a nível de ancestralidade.** Porque todos nós, que tivemos o sangue derramado, acaba que nós passamos por isso. **Nosso povo vive sendo alvo porque em algum momento da história disseram a nós que nosso direito à vida foi negado, nosso direito à nossa história, nossa ancestralidade foi roubada. Eu falo sempre que apagaram o passado e tentam nos matar no presente porque eles não querem que o nosso povo tenha futuro.** E, quando o nosso povo teve futuro, nosso povo reinou, nosso povo construiu as grandes pirâmides que até hoje eles buscam respostas pra não admitir que não foram o povo deles que criou. Eu acho que isso é uma loucura. **O Estado se pauta na desinformação, na separação das comunidades, na falta de pertencimento. É muito fácil um jovem pertencer a uma facção, pertencer a um grupo criminoso, quando ele não sente que pertence a lugar nenhum.** Nosso povo tem uma história, nosso povo infelizmente foi roubado, mas eu acredito que a juventude tá cada vez mais desperta. **Quando eu me torno Urubu do Quilombo, eu abro mão da minha**

<sup>295</sup> Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1Sup951mwVIOyyoMnBrUBBb8YkoD\\_Fm6r/view](https://drive.google.com/file/d/1Sup951mwVIOyyoMnBrUBBb8YkoD_Fm6r/view) Acesso em 03 mar. 2022.

<sup>296</sup> De acordo com Silvia Maria Silva Barbosa (2003), o Quilombo do Urubu – localizado na região que hoje corresponde ao Parque São Bartolomeu, no Subúrbio Ferroviário de Salvador - foi fundado por Zeferina no século XIX. Zeferina tinha origem angolana e teria sido trazida ao Brasil na condição de escravizada ainda bebê. Tornou-se uma importante liderança da luta pela libertação dos povos negros escravizados.

**identidade individual pra me somar no pensamento coletivo. Eu acho que é esse aquilombamento que nossos povos precisam** (*Urubu do Quilombo - Coletivo Incomode, Salvador*) [grifos meus].

As/os jovens do Coletivo ZeferinaS quanto as/os da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru fazem um movimento similar ao de Urubu do Quilombo ao definirem os nomes dos seus coletivos, o que já antecipa a relevância do território para a atuação das/os jovens. É a partir dele que são construídos saberes, valores e identidades. Em Cali, não é diferente: as/os jovens que decidem caminhar comunitariamente associam a produção artística, o ativismo e a mobilização política à defesa do *pedazo*. O termo aparece recorrentemente na fala dos jovens e é utilizado, assim como “quebrada”, para reforçar o orgulho e o pertencimento territorial que gera comprometimento comunitário.

Lembremos, por exemplo, da edição do FESDA, realizada em 2021, com o tema “*ejido, el pedazo es colectivo*”, da fala de Gabriela Díaz, do Colectivo A La Hora 30: “estamos mostrando *el pedazo* que para nós é sagrado, é precioso. Porque aqui é onde vivemos, esse é nosso palácio” ou da fala de Miguel Anacona:

[...] trabalho com as pessoas, com a comunidade. [...] **como faço resistência? Resistindo de todas as formas possíveis no bairro.** Aqui temos luxos que outros setores de Cali não têm. O principal é que você mesmo pode plantar sua resistência [...]. Eu tenho tudo quero e mesmo o que preciso. **Para mim resistência é poder, poder dar parte mim, para as pessoas nos seus pedazos** (*Miguel Anacona – Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

Nos diálogos estabelecidos com as/os jovens em ambas as cidades foi recorrente perceber que a maioria se compreende e se apresenta, a partir do seu bairro, da sua *comuna*, do seu distrito, assim como Rool Cerqueira, que abre este cruzo e as demais vozes trazidas aqui. As outras identificações seguem de forma conectada, mas o ponto de partida é o território: este espaço habitado onde se desenvolvem relações humanas de identidade, vizinhança, solidariedades e construção política (SANTOS, 2005). Este território é ao mesmo tempo âncora – no sentido de apoio, amparo, proteção, base – e alavanca, pois as relações tecidas ali alimentam os ativismos e fortalecem as juventudes em seus movimentos contestatórios.

[...] algo que a gente discute mesmo é se sentir pertencente à comunidade, é a gente poder garantir/efetivar a política pública de habitabilidade, de moradia com qualidade e acesso. **A gente incentiva muito os jovens a ter orgulho mesmo de morar na periferia, de não sair da sua comunidade pra ir morar em outras comunidades** na qual eles não se sentem habituados e não se sentem pertencentes (*Tatiane Anjos – REPROTAI, Salvador*) [grifos meus].

[...] **o que fazemos, enquanto coletivo, é trazer o sentido de pertencimento pelo bairro**, pelas zonas verdes que são tratadas como territórios de ninguém e nós vemos como um direito nosso ter essas zonas preservadas. **O que queremos é que as pessoas possam abraçar o bairro onde vivem, que tenham amor ao bairro e que, promovam a vida e a defesa ao meio ambiente** (*Ángel Nupan Gonzalez – Colectivo A La Hora 30, Cali*) [*grifos meus*].

Abraçar o bairro, ter orgulho de morar na periferia, aquilombar: o que prevalece entre estas juventudes que escolheram caminhar comunitariamente é o sentimento de pertencimento aos territórios onde vivem e atuam. Ao incorporar o nome do bairro às suas identidades individuais ou coletivas, ao promover ações – como as que estamos vendo/lendo/sentindo nesta teia-tese – nas quais o uso político da palavra é ferramenta de luta, estas juventudes estão demarcando algo substancial nos processos emancipatórios: a linguagem territorializa. É neste sentido que compreendo, como já dito, estas/es jovens “agentes de letramentos de re-existências” (SOUZA, 2011). A ação em defesa do território que move as/os jovens individual e coletivamente, portanto, tem como foco enfrentar o apagamento sistemático, a violência sistêmica, o racismo estrutural a partir da elaboração e difusão de outras narrativas e imaginários sobre as populações e territórios violentados.

Vale frisar que estes coletivos não são, necessariamente, movimentos “organizados” ou “organizações juvenis”. São jovens que por distintas motivações se encontram e tecem conjuntamente soluções criativas às opressões, acercando-se ao que Zibechi (2007, n.p.) chama de “sociedades em movimento”:

(...) existem na América Latina muitos movimentos sociais, mas junto a eles, superpostos, entrelaçados e combinados de formas complexas, **temos sociedades outras que se mobilizam não apenas para reclamar ou para fazer valer seus direitos ante o Estado, mas que constroem realidades distintas às hegemônicas** (ancoradas em relações sociais heterogêneas frente à homogeneidade sistêmica) que incluem todos os aspectos da vida, desde a sobrevivência até a educação e a saúde [*grifos meus*].

Para construir “realidades distintas às hegemônicas”, é preciso partir de lógicas e modalidades heterogêneas, complexas e nem sempre tão visíveis. Diferentemente do “velho movimento sindical” e dos “novos movimentos dos países centrais”, estas sociedades que se mobilizam – que Zibechi (2003, p. 187) chama de “redes de auto-organização territorial” e nas quais incluem os ativismos juvenis das quebradas – estão apresentando outros caminhos de luta social. Caminhos que de forma alguma se sobrepõem às formas de luta tradicionais

como a dos movimentos sindicais, por exemplo, mas se somam a elas agregando outros elementos.

A afirmação identitária é central na luta destas juventudes em movimento. Suas práticas e produções configuram uma ação política que afirma as diferenças étnicas e de gênero. Há uma intencionalidade de disputa de narrativa. Este é um traço comum aos movimentos sociais latino-americanos nos quais “ao contrário das ações instrumentais de outrora – a exemplo da greve -, passam a predominar as formas de ação auto afirmativas, por meio das quais outros atores se fazem visíveis e reafirmam seus traços e suas características de identidade” (ZIBECHI, 2003, p. 187). Neste sentido, vale recordar o que afirma Martín-Barbero:

**É a partir da diversidade cultural das histórias e dos territórios, das experiências e das memórias, de onde não só se resiste, mas também se negocia e se interage com a globalização e de onde se acabará por transformá-la. Pois o que reativa hoje as identidades como motor de luta é inseparável da demanda de reconhecimento e de sentido.** E nem um e nem outro formulam-se em meros termos econômicos ou políticos, pois ambos encontram-se referidos no próprio núcleo da cultura enquanto mundo do pertencer a e do compartilhar com. Razão pela qual a identidade é hoje a força mais capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 23) [*grifos meus*].

É, portanto, negociando com a globalização, a partir das experiências e memórias das coletividades que estas “juventudes em movimento” estão defendendo seus territórios. A aparente “fragmentação”, “desorganização”, ou “fragilidade institucional” destes coletivos – cuja avaliação depende da lente com a qual se vê - pode ser lida justamente pelo caráter tático com o qual se relacionam com o território e com a globalização. Vale recordar que Zibechi (2003) quando fala dos movimentos sociais latino-americanos que surgem a partir da década de 1980 demarca uma característica comum entre eles: a territorialização. O autor explica que é a partir daí que começam a surgir na América Latina movimentos sociais que diferentemente daqueles dos períodos anteriores possuem uma relação distinta com o Estado.

Enquanto até a década de 1970 a ação social girava em torno das demandas de direitos por parte dos Estados, o estabelecimento de alianças com outros setores sociais e partidos políticos, a partir de 1980 provocou uma reconfiguração dos ativismos. Apesar das diferenças de ritmos, matizes e processos históricos em cada país latino-americano, há uma característica comum: a ação social passa a derivar da territorialização dos movimentos.

A desterritorialização da produção (na esteira das ditaduras e das contrarreformas neoliberais) levou os velhos movimentos à crise, enfraquecendo os sujeitos que viram as territorialidades em que haviam

ganho poder e o significado evaporar. A derrota abriu um período, ainda inacabado, de rearranjos que tomaram a forma, entre outras coisas, da **reconfiguração do espaço físico. O resultado, em todos os países, embora com intensidades, características e ritmos diferentes, é a transferência ativa de setores populares para novos territórios, muitas vezes localizados nas margens das cidades e áreas de produção rural intensiva** (ZIBECHI, 2003, p. 186) [*grifos meus*].

Para Zibechi (2003), territorializar, ou seja, se enraizar em espaços físicos ou conquistados através de largas lutas, é uma resposta tática das populações empobrecidas. É certo que o autor estava falando de movimentos sociais como o Zapatista, no México e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil. No entanto, sua análise traz pistas que ajudam a olhar para as ofensivas culturais emancipadoras produzidas pelas juventudes das periferias latino-americanas.

Não seriam os saraus poéticos, os festivais de cinema, os *bicipaseos*, as rádios e jornais comunitários, a criação de equipamentos culturais, formas de reorganizar o espaço físico, de ocupar as *zonas del no ser* com seus corpos, narrativas, produções e saberes? São táticas, portanto, para, como disse acima Martín-Barbero (2014, p. 23) “introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental”.

Afinal, estas “sabenças das margens” (SIMAS; RUFINO, 2020) contribuem para colocar não só as juventudes, mas os seus territórios, suas quebradas, como centros produtores de intelectualidades, de cultura, de arte, de comunicação. As e os jovens aquilombados em coletivos culturais nascem já num contexto de reformulação dos ativismos sociais, no qual as diferentes formas de participação política coexistem, mas com forças distintas de articulação e influência entre as juventudes. Entender os coletivos como quilombos urbanos que têm o território vivido como âncora é uma forma de demarcar o processo de construção de territorialidades específicas por parte destas juventudes dentro de um bairro marginalizado que é forjado por uma multiplicidade de identidades e formas organizativas.

Esses coletivos representam mais um entre vários outros agrupamentos que coexistem num mesmo espaço geográfico, a exemplo dos grupos de jovens ligados às religiosidades (evangélicos, batistas, católicos, candomblecistas etc.); as facções vinculadas ao tráfico de drogas; às alas jovens dos partidos políticos, dos sindicatos de classe e muitos etcéteras. Cada agrupamento é marcado por construções distintas de territorialidades e aqui estamos olhando especificamente para os coletivos que caminham comunitariamente atuando politicamente por meio da produção artística e comunicacional.

A resignificação dos seus territórios – a começar pelos próprios corpos, onde se expressam as marcas identitárias – é foco de suas atuações. Esta resignificação se dá, por exemplo, quando as/os jovens se posicionam com seus cabelos *black power*, suas tranças, seus símbolos negros e indígenas como referências em diversas áreas artísticas, como especialistas em temas sociais, culturais, políticos. Bem como quando apresentam com orgulho os seus bairros e contribuem para disseminar narrativas de potência, em contraponto às percepções estigmatizadas.

**Nós defendemos o território, porque é nosso território. A nossa gente, a nossa alegria, nossas zonas verdes.** A Comuna 13 nos inspira muito, são várias coisas, vários projetos. Estamos sempre articulados com muitas organizações do Distrito [...] Somos um quilombo, sempre nos articulamos. Tratamos sempre de ressaltar o que há de bom (*sacar lo bueno*). **Nós trabalhamos fazendo *bicipaseos*, trazendo os de fora da cidade para cá, para o nosso território. Para que as pessoas conheçam o local, visualizem, tenham confiança e entendam que o Distrito de Aguablanca é parte de Cali.** (Gabriela Diaz - *Colectivo A La Hora 30, Cali*) [*grifos meus*].

Nessa reconfiguração do espaço físico, de suas quebradas e *pedazos*, há uma produção de conhecimento que é feita por sujeitos coletivos:

[...] os sujeitos que são resgatados ou revelados, ou trazidos à presença, são muitas vezes sujeitos coletivos, **o que altera completamente a questão da autoria do conhecimento e, portanto, a questão da relação entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento** (SANTOS, B. DE S., 2019, posição 265) [*grifos meus*].

Estes coletivos, portanto, somam-se – não necessariamente de forma consciente e articulada – a movimentos sociais que estão promovendo um outro padrão de (des)organização do espaço geográfico, que permite o surgimento de distintas práticas e relações sociais (ZIBECHI, 2003). As produções artísticas e comunicacionais feitas por estas juventudes, como visto, são ancoradas no território, porém se manifestam de forma “fragmentada e solidária”, para remetermos a uma noção trazida por Cusicanqui em diálogo com Santos<sup>297</sup>. Para a ela, os conhecimentos - nem sempre verbalizados - da situação social configuram caminhos de articulação e manejam capacidades de comunicação não reconhecidas oficialmente.

Essa fragmentação solidária e conectada coloca em xeque a noção (eurocêntrica e neoliberal, por exemplo) de que heterogeneidade é uma desvantagem. Cusicanqui reforça

---

<sup>297</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C9UX9N9Yu\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=C9UX9N9Yu_0). Acesso em 06 jan. 2021.

ainda que nas lutas sociais, essa fragmentação deve ser vista como potência criativa, combustível para a autonomia.

**Eu defendo o fragmento porque é uma busca do eu no aqui e agora e com os pés no chão**, que é muito diferente dos tempos das utopias etéreas e abstratas que funcionam apenas no nível das ideias e da instrumentalidade da política e do Estado. Mas, acredito que **agora estamos vivendo uma busca através de microespaços, microempreendimentos de todos os tipos, da cultura à alimentação, às colheitas, à ciência, à pedagogia e o que quer que seja, que estão repensando tudo com base em uma recriação da relação com *la Pacha***. Em todos os níveis, desde saber que determinado produto químico te faz mal até rezar para ele. E tudo isso está acontecendo em escala planetária, mas particularmente em Abya Yala<sup>298</sup> [*grifos meus*]<sup>299</sup>.

O próprio termo “quebrada” dialoga com a noção de fragmentação solidária e conectada trazida por Cusicanqui e por Zibecchi quando fala dos “*desbordes desde abajo*” e sua produção cultural multicêntrica. São territórios rachados pelo modelo colonial, marcados pela colonialidade, mas que são habitados por pessoas que no seu cotidiano tecem o que De Certeau (2014, p. 41) chamaria de “rede de antidisciplina formada por táticas articuladas sobre os detalhes do cotidiano”.

São essas táticas entendidas como “artes de fazer” que, por sua vez, quebram – no sentido de fissurar, rachar – os entendimentos cristalizados sobre arte, cultura e desenvolvimento. Muitas vezes essas táticas do cotidiano geram consequências não necessariamente intencionais ou planejadas, mas que podem ser capazes de provocar fissuras em estruturas consolidadas. É o que defendo que estão fazendo as juventudes com suas produções artísticas e comunicacionais e, com isso, podem estar tecendo possíveis epistemologias das quebradas.

Sigamos observando como os coletivos promovem estes “microespaços”, nas palavras de Cusicanqui, ou os “terreiros” para seguirmos a conexão com as pedagogias das encruzilhadas de Rufino (2019). Nos bairros onde vivem e atuam, as/os jovens contribuem para a criação, ocupação ou reapropriação de espaços das comunidades para que se transformem em equipamentos culturais, por exemplo. É o caso da Biblioteca Zeferina Beiru,

---

<sup>298</sup> Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. A expressão vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América, com o objetivo de construir um sentimento de unidade e pertencimento. Abya Yala configura-se, portanto, como parte de um processo de construção político-identitário em que as práticas discursivas cumprem um papel relevante de descolonização do pensamento e que tem caracterizado o novo ciclo do movimento indígena, cada vez mais movimento dos povos originários. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala> Acesso em 06 mar. 2022.

<sup>299</sup> V. CACOPARDO, A. Nada sería posible si la gente no deseara lo imposible”. Entrevista a Silvia Rivera Cusicanqui. Andamios vol.15 no.37 Ciudad de México mai./ago. 2018



em Beiru/Tancredo Neves, cujo prédio já havia sido o Centro Comunitário do Arenoso, construído no final da década de 1980 e ao longo das décadas abrigou uma série de iniciativas comunitárias, inclusive uma escola infantil, onde alguns integrantes do coletivo idealizador da Biblioteca chegaram a estudar. Em 2013, um grupo de jovens - de forma dialogada com lideranças comunitárias locais – criar a biblioteca comunitária no espaço que estava desocupado.

**Eu vejo esse espaço como um espaço formativo e diferencial**, assim como muitos outros quilombos que a gente tem nas nossas periferias e que são apagados. **Nessa minha vivência aqui eu percebi que o território não é um mero bairro, é um território vivo, um território que as pessoas têm um sentimento de pertencimento muito grande**, principalmente com momentos históricos que aconteceram aqui e que são muito marcantes para formar e constituir essa identidade hoje. Eu vim pra cá também porque **a comunidade precisa ter referências**, precisa ver pessoas que foram para a universidade, que conseguem um emprego, pode não tá ganhando essas maravilhas todas de dinheiro, mas demonstra que é possível você se tornar um acadêmico, um político, um médico, um bibliotecário, um sociólogo, psicólogo. É possível e a comunidade precisa ter essas referências (*Diego Santos – Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, Salvador*) [grifos meus].

Qual a cara da Biblioteca? A gente não é só uma biblioteca pública, nesse formato que as pessoas vão lá, bota o nome, se registra, tem que botar CPF, endereço para pegar um livro, é uma burocracia para liberar para pegar um livro, tem que devolver 15 dias depois. **A gente é mais do que uma biblioteca, a gente é um centro de cultura, é um centro que trabalha a identidade do bairro**, tem oficina de poesia, aula de boxe, aula de capoeira, aula de violão, aula de inglês, festivais de rap, oficinas de dança. (*Quelmonis Souza - Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, Salvador*) [grifos meus]<sup>300</sup>.

Em 2018, as/os jovens começaram a construir uma horta comunitária no mesmo espaço que abriga a Biblioteca. Em 2020 e 2021, enquanto as atividades estavam suspensas por conta da pandemia de Covid-19, as/os jovens organizaram mutirões comunitários para pintar a fachada do prédio e construir um palco para apresentações artísticas. Os registros dos processos foram postados na página do Instagram do coletivo<sup>301</sup>.

---

<sup>300</sup> Ambos depoimentos foram retirados do episódio “Caminhos da Resistência”, que integra a série audiovisual “Memorial Zeferina”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ir6xmNQm8sg%23menu> Acesso em 22 fev. 2022.

<sup>301</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNDuuHiFo7K/> Acesso em 06 mar. 2022.

**Figura 24** – Construção da Horta Comunitária na Biblioteca Zeferina Beiru



Fonte: [https://www.instagram.com/bibliotecazeferina\\_beiru/](https://www.instagram.com/bibliotecazeferina_beiru/)

**Figura 25** – Construção do palco e da pintura da fachada da Biblioteca



Fonte: [https://www.instagram.com/bibliotecazeferina\\_beiru/](https://www.instagram.com/bibliotecazeferina_beiru/)

Parceiro do coletivo idealizador da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, o JACA, como já visto, promoveu uma grande transformação em um galpão que era do poder público municipal e que, por meio da aprovação em um edital público, em 2011, passou a ser administrado pelo coletivo. No espaço, o grupo desenvolve, principalmente, projetos na área de metarreciclagem e o sarau, com periodicidade mensal. O local se tornou um espaço de referência para as/os jovens que moram no bairro de Cajazeiras.

[...] o Sarau do JACA é quilombo mesmo, dentro dessa aproximação e representação enquanto ancestralidade [...] tem uma visão mais de

aquilombamento, de união de povos<sup>302</sup> (*Fabiana Lima – SLAM das Minas-BA, Salvador*).

**Figura 26** - Oficina de Música Criativa (esquerda) e Sarau do JACA (direita)



Fonte: <https://www.facebook.com/coopjaca>

Em dezembro de 2021, no entanto, o grupo estava com a sede ameaçada. Uma ampla mobilização foi feita nas redes sociais, com o engajamento de artistas, políticos, profissionais de várias áreas, além de outros representantes de coletivos das quebradas para impedir que o poder público municipal retirasse a gestão do espaço do JACA. Por meio de nota publicada em suas redes sociais, os integrantes do coletivo sinalizaram que haviam recebido uma notificação extrajudicial com o objetivo de expulsar o grupo JACA da sua sede.

[...] na avaliação dos técnicos da SDE [Secretaria de Desenvolvimento Econômico], as atividades exercidas pelo grupo JACA não condizem com os objetivos da instituição, segundo os mesmos, o galpão em que trabalhamos a mais de 11 anos, conhecido pelo nome de indústria no bairro, localizado na Rua deputado Herculano Menezes - cajazeiras V, tem como finalidade a geração de emprego e renda, alegando assim, que as práticas do grupo JACA não se enquadram em tal perfil [...] No entanto, é de conhecimento do público em geral que o grupo JACA surgiu no ano de 2004 com a proposta de mobilizar a juventude do bairro em torno de assuntos como arte, tecnologia, política, e geração de renda. Atualmente o trabalho desenvolvido por meio da metarreciclagem garante uma renda mensal para vários integrantes da equipe, sendo a maior parte desta renda é oriunda de serviços de manutenção em computadores (formatação, limpeza, instalação de software, aluguel de equipamentos) prestados a pessoas jurídicas e físicas, bem como, vendas de equipamentos recuperados. Ao mesmo tempo, o grupo JACA buscou ampliar a sua gestão em torno da geração emprego e renda no bairro de cajazeiras através da realização de atividades culturais como capoeira de angola, sarau de poesia e amostras musicais nas praças públicas e escolas no entorno de nossa sede.

<sup>302</sup> Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/slam-das-minas-bahia-poesia-negra-periferica-e-feminina/> Acesso em 30 jan. 2022.

As atividades culturais realizadas pelo grupo além de promover a geração de renda e a capacitação de jovens na área cultural, inseriu o bairro de cajazeiras no cenário de espaços culturais da cidade de Salvador. As atividades culturais promovidas pelo grupo potencializaram e dialogam diretamente com a área da metarreciclagem (*Trecho da nota de repúdio publicada pelo JACA*)<sup>303</sup>.

Até o momento de finalização da tese, a questão seguia tramitando judicialmente e os jovens permaneciam à frente do espaço. Um exemplo que reforça o que foi dito: a tensão é constante para estes coletivos, nada está garantido e é preciso aprimorar as táticas para seguir conseguido sustentar – em todos os sentidos – suas atuações, produções, intervenções comunitárias. As negociações táticas com aliados, com o setor empresarial, com os órgãos públicos, entre outros são, no entanto, sempre necessárias.

Em Cali, trago para a teia o processo de conquista da sede da FUNDP, que também foi fruto de tensões, diálogos e táticas, como explica Hector Obando, um dos fundadores do coletivo.

[...] foi um diálogo que se deu no âmbito do “Estallido Social”. Deste diálogo nasceu uma iniciativa municipal na qual todos os setores convergem - Compromiso Valle - e que é financiada com fundos de empresas privadas do Valle del Cauca. Há dois anos atrás já tínhamos uma proposta para uma sede e como torná-la autossustentável. Com essa oportunidade, nós apresentamos a proposta para a iniciativa e ela foi apoiada. Desde outubro de 2021, temos nossa própria sede. Atualmente estamos trabalhando nas adaptações para que em 2022 funcione como tal. **A sede servirá como um lugar para o desenvolvimento cultural de todos os jovens da comunidade** (*Hector Obando – FUNDP, Cali*) [*grifos meus*].

A iniciativa à qual Hector se refere – Compromiso Valle - foi criada em 2021, como resultado das mesas de diálogo realizadas entre as chamadas *vocerías* do movimento que ficou conhecido como “*Estallido Social*” e representantes dos setores públicos, privados e das universidades. Segundo as/os jovens que estiveram à frente das manifestações, não havia lideranças, mas sim vozes que se revezavam para representar os interesses coletivos em espaços estratégicos e por isso o termo “*vocerías*” para nomeá-las. As mesas de diálogo foram um desses espaços.

Após meses de negociações, um dos encaminhamentos tomados foi a criação da Compromiso Valle, descrita como “o resultado de um processo de escuta ativa e construção coletiva. Cidadãos, empresas de todos os tamanhos e fundações se uniram para contribuir e acrescentar à transformação social do território, à geração de qualidade de vida e à construção de melhores oportunidades para todos”<sup>304</sup>. Com recursos vindos de empresas e fundações do

---

<sup>303</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXRjL9YNldf/> Acesso em 09 dez. 2021.

<sup>304</sup> Disponível em: <https://www.compromisovalle.org/> Acesso em 07 mar. 2022.

estado do Valle del Cauca, a iniciativa se dispõe a financiar projetos comunitários em áreas como educação, segurança alimentar e fortalecimento comunitário. Segundo Miguel Anacona, do Colectivo A La Hora 30, as empresas se comprometeram a apoiar diretamente ações comunitárias promovidas pelas/os jovens que integraram a chamada “*primera línea*”, durante o “*Estallido Social*”.

Com o projeto da construção da sede do coletivo já pronto, os jovens da FUNDP aproveitaram a oportunidade para pleitear o financiamento, que foi contemplado. O coletivo recebeu a quantia necessária para adquirir um imóvel no bairro onde vivem e atuam, que passou a ser sede da “Casa de Cultura Fundpiana” – como foi batizada - “um espaço para todos, a materialização de um sonho e a construção de uma realidade coletiva que transpassa horizontes”. A inauguração aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2022 e contou com uma série de atividades artísticas<sup>305</sup>. No local, serão realizadas oficinas, cursos, entre outras atividades e já está funcionando o “Comedor Futbolero y Comunitario NuTRiLonchera”. Os “*comedores* comunitários” são muito comuns dos bairros do Oriente de Cali e oferecem refeições gratuitas para crianças, adolescentes e jovens das comunidades. Hector Obando explica como se dão as articulações táticas para garantir a sustentabilidade das ações do coletivo:

Sobre o tema de apoio dos clubes de futebol, aqui é mais a lógica do futebol moderno, futebol negócio. Não há o interesse em apoiar esses projetos sociais e mais ainda quando acontece nos bairros, é comunitário. É mais a lógica do futebol negócio. E, nós, como torcedores fanáticos estamos sempre pensando em dar ao clube mais do que podemos receber. Como Fundación, sabemos que os clubes aportam nos temas da convivência no futebol, questões ligadas aos estádios, de maneira positiva. Temos conseguido mudanças. Nós fazemos atividades autogestionadas nas comunidades. Com relação à organização das *barras*, tem alguns apoios, mas nada relacionado a algum apoio financeiro. **O que fazemos é participar de editais que saem do próprio estado.** Teve um processo bom que aconteceu há um ano atrás que foi *La Mesa de Barrismo Social* que nos sentamos com instituições da prefeitura para dialogar o tema do *barrismo social* e como ofertas institucionais podiam apoiar as *barras*. Foi aí que aproveitamos a oportunidade para poder abordar o tema dos *comedores comunitários* e implementar nos nossos territórios e a partir da segurança alimentar, pudemos apoiar a comunidade. **Então foi uma forma também de nos autogestionar. Buscamos apoios de cooperações internacionais e apostamos no trabalho em rede, com diferentes organizações de Aguablanca para criarmos alternativas aos problemas do bairro.** Tivemos apoio de uma corporação que trabalha com cooperação internacional e aos poucos estamos aprendendo como participar dos editais, como apresentar projetos. Fazemos isso junto com A La Hora 30. **Tem sido uma forma de autogestão, porque pensamos muito na sustentabilidade. Quanto aos temas junto ao governo, tem sido uma rota um pouco lenta,**

---

<sup>305</sup> Vídeo da inauguração disponível em: <https://fb.watch/bAZ71GZ94u/>. Acesso em 06 mar. 2022.

**mas por aí vamos em diálogos com o Ministério Exterior de Esportes que é o encarregado da política pública de *barrismo social*. Mas, é um tema complexo a relação do governo com as *barras*. Em nossa opinião, pelo que temos vivido, os apoios do governo no *barrismo social* não cumprem a expectativa do que deveriam ser esses programas. E aí vamos, insistindo, criando espaços, pressionando para o que Ministério [do Esporte] de fato implemente um recurso amplo que fortaleça o *barrismo social*, mais que atividades pontuais, devem ser feitos processos. Temos apresentado propostas interessantes para pensar esses processos a longo prazo. Seguimos no caminho de autogestão [*grifos meus*].**

É seguindo este caminho do que Hector chama de “autogestão” – marcada por constantes negociações e articulações táticas - que estas juventudes defendem seus territórios – ou, para além de defender na perspectiva de reagir a um ataque - elas/eles constroem outras territorialidades nos seus espaços vividos e disputados. Vale frisar ainda que, para além da ressignificação de espaços físicos que viram equipamentos culturais dos bairros, estas juventudes defendem seus territórios ressignificando a função social das ruas, dos ônibus, das praças, dos muros.

Com poesia, coletivos de Salvador fazem de ônibus palcos para performances que denunciam a segregação social e o genocídio da juventude negra. Ocupadas por dezenas de jovens que pedalam suas bicicletas, as ruas de Cali se tornam arenas de debate sobre quem tem direito a usufruir a cidade com dignidade e segurança. Praças públicas viram espaços para exibição de produções cinematográficas e audiovisuais produzidas por artistas das periferias que não circulam nos circuitos comerciais. Os muros viram telas livres para grafites, poesias, fotografias. Os bares viram palcos para uma arte que denuncia, mas que também acolhe, abraça, promove o afeto e a solidariedade.

Seja nos prédios públicos, nos espaços cedidos pelas igrejas, ONGs e associações comunitárias, seja nas ruas, os coletivos passam a atuar como multiplicadores de processos educativos emancipatórios. Quando um coletivo conquista uma sede, por exemplo, é a comunidade que ganha um equipamento cultural, um restaurante comunitário, um espaço para realizar ações e participar de formações diversas. Importante destacar ainda que a auto-organização territorial passa pela base familiar, pela ampliação do entendimento de família como bem comum, como território e pela articulação de redes. Vejamos o que diz Tatiane Anjos:

O que faz, de fato, a Reprotai manter o trabalho social e não “a peteca cair” é, de fato, a transformação social na vida das crianças, adolescentes e jovens. E a Rede só tem conseguindo se manter ao longo desses dezesseis anos através do apoio das redes. Porque a gente não atua sozinho. **A gente tem aqui no território uma rede chamada Rede Cammpi - Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe,**

**na qual a Reprotai é uma âncora que atua com a pauta das juventudes no território de Itapagipe e adentra essas organizações.** A gente desenvolve um trabalho muito forte de rede e isso é o que faz a REPROTAI existir. E outra coisa é que a gente busca nossa sustentabilidade, que é algo que a gente vem travando e a gente se reinventa o tempo inteiro. A gente realiza diversas formas de captar recurso, seja através dos editais via projetos sociais que a gente escreve, através de bingo, de rifas, através de apoios coletivos, através de apoio de amigos mesmo. É dessa forma que a gente vai conseguindo se manter: uma rede contribuindo pra que a Reprotai exista. A gente se organiza dessa forma (*Tatiane Anjos – Reprotai, Salvador*) [*grifos meus*]

Assim, os coletivos seguem atuando taticamente para multiplicar o impacto comunitário de suas ações, o que pode ser compreendido como mais um elemento das epistemologias das quebradas que vêm sendo tecidas nestes territórios. São respostas articuladas, fragmentadas, solidárias à máxima que guia os coletivos e que aparece com destaque no muro da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru:

**Figura 27** – Sede da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru



Fonte: autoria própria

“Se eles não faz... Nós faz” traduz uma percepção convergente dos coletivos em Salvador e em Cali – em que pese todas as diferenças entre os contextos políticos destas sociedades - sobre a descrença nas instituições públicas, nos governantes e a leitura que fazem do papel do Estado.

**O sistema sempre vai marginalizar o corpo que pensa e que vai contra ele.** Porque quem está no poder, quer que essa hierarquia se mantenha sempre perpetuada e a gente que é jovem tem essa necessidade de mudar. **Se são leis desiguais, são leis que não nos representam, esse Estado não**

**nos representa e a gente necessita de uma mudança urgentemente** (*Urubu do Quilombo – Coletivo Incomode, Salvador*) [grifos meus].

**O Estado nos mata de várias formas. Não só diretamente com as balas, mas, por exemplo, pelo fato de nós não termos uma saúde digna, uma educação digna.** Como jovens do Distrito de Aguablanca, isso nos mata também, nos tira oportunidades, nos relega a um lugar de exclusão para que sigamos sendo os operários que no final das contas são os que constroem a cidade. Então, aqui, os jovens já estão cansados disso. **Os jovens querem estudar, querem ter saúde, oportunidades de emprego. É o nosso direito. Por isso nos organizamos, por isso o Distrito de Aguablanca está completamente cercado por jovens que estão saindo para protestar por estas ausências estatais que temos desde sempre** (*Sofía Giraldo – Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

[...] o que queremos é que os jovens cheguem e saibam o que está acontecendo para podermos planejar o que pode ser feito para **melhorar a convivência com o território [...] para nós, resistência é isso. Não é só brigar, enfrentar.** Muitos pensam que a palavra “resistência” ou “luta” é a mesma coisa que a palavra “*pelear*/brigar”. Não é. **Realmente, para nós, resistir é isso: nos unir para seguir a luta, realizando atividades a partir da cultura, como se a gente tivesse mudando de briga.** [...] uma das coisas que fazem a Plataforma Juvenil é isso: **motivar os jovens para que sigam a luta e façam resistência para a própria ação de sua zona, seu pedazo, nosso território** (*Gabriela Díaz, Colectivo A La Hora 30*) [grifos meus].

Diante de uma crise de representatividade, de um deslocamento do lugar do Estado, as juventudes defendem os seus territórios e é a partir deles, “*desde abajo*”, com suas lutas moleculares (ZIBECHI, 2003) que disputam o Estado. Conecto com o que Martín-Barbero (2014, p. 21) diz sobre a sociedade civil despontar como sujeito e ator central do desenvolvimento sociocultural, deslocando politicamente o público para onde até há pouco estava o estatal e isto se dá porque a sustentabilidade cultural se move sobre o que ele chama de três vetores básicos: “consciência de uma comunidade sobre um capital cultural próprio”, “capacidade de a coletividade tomar decisões que permitam conservar e renovar seu capital cultural” e “a capacidade de abrir a própria cultura para o intercâmbio e a interação com as outras culturas do país e do mundo”.

De forma resumida, o que Martín-Barbero (2014) formula com estes três vetores é que à medida que a comunidade toma consciência do seu capital cultural e fortalece seus laços de pertencimento, ela coloca a sociedade civil e não o Estado como sujeito e ator central do desenvolvimento sociocultural. Ao garantir a capacidade da coletividade em tomar decisões que conservem e renovem seu capital cultural, a comunidade está aumentando sua sustentabilidade cultural e, por consequência, sua autonomia. E, por fim, a promoção do intercâmbio e interação com outras culturas, mesmo “que forçosamente assimétrico, pode



conduzir as comunidades a criar respostas projetivas, capazes de desafiar nos agentes da globalização o sentido das transformações, sem as quais é impossível um mínimo de sustentabilidade” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21).

É neste sentido que reforço que com suas práticas, os coletivos das quebradas, produzem conhecimentos específicos e fundamentais para se somar aos processos emancipatórios de transformação social. Concordo com Martín-Barbero (2014, p. 16) quando indica que estabelecer um novo tipo de relação da cultura com o Estado/nação não significa substituir o Estado, “mas, sim, de reinstituí-lo ou reinstitucionalizá-lo com cidadania em termos de interação com a iniciativa das comunidades locais e de interpelação aos novos atores mundiais”.

Quando as/os jovens dizem não se sentirem representados pelo Estado e revelam a falta de credibilidade que têm entre elas/es as instâncias formuladoras de políticas públicas – mesmo que muitas vezes se beneficiem de algumas delas, como já visto - estão refletindo uma consequência do cenário atual onde “a macroeconomia não só relegou a política a um lugar subalterno na tomada de decisões, mas também contribuiu enormemente em nossos países para o esvaziamento simbólico da política, isto é, a perda de sua capacidade de nos convocar e nos fazer sentir unidos” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 17).

**O sequestro da política pela macroeconomia contribuiu também para a deslegitimação do Estado**, convertendo-o em intermediário dos mandatos do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM) e da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre uma sociedade a cada dia mais desigual e excludente [...] ao eleger-se agente organizador da sociedade em seu conjunto, o mercado busca redefinir a missão própria do Estado, mediante uma *reforma* em que, ao mesmo tempo que determina metas de *eficácia* com parâmetros eminentemente quantitativos e imediatistas, provindos do paradigma empresarial privado, *descentraliza-o*, no sentido de seu enfraquecimento como ator simbólico da coesão nacional e não no de seu aprofundamento da democracia. É por tudo isso que **o retorno da política oxigena o ambiente, alargando o horizonte não só da ação, mas do pensamento, que se viu também seriamente asfixiado pela aliança entre pensamento único e determinismo tecnológico. A política retorna com tudo o que ela comporta de inércias e vazios, mas também de esforços para recarregá-la de densidade simbólica e vislumbrar novos ângulos e narrativas, a partir dos quais pensá-la e contá-la** (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 17) [*grifos meus*].

A disputa pelo Estado, a partir dos ativismos culturais juvenis das quebradas ancorados nas histórias, memórias e relações tecidas nos seus territórios, contribuem, portanto, para ressignificar a própria noção de política. Pois, como diz Milton Santos (2000, p. 172), “o próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo nas grandes cidades” e é nelas, a

partir das trocas solidárias que se forma “o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política (SANTOS, 2000, p. 173).

Portanto, mais do que tentar “derrubar o sistema” - mesmo que alguns poemas e posicionamentos até externem esse desejo - o que estas juventudes em movimento estão fazendo é lutar para que as populações subalternizadas sejam reconhecidas e consideradas na construção do país. Se o território é a base do Estado-nação (SANTOS, 2000), lutar pelo território é lutar por esse reconhecimento e enfrentar o apagamento histórico e o racismo estrutural.

A atual reconfiguração das culturas indígenas, locais, nacionais, responde especialmente à *intensificação da comunicação e à interação dessas comunidades com as outras culturas do país e do mundo*. De dentro das comunidades locais, **os atuais processos de comunicação são cada vez mais percebidos como uma oportunidade de interação com o conjunto da nação e do mundo. E sem deixar de lutar por suas terras, este combate hoje faz parte da luta pelo Estado, isto é, em ser contado na construção do país** (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 25) [grifos meus].

Sabemos que muitas vezes na mensagem grafitada no muro da Biblioteca Zeferina, o “eles” não está tão apartado do “nós”, pois, como já visto, são as políticas públicas que muitas vezes garantem o acesso das/os jovens ao ensino superior, financiam seus projetos, possibilitam que consigam um espaço físico para fazer de sede etc. Tampouco há uma defesa esvaziada por um modelo de sociedade que abra mão do Estado, inclusive porque estas mesmas juventudes que estão produzindo respostas criativas às ausências de políticas públicas e à presença violenta do Estado nas periferias urbanas do Brasil e da Colômbia, estão disputando espaços dentro da política institucional para fazer valer seus direitos constitucionais.

Contudo, a mensagem que é transmitida com frases como “Se eles não faz, nós faz”, ou com o trecho do rap de Emicida que abre este cruzo: “Tudo o que nós tem é nós”, é a de que os ativismos juvenis herdeiros de lutas diaspóricas (negras e indígenas), os movimentos negros educadores que são os coletivos que produzem arte e comunicação nas quebradas latino-americanas são agentes fundamentais para que processos emancipatórios sejam construídos a partir destes “*abajos*” das sociedades latino-americanas. E, pelo visto, as juventudes em movimento estão atentas a este compromisso:

[...] nosso povo indígena, o povo cigano, o povo preto. E todo povo que teve o sangue derramado. A maioria que foi chamada minoria. Eles [os governantes] nos negam direitos de muitas formas e eu acho que a desinformação e a falta de cultura é a que mais nos atinge. Em todas as

camadas. Porque a gente já sabe que nossos governantes não vão nos ajudar, que eles não querem uma libertação [...] muitas vezes eles escolhem falsos representantes, escolhem uma juventude que não nos representa no meio tanto do setor artístico quanto no ativismo, nos meios políticos. **Às vezes, eles dão voz a alguém pra nos silenciar.** E a juventude tem que tá cada vez com os olhos mais abertos, filtrando cada informação, porque realmente se faz cada vez mais necessário **guerrilheiros**. Não só na pista, como é necessário realmente, como guerrilheiros intelectuais, guerrilheiros nos espaços ocupando tudo o que é nosso, que nos foi negado. Todo direito que nos foi roubado. **A gente tem que tomar tudo. Invadir pela porta, pela janela, abrir porta, todos os meios possíveis. Lutar! Se preciso, até deitado.**

[...]

**Literalmente nosso opressor quer nos separar pra nos enfraquecer. Nossos corpos são queimados, são dilacerados, são mutilados, são mortos. Eu acho que a única forma de dar visibilidade é aquilombando o nosso povo, porque somos muito. Eu falo sempre: se a gente conseguisse fazer com que a nossa própria comunidade (seja qual for ela, quantos forem) nos abraçasse, compartilhasse nossos conteúdos, passasse sua mensagem adiante (seja na rede social, seja de boca em boca), eu acho que nosso movimento seria bem mais fortalecido.** Muitas vezes, nós somos como vozes que gritam no deserto porque falta essa sensação de pertencimento. Eu creio e eu vejo todo povo que tem o sangue derramado é uma grande família, é um grande quilombo. **É um quilombo que se liga além da matéria, além do espiritual [...] porque nossas demandas são muitas e se a gente começar a falar das nossas necessidades, a gente vai descobrir o quanto ainda temos que avançar. E é isso que tem que nos mover também. Acho que a gente tem que caminhar nessa direção. E a forma de maior trazer visibilidade real é o aquilombamento** (*Urubu do Quilombo - Coletivo Incomode, Salvador*) [*grifos meus*].

Por aqui, seguimos resistindo a esta situação. A gente não para de se surpreender com o estado terrorista assassinando jovens aqui na cidade de Cali. O silêncio dos governantes. É muito forte isso. São muitos sentimentos, muitas tristezas, mas também a esperança continua aí, pois sabemos que os jovens, **as gerações que estão vindo estão com um sentido mais crítico, um pensamento mais contundente frente a ser parte das transformações, anunciar-se e enunciar-se como atores de mudanças, de transformações, protagonistas da defesa de seus direitos** (*Johan Andrés Rodríguez García – Rádio A Ritmo de Ladera, Cali*).

Temos que fazer política a partir das bases. Precisamos nos reconhecer como sujeitos e atores de mudança (*Juan Pablo – Plataforma Local de Juventud Comuna 13*).

## 5.4. APOSTA PELO COMUNITÁRIO

### **Pela alegria do nosso povo**

Nanã chora  
Seu trabalho virou lama de sangue  
Lama movediça  
Que não atiga política sensibilidade

Idade. Nova. Ida sem volta.  
Nanã se revolta:  
Foi para isso que criaram os homens?  
Para que matasse os seus?  
Para que fossem eternos réus?

Oxum inunda.  
Reservara seu reino para as rainhas que não chegaram  
Queria vê-las felizes  
Não como objetos dos homens que as mataram ou machucaram  
Para os jovens que tombaram  
Guardava diplomas, revoluções, descobertas, exuberâncias  
Não esperava a morte atravessando tantas infâncias

E a lama parece engrossar  
Nanã não dá conta  
Como esse jogo virar?  
Nem os búzios respondem  
Ficam as metáforas no ar  
**Sendo cupim ou água**  
**As estruturas é preciso minar**  
Para Ayoluwa crescer, brincar, namorar, estudar, trabalhar, viver  
**Viver: Verbo-desejo do povo**

O poema de Gabriella Pitta (SARAU DA ONÇA, 2019, p. 64) abre este cruzo, onde falarei sobre como a aposta pelo comunitário dinamiza as práticas, táticas, produções e metodologias dos coletivos das quebradas, destas juventudes urbanas em movimento. Viver é verbo-desejo do povo, clama a poeta. Para que os jovens não tombem, para que as mulheres não sejam machucadas é preciso “minar as estruturas”. É colocando o corpo na roda que as juventudes urbanas em movimento vêm provocando fissuras nas estruturas de dominação, como bem diz Gabriela, “sendo cupim ou água”. Mais do que uma metáfora, este verso aponta para uma intencionalidade pedagógica convergente dos coletivos: minar (muito mais no sentido semântico de danificar do que de arruinar) as estruturas com suas práticas, produções, narrativas, corpos, como visto anteriormente.

Gabriela Pitta, ao evocar Nanã, Oxum, Ayoluwa e os búzios, aciona as cosmovisões afro-brasileiras para ler o contexto e orientar as práticas de contra-ataque que se dão a partir

dos seus “terreiros” (RUFINO, 2019), lembrando que a ancestralidade é bússola das atuações juvenis nas quebradas e o território é âncora e alavanca para suas práticas emancipatórias. Como já visto, a arte e a comunicação são o alicerce pedagógico. E, qual o lugar do corpo nesse processo contínuo de produção de conhecimentos?

Segundo a perspectiva das pedagogias das encruzilhadas, o corpo é trazido para o cerne do debate político/epistemológico/educativo, à medida que – segundo os princípios de Exu - propõem outros cursos epistêmicos (RUFINO, 2018). Estes outros cursos epistêmicos são produzidos, portanto, a partir destes corpos que sentem, temem, gargalham, amam, odeiam, dançam, gritam, recordam, sofrem, recitam, escutam, abraçam. Estes corpos que são territórios de sentidos, construção cultural, *locus* da experimentação (MIRANDA, 2014).

É a partir dos corpos que dançam, performam, recitam nos saraus e *slams* de poesia, pedalam suas bicicletas, assumem a estética afrodiaspórica nas estampas, cabelos, logomarcas de seus coletivos etc. que as juventudes estão produzindo nas quebradas o que Rufino chama de “saber incorporado”:

**[...] a racionalidade moderna ocidental é decapitada e assombrada pela má sorte de ter o corpo (bara) deslocado da cabeça (ori). As questões acerca dos saberes (epistemologias) perpassam necessariamente por um reconhecimento do corpo, na medida em que todo saber só é possível quando praticado, ou seja, incorporado.** Se as questões acerca do saber estão diretamente vinculadas à dimensão das práticas, das incorporações, e dos agentes que as fazem, **as questões epistemológicas se inscrevem como uma problemática étnico-racial** (RUFINO, 2018, n.p.) [*grifos meus*].

Por meio do corpo, portanto, é possível ser afetada/o, amar, odiar, sentir, criar vínculos, tecer solidariedades, sentir raiva. E quando olhamos para as juventudes das quebradas de Salvador e de Cali, estamos – como já dito – falando de corpos diaspóricos, portanto marcados por uma série de sofrimentos físicos e psíquicos. Sob esta perspectiva é que concordo com Rufino quando diz que “as questões epistemológicas se inscrevem como uma problemática étnico-racial” e com Gomes (2017, p. 79) ao formular que “a reação e a resistência do corpo negro no contexto do racismo produzem saberes”.

[...] As negras e os negros em movimento transformam aquilo que é produzido como não existência em presença, na sua ação política [...] a não existência do corpo negro e de seus saberes pode se fazer presente quando esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento [...] **trata-se da negação do corpo negro como corpo livre, que age, move, contesta, vibra, goza, sonha, reage, resiste e luta** [...] os saberes estético-corpóreos produzidos pela

comunidade negra e organizados pelas negras e negros em movimento e pelo Movimento Negro Brasileiro encontram lugar dentro da racionalidade estético-expressiva discutida por Santos (2004, 2006). **Esses saberes dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo [...] São esses saberes que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposto pelo racismo. Eles afirmam a presença da ancestralidade negra e africana inscrita nos corpos negros como motivo de orgulho, como empoderamento ancestral. Recolocam a negra e o negro no lugar da estética e da beleza** (GOMES, 2017, p. 79-80) [*grifos meus*].

Esta produção de saberes que rivaliza com o lugar da não existência da corporeidade negra é catalisada pela aposta no comunitário e pelos afetos diversos que emergem destas relações – sejam eles acolhedores/aglutinadores, sejam eles conflituosos/disruptivos. Como diz Sodré “o processo verbal de pensamento perfaz-se no interior da pessoa, entendida em sua unidade com a comunidade, o que solicita o *corpo*, tanto individual quanto comunitário (a *corporeidade*) como âncora fundamental”<sup>306</sup>. É a partir destes corpos-territórios, portanto, que se engendram contranarrativas e contra-ataques às opressões de diversas ordens. Retomemos Munanga (2009) para reforçar que a solidariedade e a fraternidade entre os povos diaspóricos são armas de combate para este contra-ataque que configura uma política que

não se define como fenômeno de Estado (política partidária, política social etc.) e sim a prática de organização da reciprocidade dos seres diferentes em comunidade, ou seja, **política como prática de estar junto**. Um **agir político grupal** lastreia o pacto simbólico implícito nas formas de organização comunitária dos descendentes de africanos. **É uma política que não costuma aparecer nas lentes etnológicas** e se faz visível na mobilização dos recursos para a consolidação das alianças internas ao grupo e nas táticas de aproximação com a sociedade global hegemônica (SODRÉ, 2017, p. 172) [*grifos meus*].

Solidariedade, fraternidade – muito mais no sentido da auto-organização comunitária, da família como bem comum, do que no sentido religioso – são, portanto, fundamentos “desta política como prática de estar junto”, que conforma a base ética e estética dos coletivos das quebradas. Neste aspecto, me alinho a Cusicanqui quando afirma que “a epistemologia pode ser entendida como ética, como conhecer com o corpo, como uma autoconstrução a partir do diálogo. Uma ética que se transforma em estética, um pensar em comum que é também um fazer comum e se plasma em livros, tecidos, plantas, comidas, fotografias”<sup>307</sup>.

---

<sup>306</sup> Disponível em: <http://www.revistadumela.com.br/2018/06/19/pensar-nago-para-acabar-de-vez-com-o-dominio-da-filosofia-ocidental-parte-2/> Acesso em 10 jan. 2022.

<sup>307</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo> Acesso em 13 mar. 2022.

Este corpo que conhece se torna um corpo cada vez mais livre. Como já dizia Sodré (2019, p. 125): “quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus próprios padrões”. Em suas composições, a *rapper* soteropolitana Áurea Semiseria canta (por)essa libertação<sup>308</sup>:

Não tenho padrões. Não quero sermões. Quebro padrões com padrões. Sou gorda mesmo e não quero sermões. No meu trabalho eu não tenho padrões. (Trecho do rap “Autoestima em versos”)<sup>309</sup>

Bela, recatada e do lar é o caralho. Eu faço o que quiser. Tiro do suor do meu trabalho [...] Áurea Maria te faz perder a linha e nem preciso usar mini-saia sem calcinha. Pelo certo é que caminha, tipo erva daninha (Trecho do rap “Abolicionista”)<sup>310</sup>

**Figura 28** – Rapper baiana, Áurea Semiseria



Fonte: <https://www.instagram.com/semiseria/>

Para estes corpos “quebrarem padrões”, já vimos que a tática escolhida, muitas vezes, é caminhar comunitariamente, abraçar o bairro, conhecer a própria história. Por isso, as ofensivas culturais emancipadoras movem-se no sentido de promover espaços acolhedores onde todos os tipos de afeto – entre eles a indignação e o ódio - encontrem espaço para serem partilhados e ressignificados em ações concretas.

<sup>308</sup>Nascida Áurea Maria, a rapper de 25 anos, nascida e criada no bairro de Cajazeiras adotou o nome artístico Áurea Semiseria. Segundo ela, foi inspiração da música “Beirando teto”, da banda Overfluxo, do trecho “áurea sem miséria, nova panaceia”. A artista vem conquistando espaço na cena do rap baiano e nacional e já ganhou competições internacionais do gênero grime. Disponível em: <https://www.revistafraude.ufba.br/novafraude/artista-ne/> Acesso em 11 mar. 2022.

<sup>309</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TGCPAb9yjyo> Acesso em 11 mar. 2022.

<sup>310</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5gtJUb\\_3QM](https://www.youtube.com/watch?v=5gtJUb_3QM) Acesso em 11 mar. 2022.

Trabalhar a partir da poesia a ressignificação de afetos foi o caminho, por exemplo, que Evanilson Alves encontrou para facilitar oficinas de escrita poética para adolescentes que estavam em privação de liberdade na Case Feminina da Fundac. Os textos produzidos durante os encontros falam das dores, dos medos, dos sonhos, das saudades das adolescentes e deram origem ao livro “Força Feminina: a poesia que liberta” (2017). Trago para a teia um dos poemas, assinado por “Samara”, nome fictício.

### **Sou negra, sou favela...**

Sou negra, sou favela  
Não tenho vergonha do que sou  
E sou feliz de ser da raça  
Que a minha família herdou  
De pele negra, cabelo *black*  
Crespo, encaracolado e pixaim  
Moradores de favelas e morros  
Que passam por situações ruins  
Racismo e preconceito o tempo inteiro  
E até somos perseguidos porque somos negros  
A polícia truculenta  
Tudo querem resolver  
Me seguiram até o mercado  
E até macarrão cru queriam me fazer comer  
Já levei tapas, murros e até fui ameaçada  
Mas isso não me fez pior  
E nem desistir de minha jornada  
Pois aprendi com minha coroa  
A ser uma mulher forte, de caráter  
E ter orgulho de minha cor  
Persistir nos meus sonhos  
E não desacreditar do meu valor

No poema, a adolescente reforça o quanto a afirmação identitária, o reconhecimento de sua negritude a ajuda a seguir em frente. A aposta pelo comunitário, da maneira como é articulada pelos coletivos, visa, justamente fortalecer a autoestima, a esperança, a capacidade de “não desistir da jornada”, “não desacreditar do seu valor”. Diversas ações são feitas pelos coletivos com este objetivo. Vejamos o que diz Marina Lima, do Coletivo Cutucar, ao explicar o efeito na comunidade de uma das fotografias que compuseram a exposição “Mocambos Marginais”:



**Figura 29** – *Making-off* da exposição Mocambos Marginais, Coletivo Cutucar



Fonte: Vaguiner Braz, Coletivo Cutucar

A história dessa foto foi bem legal, do menino, João Vítor [imagem acima]. Porque a mãe dele, Dona Sueli, tem uma barraca de frutas e ele dizia que as pessoas passavam e não reconheciam que a mãe dele estava trabalhando lá. E nem ele. Aí ele disse: “depois dessa foto todo mundo passa e fala “olha, o menino da foto!”. **Ele disse que ficou muito feliz, porque se sentiu reconhecido, as pessoas estavam vendo ele.** Foi bem bonito. [...] **a gente gostava de brincar de colocar amor, colocar o que, muitas vezes, é negado pra gente** [...] quando se pensa o Subúrbio, só se pensa no lado violento [...] **a gente quer mostrar que tem amor, tem outras coisas, tem uma outra visão, que é a de quem mora que não é a visão de quem está fora, que, muitas vezes, é bem estereotipada** (Marina Lima – Coletivo Cutucar, Salvador).

Agora, sigamos por algumas narrativas e exemplos de ações promovidas no Oriente de Cali que seguem caminho convergente:

[...] **o amor é o que representa o bairro** [...] há alguns dias fizemos um mural com uma super mensagem de construção de paz. São mensagens que chegam para as pessoas, ajudam a transformar. É excelente que a gente possa fazer isso por meio da fotografia, poemas, murais, música, dança. Podemos demonstrar o amor que sentimos (Luis Ferney - Colectivo Nueva Era, Cali).

Infelizmente seus sonhos [dos jovens negros moradores do Oriente de Cali] são encurtados por esses atos de violência [refere-se ao assassinato de cinco jovens negros no bairro de Llano Verde, no dia 11 de agosto de 2020]. Vou ler o poema de Juan David Casas feito em memória dos jovens de Llano Verde e de muitos outros que perderam seus sonhos:

‘Nascidos e criados em uma terra de amor e que nos abraça diferentes culturas, diferentes raças, exigimos oportunidades, não ameaças. **Queremos um vale bem verde cheio de esperanças. O que é a paz? A paz é amar, a paz é ajudar, a paz é felicidade e todos a podemos alcançar. A paz não é insultar, a paz não é violência.** De tudo isso não podemos esquecer. A paz há que abraçar, pela paz há que lutar e todos unidos a podemos conquistar. Nada vai preencher o vazio que deixaram em seus entes queridos, mas, nós que estamos aqui hoje, nos comprometemos

e lutamos por um amanhã melhor. E se hoje nos unimos, muito seguramente o conseguiremos, com a ajuda de Deus’.

Este poema foi escrito por Juan, um dos líderes de Nueva Era. **Essas são algumas atividades que fazemos, que tem a ver com reconhecer essas violências, mas também transformá-las em ato de amor.** Sobre o mural que falava Luis fizemos em um setor de La Paz [...] região que foi vulnerabilizada por todos esses temas de violência. O que fizemos com esse mural foi um ato, onde se convocou as juventudes, fizemos a pintura, a limpeza. Tratamos de articular com outras coletividades [...] fizemos o mural com uns tecidos, como uns escudos pela vida (*Elizabeth Gomez – Plataforma Local de Juventud Comuna 13*) [grifos meus].

[...] **é uma estratégia importante ensinar às crianças e aos jovens que a comunicação é um direito e que suas expressões, suas ideias, seus sonhos, suas esperanças são importantes na construção do sentido de comunidade.** Essa é uma das estratégias fortes que temos: fazer rádio na rua, fazer rádio onde nos chamem. Levamos os equipamentos em uma maleta e vamos. Fazemos rádio onde possamos sentar para escutar e falar. Temos recusado o formato de entrevista. Preferimos conversar, dialogar. Dizemos: “*charladito*” [algo como “conversadinho”] é melhor. **Começamos a falar, a rir, porque a rádio também tem que ter muito riso, muita felicidade, apesar dos problemas e das dificuldades** (*Johan Andrés Rodríguez García – Rádio A Ritmo de Ladera, Cali*).

Colocar o amor, mostrar que tem amor, ressignificar as dores são táticas destes coletivos, portanto, para provocar fissuras na política de morte (MBEMBE, 2016) à qual estão submetidas as populações que vivem nos territórios violentados. Trago, ainda, como exemplo dessas fissuras que se dão a partir da construção do sentido de comunidade – aspecto fundamental destas epistemologias das quebradas em construção -, um fato ocorrido durante o período do “*Estallido Social*”, em Cali, no ano de 2021.

Vale lembrar que a mobilização foi duramente reprimida pelo governo colombiano. De acordo com dados da *ONG Temblores*, do *Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz (Indepaz)* e da *Campaña Defender la Libertad*, entre o dia 28 de abril de 2021 – quando se iniciaram as manifestações – até o dia 10 de maio haviam sido registrados 1.876 casos de violência policial, sendo 47 casos de assassinatos pela mão da força policial do estado, 963 prisões arbitrárias, 12 mulheres vítimas de violência sexual e 216 pessoas desaparecidas<sup>311</sup>.

Passo a fita para Sofía Giraldo, do Colectivo A La Hora 30, para que conte como os coletivos atuaram durante o “*Estallido Social*”:

No começo ninguém estava organizado. Todo mundo ia pra rua para marchar com indignação e raiva. **Com indignação e raiva queimadas e**

---

<sup>311</sup> Disponível em: <https://www.colombiainforma.info/doce-dias-de-resistencia-en-colombia/> Acesso 10 mai. 2021.

**destruídas estações de ônibus e postos policiais. Porque eles representam duas empresas do Estado que nos oprimem muito aqui. Nossa indignação e nossa raiva se viram refletidas na destruição desses símbolos. Mas, logo foram transformados, ressignificados e isso é algo muito importante e valioso dos processos de resistência.** Assim como os nomes dos lugares que nos impuseram, nomes que não nos sentimos identificados, nós mudamos. **Muitos postos policiais que representam a violência que sofremos, nós transformamos em bibliotecas. Pintamos os postos com muitas cores, enchemos eles de livros e de mensagens de paz.** Vi muitas estações de ônibus que também foram pintadas com muitas cores e que colocaram muitas plantas, como um viveiro. O que estamos fazendo é recuperar nossa organização, nossa essência, o que realmente nós somos (Sofía Giraldo – *Colectivo A La Hora 30, Cali*) [grifos meus].

Interessante observar neste exemplo como as/os jovens que estavam mobilizadas/os durante o movimento – que, como vimos, teve uma reação violenta por parte do Estado, culminando na morte e desaparecimento de manifestantes, em especial das/os jovens da “*Primera Línea*” – se articularam para ressignificar, inclusive, uma ação deles que culminou em destruição de equipamentos públicos. Com a articulação comunitária, reconstruíram os locais e os colocaram a serviço da população. Sofía, bem como outros jovens com os quais tive a oportunidade de dialogar durante o período do “*Estallido Social*”, contaram que mesmo diante de uma repressão violenta e desproporcional, as/os jovens seguiram mobilizados e resistindo. A alegria, o encontro, a festa, as apresentações culturais, as “*ollas comunitárias*”, segundo elas e eles, foram fundamentais para que não desistissem, apesar dos corpos tombados, do medo e do cansaço.

**Figura 30** - Registros do *Estallido Social* em Cali, Colômbia (abr/mai 2021)





Fonte: Medios Libres Cali (<https://www.instagram.com/medioslibrescali/>)

Um outro marco do movimento foi a construção no bairro Puerto Rellena, no Oriente de Cali, do “*Monumento a la Resistencia*”, que representa a mão de Kay Kimi Krachi, o deus das batalhas, para os povos Maya. A escolha por esse símbolo ratifica o que já foi apresentado sobre a ancestralidade como bússola para os coletivos em ambas as cidades e a forte presença das cosmovisões indígenas em Cali. A mão traz um letreiro com a palavra “Resiste” e nomes e rostos de várias pessoas que foram assassinadas pela polícia durante os protestos. Para viabilizar a construção, lideranças sociais, artistas e outras/os aliadas/os do movimento se organizaram para comprar os materiais necessários.

Cali diversa e pluricultural demonstra a potência da união (*juntanza*), envia uma mensagem: não precisamos de suas estruturas, seus contratos ou seus baixos salários para a transformação de nosso território, nosso *pedazo*. **Abraçamos o punho erguido com dança, com memória, com a lembrança daqueles que já não estão mais aqui, com coletividade (*minga*), com punk, com *alabaos*, com família, com carinho e festival.** Vemos realizado nosso sonho de novos monumentos, de nossos próprios símbolos, de um bairro colorido para nós e por nós, tornar-se realidade. Em Puerto Resistencia o punho é levantado, a resistência tem seu monumento...<sup>312</sup>

<sup>312</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQFdDtxD-VB/> Acesso em 18 mar. 2022.

**Figura 31 - Monumento A La Resistencia, erguido em Puerto Rellena, Oriente de Cali.**



Fonte: Medios Libres Cali (<https://www.instagram.com/medioslibrescali/>)

Ainda como resposta à violência do Estado, trago uma outra ação realizada no Oriente de Cali, no ano de 2013. Em um trecho do artigo de Hurtado e Mornan (2015, p. 97), elas contam que um grupo de mães, cujos filhos foram assassinados ou estavam desaparecidos, construíram um ato performático para, taticamente, denunciar a violência sofrida pela comunidade:

Uma das manifestações mais cruéis do racismo em Cali é o roubo dos anos de vida dos jovens negros. **Embora o homicídio entre os jovens não possa ser atribuído unicamente às forças policiais estatais, o Estado desempenha um papel decisivo na produção de vulnerabilidades à morte prematura no Distrito** (Alves e Vergara, a publicar; Moncada,

2011). **As mulheres negras aparecem neste contexto como sujeitos políticos que não só denunciam a política da morte, mas usam a sua identidade territorial (como mulheres negras do Oriente) para ressignificar a sua experiência urbana.** No âmbito deste processo de investigação, identificamos uma série de respostas coletivas que tornam estas estratégias espaciais visíveis. **Uma destas estratégias é a ocupação de espaços públicos para denunciar que seus filhos foram mortos, denunciar a violência e politizar a morte.** Numa destas reuniões, em Novembro de 2013, após várias conversas com mães, familiares e vizinhos de jovens assassinados, as mulheres organizaram um ato performático. Cerca de 200 pessoas, incluindo mães, parentes e vizinhos de jovens assassinados, caminharam com os seus rostos pintados, instrumentos musicais, trajes de dança e personagens teatrais. **Passaram pelas ruas de dois bairros divididos, ruas separadas por fronteiras invisíveis que condicionam a mobilidade dos habitantes entre um setor e outro, nesse dia foram ocupados por uma utilização estratégica e criativa do espaço. Os corpos das mulheres tornaram-se veículos que mediaram as interações entre vizinhos separados pelo medo.** O som dos instrumentos musicais cantava ao vento, implorando-lhe que acompanhe sempre a mobilidade dos jovens através das diferentes ruas dos seus bairros, sem os colocar em risco. **Algumas mulheres banharam simbolicamente os seus corpos, como um ato de reivindicação da sua autoridade sobre os seus territórios: a água serviu para aliviar a sua dor e reforçar as suas capacidades como criadoras de vida. Com os seus corpos produtores de vida, eles desafiaram a autoridade do Estado produtor de morte nas ruas.** Os bailarinos levavam tochas acesas simbolizando a recuperação do fogo como um doador de luz e vida. *Teatros e teatras* proclamaram a dimensão da diversidade humana, diferenciada por diferentes tonalidades de formas e cores, mas crianças da mesma terra e do mesmo cosmos. **No final de uma rua, os artistas plásticos esperaram pelos caminhantes com um cartaz que dizia: “A quem doem os nossos mortos? Deixem a dor das mães atravessar as fronteiras”.** Foi pendurado no alto, atravessando a rua de um lado para o outro. Fotografias dos jovens mortos nos últimos dois anos nos dois bairros foram expostas num estandarte. As velas formaram uma espiral no chão. **Depois Jovilia, uma mulher negra de 85 anos, de Tumaco (Nariño), cantou.** Desde a sua chegada a Aguablanca há cerca de 34 anos, tem trabalhado como empregada doméstica, tanto na sua própria casa como noutras casas em Cali. Ela é mãe de duas filhas e um filho, que atualmente a sustentam e sustentam economicamente. **Jovilia levou o microfone para cantar os louvores dos jovens assassinados, e a rua central, que ao longo dos anos tem sido palco de mortes, tornou-se um espaço para a catarse coletiva da dor das mães, dos membros da família e da comunidade [grifos meus].**

**Figura 32-** Registros de ato realizado por mulheres negras no Oriente de Cali



Fonte: (HURTADO; MORNAN, 2013)

No trecho transcrito, as autoras reforçam que “os corpos das mulheres se tornaram veículos que mediam as interações entre vizinhos separados pelo medo”. Esses corpos que cantam, dançam, produzem vida e beleza estão elaborando outra formação discursiva, pois a solicitação do corpo não exclui o discurso (SODRÉ, 2017). Há, da mesma forma, uma intencionalidade discursiva nos corpos negros que sambam nas rodas, lajes, praças, terreiros nas periferias de Salvador. Como canta Natureza França, do QUIAL Tubarão:

"Foi lá, foi lá, foi lá no Canaviá  
Eu trabalhei o dia inteiro pra de noite descambar  
Foi lá, foi lá, foi lá no Canaviá  
De rainha do congado à baiana escravizada  
Foi lá, foi lá, foi lá no Canaviá  
**Minha história eu quem sei**  
**Quem não sabe, quer contar"**

**A gente vai buscando - em nossos processos criativos - a nossa história. Só que aí, a gente vai nessa busca desse processo criativo e a gente vai na busca desse encontro mais enraizado com a história.** E eu fui buscar. E quando eu falo que "foi lá, foi lá, foi lá no Canaviá que eu trabalhei o dia inteiro pra de noite vir sambar", **eu estou trazendo a minha ancestralidade preta, as mulheres pretas, a dor, a labuta, o suor, e como transmutar tudo isso em samba e como isso cura, como isso faz a gente resistir e estar viva, muitas vezes.** E depois "de rainha do congado a baiana escravizada". Essas mulheres com todas as suas ancestralidades reais - e mesmo as que não têm ancestralidade real - que perdem a sua identidade, a sua história, o seu lugar, transitam de maneira forçada de um continente para outro e são obrigadas a deixar tudo aquilo lá e como é que elas vão ressignificando tudo isso aqui. Mas, o registro "de rainha do congado a baiana escravizada" e aí, no final, **"a minha história eu quem sei, quem não sabe quer contar"**. O que eu quero dizer é que quando você olha pra mim, você não vai ver a minha história na cor da minha pele, você não vai ver a minha história na textura do meu cabelo, você não vai ver minha história no meu nariz, você não vai ver a minha história na minha testa, nos meus lábios somente. Você vai ver minha história aí, sim, mas você não vê aí somente. **É preciso que eu lhe conte a minha história, que**

**você quebre a caneta, quebre o lápis, pare um pouco de teclar para escrever sobre mim (sujeito/sujeita da periferia). Porque a minha história, sem mim, ela não pode ser contada mais. E é aí que nasce essa autonomia, é aí que está essa autonomia do sujeito da periferia nos seus processos criativos. É o olhar pra dentro, olhar pra si, olhar pra história do Brasil, buscar a história que não foi contada dentro do seu seio familiar**

[...]

**O conhecimento está no nosso corpo, no nosso movimento interno e externo (de dentro pra fora e de fora pra dentro) como a gente aprende, ensina e vivencia e vive. E o nosso conhecimento está na nossa fala, no nosso pensamento, na nossa dança, na forma como a gente entra e sai nos lugares, nos espaços públicos, na altura como a gente fala, na postura do nosso corpo. Nosso conhecimento está em todo lugar, então eu venho sugerir que vocês quebrem esses instrumentos, rasguem o papel e abram os olhos e abram os ouvidos e abram o coração pra o que vai chegar [...] Eu posso falar enquanto sambadeira, mulher, pessoa do samba de roda e posso falar enquanto suburbana, favelada, quebradeira que vai até o chão, que quebra tudo [...] eu trago a quebrada da favela, dos carnavais de Salvador, do dançar aqui com a proteção. Eu sou capoeirista, então eu trago tudo isso no meu corpo. O próprio samba de Cachoeira, que eu cresci sambando desde os quatro anos de idade com minha mãe indo para as festas. Então tudo isso atravessa o meu corpo, minha história. Tudo isso sou eu (*Natureza França – QUIAL Tubarão, Salvador*) [grifos meus].**

O saber incorporado sobre o qual fala Rufino é esse que Natureza França traz no seu corpo que dança e samba, ou os saberes das mães que performam com canto e dança a dor de perder um filho para denunciar a violência de Estado e impedir mais silenciamentos forçados às populações negras. É também o saber que emerge na articulação do “*Estallido Social*” pelas ruas de Cali, com a exposição Mocambos Marginais pelos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com os saraus poéticos, com os festivais de cinema comunitários marcados pela alegria do encontro, da troca solidária, da comida partilhada.

**A comida é a ponte de afeto para o povo preto. As mães trabalham o dia todo e final de semana fazem a comida, pra trazer o carinho, ficar junto com os filhos. O outro lado da fome é o carinho, o afeto (*Jenifer Oliveira – Coletivo ZeferinaS, Salvador*)<sup>313</sup> [grifos meus].**

É neste sentido que faço coro ao chamado que faz Luiz Antônio Simas – em diálogo com Sílvia Almeida - para que estas ofensivas culturais das periferias, para os saberes destes corpos dançados que têm a aposta pelo comunitário, pela criação de solidariedades onde

---

<sup>313</sup> Recital Literário no “Projeto Alimento da Alma – Ocupação Gastrocultural do Café-Teatro Nilda Spencer. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm\\_kkUc](https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm_kkUc) Acesso em 18 mar. 2022.



afetos de todos os tipos possam ser partilhados, acolhidos e ressignificados sejam compreendidos como política. Prevalece, portanto, a potência do comunitário, a construção do sentido de comunidade, a “política como prática de estar junto” (SODRÉ, 2017, p. 172).

Em sintonia, Simas diz:

nós somos domesticados dentro da perspectiva que o corpo é fonte de pecado e a religião de orixá chega e diz **que teu corpo não só não é fonte de pecado como é a chance mais efetiva que você tem de entrar em contato com a divindade. É outra percepção de mundo. Isso articulado à luta política, institucional é da maior relevância.** O primeiro passo é a atenção para a relevância do tema. **É preciso estar atento à potência transformadora dos eventos da cultura que não são vistos como relevantes**<sup>314</sup>.

Estes “eventos de cultura que não são vistos como relevantes”, a exemplo de vários dos que vimos nesta teia-tese, promovidos pelas juventudes das quebradas que decidiram caminhar comunitariamente têm em convergência, portanto, a criação de solidariedades, a alegria, o “estar junto”, o “*ser en minga*”, o “*tudo que nós tem é nós*”. Vejamos o que diz Simas, no diálogo com Almeida: “Exu fala que o fundamento contrário ao ódio não é o amor, é a alegria. O preto velho trabalha curvado, agora quando bafora o cachimbo ele tá mandando o ebó. O contra-ataque é vigoroso”.

Este contra-ataque é ancestral. É quilombismo. Isto porque, como recorda Sodré (2018, n.p.)<sup>315</sup>: “o acontecimento da diáspora se transformou historicamente num pacto simbólico em torno da restauração de poderes míticos e representações que se projetam na linguagem — atuada, proferida, cantada — e nos modos afetivos (fé, crenças, alegria) de articulação das experiências”. Compreendendo, como já dito, os coletivos que estão nesta teia-tese sob o prisma que os une – o diaspórico – é possível afirmar que seus modos afetivos, solidários, comunitários de articular as experiências a partir dos seus corpos-territórios produzem conhecimentos que fundamentam estas epistemologias das quebradas em construção, nas margens.

---

<sup>314</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-eciBTbOAg> Acesso em 08 mar. 2022.

<sup>315</sup> Disponível em: <http://www.revistadumela.com.br/2018/06/19/pensar-nago-para-acabar-de-vez-com-o-dominio-da-filosofia-ocidental-parte-2/> Acesso em 10 mar. 2022.

## 6. RUMO ÀS EPISTEMOLOGIAS DAS QUEBRADAS?

Com a fita azul em mãos - que me acompanhou durante todo o trajeto – chego ao momento de sair da teia para olhar o que foi tecido coletivamente. Se estivesse presencialmente com todas e todos que estão aqui, incluindo quem aceitou o convite feito lá no início para escolher uma cor de fita e entrar na teia, este momento geraria lindas imagens. Do alto, visualizaríamos juntas e juntos um chão repleto de fitas coloridas que se trançam, se embolam, dão nós e revelam por onde cada uma, cada um passou com o seu caminhar. Leríamos os textos coletivos, observaríamos o produto-processo sentipensado (BORDA, 2012), acolheríamos o cansaço, as lágrimas, as partilhas, os medos e os silêncios.

Pois bem, este é o chamado que faço agora: imaginemos que estamos juntas e juntos, lado a lado, observando tudo o que foi tecido. Criemos em nossas mentes as imagens dessa teia-tese vista do alto, embaralhada, com a linearidade e a pureza dos caminhos únicos totalmente esculhambada (RUFINO, 2018). Olhemos, sobretudo, para as encruzilhadas. São elas que trazem as sínteses do que foi produzido no caminhar. Não apresentam respostas definitivas - não por acaso o título desta última parte é uma pergunta - pois, como visto, na encruzilhada não há verdades, há relação, há transformação, há fissura.

Avistemos estas fissuras, portanto, feitas pelas/os jovens que decidiram caminhar comunitariamente nas quebradas de Salvador e de Cali para enfrentar as opressões vividas e que são reflexo das estruturas de um sistema colonial perverso que segue até os dias atuais violentando, apagando sistematicamente a memória, a história e os corpos das populações diaspóricas. Para lermos-sentirmos-escutarmos estas fissuras, às quais chamamos de ofensivas culturais emancipadoras, foi necessário mudar as lentes.

O desafio foi observar as epistemes que tensionam uma pretensa “epistemologia única”, apostando numa produção de conhecimentos capaz de acolher esses saberes divergentes, desviantes, “*desde los abajos*”, em movimento. Para fazer isso, me lancei na profundidade dos diálogos estabelecidos com jovens de diversos coletivos de arte e comunicação que atuam nas periferias – estes nossos outros centros – de Cali e de Salvador. Com alguns, estabeleci uma relação continuada de trocas, realização de ações conjuntas, escrita coletiva etc., o que foi fundamental para que esta teia-tese pudesse ser tecida. Seja presencial, seja virtualmente me acerquei das práticas e produções de mais de 100 grupos.

Assim, em teia, foi possível produzir uma reflexão sentipensada, quando “a razão se combina com o sentimento e produz um saber empático que ao atuar, aprende, ao aprender, atua” (BORDA, 2012). Para organizar a apresentação desta reflexão, quatro cruzos foram

aparecendo de forma mais contundente na teia e me ajudaram a demonstrar – diante de tantas diferenças que marcam os processos históricos, políticos, econômicos e culturais do Brasil e da Colômbia - as convergências entre as atuações dos coletivos em ambas as cidades. As convergências identificadas versam, portanto, sobre a base ética-estética que sustenta os conhecimentos produzidos pelas/os jovens com suas táticas, práticas e produções, configurando o que vislumbro como possíveis epistemologias das quebradas.

Para melhor compreendermos esta noção, voltemos alguns passos na teia para refletirmos sobre o entendimento de epistemologia. A matriz ocidental hegemônica que forja as sociedades latino-americanas está sustentada em um discurso único sobre o que é ciência e o que é conhecimento. Nesta perspectiva tudo o que é produzido fora do norte global - ou seja, no lado colonial – é residual, desprovido de valor, inferior.

Como nos lembra Boaventura de Souza Santos (2019), as correntes dominantes das epistemologias do Norte validaram a ciência moderna que se desenvolveu predominantemente no norte global desde o século XVII e se sustentavam em duas premissas: a ciência como criação específica da modernidade ocidental e, portanto, radicalmente distinta de outras “ciências” e o conhecimento científico como sendo completamente diferente de outros saberes (laicos, populares, práticos, do senso comum, intuitivos, religiosos), uma vez que nenhum outro saber teria o rigor do conhecimento científico.

Sob este prisma, produções de conhecimento que estão fora dos cânones estabelecidos tendem a ser consideradas residuais, inferiores. No entanto, ao compreendermos a produção de conhecimento geohistoricamente situada, a perspectiva muda. É o que propõe Santos ao desenvolver o conceito de Epistemologias do Sul, que segundo o autor referem-se

à produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado (SANTOS, 2019, posição 218).

Neste sentido, o autor defende que “o Sul anti-imperial é um Sul epistemológico não-geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado” (SANTOS, 2019, posição 223-224). Destaca, ainda, que o objetivo das Epistemologias do Sul é contribuir para ultrapassar a dicotomia hierárquica Norte/Sul e, principalmente, apagar as hierarquias de poder, uma vez que “o conhecimento científico conjugado com o superior

poder econômico e militar atribuiu ao norte global o domínio imperial do mundo na era moderna até os dias atuais” (SANTOS, 2019, posição 347).

Para que possam transformar o mundo, segue o autor, é preciso que os grupos sociais oprimidos possam representar esse mundo como seu, nos seus próprios termos (SANTOS, 2009). Essa disputa por representação se dá através das lutas sociais e políticas. Por isso, Santos (2009, posição 230-328) afirma que “as epistemologias do Sul se referem aos conhecimentos que surgem das lutas sociais e políticas e não podem ser separados dessas mesmas lutas”.

Importante ressaltar que o entendimento de epistemologia utilizado pelo autor não tem o sentido convencional do termo, tampouco refere-se ao conceito de epistemologia social, o que propõe é

identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão (SANTOS, 2009, posição 230-238).

É neste sentido que Santos diz que as epistemologias do Sul “ocupam” o conceito de epistemologia para “o resignificarem enquanto instrumento de interrupção das políticas dominantes e dos conhecimentos que as sustentam. São epistemologias experienciais” (SANTOS, 2009, posição 238). Nilma Lino Gomes, por sua vez, “ocupa”, como já vimos, o conceito de epistemologia para articulá-lo com a produção de conhecimento dos movimentos negros brasileiros. Há muito desta “ocupação”, também, na formulação da pedagogia das encruzilhadas proposta por Luiz Rufino (2018; 2019) e nos letramentos de re-existência apresentados por Ana Lúcia Silva Souza (2011). Neste estudo me propus a seguir com estas e estes autores – bem como tantos outros que vêm contribuindo para colocar em destaque as produções feitas nas quebradas, a exemplo de Adriana Facina, Tiajaru D’Andrea, Jailson Souza e Silva, Érica Peçanha... – nesta “ocupação” tão necessária e urgente.

A provocação sobre estarmos rumo às epistemologias das quebradas convida a ler as práticas artísticas e comunicacionais das juventudes que se organizam comunitariamente em territórios violentados como forma efetiva de produção de conhecimentos, uma vez que amplia e alarga o próprio entendimento de epistemologia. Com esta perspectiva pretendi, portanto, contribuir para que olhemos essas e esses jovens como produtoras/es de conhecimento, a despeito de todos os marcadores de opressão que marcam seus corpos, sejam eles geracionais, de gênero, de classe ou de raça.

É neste sentido, portanto, que quando lanço a provocação sobre estarmos rumo às epistemologias das quebradas, pretendo visibilizar essa série vigorosa de práticas

contestatórias e críticas que estão sendo tecidas nestas periferias - estes outros centros - e que podem sim estar produzindo conhecimentos capazes de incidir nos processos de emancipação destes territórios. Esta pesquisa – somada a muitos outros estudos, reforço – tem justamente o compromisso de contribuir para sistematizar estas práticas, apontar estas pedagogias e fortalecer essas produções de conhecimento conectadas com o território, com a ancestralidade, com os afetos, com a transformação social.

Constatai, portanto, que estas juventudes em movimento – para recorrer tanto à noção de Zibechi (2013) de sociedades em movimento quanto à de Gomes (2017) de negras e negros em movimento - se articulam e caminham comunitariamente tendo a arte e a comunicação como alicerce pedagógico, a ancestralidade como bússola, o território como âncora e a aposta pelo comunitário como catalizadora da atuação.

Importante destacar que apontar as potências destas juventudes e lê-las como produtoras de intelectualidades contestatórias não significa, de forma alguma, deixar de perceber que existem limites e contradições em suas atuações. Como dito anteriormente, os coletivos não são “corpos” homogêneos, são formados por pessoas diferentes, com repertórios, vivências e percepções distintas. Cada agrupamento tem suas contradições internas, seus dissensos. Foi possível perceber com as trocas tecidas, por exemplo, que muitos grupos não conseguem manter a proposta horizontalizada de tomada de decisões. Conflitos de ideias entre os integrantes geram, muitas vezes, a desmobilização do grupo. Outro fator que contribui para que o grupo se desfaça – ou, às vezes, seja reestruturado – é o conflito entre os desejos individuais e os desejos coletivos. Quando há uma incompatibilidade muito grande, a tendência é que o grupo acabe se desfazendo.

Outro aspecto a ser apontado é o risco da reprodução das opressões. Por mais que os coletivos tenham propostas bem definidas para enfrentar os marcadores raciais, de gênero, de classe e uma visão bastante crítica sobre o papel do Estado, podem incorrer em reproduções, o que, evidentemente, não é uma peculiaridade deste tipo específico de organização comunitária. Porém, considero pertinente sinalizar que foi possível perceber algumas destas reproduções ao longo de diálogos tecidos com jovens de alguns coletivos. Como exemplo, cito a priorização dos meios de mídia hegemônica para divulgar suas ações, ao invés dos comunitários, quando fazem uma crítica consistente sobre a contribuição dos

conglomerados de comunicação para perpetuar estigmas sobre as/os jovens que moram nas periferias<sup>316</sup>.

Da mesma forma, observei narrativas, poemas, produções que compactuam com uma perspectiva de “dar a voz” às comunidades ou “de levar cultura” quando, o mesmo coletivo se posiciona de forma crítica a políticas públicas que são implementadas desconsiderando toda a potência que já existe no território. Estes são alguns exemplos, trazidos apenas para ilustrar que os processos têm suas contradições, desafios e como qualquer outra proposta de luta social amadurecem e se ressignificam à medida que são praticados.

Considero pertinente recordar, também, que não me propus a realizar um estudo comparativo entre Brasil e Colômbia, uma vez que se trata de duas sociedades complexas e com processos econômicos, sociais e políticos bastante distintos. A proposta foi, portanto, conectar as experiências juvenis para identificar as recorrências entre suas práticas e produções. Quando trouxe estas recorrências me propus buscar as convergências, não as equivalências. Até porque seria impossível tê-las, considerando justamente as diferenças que determinadas questões – como as raciais, por exemplo – são tratadas em cada país.

Vale reforçar que as/os jovens escutadas/os aqui integram um processo específico de atuação comunitária, vinculado à participação em grupos de arte e comunicação. As análises tecidas partem desse *locus*. Afinal, seria impossível dizer de forma generalizada que as juventudes periféricas se dedicam a processos comunitários, emancipatórios e voltados para a formação de pares. Há distintas formas de responder às opressões vividas. A atuação no tráfico de drogas, nas *pandillas*, nas facções criminosas, inclusive, pode ser lida como um tipo de resposta. Por isso, reforço quais práticas foram privilegiadas neste estudo.

Olhando para elas, é possível afirmar que é o uso tático da arte e da comunicação que conforma o alicerce pedagógico das ofensivas culturais emancipadoras, uma vez que possibilita construções identitárias que deslocam os sujeitos da posição de estigma – condição fabricada pelas miradas colonizadoras – para a posição de orgulho. A consciência de gênero e raça, entre outras, não precisa ser necessariamente proclamada, mas é praticada nos cotidianos dos coletivos, em suas ações, produções e atitudes. Em que pese, como visto, possíveis reproduções.

A partir das linguagens artísticas e comunicacionais, estas juventudes estão produzindo contranarrativas que contribuem para deslocar a si próprios e aos seus territórios

---

<sup>316</sup> Sobre este tema, indico a leitura do artigo que escrevemos – Carlos Bonfim e eu: “Comunicação com CEP: convites para seguir comunicando(-nos)”. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/comunicacao-com-cep-convites-para-seguir-comunicando-nos/> Acesso em 05 jan. 2021.

do paradigma da ausência para o paradigma da potência (SOUZA E SILVA, 2018). As atividades que realizam, como vimos, não se limitam a apenas uma linguagem. Quase sempre prevalece a fusão delas, como vimos na exposição “Mocambos Marginais”, onde fotografia e poesia caminharam juntas, nas “Terças Culturais”, promovidas pela Reptotai com linguagens audiovisual, fotográfica, teatro, dança e música articuladas em performances que pautam agendas comuns de luta, ou no *Primer Campamento Hacia La Paz*, no Oriente de Cali, onde as linguagens artísticas e comunicacionais se mesclaram para concretizar uma ação coletiva em defesa do território.

Por meio da arte e da comunicação, do uso político da palavra, as/os jovens elaboram dribles epistêmicos. Como visto, estes dribles estão associados ao processo de disputa de narrativas proposto pelos coletivos com suas produções teatrais, musicais, poéticas, audiovisuais e radiofônicas. Por meio delas, são elaboradas táticas coletivas que se propõem a ressignificar os imaginários estigmatizados que aprisionam estas juventudes subalternizadas e os seus territórios. Eles driblam, gingam e, taticamente, compõem estas outras formas de produção de conhecimentos que se não superam as formas consagradas, conferem a elas outros matizes.

Estas produções de conhecimento que se dão na tensão, na negociação constante, encontram esteio na ancestralidade, nas cosmovisões indígenas, africanas, afro-brasileiras e afrocolombianas. A produção de memória, por meio das linguagens artísticas e comunicacionais, é prioridade pedagógica dos coletivos. A relação com a ancestralidade é o que garante firmeza e sustentabilidade às iniciativas. O saber ancestral diaspórico é herdado pelos movimentos sociais negros e indígenas e amalgamam as práticas destes coletivos juvenis. O trabalho proativo para garantir nexos entre passado e futuro é feito a partir do reconhecimento da própria história e da organização comunitária para que a produção de narrativas contestatórias se dê de forma coletiva.

Estas/estes jovens se integram ao que Guerreiro (2017) denomina como terceira diáspora: um circuito de comunicação capaz de difundir repertórios estéticos produzidos pelas comunidades negras em todos os campos de criação: intelectual, comportamental e artístico. Importante retomar ainda um aspecto fundamental que conecta os coletivos que estão nesta teia-tese: o diálogo intergeracional. Elas/es se guiam por modos de organização que não necessariamente seguem as delimitações do que se convencionou classificar como “juventude”.

Como visto, o entendimento de juventude é pluralizado e conectado com a dimensão territorial e comunitária. A construção do sentido de comunidade que se dá por meio da

aposta pelo comunitário é, portanto, o caminho convergente que possibilita que as iniciativas realizadas pelos coletivos de Cali e de Salvador promovam um processo contínuo de autoformação e formação de pares. Foi possível observar que predominam nestas práticas os princípios da educação popular – voltados para a construção de processos que estimulem a comunicação dialógica, a emancipação, a consciência crítica e a autonomia - o que não significa necessariamente que todas/os as/os jovens tenham lido Paulo Freire ou Fals Borda – mesmo que alguns/as o tenham –, mas que, de alguma forma, estes princípios estão presentes nas produções tecidas pelos coletivos. Vale frisar que, coerentemente com a obra destes autores, é com *los abajos* que são gerados os insumos de suas formulações.

Esta capacidade de formação de pares e autoformação está relacionada ao movimento em defesa do território que é comum aos coletivos em Cali e em Salvador. O ponto de partida das/dos jovens são os seus bairros, os lugares onde vivem e atuam coletivamente. É nestes espaços habitados que acontecem as relações humanas de afeto, solidariedade e a possibilidade da construção política (SANTOS, 2005). Na aposta pelo comunitário, a solidariedade e a fraternidade são transformadas em armas de combate (MUNANGA, 2009) e a política para além de um fenômeno de Estado, é vivenciada mais como prática de estar junto (MUNANGA, 2009). Esta política é operada no território que, para as juventudes das quebradas, funciona ao mesmo tempo como âncora e alavanca, no sentido de amparo e impulsionamento. É, defendendo o território, portanto, que estas “juventudes em movimento” negociam com a globalização, a partir das experiências e memórias de suas coletividades.

Ao lado de muitas outras iniciativas, o que estes coletivos estão fazendo é contribuir para que as comunidades tomem consciência do seu capital cultural e possam fortalecer seus laços de pertencimento e, com isso, “deslocar politicamente o público para onde até há pouco estava o estatal” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21). A sociedade civil passa a assumir o desenvolvimento sociocultural de seus territórios à medida que a coletividade aumenta sua capacidade em tomar decisões. Não se trata, como vimos, de substituir o Estado – até porque são vários os exemplos de articulação tática dos coletivos em ambas as cidades com os poderes públicos locais –, mas de estabelecer um outro tipo de relação com o Estado/nação.

Para isso, alianças táticas são firmadas e se mostram fundamentais para que as ofensivas culturais emancipadoras se sustentem. São alianças que, muitas vezes, podem envolver tensões, contradições e obstáculos, como vimos nos exemplos trazidos ao longo da teia-tese. Porém, todos os possíveis conflitos fazem parte do caminhar comunitário das/os



jovens. E é neste caminhar que os conhecimentos são produzidos e disseminados e que ocorre, em suma, a construção do sentido de comunidade.

Entender os coletivos como quilombos urbanos que têm o território vivido como âncora é uma forma, portanto, de demarcar o processo de construção de territorialidades específicas por parte destas juventudes. Com os saraus, as batalhas de hip-hop, os festivais de cinema comunitário, as rádios comunitárias, as bibliotecas comunitárias etc. elas/eles estão tecendo epistemes que se contrapõem ao projeto colonial que segue em curso. Com suas atuações e produções artísticas e comunicacionais, mais do que resistir, estas juventudes estão colocando em xeque cânones diversos, refazendo perguntas e tensionando o que se convencionou chamar de conhecimento legítimo.

Apontam, como vimos, rumos possíveis para a criação e implementação de políticas públicas e desenvolvem práticas diversas para enfrentar problemas estruturais. Os saberes produzidos por estas juventudes “são capazes de quebrar, fraturar, fissurar as fundações do edifício científico construído como verdade por uma minoria intelectual que responde ao sistema dominante” (BORDA, 2012, p. 303). As iniciativas de arte e comunicação que surgem nas (e se nutrem das) periferias constroem outros centros que irradiam narrativas que tensionam os lugares estabelecidos de saber válido, voz autorizada, conhecimento, em suma. As identidades destes/as jovens são formadas em tensão constante e seus ativismos por meio da arte e da comunicação fissuram, por sua vez, as noções consagradas de centro/periferia e a própria noção de juventudes.

Quando se vinculam a ou promovem práticas artísticas nas periferias, as/os jovens não só refutam modelos de letramento excludentes, mas se colocam como educadores, como agentes de letramentos de re-existências (SOUZA, 2011). Como produtores de ofensivas culturais emancipadoras, fazem da palavra falada e escrita instrumento de luta e de transformação comunitária.

Estas juventudes compreendem seus territórios – a começar pelo próprio corpo - como centros a partir dos quais são construídos saberes, valores e identidades. É o corpo que incomoda porque pensa e, mais ainda, porque organiza, difunde, qualifica e multiplica pensamentos críticos. É, portanto, nessas quebradas - territórios violentados física e simbolicamente - que há séculos, apesar dos cacos e corpos tombados, se produz vida, práticas de insubordinação, intelectualidades tecidas na luta e sustentadas por ela, como nos diz Gomes (2017): subjetividades desestabilizadoras são construídas nos territórios a partir das relações tecidas neles. Relações estas que são sempre tensionadas pelas dinâmicas da violência, pelos efeitos das injustiças sociais, pela presença violenta do Estado etc. Para fazer

o enfrentamento, é preciso agir com “malícia e manha”, como afirma Mariana Oxente Gente, do Coletivo ZeferinaS: “a gente age com malícia e manha. Eu não posso bater de frente com esse governo, se não vai ser tiro e bala. Tem que gingar, tocar no chão e dar uma rasteira”.

A definição de resistência que traz Mariana se conecta com a noção de “tática” (DE CERTEAU, 2014). Conecta-se ainda com o “ser em ginga” das populações diaspóricas, sobre o qual nos falam Eduardo Oliveira, Luiz Rufino e Cinésio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa)<sup>317</sup>. O “ser em ginga” está ligado a um modo tático, “gingado” de produção de conhecimentos articulado com saberes ancestrais: “o conceito de ‘ser em ginga’ é um modo tático de remontagem do ser/saber, inteligibilidade, comunicação e possibilidade de uma filosofia outra assente no jogo de corpo” (OLIVEIRA; PEÇANHA; RUFINO, 2018, p. 75).

Para os autores, o “ser em ginga” é uma resposta de vida diante de uma política de morte que se estende desde a travessia transatlântica das populações negro-africanas escravizadas. É uma “tática de rasura da apreensão das identidades produzidas como subalternas pelo colonialismo europeu-ocidental” (OLIVEIRA; PEÇANHA; RUFINO, 2018, p. 78). E é com muita ginga que os/as jovens em Salvador e Cali vêm driblando as políticas de morte para manterem-se vivos e vivas

São essas táticas entendidas como “artes de fazer” que contribuem para fissurar os entendimentos cristalizados sobre arte, cultura e desenvolvimento. Estas ofensivas culturais emancipadoras, que não necessariamente se conhecem, operam transformações que de alguma forma estão conectadas. Tanto em Salvador, quanto em Cali, os coletivos seguem atuando taticamente para multiplicar o impacto comunitário de suas ações.

Todos estes elementos trazidos acima dão firmeza para tornar ainda mais pungente a provocação-pergunta que inicia e guia essa teia-tese: ao produzirem respostas aos problemas sociais estruturais, refazerem perguntas e tensionarem o que se convencionou chamar de conhecimento legítimo, essas e esses jovens que atuam em coletivos de arte e comunicação nas periferias de Salvador e Cali não estarão produzindo o que pode ser lido como epistemologias das quebradas?

O convite que esta teia-tese faz é para que olhemos para estas iniciativas sob este prisma. Como dito no início, o objetivo deste estudo não foi trazer respostas a todas as perguntas que me mobilizaram a desenvolvê-lo, nem apresentar um conceito que se pretende acabado, mas, principalmente, contribuir para fortalecer a ação política nestes territórios

---

<sup>317</sup> Ver ensaio “Pensamento diaspórico e o “ser” em ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira”. Disponível em: <http://www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/view/124/117>. Acesso em 29 jun. 2019.

violentados, seja a política cotidiana de moradores dos centros marginalizados, seja a política institucional que deve ser atravessada pelos saberes e fazeres dessas e desses profundos conhecedores das dinâmicas de exclusões das cidades.

Com esta teia-tese que apresenta conhecimentos produzidos nas encruzilhadas pretendo, portanto, contribuir para que possam ser pensadas e concretizadas ações voltadas à garantia de direitos às populações subalternizadas que contemplem os distintos modos de construir e difundir conhecimentos. É um movimento de esperança. Longe de ser algo romântico, a esperança para mim, como já disse Rosana Pinheiro-Machado (2019), “é uma escolha política”. A esperança, para trazer Paulo Freire (1996) de novo à teia, é uma necessidade vital e não é possível lutar por uma sociedade melhor sem esperança e sem sonho. Já dizia o poeta Sérgio Vaz: “enquanto eles capitalizam a realidade, eu socializo sonhos”.

Esta teia-tese não acaba quando se encerram as palavras escritas. As encruzilhadas seguem em movimento. Exu segue no comando. O convite para que juntas e juntos sigamos – nos nossos distintos espaços de atuação – tecendo essa teia infinda segue ativado. É uma construção coletiva e, portanto, repleta de tensões e incompletudes. As tensões, os nós, os cruzamentos são fontes de potência criativa e a memória ativa é o fio condutor. Sigamos, então, entrecruzadas, entrecruzados nesse compromisso político de construir conhecimentos dialogados, não colonizadores, não hierarquizantes. Você, que me lê, aceita este convite?

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Palestra em vídeo. TED Global, 2009. Disponível em [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br). Acesso em 04 ago. 2015.
- ALEXANDER, M. **The new Jim Crow: mass incarceration in the age of colorblindness**. New York; London; The New Press, 2010.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA DE JESUS, V. **Artivismo preto: saraus como práticas quilombistas**. 2021. Disponível em: [https://galinhapulando.blogspot.com/2021/03/artivismo-preto-saraus-como-pratica\\_18.html](https://galinhapulando.blogspot.com/2021/03/artivismo-preto-saraus-como-pratica_18.html). Acesso em 17 jan. 2022.
- ARANA, D. P. S. **Barrismo social y política pública para la convivencia en el fútbol: Experiencias transformadoras en las ciudades de Bogotá y San Juan de Pasto**. Trans-Pasando Fronteras, v. 13, 2019.
- ARDOINO, J. **Abordagem multirreferencial: a epistemologia das ciências antropológicas**. Palestra proferida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 14 out, 1998.
- BAYARDO, R.; RUBIM, A. A. C. **Políticas culturais na ibero-américa**. Edufba, 2008.
- BARBOSA, S. M. S. **O poder de Zeferina no Quilombo do Urubu**. X Simpósio Baiano de Pesquisadoras de “Gênero, Idades e Gerações. Bahia, 2003.
- BARRAGÁN DÍAZ, A. M.; MENDONZA MOLINA, M.; **Políticas culturales y participación en Colombia**. Revista Colombiana de Sociología, n. 24, Universidad Nacional de Colombia: Bogotá, Colômbia, 2005, p. 163-183.
- BELLO, A.; RANGEL, M. **La equidad y la exclusión de los pueblos indígenas y afrodescendientes en América Latina y el Caribe**. *Revista de la CEPAL*, v. 76. 2002.
- BONFIM, C.; CERQUEIRA, R.; DE JESUS, V.A. e SANTANA, J. **Salvador > saraus: quilombismos**. In: DALCASTAGNÉ, R., TENNINA, L. [orgs.] *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk Editora, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/41562108/Salvador\\_saraus\\_quilombismos](https://www.academia.edu/41562108/Salvador_saraus_quilombismos) Acesso em 30 jan. 2022.
- BONFIM, C.; FRANÇA, N; HERCOG, B.; VIEIRA, V. **Rumo a uma epistemologia das quebradas: ativismos juvenis para além da resistência**. *Revista PragMatizes*, v. 12, nº 22, março de 2022.
- BONFIM, C.; HERCOG, B. **Comunicação com CEP: convites para seguir comunicando (-nos) breve ensaio sobre comunicação, emergências e movimentos**. *Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales*, n. XII, p. 155-166, 2019.

- BORDA, O. F. **Ciencia, compromiso y cambio social**. 1 ed. Buenos Aires: El Colectivo – Lanzas y Letras – ExtensiónLibros, 2012
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BRAVO, M. E. Políticas Culturales en Colombia *in* **Políticas Culturais na Ibero-América**. Antonio Albino Canelas Rubim & Rubens Bavardo (orgs). Salvador: EDUFBA, 2008. p. 119-158.
- CACOPARDO, A. **Nada sería posible si la gente no deseara lo imposible”**. Entrevista a **Silvia Rivera Cusicanqui**. Andamios vol.15 no.37 Ciudad de México mai./ago. 2018
- CALAZANS, R.; FACINA, A.; LOPES, A. C.; SILVA, D. N.; TAVARES, J. **Letramentos de Sobrevivência**. Revista da ABPN, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, janeiro de 2018, p.678-703.
- CAMPOS, L.A.; DAFLON, V.T.; JÚNIOR, J.F.; **Ações Afirmativas Raciais no Ensino Superior Público brasileiro: um panorama político**. Cadernos de Pesquisa v.43 n.148 p.302-327 jan./abr., 2013.
- CARREIRA, D. **O Lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista**. In: Sur Revista Internacional de Direitos Humanos. v.15. n. 28, 127-137, 2018.
- CASSIANI, A. J. S; OSPINA, J. A. C.; RODRÍGUEZ, J. A.; WABGOU, M. **Movimiento Social Afrocolombiano, Negro, Raizal y Palenquero: El largo camino hacia la construcción de espacios comunes y alianzas estratégicas para la incidencia política en Colombia**. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: 2012.
- CASTELLS, M.C. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 2 ed. rev. e atual, Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CNMH. Bases de dados. **Observatorio de Memoria y Conflicto**. Data de corte 31/01/2021.
- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. Editora Iluminuras LTDA, 1997.
- CRENSHAW, K. **Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero**. Estudos Feministas, ano 10, p. 17-188, 2002.
- CUSICANQUI, S. R. 2010. **Ch’ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. 1. ed., Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- D’ANDREA, T. P. **Por que a periferia foi fazer arte?** Revista Mobilidade em São Paulo. Nº 223, janeiro, 2015. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8629\\_CULTURA+E+PERIFERIA](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8629_CULTURA+E+PERIFERIA). Acesso em 12 out. 2021.
- \_\_\_\_\_. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Sociologia: São Paulo, 2013.

DE ALMEIDA, R. S. **Cultura de periferia em movimento**. Revista Mobilidade em São Paulo. Nº 223, janeiro de 2015. Disponível em: [https://www.secsp.org.br/online/artigo/8629\\_CULTURA+E+PERIFERIA](https://www.secsp.org.br/online/artigo/8629_CULTURA+E+PERIFERIA). Acesso em 12 out. 2021.

DE CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

DE JESUS, V. A. (org.). **Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. 1 ed. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2018.

DE SOUZA E SILVA, J. (org.). **Mestre das periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memorian)**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

DÍAZ DÍAZ, R. A. **Ausencia y presencia de África en los textos escolares en Colombia**. Simporio La Diáspora africana: retos para la cimentación de sua patrimonio. 53º Congreso Internacional de Americanistas. Universidad Iberoamerica, México, DF: 2009.

\_\_\_\_\_. **África, africanismo y los estudios afrocolombianos en las Ciencias Sociales en Colombia: realidades, retos y perspectivas**. 2006.

DO NASCIMENTO, É. P. **É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

ESTÉVEZ, J.G; ROBAYO, C.D.C. **Desempleo juvenil en Colombia: ¿la educación importa?** Universidad Católica de Colombia. Facultad de Ciencias Economicas y Administrativas. Colombia, 2019.

EVARISTO, C. *apud* SOUZA E SILVA, J. [org.] **Mestre das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memorian)**. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 1 ed. Belo Horizonte: Pallas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Olhos D'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

\_\_\_\_\_. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. In: ALMEIDA SILVA, D.; EVARISTO, C. (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen, RS: URI, 2011.

FARIA, I. **Viver de Arte: Percursos de Formação e Inserção Socioprofissional de Egressos de Cursos de Educação Profissionalizante em Artes, em Salvador, Bahia** (tese de doutorado). Universidade Federal da Minas Gerais (UFMG): Belo Horizonte, 2017.

FUNDAC. **Força Feminina: a poesia que liberta**. 1 ed. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2017.

FRANÇA, N. A. **A Corda Samba de Roda: corpo, memória e poder na comunidade de Tubarão** [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal da Bahia [no prelo].

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA, J.A.R. **Radio comunitaria A Ritmo de Ladera: una propuesta comunicativa de participación por jóvenes en la comuna 1 de Cali-Colombia**. Trabalho de graduação para obtenção do título de licenciado em Educação Popular, Universidade del Valle, Cali, Valle del Cauca, Colômbia: 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ. Vozes, 2017.

GUERREIRO, G. **Percepções do Atlântico-antropologia estética, produção de conhecimento e antirracismo**. Revista Observatório Itaú Cultural, v. 21, p. 112-127, São Paulo. Itaú Cultural: 2007.

\_\_\_\_\_. **Terceira Diáspora: culturas negras no mundo atlântico**. Salvador: Corrupio, 2010.

HERCOG, B. **De "menino" a "elemento" - onde trajetórias se cruzam: Um estudo sobre juventudes e violências com adolescentes jovens e policiais militares em Itinga, Lauro de Freitas-BA**. (Dissertação de Mestrado). UFBA. Salvador, Bahia, 2016.

HERCOG, B; FLORES, A. (org). **Assoalho de Lembranças**. 1ª ed. Salvador, Bahia, 2017.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução: Cátia Bocaiuva Marignolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HURTADO, V.M; MORNAN, D., **¿Y el Derecho a la Ciudad? Aproximaciones al racismo, la dominación patriarcal y las estrategias feministas de resistencia en Cali, Colombia**. Cali: 2015.

JARAMILLO, M. B. **Hacia una comunicación empoderadora: significados y expresiones de la participación comunitária en la propuesta comunicativa de la Asociación Casa Cultural 'El Chontaduro**. Trabalho de graduação para obtenção do título de licenciado em Educação Popular. Universidad de Valle, Santiago de Cali: 2014.

JÚNIOR. R. **Poeta com P de Preto**. Vitória da Conquista, BA: Galinha Pulando, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Gess Oliveira, 1. ed. Rio de Janeiro. Cobogó: 2019.

KRENAK, A. *apud* SOUZA E SILVA, J. [org.] **Mestre das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memoriam)**. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

LAM, Y.; ÁVILA C. A. **Orden público y perfiles raciales: experiencias de afrocolombianos con la policía en Cali.** 2013.

LIMA, M. **As narrativas das jovens escritoras do Subúrbio Ferroviário de Salvador** [trabalho de conclusão de curso] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) [no prelo].

LOPES, N.; SIMAS, L.A. **Filosofias africanas: uma introdução.** Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2020.

LOZANDO, S.R.C.; MIRANDA, S.A. **Quando a diáspora africana interpela a educação: aproximações entre Brasil e Colômbia.** Doissê Educ. rev. 34, 2018, <https://doi.org/10.1590/0102-4698200184>.

MARTÍN-BARBERO, J. **Diversidade em convergência.** Revista MATRIZES, v. 8, nº 2 jul./dez., São Paulo: 2014.

MBEMBE, A. 2016. **Necropolítica.** Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dezembro 2016.

MEDIOS LIBRES CALI. **Digna Rebeldía y Organización Social ¿Para dónde vamos?.** 13 de maio de 2021. Disponível em: <https://radiozapatista.org/?p=37764>. Acesso em 14 mai 2021.

MENDES, P. V. G. in NORA GLUZ [et.al.]. **Avances y desafíos en políticas públicas educativas: análisis de casos en Argentina, Brasil, Colombia y Paraguay.** 1 ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires. CLACSO: 2014.

MIRANDA, E. O. **O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê.** 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/97>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MOLLER, G.; VALIATI, L.; (org). **Economia Criativa, Cultura e Políticas Públicas.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 2016.

MUNANGA, K. **Negritude-Usos e sentidos.** [Coleção Cultura Negra e Identidades]. São Paulo: Autêntica Editora, 2009.

MUNIZ, K. **Linguagem e Identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil.** Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (tese de doutorado), Campinas-SP, 2009.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira – Uma proposta do autor aos seus irmãos e irmãs afrodescendentes no Brasil e nas Américas,** em trabalho apresentado ao 2o Congresso de Cultura Negra das Américas, Panamá, 1980 in NASCIMENTO, E. L. (org.).



Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa, vol. 4, 2009. E-book Kindle.

NATÁLIA, L. **Correntezas e Outros estudos Marinhos**. Ogum's Toques Negros, 2015.

OCDE. Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (OCDE). **Revisión de políticas nacionales de educación: La educación en Colombia**. Paris: 2016.

OLIVEIRA, E.O; PEÇANHA, C.F.; RUFINO, L. **Pensamento Diaspórico e o “ser” em Ginga: Deslocamentos para uma Filosofia da capoeira**. Revista de Humanidades e Letras, vl. 4, n. 2, 2018.

OLIVEIRA, N; RIBEIRO, E. **O massacre negro brasileiro na guerra às drogas**. SUR 28 - v.15 n.28, 35 - 43, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-nathalia-oliveira-e-eduardo-ribeiro.pdf> Acesso em 20 abr. 2019.

PÉREZ DÁVILA, F. L. **Políticas educativas en Colombia: en busca de la calidad. Actualidades Pedagógicas**. (71), 193-213, 2018) Disponível em: doi: <https://doi.org/10.19052/ap.4430>.

PIOVESAN, F. **Ações afirmativas e direitos humanos**. Revista USP, São Paulo, n. 69, p. 36-43, março/maio, 2006.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo, Planeta do Brasil: 2019.

PISMEL, M. L.; CHAGAS, R. S. **Colômbia: movimentos pela paz**. Editora Insular, 2014.

PLAN INTERNATIONAL. **Tirando o Véu – Estudo sobre casamento infantil no Brasil**. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Tirando-o-veu-estudo-casamento-infantil-no-brasil-plan-international.pdf> Acesso em 26 jun 2019.

PNUD; ONU MUJERES. **Del Compromiso a la Acción: Políticas para Erradicar la Violencia contra las Mujeres América Latina y el Caribe**. Panamá: 2017. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/DEL\\_COMPROMISO\\_A\\_LA\\_ACCION\\_ESP.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/DEL_COMPROMISO_A_LA_ACCION_ESP.pdf). Acesso em 14 jun. 2019.

RAMOS, M. E. R. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos-Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Doutorado UFBA. Ano de obtenção: 2013.

RAMOS, S. [et. al]. **Pele-Alvo: a cor da violência policial**. Livro eletrônico. Rio de Janeiro: CESeC, 2021. Disponível em: [http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO\\_REDE-DE-OBS\\_cor-da-violencia\\_dez21\\_final.pdf](http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO_REDE-DE-OBS_cor-da-violencia_dez21_final.pdf) Acesso em 15 dez 2021.

RAPOSO, O.; ADERALDO, G. **Políticas públicas e produção artístico-cultural entre jovens das periferias de Lisboa e São Paulo**. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 23, n. 1), p. 109-132, 2019.

RESTREPO-ESPINOSA, M. E. **Desplazamiento forzado y transmutaciones del Destierro**. Universidad Nacional de Colombia, 2017.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento -Justificando, 2017.

RODRIGUES, C. **Afro-latinos em Movimento: Protesto Negro e Ativismo Institucional no Brasil e na Colômbia**. Editora Appris, 2020. E-book Kindle.

RODRÍGUEZ, E. **Bases para la construcción de un índice de desarrollo de políticas sectoriales de juventud em América Latina**. Uruguai: Centro Latinoamericano sobre Juventud (CELAJU), 2016.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1999.

ROSA, P. **Juventude criminalizada**. Insular: Florianópolis, 2013.

RUBIM, A. **Políticas culturais do governo Lula / Gil: desafios e enfrentamentos**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 183-203, jan/jun. 2008.

RUFINO, L. **Pedagogias das Encruzilhadas**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>

RUFINO, L. In: LOPES, A. C.; FACINA, A.; SILVA, D. [orgs.]. **Nó em Pingo D'água: sobrevivência, cultura e linguagem**, 1. ed., Rio de Janeiro: Mórula, Florianópolis (SC): Insular, 2019, p. 115-132.

SANTOS, B. DE S. **O Fim do Império Cognitivo: as afirmações das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. E-book Kindle.

\_\_\_\_\_. **Introdução à uma Ciência Pós-Moderna**. Graal Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: RJ. Vozes, 2017

SANTOS, G.M.R. **A prática educativa no movimento social “Levante Popular da Juventude”:** narrativa de participantes. (dissertação de mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB): Vitória da Conquista, 2018.

SANTOS, M. **O retorno do território**. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000.

SANTOS, N. DE J. **Slam das Minas – Bahia: A performance poética de corpos de resistência**. REVELL, ISSN: 2179-4456 - 2020 – v.2, nº.25, agosto de 2020.

SARAU DA ONÇA (org.). **O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada**. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2017.

SARAU DA ONÇA (org.). **O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada**. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando, 2019.

SILVA, A. C. R. **A frente nacional e os limites à democracia na Colômbia (1958-1974)**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SILVA, J. de S. [et. al.], **Mestre das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco**, 1. ed., Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento: sobre política de vida**. Mórula Editorial, 2020.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade: a Forma Social Negro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

\_\_\_\_\_. **Pensar Nagô: para acabar de vez com o domínio da filosofia ocidental (parte 2)**. Revista Dumela. Junho, 2018. Disponível em: <http://www.revistadumela.com.br/2018/06/19/pensar-nago-para-acabar-de-vez-com-o-dominio-da-filosofia-ocidental-parte-2/> Acesso em 10 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes: 2010.

SOUZA, A. L. S [org.]. **Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

SOUZA, A. L. S. **Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para reeducação das relações raciais na escola**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECEV. 8, N. 2, ano 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1908/1697> Acesso em 18 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA E SILVA, J. **O paradigma da potência**. Revista Periferias. v. 1, 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/ed/o-paradigma-da-potencia/> Acesso em 18 mar. 2022.

SOUZA E SILVA, J. [org.] **Mestre das Periferias: o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (in memoriam)**. 1 ed. Rio de Janeiro: EDUNIPeriferias, 2020.

SUSSUARANA, S. **Verso(s) sob(re) mim**. Vitória da Conquista, Bahia. Editora Galinha Pulando: 2018.

TARAZONA, A. A.; ALONSO, G. D. S. **Entre la movilización estudiantil y la lucha armada en Colombia. De utopías y diálogos de Paz.** Anuario de Historia Regional y de las Fronteras, v. 20, n. 2, p. 157-182, 2015.

TEMBLORES, ONG. **Bolillo, Dios y Patria.** 2021.

TOVAR, J. S. A. **Grupos juveniles en Cali: una aproximación a experiencias de participación juvenil durante el período gubernamental de Jorge Iván Ospina (2008-2011)** [trabalho de graduação em Sociologia]. Universidad del Valle. Santiago de Cali, Colômbia, 2013.

VÁSQUEZ, O. M. **Teoria y práctica de educación popular entre mujeres negras y mujeres diversas em el Oriente de Cali.** Dissertação de mestrado. Cali, Valle del Cauca: 2018.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência: homicídios por arma de fogo no Brasil.** Brasília: FLACSO, 2016.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2014: Homicídios e Juventude no Brasil.** Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<http://mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em 20 mar. 2016.

ZIBECHI, R. **Autonomías y emancipaciones.** América Latina en movimiento. Lima, Setembro 2007.

\_\_\_\_\_. **Los movimientos sociales latinoamericanos: tendencias y desafíos.** Observatorio Social de América Latina (OSAL), n. 9, jan. 2003. Buenos Aires. CLACSO: 2003. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal9/zibechi.pdf>

## Músicas

CHICO CÉSAR; DJ CAIQUE; RASHID. **Diário de Bordo 6.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yg8YRk9xqEM> Acesso em 10 mar 2021.

EMICIDA. **Ismália.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg> Acesso em 15 dez. 2021.

EMICIDA. **Principia.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28) Acesso em 17 mar. 2022.

EVOLUÇÃO MC's. **Se passa não fi.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GqFZnh071I> Acesso em 05 fev. 2022.

PERERÊ, Sérgio. **Costura da Vida.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NG\\_ErFvTn04](https://www.youtube.com/watch?v=NG_ErFvTn04). Acesso em 25 abr. 2021.

SEMISERIA, Áurea. **Autoestima em versos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TGCPAb9yjyo>. Acesso em 11 mar. 2022.

SEMISERIA, Áurea. **Abolicionista.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5gtJUb\\_3QM](https://www.youtube.com/watch?v=5gtJUb_3QM). Acesso em 11 mar. 2022.

### Produções audiovisuais

**A História do Hip-Hop baiano.** RAP071. Documentário. Ano: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mn1T1Qt8wmQ> Acesso em: 10 out. 2021.

**A Periferia é o Centro.** Realização QUIAL Tubarão. Série Audiovisual. Ano: 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCWmX1klXE9\\_vfxS1DaGi5BA](https://www.youtube.com/channel/UCWmX1klXE9_vfxS1DaGi5BA) Acesso em: 10 jan. 2022.

**As águas de Cajazeiras.** JACA. Documentário. Ano: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LawpnYGqcE> Acesso em 10 out. 2021.

**Bici-Bles: un documental de A La Hora 30.** Colectivo A La Hora 30. Documentário. Ano: 2021. Disponível em: <https://youtu.be/lGw-E68zzyA> Acesso em 17 mar. 2022.

**CARMEN, Una mujer construyendo vida desde el barrio.** Tikal Producciones. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPiMmLGRVCI>. Acesso em 10 mar. 2022.

**Conferência de Abertura de Conceição Evaristo na Festa Literária do Subúrbio (FLISU).** Live. Acesso em 27 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihGrQ80X-7Y>.

**El guión es nuestro.** FESDA. Ano: 2017. Videoclipe. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_aYXf\\_MJxLE](https://www.youtube.com/watch?v=_aYXf_MJxLE) Acesso em 06 fev. 2022

**Favela Revela.** QUIAL Tubarão. Série Audiovisual. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UChpOU46xxJ5g37fWR65zPvQ>

**FESDA 2020 – Miradas que rompen el cerco.** FESDA. Ano: 2020. Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Atcnqj2wILY> Acesso em 04 fev. 2022.

**Fotogramas de Siloé.** Tikal Producciones. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E01pm9yNFqY> Acesso em 10 mar. 2022.

**Freestyle en Convivência.** Tikal Producciones. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CWNf83uYfmw>. Acesso em 10 mar. 2022.

**GUALAS.** Tikal Producciones. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WH0DY8ZREtg>. Acesso em 10 mar. 2022.

**Juventudes Latinas em Diálogo.** Rede ao Redor. Lives. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCx23Jjz1-8v-R\\_zpc5aROpQ](https://www.youtube.com/channel/UCx23Jjz1-8v-R_zpc5aROpQ) Acesso em 26 jan 2021.

**Manifesto.** Sérgio Vaz. Poesia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V2oi0Z8UvuE> Acesso em 10 nov. 2020.

**Mateus Aleluia: Especial Cinco Sentidos.** Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8xH2oDLUUG> Acesso em 10 dez 2021.

**Matriarcas de Tubarão: Potência e resistência das mulheres de um lugar.** QUIAL Tubarão. Documentário. Ano: 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qan3LERrqc&t=532s> Acesso em 15 jan. 2022.

**Memorial Zeferina.** Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. Série Audiovisual. Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pVaOA5qFAY> Acesso em 07 fev. 2022.

**Mulheres de Alagados: Um canto Negro para a Liberdade.** Centro de Arte e Meio Ambiente - CAMA. Documentário. Ano: 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a4WOb\\_Kbia4](https://www.youtube.com/watch?v=a4WOb_Kbia4) Acesso em 05 ago. 2020.

**Narrando y rapeando la vida.** Fundación Hip Hop Peña e Los Inombrables. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=12r4L2IAjIM> Acesso em 31 jan. 2022.

**O fundamento CONTRÁRIO ao ÓDIO não é o amor é a ALEGRIA | ENTRELINHAS, com Sílvio Almeida e Luiz Antônio Simas.** Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-eciBTbQAg> Acesso em 08 mar. 2022.

**Pelas Margens: vozes femininas na literatura periférica.** Documentário. Ano: 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHm4cennyw>. Acesso em 30 jan. 2022.

**Projeto Alimento da Alma – Ocupação Gastrocultural do Café-Teatro Nilda Spencer.** Recital Literário do Coletivo ZeferinaS. Live. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm\\_kkUc](https://www.youtube.com/watch?v=HIRRm_kkUc). Acesso em 12 jan. 2022.

**Projeto Cinemão.** Coletivo Cutucar. Vídeo. Ano: 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UIsbUZADwB0> Acesso em 08 fev. 2022.

**Projeto Objeto Comum.** Coletivo Cutucar. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=27gZNYhK\\_jk](https://www.youtube.com/watch?v=27gZNYhK_jk) Acesso em 08 fev. 2022.

**Sarau da Onça – A Poesia de Quebrada.** Coletivo Sarau da Onça. Documentário. Ano: 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vURVaxCDbQQ> Acesso em 10 dez 2021.

**Silvia Rivera Cusicanqui y Boaventura de Souza Santos.** Entrevista. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=C9UX9N9Yu\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=C9UX9N9Yu_0). Acesso em 06 jan. 2021.

**Tejiendo Palabras en Ladera.** Tikal Producciones. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sQiMkq2u910>. Acesso em 10 mar. 2022.

**Terça Cultural: Uma Alternativa Cidadã.** REPROTAI. Live. Ano: 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1\\_8DSSOwn0I](https://www.youtube.com/watch?v=1_8DSSOwn0I) Acesso em 25 mai. 2021.

**Uma dor tatuada na alma.** Kuma França (Coletivo ZeferinaS). Poesia. Disponível em: [https://m.facebook.com/watch/?v=760415100826754&\\_rdr](https://m.facebook.com/watch/?v=760415100826754&_rdr) Acesso em 30 jan. 2022.

**Vovó do Mangue.** QUIAL Tubarão. Espetáculo teatral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kCmyvx-u2wM> Acesso em 22 dez. 2021.

### Sites e outras páginas eletrônicas

Exposição Fotográfica Mocambos Marginais. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivocutucar/> Acesso em 08 jan. 2021.

Festival Borondo (edição 2019). Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CEKhUsGj1Qa/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CEKhUsGj1Qa/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 03 fev. 2022.

Festival Borondo (edição 2021). Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CXObMnEg9ER/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CXObMnEg9ER/?utm_source=ig_web_copy_link) Acesso em 03 fev. 2022.

Mapa das Batalhas de hip-hop na Bahia. Realização: RAP071. Disponível em: <https://www.rapzeroseum.com.br/mapa-das-batalhas> Acesso em: 14 fev. 2022.

Os perigos de uma história única. Chimamanda Adichie: Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br) Acesso em 09 jan. 2019.

Padlet Rede ao Redor. Disponível em: <https://padlet.com/redeaoredor/ve65u0c915jhcq4> Acesso em 25 mar. 2022.

Podcast PapoCom #24: Comunicação das periferias de Salvador. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/187wzrVRvNti1pIDPpichk>. Acesso em 09 jan. 2021.

Projeto Mapping das Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wzYQPgIsWc> Acesso em 30 jan. 2022

Slam das Minas: mulheres na batalha poética. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>. Acesso em 21 out. 2021.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Guia dos diálogos de pré-campo

- 1. Perfil da organização/do coletivo:** áreas de atuação, estratégias, histórico, equipe (perfil), fonte de financiamento, articulações (há atuação em rede? como? que rede é essa?), avaliação sobre o cenário atual (no que se refere à violência contra jovens e às respostas que estão dando); atividades que desenvolvem, desafios, perspectivas etc.
- 2. Perfil da/o jovem:** histórias, marcas, memórias, trajetórias de letramento (como e onde construiu a sua trajetória de letramento, para além da sala de aula, o que há, como pulsa, o que é?), percepções de gênero, raça, classe etc.

### APÊNDICE B – *Padlet* Rede ao Redor

“Rede ao Redor: iniciativas juvenis em arte e comunicação nas/das quebradas” é uma plataforma colaborativa criada para divulgar as produções artísticas e comunicacionais dos coletivos em Salvador (Bahia, Brasil) e em Cali (Valle Del Cauca, Colômbia).



Disponível em: <https://pt-br.padlet.com/redeaoredor/ve65u0c9I5jchcq4>



## APÊNDICE C – Partido gráfico da teia-tese

Foi criado um partido gráfico para a tese com proposta visual alinhada aos conceitos e metodologias adotadas no estudo. O design foi produzido pela designer Valentina Garcia. Abaixo, seguem algumas imagens de páginas internas.



Foto 1: Registros da vivência da teia. Fonte: Bruna Hercog

Foto: Bruna Hercog (foto)

É esse o convite que faço aqui, nessa teia-tese, neste texto que materializa minhas andanças ativistas, feministas, antirracistas, acadêmicas, poéticas. Aqui, neste chão, caminharemos por resultados de uma pesquisa em movimento. Um estudo que não começa em abril de 2017, quando iniciei o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Poscultura/UFBA) e nem termina na defesa da tese. Esta pesquisa é parte de um caminho que venho tecendo há pelo menos 20 anos e que segue, com muitos porvires.

**Bruna Hercog**

Dito isso, peço licença para me apresentar. Tenho em mãos a fita azul, que me conecta à força das águas. Sou nascida e criada em Salvador. Bisneta, neta e filha de mulheres que – cada qual ao seu modo – subverteram os lugares pré-estabelecidos para as mulheres de suas épocas. Delas, herdei o espírito inquieto, a capacidade de sonhar e a coragem para me indignar com as injustiças sociais e agir para enfrentá-las.

Minha infância e adolescência foram repartidas entre a Pituba e São Caetano, bairros considerados de classe média e periférico, respectivamente. Minha trajetória de ensino transitou entre escolas públicas e privadas. Foi na última escola onde cursei o 2º e 3º anos do Ensino Médio, uma instituição privada, que comecei a me engajar em lutas sociais, por meio de movimentos estudantis. Aos 17 anos, atuei voluntariamente em Organizações Não Governamentais (ONGs). Aos 18, ingressei na faculdade de Jornalismo na Faculdade Social da Bahia

7

**Reprotai**

A REPROTAI- Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe é uma rede de adolescentes e jovens da Península de Itapagipe fundada em agosto de 2004 por adolescentes e jovens da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia, Associação Livre dos Moradores de Mangueira e Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON). Atualmente fazem parte da Rede mais de 100 crianças, adolescentes e jovens. Isso por conta das articulações com a Rede CAMMPI, Espaço Cultural Alagados, CESE e Visão Mundial e a além dos grupos culturais da Península Itapagipe. A missão da Reprotai é criar mecanismos de incidências políticas e de luta dos direitos das crianças, adolescentes e jovens na perspectiva do fortalecimento e construção da sua autoestima e na afirmação da sua identidade cultural, construindo assim, uma cultura de Paz.

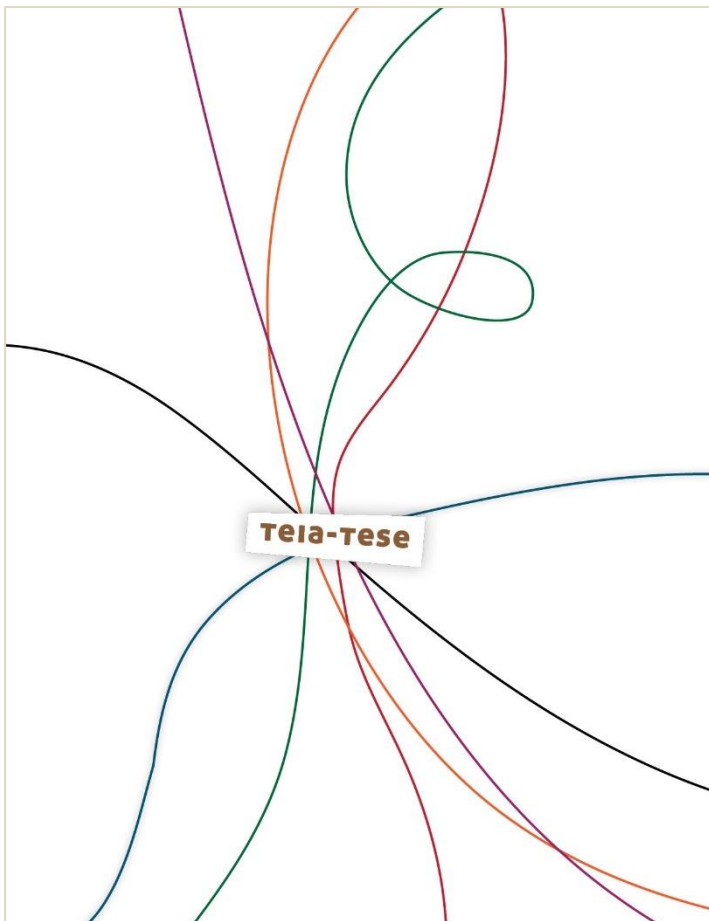
**Quial**

O Quilombo Aldeia Tubarão (QUIAL) é um espaço de arte educação e atividades culturais, formativas e sociais, biblioteca e brinquedoteca, centro de referência em culturas populares afro-brasileiras e indígenas. Além de ser um projeto de divulgação e promoção de artistas e personalidades discriminadas por desigualdades históricas de raça, gênero, classe e território, o Favela Revela é um espaço de protesto, rebatendo a mídia tradicional, como jornais e televisão que evidenciam a periferia como lugar de violência e crime e escrevem nossa história de forma cruel. Em 2021, com a consolidação do QUIAL, que ganhou uma sede e formalização jurídica, o Favela Revela passa a ser incorporado ao QUIAL. Como ambas as iniciativas são gestadas pelas mesmas pessoas, trazer o Favela Revela para o QUIAL foi uma forma encontrada para fortalecer a plataforma e ampliar as possibilidades de captação de recursos para que ela possa continuar existindo.

**Cutucar**

O Coletivo Cutucar é composto por jovens artistas moradores de comunidades populares de Salvador e São Paulo. Os participantes do coletivo se integraram por afinidades e por uma ideia em comum: olhar a comunidade pelo processo colaborativo é ampliar os limites transformadores da linguagem e da experiência artística e comunitária.

14



## O PERCURSO



Foto 2 - Registro da banca de qualificação da autora. Fonte: Bruna Hercóg

Estão espalhadas pelo chão dessa teia-tese – que a fotografia acima ajuda a materializar – as análises dos diálogos que tecemos, as referências teóricas que dão firmeza aos caminhos; as trocas feitas durante as orientações; os sentimentos despertados a cada *slam*, sarau, oficina, manifestação de rua que participei; os ditos e os não ditos. Compõem o corpo da análise as atividades promovidas no âmbito da pesquisa (cursos, oficinas de escrita, lives, produção conjunta de artigos, encontros com as/os jovens); a participação enquanto observadora em ações realizadas – presencial e virtualmente – pelos coletivos e a observação sistemática das páginas de Instagram, Facebook e Youtube das iniciativas.

Cada troca tecida influenciou diretamente nos rumos tomados pela pesquisa e contribuiu para ampliar os parâmetros críticos utilizados para dialogar com os coletivos e com suas produções. Mapeei um amplo número de grupos para mostrar a diversidade de atuação, perfis, produtos, agendas de luta das iniciativas de arte e comunicação desenvolvidas nas periferias das duas cidades e estreitei a relação com alguns deles para fortalecer a possibilidade de intervenções concretas de incidência social e política e poder fazer análises mais aprofundadas

Os *slams* são campeonatos de poesia falada. As regras variam. Em geral, costuma haver um júri que avalia os/as poetas. Ao final, há uma premiação. Os *slams* organizados pelos grupos com os quais dialogamos reúnem diversos poetas das periferias que lançam seus versos-manifestos.

## APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa de doutorado intitulada “*Rumo às epistemologias das quebradas: Iniciativas juvenis em arte e comunicação em Salvador (Bahia, Brasil) e Cali (Valle del Cauca, Colômbia)*”, está sendo desenvolvida no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (Poscultura/UFBA), pela pesquisadora Bruna Pegna Hercog, sob a orientação dos professores Dra. Gisele Nussbaumer e Dr. Carlos Bonfim.

O objetivo central é compreender quais saberes jovens que atuam em grupos de comunicação e arte nas periferias trazem em suas narrativas insurgentes e quais suas contribuições para o entendimento dos processos sociais, políticos e culturais. Para isso, a pesquisa se propõe a fazer, de forma dialogada com os/as jovens, uma reflexão aprofundada sobre a contundência e a consistência das construções de conhecimentos produzidas nas “quebradas”, a partir da conexão entre as práticas e produções de coletivos de Salvador (Brasil) e Cali (Colômbia), consideradas as capitais com as maiores populações negras da América Latina.

A participação na pesquisa contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado, a produção de conhecimento e o intercâmbio entre coletivos e pode envolver a presença em oficinas e em encontros virtuais (*lives*), diálogos com a pesquisadora, preenchimento de formulários eletrônicos, entre outras atividades. Todo o conteúdo será gravado. O participante terá acesso à publicação dos resultados da pesquisa, bem como poderá a qualquer momento fazer sugestões, esclarecer dúvidas ou apontar incongruências na pesquisa e/ou na sua condução. A participação na pesquisa configura-se como voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento, devendo nesse caso comunicar por escrito a pesquisadora.

Ao assinar este Termo, a/o participante declara que foi devidamente esclarecida/o sobre todo o processo, que aceita participar da pesquisa, consente a publicação dos resultados e está ciente que receberá uma cópia desse documento uma vez finalizado o processo de pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de 20\_\_

\_\_\_\_\_  
[NOME DO/DA PARTICIPANTE DA PESQUISA]

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora: Bruna Pegna Hercog

\_\_\_\_\_  
Profa.: Gisele Nussbaumer

\_\_\_\_\_  
Prof.: Carlos Bonfim

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001